



*Retratos de*  
**Santos Fiéis**

Herman Hanko





Herman Hanko

*Retratos de*  
**Santos Fiéis**

 fireland  
*Soli Deo Gloria...*

---

***Retratos de Santos Fiéis***  
Traduzido do original em inglês  
*Portrait of Faithful Saints*  
Reformed Free Publishing Association  
Copyright © 1999  
[www.rfpa.org](http://www.rfpa.org)

Tradução, Design e Produção:  
Thiago McHertt & Equipe Fireland  
[www.firelandmissions.com](http://www.firelandmissions.com)

Primeira Edição: Outubro 2013.

Salvo indicação em contrário, as citações escriturísticas são extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional ®, NVI ®. Copyright © 1993, 2000 by *Biblica, Inc* ®. (Disponível em [YouVersion.com](http://YouVersion.com)). Usadas com permissão.

---

Todos os direitos para a publicação online em português foram gentilmente cedidos pela Reformed Free Publishing Association e estão disponíveis sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 Unported License e pertencem a Thiago McHertt. Você é livre para copiar, distribuir e transmitir esta obra, desde que o crédito seja atribuído ao(s) seu(s) autor(es) e tradutor(es) - mas não de maneira que sugira que este(s) concede(m) qualquer aval a você ou ao seu uso da obra. Você não pode utilizar esta obra para finalidades comerciais, nem alterar seu conteúdo, transforma-lo ou incrementa-lo.

---

---

*Dedico este livro aos meus filhos e netos,  
sobre quem a minha mais sincera oração é:  
que eles possam agarrar-se a fé de seus pais.*

---

## Sumário

Prólogo .....	08
Prefácio .....	11

### Parte 01 | Período Antigo | 100-750

01   Policarpo - O Mártir de Cristo .....	16
02   Justino Mártir - Convertido do Paganismo .....	22
03   Tertuliano - O Teólogo da Trindade .....	29
04   Antônio - O Asceta Entre os Ascetas .....	35
05   Atanásio - Contra o Mundo .....	40
06   João Crisóstomo - O Pregador Boca de Ouro .....	47
07   Agostinho - O Teólogo da Graça Soberana .....	53
08   Patrick - Missionário à Irlanda .....	59
09   Columba - Missionário à Escócia .....	64
10   Bonifácio - Apóstolo aos Alemães .....	69

### Parte 02 | Período Medieval | 750-1517

11   Alcuin - O Educador .....	75
12   Gotteschalk - O Mártir da Predestinação .....	80
13   Anselmo - O Arcebispo da Cantuária .....	85
14   Bernardo de Claraval - Pregador e Reformador Monástico .....	92
15   Francisco de Assis - O Santo Medieval .....	98
16   Catarina de Siena - A Mística .....	104
17   Waldenses - Os Protestantes Medievais .....	110
18   John Wycliffe - A Estrela da Manhã da Reforma .....	115
19   John Hus - O Reformador da Boêmia .....	126

### Parte 03 | Período da Reforma | 1517-1600

20   Martinho Lutero - O Reformador Alemão .....	134
21   Ulrico Zwinglio - O Reformador de Zurique .....	147
22   João Calvino - O Reformador de Genebra .....	157
23   William Farel - O Ardente Evangelista da Reforma .....	167
24   Martin Bucer - O Ecumenista da Reforma .....	177
25   Pietro Martire Vermigli - O Reformador Italiano .....	183
26   Heinrich Bullinger - O Teólogo do Pacto .....	189

27   Theodoro Beza - O Sucessor de Calvino .....	194
28   A História dos Dois Fredericos - O Sábio e o Piedoso .....	201
29   Ursinus e Olevianus - Os Autores do Catecismo de Heidelberg .....	216
30   Guido de Brès - O Autor da Confissão Belga .....	232
31   Peter Datheen - O Pai da Liturgia Reformada .....	238
32   Guilherme, o Taciturno - O Pai da Holanda .....	256

#### **Parte 04 | Reforma na Grã-Bretanha | 1525-1600**

33   William Tyndale - O Pai da Bíblia em Inglês .....	264
34   John Knox - O Reformador da Escócia .....	270
35   Hugh Latimer - Reformador Inglês e Mártir .....	276
36   Thomas Cranmer - O Reformador Pecador .....	282
37   Andrew Melville - O Pai do Presbiterianismo .....	289

#### **Parte 05 | Pós-Reforma na Grã-Bretanha | 1600-1700**

38   Alexander Henderson - O Pactuário .....	295
39   Samuel Rutherford - O Teólogo de Westminster .....	300
40   A História das Duas Margaretes - As Mártires de Wigtown .....	309
41   John Bunyan - O Autor de <i>O Peregrino</i> .....	315

#### **Parte 06 | Pós-Reforma na Holanda | 1600-1920**

42   William Ames - O Puritano Holandês .....	321
43   Francisco Gomarus - O Obstinado Defensor da Glória de Deus .....	326
44   Johannes Maccovius - O Supralapsariano .....	334
45   Gijsbert Voetius - O Defensor da Ortodoxia .....	339
46   Johannes Cocceius - O Teólogo Bíblico .....	346
47   Guilherme III de Orange - O Guerreiro da Fé .....	352
48   Hendrick De Cock - O Reformador Reformado .....	359
49   Abraham Kuyper - O Calvinista Holandês .....	369

#### **Parte 07 | Reformadores do Séc. XX na América | 1920-1965**

50   John Gresham Machen - O Reformador Presbiteriano .....	387
51   Herman Hoeksema - Teólogo e Reformador .....	403
52   George Martin Ophoff - O Humilde Servo da Verdade .....	416
Literatura de Consulta .....	431
Sobre o Autor .....	437

## Prólogo

*"Cremos que o mesmo Deus, depois de ter criado todas as coisas, não as abandonou, nem as entregou ao acaso ou a sorte, mas que as dirige e governa conforme sua santa vontade, de forma que nada neste mundo acontece sem sua determinação."*

Assim seguem as sábias afirmações do artigo treze da *Confissão Belga* - Da Divina Providência. Firmemente fundamentada na santa Escritura, a confissão não dá margem nem qualquer noção de que os acontecimentos na história da humanidade aconteçam por acaso. Ela afirma que Deus está sob total controle, não apenas da história da humanidade em geral, mas em especial na história da igreja. A história da igreja é a parte mais importante de qualquer estudo histórico, porque ela descreve os atos de Deus, tanto sobrenaturais quanto ordinários, entre o Seu povo remido.

Em contraste, o ímpio, que *"não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura"* (v. 1Co 2:14), está predisposto a interpretar todos os fenômenos da vida - passado, presente e futuro - como estando sob direção de alguma grande e cósmica loteria da sorte e do acaso. Os ímpios descrevem essas vãs noções na sua filosofia, ciência evolucionária, ética relativista, e nas suas próprias religiões. Sorte, acaso e livre arbítrio são figuras de destaque no Panteão dos seus deuses. Essa atitude quanto a história é tão penetrada na mente moderna que mesmo aqueles eruditos especializados em pesquisa histórica, expressam ceticismo quanto à podermos obter conhecimento final e completo do passado. A ideia de que a história tem significado, um propósito e um objetivo é uma verdade estranha nos corredores da academia moderna.

Triste é dizer que a mesma atitude permeia muitas das igrejas de hoje. A adoração se tornou, em milhares de santuários, uma orgia de auto satisfação; ensino doutrinário tem se perdido; e a história do cristianismo é amplamente esquecida e má interpretada. Evangélicos modernos consideram a Reforma, na melhor das hipóteses, uma coisa sombria do passado, e na pior delas, um erro absoluto. Cristãos nominais dão a distinta impressão de que desde a morte do apóstolo João, nada de valor aconteceu. Pergunte a eles: quem foi Agostinho? Ou quem foi João Calvino? Ou o que aconteceu na Reforma? Ou o que são os Cânones de Dordt? E você descobrirá que eles não sabem e pouco se importam. João Calvino estava certo:

*"Nós devemos olhar [...] para o cuidado mais especial de Deus para com a raça humana, que é tal que a vida e a morte dos homens, os destinos públicos dos reinos e nações, e os casos particulares e individuais, e*



*qualquer outra coisa que o homem venha a atribuir ao acaso, estão sob Seu governo e disposição celestes. E [...] devemos contemplar aquela proteção peculiar pela qual defende a Sua Igreja, proteção na qual Ele manifesta mais expressivamente Sua presença e Seu poder.<sup>1</sup>*

Estudar a história não é fazer pesquisa em um matagal de acasos sem sentido; é estudar as obras de Deus no governo providencial do mundo. Mais particularmente, estudar a história da igreja de Deus é contemplar aquele Reino onde, como escreveu Calvino:

*"[Deus] manifesta Sua presença pelas provas mais claras e nítidas; Ele ali revela-se como o Pai da Sua família, e condescende em conceder uma visão mais próxima de si mesmo.<sup>2</sup>"*

Estudar a história da igreja é vir a conhecer as obras de Deus em Cristo no meio do Seu povo. Esta é uma obra que cobre séculos; esta é uma obra que continua até o presente. Desconsiderar a história da igreja é desconsiderar a Deus e tratar as suas mais belas obras de redenção através das eras como não dignas de séria contemplação.

Contenda e heresia avançaram como garras perversas no coração da igreja, tudo sob a inescrutável mão da providência de Deus. Os homens mais piedosos tropeçam e caem. É uma parte necessária da educação cristã de todas as eras que eles aprendam com o passado. "*Pois tudo o que foi escrito no passado*", diz Paulo, "*foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança*" (v. Rm 15:4). O que Paulo escreveu é aplicável também ao nosso estudo das obras de Deus na continuação da história da igreja.

Não podemos entender um carvalho sem entender como este ser vivo se desenvolveu de uma pequena bolota. A árvore completa é um testemunho do crescimento. O tronco gigantesco e os galhos resistentes falam da saúde e história dela. Sem tudo isto, ela não poderia ter folhas no presente. Todo "*presente*" tem um passado. Assim é a Igreja. As divergências entre as denominações, entre os credos, entre os indivíduos, tudo começa na história da humanidade. Ali encontramos os registros de como as majestosas verdades da Escritura foram definidas nas crises e controvérsias. Nós vemos como os fiéis sofreram pelo seu comprometimento com a verdade, contudo vemos também como essas verdades triunfaram.

Quando as folhas atuais do grande carvalho estão separadas dos seus velhos pais,

---

<sup>1</sup> João Calvino, *Calvin's Calvinism*, p. 227.

<sup>2</sup> *Ibid*, p. 226.

estão à deriva no vento. Igrejas modernas são sopradas pelos ventos gelados do inverno espiritual atual. Elas são "*levadas de um lado para outro pelas ondas, jogadas para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro*" (v. Ef 4:14). Elas são presa fácil para o fenômeno carismático, dispensacionalismo, ritualismo, feminismo, ecumenismo e nova era. Uma novidade após a outra, e muitas vezes, todas juntas.

Mesmo nas igrejas reformadas e presbiterianas - grandes baluartes da ortodoxia bíblica - multidões esqueceram a herança dos seus antepassados cristãos. Os credos e as confissões das suas igrejas são considerados levemente pelas hostes dos seus ministros, cujas costas estão viradas para o passado. A luz inconstante de uma nova era ilumina o santuário onde eles adoram. "*Fogo estranho*" pontua sua liturgia. Eles se afastaram da Reforma e a justificação pela fé tem sido pervertida pelos seus teólogos eruditos por aquilo que mais parece com uma "*justificação pela dúvida*".

Para manter diante dos cristãos a sua preciosa herança, o professor Hanko reuniu a história das lutas e dos últimos triunfos daqueles que viveram a fé, a partir do início da história da igreja primitiva em diante. O autor desenhou para nós "*retratos*" por meio dos quais nós podemos obter uma vista aproximada das obras de Deus nas vidas e épocas dos fiéis que viveram antes de nós. Os fatos sobre suas vidas são fruto de anos de pesquisa e ensino do autor no *Protestant Reformed Seminary*<sup>3</sup>.

Essa série de breves biografias, primeiramente publicadas no *Standard Bearer*<sup>4</sup>, estão agora em um único volume. Entre a sua capa e contra-capa, a história toma vida. A imaginação do leitor é capturada, seu espírito preenchido, sua mente e coração iluminados, e seu espírito edificado de uma forma simples, porém significativa. Os capítulos, relativamente curtos, são o que aqueles que são pressionados pelo ritmo frenético da vida moderna precisam. Este é um livro para ser lido pelos mais novos na igreja e não é muito difícil para que eles leiam sozinhos. Na biblioteca de uma família, esse livro deveria se tornar referência padrão, livro que vale a pena ser lido novamente ao longo dos anos e passado para as próximas gerações.

Para um cristão ler sobre esses santos, dos seus queridos irmãos e irmãs em Cristo, é ler sobre a família dos eleitos de Deus, da qual ele é, pela graça, um membro. Acima de tudo, este livro é daqueles que levam a adoração do Altíssimo, por cujo poder, por cujo propósito soberano, os santos nasceram de novo e foram mantidos no curso de suas vidas como um testemunho contínuo da verdade da obra redentiva de Cristo.

Hugh L. Williams

---

<sup>3</sup> Tradução: *Seminário Protestante Reformado*.

<sup>4</sup> Publicação quinzenal dedicada a expor e defender a doutrina reformada.

## Prefácio

Ao escrever as biografias de santos dos anos e séculos passados, dois perigos devem ser evitados.

É possível, e de fato cada vez mais comum nos nossos dias, escrever sobre os santos do passado de tal forma que a história das suas vidas é interessante e entretém, porém não há nenhum significado no que eles fizeram ou disseram para nós que enfrentamos as complexidades da vida moderna no século vinte. Entretenimento? Sim. Instrução e edificação? Não. Os tempos nos quais essas pessoas viviam eram diferentes; a fé que eles tinham era diferente; o chamado que eles tentavam cumprir é totalmente irrelevante para nossos dias.

Tal atitude nasce de um sério erro. A falha em reconhecer que Deus trabalha de tal maneira na história congregando Sua Igreja, que a Igreja em todas as eras é una, unida pela grande verdade de Deus revelada em Cristo, e trazida ao conhecimento da Igreja pelo Espírito de Cristo. Tal atitude acha que a verdade confessada nos séculos passados é uma mera opinião da igreja, que enquanto pode ter sido útil naquele tempo, não tem valor hoje para uma igreja enfrentando os elevados problemas da nossa era de modernidade tecnológica. E ao dar as costas para a verdade, dá-se as costas àqueles que lutaram por ela e algumas vezes morreram por ela.

O perigo oposto é considerar aqueles a quem Deus usou no passado, na defesa da fé, como sendo homens nobres que nós não devemos apenas adorá-los, mas adorar o solo sobre o qual eles andaram, as estacas nas quais eles foram queimados, as prisões onde sofreram a cruel tortura dos seus opressores. O perigo do tipo "*adoração de heróis*" que se levanta na religião dos nossos dias, consiste de um pouco mais do que uma veneração dos santos do passado - como se prestar homenagens ao povo fiel de Deus de muito tempo atrás, fosse cumprir nosso chamado no mundo como Igreja de Deus.

O perigo é real. Alguns parecem fazer pouco mais do que "*enfeitar os túmulos dos profetas*". Mas se alguém for procurar as verdades pelas quais esses santos lutaram e morreram, precisará de uma lanterna para achar.

Isso quer dizer que um livro dedicado aos santos do passado não tem valor nenhum para a igreja de hoje? Não, não é verdade. A própria Escritura aponta para uma direção diferente. Como uma introdução ao triste livro de Juízes, a Escritura nos informa que após a morte de Josué e os anciãos que viveram após ele, "*surgiu uma nova geração que não conhecia o Senhor e o que ele havia feito por Israel*" (v. Jz

2:10). A apostasia posterior de Israel e a opressão nas mãos das nações pagãs foi o resultado.

Duas coisas nos chamam a atenção. Uma é que o que o Senhor faz por Israel é que importa. Ou seja, não é o que o homem faz que conta, mas a memória do que o Senhor faz é que salva a igreja da apostasia. A segunda é - e basta olhar para o que o Senhor fez com Israel - que o Senhor faz Seus poderosos feitos através de homens que Ele levanta: um Abraão, um José, um Moisés, um Josué. Nós não podemos conhecer os poderosos feitos do Senhor sem conhecer estes homens.

Logo, os poderosos feitos do Senhor são importantes. Eles continuam na igreja até os dias de hoje. Nós queremos conhecê-los. Para conhecer esses poderosos feitos nós devemos conhecer os homens através de quem o Senhor os fez. Isso irá nos afastar da apostasia.

O capítulo 11 de Hebreus nos lembra dos heróis da fé e conta novamente seus grandes atos de fé. O propósito não é que nós possamos ser lembrados de algum detalhe biográfico significativo, mas *"portanto, também nós, uma vez que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus"* (v. Hb 12:1-2).

Nós corremos uma corrida nessa vida. Essa é uma maratona que requer resistência; mas essa é a corrida da fé. Os santos dos anos passados, heróis da fé, estão, por assim dizer, em pé ao lado do trajeto que foi definido, torcendo por nós. Eles correram a corrida antes de nós e estão agora entrando na sua recompensa. Suas vidas de fé nos encorajam e nos estimulam na nossa própria e exaustiva corrida, o trajeto parece ser quase impossível.

Se a fé que Deus deu a eles permitiu que fizessem tamanha proeza, suas vozes ecoando do passado pelos corredores do tempo irão nos encorajar - nós, cujos trajetos comumente não são tão difíceis quanto os deles.

Mas é a fé que conta. E Jesus é o autor e consumidor da nossa fé - como Ele foi o autor e consumidor da fé daqueles que percorreram o trajeto antes de nós. Nós ouvimos os seus encorajadores gritos de que a fé triunfará, e então somos fortalecidos; mas confiamos em Jesus para esta fé que precisamos para correr sem cair de exaustão em nossa própria corrida para a glória.

Portanto falamos dos santos que vieram antes de nós apenas com a finalidade de

aprendermos com a sua fé e o poder desta em suas vidas. Por Cristo ser o autor e consumidor desta fé - o termo consumidor é também extremamente importante -, essa fé que lhes permitiu fazer o que fizeram pode também nos permitir fazer o que fomos chamados para fazer.

Jaroslav Pelikan colocou isso muito bem em seu livro, *The Christian Tradition*<sup>5</sup>: "*Tradição é a fé viva daqueles que morreram; tradicionalismo é a fé morta daqueles que estão vivos*".

Esses capítulos foram publicados primeiramente em uma série de artigos escritos para o *Standard Bearer*. A escolha de quais santos seriam inclusos naquela série e posteriormente neste livro tem sido, necessariamente, um tanto arbitrária. Sem dúvidas nossos leitores irão se perguntar porque alguém que eles esperavam encontrar entre essas capas não estão aqui, enquanto outros se perguntarão porque alguns que foram incluídos foram considerados dignos de atenção especial.

Enquanto eu confesso certa arbitrariedade nas escolhas feitas, ainda assim, certos critérios ditou as escolhas. Será bom mencionar esses critérios brevemente.

Sem exceção, foram inclusos homens e mulheres que eram verdadeiramente santos - até onde podemos julgá-los por suas vidas - e que foram juntar-se a companhia dos homens justos feitos perfeitos. Eles certamente pertencem àquela nuvem de testemunhas que o autor da epístola de Hebreus fala.

Cada um tinha algo único para contribuir para um entendimento da obra de Deus na salvação da Igreja do Seu filho. Outros santos podem ter feito coisas igualmente grandiosas e contribuições igualmente importantes, mas para incluí-los eu teria de ser de alguma forma repetitivo. Eu escolhi santos cujo papel na maravilhosa obra de Deus na igreja podem ser claramente vistos e definidos; e a descrição da vida de cada um deve demonstrar o lugar que Deus deu a eles no amplo escopo do propósito eterno de Deus.

Se esses santos devem falar conosco hoje, eles muito obviamente têm algo a dizer. Então, outro critério foi a inspiração que nós podemos derivar para nossa própria vida e chamado, do trabalho que eles fizeram e da fé e coragem que manifestaram. Cada um deve, da sua própria forma, ser uma testemunha para nós na nossa vida e chamado.

Em alguns casos eu incluí um esboço de alguém de quem eu discordo grandemente<sup>6</sup>. Essas discordâncias estão explícitas. Mas isso não obscurece o poder do seu

---

<sup>5</sup> Tradução: *A Tradição Cristã*.

<sup>6</sup> Cf. Catarina de Siena e Francisco de Assis.

testemunho, e os seus erros também não obscurecem o papel importante que eles desempenharam na obra da igreja e na defesa da fé que foi entregue aos santos.

Enquanto outros podem discordar das minhas avaliações, não é possível que nenhum livro se torne tão volumoso que consiga incluir todos aqueles que por direito têm um lugar na galeria dos heróis da fé. Certamente, nós admitimos que os julgamentos de Deus são diferentes dos nossos e que apenas o céu revelará como Deus usou cada santo na obra da igreja pelo bem da Sua causa e do Seu Reino. Mas nós ainda não estamos no céu, e as perspectivas e os julgamentos da terra devem ser suficientes por enquanto.

Muitos dos leitores do *Standard Bearer* foram gentis o suficiente ao expressar sua apreciação pelos artigos e sugerir que eles fossem publicados no formato de um livro. A *Reformed Free Publishing Association*<sup>7</sup> consentiu graciosamente em fazer isto. A edição necessária foi completada, e esse material é apresentado ao público com a oração de que Deus o use para habilitar os santos de hoje - que são chamados para viver numa época tão perigosa para correr a corrida que lhes é proposta - inspirados pela nuvem de testemunhas que dão seu encorajamento das glórias do céu, onde alcançaram a vitória que em breve será nossa.

Herman Hanko

---

<sup>7</sup> Tradução: Associação Independente de Publicações Reformadas.

# Período Antigo | 100 - 750

	50	<b>Policarpo</b> c. ★ 69 c. † 154
<b>Apóstolo João</b> c. † 100	100	<b>Justino Mártir</b> c. ★ 100 c. † 165
	150	<b>Tertuliano</b> c. ★ 150 c. † 230
	200	
	250	<b>Antônio</b> ★ 251 † 356
<b>Constantino</b> reina sobre o Império Romano • 324-337	300	<b>Atanásio</b> ★ 296 † 373
<b>Concílio de Nicéia</b> • 325	350	<b>João Crisóstomo</b> ★ 347 † 407
<b>Concílio de Constantinopla</b> • 381	400	<b>Agostinho</b> ★ 354 † 430
	450	<b>Patrick</b> c. ★ 389 c. † 475
<b>Concílio de Calcedônia</b> • 451	500	<b>Columba</b> c. ★ 521 c. † 597
<b>A Queda de Roma</b> • 476	550	
	600	
	650	<b>Bonifácio</b> c. ★ 675 c. † 754
	700	
	750	

## **Policarpo - O Mártir de Cristo**

### **Introdução**

A Igreja de Jesus Cristo, enquanto estiver neste mundo, sempre será perseguida. É a sua porção nesta vida sofrer por causa da justiça. Nós não deveríamos ficar surpresos com isso, pois as Escrituras falam sobre isso em inúmeros lugares; o que Paulo disse às igrejas que organizou em sua primeira viagem missionária é verdade para todos os tempos: *"É necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus" - At 14:22.*

Essa incessante perseguição produziu uma lista de heróis da fé - santos homens, mulheres e algumas vezes crianças - que não amaram suas vidas mesmo diante da morte e selaram sua fé com seu sangue.

Entre estes todos está o antigo Policarpo, ancião e ministro na igreja de Esmirna. Ele não é o primeiro dos mártires. Ele não sofreu mais do que muitos outros. Sua morte não foi necessariamente mais ilustre que a mortes de outros santos. Mas ele nos dá um exemplo de fidelidade no martírio, um testemunho do poder da graça de Cristo em grande sofrimento e um encorajamento duradouro para os santos de Deus que hoje sofrem pela causa do Evangelho de Jesus Cristo.

### **Início de Sua Vida**

O nascimento de Policarpo data-se por volta de 69 d.C., próximo a data do martírio de Paulo em Roma. Policarpo não nasceu em um lar cristão. De fato, o lugar onde nasceu é desconhecido, pois ele apareceu em cena na história da igreja de uma forma estranha e perplexa, forma esta que evidencia os caminhos misteriosos da providência divina.

Tudo começou em Esmirna. Se você olhar no mapa, você encontrará Esmirna a oitenta quilômetros a noroeste de Éfeso ao norte na costa oeste da província da Ásia



na Ásia Menor. Esmirna era uma cidade na qual a igreja havia sido estabelecida mais cedo, talvez pelo apóstolo Paulo durante os anos de trabalho em Éfeso quando todos “os judeus e os gregos que viviam na província da Ásia ouviram a palavra do Senhor” - At 19:10. O próprio Senhor escreveu uma carta dos céus para a igreja de Esmirna. Ele não tinha nada para repreender aquela igreja. Ele tinha apenas palavras de encorajamento para confortar o sofrimento da igreja nas mãos dos perseguidores (v. Ap 2:8-11). É possível que Policarpo era ministro na igreja no tempo em que a carta chegou em Esmirna e que ele a leu à sua congregação, pouco sabendo que esta falava de seu próprio martírio nas mãos dos perversos.

De qualquer forma, alguns anos antes, um homem chamado Estrateas, irmão de Timóteo, foi o ancião ou o ministro na igreja de Esmirna. Uma mulher rica chamada Calisto, membro da igreja e notória pelas suas obras de caridade, sonhou que ela deveria ir ao portão da cidade de Éfeso e lá libertar um jovem menino que era escravo de dois homens. Assim ela fez, e trouxe Policarpo para sua própria casa onde ela lhe deu um lar cristão, o ensinou os caminhos do Senhor, providenciou educação e adotou-o como seu filho.

Logo depois que o menino foi para o lar de Calisto, ele deu evidências da obra do Espírito de Cristo em seu coração. Ele era sério e reservado, gentil com aqueles com quem se relacionava, muito dado ao estudo da Escritura e diligente no testemunho de sua fé aos outros. Uma característica que se destacava era sua auto negação, algo que sem dúvida foi usado pelo Senhor para prepará-lo para o martírio futuro. É difícil de imaginar como pessoas autoindulgentes e excessivamente mimadas, que têm demais dos bens deste mundo e que sempre desejam mais, poderiam encarar o martírio, se isso lhes fosse requerido.

Talvez um dos aspectos mais intrigantes da juventude de Policarpo, foi seu relacionamento com o apóstolo João. Por vinte anos eles conheceram um ao outro, e Policarpo teve o privilégio de estudar aos pés de João. É fácil ter inveja de Policarpo. Pode-se imaginar o discípulo amado de Jesus falando de seus anos com o Senhor e ensinando o que Cristo o ensinara. Todo esse cuidadoso e treinamento preparou-o para a obra na igreja.

## **Seu Trabalho em Esmirna**

A obra que o Senhor chamou Policarpo para realizar em Esmirna era vasta e importante. Ele era antes de tudo um diácono da igreja, labutando no cuidado dos pobres. Este era um trabalho especialmente importante na igreja primitiva, pois a perseguição era a porção dos santos, e esta trouxe muito trabalho aos diáconos. Eles

tinham de cuidar das mulheres e crianças cujos maridos e pais estavam na prisão ou tinham sido mortos. Eles tinham de visitar os santos na prisão para confortá-los e encorajá-los em fidelidade, enquanto ao mesmo tempo tentavam da melhor forma possível amenizar os seus sofrimentos, trazendo-lhes alimento, roupas e pomadas para suas costas dilaceradas. E tinham que juntar dinheiro de um grupo de pessoas que tinha pouquíssimo destes bens terrenos.

No entanto, por causa de sua instrução, logo Policarpo foi chamado para ser um ancião da igreja - um presbítero, como a Escritura chama aqueles que tinham este ofício. Em consequência da morte do ministro - naquele tempo, já chamado de bispo -, Policarpo se tornou pastor e ministro da congregação. Uma antiga tradição diz que o apóstolo João o ordenou ao ministério. Esta tradição, se não for verdade, poderia pelo menos sugerir que João estava presente para testemunhar o evento. A fama e influência de Policarpo se estenderam por toda Ásia Menor. Ele não era respeitado apenas pela sua próxima associação com o apóstolo João, mas por causa de sua própria piedade, ele ganhou reputação entre os santos naquela parte do mundo.

Houveram muitos eventos interessantes nestes anos de labuta na igreja. Inácio, bispo de Antioquia, a cidade onde Paulo começara seus trabalhos na Ásia Menor durante sua primeira viagem missionária, passou por Esmirna em seu caminho para o martírio em Roma. Inácio e Policarpo gastaram alguns dias agradáveis juntos em Esmirna, lembrando sua amizade no passado quando Inácio também vivia em Esmirna, e as vezes em que ambos tinham estudado sob o apóstolo João.

Um pouco depois, Policarpo viajou à Roma. Uma disputa em relação à data de comemoração da morte e ressurreição do Senhor havia ameaçado a partir a igreja ao meio. As igrejas da Ásia Menor comemoravam estes eventos na mesma época do ano em que estes aconteceram; em outras palavras, a comemoração começava no dia quatorze do Nisan, o dia de Páscoa quando o Senhor comeu com os seus discípulos na última ceia. Naturalmente, isto significava que estes eventos na vida do Senhor eram observados cada ano em um dia diferente da semana e a ressurreição não era celebrada no primeiro dia da semana de todo ano. Essa tradição, de acordo com Policarpo, era apostólica, pois tanto Paulo quanto João, tinham a ensinado às igrejas. Mas as outras igrejas, guiadas por Roma, queriam que a ressurreição do Senhor fosse celebrada no primeiro dia da semana. Eles haviam instituído esta celebração no primeiro dia do Senhor após o primeiro dia da primavera. Certamente a questão era de natureza secundária, mas esta ameaçava dividir a igreja primitiva em dois grupos.

Com o desejo de resolver a questão, Policarpo viajou a Roma para falar com Aniceto, o ministro daquela congregação. Eles discutiram longamente a questão, mas nenhum deles pôde persuadir ao outro. O resultado foi que eles decidiram permitir que as

igrejas tivessem a liberdade de celebrar estes eventos da vida do Senhor na data em que escolhessem, sem rancor, amargura ou contenda. Como um gesto de sua partida cordial, Aniceto pediu Policarpo que presidisse a administração da Santa Ceia na igreja de Roma, o que Policarpo fez.

## O Martírio de Policarpo

A ameaça de perseguição sempre pairava sobre a igreja naqueles dias. Havia tempos de relativa paz e pausa das perseguições em suas formas mais brutais, mas houve momentos nos quais a perseguição explodia em fúria. A igreja era odiada pelo Império Romano, especialmente pelos judeus e romanos pagãos. A culpa por toda calamidade natural quer enchente, terremoto ou seca, recaía sobre os cristãos e de sua recusa a adorar César como Deus.

Quando Policarpo era idoso, no mínimo oitenta e cinco anos de idade, uma onda de perseguição alcançou Esmirna, provocada pelos bandos que estavam sedentos pelo sangue dos cristãos. Quatorze cristãos foram capturados e arrastados para a arena pública onde eles serviram de alimento para as bestas selvagens. Com exceção de um, todos morreram gloriosamente - um destes até mesmo estapeava o animal selvagem que parecia ser preguiçoso demais para atacar o cristão que estava ali para ser seu jantar.

A multidão não acalmou-se e começou a gritar por mais. Começaram a gritar, principalmente, por Policarpo, que era conhecido como o ministro da igreja e que estava escondido por causa dos apelos do seu rebanho. As autoridades foram enviadas para encontrá-lo. Eles finalmente o encontraram após terem exigido informações de seu esconderijo de um servo, que foi submetido a torturas horríveis.

A multidão e o magistrado local estavam presentes na arena quando Policarpo foi apresentado. Ele foi levado à presença do magistrado nas bancadas da arena, foi imediatamente julgado e declarado culpado enquanto a multidão frenética clamava por seu sangue. Este foi um dos mais injustos e incomuns julgamentos, no qual o magistrado falou primeiro:

*- "Jure pela fortuna de César! Arrependa-te! Declare: Morte aos ateus!"*

Virando-se para a multidão enfurecida, erguendo sua cabeça e acenando com sua mão, Policarpo bradou:

*- "Morte aos Ateus!"*

Mas o magistrado sabia o que Policarpo queria dizer.

- *"Renega tua fé! Jure e eu te libertarei de uma vez por todas! Tens apenas que insultar a Cristo."*

- *"Eu O tenho servido por oitenta e seis anos e Ele nunca me fez mal algum. Por quê então deveria eu blasfemar contra meu Rei e meu Senhor?"*

- *"Jure pela fortuna de César!"*

- *"Tu te lisonjeias se esperas persuadir-me. Em toda verdade eu solenemente te declaro: 'Eu sou um cristão'."*

- *"Eu tenho os leões aqui, para usá-los como me convém."*

- *"Dê suas ordens. Pois para nós cristãos, quando nos arrependemos não é do melhor para o pior, mas é esplêndido passar da perversidade para a justiça de Deus."*

- *"Se você não se arrepender, você será queimado na estaca já que você desdenha dos leões."*

- *"Tu me ameaças com um fogo que queima por uma hora e então se extingue. Mas conheces tu o fogo eterno da justiça que virá? Conheces tu a punição que devorará o ímpio? Venha, não te demores! Faça o que quiseres comigo."*

A condenação foi proclamada; A multidão enfurecida correu dos seus assentos para juntar varetas e feixes com os judeus, oferecendo alegremente sua ajuda. Policarpo disse aos soldados em cargo da execução que não tinham de amarrá-lo à estaca, pois ele não tinha intenção de fugir. As chamas saltavam, enquanto das chamas se podia ouvir esta oração dos lábios do fiel servo de Cristo:

*"Senhor Deus Todo Poderoso, Pai de Teu amado e abençoado Filho Jesus Cristo, através do qual nós recebemos a graça de Te conhecer, Deus de anjos e poderes, de toda criação, e de todos os justos que vivem em Tua presença; Te bendigo por considerar-me digno de estar, neste dia e hora, entre os Teus mártires e beber do cálice do meu Senhor Jesus Cristo [...] Te adoro por todas as Tuas misericórdias; Te bendigo, Te glorifico, através do eterno Sumo-sacerdote, Jesus Cristo, com quem a Ti*

*e ao Espírito Santo, seja glória tanto agora como para sempre. Amém."*

É uma duradoura lição para nós, que aqueles que morreram por sua fé com orações e canções de louvor em seus lábios eram aqueles que sabiam no que acreditavam, amaram esta verdade e estavam preparados para morrer por ela. Policarpo fizera seu amor pela verdade claro na carta que escreveu para a igreja de Filipos, na qual ele os alertou contra as heresias que já apareciam na igreja. Ele disse:

*"Quem não confessar que Jesus Cristo veio em carne é o anticristo; aquele que não confessar o mistério da cruz é do diabo; aquele que distorce as palavras do Senhor segundo seus próprios desejos, e diz que não há ressurreição e nem julgamento, esse é primogênito de satanás. Portanto, abandonando os discursos vazios desta multidão e seus falsos ensinamentos, voltemos à palavra que nos foi transmitida desde o começo [...]."*

Sabendo também, que a perseguição em breve virá sobre a igreja destes dias, não deveríamos nós dar atenção a estas coisas?

## Justino Mártir - Convertido do Paganismo

### Introdução

Quando o Filho de Deus reúne a Sua Igreja pela Sua Palavra e Espírito, Ele traz santos individualmente eleitos à comunhão da igreja de formas diferentes. Alguns nascem e são criados dentro da aliança e bebem das verdades da Escritura com o leite materno. Alguns são trazidos do mais escuro paganismo para dentro da comunhão da igreja através de uma mudança súbita da escuridão da idolatria para a luz do Evangelho. Alguns vivem por anos na periferia da igreja, raramente visitando uma igreja onde somente fraquíssimos rumores do Evangelho são ouvidos, mas que vêm à conversão e à fé após um longo período de tempo, embora tenham tido certa *familiaridade* com o Evangelho desde a infância. Alguns enfrentam uma longa e difícil peregrinação espiritual enquanto passam pelos ensinamentos estranhos de alguma seita e então pelo arminianismo extremo; e somente no final chegam na luz da verdade da graça soberana. Deus guia os Seus à comunhão da igreja de formas às vezes estranhas e maravilhosas.

Nos primeiros anos da história da Igreja de Jesus Cristo, até mesmo durante o período apostólico, o mesmo princípio era verdade. A igreja dos tempos antigos era composta de judeus que tinham sido criados nas Escrituras do Antigo Testamento mas foram trazidos para a fé em Cristo pela mesma maravilha da salvação que salvou os gentios. Alguns eram prosélitos, gentios convertidos a religião judaica, também trazidos finalmente à comunhão da igreja através da obra soberana do Espírito de Cristo. Especialmente no dia em que o Evangelho foi pregado pela primeira vez no mundo mediterrâneo, a maior parte da igreja era constituída de convertidos provenientes do paganismo e da idolatria. Mas mesmo assim, a conversão forjada por Deus nem sempre era uma explosão súbita da luz da salvação na escuridão da incredulidade; às vezes esta era, até mesmo no mundo pagão, uma viagem, uma longa e árdua jornada, que finalmente trazia paz e salvação.

Esta é a história de um destes convertidos do paganismo, o pai da igreja, Justino Mártir.

## Sua Conversão

O sobrenome de Justino não era realmente "*Mártir*". Ele recebeu esse nome porque ele morreu a morte de um mártir. Contudo, esta não é bem a questão desta história, mesmo que o fato dele ter selado confissão com seu sangue seja muito importante.

Justino na realidade nasceu na Samaria, embora por muitos anos ele não tenha tido praticamente nenhum relacionamento com a religião judaica ou com a fé cristã. Ele era filho de um grego chamado Prisco. Prisco e sua esposa foram enviados pelo imperador romano Vespasiano, junto com um imenso número cidadãos romanos, para estabelecerem-se em Flávia Neápolis, uma cidade conhecida nos tempos bíblicos como Siquém. Seu nascimento data por volta da virada do século 100 d.C. Parece-se que esta colônia de cidadãos romanos era uma comunidade estreitamente ligada, e que o contato com as pessoas ao redor dela era incomum. O ano de 100 é, contudo, aproximadamente trinta anos depois da destruição de Jerusalém pelos exércitos de Tito, portanto pouquíssimos judeus restaram naquela área.

Justino era um estudante excepcionalmente brilhante. Relativamente jovem ele viajou por todo o império em busca de ensinamentos que o satisfariam. Ele mesmo nos fala sobre estes anos.

Já como um adolescente, Justino experimentou profundos desejos na sua alma que eram impossíveis de ser satisfeitos, mas que eram centrados na questão da relação do homem com Deus. Qual é a relação do homem com Deus? Como esta é estabelecida? O que deve se esperar dela? Estas questões não se aquietavam. Elas o atribulavam profundamente e as respostas lhe pareciam mais importantes do que qualquer outra coisa. Ele, se necessário fosse, gastaria sua vida buscando por respostas para estas questões.

Depois de sua conversão Justino entendeu que estas questões e este profundo desejo insatisfeito por algo que ele não sabia o que era, era a obra de Cristo em sua alma. É duvidoso que Deus tenha trazido alguém à salvação e ao conhecimento de Cristo sem criar nele um desejo profundo, uma sede insatisfeita, uma fome por algo que não se tem. Agostinho, três séculos depois, expressou isto desta forma na obra *Confissões*: "*Minha alma não poderá encontrar descanso até que em Ti descanse*". Este desejo, afinal, é gerado pelo conhecimento do pecado e pela falta de esperança e o vazio da vida causados pelo desespero do pecado. Salvação é pela fé em Cristo; mas apenas o pecador vazio precisa de Cristo; apenas o pecador sedento bebe da fonte de Águas Vivas; apenas o pecador faminto come do Pão da Vida; apenas os cansados e oprimidos vêm a Cristo para serem aliviados. É a obra comum do Espírito Santo trazer

a fé em Cristo mostrando soberanamente ao pecador a necessidade de Cristo. Portanto não é estranho que Justino tivesse este profundo desejo. É uma ação extraordinária da providência de Deus isto ter feito parte de sua vida durante muitos anos antes que a paz viesse.

Justino viajou amplamente por todo o império a fim de que encontrasse ensinamentos que satisfizessem a sua alma. O politeísmo - a adoração de vários deuses - do paganismo pareceu-lhe extremamente ridículo e absurdo e não algo que satisfizesse a alma. Ele nos conta sobre estes anos vagando de um lugar para outro, mas vagando também espiritualmente.

Justino foi aos estóicos - uma escola de filosofia interessada principalmente com a ética. Eles o disseram que questões sobre a relação do homem com Deus eram relativamente sem importância e que ele não deveria incomodar-se com elas, pelo menos não em primeiro plano. Mas para Justino elas eram a única coisa importante.

Ele foi aos peripatéticos - uma escola de professores que perambulavam para espalhar seus ensinamentos. Depois de mais ou menos três dias com Justino, um dos tais professores não continuaria seu ensinamento até que tivesse a garantia de que Justino pagaria por seu ensino. A posição de Justino era que se um professor estivesse mais interessado em dinheiro do que em ensinar, ele não poderia ter nada a dizer que aliviaria a dor de sua alma.

Ele foi aos pitagóricos - filósofos de uma escola antiga que o disseram que não poderiam ajudá-lo antes que ele dominasse a música, astronomia e geometria, pois a verdade poderia ser aprendida apenas através do domínio destes assuntos.

Então ele descobriu aquela antiga escola da filosofia grega chamada platonismo. Ele nos conta sobre isso:

*"[Aqui Eu] logo terei a visão de Deus, pois não é este o objetivo da filosofia platônica?"*

*"Sob a influência desta noção, ocorreu a mim que eu iria retirar-me a algum lugar solitário, longe da agitação do mundo, e lá, em perfeita auto-reclusão, me entregaria às minhas próprias contemplações. Escolhi um lugar no litoral."*

Justino provavelmente estava em Éfeso naquele tempo, uma cidade da Ásia Menor perto do mar, mas também perto de uma Igreja de Cristo estabelecida por Paulo. Enquanto Justino se aplicava em suas meditações no litoral, um homem idoso se encontrou com ele e começou uma conversa. O homem idoso era um cristão. Justino



argumentou veementemente com o homem idoso em defesa de sua filosofia de estimacão e recebeu pouquíssima argumentaco como resposta. Mas o homem idoso, curto e grosso, o interrompeu: "*Você é apenas um tagarela, mas não um amante da aço e da verdade; seu objetivo não é ser um praticante da verdade, mas sim um argumentador esperto, um sofista artiloso*". Quando, a final, Justino fez a pergunta ao homem idoso: "*Onde então está a verdade?*" O velho homem respondeu: "*Examinai as Escrituras e ore para que os portões de luz sejam abertos a ti, pois ninguém pode perceber e compreender estes assuntos a não ser que Deus e seu Cristo o concedam entendimento*".

Nós às vezes não estamos apenas envergonhados de testemunhar sobre a verdade aos outros, mas rapidamente damos uma desculpa para nosso fracasso através de um apelo ao conhecimento superior daqueles com quem discutimos. Entretanto, ainda é um fato notável sobre a igreja do período pós-apostólico, que a rápida expansão do Evangelho por todo mundo mediterrâneo aconteceu através do testemunho fiel do povo de Deus. Existiam poucos, se é que existiam, missionários naqueles dias depois dos grandes esforços missionários de Paulo. Apenas o povo de Deus, fil e frequentemente sem instruo, testificando acerca da verdade e manifestando em suas vidas a alegria da salvao, foram o meio usado por Deus para espalhar o Evangelho por todo o mundo conhecido. Aqui temos um exemplo disso - o instruido Justino, foi levado aos seus joelhos em tristeza pelo pecado, por um humilde e ingnuo idoso, no litoral perto de Éfeso.

A importância da influência do testemunho cristão é evidente em outro aspecto da conversão de Justino. Ele conta em um de seus últimos escritos que uma das inquietaes que se agitavam em sua alma antes de sua conversão era a fé inabalável dos cristãos que eram torturados pela sua fé e condenados à morte por confessarem a Cristo. De vez em quando ele testemunhava tais espetáculos públicos e ficava profundamente impressionado pela coragem resoluta de jovens garotas e homens idosos. Ele secretamente se perguntava que tipo de força eles tinham para ser fis sob tais circunstâncias. Este testemunho também era importante.

O poder da salvao não é o poder da defesa eloquente da fé; é o poder de Deus - mesmo quando Lhe apraz usar meios humanos. Justino se tornou um fiel servo de Cristo e um valioso defensor da fé.

### **Sua Vida Como Cristão**

Depois que Justino se tornou um cristão e se juntou a Igreja de Cristo, ele passou seu tempo viajando pelo império escrevendo e ensinando.

As escolas daqueles dias não eram como as de hoje. Um homem dotado e instruído - e algumas vezes um homem nem um pouco dotado e estúpido - pararia em uma certa vila ou cidade e começaria a ensinar. Se achassem que o seu ensino valia a pena, logo alguns estudantes se reuniriam ao redor dele para estudar sob sua tutela. Se ele fosse um homem excepcionalmente hábil, ele poderia até mesmo estabelecer uma escola relativamente permanente que continuaria através de seus alunos após sua morte.

A obra da vida de Justino foi feita mais ou menos desta forma. Contudo, ele não tentaria estabelecer nenhum tipo de escola permanente. Ao invés disso, ele estava interessado em usar seu conhecimento e habilidade para instruir outros na fé cristã e ensiná-los a verdade da Palavra de Deus. Muitas vezes quando a oportunidade aparecia, ele se envolvia em debates públicos com defensores de religiões e filosofias pagãs. Foi esta prática que por fim acarretou em seu martírio.

Entretanto, ele também escreveu um considerável número de obras. Alguns de seus escritos subsistiram os efeitos do tempo e estão disponíveis hoje. Ele foi um dos primeiros defensores do cristianismo que usou suas habilidades de escrita para responder aos críticos. De fato, seus escritos foram tão efetivos que ele se tornou conhecido tempos depois como um apologeta - em outras palavras, alguém que defende a fé.

Uma pequena consulta aos escritos de Justino darão uma ideia do que ele fez.

Ele atacou diretamente o paganismo, mostrando o completo absurdo e estupidez de adorar doze ou quinze deuses. Ele argumentou enfaticamente que o paganismo não tinha nenhuma possibilidade de ser uma religião verdadeira quando esta produzia tantas imoralidades terríveis - naqueles dias, o Império Romano estava morrendo de uma podridão mortífera que consumia suas partes vitais e era conivente para com todo o tipo de pecado desprezível praticado debaixo do céu.

Os pagãos, ficando cada vez mais desconfiados e com medo do cristianismo enquanto este se espalhava ao redor do mundo e ganhava convertidos de todas as classes, começaram a atacá-lo perversamente. Cristãos eram acusados de ateísmo por rejeitarem adorar a César. Eles eram acusados de traição porque falavam de um Rei maior do que César. Estranhamente, eles eram acusados de canibalismo porque diziam que, na sua celebração da Ceia do Senhor, comiam o corpo do Senhor e bebiam do Seu sangue. Eles foram acusados de imoralidade pois tinham "*festas de amor*" destinadas a expressar a comunhão dos santos e dar ajuda material aos pobres, mas que eram interpretadas como orgias imorais. Justino dedicou seu tempo para responder com cuidado e paciência todas estas acusações tolas e bárbaras.

Mas ele também começou a provar a verdade da religião cristã. Ele o fez principalmente de duas formas: (1) Ele apontou para os profetas do Antigo Testamento e mostrou como as suas profecias foram exatamente cumpridas na obra e morte de Cristo. Esse foi um argumento surpreendente, um que nossa própria Confissão Belga usa no Artigo V em defesa da autoridade da Escritura. (2) Provavelmente, porque em essência as Escrituras do Novo Testamento - que tinham sido escritas tão recentemente - não eram amplamente conhecidas, ele apelou aos milagres como sendo provas do caráter autêntico da fé cristã, um propósito para o qual o Senhor deu o poder de milagres à igreja primitiva.

Suponho, contudo, que em respeito a uma de suas ideias Justino seria considerado um herege pelos padrões de hoje. Não é certo, penso eu, chamá-lo de herege, pois a igreja sabia pouquíssimo sobre a verdade nos primeiros anos da existência de seu Novo Testamento. Às vezes, alguns erros eram cometidos por uma ignorância que a igreja anos mais tarde nunca cometeria - pelo menos, se pensa que sim. Justino, que havia vindo do paganismo, acreditava que os filósofos pagãos possuíam a semente da verdade em seus corações, e tal semente da verdade era o próprio Cristo, o *Logos*<sup>8</sup> de João 1. Já que estes homens possuíam esta semente da verdade, era possível, conforme Justino acreditava, que os melhores deles fossem salvos sem fé em Cristo. Esta semente da verdade se expressou na filosofia deles.

Isto estava errado. Contudo, hoje há aqueles que se auto denominam reformados que ensinam a mesma coisa.

## Seu Martírio

Havia chegado a hora de Justino ganhar o sobrenome "*Mártir*". Esse nome seria dado a ele por uma igreja que mantinha a memória de seu martírio em reverência.

Durante o percurso de suas viagens Justino foi duas vezes para Roma. Na segunda vez, ele enfureceu um filósofo pagão de tal maneira que, uma vez inábil de derrotar Justino em debate, decidiu matá-lo. Assim ele denunciou às autoridades que Justino era um cristão culpado de todos os tipos de crimes terríveis. Justino foi convocado a ir diante dos magistrados e foi julgado. O registro do seu julgamento é um daqueles que inspiram os filhos de Deus. A fidelidade e coragem que Justino mostrou é algumas vezes esmagadora para nós, que nada sabemos sobre o que significa sofrer pela causa de Cristo.

---

<sup>8</sup> *Logos* é a palavra grega traduzida por *Verbo* em João capítulo 1 verso 1.

Mas a história, escrita tanto tempo atrás, termina assim:

*"Rusticus o prefeito [magistrado] pronunciou a sentença, dizendo: 'Aqueles que se recusaram a sacrificar aos deuses e a submeter-se ao comando do imperador que sejam açoitados e levados a sofrer a punição de decapitação, de acordo com as leis.' Os santos mártires tendo glorificado a Deus, e tendo saído para o lugar habitual, foram decapitados, e aperfeiçoaram seu testemunho na confissão do Salvador. E alguns dos fiéis tendo secretamente removido seus corpos, os deitaram em um lugar propício, a graça de nosso Senhor Jesus Cristo tendo operado juntamente com eles, a quem seja a glória para sempre e sempre. Amém."*

## Tertuliano - O Teólogo da Trindade

### Introdução

Embora Paulo escreva aos coríntios que a regra geral de Deus na Igreja de Cristo é que *"não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados"* (v. 1Co 1:26<sup>9</sup>), mesmo assim, as vezes Deus se satisfaz em dar para a Igreja de Cristo homens de notável capacidade e excelência intelectual, moral e espiritual, que se apresentam como gigantes nos anais da história da igreja.

Tertuliano foi um homem assim.

Embora ele seja pouco conhecido, e apesar da Igreja Católica Romana - com alguma razão - considerá-lo um herege e apóstata, ele continua sendo uma figura de destaque, cuja importância na igreja fica em pé de igualdade com homens como Agostinho, Lutero e Calvino.

Grande parte da vida de Tertuliano foi perdida num passado empoeirado. Apenas os aspectos mais gerais chegaram até nós.

Ele era de Cartago, uma cidade no norte da África com alguma importância na história do Império Romano, uma cidade conhecida por possuir a mais jovem escola de meninos que aprenderam um pouco da história antiga.

A igreja do século terceiro havia se espalhado por todo o Império Romano. Foi dividida geográfica e nacionalmente em duas partes. A Igreja Oriental, incluindo a Palestina, Síria, Ásia Menor, Grécia e Egito, era basicamente grega. A língua falada era a grega e possuía a especulativa mentalidade grega. A Igreja Ocidental, incluindo a Itália, Espanha, Gália e a África do Norte, era latina. A língua falada era o latim e estava sob a influência da praticidade da mente romana com sua ênfase na lei. Tertuliano pertencia à Igreja Ocidental.

---

<sup>9</sup> Bíblia Sagrada, Versão Revista e Corrigida de Almeida.

O cristianismo chegou cedo à África do Norte, provavelmente vindo da Itália. Mas a obra do Senhor trouxe muitos frutos, e em meados do terceiro século, noventa ministros estavam trabalhando na área da província em que Cartago era encontrada. Tertuliano fez os pagãos recordarem da obra de Deus na sua terra.

*"Se quiséssemos agir, não simplesmente como vingadores secretos, mas como inimigos declarados, que oposição eficaz poderia ser oferecida a nós? Nós chegamos ontem, e ainda assim ocupamos todos os lugares que pertencem a vocês - vilas, ilhas, fortalezas, cidades, comércios, os próprios acampamentos militares, tribos, conselhos municipais, o palácio, o senado, o mercado local; nós não deixamos nada, a não ser seus templos."*

A igreja da África do Norte veio a conhecer o que era a perseguição, pois as areias desta parte da África tinham sido encharcadas com o sangue de muitos mártires. Tertuliano falou da sua experiência pessoal, quando escreveu que o "*sangue dos mártires é a semente da igreja*". Em uma furiosa defesa aos cristãos, Tertuliano cobrou o império a respeito do ódio injusto contra o cristianismo.

*"O termo 'conspiração' não deve ser aplicado a nós, mas sim àqueles que planejam incitar ódio contra pessoas decentes e dignas, àqueles que gritam pelo sangue dos inocentes e apelam por justificação do seu ódio, na desculpa tola de que os cristãos são culpados de cada calamidade pública e cada desgraça que se abate sobre o povo. Se o Tibre transborda, se o Nilo não consegue subir e inundar os campos, se o céu retém a sua chuva, se houver terremoto ou fome, ou praga, logo surge o grito: 'Os cristãos aos leões!'"*

## **Início da Sua Vida**

Quem foi Tertuliano? Ele nasceu em Cartago, filho de pais pagãos. Ninguém sabe a data de seu nascimento. Acredita-se que foi entre 145 a 160 d.C., embora a data mais antiga esteja provavelmente mais próxima da verdade. Seu pai era um centurião romano no exército da África, algo como um "*ajudante-de-campo*" de um alto oficial. Por seu pai ter aspirações mais altas para seu filho, Tertuliano foi preparado para o serviço civil do império através da formação em jurisprudência e na arte da eloquência forense. Em pouco tempo, suas habilidades intelectuais incomuns, colocaram-no à frente de seus colegas.

Tudo isso foi abandonado quando ele se converteu ao cristianismo. Embora ele não tenha mencionado sua conversão em seus escritos, ele se refere ao fato como sendo um evento repentino e dramático. Ele escreveu: "*Cristãos são feitos, não nascem*", em uma reflexão sobre o súbito trabalho de Deus que lhe trouxe das trevas do paganismo à luz do Evangelho.

## O Trabalho de Sua Vida

Desde o momento de sua conversão, Tertuliano tornou-se um adversário implacável de todos os inimigos da igreja e um forte e contundente defensor da fé. Ele foi um homem de grande habilidade, superado por poucos na história da igreja. Mas também foi um homem de temperamento afiado e impetuoso, perspicaz e muitas vezes, capaz de manejar a caneta de maneira amarga e satírica contra aqueles que negavam a fé. Seus escritos lembram Lutero, ele não tinha medo nenhum de insultar os seus inimigos, até mesmo com termos que beiravam os limites da decência. Ele lutou arduamente e sem temor por muito tempo em defesa da fé.

Com aproximadamente dez anos de conversão, Tertuliano se tornou um presbítero na igreja. Isto é muito surpreendente levando em conta o fato de que ele era casado, pois a igreja, já no início, tendia a franzir a testa para homens casados que exerciam funções especiais na igreja. Em duas longas cartas para sua esposa, ele exaltou a bem-aventurança do matrimônio, advertiu contra o adultério e a falta de modéstia. Os pensamentos expressos em tais escritos são apropriados para a nossa era imoral.

Tertuliano era um inimigo feroz de todos os que atacavam o cristianismo. Ele desprezava a filosofia pagã e defendia a igreja contra o paganismo. Ele lutou contra o herege Márcion, o primeiro proponente da Alta Crítica<sup>10</sup> da Escritura, que atacava a inspiração infalível da Palavra de Deus. E também escreveu exaustivamente contra os gnósticos.

Este último não é de menor importância. A heresia gnóstica, a qual causou tanto sofrimento a igreja no início da sua história, pode muito bem ser classificada como a primeira tentativa de estabelecer uma religião mundial, a qual todos os homens pudessem aderir. Ela fundiu em um sistema, elementos do cristianismo, a filosofia grega e o misticismo oriental. Ela propôs uma religião aceitável para todos os homens, pois conservava o que supostamente eram os melhores elementos de cada religião. Muito semelhante ao ecumenismo moderno, que também procura forjar um

---

<sup>10</sup> A Alta Crítica é um método de crítica literária que estuda o cânon bíblico como um escrito ordinário - não inspirado - fazendo uso do método científico.

sistema de doutrina que pode ser aceitável para cristãos, judeus, budistas, muçulmanos e pagãos.

Contra este ataque feroz à igreja, Tertuliano empreendeu uma guerra intransigente. Ele insistia que a fé cristã era única entre todas as religiões do mundo, pois tem sua origem na Escritura, e a Escritura foi dada por Deus. Ele dizia que todas as outras religiões eram apóstatas e desviavam-se da verdade.

Não é de se estranhar que esta posição não tenha conquistado amigos para Tertuliano. Esta posição era tão controversa naquele tempo quanto hoje em dia, pois é inimiga de toda aliança e tolerância profana.

Tertuliano não apenas empunhou sua impetuosa caneta contra os hereges de toda espécie, ele também dedicou suas energias em favor da revelação da verdade. Esta é sem dúvida sua marcante contribuição para a história da Igreja de Cristo.

Duas áreas são especialmente notáveis a este respeito.

Embora seu sucessor no norte da África tenha sido Agostinho, a quem Deus usou para desenvolver as doutrinas da depravação total, soberania e graça particular em oposição ao pelagianismo e semipelagianismo, Tertuliano antecipou Agostinho em alguns aspectos.

*"Ele foi o pioneiro da antropologia e soteriologia ortodoxa, foi o professor de Cipriano - outro teólogo norte africano -, e precursor de Agostinho, neste último o seu espírito foi reproduzido em porção dupla, embora sem as suas excentricidades e peculiaridades."*

Um exemplo impressionante da capacidade de Tertuliano formular ideias à frente de seu tempo, era a sua doutrina do traducionismo. O traducionismo ensina que a alma de um homem é dada a ele junto com seu corpo pelos seus pais e não é especialmente criada por Deus no momento da concepção. Enquanto o certo ou o errado quanto a esta doutrina não é tão importante para nós, ela torna-se importante porque Tertuliano a ensinou em defesa da verdade do pecado original, em outras palavras, que o pecado foi transmitido através da concepção e do nascimento, resultando em uma natureza depravada. Nós recebemos um corpo e alma corruptos de nossos pais, porque o corpo e a alma vêm de nossos pais. Quase que sozinho, Tertuliano ensinou essa relevante verdade.

Mas o que dá à Tertuliano um lugar de duradoura importância na memória da igreja são seus ensinamentos sobre a divindade de Cristo e da doutrina da Trindade.



Para apreciar isso, nós devemos entender que até aquele momento a igreja não tinha formulado qualquer doutrina dessas importantes verdades. Elas são, com certeza, as mais profundas de toda a fé cristã. A igreja primitiva se debateu com elas. Como Deus pode ser um e três? Se Deus é três, seria como se a religião cristã ensina um politeísmo ligeiramente diferente do paganismo. Se Deus é um só, Cristo não pode ser Deus. Como esses problemas podem ser resolvidos?

Muitas respostas foram sugeridas, mas toda vez que uma resposta era dada, a igreja olhava para Escritura e condenava a resposta como sendo contrária aos ensinamentos da Palavra de Deus. Levou um longo tempo até a igreja estar pronta para afirmar o que de fato a Bíblia ensina sobre estes pontos importantes. Em parte, o problema era que a igreja não tinha uma terminologia adequada para expressar esta verdade, porque os termos que usamos, como essência, pessoa, natureza, subsistência, não são termos bíblicos. A igreja teve que desenvolver e concordar sobre uma terminologia que pudesse ser usada para expressar os ensinamentos da Escritura. Isto não aconteceu até o ano de 324, e somente depois de uma luta longa e amarga, é que esses problemas foram resolvidos e o grande Credo de Nicéia elaborado.

Uma característica notável dessas controvérsias foi o fato de que elas eram quase que exclusivamente limitadas a Igreja Oriental. A Igreja Ocidental nunca teve nenhuma dificuldade com esses problemas, não foi incomodada por essas heresias, e teve quase desde o início, uma compreensão correta dessas difíceis questões. Isso foi um fato, devido ao talento de Tertuliano. Ele foi o único que um século antes de Nicéia, entendeu a doutrina, ensinou e escreveu sobre ela, e deu a igreja termos que ainda utilizamos hoje, termos como "*Trindade*", "*pessoa*", e "*substância*". Ele foi o primeiro a ensinar que Deus era um em essência e três em pessoa.

Penso que isso vai quase além da compreensão humana, que um homem poderia ser usado por Deus para fazer tanto pela igreja. Enquanto tempestades de controvérsias despedaçavam a Igreja Oriental, sendo dividida por essas difíceis doutrinas, o Ocidente passou por isto de forma tranquila, sem interrupções pelas tempestades, firmemente enraizada nestas verdades, tudo por causa do labor de Tertuliano, que ensinou-lhes isto um século antes de Nicéia.

## Seus Últimos Anos

Porém a história de Tertuliano não está completa sem este último triste capítulo.

Tertuliano passou seus últimos anos - ele morreu em alguma data entre 220 e 240 -

como um membro de uma seita, a seita dos montanistas.

Os montanistas começaram um movimento dentro da igreja que enfatizava o místico e o subjetivo. Era uma seita ascética caracterizada por protestos contra o mundanismo e a carnalidade na igreja, mas tendendo à formas aparentes de renúncia; que Paulo descreve como não tendo nenhum lucro. O montanismo defendia a revelação subjetiva por meio do Espírito e as manifestações especiais do Espírito naqueles que foram cheios do Espírito. Esta tem sua manifestação moderna no pentecostalismo e no movimento carismático. De fato, não há novo debaixo do sol.

Muitos estudantes da história da igreja debatem a razão que levou Tertuliano a juntar-se a esta seita. Alguns atribuem isso a sua excentricidade, alguns à sua natureza radical e outros a sua inclinação ascética. Nós não podemos dizer. O que sabemos é que Tertuliano protestou veementemente contra todas as formas de mundanismo e carnalidade espiritual dentro da igreja. Pode ser que o caráter ascético dos montanistas o atraía. De qualquer forma, nesta seita ele passou os últimos anos de sua vida, e como membro desta seita ele morreu. Agostinho diz que Tertuliano voltou à igreja antes de sua morte, mas não há nenhuma evidência de que isso seja verdade. É um triste fim para um homem talentoso, e deixamos o julgamento para o Senhor. Os maiores homens neste mundo de pecado têm suas falhas. Nossa confiança não está nos homens, mas no Senhor.

Entretanto, a filiação de Tertuliano com os montanistas é um aviso permanente de que tais movimentos como o montanismo e o pentecostalismo correm para dentro da igreja como um vento forte, para preencher um vazio espiritual criado pela conformidade com o mundo e a ortodoxia morta. Vamos aprender as lições da história e sermos sábios.

## **Antônio - Asceta Entre os Ascetas**

### **Introdução**

Alguns homens da Igreja de Deus pertencem ao rol de heróis da fé apenas porque seu testemunho, embora errôneo em alguns aspectos, é importante.

Assim foi Antônio e os ascetas.

A estranha conduta dos ascetas, só pode ser compreendida à luz do pensamento teológico da época em que viviam. Já no terceiro século da história da igreja, erros estavam presentes no pensamento dos teólogos concernente a salvação pela graça. Era considerado por alguns, que a salvação acontecia, pelo menos em parte, através de nossas próprias obras. Devemos lembrar que as verdades da graça soberana na obra da salvação, não foram desenvolvidas na igreja até a controvérsia de Agostinho com o pelagianismo e semipelagianismo no quinto século. Embora em geral, a igreja certamente sustentasse a verdade da salvação pela graça, o lugar das obras na salvação - um sério problema que tem perturbado a igreja até hoje - não estava claramente entendido.

A prática do ascetismo foi enraizado em uma interpretação errônea das palavras de nosso Senhor que ordenava os discípulos a venderem tudo que tinham e darem aos pobres, e das palavras de Paulo que é melhor não casar-se. Pegando estas instruções como regras de conduta na igreja, muitos reconheceram que era impossível a todos os membros da igreja seguirem estes preceitos da Escritura sem que a igreja deixasse de existir; no entanto, eles continuaram a considerá-los mandamentos autoritativos.

Para resolver o problema, muitos começaram a pensar em termos de uma “*moralidade de dois níveis*”. O nível mais baixo era para a maioria do povo de Deus. Eles mantinham suas possessões, casavam-se e tinham filhos. Mas também havia um nível de moralidade superior. Aqueles que escolhessem viver neste nível, viviam em um plano elevado de santidade e conseqüentemente obteriam mais graça de Deus. Este nível elevado era a vida de pobreza e celibato que muitos aspiravam.

Juntamente com isso, estava a noção de que, de uma maneira especial, os nazireus na Escritura tinham feito um protesto eficaz contra a apostasia e mundanismo na igreja, por afastarem-se da vida da nação de Israel como um todo e por negarem a si mesmos muitos dos confortos da vida.

Então, quando a igreja no início de sua história desfrutou uma certa pausa da perseguição, tornando-se mundana e carnal, surgiram homens que tentaram protestar contra este mundanismo, afastando-se da igreja e da sociedade para viver a vida de um asceta.

Pensava-se ser adquirido duas coisas por tal conduta: um protesto eficaz contra o crescente mundanismo, e a obtenção de uma moralidade elevada, a qual ganharia uma graça especial de Deus.

O fundador do ascetismo foi Antônio.

## **Início da Sua Vida**

Antônio nasceu no ano de 251 d.C. no Egito, era filho de pais ricos que deixaram todas as suas posses para ele. Estas posses consistiam em trezentos acres de terras férteis no Delta do Nilo<sup>11</sup>. Mas de acordo com as palavras do Senhor ao jovem rico, Antônio vendeu todas as suas posses, deu o dinheiro aos pobres e retirou-se para o deserto a fim de viver na solidão. A única exceção que ele fez na distribuição do dinheiro aos pobres, foi uma pequena soma que foi deixada à parte para sua irmã, a qual havia sido confiada aos seus cuidados por seus pais.

## **Sua Vida Ascética**

Para vencer as tentações da carne, Antônio se engajou em atos severos de auto negação. Por um tempo ele viveu em uma caverna, então em uma casa em ruínas. Os últimos anos de sua vida foram gastos em uma montanha que ficava cerca de sete horas do Mar Vermelho. Ele vestia apenas um cilício<sup>12</sup> e negava a si mesmo tudo, exceto as necessidades básicas de comida e bebida. Sua comida consistia de pão e sal, e de vez em quando algumas tâmaras. Ele comia apenas uma vez por dia,

---

<sup>11</sup> O Delta do Nilo fica ao norte do Egito, onde o rio Nilo deságua no mar Mediterrâneo.

<sup>12</sup> Túnica de material áspero e grosseiro, as vezes com pontas de madeira, utilizado como penitência.

geralmente depois do pôr do sol. Ele sentia vergonha de precisar até mesmo disso. Portanto, dias de jejum eram completamente intercalados com os dias de dieta escassa. Ele dormia sobre o chão bruto ou em um palete de palha, mas geralmente ele nem sequer dormia, ao invés disso, ele gastava seu tempo em oração noite afora. Seu guarda-roupa inteiro consistia em uma camisa, uma pele de carneiro e um cinto. Nos anos posteriores ele raramente tomava banho, pensando, talvez, que a sujeira era similar a piedade. Ele gastava seu tempo lutando contra tentações por meio da oração e meditação na Escritura. Philip Schaff, baseado na biografia de Antônio feita por Atanásio, escreve sobre essas lutas:

*“Os conflitos com o diabo e suas legiões de demônios eram, como com outros santos solitários, uma parte relevante na vivência de Antônio, e perdurou durante toda sua vida. O diabo aparecia para ele em visões e sonhos, ou até mesmo à luz do dia, de todas as formas possíveis, ora como um amigo, ora como uma mulher fascinante, ora como um dragão, tentando-o por meio de lembranças de sua antiga riqueza, de sua família nobre, do cuidado para com sua irmã; por promessas de riquezas, honra e fama; expondo a dificuldade da virtude e a facilidade da imoralidade; por pensamentos impuros e imagens; por terríveis ameaças dos perigos e castigos da vida asceta. Uma vez ele [o diabo] golpeou o eremita tão violentamente, Atanásio conta, que um amigo, que lhe trazia pão, o encontrou no chão aparentemente morto. Em outro momento ele [o diabo] rompeu a parede de sua caverna e encheu o lugar com leões rugindo, lobos uivando, ursos rosando, hienas ferozes, serpentes se rastejando e escorpiões; mas Antônio corajosamente virou-se em direção aos monstros, até uma luz sobrenatural romper do telhado e dispersá-los.”*

Apenas duas vezes, ao longo da vida asceta de Antônio, ele realmente saiu de seu isolamento. As duas vezes, por causa de sua vestimenta esfarrapada, aparência magra e fantasmagórica, ele causou uma forte impressão nos cristãos e pagãos.

A primeira vez que ele saiu foi durante um tempo de perseguição, quando ele apareceu, foi quase como Elias no passado, para obter para si a coroa do martírio. Ele fez tudo o que pôde para opor-se aos perseguidores. Ele visitou os cristãos nas minas e prisões; discutiu com juizes na corte; acompanhou mártires à forca para encorajá-los; defendeu a causa deles em todas as oportunidades. Mas ninguém encostou a mão nele e ele foi forçado a recuar novamente para o deserto.

A segunda vez que ele apareceu foi durante o debate ariano, quando ele tinha cem anos de idade. Ele discutiu a favor de seu amigo Atanásio e contra os arianos, declarando que a heresia ariana era pior que o veneno de uma serpente e de nenhuma forma, melhor que o paganismo, que adorava a criatura em vez do Criador.

Quando solicitado a permanecer em Alexandria, ele recusou: *“Como um peixe fora d’água, assim um monge morre fora de sua solidão”*.

Por meio de seu exemplo, ele atraiu milhares à vida monástica. Outros milhares, embora aparentemente incapazes de imitar seu estilo de vida, reuniram-se em sua caverna para visitá-lo e buscar suas orações. A fim de alimentá-los nas ruínas uivantes do deserto, ele cultivava um grande jardim de onde contava ter expulsado feras por meio da Palavra de Deus. Milagres foram atribuídos a ele, pensava-se que suas orações tinham uma eficácia incomum. Ele rejeitava qualquer tipo de instrução: *“Aquele que possui uma mente sã não tem nenhuma necessidade de instrução”*.

Antônio morreu no ano de 356, com a idade de cento e cinco anos, após retirar-se para sua caverna com dois discípulos os quais levou consigo para que o enterrassem em um lugar desconhecido. Atanásio nos concede suas últimas palavras:

*“Não deixe que eles levem meu corpo para o Egito, a fim de que não o guardem em suas casas. Uma de minhas razões em vir a esta montanha foi para impedir isto. Você sabe que eu nunca reprovei aqueles que fizeram isto e nunca ordenei que acabassem com esse costume. Portanto, enterrem meu corpo na terra, em obediência a minha palavra, a fim de que ninguém saiba o lugar, exceto vocês. Na ressurreição dos mortos meu corpo será restaurado para mim incorruptível pelo Salvador. Distribuam minhas vestes da seguinte forma: deixe Serapion, o bispo, ter as outras peles de carneiro, quanto ao cilício, fique para vocês. E agora, meus filhos, adeus; Antônio está indo e não mais estará convosco.”*

## **Outros Ascetas**

Seu exemplo foi seguido por milhares, alguns os quais foram muito além de seus exageros. Uns, reunidos em colônias, nunca falavam uns com os outros, exceto no sábado e domingo. Hilarion nunca comia antes do pôr do sol. Ele cortava seu cabelo apenas uma vez por ano e envolvia-se em orações, canções de salmos, recitações bíblicas e fazendo cestas. Alguns se recusavam a sentar ou deitar, permanecendo em pé por dias a fio e dormindo inclinados sobre uma rocha. Outros permitiam-se ficarem cobertos com picadas e mordidas de formigas nas areias do deserto. E ainda outros bebiam apenas a água que poderia ser recolhida do orvalho que ocasionalmente caía.

Talvez os mais estranhos de todos foram os *Estilistas*, que viviam em pilares. A seita foi fundada por Symeon o qual viveu por trinta e seis anos em um pilar a sessenta pés

de altura. Ainda um outro gastou sessenta e oito anos no topo de um pilar, recusando descer, obtendo pedaços de comida e gotas de água erguidos para ele por uma multidão perplexa. No calor escaldante, sob o sol cruel, encharcados por aguaceiros, fustigados pelo vento, suportando o frio implacável das noites, esses estranhos homens buscaram caminhos ainda mais estranhos para santidade.

Os ascetas foram os fundadores do monasticismo que se espalhou rapidamente na região ao norte mediterrâneo e então na Europa. Este monasticismo continua na Igreja Católica Romana até hoje, embora tenha sido duramente condenado pelos reformadores no século XVI, os quais perceberam seus males. O caminho para a santidade não é o estranho caminho dos ascetas.

É entre dois extremos que o fiel filho de Deus deve encontrar seu caminho. De um lado ele se esconde dos perigos de uma vida monástica, de outro a constante ameaça do mundanismo. O mundanismo destrói a igreja; mas o ascetismo destrói a alma.

Nosso Senhor disse de maneira bem específica, que embora seus filhos não sejam do mundo, ainda assim eles estão no mundo. Eles não foram chamados a unirem-se com o mundo, mas eles também não estão sendo fiéis ao seu Senhor fugindo do mundo.

Enfim, fugir do mundo é impossível, pois nós carregamos o mundo em nossa carne - mesmo se fugirmos para uma caverna, um pilar, uma cela fria e úmida de um monastério ou uma duna árida em algum deserto distante. A luta contra o mundo é mais difícil no campo de batalha da nossa carne - assim como os eremitas e monges aprenderam. Na verdade, tal fuga do mundo em desobediência a Cristo torna ainda mais difícil a batalha contra o mundo em nossa própria natureza.

Este mundo é o mundo de Deus. Ele está destinado a ser redimido e glorificado. Deus ama Sua criaturas e *“tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado, se for recebido com ação de graças”* - 1 Tm 4:4. É um pecado grave tratar o mundo com desdém, desprezá-lo, é como um tapa na cara de Deus.

Ser um cidadão da cidade celestial não é desculpa para o nosso desprezo para com o mundo de Deus; ao contrário, isso nos impulsiona em nosso chamado de usar o mundo de Deus para buscar as coisas que são do alto. A luta para alcançar santidade nasce pelo poder santificador do Espírito Santo, tem continuidade na luta dia após dia para alcançar obediência em nosso chamado diário na vida, e tem sua vitória certa na fé; pois a fé é a vitória que vence o mundo.

## Atanásio - Contra o Mundo

### Introdução

Apraz ao Senhor, o Rei da Igreja, em momentos cruciais na história da igreja, levantar homens de coragem destemida que estão dispostos a sacrificar tudo pela causa da verdade. Lutero foi um destes homens; Calvino foi um destes homens; assim como eles foram os líderes da "Secessão" ou "Separação" na Holanda em 1834; o Senhor abençoou as *Protestant Reformed Churches*<sup>13</sup> com tais pais espirituais. Atanásio também foi um homem como estes. Em um dos momentos mais cruciais, ele foi levantado por Deus para defender a verdade da divindade de nosso Senhor Jesus Cristo contra todos os homens na igreja de seu tempo. O epitáfio anexado ao seu nome por todas as eras expressa o lugar de honra que Atanásio ocupa: Atanásio *contra mundum* - Atanásio contra o mundo. É notável que em tempos como estes, frequentemente apenas um homem é que se põe na brecha em defesa da causa de Cristo. Um homem, *contra mundum*.

### Início da Sua Vida

Atanásio nasceu em Alexandria, no Egito, a cidade onde encontrava-se um dos primeiros seminários da história da igreja, mas também uma cidade que era um caldeirão fervendo de filosofias que competiam entre si. Por causa de sua posição geográfica estratégica, Alexandria era um centro agitado de negócios e comércio, onde o Ocidente e o Oriente se encontravam. A filosofia grega, o misticismo oriental e a religião cristã colidiam e lutavam pela supremacia nesta cidade portuária do Egito, no Delta do Nilo.

Pouco se sabe sobre o início da vida de Atanásio. Ele nasceu em 296 d.C., era filho de pais de classe alta e de grande riqueza. Mantendo o *status* social de sua família, ele recebeu educação clássica e liberal e tornou-se bem versado na filosofia grega.

---

<sup>13</sup> Tradução: *Igrejas Protestantes Reformadas*.



Logo cedo em sua vida, ele veio a conhecer e amar a fé cristã.

Diz a história, talvez apócrifa, que alguns bispos da igreja de Alexandria enquanto encontravam-se na casa de seu bispo primaz, viram pela janela um grupo de meninos na rua imitando certos ritos da igreja, como elas costumam fazer. Observando, enquanto um dos meninos prosseguia o culto de batismo de seus colegas, os bispos decidiram que a brincadeira tinha ido longe demais. Depois de chamar os meninos para a sua casa e interrogá-los, eles descobriram que o "*bispo batizado*" era o jovem Atanásio. O bispo primaz de Alexandria, que foi nomeado Alexandre, de acordo com o nome da cidade, tomou Atanásio como seu protegido e o instruiu mais cuidadosamente sobre a fé cristã. Este foi o início de um longo período de uma grande amizade entre Alexandre e Atanásio, tornando-se este maior que seu mentor, tanto teologicamente quanto espiritualmente. Logo, Atanásio tornou-se o secretário privado de Alexandre e diácono da igreja de Alexandria.

## A Grande Controvérsia

A história de Atanásio é tecida na trama de uma das maiores controvérsias que já perturbaram a igreja cristã, uma controvérsia sobre a doutrina da divindade de Cristo.

O grande inimigo da igreja, Satã, o príncipe dos demônios, tem muitas armas poderosas em seu arsenal, que ele usa repetidamente para atacar as fortalezas da Igreja de Cristo. Perseguição é uma destas armas, mas Satã falhou nos seus esforços para destruir a igreja com esta arma, pois "*o sangue dos mártires é a semente da igreja.*"

Naquele momento, Satã resolveu usar a falsa doutrina. Sua arma estava apontada para o ponto vital da fé cristã: a verdade da divindade de Cristo. Se Satã pudesse roubar a igreja desta doutrina, a igreja seria destruída para sempre. O próprio Senhor disse a seus discípulos que sobre a pedra desta confissão Ele edificaria a Sua Igreja, e que as portas do Hades não poderiam vencê-la (v. *Mt 16:13-19*). O apóstolo João avisou à igreja que todo aquele que nega que Jesus Cristo veio em carne é do Anticristo (v. *1Jo 4:3*).

Pelo fato da igreja ser ainda muito jovem, nenhuma formulação desta doutrina tinha sido feita; de fato, havia muita confusão sobre este assunto. Como Deus poderia ser o único Deus vivo e verdadeiro, enquanto ao mesmo tempo tanto o Pai como o Filho eram Deus? Esta era a questão com a qual a igreja lutava. Várias soluções para o problema tinham sido propostas, mas todas tinham sido rejeitadas pela igreja como sendo contrárias às claras afirmações da Escritura. Mas a igreja não estava

preparada para dizer aquilo que a Escritura realmente ensinava sobre o assunto.

Nesta situação um homem chamado Ário propôs suas soluções. Ele não era um homem de pouca habilidade, mas também era frívolo e arrogante. Ele propôs que o Filho, só porque Ele era o Filho, não poderia ser Deus. Embora ele talvez fosse eterno, Ele tinha contudo de ser criado. E se Ele fosse criado, houve um tempo em que Ele não era. Assim, Ário ensinava que nosso Senhor Jesus Cristo não era Deus, mas uma criatura, mesmo que a mais elevada de todas as criaturas.

Por causa da influência de Ário na igreja, suas opiniões foram amplamente aceitas e muitos começaram a defender o que ele ensinava. O resultado foi que toda a igreja foi dividida por confusão, controvérsia, cisma e amargura. O alvoroço alcançou também a cidade de Alexandria. Ali, Alexandre e seus bispos viram o mal destes ensinamentos de Ário e resolveram fazer tudo que estava ao seu alcance para combatê-los. Atanásio, o diácono e secretário de Alexandre, era o homem de Deus para dar suporte nesta nobre causa.

Constantino era o imperador do Império Romano e pensava que por abraçar e dar suporte a fé cristã, e fazer desta a fé do império, ele daria nova vida e unidade a um império decadente. Quando viu suas esperanças mais queridas prestes a serem despedaçadas por conflitos internos na igreja, ele resolveu convocar um concílio ecumênico no qual estariam presentes delegados da igreja de todas as partes do império para que se tentasse chegar a uma conclusão.

## **O Grande Concílio**

O concílio é o famoso e venerado Concílio de Nicéia que aconteceu em 325, cujas decisões estão incorporadas no Credo Niceno.

O concílio se reuniu na cidade de Nicéia, na parte noroeste da Ásia Menor, perto do Bósforo. Mais de duzentos e cinquenta bispos de todas as partes da Igreja Oriental estavam lá; o imperador estava presente; uma delegação do Ocidente, enviados pelo bispo de Roma, estava presente; Alexandre e seu jovem secretário também estavam lá. Alguns dos membros do conselho vieram, marcados com cicatrizes e feridos pela perseguição de Diocleciano, que havia terminado a pouco mais de dez anos.

O concílio foi dividido em aproximadamente três grupos: um grupo de homens que estavam determinados a dar suporte a Ário e estabelecer suas ideias na igreja; um grupo ortodoxo muito pequeno, no qual Alexandre e Atanásio estavam, com mais ou menos vinte homens, que estavam prontos para lutar até o fim pela verdade da

divindade de Cristo; e a maioria restante, que estava de algum modo entre estes dois grupos.

O grupo ortodoxo era de longe o mais capaz; e pela sua firme defesa bíblica da verdade, no final, prevaleceu sobre a maioria ao adotar a sólida posição ortodoxa: que Cristo é o "*verdadeiro Deus, gerado, não feito, de uma só substância com o Pai*". Na formulação deste credo, Atanásio teve um papel central e surgiu do concílio como o mais hábil defensor da verdade da divindade de Cristo. Ele foi reconhecido como um homem de proeminente "*zelo, intelecto, e eloquência*."

Poderia se pensar que a decisão do conselho tivesse chegado a uma conclusão em relação ao assunto; pois a verdade foi exposta, Ário condenado, e a posição que ele defendia foi considerada herética. Mas isso estava longe de ser o caso. A controvérsia continuou a crescer na igreja; na verdade, ela se tornou ainda mais amarga, mais cruel e mais divisiva até que a igreja foi praticamente despedaçada pela disputa. Enquanto, generalizadamente falando, os que eram completamente arianos declinaram em influência, outro *partido* surgiu, essencialmente ariano, mas tomando a posição que enquanto Cristo era verdadeiramente divino, Ele tinha "*essência semelhante*" a de Deus e não a "*mesma essência*". Esta diferença era expressada por duas palavras-chave: os ortodoxos mantinham a verdade que Cristo era *homo ousios* - da mesma essência - com o Pai; os semiarianos, como eram conhecidos, mantinham a ideia que Cristo era *homoi ousios* - ou essência similar - com o Pai. Sempre divirto-me com o fato de que as pessoas ficam entusiasmadas com o que percebem ser *meras chatices fúteis* em controvérsias doutrinárias na igreja, enquanto as grandes verdades da divindade de Cristo dependiam, nesta controvérsia, se a pequena letra "*i*" seria ou não incluída nesta palavra-chave.

## **Seus Sofrimentos pela Verdade**

Foi durante este período de confusão e caos eclesiástico que a luz de Atanásio brilhou vividamente. Em 328, depois da morte de Alexandre, ele se tornou o bispo da igreja de Alexandria. Quase todo mundo estava seduzido pela heresia ariana, Atanásio se manteve firme como uma rocha pela verdade da Escritura e a ortodoxia nicena.

Por causa dos problemas que causou, ele foi exilado não menos que cinco vezes. Dos quarenta e seis anos de seu ministério como bispo de Alexandria, ele passou vinte anos em exílio.

Seu primeiro exílio começou com sua condenação no Sínodo de Tiro e Constatinopla. Ele foi exilado para Tréveris, na Gália - hoje França -, uma das distantes fronteiras do

império, onde seus inimigos pensaram que ele não poderia causar dano. Ele foi exilado pelo imperador por rejeitar que homens arianos partilhassem da Santa Ceia. Ele foi acusado de ter perturbado a paz e causado problemas em Israel. De fato, o ódio de seus inimigos era tão intenso que acusações de assassinato e fornicção foram lançadas contra ele. Ele provou que a primeira acusação era falsa apresentando ao concílio o próprio homem que ele foi acusado de matar. Seus acusadores ficaram por um momento sem palavras, mas continuaram seus ataques amargos, e Atanásio foi separado de sua amada congregação.

O êxito do partido ortodoxo ascendeu e assentou-se com o mesmo imperador, que acabou por ocupar o trono do império. Quando o novo imperador veio ao poder, Atanásio foi chamado de volta do exílio no ano de 338, e retornou à sua congregação. Seus inimigos continuaram sendo cruéis e implacáveis, contudo no próximo ano ele foi exilado novamente. Desta vez, ele fugiu para Roma para encontrar segurança com o bispo de Roma, chamado Júlio. O Ocidente era muito mais ortodoxo que o Oriente, e Atanásio encontrou uma audiência favorável às suas opiniões. O tempo neste exílio foi gasto reestabelecendo a posição ortodoxa no Ocidente.

Em 346 ele foi chamado novamente, mas seus trabalhos na congregação foram interrompidos mais uma vez. Depois de dez anos, um novo imperador tentou acolher os arianos, e os inimigos de Atanásio viram outra oportunidade para livrarem-se de seu oponente. Em 356, enquanto Atanásio estava conduzindo um culto com sua congregação, cinco mil soldados armados invadiram o prédio da igreja. Com calma, ele começou a ler o Salmo 136 e pediu que sua congregação o respondesse. Foi um momento comovente. Quando ele leu: "*Deem graças ao Senhor, porque ele é bom,*" sua congregação respondeu: "*O seu amor dura para sempre!*"

Desta vez, ele foi para o deserto para passar um tempo com os monges que tinham se afastado da igreja para buscar a Deus de suas próprias formas peculiares. Este tempo no deserto foi gasto escrevendo, e o conteúdo de seus escritos era a defesa da grande verdade que Cristo é completamente Deus. Os arianos eram idólatras que adoravam deuses estranhos e não eram diferentes dos pagãos.

Novamente - em 362 -, Atanásio foi chamado mais uma vez para o seu rebanho, mas quase imediatamente aqueles que foram feridos pelos seus ataques forçaram-no a ir embora. Enquanto ele deixava sua congregação aos prantos, ele os confortava com as palavras: "*Tenham ânimo; isto é apenas uma nuvem que logo passará*". Ele escapou dos assassinos contratados em um navio imperial no Nilo e novamente encontrou refúgio no deserto.

Mais uma vez ele pôde retornar. Mais uma vez ele foi forçado a se afastar de seu rebanho, desta última vez para encontrar refúgio por quatro meses no túmulo de seu

pai. Nesta época, ele era um homem idoso e ansiava por gastar os últimos anos de sua vida com suas ovelhas amadas. O Senhor respondeu esta oração, e ele pôde retornar e gastar uns poucos anos que ainda restavam em sua peregrinação com aqueles a quem ele tinha servido fielmente por tanto tempo. Ele morreu no segundo ou terceiro dia de maio em Alexandria no ano de 373.

## Seu Caráter

Esse extraordinário servo de Deus sofreu como poucos são chamados a sofrer. Contudo, nenhuma vez ele se desviou de sua defesa da grande verdade da divindade de Cristo. Ele era um homem de pequena estatura, um pouco encurvado, emagrecido por jejuns e diversas aflições, mas de boa aparência, possuindo um olhar profundo e postura muito influente. Mesmo que em idade avançada ele tenha se tornado cada vez mais cansado das batalhas e cuidados da igreja, ele nunca hesitou em sua posição. Atanásio não viveu o suficiente para ver sua posição finalmente reivindicada no grande Concílio de Constantinopla em 381, que enfaticamente reafirmou o credo de Nicéia.

O amor de Atanásio pela verdade não estava enraizado em um mero amor por especulação doutrinária. Ele estava resolvido a manter sua posição porque acreditava que a salvação da igreja dependia da verdade da divindade absoluta de Cristo. Como ele expressou: a divindade de Cristo é necessária para a redenção porque apenas Deus pode fazer o impossível; em outras palavras, apenas Deus pode salvar miseráveis pecadores como nós.

Outros grandes feitos marcaram a atribulada vida de Atanásio. Em 367, enquanto desfrutava de um período de paz em sua congregação, ele escreveu uma carta pastoral para todas as igrejas. Esta é uma importante nota de rodapé da história. As igrejas eram, naquele tempo, acostumadas a celebrar a ressurreição de Cristo no primeiro domingo depois da primeira lua cheia depois do equinócio da primavera - assim como nós o fazemos. O bispo de Alexandria foi instruído a determinar esta data para cada ano e a informar as igrejas sobre a data. Isto era devido ao fato que os melhores astrônomos se encontravam em Alexandria. Os bispos de Alexandria também aproveitaram esta oportunidade para escrever uma carta pastoral para todas as igrejas sobre alguns pontos doutrinários importantes. Quando a vez de Atanásio chegou, em 367, ele utilizou a oportunidade para instruir as igrejas sobre o cânon da Escritura e enumerar os livros que corretamente eram a regra de fé e prática da igreja. A lista de Atanásio continha os sessenta e seis livros da Bíblia como nós os temos hoje, e excluiu os livros apócrifos.

Atanásio escreveu extensivamente sobre vários assuntos, mas concentrou-se na

defesa da grande verdade da divindade de nosso Senhor. Junto a estes muitos livros, estava um que continha uma biografia do venerado monge, Antônio. Este, ainda hoje, permanece sendo um clássico da vida solitária. O próprio Atanásio viveu uma vida ascética e foi bastante influenciado pelos monges do deserto que se entregaram a isolamento do deserto para viver perto de Deus.

Atanásio provou sua grandeza *"em sofrimento e através de anos de luta contra erros poderosos e contra a corte imperial"*. A expressão *"Atanásio contra mundum"* é a que melhor descreve *"sua independência destemida e fidelidade imutável às Escrituras."*

*"A paixão e a obra de toda a vida de Atanásio era vindicar a deidade de Cristo, que ele corretamente considerava como a pedra de esquina do edifício da fé cristã, e sem a qual ele não poderia conceber redenção. Por esta verdade ele gastou todo o seu tempo e força; por isto ele sofreu deposição e vinte anos de exílio; por esta causa, ele teria ficado satisfeito em derramar seu sangue a qualquer momento. Por esta vindicação da verdade ele foi muito odiado, muito amado, sempre respeitado ou temido. Na inabalável convicção de que ele tinha o consentimento e proteção de Deus ao seu lado, ele constantemente desdenhava da possibilidade de clamar ao poder secular para seus fins eclesiásticos e de dirigir-se a um tribunal imperial, como seus opositores frequentemente faziam."*

Gregório de Nazianzo, um contemporâneo de Atanásio, o descreveu com estas palavras:

*"Ele era alguém que administrava tanto a si mesmo que sua vida supria o lugar de sermões [...]. Ele era um protetor às viúvas, um pai aos órfãos, um amigo aos pobres, um refúgio aos estrangeiros, um companheiro aos irmãos, um médico aos doentes, alguém zeloso pelos saudáveis, alguém que 'se tornou tudo para com todos, para que de alguma forma salvasse alguns'."*

Que Deus se agrade em levantar homens como estes na igreja de nossos tempos.

## João Crisóstomo - O Pregador Boca de Ouro

### Introdução

*"Deus Todo-Poderoso, que tens nos dado graça neste momento, para que estando de acordo apresentemos nossas súplicas comuns diante de Ti, e prometes que quando dois ou três estão reunidos em Teu nome, Tu atenderás seus pedidos. Cumpra agora Senhor, os desejos e petições de Teus servos, como lhes for mais oportuno, concedendo-nos neste mundo o conhecimento de Tua verdade, e no mundo vindouro a vida eterna. Amém."*

Esta bela oração, tão apropriada para adoração, foi tirada da liturgia de Crisóstomo. Ela era utilizada nos cultos de adoração a qual ele, como o mais famoso pregador da igreja primitiva, usava para conduzir o povo de Deus em adoração ao seu Senhor.

A pregação sempre foi vital para a igreja. Desde a pregação dos apóstolos da igreja primitiva, até os púlpitos das atuais Igrejas de Deus, a pregação sempre ocupou um lugar central e importante. Somente quando Roma introduziu na igreja práticas ímpias e sem sentido, é que a pregação começou a declinar e quase desapareceu do culto dos santos. A Reforma foi, acima de tudo, provocada por meio da pregação - uma pregação simples, bíblica e expositiva. E assim tem sido nestes quatrocentos anos desde a Reforma. Quando a igreja era forte, o púlpito era forte. Quando a igreja estava infiltrada com falsas doutrinas e mundanismo, era porque o púlpito tinha falhado. Quando a Reforma entrou na igreja, ela veio nas asas da pregação.

Portanto, não é errado considerar como o maior pregador da igreja antiga, João Crisóstomo. Seu nome não se tornou apenas sinônimo de pregação, mas a última parte de seu nome, "*Crisóstomo*" foi lhe dado pois o nome significa "*boca de ouro*", e era um indicativo do elevado respeito concedido a ele como um ministro do Evangelho.

### Início da Vida

João nasceu na Antioquia da Síria no ano de 347 d.C. Ele era filho de Secundus, um oficial militar pagão, e Anthusa, uma mulher piedosa de grande vigor moral e caráter. Sua mãe tinha casado jovem e ficou viúva com a idade de vinte anos. Quando Secundus morreu, João era um bebê, e seu alimento espiritual veio de sua mãe. Ela era tão cuidadosa na instrução religiosa de João, que um proeminente pagão da época, maravilhado com a sua devoção, disse: "*Minha nossa! Que mulheres estes cristãos têm.*"

A Antioquia, onde os crentes foram primeiramente chamados cristãos, tornou-se uma cidade mundana e ímpia. Um escritor expressou isto desta maneira - o que nos dá uma ideia do ambiente no qual João foi criado:

*"O calor do clima induziu os nativos ao prazer mais imoderado de tranquilidade e luxo; a vigorosa libertinagem dos gregos foi misturada com a simplicidade hereditária dos sírios. A moda era a única lei, prazer a única busca e o esplendor da vestimenta e mobília era a única distinção dos cidadãos de Antioquia. As artes da luxúria eram homenageadas, as relevantes e preciosas virtudes eram objetos de escárnio e o menosprezo pela modéstia feminina e pela reverência à idade anunciavam a corrupção universal da capital do Oriente."*

João recebeu uma excelente educação nas melhores escolas da Antioquia, estudando especialmente filosofia e retórica, em preparação para uma carreira em direito. Ele não foi imediatamente batizado por sua mãe, principalmente por causa de algumas visões errôneas sobre o batismo, as quais prevaleciam na igreja daquela época. Estas visões, sustentadas por alguns na igreja, consistiam sobretudo na noção que o batismo lavava todos os pecados anteriores. Portanto, era considerado sábio postergar o batismo, de maneira a ser liberto de tantos pecados quanto fosse possível. Com a idade de vinte e três anos João foi batizado por Mileto, o bispo da igreja em sua cidade. Mais tarde o próprio João iria protestar esta prática de retardar o batismo, porém ele realmente definiu sua própria conversão como tendo ocorrido em seu vigésimo ano.

Após sua conversão, ele abandonou seus estudos de direito e uma carreira secular, e dedicou-se exclusivamente ao trabalho da igreja. Como preparação para este trabalho, ele estudou sob Diodore, que tinha fundado uma escola monástica e também foi influente no estabelecimento de um seminário em Antioquia.

Vale a pena mencionar que o Seminário de Antioquia era devoto aos princípios de interpretação bíblica, que insistia que o significado literal da Escritura era o correto.



Eles tomaram uma posição contrária ao Seminário de Alexandria, Egito, que promovia um método alegórico de interpretação. Entretanto, a tradição do Seminário de Antioquia, era a tradição da igreja durante aquele período se a pregação fosse forte, e ainda continua sendo o método ensinado em todos os seminários ortodoxos de hoje em dia. Deus usou esta educação para preparar João para seu trabalho como pregador. Um de seus colegas de classe era Theodore, mais tarde um bispo da igreja em Mopsuéstia, sendo ele mesmo um importante pai da igreja.

João tinha fortes tendências à vida monástica, mas privou-se de entrar em um monastério por causa dos desejos de sua mãe. Somente depois que ela morreu, ele de fato retirou-se por dez anos para viver a vida de um eremita nas colinas além da Antioquia. Como eremita, ele causou danos irreparáveis a sua saúde e carregou estas aflições corporais para seu leito de morte.

### **Seu Serviço à Igreja**

Deus tinha um trabalho mais importante para João. Ele foi convocado a voltar para Antioquia onde primeiramente se tornou um leitor - leitor da Escritura no culto de adoração - depois um diácono em 381 e em seguida um ministro da igreja. Foi durante este período que ele escreveu um livro sobre a educação de filhos e um outro sobre o ministério, intitulado "O Sacerdócio". Os dois livros lhe deram uma reputação de excelência, pois eram cheios de profunda sabedoria.

Acima de tudo, Crisóstomo era um pregador. Já enquanto estava estudando para direito, seus dons de oratória eram notáveis, mas Deus os deu para serem usados no serviço do ministério da Palavra.

Por doze anos Crisóstomo ocupou o púlpito na igreja de Antioquia. Era seu costume, como tem sido em nossa própria tradição reformada, pregar séries sobre um determinado livro da Bíblia ou um tema. Muitos de seus sermões ainda existem. Ele pregou sessenta e sete sermões em Gênesis, noventa em Mateus, oitenta e oito em João, trinta e dois em Romanos, setenta e quatro em 1 e 2 Coríntios, como também séries em outros livros. Ele não pregava apenas no dia do Senhor, mas também durante a semana, as vezes cinco dias consecutivos. Seu auditório estava sempre lotado e as vezes a congregação, que apreciava sua pregação, rompia em aplausos - os quais ele severamente censurava.

Um episódio digno de nota, demonstra o poder da pregação de Crisóstomo. Durante a quaresma do ano de 387, o povo de Antioquia rebelou-se contra as novas taxas que lhes foram impostas pelo imperador Theodosius, e queimaram uma porção de

estátuas do imperador e de sua família. Theodosius em sua raiva, ameaçou destruir a cidade e enviou tropas para acabar com o tumulto e juízes para julgar os mandantes. João aproveitou a situação para pregar vinte sermões chamados “*Sobre os Estatutos*”, nos quais ele lembrou o povo de suas responsabilidades para com aqueles que Deus colocou sobre eles, e lembrou o imperador dos males da crueldade indevida. Estes sermões serviram para trazer tranquilidade à cidade e o perdão do imperador. Um escritor da época comentou sobre estes sermões: “*Embora uma multidão estivesse reunida, o silêncio era tão intenso como se nenhuma pessoa estivesse presente*”. Lembramos dos sermões de Lutero, os quais sufocaram as desordens de Wittenberg, trazidas pelos profetas rebeldes de Zwickau.

Por causa da grande influência de sua pregação, Crisóstomo foi nomeado pelo agente do imperador para ser ministro em Constantinopla. Ele teve que ser escoltado de Antioquia por tropas, por causa da grande devoção de seu povo, no meio de quem labutou por doze anos. O púlpito em Constantinopla era o mais prestigiado em toda a igreja do Oriente, e talvez em toda a igreja. A cidade era, depois do tempo de Constantino o grande, a capital do império. Localizada nas margens do Bósforo na Grécia, esta igreja era a igreja mais influente de sua época.

Mas não demorou muito para que João estivesse em apuros. O grande pregador que ele era, não temia ninguém e pregava a Escritura independente de quem ofendesse. Pelo fato de Constantinopla ser a cidade imperial, ela era cheia de luxo e corrupção, intrigas e depravação. Crisóstomo pregou contra todos estes pecados com veemência e vigor; e sua pregação conseguiu-lhe o eterno ódio da imperatriz Eudoxia. Conivente com os bispos de Alexandria, ela assegurou seu exílio para além do Bósforo, mas este durou pouco tempo. Ele voltou em triunfo para seu púlpito e continuou a condenar os males da cidade. Ele provavelmente, de um ponto de vista terreno, cometeu seu erro fatal quando chamou Eudoxia de mais uma Herodias, que não descansaria até que conseguisse a cabeça de João.

## Seu Martírio

Desta vez João tinha ido longe demais. O imperador o depôs, João recusou obedecer o mandato de abdicar o seu púlpito. O imperador enviou tropas à catedral durante uma cerimônia de batismo e misturou o sangue dos fiéis com a água utilizada para o batismo. Crisóstomo foi exilado para Cucesus nas montanhas de Taurus na Armênia. Em uma carta ele descreveu seus sentimentos ao ser exilado:

*"Quando fui expulso da cidade, eu não senti nenhuma ansiedade, mas disse a mim mesmo: 'Se a imperatriz deseja banir-me, que ela o faça, 'a*

*terra é do Senhor'. Se ela quer ter-me serrado ao meio, tenho Isaías como exemplo. Se ela quer que eu seja afogado no mar, pensarei em Jonas. Se tiver que ser jogado no fogo, os três homens na fomalha sofreram o mesmo. Se jogado diante de bestas selvagens, eu lembrarei de Daniel na cova dos leões. Se ela quer que eu seja apedrejado, tenho perante mim Estêvão, o primeiro mártir. Se ela exigir minha cabeça, que ela a tenha, João o Batista brilha diante de mim. Nu saí do ventre de minha mãe, nu deixarei este mundo. Paulo me lembra, 'se ainda estivesse procurando agradar a homens, não seria servo de Cristo'."*

## Em Exílio

Até mesmo em exílio a influência de Crisóstomo permaneceu, pois as pessoas de Antioquia e outras partes do império vinham visitá-lo, e ele continuou a corresponder-se com pessoas em todas as partes do império - ao total duzentos e quarenta e duas cartas.

Então a imperatriz banuiu Crisóstomo para outro lugar, tão distante das igrejas que ele não poderia ter nenhuma influência se quer, para o remoto nordeste do Mar Negro chamado Pitys. A caminho, ele foi tratado cruelmente pelos soldados e morreu durante a jornada. Era o ano de 407. Ele foi queimado em uma cova sombria.

Ainda assim a igreja o honrou e muitos anos mais tarde seu corpo foi exumado e mudado para um túmulo em Constantinopla. Ele morreu como um mártir por sua fé, num tempo em que supostamente não existia perseguição.

*"A aparência pessoal do orador da boca de ouro não era imponente, mas digna e vencedora. Ele era de pequena estatura - como Davi, Paulo, Atanásio, Melanchthon e outros. Ele tinha uma estrutura magra; uma cabeça grande e careca, uma testa enrugada e alta; olhos profundamente sérios, brilhantes e penetrantes; bochechas pálidas e cavadas; e uma barba curta e cinza."*

Crisóstomo era um pregador que enfatizava os aspectos morais da fé cristã. Ele mesmo descreveu seu trabalho desta maneira: *"Meu trabalho é como o de um homem que está tentando limpar uma porção de terra onde um fluxo lamacento está constantemente fluindo"*.

De acordo com sua época, Crisóstomo defendeu alguns pontos de vista que mais tarde foram considerados errôneos pela igreja. Ortodoxo em todas as questões em

que a igreja havia se posicionado, ele tomou uma fraca posição sobre a depravação do homem e o poder do pecado na natureza humana. Mas estes assuntos não seriam definidos pela igreja até o trabalho do grande pai da igreja, Agostinho.

João Crisóstomo tem sido lembrado na história como um dos grandes pregadores da igreja. Destemido, não procurava agradar a homens, disposto a sofrer as consequências de seu firme compromisso com a Escritura, ele é um testemunho inabalável da importância da pregação na igreja. Que Deus dê tais pregadores às nossas igrejas atuais.

## **Agostinho - O Teólogo da Graça Soberana**

### **Introdução**

Existem tempos na história da Igreja de Cristo, quando Deus tem um trabalho tão importante para um homem na defesa e desenvolvimento da fé, que Deus determina sua vida de um modo especial, quase que desde sua infância, a fim de prepará-lo para aquele chamado específico. Esse foi o caso com Martinho Lutero, o qual através de sua profunda luta com a segurança da salvação foi levado por Deus para a grande verdade da justificação pela fé. Isso também foi verdade em Agostinho, de quem a juventude desobediente e pecaminosa foi usada por Deus para prepará-lo para o crescimento das verdades sobre a soberania e a graça particular. Herman Hoeksema escreve:

*“Deus tinha preparado Agostinho espiritualmente para essa batalha - contra o pelagianismo. Ele tinha sido fortemente trazido das forças do pecado para a redenção que há em Cristo Jesus. Ele experimentou o fato de que 'isso não depende do desejo ou do esforço humano, mas da misericórdia de Deus' (v. Rm 9:16). Para ele isso se tornou uma questão de experiência, que somente a graça eficaz era suficiente para conduzir o pecador para fora das trevas em direção a luz; e o moralismo com base no livre arbítrio de Pelágio era uma abominação para Agostinho por causa de sua própria experiência. [...] Nós podemos entender o porquê, quando [...] o refinado porém altamente superficial Pelágio, e seu discípulo, começaram a fazer propaganda de uma doutrina que não estava somente em conflito claro com a Escritura mas que militava contra tudo que Agostinho tinha experimentado sobre a graça de Deus, ele se lançou na batalha com todo seu coração.”*

### **Sua Vida de Pecado**

Agostinho nasceu em treze de novembro do ano de 354 d.C., em Tagaste, numa parte

ao norte da África que hoje é conhecida como Algéria. É difícil imaginar o que aconteceu nos dias da corte e do casamento de seus pais, pois seu pai, Patricius, era um descrente cujo interesse em seu filho era limitado a preparar Agostinho para uma carreira que o levaria a fama e a fortuna, e sua mãe, Mônica, era uma mulher de excepcional devoção e piedade cuja grande tristeza na vida era seu filho rebelde. Ela chorou e orou amargamente durante tanto tempo por seu filho que ele se tornou conhecido como o "*filho das lágrimas*."

Embora Agostinho tenha frequentado as aulas para catecúmenos<sup>14</sup>, logo caiu nos pecados de preguiça, devassidão e imoralidade. Quando ele tinha apenas dezessete anos, no mesmo ano em que seu pai morreu, ele tomou uma amante e um ano mais tarde se tornou pai de um menino, Adeodato.

Todo esse tempo ele estava em busca de sua educação, e provou ser um estudante hábil. Entretanto, como acontece frequentemente, sua habilidade própria comprovou sua ruína. Ele vagueou, como uma abelha procurando por néctar, de uma heresia para outra. Primeiro foi o erro do maniqueísmo, o que o ensinou que existem dois princípios eternos e independentes no mundo: a luz e o deus bom, e as trevas e o deus mau. Esses dois princípios estão em eterno conflito, com um resultado sempre indeterminado. Então foi à astrologia, com suas superstições vãs e vazias. Da astrologia ele vagueou para o ceticismo, uma filosofia que é nada mais do que um dar de ombros intelectualizado - é impossível conhecer o que é verdadeiro e o que é falso, o que é certo e o que é errado.

Durante esse período de imoralidade e apostasia, Agostinho começou a desenvolver sua carreira. Em 376 ele deu aulas de gramática na cidade onde nasceu; pouco tempo depois ele foi para Cártago para ensinar retórica. Em 382 - agora com vinte e oito anos - ele decidiu ir para Itália, mas não queria sua mãe com ele. Ele partiu sem contar para ela da sua partida ou destino, mas levou com ele sua amante e seu filho. Por um breve período de tempo ele ensinou retórica em Roma, mas então foi para Milão onde foi influenciado por um poderoso pregador, Ambrósio, o piedoso e corajoso bispo da igreja de Milão.

## Sua Conversão

Embora Agostinho tenha ido ouvir Ambrósio pregar apenas a fim de aprender mais das habilidades de Ambrósio como um orador e retórico, ele logo foi influenciado pelo poder do Evangelho. Gradualmente seus erros foram lançados fora, embora tenha

---

<sup>14</sup> Aquele que recebe instrução e preparo para ser admitido ao batismo.

resistido com toda sua força, especialmente por causa da luxúria da sua carne. Esse foi um tempo de luta.

*“Obstinado em buscar a verdade fora do seu único santuário, agitado pelas ferroadas da sua consciência, vinculado pelo hábito, atraído pelo medo, subjugado pela paixão, tocado com a beleza da virtude, seduzido pelos encantos dos vícios, vítima de ambos, nunca satisfeito em seus falsos deleites, lutando constantemente contra os erros da sua seita e os mistérios da religião, um infeliz correndo de pedra em pedra para escapar do naufrágio, ele fugiu da luz que o perseguia - Tal é a pintura pela qual ele mesmo descreve seus conflitos nas suas 'Confissões'.”*

Essa foi uma luta violenta que finalmente levou Agostinho a entender com uma profunda consciência que a graça de Deus, a qual liberta do pecado, é soberana e irresistível, superando e derrotando toda nossa resistência, concluindo uma obra cujo único autor é Deus.

O próprio Agostinho nos conta a história de sua conversão final nas suas *Confissões*, e não podemos fazer nada melhor do que ouvi-lo contar isto. Um dia, quebrantado pelas suas violentas lutas, ele fugiu para um jardim a fim de tentar encontrar paz. Enquanto estava no jardim ele ouviu uma voz dizer: *"Pegue e leia. Pegue e leia"*. Agostinho nos conta que ele escolheu *"o livro do Apóstolo"*.

*"Eu o agarrei e o abri, e em silêncio eu li a primeira passagem que meus olhos se depararam. 'Comportemo-nos com decência, como quem age à luz do dia, não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e depravação, não em desavença e inveja [...] revistam-se do Senhor Jesus Cristo e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne'. Eu não tinha mais vontade de ler e nenhuma necessidade de fazê-lo. Pois em um instante, enquanto eu ia para o final da frase, era como se a luz da fé inundasse meu coração e todas as trevas da dúvida fossem dissipadas".*

Mais tarde, explicando tudo isto, ele escreveu uma comovente confissão:

*"Tarde Te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde Te amei! Eis que estavas dentro de mim, mas eu estava lá fora, e estava a Te procurar! Eu, em minha deformidade, mergulhava-me na beleza da tua criação. Estavas comigo, e eu não estava em Ti! Mantinham-me longe de Ti cousas que nem existiriam se não existissem em Ti. Tu me chamaste, gritaste por mim, e rompestes a minha surdez. Brilhaste, iluminaste, dissipando minha cegueira. Exalaste Tua fragrância, respirei-a, e suspiro*

*por Ti. Eu Te saboreei, e tenho fome e sede. Tocaste-me, e eu anelo por Tua paz. Se me permitires, com todo o meu ser, viver em Ti uma única vez, então deixar-me-ão a dor e sofrimento; plenamente cheio de Ti, tudo será vida para mim".*

Após um ano de preparação Agostinho e seu filho Adeodato foram batizados por Ambrósio. Ele deixou Milão pouco tempo depois para retornar à África. Sua mãe que o tinha seguido à Itália, agora sentava para viajar atrás dele de volta à África, mas morreu no porto do rio Tibre nos braços de seu filho - com a alegria em seu coração da oração respondida - depois de ter com ele uma conversa profunda e comovente sobre as glórias do céu.

## Labor na Igreja

Agostinho viajou para a África, visitou Roma mais uma vez, retornou para a África, e começou seu trabalho pela causa de Cristo. Em 389 ele foi, contra sua vontade, ordenado presbítero na região de Hipona, regida por Valerius, seu bispo. Em 395 ele foi ordenado bispo assistente, e em 396, com a morte de Valerius, ele foi ordenado seu sucessor.

Ele gastou o resto de sua vida sendo o pastor de seu grande rebanho, um escritor prolífico, um ardente defensor da fé e um fiel homem de Deus à serviço da verdade.

Agostinho produziu uma grande quantidade de obras depois de sua conversão, sendo a maior parte delas de valor duradouro. Algumas de suas obras mais conhecidas são: *Confissões*<sup>15</sup>, o livro que cada filho de Deus deveria ler em algum momento da sua vida; *Cidade de Deus*<sup>16</sup>, escrito para explicar a queda de Roma antes das hordas bárbaras, mas incluindo uma filosofia cristã da história que é uma clara exposição da antítese<sup>17</sup> e no qual se encontrará alguns dos ensinamentos de Agostinho sobre a predestinação soberana; um tratado sobre a *Trindade*<sup>18</sup>, que é a mais clara exposição da doutrina antes dos escritos de Calvino; *Retratações*, no qual ele corrigiu todos os seus escritos anteriores e retirou afirmações com as quais não concordava depois de chegar a maturidade de pensamento, e muitos escritos contra os pelagianos e semipelagianos.

Agostinho realmente batalhou contra o maniqueísmo, uma seita que ele tinha

---

<sup>15</sup> Obra disponível em português pela Editora Vozes e Editora Paulus.

<sup>16</sup> Obra disponível em português pela Editora Vozes.

<sup>17</sup> Antítese é a ideia oposta a tese - outra ideia. Neste sentido a igreja deve se opor ao mundo.

<sup>18</sup> Obra disponível em português pela Editora Paulus.



pertencido antes de sua conversão, e contra os donatistas<sup>19</sup>, uma seita cismática que ele tentou atrair de volta para a igreja.

Mas suas grandes batalhas foram travadas contra os pelagianos e semipelagianos. Sobre essas batalhas nós devemos falar.

Deve ser lembrado que, antes de Agostinho, a igreja não tinha feito nenhum avanço em certas doutrinas como a queda de Adão, a depravação do homem, a obra da salvação pela graça e a doutrina da predestinação. Na verdade, era geralmente mantido na igreja que, embora a salvação do homem estivesse enraizada na cruz de Cristo, era dependente do livre arbítrio do homem. Quase todos os pais da igreja sustentavam o mesmo.

Pelágio apareceu em cena com seu ensinamento superficial e que negava a Deus, no qual a salvação era totalmente arraigada na habilidade natural do homem para fazer coisas boas e assim conseguir sua própria salvação por boas obras. O semipelagianismo, que veio logo após o pelagianismo, era apenas uma forma primitiva de arminianismo e uma modificação do pelagianismo.

Contra esse tipo de absurdo, Agostinho lutou. É uma fonte incessante de espanto para mim como Agostinho viu claramente os assuntos e desenvolveu as doutrinas envolvidas. Agostinho não só se opôs aos erros promovidos por Pelágio e os semipelagianos, mas desenvolveu a doutrina da graça soberana e particular.

Mais especificamente, ele negou qualquer tipo de “*oferta livre do Evangelho*” e “*graça comum*” chamando mesmo as ditas boas obras dos gentios de “*vícios esplêndidos*”. Ele ensinou a soberania e a dupla predestinação, expiação limitada, depravação total, a culpa imputada e a salvação pelo trabalho da graça soberana nos corações dos eleitos. Sozinho, ele estabeleceu todo o fundamento para uma antropologia e soteriologia bíblica.

Triste é dizer que as doutrinas de Agostinho nunca foram recebidas na Igreja Católica. O semipelagianismo teve êxito pouco depois da morte de Agostinho, e um poderoso defensor das doutrinas de Agostinho, chamado Gottschalk, foi martirizado no século IX por ensiná-las. De certa maneira isso era inevitável, porque a igreja, mesmo nos dias de Agostinho, já havia se comprometido com uma visão oposta aos ensinamentos de Agostinho: o valor meritório das boas obras. Abraçar os ensinamentos de Agostinho teria envolvido um repúdio de uma doutrina que já era querida por grande parte da igreja.

---

<sup>19</sup> Donatismo era uma seita, fundada por Donato - seguidor as ideias de Cipriano - que ensinava que a efetividade dos sacramentos dependia do caráter moral dos ministros.

Por essa razão, na sabedoria inescrutável de Deus, o verdadeiro agostinianismo teve que aguardar o tempo da Reforma para a aceitação na Igreja de Cristo. Aquele que tem mesmo um conhecimento superficial das *Institutas da Religião Cristã* de Calvino vai saber quantas vezes Calvino apela para Agostinho em um esforço consciente para apontar que ele mantém a tradição do grande bispo de Hipona.

E assim nós também. Estudantes e discípulos de Calvino como somos, sabemos que a verdade que amamos e estimamos é uma verdade que teve origem no século V, nos ensinamentos do amado Agostinho, bispo de Hipona. E ao sustentarmos os ensinamentos da Escritura que eram queridos para Agostinho, podemos encontrar suas palavras ecoando em nossos corações: "*Fizeste-nos para Ti, e o nosso coração inquieto está até que em Ti descanse*".

Ele solicitou, enquanto estava deitado em seu leito de morte, ter os salmos penitenciais escritos na parede de modo que pudessem estar constantemente diante dele para lê-los à vontade. Ele morreu no dia vinte e oito de agosto, no ano de 430 com setenta e cinco anos de idade, justamente pouquíssimo tempo antes dos *Vândalos* - uma tribo bárbara da Europa - saquearem e destruírem a cidade de Hipona.

## **Patrick - Missionário à Irlanda**

### **Introdução**

Nosso Senhor ordenou a tarefa da igreja quando, pouco antes de sua ascensão aos céus, Ele disse aos seus discípulos: "*Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra*" - At 1:8.

O começo da história da Igreja de Cristo é uma emocionante e comovente história dos seus empreendimentos missionários. A própria Escritura registra para nós como o Evangelho foi levado para a Judéia, Samaria e para todo o mundo mediterrâneo, e como resultado a igreja foi estabelecida em todas as partes do Império Romano. Os primeiros registros da igreja nos fornecem informações de missionários corajosos que se moveram para além do mundo mediterrâneo para dentro das trevas europeias a fim de levarem a Palavra de Deus a muitos povos bárbaros que haviam se movido e estabelecido na Europa.

Através dos labores da igreja, toda a Europa foi cristianizada de tal maneira que mudando do mais escuro misticismo e paganismo passou a ser o berço do cristianismo. Embora o trabalho tenha durado muitos séculos, ele teve seu humilde começo na vida de homens que sacrificaram tudo pela causa do Evangelho.

Essa é a história de um destes missionários: Patrick, o missionário à Irlanda.

### **Início da Sua Vida**

Não se sabe uma boa parte da vida de Patrick, e de fato, muitos mitos sobre seus labores cresceram ao longo dos anos. O que é certo é o que ele mesmo escreveu em suas '*Confissões*'. Ele nasceu na Grã-Bretanha, por volta de 389 d.C. Embora o lugar preciso do seu nascimento não é conhecido, ele nasceu em um pequeno vilarejo em algum lugar da costa oeste da Grã-Bretanha - a partir da Irlanda atravessando o mar

irlandês.

Na época do seu nascimento, o cristianismo já havia chegado à Grã-Bretanha, provavelmente através de soldados cristãos do exército romano, pois a Grã-Bretanha formava na época a fronteira norte do Império Romano. Os romanos tinham conseguido estabelecer uma civilização bem avançada no sul da Grã-Bretanha, e por meio da difusão do cristianismo, muitos na Grã-Bretanha tinham se tornado cristãos. Foi dentro da esfera de influência do controle romano que Patrick nasceu.

Ele nos conta em sua *Confissões* que seu pai, Calpornus, foi diácono e um magistrado local, e seu avô foi um clérigo na igreja daquele tempo. Ele recebeu alguma instrução cristã, embora deixe a impressão de que essa instrução foi escassa e insatisfatória. Ele aprendeu apenas os rudimentos da fé cristã, no entanto, a verdadeira fé em Deus ainda não havia encontrado lugar em seu coração.

Com a idade de dezesseis anos, a tragédia atingiu sua casa. Invasores de todo o mar da Irlanda - bárbaros cruéis e iletrados - invadiram a costa onde Patrick vivia. Nós podemos apenas imaginar o sofrimento e a dor dos habitantes quando milhares de jovens, incluindo Patrick, foram capturados e vendidos como escravos na Irlanda.

Porém, pela providência de Deus essa escravidão, que durou cerca de seis anos, foi a preparação de Patrick para seu grande trabalho como missionário aos irlandeses. Ele foi vendido a um camponês que ordenou-lhe que tomasse conta do castelo. Foi durante esse tempo de solidão e sofrimento que Patrick foi convertido. Ele mesmo fala sobre isso:

*"Depois que cheguei a Irlanda, todos os dias eu alimentava o gado e orava frequentemente durante o dia; mais e mais o amor e o temor a Deus queimavam, e minha fé e meu espírito eram fortalecidos, de modo que de dia eu orava cerca de cem vezes, e quase a mesma quantidade a noite".*

Apesar do tempo naquele lugar, gasto em solidão e tristeza, um tempo de sofrimento, isso deu-lhe um conhecimento da língua irlandesa utilizada naquele tempo, e incutiu no seu coração um amor por aquelas pessoas rudes e pagãs entre as quais ele foi forçado a viver.

Depois de seis anos de escravidão, ele escapou do seu mestre e após uma perigosa jornada pela terra e pelo mar, chegou a salvo na Grã-Bretanha. Ele fala da sua escravidão como uma interrupção da sua educação, o que agora ele buscava com bastante diligência.

## Seu Trabalho Missionário

Patrick não pôde escapar dos pensamentos sobre os irlandeses de quem ele havia fugido. Ele considerava a Irlanda, na qual ele tinha sido um escravo, tão longe quanto alguém poderia ir, no próprio fim do mundo. Em sua carta para Coroticus ele declarou que tinha sido *"predestinado a pregar o Evangelho até os confins da terra"*. Ele prometeu nunca deixar o povo que o Senhor tinha *"adquirido lá nos confins da terra"*. Fazendo referência a Mateus 28 verso 19 e 20, Patrick viu *"seu trabalho como que culminando a expansão da fé começada pelos apóstolos, que seria seguida pela vinda do fim"*. Ele deu graças a Deus, que ouviu sua oração de tal forma que [...] *"nos últimos dias"* - ele afirmou - *"este santo e maravilhoso trabalho, seguindo o exemplo daqueles que foram enviados para pregar o Evangelho como um testemunho a todas as nações antes do fim do mundo [...], a pregação do Evangelho tem sido realizada em um lugar onde não existe nada mais distante"*.

Foi esse desejo ardente de trazer o Evangelho aos irlandeses que provavelmente contribuiu para o sonho que ele afirma ter tido, no qual ele viu um homem que lhe entregou algumas cartas, as quais incluíam o apelo: *"Santo rapaz, nós pedimos que você volte para casa e ande entre nós novamente"*.

Ele acreditou ser esse um chamado de Deus. Para este fim ele entrou no ministério da igreja e foi ordenado bispo e apóstolo<sup>20</sup> à Irlanda em 432. Ele consumiu os próximos trinta anos de sua vida trabalhando na terra da sua escravidão. Ele encontrou uma Irlanda *"intocada pela cultura romana"* que havia ajudado a moldar a sociedade britânica na qual Patrick nasceu. Os irlandeses não tinham cidades; sua ordem social primária eram tribos ou grandes famílias. Eles criavam gado, viviam em simples casas feitas de madeira e cobertas com relva, faziam reparos nos fortes, feitos principalmente de madeira, durante as invasões e guerras. Suas vidas eram cheias de superstições e magias que eram lideradas pelos sacerdotes druidas, os quais eram os principais oponentes irlandeses do cristianismo.

Foi um trabalho árduo, cheio de perigos e dificuldades. Seus oponentes eram muitos e o povo era totalmente pagão. Mas o Senhor se agradou em abençoar o seu trabalho e milhares foram trazidos à fé. A maior parte do seu trabalho foi feito na Irlanda do Norte, aquela parte da ilha que era então chamada Ulster. O centro dos seus labores foi Armagh, e assim o Evangelho se espalhou.

Em suas *Confissões* ele escreveu:

---

<sup>20</sup> Apóstolo é mencionado aqui com o sentido de 'aquele que é enviado com uma mensagem'.

*"Eu sou um grande devedor para com Deus, que grandemente tem concedido Sua graça a mim, de maneira que multidões nasceram de novo para Deus através de mim. Os irlandeses, que nunca tiveram o conhecimento de Deus e adoravam apenas ídolos e coisas impuras, têm nos últimos tempos se tornado o povo de Deus, e são chamados filhos de Deus".*

Enquanto, sem dúvida, seu trabalho era ricamente abençoado por Deus, muitas tradições estranhas e fábulas foram criadas da história de sua vida. É dito que ele tinha convertido todos os sacerdotes e ministros pagãos irlandeses. Ele supostamente fundou entre trezentas e sessenta e cinco a setecentas igrejas e consagrou três mil sacerdotes. Até mesmo milagres são atribuídos a Ele - Afirma-se que ele curou um cego, ressuscitou nove pessoas e expulsou todas as cobras e sapos da ilha. Mas ele mesmo nunca fez tais afirmações. Essas afirmações são parte da mitologia papista.

Todavia, seus escritos dão evidência do fato de que ele era um dedicado e humilde filho de Deus. Uma certa doçura de caráter brilha através dos seus escritos, e uma humildade é evidente neles, a qual é inconfundível. Ele nunca foi um homem altamente educado e frequentemente lamentava sua falta de instrução. De fato, ele era hesitante para escrever qualquer coisa porque seu latim era de um nível inferior. Mas a própria falta de instrução deu-lhe a franqueza de discurso que, ainda hoje, é comovente. Foi sem simulação que ele começou sua carta para Coroticus: "*Eu Patrick, um pecador, muito mal instruído [...]*". Essa carta, na qual ele fala muito do seu chamado e sua fé, foi escrita a um certo rei na Grã-Bretanha, que enquanto professava ser cristão, tinha capturado muitas moças e rapazes na Irlanda. A carta foi escrita para excomungar o rei Coroticus até que ele se arrependesse e fizesse restituição pela sua má conduta.

## **O Fruto do Seu Trabalho**

Patrick estabeleceu um cristianismo na Irlanda que era muito diferente do cristianismo do catolicismo romano. Era ortodoxo e bíblico, a Bíblia foi o único livro de Patrick. Era um cristianismo completamente independente de Roma e da influência dos bispos romanos. Na verdade, isso ocorreu muitos séculos antes de Roma finalmente conseguir trazer a igreja irlandesa para debaixo do domínio papal. Esse foi o começo da igreja na Irlanda, a qual continua até o presente - embora apenas através de grande luta e perseguição.

A data da morte de Patrick é desconhecida. Mas ele morreu pacificamente entre 461 e 493. Ele morreu um fiel servo do Senhor e foi enterrado em um túmulo desconhecido

na Irlanda a qual amava.

Ele foi um entre os muitos desses bravos homens que sacrificaram tudo para trazer a luz do Evangelho para dentro das regiões escuras do paganismo onde apenas a idolatria e a superstição dominavam. Ele é uma nobre figura nos anais da história do chamado missionário da igreja, e é uma inspiração para todos aqueles que são chamados por Deus para levar o Evangelho até os confins da terra.

## **Columba - Missionário à Escócia**

### **Introdução**

Noé, após acordar de sua embriaguez, abençoou seus dois filhos Sem e Jafé. A bênção de Jafé era que chegaria um dia em que ele habitaria nas tendas de Sem. Com o trabalho do apóstolo Paulo, e nos séculos subsequentes, Deus trouxe Jafé para as tendas de Sem enquanto a igreja era estabelecida, primeiramente na Antioquia, Síria, Grécia e Itália, e então em toda a Europa. O Evangelho foi levado gradualmente à Europa, onde os cruéis e violentos bárbaros viviam, ela foi cristianizada e a seu tempo se tornou o centro da igreja.

No tempo da Reforma, quando Roma tinha se tornado apóstata, a Europa estava dividida entre protestantes e católicos romanos. Apenas alguns países se tornaram completamente protestantes, um deles era luterano - Suécia - e três calvinistas - Holanda, Inglaterra e Escócia.

Alguns dos maiores heróis da fé seriam encontrados na Escócia, onde os pactuários derramaram o seu sangue pela causa do Evangelho enquanto corajosamente levantavam suas vozes em protesto contra todas as formas de papado e prelado. As mais puras Igrejas Presbiterianas foram lá estabelecidas. A partir delas as grandes verdades do calvinismo espalharam-se, especialmente para os Estados Unidos. Ninguém lutou de forma tão árdua e implacável contra todo o tipo de corrupção do puro Evangelho, quanto os escoceses.

É difícil imaginar, então, que antes do século VI a Escócia era habitada por alguns dos mais cruéis, bárbaros, supersticiosos, idólatras e repreensíveis pagãos dentre todas as tribos bárbaras: os pictos e os escoceses. Foi o Evangelho que os conquistou, e foi o Evangelho que estabeleceu na Escócia a Igreja de Cristo.

A história da conversão da Escócia é a história do grande missionário Columba.

### **Início da Sua Vida**



Columba nasceu, provavelmente, no dia sete de dezembro do ano de 521 d.C., no condado de Donegal, naquela parte da Irlanda que é conhecida hoje como Ulster, ou Irlanda do Norte. Ele nasceu como um celta de uma família real. Os celtas eram uma antiga tribo bárbara do oeste da Europa, que foi tomada pelas tribos alemãs e que, depois de mudar-se para as ilhas britânicas, foram os ancestrais dos irlandeses, galeses, escoceses e pictos.

Columba é descrito por biógrafos posteriores como uma criança bem bárbara cheia de energia e muito travessa, sempre procurando por uma boa luta. Ele era alto e forte, possuía uma poderosa e agradável voz e tinha um malévolo senso de humor. Criado desde a infância na fé cristã, ainda cedo ele demonstrou uma promissora capacidade intelectual. Ele cresceu na companhia de pessoas que eram briguentas e dadas a luta; que embora fossem cristãs em algum sentido superficial, ainda assim mantinham muitos costumes e superstições pagãs; pessoas que eram afeiçoadas a música e cantorias, e caracterizadas por forte individualismo. Todas estas características nativas estavam entrelaçadas naquilo que Columba era.

Sob a influência de seu tutor, um sacerdote chamado Cruithnechan, Columba logo tornou-se inclinado à religião. Seu hábito de gastar uma parte de cada dia numa pequena igreja, logo deu a ele o apelido carinhoso de "*Columcile*" - coluna da igreja. Mais tarde sob a tutela de dois professores - ambos chamados Finian - ele começou um estudo sistemático da Escritura e contribuiu grandemente para o estabelecimento de vários mosteiros e igrejas na Irlanda do Norte.

## **A Obra de Sua Vida**

Por volta de 561, dois acontecimentos mudaram a vida de Columba para sempre.

O primeiro surgiu a partir de seu interesse pela Escritura. Desejoso de ter sua própria cópia da Escritura, ele copiou secretamente o livro de Salmos e os Evangelhos dos manuscritos que Finian tinha trazido com ele de Roma. Quando Finian inesperadamente apareceu enquanto Columba estava copiando, Finian exigiu a cópia. Quando Columba se recusou a entregá-la, a questão foi levada ao rei, que decidiu em favor de Finian. Mas Columba foi duro em sua resposta e conseqüentemente foi taxado de rebelde.

O segundo acontecimento surgiu a partir do primeiro. O rei que decidiu contra Columba, era primo de Columba. Um cisma se desenvolveu entre os dois a ponto de

levá-los ao campo de batalha. Columba, que era o líder de seu clã, foi à batalha contra o rei e derrotou-o completamente. O massacre foi grande, e pelo menos dois mil seguidores do rei foram mortos.

Depois do massacre, Columba estava tão ferido com remorso, ainda no campo de batalha cheio de corpos espalhados, que decidiu viver o resto de sua vida em penitência. Se ele foi forçado a fugir da Irlanda por causa destes dois eventos, ou se a escolha de deixar o país foi dele, ninguém sabe. Mas logo após estes eventos, entre 562 e 563, quando Columba tinha pouco mais de quarenta anos de idade, ele tomou consigo doze companheiros e navegou para a costa da Escócia. Depois de uma dura e arriscada viagem, e uma longa procura por um bom lugar para se estabelecer, ele encontrou a pequena ilha de Hy, agora conhecida como Iona, onde decidiu viver. A ilha não possuía árvores, era um estéril pedaço de terra medindo em torno de cinco quilômetros de comprimento por um e meio de largura, com uma vista para o mar e para a costa da Escócia de tirar o fôlego.

Ali, nesta pequena ilha, Columba construiu um monastério. Não era uma estrutura majestosa, mas um pequeno conjunto de cômodos que incluíam um refeitório, uma livraria, uma pousada, uma estufa, um moinho, dois celeiros e uma pequena igreja.

Ali, foi organizada uma vida monástica em torno de Columba, a qual consistia em três grupos de residentes: os anciãos, que eram responsáveis pela adoração, preservar manuscritos e ensinar outros residentes; os trabalhadores, que faziam o trabalho manual necessário para manter o monastério funcionando; e os aprendizes que eram responsáveis por tarefas variadas. Havia ali muita atividade, mas eles eram especialmente devotos ao treinamento de missionários, os quais seriam enviados aos habitantes das terras que hoje compõe a Escócia. Columba, nas suas próprias palavras, tinha agora dedicado sua vida a trazer tantos pagãos para Cristo quanto os que ele havia matado na batalha contra seu primo, o rei.

O trabalho missionário naqueles dias era difícil. Requeria que os monges fossem treinados em Iona e que o próprio Columba fosse para o continente, onde estavam em constante perigo por causa de pessoas cruéis, animais selvagens, terreno acidentado, um clima imperdoável e a hostilidade dos druidas - os sacerdotes da religião pagã, que odiavam com toda a sua alma a chegada do cristianismo. Ali também viviam os pictos e os escoceses, que - embora o cristianismo tenha feito algumas estradas para dentro de suas terras - basicamente permaneciam a raça de bárbaros que eram muito antes do nosso Senhor nascer em Belém.

As histórias que são contadas do trabalho de Columba são, em muitos casos, legendárias. Seus biógrafos relatam como ele combateu a mágica dos druidas com milagres de cura, como ele abafou as vozes entoadas pelos sacerdotes druidas com

canções de louvor a Deus cantadas em sua própria voz poderosa, como ganhou o respeito de Brude, o rei dos pictos, que vivia em um castelo as margens do lago Ness, e como trabalhou com um zelo incansável pela causa do Evangelho. Despojado de todas as histórias legendárias, o trabalho de Columba brilha como a luz no meio das trevas do paganismo. Seu labor missionário foi abençoado por Deus na Escócia de tal forma que o verdadeiro Evangelho foi proclamado lá, e a Igreja de Jesus Cristo foi reunida. Seu zelo missionário é um exemplo para todos a quem Deus, através dos anos, chama para este árduo trabalho.

Columba retornou brevemente para a Irlanda, sua terra natal, por conta de várias reuniões da igreja. O prestígio e respeito que ele possuía, fizeram com que todos os seus problemas do passado, na Irlanda, parecessem irrelevantes. Ele aproveitou a oportunidade para resolver várias intrigas que havia começado a causar problemas na igreja da Irlanda, e sua influência frequentemente levava uma solução eficaz para estas dificuldades.

## **Sua Morte**

O coração de Columba permaneceu na Escócia. Para a Escócia ele retornou, na Escócia ele morreu. No último ano de sua vida, com a idade de setenta e cinco anos, ele gastou seu tempo transcrevendo um saltério. Tarde da noite, a meia-noite, ele levantou com dificuldade de sua cama desconfortável para participar do tradicional culto da meia-noite. Ele chegou um pouco mais cedo do que seus companheiros monges, para ajoelhar-se em oração diante de Deus. Enfraquecido por anos de trabalho árduo, sobrecarregado com os cuidados da igreja, suportando a desolação de muitos anos, ele subitamente desmaiou. Ele acordou brevemente quando seus companheiros monges chegaram, e tomou uns poucos momentos que lhe haviam restado, para conceder a eles sua bênção final, e morreu pacificamente nas primeiras horas do domingo dia nove de junho do ano 597.

O caráter de Columba nunca mudou durante toda a sua vida, pois Deus dá a cada homem o seu caráter e características pessoais no nascimento. Seu amor pela luta, sua constituição robusta, e sua tendência de entrar em cada controvérsia eram temperados, todavia, pela graça do Espírito Santo, e sob o poder da serenidade da santificação, ele se tornou o poderoso missionário que ele era.

Columba possuía grandes habilidades de liderança. Ele era um homem de aparência atrativa e impressionante. Deus tinha o abençoado com uma poderosa voz. Seu canto - excepcionalmente belo - poderia ser ouvido além de qualquer reunião. Sua voz melódica era eloquente enquanto ele trazia o Evangelho para os pagãos pictos e

escoceses. Ele era também decidido e firme na causa do Evangelho. Uma antiga eulogia gaélica fala dele como "*um herói descortês*".

Ele não tinha nenhuma paciência com os malfeitores e não podia suportar a hipocrisia. Ele era, e sempre foi, rápido em repreender pecadores e não tolerava nenhuma vergonha para com o Evangelho que ele amava e pregava.

Havia também um outro lado da privilegiada personalidade de Columba. Ele era um homem que mostrou grande amor pelo pobre e oprimido. Suas obras de misericórdia e compaixão eram conhecidas por toda a parte. Ele possuía um amor profundo pelas belezas de Deus na criação, reveladas na glória do trabalho das mãos de Deus nas árvores e vales, flores e nos raios de sol, plantas e animais selvagens. Tudo isto era possível porque ele possuía uma alma poética. Algumas de suas poesias permanecem, e a leitura deste material ainda é proveitoso.

É verdade que Columba viveu em uma era quando a igreja papista já havia se desviado da pura adoração a Deus, mas Columba era mais dono de si do que um filho da igreja. Isto é, ele era mais um homem de Cristo do que um homem fiel a fé papista em todas as coisas. Isto é especialmente evidente na sua profunda devoção as Escrituras. Embora ele amasse a poesia da Escritura mais do que as outras partes, ele era fiel ao todo da Escritura. Ele a carregava consigo onde quer que fosse. Ele ensinou seus companheiros monges e outros do povo de Deus a honrar e estudar a Escritura e a meditar sobre ela. Sua pregação era simples, direta, e acima de tudo, bíblica. Ele sempre expôs o grande glorioso tema da Escritura: Cristo crucificado. Se isto podia ser dito de Patrick, missionário à Irlanda, que ele "*viveu com a Bíblia*" o mesmo pode ser dito de Columba.

Através dos labores de Columba e outros que desafiaram os perigos das terras pagãs para levar o Evangelho aos bárbaros - pois Columba é apenas um exemplo dentre muitos - Deus se agradou em começar a trazer Jafé para as tendas de Sem.

## Bonifácio - O Apóstolo aos Alemães

### Introdução

No início da história da igreja da Nova Dispensação, quando Deus se agradou em levar o Evangelho à Europa, o continente estava tomado por tribos bárbaras diferentes, as quais estavam no mais sombrio paganismo e em constante movimento. Eles eram incivilizados, guerreiros, adoradores de ídolos e estavam continuamente lutando entre si. Eles eram uma ameaça para o Império Romano, e por fim, no quinto século, destruíram o império no oeste. Todas as instituições da sociedade do mundo romano foram destruídas, com exceção da igreja. Somente a igreja permaneceu até o fim de todo o tumulto e destruição desta época tenebrosa.

A igreja estava profundamente consciente de seu chamado missionário e imediatamente enviou seus servos para levar o Evangelho a estas tribos bárbaras. Isto requereu dos homens auto sacrifício, coragem e convicção para se aventurarem nas solitárias florestas e montanhas da Europa, a fim de cumprir o mandamento de Cristo. Os perigos eram diversos, o menor deles era a constante ameaça das tribos perversas que não conheciam nada de Cristo, e que desprezavam todos os que pertenciam a cultura romana.

Deus se agradou em levar o Evangelho a estas tribos bárbaras de tal forma, que a Europa foi "*cristianizada*". Por este termo eu quero dizer que o Evangelho, ao longo de muitos anos, entrou no fundamento da vida destes bárbaros, e que não somente os bárbaros foram trazidos à igreja, mas que o próprio cristianismo se entrelaçou em todas as instituições da sociedade. A sociedade como um todo tornou-se cristã. O trabalho missionário da igreja produziu nações cristãs. Nós na América somos herdeiros desta herança.

Isto não estava, obviamente, fora do propósito de Deus. Estas mesmas nações cristãs da Europa e América têm, ao longo dos anos, enquanto preservam uma forma externa de cristianismo, se tornado anticristãs e irão, no tempo de Deus, trazer à cena a grande besta de Apocalipse 13. Mas a partir destas nações o Evangelho foi enviado aos confins da terra, Evangelho pelo qual a Igreja é arrebanhada.

## **Início da Sua Vida**

Um dos grandes missionários que levou o Evangelho às tribos bárbaras na Europa foi um homem com o nome de Bonifácio. Ele nasceu em Crediton, perto de Exeter, no pequeno Reino de Wessex, na terra da Inglaterra, por volta de 675. Foi-lhe dado o nome de Winfrith por seus pais, que pertenciam à nobreza. Pelo fato do sangue real correr em suas veias, ele teve a oportunidade de dedicar-se aos estudos, e recebeu a melhor educação disponível. Em seus primeiros anos, ele provou ser um hábil estudioso e logo avançou em sua carreira. Ele entrou em um monastério onde esteve ativo até o quadragésimo ano de sua vida. No monastério ele foi professor, poeta, gramático e teólogo. Suas habilidades gramaticais eram tão magníficas que ele preparou uma gramática do Latim para o uso na escola. Era como se uma vida pacata de ensino e aprendizagem fossem para ser a sua vocação.

## **Sua Preparação para a Obra Missionária**

Mas então Deus chamou Winfrith para outros labores. Rumores de uma catástrofe que havia ocorrido nos Países Baixos, agora Holanda, atingiram a tranquilidade de seu monastério. Um missionário chamado Willibrord havia trabalhado nestes países. Este fiel servo de Cristo teve algum sucesso em seu trabalho entre as tribos bárbaras que habitavam a terra do extremo oeste da Europa. Mas seu trabalho foi completamente destruído por um feroz rei frísio chamado Radbob, que erradicou todo o cristianismo de suas terras.

Quando Winfrith - Bonifácio, como ele era chamado -, ouviu estes rumores, ele decidiu viajar para os Países Baixos a fim de tentar restabelecer o trabalho. Ele abandonou sua vida de conforto, sua casa e sua terra natal para viajar as florestas e pântanos sombrios do noroeste da Europa, para levar o Evangelho aos ferozes bárbaros frísios. Com dois ou três companheiros, ele partiu e logo desembarcou na costa. Mas seu trabalho teve pouco sucesso, e ele decidiu prosseguir para o interior - no que agora é a Alemanha - para levar o Evangelho.

No entanto, antes de viajar para a Alemanha, Bonifácio decidiu que ele tentaria ganhar o apoio do homem mais poderoso da Europa, com a esperança de que isso o ajudasse em seu empreendimento missionário. Viajando primeiro para o que hoje é a França, ele garantiu o aval de Pepin, o governante dos francos, e em seguida foi para Roma para garantir a aprovação do papa.

Esta última tentativa foi repleta de consideráveis consequências no trabalho de Bonifácio. A fim de compreendermos, nós precisamos saber um pouco sobre o que estava acontecendo ao redor da Europa naquele tempo. As próprias tribos bárbaras estavam constantemente em guerras entre si a fim de expandir seus territórios. Entre os francos um forte governo centralizado estava gradualmente surgindo, e os reis dos francos estavam tentando estender seu império para dentro da Alemanha através da conquista dos saxãos. Um aval do rei dos francos iria, na opinião de Bonifácio, auxiliá-lo no trabalho. Por outro lado, o bispo de Roma estava tentando ampliar sua influência e dominar sob toda a Europa, ele viu o trabalho missionário como um instrumento para conseguir isto. Entre os francos e o papa uma aliança foi estabelecida a qual duraria por séculos. Logo, Bonifácio foi convencido de que receber as credenciais tanto do rei franco quanto do papa de Roma, avançaria seu trabalho grandemente.

Tendo recebido uma recomendação do papa, Bonifácio tornou-se um filho leal da igreja, que lutou com grande energia para avançar a causa do papado na Europa. Ele não toleraria nenhum tipo de oposição a igreja de Roma. Isto o envolveu em contendas com outros missionários que tinham vindo das Ilhas Britânicas ao continente, e que desejavam estabelecer uma igreja muito mais independente de Roma, do que o papa ou Bonifácio desejassem. Estes missionários escoceses e irlandeses se tornaram adversários de Bonifácio.

### **Seu Sucesso na Obra Missionária**

A própria Alemanha ainda estava sob o domínio dos bárbaros. Alguns trabalhos missionários tinham sido feitos lá, mas as constantes guerras entre as tribos, o paganismo em geral e a superstição do povo resultou na destruição, quase que completa, da influência missionária anterior.

Rumo a isso, Bonifácio partiu para pregar o Evangelho. Ele possuía um raro dom de pregação e logo estabeleceu igrejas e monastérios em vários locais diferentes, assim também milhares foram conduzidos à igreja através de seu trabalho. O monastério mais famoso que ele estabeleceu foi em Fulda.

Ele se deparou com uma oposição feroz e sua vida estava constantemente em perigo.

Possivelmente a maior vitória de Bonifácio foi marcada no início de seu trabalho na Alemanha. Os saxãos veneravam um grande carvalho como sendo a árvore sagrada de seu deus Thor, o deus do trovão. O povo não somente adorava a firme e

gigantesca árvore, mas mantinham suas reuniões tribais sob a proteção "divina" de seus ramos. Quando Bonifácio viu que o carvalho era um obstáculo para seu trabalho e que era uma barreira para o recebimento do Evangelho, ele pegou um machado e na presença de uma trêmula multidão de idólatras, ele começou a cortar fora o seu tronco. Enquanto as pessoas ofegantes estavam convencidas que Thor iria vir com julgamento sobre este presunçoso missionário, a árvore foi cortada sem nenhuma intervenção do ídolo pagão. Diz a lenda que um poderoso vento de uma tempestade surgiu no momento em que Bonifácio estava cortando e ajudou-o soprando a árvore e dividindo o carvalho em quatro pedaços de madeira de tamanhos iguais. De qualquer forma, Bonifácio corajosamente usou a madeira de carvalho para construir uma capela no local, para a adoração de Deus.

Como seu sucesso entre os saxãos cresceu, Bonifácio subiu na estima do papa, que o nomeou bispo em 722 e arcebispo em 732. Nesse meio tempo, ele aplicou suas consideráveis habilidades para a organização das igrejas na Saxônia e para a destruição de males. Ele viajou e pregou, presidiu sínodos denominados para corrigir abusos e resolver contendas. Ele foi implacável em seu trabalho de erradicar as superstições e imoralidades que afligiam este povo, e foi totalmente intolerante aos missionários escoceses e irlandeses que desejavam trabalhar com ele, mas que não eram, em seu julgamento, tão leais à igreja de Roma como deveriam ser. Ele extirpou os costumes pagãos, estabeleceu regras de conduta e puniu os homens hereges e ímpios.

Quando Bonifácio já era idoso, o barco dos Países Baixos veio mais uma vez e ele resolveu retornar para o lugar de seus fracassos anteriores. Ele viajou por lá em 754 levando sua mortalha com ele, aparentemente consciente do fato que ele morreria e seria enterrado nos Países Baixos. Ele labutou neste lugar com algum sucesso nas matas e pântanos os quais são hoje a Frísia na Holanda. Mas seu trabalho logo foi interrompido. Os inimigos da fé estavam cientes de seu trabalho e decidiram destruí-lo. Enquanto ele estava perto da vila de Dokkum para batizar um número de convertidos, um bando de ferozes frísios atacou o grupo. Quando os cristãos desejaram resistir e proteger seu líder, ele os advertiu: "*Meus filhos, não briguem; sigamos o exemplo de nosso Senhor no Getsêmani. Logo nós O veremos em Sua glória. Eu tenho ansiado por vê-Lo e estar com Ele. Oremos.*" Enquanto os cristãos se ajoelharam em oração, bradando e clamando o bando os atacou, e mataram Bonifácio e mais cinquenta e uma das pessoas. Ele morreu dia cinco de junho de 754.

## **Avaliação**

Nós certamente gostaríamos de criticar Bonifácio por seus enérgicos esforços para



estabelecer igrejas leais ao papado, e ele deve ser criticado por isto. Porém, ele era um fiel pregador do Evangelho e estava disposto a viver uma vida de dificuldades e auto negação pela causa de missões. No andamento de seu trabalho ele mesmo definiu seus labores:

*"Morrámos pelas santas leis de nossos pais. Não sejamos cães mudos, espectadores silenciosos, mercenários que fogem do mundo, mas fiéis pastores, atentos para com o rebanho de Cristo. Preguemos todo o conselho de Deus para o alto e para o baixo, para o rico e para o pobre, para todas as classes e idades, seja em tempo ou a fora de tempo, na medida em que Deus nos der forças."*

Bonifácio com certeza foi um exemplo daquela mistura de santidade e fraqueza que caracteriza todos os filhos de Deus. Um de seus biógrafos diz:

*"Ele tinha uma inquieta, insegura e complexa natureza, perigosamente devastada pelo negro humor do desespero, e era extremamente discreto e tímido; embora tenha realizado um imenso trabalho, este foi feito quase com relutância, e ele jamais teve a menor vontade de incentivar-se a continuar. Ele era guiado apenas pelos interesses supremos da igreja, mas quando estes estavam em jogo, este tímido homem era levado por seu entusiasmo, e sua ousadia não tinha limites [...]."*

Hoje em dia uma estátua na cidade frísia de Dokkum homenageia o trabalho de Bonifácio. A Holanda não apenas se tornou cristã, mas após a Reforma, o berço da fé reformada.

Deus usa os meios mais fracos para realizar Sua vontade.



# Período Medieval | 750 - 1517



700

**Batalha de Poitiers** • 732

**Alcuin** ★ 735 † 804

750

Reinado de **Carlos Magno** • 768-814

800

**Gotteschalk** ★ 806 † 868

900

1000

**Anselmo** ★ 1033 † 1109

1050

**Primeira Crusada** • 1096-1099

**Bernardo de Claraval** ★ 1090 † 1153

1100

**Segunda Crusada** • 1145-1153

1150

**Pedro Waldo** ★ ---- † 1218

1200

**Francisco de Assis** ★ 1182 † 1226

1250

**Cativeiro Babilônico**  
da Igreja • 1309-1377

1300

A **Peste Negra** começa • 1347

**John Wycliffe** c. ★ 1324 † 1384

**Catarina de Siena** c. ★ 1347 † 1378

1350

**Cisma Papal** • 1378-1417

**John Hus** ★ 1373 † 1415

1400

**Concílio de Constança** • 1414-1418

1450

1500



## **Alcuin - O Educador**

### **Introdução**

No século VIII, o tempo em que Alcuin viveu, a Europa se encontrava em um estado lastimável. No século V o Império Romano caiu diante das hordas bárbaras que se espalharam na Europa, e a antiga cultura greco-romana do Império Romano foi destruída. Em seu lugar, as itinerantes tribos militantes de bárbaros incivilizados habitaram a Europa, e uma grande escuridão se estabeleceu no continente. Embora por volta do século VIII uma grande quantidade de trabalhos missionários tenham sido realizados, a Europa permaneceu, na sua maioria, sob o controle dos analfabetos pagãos supersticiosos, que tinham eliminado toda a aprendizagem e reduziram a Europa ao caos.

Não era como se o trabalho missionário não tivesse sido feito em anos anteriores, mas os bárbaros, que migravam e lutavam constantemente, fizeram com que o trabalho fosse e voltasse como a maré do mar.

Os reis mais poderosos encontravam-se no que hoje é a França. A Dinastia Merovíngia governava lá, ela não era poderosa segundo nosso padrão atual, mas a mais forte dentre todos os bárbaros. Embora as fronteiras nacionais não tivessem sido estabelecidas ainda, o poder dos reis da França se expandiu na maior parte do que hoje é a França, e na Alemanha. Contudo, esta dinastia foi forçada a sair do poder pela intriga papal e a conivência dos altos oficiais do reino. A Dinastia Carolíngia tomou seu lugar.

O maior governante dos carolíngios foi Carlos o Grande, mais conhecido como Carlos Magno. Ele foi o fundador e o primeiro governador do Sacro Império Romano - que algum historiador cômico caracterizou como não sendo nem santo, nem romano e nem mesmo um império. No entanto, o Sacro Império Romano foi importante, pois este era a realização dos sonhos papais: um império político sob o domínio e controle do bispo de Roma, o papa.

Alcuin era o educador deste reino durante o tempo de Carlos Magno.

## Início de Sua Vida

Alcuin nasceu na Inglaterra no ano de 735, no condado de York - hoje conhecido como Yorkshire - perto da cidade de York, onde hoje se encontra uma das grandes catedrais da Inglaterra, Yorkminster. Nascido numa família real, ele ficou órfão na infância, porém foi o herdeiro das muitas posses de seus pais. Por causa da morte prematura de seus pais, ele foi entregue ao monastério de York, já conhecido então como Yorkminster. Ali ele foi bem cuidado pelo prior<sup>21</sup> Ethelbert, que foi também seu professor.

Alcuin logo mostrou sinais de sua grande capacidade e tornou-se um dos favoritos do prior Ethelbert. Ele provavelmente recebeu a melhor educação disponível da Inglaterra na época, pois o monastério em York possuía um das maiores bibliotecas de todo o reino. Ela continha manuscritos dos pais da igreja e de antigos autores romanos, e possibilitou com que Alcuin acessasse ao pensamento clássico romano como também a teologia da igreja. Alcuin encontrou-se em um paraíso literário e devorou avidamente cada pergaminho que ele podia encontrar.

Ela não somente era a melhor biblioteca da Inglaterra, mas o próprio Ethelbert era um grande amante de livros. Periodicamente ele viajava aos monastérios da Europa e a outros centros até o sul da Itália, para procurar por livros. Ele tinha os recursos financeiros disponíveis para gastar uma grande soma de dinheiro na aquisição de livros que, em sua opinião, engrandeceriam a importância de sua biblioteca em York. Quando Alcuin já era um pouco mais velho, ele passou a acompanhar seu mestre nessas viagens e Alcuin ganhou um respeito adicional por causa do amplo conhecimento, da erudição e do infalível instinto por bons livros de Ethelbert.

No ano de 766, Ethelbert tornou-se arcebispo de York e Alcuin tornou-se o diretor da escola do monastério, responsável pela educação oferecida ali. Ele serviu com excelência nesta posição por quinze anos.

Em 780, Ethelbert foi premiado com o "*pálio*" e Alcuin foi enviado a Roma para buscá-lo. O pálio era um traje, parecido com um jugo, usado sobre os ombros, este indicava que a pessoa que o usava tinha uma coparticipação no escritório pontifício. Em tempos mais recentes, todos os arcebispos requerem e recebem um por causa da sua função, mas nos dias de Alcuin esta era uma condecoração de honra. A incumbência de Alcuin era um grande privilégio. Enquanto ele estava em Roma, ele se encontrou com Carlos Magno em uma reunião que mudaria sua vida por completo.

---

<sup>21</sup> No contexto monástico, *prior* é aquele que governa uma abadia - uma comunidade monástica.

## O Trabalho de Alcuin na França

Carlos Magno era um dos grandes reis da Europa. Ele era um homem monstruosamente enorme - 2,13 metros de altura - e era tão grande que precisava um cavalo especial para carregá-lo. Ele era um poderoso homem de guerra que travou muitas batalhas contra os saxões da Alemanha e que por fim, subjuguou-os, forçando-os a tornarem-se cristãos sob penalidade de morte. Ele concedeu a dois mil saxões a escolha de serem batizados ou perderem suas cabeças. Não é difícil de supor qual escolha os saxões preferiram.

Carlos Magno era um homem estranho, com um caráter complicado. Ele era amigo da igreja e, aparentemente, um membro piedoso e fiel. Lê-se em um de seus decretos: "*É necessário que cada homem procure o melhor de sua força e habilidade para servir a Deus e andar nos caminhos de Seus preceitos; pois o senhor imperador não pode vigiar cada homem em sua disciplina pessoal*". A vida privada de Carlos Magno, no entanto, deixou muito a desejar. Ele misturou em seu caráter uma disposição generosa com um ódio assassino e brutal para com seus inimigos. Ele tinha quatro esposas e várias concubinas; e vivia sem moderação. Ele mesmo nunca foi plenamente alfabetizado, embora tenha lutado muito para aprender a ler e escrever. Em seu reino ele inaugurou estradas, prestou atenção aos mínimos detalhes do império, introduziu uma ordem estabelecida no reino e trouxe muitas tribos diferentes de bárbaros a uma união política e econômica. Seu maior interesse era na educação. Ele reuniu junto a si os eruditos mais competentes da Europa e ordenou a educação a todos os homens dentro do seu reino.

Foi em conexão com esta última ordem, que ele persuadiu Alcuin a vir à França e ajudá-lo em seus empreendimentos educacionais.

Carlos Magno estabeleceu, o que podemos provavelmente chamar de, uma corte escolar, na qual Alcuin era o diretor. O próprio Carlos Magno, os membros da família real e a corte vieram para esta escola. Ali, Alcuin iniciou seu importantíssimo trabalho de trazer a educação aos bárbaros da França.

A corte de Carlos Magno era uma corte migratória, movendo-se de um lugar para outro conforme Carlos Magno travava suas batalhas contra os saxões, pois ele procurava trazer um governo eficiente para seu império. Este constante movimento deu a Alcuin a oportunidade de trabalhar no estabelecimento de escolas por toda França e partes da Alemanha, algo no qual ele foi muito bem-sucedido. De 781 a 790 ele ocupou-se neste trabalho. Pelo fato dele sempre ter tido interesse por livros, ele foi

fundamental na construção de bibliotecas a onde estivesse, trazendo para suas escolas importantes obras valiosas de toda a Europa.

Em 790, Alcuin voltou para a Inglaterra, mas retornou para a França em 796, estabelecendo-se em Tours, onde ele inaugurou uma famosa escola monástica e construiu uma extensa biblioteca. Ao dirigir esta escola, ele não desenvolveu apenas teorias educacionais mas também supervisionou a cópia de manuscritos antigos, incluindo os da Bíblia. Estes últimos tornaram-se parte do grande corpo de manuscritos, os quais formam a base para a versão King James da Bíblia em inglês. Ali ele morreu pacificamente no ano de 804.

### **Seu Caráter**

Carlos Magno confiou em Alcuin de tal forma que todos os tipos de responsabilidades árduas e cansativas eram colocados sobre ele. Alcuin participou de diversas controvérsias doutrinárias; era constantemente procurado para aconselhamento em todo tipo de questões políticas; supervisionava diversas empresas imperiais e era convocado a se comprometer quase que ininterruptamente na pregação. Todas estas atividades eram mais do que ele poderia arcar e sua saúde estava severamente prejudicada. Isto pode muito bem ter sido uma das razões pela qual ele se retirou para a Inglaterra e somente retornou para a França quando poderia desfrutar a vida relativamente pacífica do monastério em Tours.

Além de ser o herdeiro da fortuna de seu pai, Alcuin recebeu propriedades adicionais de Carlos Magno em agradecimento por todos os seus labores. A maioria de sua imensa fortuna foi utilizada no pagamento das despesas das escolas que ele construiu e na aquisição de manuscritos para preencher as bibliotecas. Ele era um reformador moral talentoso e foi fundamental para trazer moralidade e piedade aos monastérios e igrejas do Império de Carlos Magno.

Ele foi um homem de caráter manso - disposto, paciente e humilde - e um estudante incansável. Ele dominava o grego, latim e hebraico, como também sua língua nativa e o "*francês*" bárbaro do Império de Carlos Magno. Ele constantemente protestava contra a decisão de Carlos Magno de forçar o cristianismo sobre o conquistado, no entanto com pouco sucesso. Carlos Magno estava demasiadamente embriagado com a ideia de que a cristianização dos pagãos - mesmo que na ponta da espada - era fidelidade à igreja.

Muitas das obras de Alcuin ainda existem. Ele escreveu amplamente nos campos da exegese, teologia, liturgia, ética, biografia e educação. Quase trezentas de suas

cartas ainda estão disponíveis, cartas estas, de grande importância para a compreensão da época em que ele viveu.

### **Sua Influência na Educação**

As teorias educacionais de Alcuin, incluem uma ênfase sobre o conhecimento profundo dos clássicos de Roma, juntamente com um estudo dos pais da igreja e diversas obras teológicas. Este trabalho teve uma grande influência sobre a educação na Europa. Alcuin é realmente o pai do sistema educacional da Europa. Ele iniciou as famosas escolas monásticas, escolas que mais tarde, se transformaram nas famosas universidades da França. Suas teorias de educação e seu desenvolvimento do currículo, continuaram na Europa por centenas de anos e até hoje grande parte da educação deve suas ideias à Alcuin, o educador da França.

Como a Europa foi gradualmente cristianizada sob os esforços da igreja papista, a educação tornou-se uma parte deste processo. É verdade que, depois de Carlos Magno, o Renascimento da França desapareceu e a França afundou em uma escuridão intelectual. O Império de Carlos Magno foi dividido entre os seus três netos, e o grande trabalho de Carlos Magno não perdurou. No entanto, a obra de Alcuin foi preservada nos monastérios, e o tempo de seu pleno florescimento veio quando a Europa emergiu da "*Idade das Trevas*".

Embora Roma estivesse realizando sua vontade na Europa, foi através da educação que a Europa se tornou cristã. A propagação do Evangelho trouxe os princípios do cristianismo aos bárbaros. Juntamente com este Evangelho, as forças da educação avançaram, pois o cristianismo sempre está vitalmente interessado na educação e considera a educação uma parte integrante de seu chamado. Quando a Europa foi civilizada através da educação, ela também foi cristianizada, e os princípios do cristianismo foram entrelaçados no fundamento de todas as instituições da sociedade. Desta maneira a Europa - e América, estabelecida por europeus - tornaram-se as nações cristãs que elas são. No propósito eterno de Deus, isto aconteceu através da educação. Nisto Alcuin desempenhou o papel principal.

## **Gotteschalk - O Mártir da Predestinação**

### **Introdução**

Em uma série de sermões, transmitida por rádio, na década de quarenta, o reverendo Herman Hoeksema declarou que a predestinação é “*o coração do Evangelho*”. Esta preciosa verdade da predestinação foi ensinada na igreja pela primeira vez no quinto século, por Agostinho, bispo de Hipona, que desenvolveu esta doutrina da Escritura em sua controvérsia com os semipelagianos. A Igreja Católica Romana, embora afirmando que Agostinho é um de seus santos e dizendo ser fiel aos ensinamentos de Agostinho, rejeitou a doutrina de Agostinho da dupla predestinação. A Igreja Católica Romana se comprometeu com o semipelagianismo, e este se tornou a opinião predominante e oficial da igreja, uma posição que a igreja papista ainda mantém.

A Igreja Católica Romana não apenas rejeitou a doutrina agostiniana da dupla predestinação, mas - muito pior - perseguiu e matou um ardente defensor desta doutrina, cerca de trezentos anos depois da morte de Agostinho. Esta é a história de um monge relativamente obscuro, chamado Gotteschalk, que deu a sua vida em defesa à uma verdade escriturística que tem sido confessada por toda Igreja Reformada e Presbiteriana em algum momento de sua história. Esta ainda é a confissão daqueles que são fiéis a verdade de Deus.

Este homem, que sozinho na escura e fastidiosa Idade Média se dispôs a dar a sua vida pela verdade, é uma inspiração para todo o povo de Deus que confessa que Deus é soberano tanto na eleição quanto na reprovação.

### **Sua Vida**

Gotteschalk nasceu o ano de 806, na casa de um conde alemão, chamado Bruno. O nome de Gotteschalk, apropriadamente, significa “*Servo de Deus*.” Seus pais, quando deram-no este nome, não faziam ideia de quão apropriado este o era. Quando ele ainda era uma criança, os pais de Gotteschalk o entregaram ao monastério hessiano



de Fulda como uma *oblata* - em outras palavras, como um presente a Deus.

Quando Gotteschalk tinha mais ou menos vinte e três anos de idade, ele se rebelou contra a vida monástica e pediu permissão para ser liberado do monastério. Seu apelo foi feito ao Sínodo de Mainz, que se reuniu em 829. O sínodo concedeu o seu pedido. Entretanto, Rabanus Maurus, o prior do monastério, não concordou com a decisão do sínodo e apelou ao imperador. Ele teve sucesso em seus esforços para manter Gotteschalk no monastério, mas acabou tornando-se inimigo deste fiel servo de Cristo pelo resto de sua vida. Gotteschalk foi, contudo, transferido para o Monastério de Orbais, França, na diocese de Soissons, na província de Reims. Ali, ele foi ordenado ao sacerdócio.

Determinado a fazer de sua vida algo mais do que ser um mero monge, Gotteschalk se aplicou ao estudo dos escritos de Agostinho. Durante este estudo de Agostinho, Gotteschalk ficou surpreso ao aprender que o Bispo de Hipona tinha ensinado a predestinação soberana dupla - eleição e rejeição -, uma doutrina bem diferente do que era ensinado na igreja papista. Depois de estudar as Escrituras, Gotteschalk se tornou convencido de que Agostinho tinha exposto a verdade da predestinação com fidelidade, e tornou-se um ardente pregador ativo desta doutrina. Em seu entusiasmo por causa desta descoberta, ele discutiu o assunto com outros monges e com sucesso persuadiu muitos deles sobre as verdades de sua posição.

Neste período - entre 837 e 847 -, Gotteschalk começou uma série de longas viagens por todo o mundo mediterrâneo, visitando lugares como Itália, Cesaréia, Constantinopla e Alexandria. Onde quer que fosse, ele pregava e ensinava suas ideias sobre a predestinação. Ele estava confiante, embora talvez ingenuamente, que a igreja, depois de ouvi-lo, concordaria com ele e alteraria a sua posição semipelagiana. Ele manteve correspondências com eruditos, debateu com teólogos, pregou ao povo e expunha suas ideias em todas as oportunidades. Ele considerava suas ideias tão essenciais para um entendimento da Escritura e do Evangelho verdadeiro, que pouco poderia falar sobre qualquer outra coisa.

O seu interesse pela doutrina da predestinação não era, contudo, apenas um interesse sem objetivo. Gotteschalk acreditava com todo o seu coração nas verdades da graça soberana e particular. Ele viu, como Agostinho tinha visto, que a predestinação soberana dupla era o fundamento bíblico no qual as verdades da graça soberana baseavam-se.

## **Seu Martírio**

Em 846 e 847, Gotteschalk encontrou abrigo na casa de Noting, o Bispo da cidade de Verônica - Itália. Este foi o início de seus problemas. Ele discutiu sobre a predestinação com o Bispo Noting, expondo como Agostinho tinha ensinado a predestinação soberana dupla, e como estes ensinamentos obviamente concordavam com a Escritura. Mas o Bispo Noting ficou alarmado. Ele escreveu uma carta consideravelmente longa para Rabanus Maurus, o antigo inimigo de Gotteschalk, para inteira-lo sobre o que Gotteschalk estava ensinando e pregando. Maurus, que na época tinha se tornado o arcebispo de Mainz, decidiu silenciar seu monge de um vez por todas. Ele convocou um sínodo em Mainz - ou Mayence - para reunir-se no primeiro dia de outubro de 848, no qual o imperador alemão também estava presente. O próprio Maurus dirigiu o sínodo. Foi pedido a Gotteschalk que apresentasse as suas opiniões, o que ele fez *"na alegre convicção de que aquilo estava de acordo com a doutrina da igreja."*

É impressionante que Gotteshalk, na defesa de suas ideias, não defendeu com ousadia e coragem apenas a dupla predestinação, mas também insistiu que Cristo morreu na cruz do Calvário pelos eleitos somente.

Sob a influência opressora de Maurus, Gotteschalk foi condenado, e suas ideias foram definidas como heresia. Maurus entregou Gotteschalk a Hincmar de Reims, o bispo metropolitano de Gotteschalk. A carta, enviada junto a Gotteschalk, lê-se em parte: *"Nós enviamos a ti este monge vagabundo, para que tu o confines no seu convento e impeças que sua doutrina falsa, herética e escandalosa se propague."*

Hincmar, embora um erudito, era arrogante e cruel. Ele se determinou a não apenas manter Gotteschalk confinado no monastério, mas também a extrair de seu monge uma retratação. Para alcançar isto, Hincmar convocou um sínodo em Chiersy, que se reuniu em 849. Os resultados deste sínodo foram fatais para Gotteschalk e suas ideias. Gotteschalk rejeitou, com coragem e firmeza, a retratar-se das suas opiniões, mesmo em face das cruéis ameaças de Hincmar. Eles adotaram decisões que aprovavam ensinamentos heréticos como a reprovação condicional, a expiação universal e o desejo da parte de Deus de salvar todos os homens. O sínodo depôs Gotteschalk de seu sacerdócio, ordenou que seus livros fossem queimados, ordenou que ele fosse enclausurado em seu monastério, e ordenou que Gotteschalk fosse açoitado publicamente.

O cruel Hincmar ainda não tinha feito tudo o que queria fazer com seu monge *"rebelde"*. Evidentemente incapaz de tolerar qualquer discordância com sua posição, ele estava determinado a forçar Gotteschalk a retrata-se. Entre as paredes do monastério, Gotteschalk foi tão severamente açoitado que ele por pouco não morreu. Mesmo no chão da câmara de tortura, sangrando e quase morto, ele continuou rejeitando voltar atrás em sua posição. Até mesmo a ira violenta de Hincmar não pôde

extrair deste santo uma negação do que ele acreditava ser a verdade de Deus. O tratamento para com Gottschalk foi tão severo, que recebeu o protesto de alguns dos clérigos mais importantes dos seus dias.

Completamente derrotado pela coragem de Gottschalk, Hincmar permitiu que o santo definhasse na prisão. Enquanto preso, depois de recuperar-se do cruel tratamento que recebeu, Gottschalk compôs duas confissões nas quais ele claramente afirmava suas ideias. Nestas confissões, que subsistiram até nossos dias, ele expressou a sua firme convicção que a verdade de Deus iria permanecer. Ele afirmou sua fé na dupla predestinação, na expiação particular de seu Salvador e no propósito e desejo soberano de Deus de salvar em Cristo apenas aqueles que foram destinados à vida eterna; enquanto ao mesmo tempo confessou sua crença que os ímpios são soberanamente condenados ao inferno de acordo com os seus pecados contra Deus.

Depois de vinte anos na prisão, Gottschalk morreu, com a idade de sessenta e dois ou sessenta e três anos, em 868. Hincmar proibiu que ele fosse enterrado em solo sagrado, e a última injúria - morrer fora da igreja - foi lançada sobre ele. Ele foi fiel até o fim, um nobre mártir pela causa da verdade. Ele morreu por uma fé que não seria ouvida na igreja até o tempo de Lutero e Calvino, mais de setecentos anos depois.

## Conclusões

Com a morte de Gottschalk como um mártir, as coisas mudaram de uma forma sinistra na Igreja Católica Romana. Uma vez que a igreja tinha oficialmente condenado a verdade da Escritura e tinha, em seus mais altos níveis eclesiásticos, tolerado a heresia; o resultado foi que daquele ponto em diante a igreja deu sanção oficial a falsa doutrina e estendeu suas asas de proteção sobre aqueles que se opunham à verdade, enquanto aniquilavam os servos de Deus que defendiam a verdade e lutavam por ela com a coragem e ousadia da fé. A igreja se enveredou em um rumo que se prolongou por séculos, até que a Europa fosse banhada com o sangue de inúmeros mártires. Esmagada pela cruel e desprezível Inquisição, a Igreja de Cristo mal pôde sobreviver. Quando Deus trouxe a Reforma no século XVI, as páginas da história da Reforma foram escritas com o sangue de santos que ainda clamam por vingança.

A Confissão Belga descreve a falsa igreja como a instituição que *"persegue aqueles que vivem de maneira santa, conforme a Palavra de Deus, e que lhe repreendem os pecados, a avareza e a idolatria"* (v. Art. 29). A igreja de Roma não mudou em nada sua posição. Nos dias de hoje, ela não pode cumprir os seus desejos; ela esconde sua crueldade atrás de uma máscara de benevolência enquanto fala de *"irmãos*

*errantes*"<sup>22</sup>; mas dadas as devidas circunstâncias - que logo chegarão - ela mostrará suas garras e aqueles que se posicionam pela verdade terão de suportar a fúria completa de seu ódio por Deus.

Gotteschalk foi uma voz solitária em um terreno árido. Sua coragem foi grande e sua morte, a de um mártir. Hans von Schubert estava certo ao escrever sobre Gotteschalk: "*Não é apenas nosso direito, mas também nossa obrigação, considerar este Calvino da Alemanha como um dos primeiros heróis da história de nossa fé.*"

---

<sup>22</sup> Expressão usada pelos católicos romanos para denominar as igrejas provenientes da Reforma.

## **Anselmo - O Arcebispo da Cantuária**

### **Introdução**

A Idade Média, a partir do tempo de Agostinho, bispo de Hipona, até o tempo da grande Reforma, foi um período de escuridão espiritual. A Igreja Católica Romana era a governante suprema da Europa. É difícil encontrar a verdadeira igreja durante a maior parte deste turbulento período. É provavelmente sobre este período, juntamente com outros, que a Confissão Belga refere-se no Artigo XXVII:

*"E sua santa Igreja é preservada e suportada por Deus, contra a fúria do mundo inteiro; embora ela as vezes - por um tempo - pareça bem pequena, e aos olhos humanos, esteja reduzida ao nada: como durante o perigoso reinado de Acabe, o Senhor guardou para Si sete mil homens, que não ajoelharam-se à Baal."*

Em nossa discussão sobre os homens ilustres da igreja, é difícil encontrar homens sobre quem escrever neste período, que foram genuinamente homens de Deus, ou seja, homens que defenderam com firmeza a verdade e que representaram a causa de Deus sem adições das errôneas práticas e heresias do catolicismo romano. Em suma, houveram poucos, se algum, que fossem em todos os aspectos, fiéis à Palavra de Deus.

Portanto, se tratando de homens deste período, temos de lidar com homens que carregavam consigo o fardo do erro papista. Mas, apesar disso, eles foram homens que, por uma razão ou outra, foram homens ilustres na história da igreja, ou que foram representantes de diversas linhas de pensamento nos dias em que viveram. Teremos de tolerar seus erros.

Anselmo, o arcebispo da Cantuária, era um desses homens.

### **Início de Sua Vida**

Anselmo nasceu em 1033 em Aosta, no norte da Itália, à sombra dos altíssimos Alpes. Sua mãe, Ermenberga, era uma mulher piedosa e temente a Deus, que deu ao seu filho o ensinamento espiritual, uma vez que isso era importante para a educação religiosa de uma criança nascida na igreja. Seu pai já era outro assunto. Chamado Gundulf, ele era um homem nobre, completamente mundano e rude, que tentava dominar a vida dos outros e que não tinha compaixão nem dó no tratamento para com seus conhecidos. Ermenberga viveu com o "*Nabal*" de sua época. A insensibilidade espiritual de Gundulf mudou quando ele estava em seu leito de morte; e pouco antes de morrer ele tornou-se um monge a fim de escapar, se possível, dos tormentos do inferno.

Parece que Anselmo, desde sua juventude, era um garoto sensível e de alguma forma inclinado ao misticismo, o qual se deleitava em contemplar os altos cumes das montanhas em seu jardim como um meio para trazê-lo mais perto de Deus. Em suas próprias palavras, embora não tivesse ainda quinze anos, ele buscava "*moldar sua vida segundo Deus*".

Isso logo o colocou em um conflito tão violento com seu pai, que ele saiu de casa para nunca mais voltar, e fugiu para Normandia, na França, longe ao norte e oeste. Lá ele encontrou o que tanto ansiava e tornou-se um monge no monastério dominicano em Bec. Foi a graciosa providência de Deus que o levou para lá, pois ele veio a ser, sob a influência do grande Lanfrac, um dos mais ilustres homens de sua época. Lanfrac era o prior, ou cabeça governante, do monastério. Ele tomou Anselmo sob suas asas, para dar-lhe a educação que o prepararia para o chamado de sua vida.

### **Sua Vida Como um Monge**

Quando Lanfrac deixou a França para se tornar arcebispo da Cantuária na Inglaterra, Anselmo foi nomeado prior no lugar de Lanfrac. A reputação de Anselmo como um erudito, um homem de intelecto brilhante, um teólogo de grande estigma e ainda um homem gentil e amável, já havia capturado a atenção dos líderes da Europa. Ele serviu como prior em Bec de 1078 a 1092. Durante este período ele escreveu muitas de suas obras.

Em 1092, ele também foi chamado à Inglaterra, onde sua reputação o precedeu. Ele foi a pedido do conde de Chester, o qual desejava o socorro de Anselmo em sua enfermidade. Anselmo não ficou ocioso na Inglaterra, mas gastou seu tempo organizando o Monastério de São Werburg em Chester. Porém, depois de um ano, Lanfrac morreu e Anselmo foi nomeado, mais uma vez, para o lugar de Lanfrac; mas

desta vez como arcebispo da Cantuária. Ele tomou esta posição com grandíssima relutância pois o arcebispado da Cantuária era o posto eclesiástico mais alto da Inglaterra, e toda a responsabilidade pelo bem-estar da igreja cairia sobre seus ombros. Ele foi ordenado para este ofício no dia quatro de dezembro de 1093 e serviu ali por dezesseis anos, até sua morte no dia vinte e um de abril de 1109. Ele serviu com excelência, e tem sido lembrado na história como um dos grandes homens da igreja da Idade Média.

Nós precisamos tentar reviver um pouco a pessoa de Anselmo.

### **Professor e Pastor**

Há muitas diferentes facetas de seu caráter. Anselmo era um homem amável, visualmente mais parecido com sua mãe do que com seu pai. Esta ternura foi demonstrada em seu amor por animais. A história conta que enquanto ele era arcebispo da Cantuária, ele estava montado em seu cavalo de Windsor, quando um coelho achou refúgio de seus caçadores sob seu cavalo. Ele desceu de seu cavalo em lágrimas, pegou o coelho tremendo, e repreendeu asperamente os caçadores, comparando o estado do coelho com o estado de um homem morrendo que teme o tormento da punição por vir. Anselmo não era um grande pregador; sua força estava em seu estudo, ensino e orientação aos aflitos. Ele conseguia entrar na mente de seus alunos, antecipar e responder as perguntas que eles não ousavam fazer. Ele mantinha uma disciplina que era sábia e justa. Quando um companheiro do monastério reclamou que por mais que ele batesse, ele não conseguia aprimorar seus meninos, Anselmo respondeu: "*Você já tentou não bater neles?*" Ele certamente estava além de seu tempo na educação, e era um dos mais populares professores de seus dias. Desde que Anselmo entendeu os problemas das lutas espirituais contra o pecado e a dúvida, ele foi capaz de aconselhar almas atribuladas que buscavam sua ajuda. A estes, ele dava conselhos, elogios, conforto, repreensão e carinho. Ele manteve uma vasta correspondência na qual sempre era compreensível e amável, porém firme, quando necessário. A um aflito monge ele escreveu: "*Dos maus feitos, nós devemos nos arrepender e abandoná-los antes de morrer: a fim de que o dia não nos encontre neles. Mas quanto as boas obras, nós devemos perseverar até o fim, para que nelas, nossas almas sejam alimentadas a partir da vida.*"

Anselmo também era dado às obras de misericórdia. Seu grande deleite era cuidar dos doentes nos hospitais de sua época e tomar conta dos pobres. A única coisa que o irritava era a ganância e a imoralidade de seus companheiros monges.

Ele era um homem extremamente moderado, que suportava facilmente as loucuras de

seus companheiros. A história conta que no Sínodo de Rockingham em 1095, durante um período de implacável controvérsia entre os delegados, Anselmo foi pego dormindo com um sorriso no rosto.

## O Homem da Igreja

Anselmo encontrou-se profundamente envolvido na controvérsia da investidura na Inglaterra. Embora esta controvérsia tenha sido complicada, abrangendo muitos séculos, suas questões básicas são facilmente compreensíveis. Muitos do alto clero da igreja papista eram também senhores feudais, que administravam extensas propriedades. O papa queria controlar o clero, algo que ele somente conseguiria fazer se possuísse o direito de ordenar o clero para os cargos. Por outro lado, os reis da Europa também queriam ordenar o clero, pois este mesmo clero era composto por governantes seculares que governavam sob a autoridade do rei.

O ponto principal, como é normalmente o caso, era dinheiro. Tanto os papas queriam que o dinheiro fosse para dentro dos cofres de Roma, quanto os reis queriam que o dinheiro viesse para o tesouro real. Logo, assim como hoje em dia, o amor ao dinheiro foi a raiz de todos os males.

Como membro leal da igreja, Anselmo fez o que pôde para frustrar as ações de William Rufus - o filho pródigo de William, o Conquistador - e Henry I, ambos que insistiam no direito de ordenar o clero. Em sua lealdade ao papa, ele foi forçado a fugir da Inglaterra em duas diferentes ocasiões a fim de salvar sua vida. Parte de seu mandato como arcebispo foi gasto em exílio na França.

## O Teólogo

Anselmo também era um pensador de grande estigma. Ele é, na verdade, frequentemente chamado de "*o pai dos escolásticos*". Enquanto muitos de sua época colocavam a razão antes da fé, Anselmo seguiu o ditado: a fé precede o conhecimento. "*Eu não busco por conhecimento*" ele escreveu "*a fim de que eu creia, mas eu creio para que eu entenda, pois disso estou certo, que, se eu não cresse, eu não entenderia*". Certamente neste aspecto, ele estava no caminho certo. Mas ele nem sempre foi fiel ao seu próprio compromisso.

Anselmo é o pai da, assim chamada, prova ontológica para a existência de Deus. Na tentativa de provar a existência de Deus através da razão, ele argumentou que todos



os homens têm uma ideia em suas mentes do "*mais perfeito ser*". Não obstante, então ele argumentou, aquele que é o mais perfeito ser, precisa existir de fato, bem como em pensamento. Uma vez que Deus é o mais perfeito ser, Deus precisa existir. Os filósofos por séculos lutaram contra esta "*prova*" da existência de Deus, e esforços estavam constantemente sendo feitos para mostrar o erro de Anselmo. Além de toda a questão, se a prova de Anselmo é sólida ou não, o fato é que, como cada filho de Deus sabe, Deus é tão formidável que Ele está fora do alcance da prova humana. Ele é Deus. Apenas se pode conhecer e acreditar n'Ele através da fé.

Em toda a Idade Média, quase nenhum avanço foi feito com relação à verdade da Escritura. Anselmo se destaca como uma exceção. Se ele não for digno de nosso respeito por nenhuma outra razão, nós devemos reconhecê-lo por sua doutrina do sacrifício expiatório de Cristo. Ele levou esta verdade muito além do que qualquer coisa que a igreja houvera confessado antes de seu tempo. Ele desenvolveu sua visão em um importante livro chamado *Cur Deus Homo? - Por que Cristo se Tornou Homem?*. Ele respondeu sua própria pergunta, argumentando que a encarnação e expiação de nosso Senhor Jesus Cristo foram necessárias por causa da justiça de Deus. Não precisamos ir a fundo em seus argumentos aqui, pois isto foi substancialmente retomado por nosso próprio Catecismo de Heidelberg no quinto e no sexto dia do Senhor<sup>23</sup>. Ler estas seções, é ler um breve resumo do argumento de Anselmo. Sua grande compreensão sobre estas verdades tornaram-se parte da herança confessional das Igrejas Reformadas.

## O Santo Atribulado

Anselmo escreveu muitas meditações e orações. É esclarecedor lê-las. Sendo um discípulo de seu tempo, ele direcionava suas orações à Maria e a muitos outros santos. Elas são repletas de profunda compreensão do pecado, da luta que o cristão experimenta em sua batalha contra o pecado e de seu desejo por perdão e santidade. Elas exalam um espírito de genuína devoção e piedade.

E ainda há uma característica das orações de Anselmo que não pode escapar à atenção do leitor: ele nunca alcançou a segurança. Ele nunca alcançou conforto e paz. Sempre buscando, nunca alcançando, ele continuou perdido no que é praticamente um desespero sombrio sem esperança. Damos aqui algumas citações de seus escritos. Em uma oração ao santo João, o Evangelista. Anselmo orou assim:

---

<sup>23</sup> A divisão do catecismo em "dias do Senhor" foi feita por Frederico, o Piedoso, a fim de que este pudesse ser estudado em um ano.

*"Jesus, contra quem tenho gravemente pecado,  
 Senhor, a quem tenho perversamente desprezado.  
 Deus onipotente, cuja ira tenho despertado com meu orgulho;  
 Tu és o amado de João, seu abençoado apóstolo,  
 E a ele, o seu aterrorizado acusado foge.  
 Seu pecador, seu ofensor, por maior que seja sua malvadeza,  
 Por mais que seja grande sua desgraça,  
 Mantenha o nome de seu amado  
 Entre ele e a sentença ameaçadora  
 De Seu justo julgamento.  
 Por meio daquele abençoado amor,  
 poupe aquele que busca a proteção de João.  
 Senhor, por qual nome você terá misericórdia dos pecadores  
 se você condenar alguém que ora em nome de seu amado?  
 Senhor, sob qual abrigo há proteção,  
 se sob o nome de seu amado há punição?  
 Onde existe refúgio, se junto a seu amado há perigo?  
 Senhor, não sinta ódio por aquele que foge para seu amado.  
 Senhor, não deixe minha iniquidade auxiliar para condenação [...]."*

Ou, novamente, em uma oração ao São Nicolau:

*"Mas se Deus desprezar-me, quem irá favorecer-me?  
 Se Deus virar seu rosto para mim, quem olhará para mim?  
 Se Deus me odiar, quem ousará falar a meu favor?  
 Oh Deus, 'misericordioso e compassivo',  
 Tu realmente repeles alguém que retornaria a Ti, de modo que  
 não possas suportar ser misericordioso com aquele que se apegava a Ti?  
 Tu amaldiçoarás alguém que que tem Te entristecido  
 tanto que Tu não ouvirás nenhum de seus amigos em seu favor?"*

Isto é instrutivo e ainda inevitável. Dentro do contexto do pensamento papista, o verdadeiro conforto está além do alcance do pecador, pois ele precisa merecer paz com Deus através de suas próprias boas obras. Isto tudo nos faz lembrar das grandes lutas de Lutero. Dentro do catolicismo romano, o conforto é impossível.

O desespero destas orações destaca a grandeza do Evangelho da Reforma que caiu como um trovão na Europa. Nós temos, os reformadores insistiam, um Evangelho que traz paz para o povo de Deus. Nós temos conforto. Você consegue imaginar o grande poder, sobre as multidões desesperadas da Europa, daquela simples pergunta e resposta com a qual nosso Catecismo de Heidelberg inicia?

*"Qual é o teu único conforto na vida e na morte?  
Que eu pertenço [...] ao meu fiel Salvador Jesus Cristo."*

Isso é tudo. Isso é o suficiente. No entanto, Anselmo nunca veio a conhecer o que é isso.

## **Bernardo de Claraval - O Pregador e Reformador Monástico**

### **Monastérios**

É impossível entender a história da igreja na Idade Média sem ter alguma ideia do monasticismo. O monasticismo era tão comum, era uma parte tão importante da vida medieval, tão influente na história da igreja deste período, que todo o aspecto da vida na igreja era moldado e formado nos monastérios. Embora o monasticismo tenha começado bem cedo na história da igreja - este já estava presente no terceiro século -, o monasticismo alcançou o ponto mais alto de sua influência na Idade Média. Foi através do estabelecimento de monastérios que o Evangelho foi espalhado por toda a Europa bárbara. Pequenos grupos de monges entravam em florestas densas da Europa, estabeleciam uma pequena comunidade monástica e faziam daquela comunidade o centro do empreendimento missionário.

Os monastérios eram encontrados aos montes por todo o continente. Enquanto as eras sem vida da história medieval tomavam seu rumo, estes monastérios se tornaram os centros da vida da igreja. Milhares eram atraídos a eles e o adentravam para achar uma vida espiritual verdadeira. Pessoas de todas as classes sociais faziam votos monásticos: do mais pobre ao mais rico e poderoso, do fraco e insignificante aos príncipes e governantes da Europa. Aqueles que pessoalmente não entravam para os monastérios eram frequentemente tão influenciados por eles que doações enormes de terra, dinheiro, ouro, prata e livros eram feitas a eles. É estimado que, a certa altura, os monastérios eram donos de um quinto das propriedades de terras na Europa.

Inevitavelmente, esta acumulação vasta de riquezas levou à depravação espiritual e moral. O resultado foi que o movimento monástico passou por períodos de decadência e reforma, reforma tal que acontecia frequentemente através do estabelecimento de novas ordens monásticas. Cada uma destas novas ordens crescia rapidamente, até que, frequentemente, chegasse aos milhares de monastérios individuais, alguns compostos de homens, outros de mulheres.

Cada monastério tinha sua própria ordem ou governo, embora todos concordassem que os votos de pobreza, castidade e celibato eram os votos principais que iniciantes

tinham de fazer para fazerem parte do monastério.

Nestes monastérios seriam encontrados tanto o melhor quanto o pior de tudo que caracterizava a igreja medieval. Os monastérios representavam o pior de toda vida eclesiástica quando declinavam espiritualmente e os internos se tornavam culpados de todo pecado desprezível debaixo do céu. Às vezes, eles eram fossas de iniquidade, cheios de glotonaria e bebedice, de imoralidade grotescas de todos os tipos e de quase completa ignorância e superstição. Os monastérios produziam um tipo de meio-clérigo, homens que não eram nem sacerdotes nem leigos, mas que frequentemente interferiam nos labores eclesiásticos dos membros do clero. Eles eram vagabundos que perambulavam pela Europa, pregando e administrando os sacramentos como lhes aprazia, hipnotizando o povo com supostos milagres e enchendo-os com todo tipo de superstição. Eles eram ricos e indiferentes, sempre influenciando em questões eclesiásticas pelo poder de sua riqueza. Os monges também eram um tipo de exército permanente para o papado, pois eram invariavelmente leais ao bispo de Roma e serviam-lhe com um fervor e zelo extremo. Os malvados papas podiam usar estes monges para impor sua vontade sobre clérigos obstinados, reis, nações e bispados. E, com certeza, o monasticismo foi construído sobre uma base completamente antibíblica: que a santidade verdadeira apenas poderia ser obtida através de uma fuga do mundo.

Ao mesmo tempo, o monasticismo também representava o melhor da igreja. Os monastérios que não eram cheios de corrupção, eram lugares de quietude e abrigo espiritual na confusão da tumultuosa Europa, enquanto bárbaros selvagens dominavam por todo o continente. Eles eram lugares onde homens e mulheres se dedicavam ao cultivo da verdadeira piedade através da oração, meditação na Escritura e a disciplina da vida de auto negação. Os monastérios eram ilhas de segurança e paz nos mares tempestuosos da vida na Europa. Eles proviam abrigo ao desabrigado, hospitais aos doentes, escolas para aos leigos, pousadas aos viajantes, lugares de segurança fora do alcance de bandos selvagens de salteadores e guerreiros. Eles produziram as grandes catedrais e universidades da Europa. Eles desenvolveram as ciências da pecuária e agricultura. Produziram muitas das artes e do artesanato que depois se tornariam em indústrias. Neles, livros eram preservados e copiados, especialmente a Escritura. É devido ao trabalho árduo de monges escribas que temos hoje manuscritos precisos da original e inspirada Escritura. Seu movimento reformatório servia frequentemente como diques para os maremotos de corrupção que quase submergiam a igreja.

## **O Início da Vida de Bernardo**

Neste contexto, Bernardo nasceu. Nascido no castelo de Fontaine-les-Dijon em Borgonha, na França, em 1090, era de uma família que pertencia a nobreza mais baixa, uma família caracterizada por um estilo de vida modesto, algo que provavelmente chamaríamos de piedade dos velhos tempos. Seu pai, Tescelin, foi à primeira cruzada, e foi um da pequena minoria que retornou. Sua mãe foi para Bernardo o que Mônica foi para Agostinho, pois Alethea era uma mulher de uma rara piedade.

Embora treinado como um homem nobre, Bernardo logo deixou desta vida e entrou no monastério cisterciense recém organizado. Ele tinha vinte anos de idade. Ele entrou no monastério com entusiasmo, tomando consigo seus cinco irmãos e outros trinta homens que ele havia persuadido a entrar. Ele era um monge fanático que se dedicava tão completamente à auto negação que estragou sua saúde permanentemente, algo de que, mais tarde, arrependeu-se. Aos vinte e cinco, ele foi enviado pelo seu superior para organizar um novo monastério em Claraval, o qual se tornou o centro de suas atividades até sua morte em 1153, com sessenta e três anos de idade.

Ele, dedicando sua vida ao ideal monástico, organizou mais setenta outros monastérios e liderou mais noventa. Seus monastérios não eram lugares para ociosidade, pois era requerido de todos os monges sob sua liderança que trabalhassem do nascer ao pôr do sol, e tudo isto mantendo seus votos monásticos. Seu novo movimento tornou-se um instrumento para reformar a vida monástica em geral e revitalizar uma instituição que havia caído em descrédito.

## Sua Influência

De seu monastério, Bernardo teve uma influência tremenda sobre toda a vida da igreja. A nobreza da Europa e os prelados<sup>24</sup> da igreja buscavam seus conselhos, do mais alto ao mais baixo vinha a ele para receber conselhos. Ele também não temia papas, um dos quais foi severamente repreendido por Bernardo pela sua vida dissoluta.

Um historiador escreve:

*"Embora ele nunca tenha buscado por altas posições, de seu monastério ele aconselhava reis e papas, e era praticamente o rei não nomeado da Europa. O fato de que um monge que mal saía de seu monastério pôde*

---

<sup>24</sup> Altos cargos eclesiásticos na igreja de Roma.

*exercer tamanha influência, testifica do tremendo respeito com que os líderes espirituais eram tidos. A habilidade de um homem sem ofício ou poder político de mudar a história apenas pelos seus ensinamentos e exemplo, não tem paralelos até o século XVI, quando Martinho Lutero iria mais uma vez transformar a Europa o seu púlpito e sua cadeira de professor, em uma pequena cidade na Saxônia."*

Bernardo não era um teólogo de pouca habilidade. Ele não apenas se opôs a heresia toda vez que se deparou com uma, mas também foi um inimigo de muitas das doutrinas papistas que desde então têm sido incorporadas no pensamento católico romano. Ele se opôs a doutrina da concepção imaculada de Maria; lutou contra a justificação pelas obras em adição da fé, contra o purgatório, contra todas as obras de supererrogação<sup>25</sup> e contra a doutrina da transubstanciação, que na época, ainda estava em desenvolvimento.

## O Pregador

Bernardo era acima de tudo um pregador. Seus oitenta e seis sermões em Cantares de Salomão ainda estão disponíveis. Foi particularmente a sua pregação que teve tal impacto sobre a igreja. Ele era um homem tão piedoso que Lutero falou sobre ele: "*Se um dia já existiu um monge que temeu a Deus, este foi São Bernardo; a quem, sozinho, tenho com uma estima muito maior do que a todos os monges e padres em todo globo.*" E sobre a pregação de Bernardo, Lutero disse: "*Bernardo é superior a todos os doutores em seus sermões, até mesmo ao próprio Agostinho, porque ele prega Cristo da forma mais excelente.*" De fato este é um grande elogio, vindo de um dos maiores pregadores da igreja, e de alguém que rejeitava os monastérios. "*Bernardo*", diz Lutero em outro lugar, "*amou a Cristo mais do que ninguém*".

Que Cantares de Salomão chamava sua atenção não é uma surpresa, pois Bernardo amava a criação de Deus. Ele escreveu:

*"Tu encontrarás, algo maior nas árvores do que nos livros. As árvores e rochas ensinar-te-ão o que tu não podes ouvir de professores humanos. E não penses que tu não podes tirar mel de rochas ou óleo das pedras mais duras!"*

Um homem que desfruta do mundo de Deus não pode ser totalmente mal. Em outros

---

<sup>25</sup> Doutrina católica romana na qual se afirma que a igreja possui um tesouro espiritual em méritos, que se acumulou devido aos santos e mártires que possuíam mais méritos do que era o necessário para sua própria salvação. Supostamente, estes méritos podem ser concedidos aos fiéis pelo papa.

momentos, Bernardo podia se perder tão profundamente em suas meditação que poderia viajar por todo o dia pelas margens dos belos lagos de Genebra e estar tão absorto na paisagem ao seu redor, que no final do dia teria de perguntar a seus companheiros sobre o que eles viram na jornada.

Talvez um dos aspectos mais interessantes da vida de Bernardo foi a sua comissão, dada pelo papa, de pregar a favor da segunda cruzada, uma daquelas estranhas "*guerras santas*", lançadas pelo papado no esforço de arrancar a terra santa das mãos dos turcos do Império Seljúcidas. Embora a primeira cruzada tenha terminado em vitória para a igreja, alguns anos depois, Edessa, na Síria, cedeu novamente aos muçulmanos. Na tentativa de persuadir, através de sua pregação, o povo a ir para a nova cruzada, ele influenciou tantas pessoas em Vitry a juntarem-se a cruzada que ele teve que cortar o seu próprio manto em pedaços para fazer cruzes para as pessoas. Concondar em ir para uma cruzada era "*tomar a cruz*". Isto era feito literalmente costurando um pedaço de pano na forma de cruz nas roupas dos voluntários. Os esforços de Bernardo também voltaram-se em direção a Conrado III, o poderoso rei da Alemanha. Conrado estava relutando em ir, mas por fim foi levado às lágrimas pelas descrições vívidas de Bernardo dos tormentos eternos, e pelos lembretes eloquentes de todas as bondades de Deus ao rei Conrado. Em uma explosão ardente, Conrado clamou: "*Eu reconheço os presentes da misericórdia divina e eu não mais irei permanecer ingrato por eles. Estou pronto para o serviço que Ele próprio me exortou*".

Bernardo sentiu sutilmente a humilhação da derrota desta cruzada, mas ele a atribuiu aos pecados dos soldados das Cruzadas e do mundo cristão. "*Os julgamentos do Senhor são justos,*" ele escreveu, "*mas este é um abismo tão profundo que eu ousou pronunciar: bem-aventurado aquele que não está escandalizado por isto*".

Bernardo também era um talentoso escritor de hinos. O hino conhecido, "*Oh Sacred Head Now Wounded*"<sup>26</sup>, é uma adaptação de um hino original de Bernardo. E um de seus melhores hinos contém esta bela estrofe:

"Jesus,  
Tu, dos corações amorosos, alegria;  
Tu, Fonte de Vida;  
Tu, dos homens, Luz;  
Da melhor felicidade que dá a terra aqui,  
Dirigimo-nos, vazios, de novo a Ti."

---

<sup>26</sup> Em português, sob o nome: "*Oh, Sagrada Cabeça Agora Ferida*".



## **Conclusão**

Embora o fanatismo de Bernardo pela vida monástica levou-o a aprovar a perseguição daqueles que se opunham à Igreja, ele apresentou, como um todo, o melhor do monasticismo, e é uma evidência do fato de que Deus algumas vezes preservou Sua Igreja, durante estes tempos atribulados, dentro das quatro paredes dos mosteiros da Europa. Ele não pensava que era possível viver uma vida que agradasse a Deus em qualquer outro lugar se não em uma fria e sombria cela monástica, mas talvez, em seu tempo, isso pode ter estado perto da verdade.

## Francisco de Assis - O Santo Medieval<sup>27</sup>

### Introdução

A lenda começou no dia que Francisco morreu. Ele foi canonizado - em 1228 - pela igreja medieval; artistas e poetas contribuíram com esta beatificação concedendo a Francisco um lugar incomparável na história do cristianismo. O pintor Giotto retratou-o como um dos que mais sofreu as dores de Cristo. Dante colocou-o acima de doutores e fundadores de ordens medievais na sua obra "*Divina Comédia*" - c.1305. Francisco foi tão exaltado como o perfeito imitador de Cristo que os reformadores protestantes acreditavam que a memória dele tinha usurpado o lugar de Cristo na devoção popular.

A história de Francisco de Assis é uma daquelas histórias estranhas e perturbadoras que geram em quem as lê, admiração misturada com perplexidade. Sua vida era, em alguns aspectos, o que deveria ser a vida cristã; em outros aspectos era tão contrária à piedade genuína que pode levar alguém a reagir com certa repulsa. Esta foi a vida de um santo medieval incomum.

### Início da Sua Vida

Francisco nasceu em 1182, e era filho de pais ricos que viviam em Assis, uma importante cidade no centro da Itália. Seu pai, Pietro de Barnadone, era um comerciante de tecidos que viajava para muitos lugares, principalmente à França, a fim de aumentar a fortuna da família. Sua mãe, uma aristocrata de nascimento, chamava-se Pica, e desfrutava a vida social de sua cidade, enquanto tinha pouca, se alguma, influência significativa no desenvolvimento da vida espiritual de seu filho mais velho. Francisco foi batizado de Giovanni, mas rebatizado Francisco, aparentemente

---

<sup>27</sup> O autor está completamente ciente do fato que Francisco era um católico romano e que cria nos erros ensinados pelos romanistas. Sua inclusão neste livro foi a fim de demonstrar que o seu misticismo dominou sua vida de tal forma, que ele raramente ensinou os erros papistas na doutrina. Sua ênfase era em uma vida piedosa, e ele tem sido influente sobre o pensamento protestante até o presente. Não obstante, sua inclusão na obra não deve ser entendida como uma aprovação de suas crenças errôneas.

para expressar o amor de Pietro pela França.

Francisco recebeu a educação disponível aos ricos e à elite, mas pouco beneficiou-se dela. Pois estava demasiadamente entretido com a maravilhosa vida do filho de um rico comerciante e com as façanhas juvenis de quem não tem nada para a fazer com o seu tempo a não ser arranjar encrenca.

A Itália não era, em hipótese alguma, uma nação unificada, e a rivalidade entre várias cidades comerciais era feroz. A rivalidade entre a cidade de Assis e Perúgia, uma cidade comercial próxima, era tão forte que uma guerra estourou. Francisco prontamente juntou-se a forças de Assis e cavalgou para a batalha. Ele foi capturado e mantido refém por um ano, mas foi solto quando pagaram um resgate por ele. Ele tinha mais ou menos vinte e um anos nesta época.

## Sua Conversão

Parece que Francisco entrou num período de luta espiritual e de dúvida cruel neste tempo. Embora quisesse lutar de novo, ele foi dissuadido por uma inquietação interna, a qual fez com que sua vida passada parecesse inútil e vazia, mas que não lhe deu nenhuma direção quanto ao seu futuro.

Em 1205, Francisco viajou para Roma em uma peregrinação e passou algumas horas agradáveis nos santuários sagrados do centro da cristandade. Mas um incidente o perturbou além da razão. Ao encontrar um leproso mendigando nas ruas, ele foi comovido pela miséria deste desprezado membro da sociedade, e depois de esforçar-se para beijar a mão do leproso, trocou suas próprias roupas pelos trapos do leproso a fim de experimentar em si mesmo o que era a miséria.

Retornando a Assis, enquanto Francisco orava na Igreja de *Saint Damian* ele ouviu Cristo lhe dizendo para reconstruir a casa de Deus. Isso pareceu fazer algum sentido para ele, porque a pequena capela de *Saint Damian* era humilde, rudemente decorada e com necessidade de alguns reparos. Mais tarde, ele entendeu que Cristo estava se referindo à corrupta igreja medieval, em vez da capela em que estava orando. Mas, naquele momento, ele decidiu que iria dedicar-se à reconstrução da capela e que ajudaria nas necessidades dos excluídos que viviam às margens de Assis.

O problema era que ele precisava de dinheiro para este projeto, e então, para financiar o seu trabalho, ele vendeu todos os seus bens e alguns dos tecidos de seu pai. Seu pai não tinha isso por alto estima, e ficou na verdade, desgostoso com um

filho que lhe parecia ser um preguiçoso leviano. Pietro levou o assunto ao bispo local, acusando o seu filho de roubo. Francisco foi ordenado pelo bispo a devolver o dinheiro que pertencia a seu pai e fazer a restituição adequada. Naquilo que só pode ser interpretado como um gesto de desafio, Francisco, despindo-se de cada peça de roupa de seu corpo, jogou tudo o que tinha em uma pilha, e disse ao bispo para dar a seu pai, enquanto ele deixava a casa completamente nu. As palavras dele foram: *"Até esse momento, eu tenho chamado Pietro Barnadone de pai, mas agora desejo servir a Deus e dizer nada mais do que: 'Pai nosso que estás no céu'"*. Até onde sabe-se, a partir deste dia ele não teve mais nenhum relacionamento com seus pais.

## Sua Vida Monástica

No entanto, este incidente foi um divisor de águas em sua vida. Depois de passar alguns anos com os leprosos na aldeia vizinha de Gubbio, ele voltou a Assis para reconstruir algumas igrejas e viver como um eremita. Assim, a pobreza se tornou para ele um modo de vida. Em 1208, ele ouviu um sermão sobre Mateus 10 do verso 7 ao 19, que dizia:

*"Por onde forem, preguem esta mensagem: o Reino dos Céus está próximo. Curem os enfermos, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça; deem também de graça. Não levem nem ouro, nem prata, nem cobre em seus cintos; não levem nenhum saco de viagem, nem túnica extra, nem sandálias, nem bordão; pois o trabalhador é digno do seu sustento."*

Especialmente a chamada para pregar e viver uma vida de pobreza, arderam como fogo em sua alma.

Daquele dia em diante, ele passou a ser um pregador itinerante, que literalmente não possuía nada. Outros, atraídos a ele, logo começaram a acompanhá-lo. O primeiro a unir-se a ele foi um vereador extremamente rico chamado Bernard, que a princípio duvidou da sinceridade de Francisco. Como a história conta, ele convidou Francisco para passar a noite em sua casa. Ele deu a Francisco o seu próprio quarto, em uma casa luxuosamente decorada, e observou o que Francisco faria a noite. Assim que a casa ficou em silêncio, Francisco se levantou de sua luxuosa cama e passou o resto da noite de joelhos em oração. Bernard foi convencido, e após vender todos os seus bens, juntou-se a Francisco como um pregador itinerante. Quando mais pessoas se juntaram, eles passaram a chamar a si mesmos de *"os pequenos frades"* e pediram permissão do papa Inocêncio III para serem reconhecidos como uma ordem monástica. A história conta que o papa Inocêncio III - o mais poderoso papa que o

mundo já viu, e a imagem mais nítida do anticristo até hoje -, nenhum um pouco impressionado com o que lhe parecia ser nada mais que um grupo de mendigos, disse para Francisco ir chafurdar com os porcos e pregar para eles. Apesar de Inocêncio ter expressado seu desprezo, Francisco seguiu suas instruções e voltou com o mesmo pedido, o qual então foi concedido.

Assim começou uma das maiores de todas as ordens monásticas, os franciscanos. Esta ordem tornou-se conhecida como "*Ordem Mendicante*" por causa de seus votos de pobreza absoluta, os quais exigiam que seus membros mendigassem para obter suas necessidades diárias. As regras da ordem eram muito simples. Embora fossem como as demais ordens com relação aos seus votos de obediência e castidade, os franciscanos se distinguiram por votos de pobreza absoluta. Francisco insistia que ninguém na ordem possuísse coisa alguma. Bens pessoais eram absolutamente proibidos. Até mesmo as roupas que eles usassem deveriam ser dadas a outros mais necessitados que eles. Eles não poderiam levar com eles nem sequer uma moeda. Não podiam guardar nem mesmo os farelos do pão; se qualquer alimento sobrasse após a refeição, eles deveriam dá-lo aos pobres. Eles não podiam possuir construções ou abrigos. E além disso, tinham que andar descalços.

Francisco estava convencido de que a pobreza era o grandioso caminho para se seguir o exemplo de Cristo e o sublime ideal da imitação de Cristo. Dado ao fato de que a corrupção na igreja era devido à sua imensa riqueza, eles procuravam a reforma através da pobreza.

Contudo, Francisco odiava a ociosidade, portanto insistia que seus companheiros monges estivessem constantemente ocupados. Eles tinham que estar ocupados viajando, pregando, administrando as necessidades dos pobres e excluídos da sociedade, lavando os leprosos sujos, alimentando os famintos e ajudando os oprimidos. Tinha que realizar o seu trabalho com alegria e tratar todos os homens, até mesmo os seus inimigos, com cortesia. Tinha que evitar toda pompa e ostentação e ser alegremente contentes com a sua pobreza. Este último foi demonstrado nitidamente quando um famoso seguidor de Francisco foi recebido na entrada de uma cidade com um grande e magnífico desfile do clero e prelados. Ele imediatamente foi para um campo próximo e brincou numa gangorra com alguns meninos, até que todo o desfile acabasse em consternação.

Durante a vida de Francisco outras duas sub ordens foram formadas. Uma era para as mulheres que queriam praticar os mesmos ideais - ela foi organizada por Clare Schiffl em 1212, e foi chamada de "*Clarissas*". A outra era uma ordem para os leigos que queriam viver na pobreza junto com Francisco e seus irmãos, mas que não eram autorizados a pregar.

## Sua Importância

O próprio Francisco era uma pessoa muito simples. Ele temia a educação como sendo uma ameaça espiritual e desanimava seus seguidores a buscá-la. Ele, apesar de muitas vezes faminto e vestido em trapos, apesar de viver em um corpo destroçado com a dor, estava sempre alegre. Ele tinha um profundo apreço e amor pela criação de Deus, e ele podia ser encontrado de vez em quando sozinho na floresta conversando com os pássaros e os esquilos sobre as coisas de Deus. Ele disse uma vez para os pássaros: *"Irmãos pássaros, vós deveríeis amar e louvar muito mais o seu Criador. Ele lhes deu penas como vestes, asas para voar, e todas as coisas que podem ser úteis a vós. Vós não tendes que semear, nem colher, e ainda assim Ele cuida de vós"*. Ele tinha a capacidade de rir de si mesmo e podia reconhecer as fraquezas da natureza humana. Ele chamava o seu corpo de *"irmão burro"*, e muitas vezes, gentilmente o repreendia por suas fraquezas aparentes.

A irmandade se espalhou como fogo por toda a Europa e logo foi além do controle de Francisco. Enquanto Francisco estava fora para tentar levar o trabalho missionário aos muçulmanos no Egito, prelados sem escrúpulos da hierarquia romana ganharam o controle dos franciscanos e os estruturaram em uma organização muito mais regrada e controlada do que Francisco desejava. Eles também forçaram o movimento a mudar suas regras para que os membros pudessem possuir propriedades - aquilo que Francisco mais temia. Quando ele voltou do Egito, ele encontrou essas alterações destruindo tudo o que desejava para seu movimento. Incapaz de arranjar forças e o entusiasmo necessários para lutar contra as forças das trevas e o poder da igreja, ele viveu na tristeza durante os últimos dias de sua vida, e morreu de coração partido com a idade de quarenta e quatro anos.

Uma de suas obras-primas que perdurou foi seu *"Cântico ao Sol"*. Escrita quando ele estava sob severa tentação e ficando cego, ela expressa seu grande amor pelo mundo de Deus. Algumas linhas nos darão uma ideia disto:

*"Ó Altíssimo, Onipotente, bom Senhor Deus,  
a Ti pertence o louvor, glória, honra e toda a benção!"*

*Louvado sejas, meu Senhor Deus,  
por meio de todas as Suas criaturas,  
e especialmente por nosso irmão, o Sol,  
que nos traz o dia e que nos traz a luz;  
Ele é justo e brilha com gradíssimo esplendor;  
Oh Senhor ele simboliza Tu para nós!*

*Louvado sejas, meu Senhor, pelo nosso irmão o vento,  
pela brisa e pela névoa, pelo sereno e todo clima  
pelo qual Tu sustentas a vida em todas as criaturas.*

*Louvai e bendizei ao Senhor, e dai graças a Ele  
e servi-Lo com grande humildade."*

Esta canção foi a inspiração para o conhecido hino: "*Louvai ao Senhor, o Todo-Poderoso, o Rei da Criação*".

## **Conclusão**

O próprio Francisco foi o mais próximo que se poderia chegar do ideal monástico. Às vezes acho que essa vida pode, concebivelmente, parecer atraente àqueles que estão preocupados com a espiritualidade em meio a carnalidade e mundanismo. Este pode parecer com o caminho da piedade, e na realidade pode, por causa de sua grande dificuldade, parecer com o caminho da santidade. Mas na verdade, este não é o caso. Deus não nos chama para expressar a piedade na pobreza, e piedade em uma negação dos bens desta terra. Na realidade, o caminho de Francisco não é o caminho mais difícil, mas sim o caminho mais fácil. O árduo caminho que somos chamados a trilhar é o de *estar* no mundo, mas não *ser* do mundo; de tomar as boas dádivas de Deus e com ação de graças usá-las no serviço de Deus; de possuir uma casa e roupas, mas buscando em todas as coisas, mesmo com nossas posses terrenas, o Reino de Deus e sua justiça. Esse é o caminho mais difícil, no entanto é o caminho da obediência e o caminho aprovado por Deus.

## Catarina de Siena - A Mística<sup>28</sup>

### Misticismo

É impossível compreender o estranho tempo que chamamos de Idade Média sem entender o misticismo. O misticismo foi uma corrente que se espalhou no terceiro século e continua até o presente.

Que isso seja assim, não é uma surpresa. O pêndulo na vida espiritual das pessoas, balança entre um extremo e outro. Num dos extremos reside uma ortodoxia morta, fria e sem vida, que frequentemente é caracterizada pelo racionalismo. E no outro extremo reside o fervor do misticismo. A vida da igreja balança entre estes dois extremos. É difícil para a igreja manter um equilíbrio espiritual. O balanço se justifica pelo fato que nenhum extremo satisfaz.

Quando a igreja cai no cemitério espiritual da ortodoxia morta, o povo de Deus quer mais da religião. Eles desejam uma vida espiritual que seja fervorosa, preenchida com a experiência pessoal da união com Cristo, caracterizada por piedade e santidade. Se este desejo não é encontrado, o pêndulo balança em direção ao misticismo com toda sua ênfase em sentimentos, experiências subjetivas, evidências de conversão, íntima união com Cristo e piedade. Mas pelo fato do misticismo tender a denegrir o *conhecimento* da fé, isto também acaba por não satisfazer, e a vida da igreja volta a balançar no enfadonho curso em direção ao racionalismo e numa ênfase exclusiva no conhecimento por causa do conhecimento.

Na Idade Média, a igreja papista se desenvolveu rapidamente em formas externas de adoração. A adoração da igreja foi preenchida com liturgia; a missa era ministrada em latim; a vida das pessoas era regulamentada por lei sobre lei, e preceito sobre preceito. E o pior foi que, a salvação do povo de Deus era colocada nas mãos do clero, de modo que nada era exigido dos santos, a não ser aparentar conformidade

---

<sup>28</sup> O autor está completamente ciente do fato que Catarina era uma católica romana convicta e que cria nos erros ensinados por esta igreja. Ela foi incluída nesta obra como um exemplo do misticismo, que foi tão predominante na igreja da Idade Média. Sua inclusão não tem nenhuma intenção de ser uma aprovação dos seus erros ou do misticismo nela evidente.



com as normas do estabelecimento. Não é de se estranhar que o misticismo floresceu. Foi uma reação compreensível a aparência externa de religião.

Os místicos abundavam. Eles estavam presentes em todas as décadas dos tempos medievais. Eles também estavam presentes no momento em que a Reforma eclodiu na Europa.

## Início da Sua Vida

Como um exemplo do misticismo, Catarina de Siena está acima de todos os outros. Elogios como estes foram dados a ela::

*“Ela é a mais sublime das santas mulheres da Idade Média que a igreja canonizou. Sua fama gerou-se por causa de sua piedade, seu coração simples e seus esforços para fazer avançar os interesses da igreja e da sua nação. [...] Embora o elemento histórico possa não estar completamente ausente da sua piedade, ela ainda merece e terá a admiração de todos os homens que são movidos pela visão de um entusiasmo nobre [...].”*

*“Ela é uma das mulheres mais maravilhosas que já viveu.”*

*“A figura de Catarina voa como a de um anjo através da escuridão de seu tempo, no qual seu gênio bondoso lança um brilho suave.”*

Catarina Benincasa nasceu em Siena, Itália, por volta do ano de 1347. Ela era a vigésima terceira filha, gêmea de um irmão, em uma família de vinte e cinco filhos. Seu pai Jacobo, era um tintureiro da classe média baixa. Sua mãe, Lapa, era obviamente uma dona de casa. Catarina não recebeu nenhum grau de instrução e só aprendeu a ler e escrever quando era mais velha.

Catarina nasceu no tempo da revolta da Europa, mas especificamente na Itália. O Renascimento, o grande reavivamento pagão de aprendizagem, estava varrendo a Europa e chocando-se com a escuridão dos séculos anteriores. Mudanças nacionais, econômicas, sociais e educacionais estavam prestes a acontecer. Sob a influência dos cardeais franceses em Roma, o papado havia sido transferido para Avignon - França - e passou a estar sob total domínio francês. Este assim chamado “*Cativeiro Babilônico da Igreja*”, resultou na secularização e decadência moral do papado. A igreja já não era mais confiável, pois havia perdido o prestígio da sua sede apostólica em Roma e uma insatisfação generalizada com a igreja prevalecia em toda a Europa.

A vida mística de Catarina começou cedo. Quando ela tinha sete anos, afirmou ter tido uma visão de Jesus com Pedro, Paulo e João, o que a levou a dedicar sua vida à religião. Num primeiro momento seus pais se opuseram, alegando que ela sofria de delírios, mas eles foram persuadidos por suas súplicas e reservaram uma parte da casa para ela orar, meditar, receber visões e transe. No canto da sua própria casa, ela se tornou uma espécie de reclusa: ela se recusava a dormir, não comia quase nada, e batia-se três vezes por dia com um chicote ou uma corrente. Quando, aos quatorze anos, seus pais lhe arranjaram um casamento, ela cortou seu lindo cabelo para dissuadir o marido prometido. Quando seu rosto ficou marcado por um ataque de varíola, ela aceitou o fato como um dom especial de Deus, que iria fazê-la menos atraente aos homens. Seu biógrafo a descreve vividamente:

*“A natureza não lhe deu um rosto mais favorável e sua aparência pessoal foi desfigurada pelas marcas da varíola. Ela tinha ainda uma expressão de vitória, um fundo de bom humor, ela cantava e ria com vontade. Ao ter se devotado a uma vida religiosa, ela praticou grandes austeridades, flagelando a si mesma três vezes ao dia, uma vez por ela mesma, outra pela vida e outra pelos mortos. Ela usava uma corrente de ferro no cabelo e na roupa de baixo - ligada na cintura. Durante a quaresma ela vivia do pão da comunhão. Essas práticas espirituais extremas eram realizadas num aposento na casa de seu pai. Ela nunca esteve presa a um convento. Num período posterior, ela acabou menosprezando tais práticas espirituais extremas, as quais ela se subjugava.”*

## **Seu Serviço à Igreja**

Embora tivesse recusado a se tornar parte de um convento, desprezando as restrições que a vida do convento requeria, com cerca de vinte anos, em obediência ao que considerou uma visão, ela juntou-se as Irmãs da Penitência, uma Ordem Dominicana. Sua vida estava ativamente envolvida nos assuntos diários das pessoas de Siena e nos problemas da igreja.

Sua reputação está baseada grandemente em suas muitas obras de caridade. Ela foi até os pobres para aliviar o sofrimento deles. Ela cuidou de doentes incuráveis, especialmente os cancerosos e leprosos. Ela trabalhou com prisioneiros, ficando com eles durante seus julgamentos e execuções. Quando um jovem nobre era condenado a morte por proferir palavras de desrespeito aos magistrados, ela o consolava em seu desespero, ensinando-o a ser alegre em face à morte, e ficava junto a ele no bloco, enquanto ele era decapitado. Ela pegava a cabeça dele em suas mãos e ficava

satisfeita por ser respingada com o sangue dele. É dito que ela realizou milagres de cura e ressuscitou os mortos durante uma praga que devastou a cidade. Em toda oportunidade ela pregava ao povo e rapidamente ganhou muitos seguidores, homens e mulheres, leigos em sua grande maioria, que desejavam imitar sua piedade.

Não é de se admirar que a fama desta mulher altruísta se espalhasse rapidamente e que ela logo se encontrasse envolvida nos negócios da igreja em geral. Isto aconteceu no tempo em que ela começou a escrever suas famosas cartas - quatrocentas delas ainda existem. Elas foram escritas para membros da sua família, pobres e angustiados, doentes e moribundos, príncipes e governantes, papas e cardeais, reis estrangeiros e soldados. Elas eram cheias de advertências, repreensões afiadas, conforto, conselho e detalhes das suas próprias experiências místicas.

Pelo fato dela operar tão livremente fora da autoridade oficial da igreja, ela foi julgada por heresia por um tribunal dominicano, mas foi inocentada de todas as acusações. O tribunal no entanto nomeou a ela um conselheiro espiritual, Raimundo de Cápua, que se tornou seu amigo, secretário, biógrafo e confessor.

Sua participação nos assuntos da igreja, envolveu-a em esforços para organizar outra cruzada, a qual ela pretendia usar para levar o Evangelho aos turcos muçulmanos. Ela trabalhou arduamente para tirar o papado de Avignon e por fim conseguiu restaurá-lo à antiga sé papal em Roma. Sua primeira viagem a Avignon para falar com o papa resultou em um amargo desapontamento, pois ela encontrou o papado sendo "*um fétido odor de vícios infernais*" em vez de "*um paraíso de virtudes celestiais*", como ela esperava. Porém o retorno do papado a Roma resultou em problemas ainda mais graves - o grande Cisma Papal no qual dois papas que eram rivais reivindicaram a cadeira papal. Para seu desespero, ela não conseguiu resolver este problema, problema que não foi resolvido até o Concílio de Constança - o mesmo concílio que queimou John Hus na fogueira.

Seus esforços não foram sempre bem-vindos. Em Avignon, os cardeais a tratavam com frieza, as mulheres influentes com desdém, e os burocratas com ódio. A sobrinha do papa, ajoelhada ao lado dela em oração, atravessou uma faca afiada no pé de Catarina, deixando-a manca permanentemente.

Ela morreu antes de chegar ao seu trigésimo terceiro aniversário, despedindo-se de seus companheiros com palavras que reforçaram enfaticamente sua inclinação mística:

*"Queridos filhos, não deixem minha morte entristecer vocês, e alegrem-se em pensar que estou deixando um lugar de muitos sofrimentos para ir descansar no mar calmo, o Deus eterno, e estar unida para sempre com o*

*meu mais doce e amoroso noivo."*

## O Seu Misticismo

O misticismo de Catarina é típico de muitos do período medieval. Sonhos, visões e transe continuaram durante toda a sua vida. Ela afirmava ter bebido o sangue de Cristo crucificado que fluiu do Seu lado e o leite de Maria, mãe de Cristo. Em uma idade precoce, disse que se casou com Cristo e que ela usava Seu anel no dedo dela - embora ninguém mais pudesse vê-lo. Por meditar tão frequentemente e tão intensamente nos sofrimentos de Cristo, ela afirmava ter os "*estigmas*" de Cristo - as feridas dos pregos e da lança - em seu próprio corpo, embora estes também eram invisíveis a todos além dela mesma. Muitas de suas "*cartas*" foram escritas em um estado de transe.

O objetivo do misticismo medieval - assim como com todo misticismo que tem aparecido ao longo dos tempos - era a "*união com Deus*". Este era o mais alto ideal dos santos. Mas tal união com Deus só poderia acontecer através de rigorosos exercícios espirituais e físicos. Isto requeria que se meditasse incessantemente no sofrimento de Cristo; que o mundo com todas suas atrações fosse abandonado; que o pecado fosse rigorosamente reprimido através de violentas práticas ascéticas, pois somente desta maneira alguém poderia escapar daquilo que era chamado "*as noites escuras da alma*", emergindo desta noite escura, para acordar numa gloriosa, sobrenatural e extremamente abençoada união com o próprio Deus. Era isto que Catarina entendia por seu casamento com Cristo.

A união com Cristo é ensinada pela Escritura como a bem-aventurança da salvação. A alegria e o conforto da certeza da salvação é a experiência do povo de Deus. A meditação e estudo da Palavra de Deus devem estar diante de nós como uma obrigação para uma vida piedosa. A piedade genuína e uma vida de comunhão com Deus é a porção dos justos, até mesmo aqui neste mundo.

Os místicos erraram ao reduzir toda a religião em experiências e sentimentos. Mediada por sonhos e visões, transe e aparições de santos e anjos, a vida cristã é definida em termos subjetivos e em indefinidos estados internos e sentimentos. O conhecimento é desprezado e a verdade é considerada sem importância. Mas isto é um erro terrível. É o conhecimento da verdade que nos liberta. E conhecer Deus e Seu Filho Jesus Cristo é ter vida eterna. Afinal, fé - a fé que nos une a Cristo na união mística de Seu corpo abençoado - é antes de tudo, conhecimento. Ela é mais do que conhecimento, mas é o conhecimento de tudo aquilo. A experiência espiritual de um filho de Deus pode ir e voltar como a maré, mas nós sabemos em quem nós temos

crido. E isso é a salvação.

## Waldenses - Os Protestantes Medievais

### Introdução

Sobre o antigo massacre em Piedmont, Soneto nº 18.

*"Vingues, ó Senhor, a morte dos Teus santos,  
cujos ossos jazem espalhados nos gélidos alpes;  
mesmo estes, que conservaram a Tua tão pura e antiga verdade,  
enquanto nossos pais adoravam pedaços de pau e pedras;  
não Te esqueças: no Teu livro registres o lamento destes,  
que eram Tuas ovelhas, e estando no seu antigo curral  
foram dizimadas pelos sanguinários piemonteses,  
que rolaram mãos com seus infantes penhasco abaixo.  
Suas lamentações, dos vales ecoam para as colinas,  
e destas até o céu. O sangue e as cinzas dos mártires,  
semeadas sobre todos os campos da Itália,  
onde continuam a fazer o tríplice tirano [o papa] tremer:  
Que destas possam florescer cem vezes mais,  
quem tendo aprendido o Teu caminho possa escapar  
da aflição da Babilônia sem demora."*

Com as palavras deste soneto, o cego poeta, John Milton, celebrou o terrível massacre dos waldenses pela igreja romanista.

Mesmo na Idade Média, quando a Igreja Católica Romana governava toda a Europa de forma suprema e invencível, ela nem sempre tinha tudo do seu jeito. Durante este período das trevas, quase sempre indivíduos e grupos ergueram suas vozes em protesto contra a tirania e corrupção de Roma.

A única explicação para a presença de tais dissidentes dos ensinamentos romanistas, é a grande obra de Deus na preservação de Sua Igreja.

Uma evidência de que Deus preserva a Sua Igreja é a existência, durante a maior

parte da Idade Média, de um grupo chamado "Os *Waldenses*". Eles certamente são os mais fiéis de todos os dissidentes da Idade Média. Eles são um dos meus grupos de santos preferido.

## Sua Origem

Embora haja algumas controvérsias sobre a origem dos waldenses, a maioria dos historiadores considera que Pedro Waldo, de quem eles receberam o nome mais tarde, seja o fundador do movimento.

Embora não se saiba quase nada sobre o início da vida de Pedro, é sabido que ele era filho de um comerciante rico de Lyon, na França, e que herdou a riqueza de seu pai. Ninguém sabe a data de seu nascimento, mas sua morte foi em 1218, o que o coloca muito cedo na Idade Média, uma criança do século XII.

Incomodado com sua riqueza, pelo fato de que ela tinha crescido através da ganância e o evidente mundanismo de sua vida, Pedro perguntou ao seu padre a respeito do melhor caminho para se achegar a Deus. Foi-lhe dito, como era comum naqueles dias, que o caminho para Deus era vender tudo que tinha, dar aos pobres e seguir a Cristo.

Pedro não hesitou em seguir o que para ele era um claro mandamento de seu Senhor. Pelo fato dele ser casado, ele providenciou dinheiro suficiente para sua esposa; colocou suas filhas em um convento para serem cuidadas, pagou de volta todos aqueles de quem ele tinha tirado proveito e deu todo o resto que tinha aos pobres.

Pedro Waldo reuniu ao seu redor um pequeno grupo de homens que iniciaram a tradução da Escritura para a língua vernácula, e começaram a assumir as responsabilidades da pregação. Eles foram conhecidos por diferentes nomes: *Os Irmãos em Cristo*, *Os Pobres em Cristo*, *Os Pobres em Espírito*, mas finalmente eles ficaram conhecidos pelo nome de seu fundador, Pedro Waldo. Eles viveram vidas de total pobreza e dedicação a Deus.

## Ensinos

Em 1179, Pedro Waldo pediu para seu arcebispo a permissão para que fossem reconhecidos como um movimento independente e aprovado, e pediu a permissão para serem estabelecidos como uma fraternidade de pregação. O requerimento foi repassado para o papa Alexandre III, que recusou o pedido. O grupo recorreu ao

Terceiro Concílio de Latrão em 1179, mas este concílio também recusou seu pedido.

Convencidos de que estavam fazendo apenas aquilo que era bíblico, eles continuaram a pregar da mesma forma, e assim provocaram a ira da igreja, que os excomungou no Concílio de Verona em 1184.

O que é particularmente interessante sobre os waldenses, é o ponto de vista deles. Eu duvido que qualquer grupo de pessoas em toda a Europa, antes da Reforma, entendeu as verdades da Escritura tão claramente como estes simples homens. Mesmo Philip Schaff os chama de "*a seita estritamente bíblica da Idade Média*". É quase que impossível imaginar como este singelo grupo poderia ter vindo a um conhecimento tão excelente da verdade, na época em que viveram. Eles eram humildes e leigos, eram desprezados e perseguidos, tinham sido criados nas cadeias da heresia católica romana, e mesmo assim foram muito claros sobre pontos importantíssimos. Eles foram os precursores da Reforma, tanto que quando a Reforma de Calvino amanheceu, a maioria deles logo uniu-se a ela, era como se a Reforma de Calvino fosse exatamente o que eles tinham esperado por todos aqueles séculos. Somente o fato de que Deus preservou Sua Igreja, pode adequadamente explicar a existência deles.

No início do movimento, os waldenses não se afastaram dos ensinamentos católicos romanos. Eles não rejeitaram a autoridade do papa, todo o sistema sacramental do catolicismo romano ou a própria igreja como a mãe dos fiéis. Eles foram, na verdade, muito parecidos com uma ordem religiosa. Eles exigiam votos de pobreza, pureza e obediência para a membresia integral, e insistiam em um tempo de aprendizagem antes de permitir que os adeptos se tornassem membros integrais.

Desde o princípio, sua principal ênfase era a pregação. Foi a pregação que os levou a terem complicações com a igreja, pois pregavam sem permissão. Eles continuaram até mesmo diante da excomunhão, pois estavam convencidos de que a pregação é decisiva para a salvação - doutrina da reformada que estava no coração da Reforma da igreja, tanto na luterana como na calvinista. Roma ensinava que os sacramentos eram essenciais para a salvação e que a pregação estava subordinada aos sacramentos. Os waldenses viam o erro disto e insistiam que o Senhor tinha adicionado os sacramentos à pregação e portanto, Deus salvava Seu povo através da pregação da Palavra. Era especialmente esta doutrina que Roma odiava, pois os sacramentos estavam no próprio coração de todo o sistema sacerdotal do papado, do qual Roma era tão orgulhoso.

Realmente não deveria nos surpreender que, à luz dos tempos, os waldenses tivessem ido longe demais com sua ideia de pregação. Eles eram opostos ao clericalismo católico romano, e logo vieram a enxergar a relevância do que Lutero mais tarde



chamou de o *sacerdócio de todos os crentes*. Com sua ênfase no sacerdócio de todos os crentes, e falhando em distinguir entre os deveres especiais dentro da igreja, do dever universal dos crentes, eles deram aos leigos, incluindo mulheres, o direito de pregar. Todo o povo de Deus era pregador, e não o eram por mérito da ordenação, mas pelo mérito de uma vida piedosa e espiritual a qual demonstrava que eles eram crentes.

No entanto, uma vantagem deste errôneo ponto de vista, foi o fato de que eles viam a necessidade de todo o povo de Deus possuir a Escritura. Por consequência, eles traduziram a Escritura para a língua vernacular e até mesmo insistiram na autoridade final e absoluta da Escritura para a vida, doutrina e pregação. A pregação deveria ser a exposição da Palavra de Deus.

Após a perseguição e a excomunhão, o ponto de vista deles se desenvolveu. Eles viram as inconsistências na posição que tinham tomado e dos outros ensinamentos de Roma. Pouco a pouco, eles rejeitaram o juramento, purgatório, orações pelos mortos, a missa e a transubstanciação.

## **Perseguição**

Tais ensinamentos atraíram imensas multidões aos waldenses e o movimento se espalhou rapidamente pela França, Itália, Suíça e até mesmo em partes da Europa Oriental. Era exatamente por causa da ameaça ao poder romanista e a popularidade do movimento, que atraía a fúria de Roma sobre os waldenses. Para suprimir a heresia, a força total desta instituição cruel, injusta e assustadora - a Inquisição - foi colocada para ir contra eles.

As histórias de sofrimento e tortura que este grupo enfrentou, fazem qualquer um chorar até mesmo nos dias de hoje. Seus pais e mães foram dilacerados nas cremalheiras e queimados em estacas. Suas crianças eram queimadas com ferros a fim de forçá-las a denunciar as más ações de seus pais. Homens, mulheres e crianças que tinham fugido para uma caverna na montanha para escapar, foram sufocados por causa da fumaça de um enorme incêndio feito na entrada da caverna. Assim como o poema de Milton revela, mães com seus bebês em seus braços eram arremessados da beira dos penhascos.

Sob as pressões da perseguição, os waldenses fugiram para os vales alpinos e planaltos da Suíça e lá sobreviveram.

Eles foram tratados tão cruelmente por fazer o mal? Um próprio inquisitor disse sobre

eles:

*"Eles são modestos e bem comportados, não têm nenhuma vaidade na sua vestimenta, a qual é limpa, mas não extravagante. Evitando comércio, por causa de suas inevitáveis mentiras, juramentos e fraudes, vivem do trabalho como artesãos, como sapateiros, assim como seus professores. Contentes com as necessidades básicas, eles não acumulam riquezas. Puros em seus costumes, moderados no comer e beber, eles se mantêm afastados de tavernas, danças e outras vaidades. Eles se abstêm da ira e estão sempre ativos. Podem ser reconhecidos por sua modéstia e precisão na fala."*

A piedade dos wandenses era reconhecida tão amplamente que um homem, sob suspeita de ser um dos waldenses, era capaz de provar em seu julgamento que ele não o era e não poderia ser um waldense, mas tinha de ser um bom católico - pois mentia, praguejava e bebia.

Estes santos de Deus que mancharam os Alpes com seu sangue, avidamente abraçaram a Reforma. Mas e quanto a Roma? Até hoje Roma não confessou nenhuma transgressão por derramar o sangue dos santos. Como também Roma não mudou seu coração. Estou convencido que ela faria o mesmo hoje em dia, se tivesse a oportunidade. Mas, as almas dos waldenses clamam sob o altar. E o Senhor responderá suas orações.

## John Wycliffe - A Estrela da Manhã da Reforma

### Introdução

A grande Reforma Protestante do século XVI não surgiu na Europa como algo inteiramente novo e sem preparação prévia. A obra de Deus através de Lutero e Calvino foi estabelecida sobre a obra de Deus na vida de homens que os precederam e prepararam o caminho. Tais homens eram John Wycliffe na Inglaterra e John Hus na Boêmia.

A Inglaterra era um lugar difícil para se viver durante a vida de Wycliffe. Embora uma grande ênfase tenha sido dada à educação, e a estrada para o sucesso fosse através das universidades, pouquíssimos tinham os meios para ir à universidade, e os camponeses estavam fadados a uma vida difícil e espiritualmente vazia. Esta é uma descrição vívida disto:

*"Os camponeses não poderiam esperar nenhuma pregação do padre local, mas a teriam do pregador frei, e do vendedor de indulgência itinerante, com sua bolsa 'estufada, cheia de indulgências vindo fresquinhas de Roma'. Além destes patrulheiros religiosos, havia outros que viajavam pelas sinuosas estradas lamacentas e trilhas verdejantes da Inglaterra; trovadores, salteadores, malabaristas, pedintes e charlatães de todos os tipos, tirando proveito dos pobres camponeses. Os camponeses conheciam um pouco das palavras de Cristo e as histórias da Bíblia, mas estavam tão entretidos com os sermões sensacionalistas e divertidos do frei, que não distinguem a verdade do erro. Eles nunca haviam visto uma Bíblia em inglês, e se pudessem ver uma, não seriam capazes de lê-la."*

Os tempos não eram pacíficos ou sossegados. Eram dias extraordinariamente turbulentos. Durante o curto tempo de vida de Wycliffe, a peste negra atingiu a Inglaterra e toda Europa, e tirou a vida de um terço da população. E também durante este período, a Guerra dos Camponeses deixou partes da Inglaterra devastada, e trouxe grande crise econômica. Na igreja a confusão e instabilidade também

reinavam. Era um tempo em que o papado não estava em Roma, a cidade eterna, mas em Avignon sob o controle da França. Embora nos dias de Wycliffe, o "*Cativeiro Babilônico da Igreja*", como era conhecido, tinha chegado ao fim; este fim foi o Cisma Papal, no qual haviam dois papas, e as vezes três, berrando um para o outro como touros loucos, e arremessando excomunhões para cá e anátemas para lá.

## **Início da Sua Vida e Educação**

Pouco é conhecido do início da vida de Wycliffe - nem mesmo a data do seu nascimento. Alguns dizem que seria por volta de 1324; outros dizem por volta de 1330. Ele nasceu perto de West Riding em Yorkshire, numa pequena vila chamada *Wycliffe*, o que parece indicar que seus pais eram senhores naquela área, ricos e respeitados. Menos ainda é conhecido sobre eles, exceto a possibilidade de terem repudiado totalmente seu filho quando este começou a ensinar suas ideias bíblicas.

Com quinze ou dezesseis anos, ele foi para Oxford para estudar. Os anos de estudos foram longos e difíceis; sob circunstâncias comuns, alguém que seguisse o programa inteiro não poderia esperar completar seus estudos até os trinta e três anos de idade. Wycliffe gastou a maior parte da sua vida em Oxford: ele adquiriu seu Bacharelado em Artes em 1356, seu Bacharelado em Divindade em 1369 e seu Doutorado em Divindade em 1372 - embora seus estudos tenham sido interrompidos por dois anos, por assuntos oficiais. Não se sabe muito sobre esses anos. Ele estava provavelmente no *Merton College* de 1359 a 1360, e teve alguns assuntos a tratar no *Christ's College*.

## **Pregador e Professor de Oxford**

Oxford era composta, nesse tempo, por seis faculdades. Tinha aproximadamente setenta e cinco membros e todos eram do clero, ela atendia cerca de mil e quinhentos estudantes. Era cercada de priorados e salas cheias de monges e frades os quais eram uma constante fonte de irritação para os membros da universidade. No entanto, era a melhor universidade de toda a Europa, superando até mesmo as grandes universidades da França.

Em 1361, Wycliffe se tornou reitor da igreja de Fillingham, em Lincolnshire, o que tecnicamente significava que ele era o pastor da igreja, mas que na verdade - assim como era o costume da época - significava que ele recebia uma renda da paróquia enquanto continuava seus estudos e seu trabalho em Oxford. Isso não quer dizer que

ele negligenciou totalmente sua paróquia, pois pregava lá de tempos em tempos; e isso fez dele um ministro ordenado da Igreja Católica Romana. Em 1368, ele foi transferido para Lutterworth, paróquia na qual ele gastou os últimos anos de sua vida.

Oxford era, de qualquer maneira, o lugar dos seus labores. Tanto durante seus estudos quanto mais tarde, quando já tinha completado seus estudos, pois era professor em Oxford. Muito de sua obra reformadora foi feita dentro daquelas paredes. Ele foi, sempre e acima de tudo, um professor e não, em primeiro lugar, um pregador. Os frades que viviam nas instalações de Oxford, e que causaram à universidade uma dor incalculável, foram os primeiros objetos da ira de Wycliffe. Ele escreveu um livro, chamado "*Objections to the Friars*"<sup>29</sup>, o qual soou a trombeta da Reforma.

### **Wycliffe, o Patriota**

Os assuntos cruciais da vida de Wycliffe vieram à tona em conexão com problemas políticos. Como com grande frequência acontece nos assuntos de homens e nações, a questão essencial era dinheiro. O problema era que muito da riqueza da Inglaterra estava correndo para fora do país e indo para o papado. Embora isso tenha sido parcialmente verdade a partir do momento que a Inglaterra ficou sob o controle católico romano, isso tornou-se completamente verdade depois que o rei João, mais de duzentos anos antes, entregou a Inglaterra para o papa como sendo reino do papa, e a recebeu de volta como um feudo papal. Isto era humilhante e intolerável para os bons homens ingleses. O imposto cobrado pelo papa era de 1 mil marcas por ano<sup>30</sup>, um fardo quase impossível de ser carregado. Mas o dinheiro saiu da Inglaterra de outras maneiras também. Ofícios eclesiásticos foram vendidos por valores altíssimos, e o dinheiro ia para o papa. Muitos desses ofícios na Inglaterra eram mantidos por estrangeiros que nunca conheceram o lugar onde oficiavam. Alguns desses oficiais eram nada mais do que crianças, no entanto recebiam a renda dos escritórios - após terem pago o papa. O papa frequentemente mudava os bispos de uma sé para outra, e recebia o salário de um ano como sua parte da transação. Muito dinheiro recolhido para o perdão dos pecados foi canalizado para fora da Inglaterra para os cofres papais. Na verdade, o papa recebia cinco vezes mais dinheiro do que o rei. Para adicionar insulto à injúria, o dinheiro estava indo para um papa francês e, eventualmente, parava na mão dos franceses, e a França estava em guerra com a Inglaterra. A Inglaterra estava assim apoiando o seu inimigo nas guerras.

Isso se tornou tão intolerável, que o Parlamento enviou uma acusação oficial contra o

---

<sup>29</sup> Tradução: *Objecções aos Frades*.

<sup>30</sup> 1 mil marks: Unidade monetária utilizada antigamente na Inglaterra e na Escócia. Estima-se este valor em aproximadamente 270kg de prata.

papa que dizia:

*"Deus deu as suas ovelhas ao Papa para serem pastoreadas e não tosquiadas e rapadas [...], portanto, seria bom renovar todos os estatutos contra o abastecimento de Roma [...]. Nenhum coletor papal deve permanecer na Inglaterra, sob pena de vida e integridade física, e nenhum homem inglês, sob a mesma pena, deve tornar-se tal coletor ou permanecer na corte de Roma."*

Wycliffe estava envolvido nessa questão. Ele não só se envolveu no problema como um escritor de panfletos e tratados, mas também atuou em um comitê do rei, que se reuniu na cidade de Bruges, nos Países Baixos, com representantes papais a fim de julgar as questões se fosse possível. Com zelo patriótico, ele defendeu os direitos da Inglaterra contra o papado.

Foi em Bruges que duas coisas importantes aconteceram, coisas que teriam influência sobre a vida de Wycliffe mais tarde. A primeira foi o fato de que, ao lidar com os representantes papais, ele aprendeu que estes eram muito traiçoeiros e enganosos e que representavam um papado totalmente secular, avarento, imoral, corrupto e uma ferramenta dos reis franceses. Assim ele perdeu sua confiança no papado e a na hierarquia da igreja de tal maneira, que dali em diante ele não tinha nada mais que desprezo e escárnio por eles. O segundo evento de importância foi que ele conheceu o duque de Gaunt, que estava em Bruges à negócios, e que era provavelmente o homem mais poderoso da Inglaterra depois do rei. Os dois se tornaram amigos, e foi apenas devido a essa amizade com o duque de Gaunt que Wycliffe não foi morto pela igreja papista anos mais tarde.

### **Wycliffe, o Crítico de Roma**

A defesa de Wycliffe sobre os direitos da Inglaterra em manter suas rendas dentro de suas próprias fronteiras foi corajosa e ousada. Quanto mais profundo ele entrava nesta defesa, mais claramente ele escrevia contra as corrupções da hierarquia papista. Ele foi o primeiro a chamar o papa de anticristo - um nome que mais tarde ecoou pelos teólogos de Westminster e incorporou-se à Confissão de Westminster. Ele negou o supremo poder papal da igreja, negou o domínio temporal do papa nas nações, negou o poder do papa em perdoar pecados, e, de fato, negou que qualquer um, mesmo um papa piedoso, tinha qualquer autoridade. Um velho cronista fala de Wycliffe como correndo de um lugar para outro, latindo contra a igreja. O papa, nas próprias palavras de Wycliffe, era *"o anticristo, o altivo, o sacerdote mundano de Roma, o mais amaldiçoado dos tosquiadores e batedor de carteira"*. Não é de se admirar que a

igreja não reagiu muito gentilmente a tudo isso. Do papa para baixo, notas foram tomadas sobre Wycliffe, e as ordens saíram dos níveis mais altos da hierarquia eclesiástica para silenciar o blasfemo.

O primeiro esforço feito para silenciá-lo foi uma convocação do arcebispo da Cantuária para que ele comparecesse diante deste clérigo superior, na Inglaterra, para julgamento. Foi um encontro interessante. O duque de Gaunt estava lá com alguns de seus soldados, bem como um grande número de pessoas das classes abastadas, muitos dos quais apoiavam Wycliffe. Antes do arcebispo conseguir realizar qualquer tipo de julgamento, ele se envolveu em uma acalorada discussão com o duque, sobre se Wycliffe deveria sentar-se: o arcebispo insistia que ele se colocasse de pé como uma forma de respeito, o duque insistia que ele se sentasse uma vez que o arcebispo não se importava tanto assim com isso. Todo o encontro terminou em uma briga, e nada pôde ser feito contra Wycliffe. Isso aconteceu em dezanove de fevereiro de 1377.

Em abril de 1378, Wycliffe foi mais uma vez convocado para a corte da igreja, mas dessa vez para uma assembleia de bispos. Os bispos estavam confiantes que naquele evento eles iriam triunfar, sentenciando Wycliffe à fogueira, e livrarem-se, de uma vez por todas, das suas perigosas pregações e escritos que eram tão vergonhosos para a igreja. Mas esse esforço provou ser mal-sucedido, pois Wycliffe não apenas aproveitou o favor do povo, mas também, a rainha-mãe<sup>31</sup> enviou uma mensagem para os bispos, dizendo que, embora eles pudessem por Wycliffe à prova tanto quanto quisessem, era melhor que não o condenassem se não quisessem pôr suas vidas em perigo. Isso os encheu de um medo e consternação tão grande, que imediatamente dissolveram a reunião. Deus usou de meios estranhos, e pessoas estranhas para proteger seu servo.

## **Wycliffe, o Reformador**

O ano de 1378 provou ser um momento decisivo na vida de Wycliffe. Logo após a convocação dos bispos, Wycliffe sofreu o que era quase uma conversão. Ele não estava mais interessado na política do reino, nem em ajudar a promover a causa do rei e dos proprietários de terras em suas batalhas com o papado. É como se, sob a direção de Deus através do Espírito de Cristo, ele começasse a ver que os males da igreja papista eram, acima de tudo, não primariamente males em prática, mas males enraizados nas falsas doutrinas que Roma tinha adotado ao longo dos anos. Ele começou a concentrar seus esforços na investigação da Escritura e no

---

<sup>31</sup> Rainha-mãe é o título, ou posição, reservado para a rainha viúva, cujo filho ou filha é casada com o monarca que está reinando.

desenvolvimento das verdades da Escritura. Através de formas estranhas e notáveis, Deus o preservou da fúria da igreja papista e da morte quase certa, pelas mãos dela.

Pode ser também que outro incidente em sua vida foi usado por Deus para realizar esta conversão. Por volta da mesma época, Wycliffe ficou muito doente, à beira da morte. Os frades e monges tinham certeza de que ele iria morrer. Eles enviaram a ele, sob um pretexto hipócrita, uma delegação procurando seu bem-estar espiritual, enquanto nada teria os encantado mais do que a sua morte. Eles tentaram forçá-lo a retratar-se de tudo o que tinha escrito e fazer as pazes com a igreja. Embora muito doente, em pura irritação Wycliffe conseguiu por fim, com a ajuda de um servo, levantar-se da cama. Olhando para os frades e monges reunidos em volta dele, ele garantiu não só que iria recuperar-se de sua doença, mas que o Senhor iria poupá-lo para prejudicar ainda mais a perversa causa deles. Com estas palavras, ele os colocou para fora da sala.

Deus o poupou para coisas ainda maiores.

Voltar a atenção para questões doutrinárias não era coisa fácil para Wycliffe, pois havia um grande preço a pagar por isso. Por ter se recusado a envolver-se mais nos assuntos do reino, e na batalha para evitar que a riqueza da Inglaterra continuasse fluindo para os cofres papais, aqueles que só estavam interessados neste aspecto da controvérsia com Roma perderam o interesse em Wycliffe. Primeiro ele perdeu a popularidade das pessoas. Em seguida, o duque de Gaunt, já não estava mais interessado em protegê-lo. Finalmente, até mesmo seus colegas de Oxford recusaram defendê-lo.

Em 1381, a Revolta dos Camponeses ocupou a atenção da nação, e pouquíssimo esforço foi feito para silenciar Wycliffe. Mas no dia dezessete de maio de 1382, um conselho de bispos reuniu-se em Londres, sob o estímulo do papa, para considerar o que fazer com os ensinamentos contagiosos de John Wycliffe. Assim que o conselho estava começando a reunião, um excepcional e incomum terremoto atingiu Londres, fazendo com que muitos muros e pedras de edifícios caíssem nas ruas.

Wycliffe interpretou que isso significava que o juízo de Deus estava sobre o concílio que se reuniria a fim de condená-lo, mas o arcebispo garantiu a assembleia que eles deveriam continuar com suas deliberações, pois o terremoto foi a prova de que o ensino terrível de Wycliffe tinha atingido o solo, e que agora a terra tinha vomitado a fim de livrar-se dessas doutrinas imundas.

Esse concílio ficou conhecido, daquele tempo em diante, como "*Sínodo do Terremoto*". O concílio acabou condenando Wycliffe, mas não se atreveu a executá-lo. Ele prevaleceu sobre a decisão de Oxford em expulsá-lo, o que Oxford fez, embora



com relutância. John Wycliffe se retirou para sua paróquia em Lutterworth, onde passou o resto de seus dias pregando, ensinando e desenvolvendo sua teologia.

## Os Ensinamentos de Wycliffe

É realmente incrível como John Wycliffe viu tão claramente a verdade quase duzentos anos antes da Reforma.

Uma grande vantagem que ele teve em Oxford era o acesso a uma Bíblia que, com o passar dos anos, atraía mais e mais sua atenção e estudo. Outra grande vantagem, foram dois excelentes professores em seus primeiros anos de estudo.

Um desses professores era um homem chamado Grosseteste, o qual odiou e lutou profundamente contra a corrupção da igreja. Em certa ocasião ele escreveu profeticamente:

*"Seguir um papa que se rebela contra a vontade de Cristo é o mesmo que separar Cristo e de Seu corpo; e se chegar o dia em que todos os homens seguirem um pontífice errante, então será a grande apostasia [...] e Roma será a causa de um cisma sem precedentes."*

Quando o poderoso papa Inocêncio mandou Grosseteste fazer de seu fútil sobrinho, um sacerdote da catedral de Lincoln, Grosseteste recusou completamente, com palavras que deveriam ressoar hoje em todas as igrejas:

*"Após o pecado de Lúcifer não há maior oposição ao Evangelho do que a de destruir almas dando-lhes um ministro infiel. Pastores maus são a causa da incredulidade, da heresia e da desordem".*

Outro professor excelente que ensinou a Wycliffe foi Thomas Bradwardine. Por causa do seu talento, ele era chamado de "*Doutor Profundo*". Embora talentoso em filosofia e matemática, ele era acima de tudo um estudante da Escritura. Foi Bradwardine que conduziu Wycliffe a conhecer a verdade da soberania absoluta de Deus em graça, indo contra todo o pelagianismo da igreja papista. Bradwardine ensinou seus alunos a graça de Deus como determinante na salvação, e se opôs ferozmente contra a doutrina do livre arbítrio do homem. Na verdade, ele ensinou doutrinas que se aplicam também a eleição e a predestinação.

Enquanto Wycliffe desenvolvia sua teologia, ele viu claramente muitas verdades que a igreja não possuiria plenamente antes os dias de Lutero e Calvino. Vale a pena listar

algumas das mais importantes. Wycliffe foi o primeiro em séculos a ensinar a absoluta autoridade da Escritura, em contraste com o erro papista sobre a autoridade da igreja. Wycliffe também lutou muito contra a doutrina de Roma que a igreja era a instituição e hierarquia papista. Ao invés disso ele ensinou - em um grande avanço - que a Igreja era o corpo de Cristo, e era composta apenas pelos eleitos. Foi neste contexto que ele também ensinou as verdades da eleição e reprovação soberana. Wycliffe se opôs a doutrina da transubstanciação - em uma posição que particularmente despertou a fúria de Roma. Ele ensinou a presença espiritual de Cristo no sacramento da Ceia do Senhor, embora não estivesse muito certo sobre o que isso significava. Ele repudiou as práticas de Roma, tais como as indulgências, o mérito de peregrinações, penitência etc. Ele negou que a igreja tinha o poder de perdoar os pecados e insistiu que o perdão vem de Cristo somente. Estas foram as doutrinas que, quase duzentos anos mais tarde, se tornaram os ensinamentos centrais da Reforma.

## O Tradutor da Bíblia

Wycliffe também colocou seus ensinamentos em prática. Iniciando em Oxford, mas dando continuidade especialmente depois que deixou Oxford para ir a Lutterworth, Wycliffe começou a tradução da Escritura, a qual terminou antes de sua morte. Embora não conhecesse a Escritura nas línguas originais, e tenha traduzido a Escritura a partir da Vulgata Latina, ele fez uma tradução extremamente precisa, que permitiu com que os leigos lessem a Escritura em sua própria língua pela primeira vez. Incluímos aqui alguns versos de sua tradução de Gênesis, numa linguagem bem antiga, como a que ele usou:

*"No principio criou Deus o ceo e a terra. E a terra estava vasta e vazia, e avia trevas sobre a face do abismo: e o Espirito de Deus se movia sobre a face das agoas. E disse Deus: Aja luz: e houve luz. E vio Deus que a luz era boa: e fez Deus separaçãõ entre a luz, e entre as trevas. E Deus chamou a luz dia, e as trevas chamou noite: e foi a tarde e a manhã, o dia primeiro. E disse Deus: Aja hum estendimento no meyo das agoas, e faça separaçãõ entre agoas e agoas."*<sup>32</sup>

É difícil de imaginar como essas palavras simples e familiares devem ter emocionado os corações de milhares, quando ouviram-nas pela primeira vez.

A tradução da Escritura era também uma atividade extremamente perigosa, porque a igreja havia proibido que a Escritura fosse traduzida para a linguagem do povo. No

---

<sup>32</sup> Gênesis 1:1-6. Bíblia Sagrada, Versão de Almeida de 1819.

entanto, embora a impressão não tivesse sido inventada ainda, com certeza muitas cópias foram arduamente feitas à mão, pois ainda existem cerca de cento e setenta Bíblias da versão de Wycliffe copiadas a mão.

Wycliffe acreditava firmemente na importância da pregação, algo quase inédito em seus tempos - na decadência da igreja papista. Ele não pregou apenas em sua paróquia, mas também começou a treinar pregadores em Oxford para irem no meio do povo levando o Evangelho. Ele deu continuidade a este trabalho enquanto estava em Lutterworth, armando os pregadores com uma cópia da Escritura ou uma parte dela, ensinava-os a expor a Palavra de Deus ao povo. Estes pregadores itinerantes ficaram conhecidos como "Os *Lolardos*". Embora eles eram severamente perseguidos, eles continuaram após a morte de Wycliffe, e preservaram os seus ensinamentos até a Reforma finalmente romper sobre a Inglaterra em meados de 1500.

### Sua Importância

Embora Wycliffe tenha tido um derrame quando tinha quase cinquenta anos, ele se recuperou parcialmente e continuou escrevendo, pregando, ensinando, e instruindo seus amados lolardos.

Pelo fato dos prelados da Inglaterra parecerem incapazes de fazer qualquer coisa a respeito de Wycliffe, o próprio papa o convocou para um julgamento em Roma. Contudo Wycliffe teve o derrame, e escreveu uma carta de recusa. Ele sofreu mais dois derrames, o último enquanto estava no púlpito, e por fim deixou este mundo em trinta e um de dezembro de 1384.

Schaff incluiu essa descrição de Wycliffe no seu livro *History of the Christian Church*:

*"Wycliffe era livre, e provavelmente nunca teve uma saúde robusta, mas ele não era um asceta. Ele era apreciador de uma boa refeição. Em temperamento, era ativo, de mente clara, de caráter moral imaculado. Em relação aos seus inimigos, ele era perspicaz mas nunca grosseiro ou irreverente. William Thorpe, um jovem contemporâneo, diante da corte do arcebispo Arundel, prestou testemunho de que 'ele [Wycliffe] foi abatido no corpo e quase destituído de força, e na conduta muitíssimo puro'. Muitos dos principais homens da Inglaterra aconselhavam-se com ele, o amavam ternamente, lembravam de suas palavras e seguiam o seu estilo de vida."*

Chaucer escreveu seu famoso livro *Canterbury Tales*, sobre seu tempo, e incluiu uma seção sobre Wycliffe. Isto é bem convincente, pois Chaucer, um bom católico romano, tinha algumas palavras satíricas a dizer sobre frades e monges. Nós incluímos um trecho deste abaixo<sup>33</sup>:

*"Havia um bom homem, da religião, entretanto,  
Um pastor do campo, humilde, eu garanto,  
Mas rico ele era, no santo labor e cuidado,  
Também era um clérigo, um homem estudado,  
Pregar o Evangelho de Cristo fielmente foi o que buscou;  
E com devoção, seu rebanho ele ensinou,  
Benigno ele era, e incrivelmente diligente,  
Em tempos de adversidade, paciente [...],  
Famílias foram dispersas, da sua grande congregação,  
Mas nunca ele falhou, sob chuva ou trovão,  
Na doença, no pecado ou em qualquer estado,  
Em visitar o mais distante, pequeno ou grande,  
Indo a pé, e na sua mão, um cajado,  
Este belo exemplo, ao seu rebanho foi dado,  
O qual ele primeiro forjou, e depois ensinou;  
Pelo Evangelho, as promessas então compreendeu."*

John Wycliffe foi um grande homem de Deus. Na onisciente sabedoria da providência de Deus, a Reforma do século XVI não teria sido possível sem o seu trabalho. Ele é, de fato, "a estrela da manhã da Reforma".

Ele foi tão odiado por Roma que, embora não pudesse prejudicá-lo durante sua vida, a igreja não poderia deixar que seus ossos descansassem em paz. No dia oito de outubro de 1427, por ordem do Concílio de Constança - o mesmo concílio que queimou John Hus na fogueira -, o corpo de Wycliffe foi exumado, seus ossos queimados, e as cinzas espalhadas no rio Swift.

Mais tarde um historiador descreveu esse evento com estas eloquentes palavras:

*"Eles queimaram seus ossos até virarem cinzas, e o jogaram dentro do rio Swift, um ribeiro que corre muito próximo daquela vizinhança. Assim o ribeiro levou suas cinzas para o rio Avon; o Avon as levou para o rio Severn, o Severn para os canais, que as despejaram no grande oceano. Desta forma, as cinzas de Wycliffe são um símbolo de sua doutrina, que*

---

<sup>33</sup> Originalmente, o autor faz aqui uma referência a linguagem antiga utilizada por Chaucer. Para melhor adaptação do texto o mesmo foi traduzido no português moderno.

*está agora espalhada por todo o mundo."*

## John Hus - O Reformador da Boêmia

### Introdução

Embora geralmente consideremos o ato de Lutero ao pregar suas noventa e cinco tese na porta da capela da igreja de Wittenberg como o início da Reforma, a verdade é que Deus começou a obra da Reforma muito antes dos dias de Martinho Lutero.

Dois homens são chamados de “*pré-reformadores*” pelos historiadores: John Wycliffe da Inglaterra, e John Hus da Boêmia. Talvez chamá-los de pré-reformadores realmente não seja injusto, porém eles foram muito mais que pré-reformadores; eles foram reformadores no verdadeiro sentido da palavra - talvez Hus mais do que Wycliffe. Sem eles a Reforma da igreja no século XVI teria sido impossível.

Esses dois homens eram diferentes. Wycliffe foi antes de tudo um erudito, para quem a pregação era secundária. Hus foi acima de tudo um pregador, e os estudos eruditos estavam subordinados à pregação. A empoeirada biblioteca era o lar de Wycliffe; o púlpito, o lar de Hus. Wycliffe trabalhou toda a sua vida pela Reforma e não deixou como legado nenhum movimento que durou até a Reforma. Hus deu início a um movimento reformatório que não só durou até a Reforma, mas chegou até o presente de uma forma quase pura, principalmente através dos morávios. Os ensinamentos de Wycliffe eram quase idênticos aos de Lutero e Calvino; Hus aparentemente, nunca foi capaz de condenar a corrupção da Santa Ceia da Igreja Católica. Por toda a sua vida, Wycliffe refletiu a educada gentileza da classe média; Hus, seguindo o padrão de Lutero, era de origem camponesa rude. Ao que parece, Wycliffe não sabia o que era rir; Hus podia brincar e fazer piadas com seus estudantes até enquanto pregava. Wycliffe foi para a sepultura em paz. Hus foi queimado até a morte numa fogueira para mártires. Mas Deus usou ambos.

No famoso debate de Lutero com John Eck, em Lípsia, Eck acusou Martinho Lutero de ser um *hussita*<sup>34</sup>, porque Lutero apelava para a suprema autoridade das Escrituras. Lutero não estava certo sobre isto, mas passou a pausa do meio-dia lendo o que Hus

---

<sup>34</sup> Como ficaram conhecidos os seguidores de John Hus.

tinha escrito. No início da sessão da tarde ele surpreendeu a todos proclamando: "*Ich ben ein Hussite!*", literalmente, "*Eu sou um hussita!*".

## **Início da Sua Vida**

John Hus nasceu em 1373, na parte sul da Boêmia - atual Tchecoslováquia - na aldeia de Husinec - daí seu sobrenome, Hus. O nome Hus significa "*ganso*", uma palavra que Hus usava frequentemente para referir-se a si mesmo. Enquanto esteve preso em Constance, ele escreveu para seus amigos na Boêmia dizendo que tinha esperança que o ganso pudesse ser liberto da prisão e que "*se vocês amam o ganso*", tentem garantir a ajuda do rei para tirá-lo da prisão.

Ele nasceu em uma família de camponeses pobres, o que significa que durante sua infância experimentou sofrimento e pobreza sob o esporão esmagador dos senhores e príncipes. As dificuldades desta vida, entre uma população de camponeses, eram interrompidas apenas por orgias selvagens, consumo de álcool desenfreado e prostituição. Embora fique evidente nas últimas cartas de Hus que ele era tão desordeiro quanto seus companheiros, ainda assim, ele insistia sinceramente que nunca foi culpado da imoralidade dos seus colegas. Disto o Senhor o salvou para prepará-lo para uma obra maior.

Embora seus pais não tivessem destaque algum por causa de sua piedade e aparentemente deram pouca atenção à instrução espiritual de John, eles queriam que ele fosse à escola, porque consideravam a educação como a única forma pela qual John e eles mesmos conseguiriam se livrar da sua pobreza opressiva. Na verdade, ao que parece, eles consideravam o estudo para formação de padres como o meio mais seguro de leva-los à riqueza - uma ironia que revela muito sobre o triste estado da igreja papista.

Embora John tivesse se tornado um homem altamente instruído, sua educação camponesa permaneceu com ele por toda a sua vida, e seus inimigos repetidamente zombavam dele por suas origens brutas e sem refinamento.

Em 1385, aos treze anos de idade, John começou sua educação formal na escola elementar em Prachatice. Finalizando esta parte de sua educação em 1390, ele foi para a Universidade de Praga, e adquiriu o Bacharelado em Artes em 1393 - com vinte anos - o Mestrado em Artes em 1396, e o Bacharelado em Divindade em 1404. Até obter seu mestrado, a vida era difícil financeiramente, e ele ganhava um pouco de dinheiro cantando e fazendo trabalho manual. Entretanto, após obter seu mestrado, ele estava qualificado para ensinar, o que ele fez na universidade. Rapidamente ele se

tornou o professor mais popular da universidade, em parte porque alterou as velhas tradições, recusando-se a ser o professor severo e inflexível, preferindo rir, brincar e conviver com seus alunos.

## Hus, o Pregador

Em 1402, John foi nomeado reitor e pregador na capela *Holy Infants of Bethlehem* - Santos Infantes de Belém - em Praga. Assim, John ocupou dois dos cargos mais estratégicos em toda Boêmia - embora provavelmente ele tivesse consciência da importância deles. A cidade de Praga tinha uma longa tradição de reforma, e podia se orgulhar de alguns pregadores excelentes, os quais pregavam a partir da Escritura. Hus foi herdeiro desta tradição. A Universidade de Praga estava no centro do movimento da Reforma e era um lugar de efervescência, onde novas ideias e estratégias para a igreja eram constantemente discutidas. A capela para qual Hus foi nomeado, foi construída em 1391 por um rico comerciante como um centro de pregação reformada.

Foi por volta do período em que Hus começou a pregar que ele também foi convertido. Parece que a sua conversão foi centrada no seu chamado para pregar. Antes de 1400, Hus tinha estudado para tornar-se padre na firme convicção de que este era o meio para sair da pobreza. Quando foi verdadeiramente confrontado com a tarefa de pregar, sua vida sofreu uma mudança fundamental e ele foi dominado pela percepção da grande tarefa de pregar o Evangelho de Cristo. Ele próprio escreveu sobre o quão importante ele considerava a pregação:

*"Com a ajuda de Deus eu tenho pregado, ainda estou pregando, e se a Sua graça permitir, devo continuar a pregar; caso eu seja capaz de levar algumas almas pobres, cansados, ou indecisas para a casa de Cristo, para a Ceia do Rei."*

## O Reformador

Os ensinamentos de John Wycliffe tinham chegado a Boêmia logo no início de 1390. Uma estreita aliança foi estabelecida entre a Inglaterra e a Boêmia, porque o rei da Inglaterra, Ricardo II, se casou com Ana da Boêmia, a irmã do rei da Boêmia. Estudiosos viajavam entre os países, e um eminente estudioso, Jerônimo de Praga passou algum tempo em Oxford, escola de Wycliffe, onde ele absorveu os ensinamentos de Wycliffe. Em seu retorno, ele espalhou os escritos e ensinamentos



de Wycliffe por toda a cidade de Praga e pela universidade.

Embora a reforma estivesse no ar por muitos anos, a propagação dos ensinamentos de Wycliffe deram a ela um sentido e uma base doutrinária. John Hus se tornou completamente familiarizado com os ensinamentos de Wycliffe e, convencido da verdade destes, começou a ensiná-los na universidade e pregá-los no púlpito. Não é de se estranhar que a fúria da Igreja Católica Romana rapidamente voltou-se contra ele. Quando a reforma geral, especialmente da corrupção clerical foi pregada, até mesmo muitos católicos romanos apoiaram o movimento da Reforma. Mas quando Hus e outros começaram a pregar a reforma doutrinária bem como a reforma moral, Roma se voltou em fúria contra os reformadores e especialmente contra Hus.

É como se, desde o primeiro momento em que começou a pregar, Hus estivesse sob suspeita. Perto do fim da vida de Hus, um curioso documento - uma coleção de citações das suas pregações e ensinamentos - apareceu, documento este que houvera sido confiscado secretamente e, obviamente, houvera sido designado para acusar Hus de heresia. Quanto mais Hus enfatizava que a raiz dos males de Roma se encontrava em seus erros doutrinários, mais ele perdia o apoio da igreja, dos políticos, e da maioria das pessoas em posição de autoridade. Foram os estudantes que Hus ensinou na escola e as pessoas comuns que amavam sua pregação que continuaram a apoiá-lo.

## **Oposição**

À medida que a oposição a Hus crescia, vários tipos de pressão eram colocados sobre ele. Primeiro, quarenta e cinco declarações admitidas como sendo ensinamentos de Hus foram condenadas. Então a pregação foi proibida em todas as capelas. Quando Hus se recusou a parar de pregar, ele foi excomungado pelo arcebispo. Sem demora ele foi convocado à Roma para ser julgado, mas sabendo que nunca escaparia de Roma com vida, ele se recusou a ir e foi excomungado pelo papa. Mesmo isso não foi suficiente, Praga foi colocada sob o interdito, para que nenhum serviço religioso pudesse ser realizado em toda a cidade. Aos poucos, o poder de Roma estava colocando Hus contra a parede.

Por compaixão aos cidadãos da cidade e para que o interdito acabasse, Hus deixou Praga e voltou para a região de sua cidade natal. Sua nova residência logo se tornou um centro de pregação para toda a região ao redor e esta lhe deu a tranquilidade que precisava para escrever. Possivelmente esta mudança não diminuiu a sua eficácia, mas foi o meio de Deus espalhar o ensino de Hus para além dos limites de Praga.

De qualquer forma, Roma já não podia mais tolerar Hus. Ele foi chamado para o Concílio de Constança em 1414, uma reunião que havia sido convocada para resolver o cisma papal. Três papas estavam afirmando ser o papa legítimo, e a situação ultrajante estava ridicularizando as reivindicações da igreja.

## Seu Julgamento e Martírio

O imperador Sigismundo prometeu à Hus um salvo-conduto de ida e volta para Constança, independente do resultado do julgamento de Hus. Foi por esta razão que Hus se determinou a ir, embora não estivesse totalmente certo de que sairia vivo do julgamento. Entretanto, ele disse a seus amigos que um testemunho fiel ao seu Senhor e Salvador requeria que ele fosse.

Hus estaria seguro em sua cidade natal. Ele deu testemunhou a isto em Constança, diante de seus acusadores quando lhes disse:

*"Eu digo que vim aqui de livre e espontânea vontade. Se eu relutasse em vir, nem aquele rei [Wenzel], nem este rei [Sigismundo] teriam sido capazes de me forçar a vir, tão numerosos e tão poderosos são os nobres boêmios que gostam de mim, e dentro de cujos castelos eu poderia permanecer escondido."*

Durante um mês, enquanto estava em Constança, Hus foi autorizado a deslocar-se livremente, até mesmo a administrar a Ceia do Senhor diariamente em seus aposentos - a casa de uma viúva a quem ele chamava de "*viúva de Sarepta*". Mas os clérigos de Roma, ímpios e traidores, não podiam permitir que Hus permanecesse em liberdade e assim ele foi preso sob a acusação forjada de que tinha tentado fugir da cidade em um vagão.

Ele ficou três meses numa cela ao lado das latrinas, no calabouço de um convento dominicano. No dia vinte e quatro de março de 1414, ele foi acorrentado e transferido para um calabouço no castelo de Gottelieben, onde foi algemado e amarrado a uma parede durante a noite e durante o dia, enquanto livre, caminhava acorrentado.

Após setenta e três dias, ele foi transferido para um convento franciscano, onde foi submetido a audiências cruéis e desumanas, com o intuito de fazê-lo se retratar-se. Durante todo o período em que esteve em prisão, não lhe foi autorizado fazer uso de nenhum livro, nem mesmo sua Bíblia. Em alguns momentos ele quase morreu de fome e do começo ao fim foi tratado tão cruelmente que sofreu de hemorragia, dores de cabeça, vômitos e desmaios.

Quando finalmente foi levado perante o concílio, não lhe autorizaram dizer nada, embora repetidamente ele se esforçasse para dar testemunho à sua fé, o testemunho que almejava dar. Deus não desejava que o seu testemunho fosse o de uma confissão de sua boca, seu testemunho tinha de ser aquele do martírio, um testemunho muito mais poderoso.

O julgamento foi uma piada, uma violação de todas as regras da justiça, uma farsa da pior espécie. Durante seus procedimentos, Hus foi repetidamente feito o objeto de zombaria, escárnio, tratamento humilhante da pior qualidade e uma destituição cruel quando foi despojado de todas as suas roupas clericais e excomungado publicamente.

Finalmente ele foi condenado à morte na fogueira e o conselho com medo de derramar o sangue de um homem, o entregou às autoridades seculares para executar a sentença.

Um aspecto interessante dá um vislumbre da magnífica sabedoria de Deus: quando Hus foi condenado à morte, ele apelou para o imperador Sigismundo, que estava presente para resgatá-lo, lembrando Sigismundo de sua promessa de um salvo-conduto. Embora Sigismundo não tenha tido coragem de cumprir a sua promessa, ele teve a graça de corar de um vermelho ardente com a repreensão de Hus. Tudo isso não significaria muito em si mesmo. Mas pouco mais de cem anos após, Lutero foi a Worms sob o salvo-conduto de Carlos V, imperador da Alemanha, e se posicionou corajosamente pela Bíblia. A Igreja Católica Romana queria Lutero morto, mas Carlos insistiu que o salvo-conduto fosse aplicado. Mais tarde, quando Carlos foi interrogado quanto ao porquê ele permitiu que Lutero, um bastardo herético escapasse, Carlos respondeu que ele se lembrava muito bem do rubor de vergonha no rosto de Sigismundo, quando Sigismundo traiçoeiramente anulou o salvo-conduto de Hus. Deus usou o rubor de vergonha de um imperador para salvar a vida de Lutero.

No caminho para o local da execução, Hus tentou falar com o povo várias vezes, mas foi silenciado em todas as situações. Finalmente, quando a multidão chegou na estaca, Hus com lágrimas nos olhos, ajoelhou-se em oração. As mãos de Hus foram amarradas em suas costas e o seu pescoço foi preso a estaca com uma corrente coberta de fuligem. A palha e a madeira foram empilhadas ao redor dele até o queixo e a resina foi respingada sobre a madeira. Quando pela última vez foi-lhe pedido que retratasse-se, sua resposta foi: *“Hoje eu vou morrer com alegria na fé do Evangelho que eu tenho pregado”*. Enquanto as chamas erguiam-se em torno dele, ele cantou duas vezes: *“Cristo, Filho do Deus vivo, tem misericórdia de mim”*. Orando e cantando até que a fumaça começou a sufocá-lo, ele morreu como um fiel mártir de Jesus Cristo. Para remover todas as possibilidades de que os seus restos mortais

fossem preservados, suas roupas foram jogadas no fogo, e todas as cinzas foram reunidas e jogadas no rio Reno.

Assim morreu um fiel homem de Deus, selando seu testemunho com seu sangue.

## Sua Importância

Hus foi um homem de Deus ao longo de sua carreira reformatória e ele ganhou o elogio relutante de seus inimigos. Um jesuíta declarou:

*"John Hus foi ainda mais notável por sua perspicácia do que por sua eloquência; embora a modéstia e a gravidade de sua conduta, sua vida austera e irrepreensível, suas feições pálidas e melancólicas, sua gentileza e afabilidade para com todos, até mesmo com o mais humilde, persuadiram mais do que a maior eloquência."*

Outro católico romano, que mais tarde se tornou um papa, escreveu:

*"Ele era um orador poderoso, e destacava-se pela reputação de uma vida de pureza notável."*

Hus não foi o pensador original que Wycliffe foi, e na verdade ele emprestou a maior parte dos pensamentos de Wycliffe - especialmente a visão de Wycliffe da igreja como o corpo eleito de Cristo e a autoridade exclusiva da Escritura. Mas Hus se tornou o que Wycliffe nunca foi, um poderoso pregador do Evangelho. Ao pregar ele moveu uma nação. Ao pregar ele estabeleceu a igreja na Boêmia, a qual Roma nunca pôde destruir, mas que aderiu à Reforma apenas cem anos mais tarde.

Roma tem o sangue de incontáveis pessoas de Deus em suas mãos. Ela nunca expressou uma palavra de tristeza ou arrependimento por isso. O sangue dos mártires ainda clama debaixo do altar, contra Roma:

*"Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, esperarás para julgar os habitantes da terra e vingar o nosso sangue?"*

Para Hus, junto aos outros mártires de Cristo, foi dada uma túnica branca e o testemunho que eles devem descansar um pouco, até que seus irmãos sejam mortos como eles foram.



# Período da Reforma | 1517 - 1600



A Prensa de Gutenberg • 1450

1450

Frederico, o Sábio ★ 1463 † 1525

1480

Martinho Lutero ★ 1483 † 1546

Ulrico Zwinglio ★ 1484 † 1531

William Farel c. ★ 1489 † 1565

Martin Bucer ★ 1491 † 1551

Pietro Vermigli ★ 1499 † 1562

1500

Heinrich Bullinger ★ 1504 † 1575

João Calvino ★ 1509 † 1564

Frederico, o Piedoso ★ 1515 † 1576

As 95 Teses • 1517

Theodoro Beza ★ 1519 † 1605

1520

Dieta de Worms • 1521

Inquisição na Holanda  
por Carlos V • 1522

Guido de Brès ★ 1522 † 1567

Colóquio de Marburgo • 1529

Institutas de Calvino

1ª Edição • 1536

1ª Confissão Helvética • 1536

Peter Datheen c. ★ 1531 † 1588

Guilherme, o Taciturno ★ 1533 † 1584

Zacarias Ursinus ★ 1534 † 1583

Caspar Olevianus ★ 1536 † 1587

1540

Concílio de Trento • 1545-1563

Paz de Ausburgo • 1555

Confissão Belga • 1562

Catecismo de Heidelberg • 1563

1565

2ª Confissão Helvética • 1566

1º Sínodo Reformado

na Holanda • 1571

Massacre dos Huguenotes

- São Bartolomeu • 1572

1580



## **Martinho Lutero - O Reformador Alemão**

### **Introdução**

Deus preservou Sua igreja do começo ao fim da escura e triste Idade Média, quando a apóstata Roma controlava a vida e a consciência dos homens. Ele preservou Sua igreja através dos waldenses, escondendo-os em vales e cavernas nos Alpes para escaparem da brutalidade da Inquisição. Ele preservou Sua igreja através de seguidores fiéis - por meio de dois Johns: John Wycliffe e John Hus.

Mas a instituição da igreja estava corrupta e os santos de Deus não tinham lugar algum para ir com seus filhos, a fim de serem alimentados pelo Pão da Vida. E gradualmente, sob as terríveis pressões de Roma, tornava-se mais difícil de se encontrar a verdadeira igreja.

Deus tem Sua própria maneira e Seu próprio tempo para fazer o que precisa ser feito para preservar Sua igreja. Aquele velho ditado que pode ser aplicado à criação, pode também ser aplicado à igreja: "*É sempre mais escuro antes do amanhecer*". A escuridão cresceu grandemente na Europa debaixo da pesada mão de Roma; o dia estava quase raiando. E este raiou com a vinda de um monge insignificante da Saxônia, na Alemanha, quando a esperança por reforma se fora. Ela surgiu de uma fonte inesperada e de um lugar surpreendente. Essa é a história de uma das maiores obras de Deus na igreja desde o tempo dos apóstolos. É duvidoso que tal história venha se desdobrar novamente até que Cristo retorne no final dos tempos.

### **A Reforma na Alma de Lutero**

De nossa perspectiva terrena e humana, é como se Deus nunca estivesse com pressa. Parece-nos que Ele está tranquilo em relação a certas coisas que aparentam ser tão cruciais para nós que qualquer atraso em fazê-las seria um desastre. E assim foi com Lutero.

No final do século XV, a situação na Europa parecia ir tão mal que se Deus não fizesse algo rapidamente, seria tarde demais e a igreja desapareceria da terra de uma vez por todas. A reforma tinha de acontecer ou a reforma nunca aconteceria.

Quando a reforma de fato aconteceu, ela veio como uma onda poderosa de um maremoto que engoliu a Europa, mas ainda assim, ela começou bem devagar e foi pouco percebida. Esta veio como uma voz mansa e pequena na alma de Martinho Lutero.

Martinho Lutero nasceu no dia dez de novembro de 1483, em Eisleben, na Saxônia da Alemanha. Sua família era bastante pobre, mas honesta e trabalhadora, membros devotos da igreja papista. Lutero foi educado sob a rígida disciplina e superstição da igreja. Ele recebeu sua educação inicial em Mansfeld, Magdeburg e Eisenach. Por que seus pais não podiam sustentá-lo, ele cantava para ganhar um pouco de dinheiro e foi ajudado por Ursula Coota, esposa de um dos ricos comerciantes em Eisenach. Lutero foi criado na bruta escola da vida de camponês e levou as marcas indelévels de sua educação para toda a sua vida. Isso fez dele um homem do povo.

Com dezoito anos, em 1501, ele entrou para a Universidade de Erfurt para estudar o pensamento escolástico, lógica, metafísica, retórica e física - estudos tradicionais daquele tempo. Pelo fato da Renascença ter entrado nas universidades alemãs, ele estudou latim clássico progrediu na poesia e na música. Com vinte anos de idade foi provavelmente quando Lutero viu a Bíblia completa pela primeira vez; e foi através disto que um sua alma uma batalha criada por Deus surgiu, a batalha em relação a sua salvação pessoal. Em 1502, graduou-se na universidade com grau de Bacharel em Artes, e três anos mais tarde um Mestrado em Artes, equivalente hoje a um Ph.D. A lei era sua principal preocupação, porque o desejo de seu pai era que ele devotasse a si mesmo para aquela que era uma das carreiras mais promissoras na então Europa católica romana.

Mas Deus tinha outros planos. Dois eventos trouxeram Lutero para o monastério, um foi a morte repentina de um amigo, ora morto num duelo ou golpeado por um relâmpago; o outro foi uma terrível tempestade de trovões em que ele pensou que morreria, então implorou à Santa Ana para poupá-lo, prometendo que, se poupado, ele se tornaria um monge. Ele foi poupado e tornou-se um monge - no dia dezesseis de julho de 1505.

Lutero queria ser um monge, porque pensava que o convento era a maneira que traria paz para sua alma cheia de temores. Deus o colocou no monastério para que ele pudesse aprender a absoluta inutilidade de toda prescrição que Roma oferecia para atingir essa paz. Mas as prescrições de Roma não eram de maneira nenhuma um auxílio, pois estavam baseadas no que o homem tinha que fazer.

E de fato, no monastério ele provou tudo isso. Como ele mesmo coloca, ele superou todos os monges. Fazendo uso de vários tipos de penitência, ele maltratou a si mesmo de forma tão má que prejudicou sua saúde. Ele confessava seus pecados ao seu superior de forma tão frequente e com tantos detalhes que por fim foi-lhe dito deveria ou cometer algum pecado digno de ser confessado ou que parasse de incomodar um homem ocupado com pequenas coisas bobas.

Deus enviou-lhe ajuda no monastério, talvez o suficiente para manter Lutero são, embora não suficiente para trazê-lo paz naquele momento. A ajuda veio de Johann Von Staupitz, o vigário geral do monastério, o qual por causa de suas inclinações místicas, sabia mais sobre salvação do que toda a igreja romanista, mas nunca deixou Roma de jeito nenhum. O vigário geral direcionou Lutero para a Escritura, transformou os pensamentos de Lutero sobre o perdão dos pecados na cruz e plantou as sementes do sacerdócio na alma de Lutero. Durante um dos períodos de negro desespero de Lutero, Von Staupitz, enquanto sentado com Lutero debaixo de uma árvore de peras no jardim do monastério, disse a Lutero para preparar-se para pregação, por tornar-se doutor em Teologia. A resposta de Lutero foi:

- *"Vossa Excelência, Sr. Staupitz, você vai privar-me de minha vida".*

Apenas com leve tom de brincadeira, Staupitz replicou:

- *"Tudo certo. Deus tem muito trabalho para homens inteligentes no céu".*

O tempo gasto no monastério foi necessário para Lutero perceber que a teologia da igreja romanista estava errada, pois ensinava a salvação por obras. As obras que Deus exigia nunca poderiam ser realizadas pelo homem. O próprio Lutero foi atormentado com o pensamento de que ou ele não tinha feito boas obras o suficiente ou as obras que ele fez não eram boas o suficiente para merecer sua salvação. Pelo fato de nenhuma das suas obras, imperfeitas e inadequadas, poderem ganhar sua salvação, a paz e a alegria da salvação não poderiam ser suas. Mas Lutero precisava aprender na escola do Espírito Santo que a salvação não é por obras de homens, mas pela graça de Deus.

## **A Conversão de Lutero**

Lutero se tornou padre e rezou sua primeira missa no dia dois de maio de 1507. Ele continuou seus estudos, agora para obter um doutorado em teologia, que, quando concluído, abriu a porta para que ele se tornasse professor na Universidade de



Wittenberg. No inverno de 1512, o Doutor Reverendo Martinho Lutero iniciou seu ensino com palestras. Ele expôs - nesta ordem - Salmos, Romanos, Gálatas, Hebreus e de novo Salmos. Ele considerava esses estudos como cruciais e mais tarde disse: "*No decorrer deste ensino, de mim o papado foi embora.*"

O avanço no entendimento veio com novas percepções, como na frase, "*a justiça de Deus*", assim como aparece em Romanos 1 verso 17: "*Porque no Evangelho é revelada a justiça de Deus, uma justiça que do princípio ao fim é pela fé, como está escrito: 'O justo viverá pela fé'*". Lutero sempre tinha pensado na justiça de Deus como a perfeita essência de Deus e seu conseqüente ódio pelo pecado. Ele olhava para a justiça de Deus como a ira de Deus queimando contra qualquer um que não mantivesse os caminhos de Deus perfeitamente.

Mas no que mais tarde se tornou conhecido como a "*experiência da torre*" de Lutero, ele de repente veio a entender que a frase "*a justiça de Deus*" não se referia ao ódio de Deus pelo pecado enraizado na Sua própria perfeição, mas significava que Deus imputou justiça para o pecador, sem obras e somente por causa dos méritos de Cristo. Essa foi a justiça dada livremente pela fé para pecadores indignos.

Lutero disse, mais tarde descrevendo o evento, que para ele foi como se os próprios portões dos céus tivessem sido abertos diante dele. De maneira repentina seu senso medonho de culpa e indignidade caíram, sua tentativa desesperada para alcançar paz com Deus através dos seus labores pareceram estúpidos e inúteis, todos seus rituais monásticos foram exercícios de futilidade. Ele estava sem pecado, não porque ele não pecou, mas porque a justiça de Cristo lhe foi dada livremente. Como ele descreveu, ele era justo e pecador ao mesmo tempo. Isso lhe trouxe a paz que tinha procurado, até mesmo na luta com o pecado.

As completas implicações desse "*avanço*" teológico não surgiram de imediato em Lutero. Uma vez tendo visto a grande luz, ele agora tinha que reler e reestudar de Salmos a Paulo, pois entendendo que a salvação pela justiça imputada é uma doutrina que está no próprio centro da Escritura - no coração dela -, ele tinha que considerar todas estas coisas, tendo este "*coração*" como ponto de vista.

## **A Reforma**

A reforma tinha sido, pela graça de Deus, concluída na alma de Lutero. Já era hora para que a reforma começasse na igreja em geral. Deus tinha preparado o homem que Ele queria usar e mesmo se Lutero soubesse, agora o povo de Deus havia de ser guiado para fora do Egito da igreja de Roma, em direção à Canaã do Evangelho. E

Lutero foi designado o Moisés.

A obra começou quando o monge Tetzel decidiu vender descaradamente suas indulgências na Saxônia da Alemanha, onde as notícias sobre isso chamaram a atenção de Lutero. Lutero, convencido em sua própria alma do mal das indulgências, decidiu expor o assunto para debate entre dos monges da Ordem Agostiniana, da qual fazia parte. Para convidar outros para o debate, ele pregou noventa e cinco teses - proposições - na porta da capela da igreja de Wittenberg, em trinta e um de outubro de 1517, para que qualquer um que quisesse participar soubesse qual era o assunto do debate.

Tornou-se evidente daquele momento em diante que a Reforma era de fato a obra de Deus, e não do esforço de Lutero. A Reforma foi obra de Deus na alma de Lutero, mas também continuou sendo a obra de Deus à medida que se desenvolvia. Lutero, descrevendo o processo da Reforma, mais tarde disse:

*"A primeira coisa que peço é para que as pessoas não façam uso do meu nome e não chamem a si mesmos luteranos mas sim, cristãos. O que é Lutero? O ensino não é meu. Eu não fui crucificado por ninguém [...]. Como poderia eu, um pobre saco fedorento de larvas que sou, chegar ao ponto em que pessoas chamam os filhos de Cristo pelo meu nome mal?"*

Mais tarde, num sermão, ele disse:

*"Eu simplesmente ensinei, preguei, escrevi a Palavra de Deus; de outro modo, não fiz nada. E então, enquanto dormia, ou bebia a cerveja de Wittenberg com meu Philipp e meu Amsdorf, a Palavra enfraqueceu o papado grandiosamente, de tal forma que fez a ele um dano tal como nunca antes um príncipe ou imperador fizera. Eu não fiz nada. A Palavra fez tudo."*

Essa convicção de Lutero de que aquilo que tinha acontecido era obra de Deus estava evidente quando as teses foram expostas publicamente. Lutero, de forma bem inocente, queria uma discussão pública. Deus pegou as teses e através da maravilha da impressão, levou-as para serem distribuídas por toda a Europa onde balançaram as bases da Europa. As teses foram o embrião do Evangelho da salvação em Cristo, uma verdade que a Europa ansiava.

Nós não podemos, nesse breve esboço biográfico, dar um relato detalhado do trabalho de Lutero. É possível mencionar, apenas de passagem, alguns dos eventos notáveis.

## A Disputa de Heidelberg

Apesar das revoltas na Europa, as teses de Lutero logo chamaram a atenção do papa, Roma não foi imediatamente perturbada por esses eventos e rejeitou toda a questão como sendo "*uma briga de monges*". Mas isso foi mais longe e nem mesmo Lutero sabia da dimensão disto tudo. Mas quando a gravidade de tudo isso tornou-se evidente, alguns eventos importantes ocorreram.

A disputa de Heidelberg, realizada em abril de 1518, - menos de meio ano após as teses terem-se tornado um assunto público -, foi uma conferência e debate entre a Ordem Agostiniana sobre a visão de Lutero. Os prelados da igreja romanista recorreram à autoridade papal e pensaram que isso finalizaria o assunto. Lutero deixou de lado a questão da indulgência e aproveitou a oportunidade para expor vários erros teológicos: o mérito das boas obras e o livre arbítrio do homem. Tudo isto não teve muito resultado, exceto os muitos que aderiram às ideias de Lutero, inclusive Martin Bucer, que mais tarde se tornou um reformador de Estrasburgo.

## A Disputa de Leipzig

Roma agora começou a ter algum interesse no assunto e apontou Prierio, responsável por tudo que era ensinado na cristandade, para investigar. Ele escreveu um folheto na tentativa de refutar as teses de Lutero, mas ele, acima de tudo, apelava à autoridade do papa:

*"Qualquer um que não confia no ensinamento da igreja romanista e no Pontífice de Roma, como infalível regra de fé, do qual as Sagradas Escrituras por si derivam sua força e autoridade, é um herege."*

Lutero foi ordenado a comparecer em Roma para ter suas opiniões examinadas e Frederico, o eleitor da Saxônia, foi ordenado a entregá-lo. Frederico se recusou e se tornou o protetor de Lutero durante a Reforma.

A Disputa de Leipzig, realizada de vinte e sete de junho a quinze de julho de 1519, foi um dos maiores debates de todos os tempos. Os principais oradores eram Martinho Lutero e John Eck, sendo que Eck era um competente orador e debatedor competente e um homem de coração e alma devotos à ortodoxia romanista. De um ponto de vista puramente formal, Lutero perdeu o debate. Ele foi acusado de ser hussita e foi forçado a admitir, pois Eck provou ser mais habilidoso em técnicas de debate e dirigiu Lutero

a posições que ele não tinha originalmente sustentado.

Mas essas posições foram as posições nas quais Deus desejava que Lutero ficasse. Sob a pressão do ataque inteligente de Eck, Lutero foi, passo a passo, forçado a negar a infabilidade dos conselhos da igreja, a autoridade do papado, a ideia da meditação sacerdotal e a tola noção de que a moralidade dos monges no monastério era superior a moralidade do povo de Deus. Por fim, ele se posicionou onde Deus queria que ele se posicionasse: ele afirmou a autoridade única da Escritura, a verdade que somente aquilo que é fruto de fé é bom aos olhos de Deus e o princípio do sacerdócio de todos os cristãos. Lutero foi forçado a ver as consequências da posição que tinha tomado.

### **A Dieta de Worms**

Em junho de 1520, a bula papal de excomunhão foi emitida em Roma pela investigação de Eck. Pelo fato do povo alemão estar apoiando Lutero, era difícil entregar a bula pessoalmente a Lutero. Quando finalmente isso foi feito, Lutero queimou a bula publicamente nas ruas de Wittenberg, em dezembro do mesmo ano. Este ato foi a completa ruptura entre Lutero e a igreja apóstata.

Lutero foi convocado publicamente a comparecer para ser julgado no próximo ano - 1521 - diante da Dieta de Worms. Este foi uma reunião do Reichstag - uma convocação de todos os príncipes que regiam as diferentes províncias da Alemanha - para resolver, se possível, o "*problema alemão*" trazido pelos novos ensinamentos de Lutero. Estavam presentes também os altos e poderosos oficiais da igreja romanista, cobertos com todas as suas esplêndidas mantas e mitras, determinados a impor a vontade do papa sobre o Reichstag. Carlos V, escolhido pelos príncipes para ser o governante do Sacro Império Romano, o que incluía a Alemanha, estava lá com seu tribunal.

Em momentos cruciais, Deus organiza os acontecimentos sua igreja de tal forma que somente um homem, sozinho, no meio da multidão, é chamado para se posicionar pela causa de Deus e pela verdade. E assim foi em Worms. Lutero contra toda a igreja romanista. Lutero sob a ameaça das crueldades da Inquisição. Lutero contra o poderio do império. Lutero sozinho.

Ele foi, isso é verdade, sob do salvo-conduto emitido pelo próprio imperador. Mas Lutero e seus amigos lembraram bem que o salvo-conduto significava exatamente nada para os charlatões de Roma, mesmo que isso tenha sido uma promessa sagrada diante de Deus. Quando advertido por seus amigos para não ir, Lutero

respondeu que a causa de Cristo exigia isso e se cada telha de Worms fosse um demônio, ele ainda precisaria ir até lá. Refletindo sobre aqueles dias perigosos, pouco antes de sua morte, ele disse: *"Eu estava sem medo, eu não tive medo algum; Deus pode fazer um homem tão desesperadamente corajoso, eu não sei se eu poderia estar tão alegre agora."*

Não lhe foi dada a oportunidade de defender sua posição, mas foi-lhe perguntado se os livros na mesa à sua frente eram dele. Quando reconheceu que o eram, foi-lhe perguntado se poderia retratar-se do que tinha ensinado.

Esse foi um momento solene. Lutero estava temeroso pela assembleia, nervoso e empolgado, sem preparo para ser confrontado com a questão que poderia custar sua vida, sem qualquer oportunidade de defender a si mesmo. Então ele pediu um dia para considerar sua resposta. Depois de uma breve consulta, o imperador concedeu. Alguns pensavam que ele estava prestes a sucumbir. Seus inimigos estavam cheios de alegria.

Mas a trégua do dia trouxe a Lutero força renovada e vigor. Naquela noite ele escreveu para um amigo: *"Não vou retirar uma vírgula, que Cristo me ajude"*. O próximo dia seria o dia mais importante da sua vida.

No caminho do salão, é dito que um velho guerreiro bateu nos seus ombros e disse:

*"Meu pobre monge, meu pobre monge, tu estás a fazer tal defesa que nem eu, nem nenhum dos meus companheiros de lutas jamais tivemos de fazer em nossas batalhas mais quentes. Se tu tens certeza da justiça da tua causa, então avança em nome de Deus e tende bom ânimo: Deus não vai te abandonar"*.

Depois de discussões prévias e após ter sido por fim instruído que tornasse clara a sua posição, sem equívocos, Lutero proferiu aquelas palavras que por tantas vezes têm movido as almas dos herdeiros da Reforma, embora estas mesmas palavras encheram seus inimigos de apatia e desânimo:

*"A menos que eu seja refutado e convencido pelo testemunho da Escritura ou por claros argumentos - desde que não acredito nem no papa nem nos concílios somente, tendo ficado evidente que têm frequentemente errado e contradito a si mesmos -, fui vencido pela Sagrada Escritura que aqui citei e minha consciência esta presa à Palavra de Deus, eu não posso e não vou retratar-me por nada, pois é arriscado e perigoso falar contra a consciência. Aqui permaneço. Não posso fazer outra coisa. Deus me ajude! Amém."*

Os católicos romanos colocaram muita pressão em Carlos para que quebrasse sua promessa de salvo-conduto e prendesse Lutero, mas Carlos se recusou. Tem sido dito que a recusa de Carlos foi por causa da memória do rubor na face de Sigismundo, quando John Hus, enquanto estava sendo levado para ser queimado, lembrou-o do salvo-conduto que ele tinha anteriormente emitido. De qualquer forma, o Reichstag colocou Lutero sobre a proteção do império.

## **A Estadia em Wartburg**

Frederico, o eleitor de Lutero - receoso que Lutero fosse capturado afinal - organizou seu "*sequestro*" pelos seus amigos, os quais carregaram-no para o castelo de Wartburg. Ali, Lutero esteve por onze meses escrevendo constantemente. Seu trabalho principal foi sua tradução das Escrituras do Novo Testamento para o alemão. Isso foi uma realização maravilhosa, pois dessa forma Lutero deu a Bíblia para o povo de Deus, e o estilo literário que ele usou também determinou o curso da língua alemã pelos séculos seguintes.

Lutero retornou para Wittenberg somente quando ouviu que os profetas radicais de Zwickau<sup>35</sup>, com seu misticismo perigoso, estavam perturbando a paz e a tranquilidade da cidade. Se alguém se perguntar quão importante foi o papel da pregação na Reforma, esta pessoa precisa ser lembrada do fato que Lutero parou os radicais em seus caminhos e os mandou disparados para fora da cidade através de uma série de oito sermões no qual ele pregou do púlpito de Wittenberg.

Do tempo em que Lutero retornou para Wittenberg até o final de sua vida, a Alemanha cambaleou à beira de uma guerra entre os exércitos dos príncipes protestantes e os exércitos dos príncipes que estavam determinados a manter a Alemanha no catolicismo romano. Esse foi um tempo de perigo e luta, mas somente depois da morte de Lutero a Guerra dos Trinta Anos de fato rompeu, uma guerra que deixou a Alemanha devastada.

## **Lutero, O Pregador**

Acima de todas as coisas, Lutero foi um pregador. Não deveria ser surpresa para nós que a pregação, e a pregação somente, é o poder da igreja. Nenhuma reforma

---

<sup>35</sup> Era um movimento da reforma radical liderado por três homens da região de Zwickau, na Saxônia.

poderia acontecer de qualquer outra forma senão através da pregação.

A pregação de Lutero era caracterizada pela exposição da Escritura, extremamente simples e realista, pela qual Lutero fez a verdade de Deus despertar na mente e nos corações dos mais simples entre o povo de Deus. Os sermões refletiam a empatia de Lutero pelos cidadãos da sua cidade.

Lutero sempre levava a congregação à cruz em sua pregação. É muito difícil encontrar algum sermão no qual ele não tenha feito isto. Ele mesmo tinha encontrado aos pés da cruz a paz que ultrapassa o entendimento e era àquele Salvador sofrendo e morrendo que Lutero desejava levar o povo de Deus.

Seus sermões ainda estão disponíveis. Eles devem ser lidos. Nada fala mais das lutas da reforma de forma clara do que estes sermões, e nada nos mostra o poder do Espírito em uma pregação centralizada em Cristo de forma mais vívida do que a leitura do que Lutero pregava.

### **Lutero, O Escritor**

Os escritos de Lutero são volumosos. Na edição da biblioteca do *Protestant Reformed Seminary* seus escritos são reunidos em cinquenta e quatro volumes. A maioria das suas obras é tão excepcional que mais cedo ou mais tarde elas são lidas pelo povo de Deus - tal como eram lidas pelo povo de Deus nos dias de Lutero. Em sua obra "*A Escravidão da Vontade*", Lutero refuta a heresia do livre arbítrio ensinada pelo "*príncipe dos humanistas*", Desidério Erasmo. Foi através dela que Lutero rompeu com o humanismo e este é um dos grandes livros da Reforma.

Os três panfletos mais influentes de Lutero definiram as verdades básicas da Reforma Luterana: "*Discurso à nobreza alemã*", no qual a doutrina do sacerdócio de todos os santos foi elaborada; "*O Cativo Babilônico da Igreja*", no qual Lutero expõe argumentos contra o sistema sacramental de Roma; e "*A Liberdade do Homem Cristão*", uma discussão clara sobre a liberdade cristã.

Se alguém deseja conhecer Lutero no seu mais claro e robusto caráter, precisa somente pegar e ler a obra "*Table Talks*". Nesta Lutero comenta sobre quase tudo na vida com simples expressões, visões bíblicas, comentários humorísticos e falas que iriam fazer deleitar a alma de um simples camponês.

### **Lutero, O Marido e Pai**

Alguém poderia escrever um livro somente sobre o aspecto familiar da Reforma Luterana. Lutero não apenas colocou de lado seus votos monásticos, ele também se casou com Catarina von Bora, uma ex-freira com opinião própria e forte em seus próprios direitos no lar. Ele se casou com ela, ele disse, "*para agradar meu pai, provocar o papa e irritar o diabo*". Ela era carinhosamente chamada por seu marido de "*Katie, minha costela*". Ela administrou, muitas vezes com exaspero, o tumultuoso lar que sempre tinha visitas e nunca tinha dinheiro suficiente. Eles tiveram seis crianças, três eram meninas, das quais duas morreram ainda jovens e três meninos. Especialmente a morte de Lena - Magdalena - tocou Lutero com grande tristeza. Philip Schaff descreve a oração de Lutero ao lado da cama de sua filha:

- "*Eu a amo tanto, ele orava, 'mas querido Deus, se levá-la é a tua santa vontade, então eu alegremente a entrego a Ti'. E para sua filhinha disse: 'Querida Lena, minha filhinha, embora amarias ficar aqui com teu pai: estás disposta a ir com aquele outro Pai?'*"

- "*Sim, querido pai, ela respondeu, 'como Deus quiser.'*"

E quando ela estava morrendo, ele caiu de joelhos ao lado de sua cama, chorando amargamente, e orou pela sua redenção. Assim que ela foi colocada em seu caixão, ele exclamou:

*"Ah! Minha querida Lena, irás ressuscitar novamente, e brilharás como uma estrela - sim, como o sol. Estou feliz no espírito, mas muito entristecido na carne."*

Lutero escreveu excessivamente sobre educação, pois a educação das crianças na igreja era crucial para ele. Nos escritos desse importante assunto, do qual nós podemos aprender nos dias de hoje, Lutero estava muito a frente do seu tempo.

As instruções no lar ocuparam uma parte crucial da vida de Lutero. O lar de Martinho e Katie era repleto de oração, estudo bíblico, discussões teológicas e o exemplo de pessoas piedosas. Uma oração de Lutero vive em minha memória de maneira especial, pois mostra sua vida íntima de comunhão com Deus, sua dependência da graça divina e seu amor pela igreja. Era uma oração no final de um dia ocupado.

*"Meu querido Deus, agora eu me deito e trago teus assuntos para Ti; Tu podes fazer o melhor com eles. Se Tu não podes fazer melhor que eu, Tu irás destruí-los totalmente. Quando eu acordar, alegremente tentarei de novo. Amém. "*



Através da sua vida familiar, Lutero trouxe verdadeira reforma para o lar e para a família, algo extremamente necessário depois da corrupção de Roma. Os efeitos do próprio exemplo de Lutero duram até os dias de hoje nos lares da aliança.

## **Lutero, o Guerreiro**

Lutero lutou corajosa e inabalavelmente nas batalhas pela verdade. Tudo o que foi necessário em os seus poderosos golpes contra Roma para mostrar seu mal, ele fez. Através de tudo o que fez, Lutero criou uma verdadeira confusão na igreja.

É necessário lembrar que ele teve que lutar em duas frentes: Roma de um lado, e de outro lado, os miseráveis radicais anabatistas - os chamados "*de direita*" da Reforma. A evidência do poder da graça na vida de Lutero se torna evidente pelo equilíbrio que ele manteve entre estes dois extremos.

Através de sua teologia, Lutero bateu e destruiu a imponente e aparentemente parede indestrutível das heresias da cidadela de Roma. Enquanto Calvino seria aquele que reconstruiria as paredes de Jerusalém, Calvino não poderia ter feito seu trabalho sem o estrondo violento de Lutero contra Roma. Mas Lutero também lançou as bases das doutrinas da graça soberana para que as verdades da salvação pela graça somente pudessem ficar mais bela e plenamente estabelecidas para aqueles que haviam de vir depois dele.

É um motivo de tristeza que, na doutrina dos sacramentos, Lutero tenha entendido que seria necessário batalhar contra seus seguidores reformados. Embora as suas razões para aderir à consubstanciação são facilmente compreensíveis, ele conseguiu libertar-se do erro católico romano.

## **A Morte de Lutero**

Lutero fez uma viagem a Eisleben, na Alemanha, cidade do seu nascimento e batismo, para tratar de algumas negociações difíceis. Ali, longe da sua amada Katie e de Wittenberg, com a idade de sessenta e três anos, ele foi estar com seu Senhor, a quem amou e serviu. A data era dezessete de fevereiro de 1546. Lutero tinha, por um longo tempo, sofrido severamente por causa de várias doenças. À medida que a morte se aproximava, ele de maneira particular entregou sua alma a Deus com as palavras do Salmo 31 verso 5, e com um pedido para que quem fosse orar ao lado de

sua cama orasse *"pelo nosso Senhor e Seu Evangelho, para que tudo possa ficar bem com Ele, porque o Concílio de Trento e o maldito papa estão muito irritados com Ele"*. Lutero morreu com as palavras de Simão em seus lábios: *"Senhor, deixai agora teu servo partir em paz. Amém."*

O reformador foi juntar-se com a igreja triunfante. Seu trabalho permanece.

## **Ulrico Zwinglio - O Reformador de Zurique**

### **Introdução**

Na obra do pacto e do Reino de Deus, nenhum homem pode fazer todo trabalho que Deus precisa que seja feito. Moisés pôde livrar os israelitas do Egito e conduzi-los pelo do deserto, mas Josué teve que ser chamado para levá-los para Canaã. Davi pôde lutar as batalhas de Jeová em nome do povo escolhido de Deus, mas ele não pôde construir o templo. Salomão teve de fazer isso. Só Cristo pode fazer todo o trabalho que precisa ser feito.

Muitos homens diferentes se envolveram na obra da Reforma, alguns de grande importância, alguns de menor importância. No entanto, cada um teve o seu lugar. Lutero não poderia fazer tudo; em Genebra, Calvino também foi necessário, assim como Knox, na Escócia. Até mesmo Calvino não poderia fazer todo o trabalho que precisava ser feito na Suíça. Zwinglio teve um papel a desempenhar, e ele é contado entre estes quatro grandes reformadores.

### **A Vida de Zwinglio Antes da Conversão**

Em meio à beleza deslumbrante dos Alpes, no Vale Toggenburg em Wildhaus na Suíça, em um humilde chalé de pastor, Ulrico Zwinglio nasceu - um dos filhos do prefeito deste pequeno vilarejo. Ele pertencia a uma grande família - sete irmãos - ele era o terceiro filho - e duas irmãs. Ele nasceu sete semanas após Martinho Lutero, no primeiro dia de janeiro de 1484.

Zwinglio recebeu sua educação nas melhores universidades da Suíça e da Áustria e foi completamente instruído no humanismo do Renascimento. Este é um ponto importante, pois o humanismo de Zwinglio foi uma influência em sua teologia, mesmo depois de sua conversão e durante os anos de sua obra na Reforma. O Renascimento foi um movimento que começou na Itália, alguns séculos antes e foi caracterizado por uma renovação do conhecimento, um retorno ao estudo dos antigos clássicos gregos

e romanos e uma exaltação humanística do homem.

Em Basiléia, Zwinglio estudou gramática latina, música e dialética. Em Berna, ele estudou com Lupulus, o maior erudito e poeta da Suíça e um líder humanista. Em Viena, ele estudou filosofia escolástica, astronomia, física e os clássicos antigos. Sua educação diferiu um pouco da de Lutero e foi mais próxima da educação que Calvino recebeu, mas todos os três reformadores eram homens com o mais alto nível de educação. Moisés também foi "*instruído em toda a ciência dos egípcios*".

Voltando para a Basiléia, Zwinglio estudou e ensinou, adquirindo o título de Mestre em Artes em 1506. Dois eventos em Basiléia ajudaram-no a moldar a sua vida: ele foi ensinado por Thomas Wytenback, um homem profundamente interessado na reforma da igreja, e ele conheceu Leo Jud, que permaneceu seu amigo e co-reformador durante toda sua vida. Estes dois homens voltaram os pensamentos de Zwinglio em direção à necessidade de uma reforma na corrupta igreja de Roma.

Ainda muito jovem, Zwinglio mostrou incrível capacidade como músico, e no percurso de seus estudos aprendeu a tocar com habilidade o alaúde, harpa, violino, flauta, gaita de foles e trompa de caça. Ele fez bom uso deste dom ao longo de sua carreira e escreveu uma série de belos poemas e canções.

## **O Início do Seu Ministério**

Em 1506, o trabalho de Zwinglio como ministro começou. Ele foi ordenado ao sacerdócio em Glaurus, porém teve que subornar um candidato rival, pelo valor de cem florins.

Algumas coisas interessantes aconteceram enquanto Zwinglio estava em Glaurus. Por um lado, ele mergulhou no ministério pastoral, pregando, ensinando, fazendo o trabalho de um pastor e cuidando das necessidades espirituais de seu rebanho na medida em que podia fazer isso como um homem não convertido. Por outro lado, ele gastou um bom tempo no estudo pessoal, lendo avidamente os antigos autores gregos e romanos. Com o intuito de ler os autores gregos, ele aprendeu grego sozinho e tornou-se proficiente nesta língua. Sua admiração por escritores clássicos cresceu com a sua leitura e ele desenvolveu a ideia de que o Espírito Santo deve ter operado além das fronteiras da Palestina entre os filósofos pagãos, pois seus escritos poderiam ser explicados apenas em termos do trabalho do Espírito Santo. Quanto a isso, ele antecipou certas noções que foram abraçadas posteriormente, pois defendia ideias equivocadas quanto a operação comum e graciosa do Espírito Santo entre os pagãos que também foram ensinadas pelos defensores da graça comum. Por causa

de sua vasta erudição e habilidade, ele supervisionou a educação de dois de seus irmãos e de vários dos jovens mais nobres de Glaurus, que se tornaram amigos e permaneceram assim durante os anos de seu trabalho na Reforma.

Durante este período de estudo, Zwinglio também fez três viagens para Itália com mercenários suíços e assim começou a odiar essa prática suíça, prática esta que teve um papel bastante importante na vida de Zwinglio, tão importante que nos é necessário mencionar algumas coisas em relação a ela.

Na Suíça, era comum que os homens se alistassem como soldados para exércitos estrangeiros. As consequências de aceitar o posto de um mercenário eram espiritualmente desmoralizantes: os que eram pais ficavam fora de casa por longos períodos de tempo e caíam em todo tipo de imoralidade presente em tais práticas, e os mercenários se acostumavam à crueldade e dureza, o que era um estilo de vida nos campos de batalha. Mais tarde, a prática se tornou um problema nas batalhas com o catolicismo romano, porque a igreja romana apoiava o sistema mercenário, vendo nele uma grande fonte de lucro. Alguns estimam que o lucro da igreja na Suíça pode ter atingido mais de três milhões de dólares por ano. Foi desta prática mercenária que surgiu o costume papal de ter guardas suíços no Vaticano.

Em 1515, Zwinglio se mudou para Einsiedeln, onde permaneceu cerca de três anos. Durante a sua estada em Einsiedeln, pouco a pouco, ele começou a compreender o mal de muitas práticas papistas. Especialmente a prática corrupta de indulgências lhe chamou sua atenção quando um mercenário chamado Sansão tentou vender suas indulgências na Suíça. O interessante é que pelo menos dois anos antes do ataque de Lutero contra as indulgências, Zwinglio estava pregando contra elas e condenando-as com veemência do púlpito. Nesta questão, bem como em outras, Zwinglio precedeu Lutero e muitas vezes ensinou os mesmos assuntos, embora tenha desenvolvido suas ideias independentemente.

Foi também em Einsiedeln que Zwinglio tomou conhecimento do famoso humanista Erasmo que nessa época publicou sua primeira edição grega do Novo Testamento. Zwinglio foi profundamente atraído por Erasmo, visitou-o, tornou-se seu amigo e convidou Erasmo para vir a Zurique em 1522, convite que Erasmo recusou. É crédito de Zwinglio que embora concordasse com Erasmo em muitos pontos repudiava seu semipelagianismo. Zwinglio tem o mérito de ter repudiado o semipelagianismo de Erasmo, embora tenha concordado com ele em muitos pontos.

Enquanto Zwinglio esteve em Glaurus e Einsiedeln, ele caiu no pecado da fornicação. O fato disto não ter afetado sua posição na igreja é apenas uma evidência de como a prática era comum, mas depois, Zwinglio se arrependeu disto com grande angústia na alma e viveu com este fardo por toda a sua vida.

Zwinglio nunca ficou livre de suas ideias humanistas, ideias que continuaram a influenciar a sua teologia, mesmo quando tornou-se o reformador da Suíça. Todos os seus estudos foram feitos de um ponto de vista humanistas; ele tinha lido a literatura clássica largamente e sua admiração por Erasmo apenas garantiu que o humanismo tivesse um papel importante em seu pensamento.

## A Conversão de Zwinglio

A conversão de Zwinglio provavelmente foi uma conversão progressiva, que começou enquanto estava em Einsiedeln, mas que se manifestou expressivamente em Zurique, para onde ele foi chamado no final de 1518. Deus usou vários meios para gerar sua conversão. À medida que via, cada vez mais, a necessidade de uma reforma na igreja, ele passou a odiar os abusos papistas que destruíam as almas dos homens. À medida que seus estudos se voltaram mais e mais à Escritura, ele - mesmo antes de Lutero - viu que, apenas a Escritura devia ser a autoridade para toda a fé e vida da igreja. Na verdade, quando iniciou seu ministério em Zurique, no primeiro dia de janeiro de 1519, no seu aniversário de trinta e cinco anos, ele começou uma exposição sistemática do Evangelho segundo Mateus. Durante os próximos quatro anos de seu ministério, continuou pregando sistematicamente através do Novo Testamento, indo de Mateus a Atos, depois para as epístolas paulinas e então as gerais, e depois para os outros livros, com exceção do Apocalipse. Durante a semana, pregava em Salmos. Tal estudo não poderia ter deixado de afetá-lo.

Em 1520, a praga atingiu Zurique, causando a morte de duas mil e quinhentas pessoas, cerca de um terço da população. Incansavelmente, Zwinglio ministrou às necessidades do seu rebanho, até que a praga o atingiu. Ele quase morreu e por causa disto e por meio disto Deus fez dele um novo homem. Um dos seus poemas descreve apropriadamente a sua fé:

*"Ajuda-me, Senhor,  
Minha rocha e força  
Eis, que à porta  
Eu ouço a batida da morte.*

*Eleva o teu braço,  
Uma vez por mim perfurado,  
Que a morte venceu,  
E me libertou.*

*No entanto, se a tua voz  
No meio-dia da vida,  
Recorda a minha alma,  
Então, eu obedeço.*

*Em fé e esperança  
A terra eu renuncio,  
Seguro no céu,  
Pois sou Teu."*

## O Reformador

Foi após a recuperação de Zwinglio que a reforma começou seriamente. Uma vez tendo sido convencido de que a Escritura deveria ser a única norma e padrão de nossa vida e fé, e da vida e fé da igreja, Zwinglio não poderia descansar até que a reforma acontecesse. Na Suíça, as reformas surgiram de uma única maneira. O padrão era o seguinte: os reformadores pediam aos magistrados de uma determinada cidade ou de um pequeno distrito para implementar algumas reformas, os magistrados convocavam uma reunião pública ou um debate para a qual eram convidados teólogos católicos romanos e os reformadores; ambos eram obrigados a defender a sua posição sobre o assunto em questão diante dos magistrados, os quais, então, decidiriam se as reformas seriam implementadas. Nessas disputas era comum que os conselhos determinassem que o debate tinha que ser conduzido somente com base na Escritura.

A primeira disputa foi realizada no dia vinte e nove de janeiro de 1523, em Zurique, diante de uma audiência pública com mais de seiscentas pessoas. Da mesma forma como quase sempre aconteceria em debates futuros, também era fato em Zurique, que os reformadores facilmente venciam os debates, em parte porque sua posição era fundamentada unicamente na Escritura, mas também porque a Igreja de Roma não tinha teólogos significativos e capacitados que pudessem sustentar suas próprias propostas em um debate aberto com os reformadores.

Seguiu-se vitória após vitória, não só em Zurique, mas também em outros pequenos distritos da Suíça, onde disputas eram realizadas. A quaresma foi abandonada; o celibato clerical foi declarado não-bíblico, a Bíblia foi traduzida para a língua materna; imagens, figuras e relíquias foram removidas das igrejas, o controle das igrejas foi removido dos papados, os monastérios foram dissolvidos; o jejum<sup>36</sup> foi proibido; a

---

<sup>36</sup> Jejum de acordo com entendimento católico: uma penitência para perdão dos pecados.

missa foi substituída; a Ceia do Senhor era realizada em intervalos regulares, geralmente quatro vezes por ano; a disciplina foi estabelecida sob o controle de oficiais nas igrejas e a pregação bíblica foi ordenada em todas as igrejas.

Este primeiro debate, realizado em Zurique, terminou em uma vitória completa de Zwinglio e seus colegas reformadores, e o conselho encarregou Zwinglio de "*assim como vinha fazendo, continuar a pregar o santo Evangelho e proclamar a verdadeira e divina Escritura*".

Pouco antes da disputa, Zwinglio tinha publicado sessenta e sete artigos de fé. Este é um importante documento histórico, pois constitui a primeira declaração da fé reformada. Alguns artigos indicarão algumas das crenças básicas de Zwinglio:

*"Todos os que dizem que o Evangelho não é nada sem a aprovação da Igreja, erram e lançam a ignomínia sobre Deus.*

*A totalidade do Evangelho é que o nosso Senhor Jesus Cristo, o verdadeiro Filho de Deus, nos fez conhecer a vontade de seu Pai celestial, nos redimiu da morte eterna pela sua inocência, e nos reconciliou com Deus.*

*Portanto, Cristo é o único caminho para a salvação para todos os que foram, os que são, e os que serão.*

*Cristo é o Cabeça de todos os crentes, que são o seu corpo, porém sem ele o corpo está morto.*

*Todos os que vivem nesta Cabeça são seus membros e filhos de Deus. E esta é a Igreja, a comunhão dos santos, a noiva de Cristo, a Ecclesia Catholica<sup>37</sup>.*

*Cristo é a nossa justiça. Disto se segue que nossas obras são boas na medida em que são de Cristo, mas não boas na medida em que são nossas."*

Agora estas verdades são muito familiares para nós, mas se alguém pensasse unicamente em escrevê-las no contexto de mil anos de erro papal, isto lhe daria uma noção de quão grande foi a obra de Deus realizada na Reforma.

Com a reforma firmemente estabelecida em Zurique, ela rapidamente se espalhou

---

<sup>37</sup> Tradução: Igreja Católica ou Igreja Universal.



para outras partes da Suíça. De Zurique para Glarus e então para Schaffhausen, Appenzell e para a cidade de St. Gall. A propagação continuou quando o cantão principal de Berna adotou os princípios da reforma e começou a apresentá-los em seus pequenos distritos, como Vaud, Neuchâtel e Genebra - onde, mais tarde Calvino esteve para realizar a sua grande obra. Em todos os casos, a reforma veio por meio de um líder reformador trabalhando em estreita colaboração com Zwinglio, e por um debate ordenado pelo conselho. Interessantes são as dez teses ou conclusões adotadas como uma confissão de fé em Berna. Leem-se em parte:

*"A santa Igreja cristã, cuja única Cabeça é Cristo, nasce da Palavra de Deus, e permanece na mesma [...];*

*A Igreja de Cristo não faz leis e mandamentos sem a Palavra de Deus [...],*

*Cristo é a única sabedoria, justiça, redenção, e satisfação para os pecados do mundo inteiro [...];*

*A missa como agora empregada, na qual Cristo é oferecido a Deus Pai pelos pecados dos vivos e dos mortos, é contrária à Escritura [...];*

*Como apenas Cristo morreu por nós, então Ele também deve ser adorado como o único mediador e advogado entre Deus Pai e os crentes.*

*A Escritura não reconhece de maneira alguma o purgatório [...];*

*A adoração de imagens é contrária às Escrituras.*

*Tudo para a glória de Deus e sua santa Palavra."*

O auge da Reforma Suíça foi alcançado em 1530, quando Zurique, Berna, Basiléia e a maioria do norte e leste da Suíça eram reformados e não mais católicos romanos.

### **Três Eventos Importantes**

Três eventos importantes, além de seu trabalho como reformador, pertencem a este período da vida de Zwinglio.

O primeiro é o casamento do Zwinglio.

Não era verdade, como Roma afirmava, que os reformadores casavam porque eles

eram consumidos pelo desejo incontrolável. Eles se casavam porque perceberam o casamento como natural para o homem, assim como um presente de Deus para ser praticado e desfrutado. O benefício prático foi que os reformadores juntamente reformaram também o lar e a família.

Devido aos tempos, Zwinglio se casou secretamente. Por dois anos, apenas seus amigos sabiam de seu casamento. Em abril de 1524, ele se casou publicamente. Sua esposa era Anna Reinhart, uma viúva com três filhos. Desse casamento, mais quatro filhos foram adicionados à família. A partir das cartas de Zwinglio fica claro que a sua vida no lar era feliz e que sua esposa era uma ajuda fiel a ele em seus anos de trabalho na igreja.

O segundo evento importante na vida de Zwinglio foi a controvérsia com os anabatistas.

O anabatismo surgiu em Zurique durante o trabalho de Zwinglio naquele lugar. Era uma grave ameaça para o bem-estar da Reforma, pois não foi apenas um afastamento doutrinal da verdade da Escritura, mas foi em alguns ramos do movimento, um movimento radical contrário à autoridade dos magistrados e com a intenção de estabelecer o Reino dos Céus sobre a terra. Zwinglio e seus seguidores se opuseram ferozmente contra o anabatismo, tanto quanto podiam. Os magistrados seculares em cooperação com os reformadores, perseguiram severamente os anabatistas, banindo-os, prendendo-os e em alguns casos, afogando-os. O anabatismo continuou a ser uma ameaça para a Reforma durante o resto do século XVI.

Como sempre, Deus usa as lutas e provações da igreja para o bem. Embora o anabatismo fosse uma séria ameaça à Reforma, foi a ocasião imediata para os reformadores suíços começarem o desenvolvimento da teologia do pacto. Em defesa da verdade do batismo infantil, confrontando o anabatismo, a grande verdade da aliança foi estabelecida por Zwinglio e mais tarde por outros teólogos suíços. Nós, que tão profundamente valorizamos a verdade da aliança não deveríamos olhar primeiramente para Calvino como nosso pai espiritual nesta doutrina, mas para Zwinglio e os suíços que trabalharam com ele.

O terceiro evento importante na vida de Zwinglio foi o Colóquio de Marburgo, realizado na cidade alemã de Marburgo, em 1529. Devido à ameaça de uma união entre o catolicismo romano e os exércitos de Carlos V - o eleitor da Saxônia e o Landgrave<sup>38</sup> de Hesse - que queriam unir-se a todos os protestantes em uma causa comum. Para conseguir isso, as diferenças entre o luteranismo e os teólogos suíços tiveram que ser retiradas. O Colóquio de Marburgo foi convocado com este propósito.

---

<sup>38</sup> Título concedido aos condes do Sacro Império Romano Germânico.

Lutero, Melanchthon, e outros teólogos alemães estavam lá. Zwinglio e seus companheiros na Reforma Suíça também. Calvino não pôde ir. Não levou muito tempo para descobrirem que os reformadores da Alemanha e da Suíça concordavam em todas as questões, exceto na doutrina da presença de Cristo na Ceia do Senhor - os luteranos mantendo sua visão de consubstanciação, e os suíços mantendo sua posição. Lutero foi duro e inflexível, a história conta que ele escreveu na poeira sobre a mesa na sua frente: "*Este é o meu corpo*", para que assim não esquecesse sua insistência de que o verdadeiro corpo e sangue de Cristo estavam presentes nos elementos sacramentais.

Quando ficou claro que um acordo seria impossível, os delegados suíços quiseram estender a mão da amizade para os teólogos alemães, mas foram repelidos com o comentário frio e cortante de Lutero: "*Seu espírito é diferente do nosso*". Nem mesmo a expressão triste de respeito e amor de Zwinglio por Lutero pôde conseguir mais do que uma pequena expressão de que o inflexível reformador falou, algumas vezes, de forma muito dura.

Ficou claro que a unidade entre os protestantes era impossível.

### **Oposição, Guerra e Morte**

Não é difícil compreender que os católicos romanos não estavam dispostos a ver a Suíça tornar-se inteiramente protestante sem algum tipo de oposição.

Esta oposição começou através da severa perseguição aos protestantes nos pequenos distritos que permaneceram católicos. Um protestante foi queimado vivo. Para libertar seus irmãos oprimidos e martirizados, os pequenos distritos protestantes estavam preparados para ir à guerra contra seus conterrâneos católicos romanos, esquecendo as palavras do próprio Jesus: "*Os que lutam com a espada, com a espada perecerão.*"

Contemos rapidamente esta história. Em 1529, os católicos romanos não tinham nenhuma formação militar para guerrear, e assim intentaram por uma ação paz. Zwinglio insistiu fortemente contra a paz e tristemente predisse que se os protestantes não aproveitassem a oportunidade de lutar contra os católicos romanos quando a vitória estava quase garantida, eles acabariam perdendo. Ele provou que estava certo.

Os católicos romanos usaram a paz oferecida para fortalecerem-se e prepararem-se para a guerra. Um bloqueio imposto pelos protestantes sobre as províncias católicas

romanas, que causou muito sofrimento e até mesmo inanição, instigou os católicos romanos à guerra em 1531. Na batalha de Cappel, os protestantes foram derrotados, e Zwinglio que insistiu em ir junto com as tropas como capelão, foi morto.

Zwinglio estava se inclinando para consolar um soldado morrendo, quando foi atingido na cabeça com uma pedra. Ele conseguiu se levantar mais uma vez, mas repetidos golpes e um ferimento de lança deixaram-no morrendo. Vendo suas feridas, ele gritou: "*O que importa esta desgraça? Eles podem matar o corpo, mas não podem matar a alma*". Pelo resto do dia ele ficou deitado debaixo de uma árvore de peras, com as mãos postas como em oração e os olhos fixos no céu. No final da tarde alguns soldados dispersos do exército vitorioso pediram-lhe para confessar seus pecados a um padre. Ele balançou sua cabeça indicando sua recusa. Porém, pouco depois um dos homens, à luz da sua tocha, o reconheceu e o matou com a espada, gritando: "*Morra herege obstinado!*".

Alegres com sua morte, os soldados esquartejaram seu corpo, queimaram os pedaços por heresia, misturaram as cinzas com as cinzas de porcos, e as espalharam aos quatro ventos. Assim morreu uma das fiéis testemunhas de Deus.

A propagação da reforma na Suíça foi interrompida. Zwinglio foi em alguns aspectos, uma anomalia. Por um lado, ele foi um fiel reformador com respeito a Escritura. Ele insistiu sobre a exclusiva autoridade da Escritura antes que Lutero levantasse sua voz em defesa da Escritura. Ele ensinou enfaticamente a salvação em Cristo e no Seu sacrifício perfeito. Ele destacou fortemente a verdade da soberania e da predestinação eterna e pregou isto do púlpito. Ele decentemente e vigorosamente se opôs a todas as práticas romanistas contrárias às Escrituras. Ele foi fundamental para estabelecer as bases para o início da teologia do pacto.

Mas, por outro lado, ele nunca ficou completamente livre do seu humanismo. Ele manteve até o fim a sua ideia de que os homens pagãos de renome poderiam ser salvos. Ensinou que todas as crianças no mundo, que morrem na infância vão para o céu. Ele continuou até o último suspiro admirando Erasmo, aquele humanista inimigo da Reforma.

E, em sua oposição às missas romanistas, Zwinglio foi para o extremo oposto e ensinou que a Ceia do Senhor não é nada mais do que um banquete memorial, e que a presença de Cristo no pão e no vinho não é diferente da presença de alguém que amamos em um retrato que nós estimamos e que pelo retrato lembramos de nosso ente querido, que no entanto, foi para o céu.

A função de Ulrico Zwinglio na Reforma foi preparar o caminho para uma purificação da reforma na Suíça, onde o calvinismo finalmente se desenvolveu e floresceu.

## João Calvino - O Reformador de Genebra

### Introdução

Quando Karl Barth estava preparando uma série de palestras sobre João Calvino, ele escreveu a um amigo:

*"Calvino é uma cachoeira [...], eu careço completamente de recursos, de uma forma de absorver, e até mesmo de assimilar esse fenômeno, sem falar em apresentá-lo de forma adequada. O que recebo é apenas um pequeno e escasso córrego, e o que posso dar em retorno então, é apenas uma porção ainda menor desse pequeno córrego. Eu poderia com prazer e proveito assentar-me e passar o resto da minha vida somente com Calvino."*

É muito improvável que alguém questione a afirmação de que João Calvino é o maior reformador de todos os tempos. Mais livros têm sido escritos sobre ele e sua teologia do que qualquer outro personagem da história da igreja. Todos aqueles que nos últimos quatrocentos e cinquenta anos têm estimado as doutrinas da graça, reivindicam Calvino como seu líder espiritual. Todos os que confessam uma teologia inteiramente bíblica e incorporada em todos os grandes credos dos séculos XVI e XVII chamam sua teologia de calvinismo. Além da própria Sagrada Escritura, há poucos livros, se é que existem, que têm exercido influência nos séculos subsequentes como as *Institutas da Religião Cristã* de Calvino. Mesmo nos nossos dias, as *Institutas*, nos círculos reformados e presbiterianos, é considerada a palavra final em questões teológicas. No entanto, Calvino, depois que iniciou sua vida de trabalho, jamais afastou-se para longe de Genebra, uma cidade relativamente pequena na Suíça francesa. Foi ali que ele apareceu em uma noite tempestuosa; foi ali que ele permaneceu, intimidado pela ameaça de William Farel; foi ali que ele realizou toda a sua obra. Agora sua obra circula pelo globo. A única explicação para isso pode ser que Deus, mediante Calvino, trouxe a reforma à sua igreja oprimida.

### O Contexto da Reforma na Suíça

A parte da Suíça que nos interessa era denominada Suíça francesa, porque fazia fronteira com a França, e ali falava-se o francês. Era composta dos cantões de Genebra, Vaud e Neuchâtel. No cantão de Genebra encontrava-se a cidade que leva este mesmo nome, às margens de um lago, também chamado Genebra.

Precisamos de uma breve explicação sobre o governo de Genebra daquele tempo, porque este haveria de desempenhar um papel importante na reforma daquele lugar. Os cidadãos da cidade encontravam-se anualmente na assembleia geral para eleger quatro síndicos e um tesoureiro. Os cidadãos eram por sua vez administrados por um pequeno conselho de vinte e cinco pessoas, o qual incluía os síndicos atuais e os dos anos anteriores. O conselho de sessenta pessoas, nomeado pelo pequeno conselho, decidia assuntos de maior importância. Em 1527, um conselho de duzentas pessoas foi adicionado, o qual incluía o pequeno conselho e cento e setenta e cinco outros escolhidos por este. Foi, sobretudo, esse último grupo que proporcionou a Calvino muitos de seus problemas.

A Reforma havia chegado não somente à Alemanha, mas havia se espalhado por outras partes da Europa. Na Suíça, Zwinglio havia efetuado a maior parte da obra, e em Genebra o caminho para Calvino tinha sido preparado pelo fervoroso e radical reformador, William Farel.

Berna, ao norte de Neuchâtel, havia se unido à Reforma em 1528, e enviou mensageiros à Suíça francesa para pregar o Evangelho ali. Farel era o líder, e uma figura mais poderosa seria dificilmente encontrada.

Todo a obra de Farel foi executada com grande esforço e em meio à turbulência e em 1532, Farel foi expulso da cidade. Em 1534, ele voltou, e através de debates e pregações conquistou um pouco de descanso para os protestantes que se converteram através de sua pregação. Trabalhando em seu favor estava o fato de que, por Genebra ser tão pequena, estava tecnicamente sob o governo da cidade de Basileia, e Basileia apoiava a Reforma. Gradualmente os padres, monges e freiras começaram a deixar a cidade, e a Reforma foi oficialmente estabelecida em 1535 e 1536. Porém, a cidade continuava sendo um lugar de condições morais terríveis, uma herança do catolicismo romano.

## **A Juventude de Calvino**

Calvino nasceu no dia dez de julho de 1509, em Noyon, França, vinte e seis anos após

o nascimento de Lutero. Ao passo que Lutero nasceu em uma parte da igreja onde enfatizava-se a piedade e a religião, Calvino nasceu em uma parte da igreja onde valorizava-se a educação e a cultura. Pouco se sabe da mãe de Calvino; seu pai era secretário apostólico do bispo de Noyon, mas devido a dificuldades financeiras, tornou-se um constrangimento para a igreja e foi excomungado.

Praticamente desde o princípio Calvino estava destinado ao clero, e aos doze anos recebeu parte da renda de uma capelania que o sustentava em seus estudos em diversas escolas, principalmente em Paris. Talvez, todas elas possam ser melhor resumidas pela seguinte descrição do trabalho dele na Universidade de Montaigu:

*"[...] Uma famosa escola, conhecida por sua disciplina severa e sua comida ruim. Erasmo, que estudou aqui poucos anos antes de Calvino, queixou-se mais tarde dos ovos estragados que era forçado a comer no refeitório. Os contínuos problemas de Calvino com indigestão e insônia provavelmente derivavam-se da rígida alimentação e de sua inclinação em estudar até altas horas em Montaigu. Mais tarde, reza a lenda que, durante esses anos, seus colegas de estudo premiaram Calvino com o apelido de 'o caso acusativo'. Embora isso não seja verdade, Beza, em sua adorável biografia, reconheceu que o jovem estudante era de fato 'um rigoroso censurador de todas as coisas imorais em seus companheiros'. Enquanto seus colegas estavam traquinando nas ruas ou indo a festas agitadas, Calvino estava ocupado com as minúcias da lógica nominalista ou com as questões da teologia escolástica."*

De modo geral, Calvino recebeu um dos melhores ensinamentos em ciências humanas disponíveis naquela época e de sua educação emergiu como um completo humanista. Ele tornou a teologia o objeto de seus estudos, mudou para o direito, e depois retornou à teologia. Em 1532, quando aparentemente a graça divina ainda não o havia afetado, escreveu um comentário sobre um ensaio de Sêneca, o antigo pagão romano, chamado "Sobre a Misericórdia".

## **A Conversão e o Trabalho Inicial de Calvino**

Porém, Deus havia começado Sua obra em Calvino. As primeiras influências de alguma forma benéficas eram de dois mestres; um, chamado Cordier, que mais tarde tornou-se um protestante, e o outro, chamado Wolmar, um luterano professo.

Diferente de Lutero, Calvino sempre foi discreto acerca de si mesmo e de sua conversão. Beza nos relata que o pai de Calvino o persuadiu a estudar teologia, pois

Calvino "era por natureza inclinado [à teologia]; porque mesmo com pouca idade era notavelmente religioso [...]". Em uma nota autobiográfica encontrada em sua carta ao Cardeal Sadoletto, Calvino escreveu:

*"Quando, contudo, eu havia realizado todas estas coisas - reparação pelas ofensas e fuga para os santos -, embora tivesse alguns intervalos de sossego, eu ainda estava longe da verdadeira paz de consciência; pois, sempre que olhava para dentro de mim mesmo, ou elevava meus pensamentos a Ti, o terror extremo apoderava-se de mim - terror que nem expiações nem reparações podiam remediar."*

Isso se parece muito com Lutero.

Calvino chegou a Paris bem no momento em que ideias reformatórias estavam mudando a mente de muitos. Em 1533, Nicholas Cop se tornou o reitor da Universidade de Paris e fez um apelo por reforma em seu discurso inaugural, o qual alguns afirmam ter sido preparado por Calvino. A perseguição irrompeu quando um texto, fortemente crítico à missa, foi amplamente distribuído em Paris e uma cópia foi pregada à porta do palácio. Cop e Calvino foram forçados a fugir para salvar suas vidas. Assim Calvino foi trazido ao ponto onde repudiou a igreja de Roma e escreveu sua primeira obra teológica, um tratado - por incrível que pareça - sobre o sono da alma.

Por cerca de três anos Calvino percorreu o sul da França, a Suíça e a Itália como um evangelista. Por um período, ele esteve debaixo da proteção da rainha Margarida de Navarra, irmã do rei da França; depois esteve em Ferrara da Itália, na corte da Duquesa de Renee; e em outro período, ele visitou a Basileia, onde entrou em contato com alguns dos reformadores suíços.

Esses devem ter sido anos de intenso estudo da Escritura, porque durante esse período Calvino começou a trabalhar nas *Institutas*, cuja primeira edição foi publicada em 1536.

Gostando Calvino ou não, Genebra seria seu lar pelo resto de sua vida. Tudo começou quando Calvino, a caminho de Basileia, foi forçado a desviar pela cidade de Genebra. Nesta cidade ele passou a noite pensando que viria e iria sem ser observado, porém, sua presença foi notada e Farel foi informado dela. De imediato Farel visitou Calvino e implorou para que ficasse em Genebra e ajudasse com a obra da reforma. Calvino estava inflexível em sua recusa. Tímido por natureza e determinado a dedicar sua vida ao mundo acadêmico e aos estudos, ele não queria ter parte algum na turbulência que resultaria dos esforços para fazer de Genebra uma cidade devota à verdade da Escritura. Contudo, depois de invocar do céu maldições sobre Calvino caso ele



recusasse, Farel convenceu Calvino de que seu lugar era definitivamente na cidade.

### **Primeira Estadia em Genebra**

Foi assim que a obra de Calvino em Genebra começou. A data era seis de setembro de 1536.

A cidade, com os efeitos de muitos séculos debaixo do catolicismo romano entrelaçados na trama de sua vida, estava repleta de todo tipo de imoralidade, e trazer seus cidadãos sob o jugo do Evangelho exigia grande labor. Para realizar isso, Calvino começou ensinando, convencido de que a instrução na verdade era a única estrada para reforma. Ele deu início a palestras expositivas sobre Paulo e o Novo Testamento e um ano mais tarde foi ordenado pastor.

Juntos, Farel e Calvino, compuseram uma confissão de fé e regras de disciplina que foram aprovadas pelo conselho. Na verdade, o conselho apoiou todos os esforços em prol da reforma na doutrina, na liturgia e na moral. Isso não significava, contudo, que a oposição tinha sido persuadida. Aos poucos os inimigos de Calvino foram capazes de mobilizar suas forças. A oposição deles era sobretudo contra o catecismo e as leis que foram aprovadas contra os pecados predominantes. À medida que ganhavam força, ganhavam números no conselho e conseguiam moderar os esforços rumo à reforma.

Duas questões em especial chegaram a um ponto crítico. O conselho de duzentas pessoas decidiu instruir os reformadores a praticarem a comunhão aberta, de sorte que ninguém fosse barrado da mesa do Senhor. Isso era um golpe fatal para a disciplina de Calvino. A segunda questão foi uma decisão do conselho de fazer uso da liturgia bernense no culto. Calvino não objetava quanto à liturgia utilizada em Berna, porém, objetava vigorosamente contra o direito do conselho de decidir tais assuntos para a igreja. Nenhuma das duas partes cederia e o resultado foi que o conselho decidiu expulsar Calvino e Farel da cidade.

### **Calvino em Estrasburgo**

Depois de uma breve estadia na Basileia, Calvino foi para Estrasburgo, uma cidade no sul da Alemanha onde a Reforma Suíça já havia se enraizado. Os três anos que ele passou nessa cidade foram, provavelmente, os mais felizes de sua vida. Não lhe era necessário combater um conselho, nem se opor ao povo obstinado a cada passo do

caminho, não lhe era necessário guerrear contra inimigos de todos os lados. Ele teve paz e quietude, tempo para estudar e escrever, oportunidade para realizar o trabalho nos campos da liturgia e do governo da igreja.

Calvino foi nomeado para o corpo docente da universidade na cidade e chamado para ser pastor de uma igreja de refugiados franceses. Ele teve ocasião para se encontrar com teólogos luteranos e aprofundar seus próprios pontos de vista teológicos. Trabalhou nas revisões de suas *Institutas* e desenvolveu suas concepções sobre governo eclesiástico, cujos princípios básicos estão incorporados na *Ordem Eclesiástica de Dordrecht*. Ele desenvolveu uma liturgia para a igreja que incluía uma ordem de culto - muito semelhante à ordem de culto utilizada atualmente pelas igrejas reformadas -, formas litúrgicas, bem como versões dos salmos.

Esses foram anos produtivos. Calvino ocupou-se com um grande volume de correspondências com todas as principais figuras da Europa. Ele escreveu várias de suas obras importantes, uma das quais, foi sua carta a Sadoleto. Sadoleto era um cardeal católico romano que escreveu uma carta ao povo de Genebra, como uma tentativa para ganhá-los de volta para Roma. De certo ponto de vista humano, este foi uma parte magistral e persuasiva do trabalho. A resposta de Calvino foi sem qualquer amargura ou rancor contra os genebreses, mas a mais clara e útil defesa da Reforma que podia ser encontrada em algum lugar. É uma leitura "*obrigatória*" a qualquer um que deseja saber por que a Reforma no século XVI era necessária.

Calvino até mesmo casou-se durante sua permanência em Estrasburgo. Sua esposa era Idelette de Bure, a viúva de um eminente anabatista a quem Calvino convertera à fé verdadeira e que morrera de uma peste. Idelette era a mãe de vários filhos, porém, pobre e de débil saúde. Calvino tomou a responsabilidade por ela e por seus filhos, e os trouxe para Genebra com ele. Ele viveu com ela apenas por nove anos. Calvino permaneceu solteiro o resto da sua vida. Com Idelette, Calvino teve um filho que faleceu na infância, uma perda que Calvino carregou pelo restante da sua vida.

## **Segunda Estadia em Genebra**

Porém, os anos felizes em Estrasburgo logo chegariam ao fim. A situação em Genebra deteriorava-se constantemente. Três partidos estavam lutando pelo poder e a cidade estava afundando em anarquia.

Em 1541, Calvino foi formalmente convidado a regressar. Estrasburgo estava relutante em deixá-lo ir. Ele estava ainda mais relutante em deixar sua vida feliz em Estrasburgo e aceitar os horrores de Genebra. Mas, compelido por Deus, retornou ao turbilhão -

termo de Calvino - da contenda e da controvérsia, onde permaneceu até que a morte o tomasse à igreja triunfante.

Uma comprovação da estatura deste homem foi sua conduta em seu retorno. No primeiro domingo, ele subiu o púlpito de *Saint Pierre*<sup>39</sup> diante de uma grande multidão agrupada, uma parte deles para ouvi-lo outra vez, mas outra outra parte para ouvi-lo repreendendo seus oponentes e presunçosamente proclamar: "*Eu falei*". Contudo, em uma carta a Farel, Calvino conta o que fez: "*Depois de uma introdução, retomei a exposição de onde eu havia parado - indicando que eu tinha interrompido meu ofício de pregar temporariamente, e não que tinha desistido completamente*". Nada poderia ter sido mais simples e, todavia, mais eficaz. Era como se Calvino retomasse seu ministério com as palavras: "*Como eu estava dizendo...*"

As lutas com o conselho não duraram por muito tempo, e os esforços para subjugar a cidade para que o governo de Cristo se fizesse presente não cessaram até que muitos que se opuseram a Calvino partissem para outros lugares. Seus inimigos eram detestáveis e não tinham medo de exhibir isso. As pessoas chamavam seus cães de Calvino, abertamente o insultavam nas ruas, por vezes ameaçavam a vida dele, perturbavam-no em seus estudos e juravam fazer mal a sua família. Calvino suportou a tudo isso pregando, ensinando, escrevendo e levando o jugo do sofrimento de Cristo pela causa do Evangelho. Dinheiro e prazer não significavam nada para ele. Ele repetidamente recusava mais dinheiro oferecido a ele pelo conselho. Ele vivia com moderação e sem luxo. Esteve disposto até a vender seus amados livros quando isso tornou-se necessário. O próprio papa ficou tão impressionado com a total falta de cobiça de Calvino que expressou sua firme convicção de que, se tivesse apenas doze homens como Calvino em sua comitiva, poderia conquistar o mundo.

Calvino pregava regularmente na igreja em Genebra, às vezes, numa frequência de cinco vezes por semana; seus sermões foram anotados em escrita cursiva, e muitos publicados. Estes oferecem a muitos uma excelente leitura. Ele estabeleceu a famosa Academia de Genebra, que virou um centro de aprendizagem para estudantes de todas as partes da Europa, os quais, tendo recebido sua educação em Genebra, regressaram para suas terras para disseminar o Evangelho da Reforma ao seu próprio povo. John Knox estudou em Genebra, e foi ele quem observou que a mais perfeita escola de Cristo que podia se encontrar na terra desde os dias dos apóstolos era a cidade de Genebra. Na academia, Calvino deu palestras, e seus comentários, ainda um dos melhores, foram o resultado destas palestras. Raramente, se é que alguma vez já ocorreu, eu preparo um sermão sem verificar o que Calvino tinha a dizer sobre um dado texto.

---

<sup>39</sup> *Cathédrale Saint-Pierre* - Catedral de São Pedro. Igreja onde Calvino serviu em Genebra.

## As Controvérsias de Calvino

Dentro da própria cidade de Genebra os conflitos de Calvino eram com um partido denominado *Os Patriotas*. Eram eles os descendentes dos primeiros cidadãos da cidade, católicos romanos inflexíveis quando Calvino chegou e muito dados à vida desregrada. Como grande número de refugiados de todas as partes da Europa se mudavam para Genebra para escaparem da perseguição, os *Patriotas* se ressentiam do fato de que o controle da cidade estava passando para mãos estrangeiras. Eles odiavam Calvino e faziam tudo que estava em seu poder para destruí-lo. Quando a igreja finalmente conseguiu excomungar os líderes por sua licenciosidade e o conselho aprovou, esses homens fugiram.

As controvérsias teológicas de Calvino eram das mais importantes. Calvino escreveu contra o papado para mostrar os males dele e demonstrar quão longe o papado tinha se desviado das doutrinas de Cristo. Ele tinha de lutar para defender as verdades da Trindade e da divindade de Cristo contra muitos que atacavam essas doutrinas, dentre os quais estava Serveto, queimado na estaca por blasfêmia em Genebra.

Porém, suas controvérsias giravam, especialmente, em torno de sua defesa das verdades da graça soberana e particular na obra da salvação. E, como normalmente é o caso, os mais perversos ataques concentravam-se contra a doutrina da predestinação soberana. Muitos detestavam esta doutrina e procuravam destruí-la. Talvez a mais interessante controvérsia sobre tal doutrina foi com o herege Bolsec. Bolsec interrompeu a pregação de um dos pastores de Genebra e levantando-se no meio do sermão, fez um discurso contra a verdade da predestinação. O que Bolsec não sabia era que Calvino havia adentrado o santuário e estava escutando sua investida. Depois que Bolsec terminou, Calvino subiu ao púlpito e, em um sermão poderoso, improvisado mas com uma hora de duração, explicou a doutrina e a provou pela Escritura.

Contudo, Bolsec não se intimidou e continuou a lutar contra essa verdade publicamente em Genebra. Foi preso por sua oposição à igreja e ao conselho e foi julgado por heresia e difamação pública dos ministros. Se buscou a opinião dos outros reformadores e igrejas suíços antes que Bolsec fosse condenado. Para amarga decepção de Calvino, não foi encontrado, com a exceção de Farel, nenhuma igreja ou reformador que apoiasse a sua posição por completo e sem concessões. A cautela ou discordância deles era quanto a doutrina da predestinação de Calvino.

Todavia, Calvino perseverou e Bolsec foi condenado e banido da cidade. Desta controvérsia surgiu uma das mais importantes obras de Calvino, *A Treatise on the*

*Eternal Predestination of God*<sup>40</sup>, uma obra que, junto com uma outra acerca da providência, foi publicada no livro *Calvin's Calvinism*<sup>41</sup>.

## Morte e Importância de Calvino

Calvino partiu para estar com seu Senhor no dia vinte e sete de maio de 1564. Ele sofrera de muitas enfermidades antes de sua morte, na verdade, tantas que é de se admirar como pôde superar todas elas. Um estudante da história da igreja afirma que Calvino tinha nada menos do que doze grandes doenças no final de sua vida, muitas das quais acarretavam em dor excruciante.

No dia dezanove de maio, Calvino mandou chamar os pastores de Genebra e lhes deu adeus. Desde então ficou de cama, embora continuasse a ditar a um secretário. Farel, agora um idoso, veio para ver seu amigo, apesar de Calvino insistir com ele para que não viesse. Calvino passou seus últimos dias em oração quase contínua e suas orações eram em sua maior parte citações dos Salmos. Embora sua voz estivesse definhada pela asma, seus olhos e mente continuavam fortes. Ele via que todos desejavam vir, mas pedia que antes orassem por ele. À medida que o sol estava se pondo, por volta das oito horas, caiu em um calmo sono do qual não se despertou até acordar na glória. Ele viveu cinquenta e quatro anos, dez meses e dezessete dias.

Calvino é a prova de que Deus emprega homens segundo Sua boa vontade. Fraco e tímido por natureza, Calvino foi lançado no centro do turbilhão da Reforma. Essa foi uma função que jamais desejou, a qual ele chamava de *sua cruz diária*. Contudo, ele sabia, ao passo que poucos o sabem, que o discipulado é caracterizado exatamente pela negação de si mesmo, tomar a sua cruz, e seguir ao Senhor.

E assim Deus usou Calvino como a figura chave na Reforma e na história subsequente da igreja. Lutero e Calvino concordavam em todos os pontos doutrinários, com exceção da doutrina dos sacramentos. Lutero foi ordenado por Deus para arrebanhar a imponente e aparentemente indestrutível cidadela do catolicismo romano. Calvino foi divinamente nomeado para erigir sobre as ruínas, uma casa nova, um templo glorioso, a igreja onde Deus faz Sua habitação.

Calvino era um homem de espírito firme. Durante quase toda sua estadia em Genebra, esteve enfermo. Todavia, ele superou todas as suas doenças e nunca deixou que a enfermidade e a dor interferissem em seu trabalho. Ele trabalhou incessantemente com pouco ou nenhum descanso; até mesmo sua esposa, exasperada, pedia um

---

<sup>40</sup> Tradução: *Um Tratado Sobre a Eterna Predestinação de Deus*.

<sup>41</sup> Tradução: *O Calvinismo de Calvino*.

pouco de tempo para vê-lo.

Calvino era acima de tudo, um pregador e expositor das Sagradas Escrituras. Sua pregação era seu forte e permanece com influência sem paralelos até o presente. Sua teologia estava arraigada na exegese, porque a Palavra de Deus era para ele o padrão de toda verdade e justiça. Seus comentários ainda são os melhores dentre todos os disponíveis, e os modernos comentários "*eruditos*", muitos dos quais são realmente corrompidos pela alta crítica, se comparados, parecem pouco dignos de nota.

A influência de Calvino se espalhou por toda a Europa e, por fim, por todo o mundo. E essa influência não foi apenas sua teologia, mas também sua liturgia, seu governo eclesiástico e sua piedade. A herança de Calvino é também - que isso jamais seja esquecido - a herança da piedade genuinamente reformada. Seria bom se fosse escrito um livro somente sobre tal aspecto da vida de Calvino.

Calvino não era a personalidade dramática que Lutero era. Nem "*abria seu coração*" como Lutero abria. Especialmente na velhice, Lutero se tornou um tanto intratável e falava com excessiva veemência em oposição àqueles que discordavam dele sobre a doutrina da Ceia do Senhor. Porém Calvino sempre respeitou Lutero pelo grande trabalho que ele fez na obra de Reforma. Ele dizia a outros, os quais não eram tão generosos para com Lutero, que mesmo que Lutero o chamasse de diabo, ainda o honraria como vaso escolhido de Deus.

Entretanto, Calvino podia apreciar Lutero pelo que ele fez, porque a vida de Calvino estava consumida pela glória de Deus. Seus inimigos o denominavam um homem intoxicado de Deus - embriagado de Deus! Que coisa mais maravilhosa poderia ser dita de um homem? O princípio mais profundo da teologia de Calvino era a glória de Deus e a real essência de tudo que escreveu era essa grande verdade. O mesmo pode ser dito em relação à sua vida. Ele viveu e morreu tendo a glória de Deus como seu mais profundo desejo. Ele é um naquela nuvem de testemunhas, cuja voz brada a nós pelos corredores do tempo.

## **William Farel - O Ardente Evangelista da Reforma**

### **Introdução**

Nós, que somos da Reforma de Calvino, devidamente honramos João Calvino como o grande reformador de Genebra e o pai espiritual das igrejas calvinistas ao redor do mundo. Contudo, não é exagero dizer que o trabalho de Calvino não seria possível sem os intrépidos labores de outro reformador, William Farel, que ceifou a superstição católica romana e lavrou a terra da Suíça para que as sementes de Calvino pudessem ser semeadas e dar os seus frutos.

Schaff escreve sobre ele:

*"O trabalho de Farel foi mais destrutivo do que construtivo. Ele podia demolir, mas não construir. Ele era um conquistador, mas não um organizador de suas conquistas; um homem de ação, não um homem de erudição; um pregador intrépido, não um teólogo. Ele sentia por suas falhas, e entregou seu trabalho para o poderoso talento de seu jovem amigo Calvino. Em espírito de verdadeira humildade e renúncia, ele estava disposto a diminuir para que Calvino pudesse crescer. Este é o melhor traço de seu caráter."*

O caráter que Deus deu a ele, forte e guerreiro, admiravelmente preparou Farel para a obra da Reforma e o lugar único nela, o qual ele ocupou. O trabalho foi importante, pois sem ele outros reformadores não poderiam ter feito o que fizeram.

### **Início de Sua Vida**

William Farel nasceu em meados de 1439, próximo à cidade de Gap, em Dauphiny, uma região montanhosa dos Alpes, no sudeste da França. Essa região do país havia estado, por um tempo, sob a influência dos waldenses, mas eles tinham sido quase que totalmente aniquilados na França pelos horrores da inquisição. Farel era o mais

velho de sete crianças e nasceu em uma família que pertencia à nobreza, mas que tivera declinado em tempos não favoráveis e estava agora muito pobre. Ele foi batizado com o nome de Guillaume, o equivalente aproximado em francês de William ou Guilherme. Ele nasceu cinco anos antes de Lutero e Zwinglio e vinte anos antes de João Calvino. Portanto, ele pertence à primeira geração de reformadores.

Paris, o centro de estudos católicos romanos, atraiu-o e nos seus estudos ali ele se concentrou em filosofia, teologia, e línguas antigas, incluindo hebraico. Ele tinha, nesse tempo, pouca convicção religiosa, embora fosse zeloso por Roma e era, em suas próprias palavras, "*mais papista do que o papado*".

Mas Deus usou esses mesmos estudos para trazê-lo à fé nas verdades da Escritura como estabelecidas pela Reforma. Mesmo em Paris os pensamentos de Lutero estavam circulando e sendo discutidos e Farel foi influenciado por Jacques Lefèvre d'Étaples. Lefèvre era uma daquelas figuras sombrias da Reforma, que em si mesmo estava convencido da grande verdade da justificação pela fé, mas que nunca teve coragem de romper com Roma e participar da causa protestante. Foi Lefèvre que disse ao jovem Farel: "*Meu filho, Deus vai renovar o mundo e você irá testemunhar isso*".

Dali em diante Farel se aprofundou na Escritura e logo - em 1521 - foi enviado para Meaux, na França, onde recebeu autoridade para pregar. Foi em sua pregação que seu caráter começou a tornar-se aparente.

É nos dito pelos seus contemporâneos que ele era relativamente baixo, sempre com uma aparência esquelética, e possuía uma barba vermelha e um pouco despenteada. Ele lembrava, para aqueles que o viam, a aparência aproximada de um Elias. Ele era ardente e cheio de força, não dado a muito tato, impulsivo em suas ações e pregações e um homem que rugia contra os abusos papais. Assim como uma vez ele havia sido zeloso pelas práticas papistas, assim zeloso e violento, ele se tornou como um promotor da causa da Reforma. Ele foi um homem que preparou o caminho para outros, porque podia destruir, mas lhe faltavam os dons para construir. Ele não foi um teólogo, e não deixou obras significantes que contribuíram para o pensamento da reforma; ao contrário, ele foi o homem que, com golpes poderosos, derrubou a imponente estrutura do catolicismo romano.

Farel era um homem de energia inigualável que viajou incessantemente até que, idoso e exausto, morreu; ele estava sempre avançando, cheio de fogo e coragem, destemido assim como Lutero, porém mais radical que o reformador de Wittenberg. Seu chegado amigo e companheiro, o reformador Oecolampadius, escreveu a ele: "*Sua missão é evangelizar, e não amaldiçoar. Prove que és um evangelista, não um legislador tirânico*". E Zwinglio, pouco tempo antes de sua morte, admoestou Farel a



não trabalhar imprudentemente, mas para se conservar pela obra de Deus.

Farel odiava o papa e desprezava todas as cerimônias papais. Sua missão em vida, assim como ele mesmo a concebia, era destruir cada vestígio do papado em imagens, cerimônias e rituais, o qual eram o regime padrão daqueles mantidos nas cadeias de Roma.

Sua força estava em sua pregação. Sua força não estava tanto no seu cuidado na preparação dos sermões, porque ele pregava a maioria deles sem preparação e nenhum dos seus sermões chegou até nós. Sua força estava na sua comunicação poderosa. Schaff escreve:

*"Ele transformava cada pedaço de pau e pedra num púlpito, cada casa, rua e praça do mercado em uma igreja, provocava a ira dos monges, sacerdotes e mulheres fanáticas; foi injuriado, chamado de "herege" e "diabo", insultado, cuspidor, e mais de uma vez ameaçado de morte [...]. Onde quer que fosse, ele despertava todas as forças do povo e os fazia tomar partido, a favor ou contra o novo Evangelho."*

Mas Schaff também escreve: *"Ninguém podia escutar seus trovões sem tremer, ou ouvir suas mais ferventes orações sem ser quase carregado para o céu"*.

## O Evangelista

Para compreender essa parte dos labores de Farel, devemos tentar colocá-lo no contexto da sua época. Embora as ideias de Lutero - assim como aquelas dos teólogos suíços - estivessem circulando, sendo lidas e estudadas em muitos lugares, as pessoas comuns não tinham sequer ouvido falar delas. A escuridão ainda cobria as terras em que Farel trabalhava. A Reforma estava apenas começando na França, no sudeste da Alemanha e na Suíça. As pessoas ainda estavam hipnotizadas pelos padres, bispos e monges que com zelo promoviam as superstições de Roma. A escuridão da corrupção do domínio católico romano mantinha as pessoas em escravidão.

Influenciado por Lefèvre, Farel passou a amar as verdades da Reforma e tinha devotado sua vida a promovê-las através de sua ardente pregação. William Farel nunca foi oficialmente ordenado ao ministério, apesar de ter sido licenciado para pregar quando veio pela primeira vez para Meaux. Ele acreditava que seu chamado veio de Deus, assim como aquele chamado tinha vindo para os profetas na antiga dispensação. Também nunca ficou muito tempo em um lugar, mas viajava pela Suíça,

leste da França e para o sul da Alemanha, levando sua palavra poderosa. Ninguém tem sido capaz de calcular as milhas que ele viajou. Em todos os tipos de clima, em meio aos dos perigos de salteadores, bandoleiros e clérigos papistas que o odiavam, ele montava seu cavalo ou viajava a pé para áreas onde o verdadeiro Evangelho ainda não tinha sido ouvido.

Farel despertava o ódio dos prelados romanistas onde quer que fosse, mas chamava grandes multidões pelo fogo de sua oratória.

Para traçarmos as frequentes viagens de Farel teríamos de nos envolver em longas lições de geografia. Mas onde quer que fosse, sua pregação não permitia que aquela região, vila ou cidade permanecesse a mesma. Nós só podemos falar de algumas de suas obras e recordar com admiração as dificuldades das quais, com a mão providencial de Deus, ele escapou.

Já em Meaux, onde Farel começou sua pregação, ele rapidamente se envolveu em problemas por sua proclamação zelosa da doutrina bíblica. Esse foi um tempo na França em que a perseguição aos protestantes estava começando e aqueles que haviam lhe dado permissão para pregar ficaram perplexos por sua proclamação súbita da verdade bíblica. Logo ele foi forçado a fugir para salvar sua vida, escapando por pouco, daqueles que o odiavam.

Em Basiléia, na Suíça, Farel foi fundamental na conversão do grande Pelican, que mais tarde foi professor de grego e hebraico na Universidade de Zurique, e tornou-se um estudioso brilhante da Reforma. Foi nesta cidade que ele visitou os grandes reformadores suíços: Oecolampadius, Myconius, Haller e Zwinglio.

E foi também em Basiléia que ele entrou em conflito com Erasmo, o humanista, o qual ainda tinha influência suficiente para colocar Farel para fora da cidade. Parece que Farel, de forma bastante típica, chamava Erasmo de "*Balaão*", algo que o erudito Erasmo não poderia perdoar. Erasmo escreveu para o concílio: "*Vocês têm em sua vizinhança o novo evangelista, Farel, nunca vi um homem mais falso, mais mordaz, mais rebelde*".

Depois de uma curta estadia em Estrasburgo, onde fez amizade com Martin Bucer, Farel se encontrava novamente em Montéliard, na França, em 1525, onde pregou à sua maneira violenta usual. Num dia de procissão ele pegou uma imagem de santo Antônio das mãos dos padres e jogou pela ponte, rio abaixo. Por pouco, ele escapou de ser feito em pedaços pela multidão enfurecida.

Farel não era apenas destemido, mas ele recusava ser seduzido pela aprovação dos homens. Em Neuchâtel, na Suíça, ele repreendeu publicamente uma mulher nobre por

ter deixado seu marido. Quando ela se recusou a voltar para ele, Farel de púlpito, bramou contra ela e aqueles que a defendiam e criou tamanha desordem que ele apenas foi salvo por um voto do concílio que foi impulsionado por sua imensa energia.

Uma vez Farel interrompeu um padre que estava incitando o povo a adorar Maria mais zelosamente e foi vítima de uma multidão de mulheres que estavam dispostas a fazê-lo em pedaços.

Em Metz ele pregou em um cemitério dominicano, trovejando sua mensagem mais forte do que o toque dos sinos do convento que estavam sendo tocados furiosamente em uma tentativa de abafar sua voz.

Enquanto celebrava a Ceia do Senhor na Páscoa, ele e os que estavam com ele foram atacados por um bando armado. Muitos foram mortos e feridos. O próprio Farel, embora machucado, encontrou refúgio num castelo e escapou da cidade partindo sob disfarce. Com setenta e dois anos, enquanto ainda pregava, ele foi lançado numa prisão, e depois resgatado por amigos e, assim como Paulo, foi salvo em uma cesta colocada para fora dos muros.

Na escuridão do papado Farel irrompeu, rugindo como um leão, espalhando as grandes verdades da Escritura que ele tinha aprendido a amar; sem levar em conta sua segurança pessoal. Ele apareceu em cena como um meteoro, esmagando - através de sua oratória e pregação - todo o meticuloso estilo de práticas da falsa igreja com a qual havia rompido.

Embora possamos, se quisermos, criticar Farel por sua veemência e falta de tato - como seus contemporâneos muitas vezes fizeram -, nos questionamos se os tempos em que vivemos não requerem pregadores de igual coragem. Sua confiança estava em seu Deus e ele tinha a intenção de fazer a obra do Senhor sem respeito por si mesmo.

## **O Contato com os Waldenses**

Os grandes labores de Farel foram os trabalhos feitos como companheiro na obra junto com Calvino.

Antes de começarmos a descrever sua obra no lugar que havia de se tornar o centro do calvinismo, é apropriado mencionar que Farel, mais do que qualquer outro reformador, foi fundamental em guiar muitos dos waldenses, aqueles pré-reformadores tementes a Deus e horripelmente perseguidos, ao aprisco calvinista.

Observamos anteriormente que Farel nasceu em uma região que tinha sido a fortaleza do pensamento dos waldenses. Seu contato com os waldenses deve ter deixado marcas nele, pois ele manteve contato com eles durante todo o seu ministério.

Na verdade, em 1531, Farel foi enviado com Anthony Saunier ao Sínodo dos Waldenses que estava sendo realizado em Chanforans. Ali ele explicou a essas pessoas as verdades da Reforma, e ali convenceu muitos sobre a grande obra de Deus que estava sendo feita em nome do puro Evangelho. Ele nunca perdeu essa influência com os waldenses. Se Farel for lembrado por nada mais do que por seu trabalho entre essas pessoas, isso seria o suficiente para gravar seu nome para sempre na memória de todos aqueles que amam a Reforma.

### **O Trabalho com Calvino**

Nós precisamos voltar para Genebra. Neste tempo, Genebra estava sob o domínio de Berna, um pequeno distrito vizinho na Suíça. Era uma cidade completamente católica romana, onde todos os vícios eram abertamente praticados e onde os rituais sujos de Roma eram fundamentais na dieta espiritual dos cidadãos.

A primeira estadia de Farel em Genebra não foi longa. Ele veio em 1532, quando tinha cerca de quarenta e três anos. A cidade estava cheia de discórdias religiosas e cambaleava à beira do caos. Dentro dessa cidade, no entanto, eram poucos os que tinham sido tocados pelas verdades da Reforma e Farel limitou sua pregação ao culto privado nas casas destes poucos fiéis. Mas sua pregação foi muito bem-sucedida para ser mantida em segredo e logo foi forçado pelas circunstâncias a começar a proclamação pública do Evangelho.

Esta prática não pôde durar muito tempo nesta cidadela de pensamento papista. Ele logo foi convocado perante a um conselho episcopal furioso, que viu sua pregação como uma ameaça à autoridade de Roma. Farel apresentou suas credenciais de Berna, e, embora eles expressaram alguma consideração, ele foi tratado com desrespeito. Um dos clérigos presentes gritou para ele:

*"Vens tu, demônio imundo. És tu batizado? Quem chamou-te aqui? Quem deu a ti autoridade para pregar?"*

A resposta de Farel foi:

*"Eu fui batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e não sou*

*um demônio. Eu sigo pregando a Cristo, que morreu por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação. Quem nele crê será salvo; os incrédulos estarão perdidos. Eu sou enviado por Deus como um mensageiro de Cristo e estou comprometido a anunciá-lo a todos os que me ouvirem. Estou pronto para debater com você, e dar-te conta da minha fé e ministério. Elias disse ao rei Acabe: 'És tu, e não eu, que perturbas a Israel'. Deste modo eu digo, é você e os seus, que perturbam o mundo pelas suas tradições, suas invenções humanas e suas vidas dissolutas".*

Ao tempo em que outro gritou:

*"Ele blasfemou; não precisamos de mais provas, ele merece morrer".*

Farel respondeu:

*"Fale as palavras de Deus, e não as de Caifás".*

Em resposta a isso, o concílio já não podia conter sua raiva. Eles zombaram dele, cuspiram nele, perseguiram-no com porretes e, quando ele estava indo embora, um membro atirou nele. Até mesmo aquilo não foi capaz de assustar o destemido reformador. Ele se virou para a pessoa que tentou assassiná-lo com as palavras: "*Seus tiros não me assustam*". Porém por pouco ele não escapou, e seus primeiros trabalhos em Genebra chegaram ao fim.

Farel enviou Froment e Olivetan, dois companheiros reformadores, a fim de que continuassem o trabalho que ele tinha iniciado; ele mesmo só retornou em 1533. Ainda debaixo da proteção de Berna, ele labutou com coragem e zelo em tempos de profundo risco e perigo.

Aos poucos, a cidade se desviou de suas superstições e muitos foram levados por Deus à fé. Aos poucos, os católicos romanos começaram a sair e no dia vinte e sete de agosto de 1535, o Grande conselho dos Duzentos, em Genebra, aprovou uma decisão formal que Genebra deveria tornar-se protestante.

A missa foi abolida e proibida. As pessoas tomaram as imagens e relíquias das igrejas. Os cidadãos se comprometeram a viver de acordo com o Evangelho e estabeleceram uma escola que se tornou a precursora da famosa Academia de Calvino. Um hospital foi construído, financiado pelo rendimento de hospitais mais antigos. O palácio do bispo, com requintada ironia, tornou-se uma prisão. Ministros, presbíteros e diáconos foram nomeados. Sermões diários eram pregados. Os sacramentos eram administrados de acordo com a Escritura. Todas as lojas eram

fechadas no dia do Senhor. Todavia, a cidade estava longe de ser uma cidade reformada. Problemas continuavam a acontecer e a obra de reforma estava longe de estar concluído.

Foi nessa situação que Calvino apareceu em um dia ao entardecer. Ele não tinha intenção de ficar na cidade, mas procurou uma hospedagem a noite durante suas viagens. Quando Farel soube que Calvino estava na cidade, ele imediatamente procurou este homem a quem nunca conheceu, para implorá-lo que ficasse em Genebra e ajudasse com o trabalho. *Calvino não estava com isso em mente.* Calvino, como ele mesmo nos diz, era tímido e reservado por natureza e ansiava por uma vida calma e tranquila de estudo em algum refúgio longe do burburinho das tempestades criadas pela Reforma. Ele resistiu a todas as propostas de Farel firme e tenazmente até que, em desespero, Farel rugiu:

*"Eu declaro, em nome de Deus, que se você não nos auxiliar nessa obra do Senhor, o Senhor irá puni-lo por seguir seu interesse em vez de seguir esse chamado."*

Calvino ficou oprimido por esta ameaça do juízo de Deus e, em resignação à vontade de Deus, concordou em trabalhar com Farel na difícil tarefa da reforma em Genebra.

Em meio a agitação da vida da cidade, Farel e Calvino trabalharam dia e noite para trazer uma reforma completa, até que a cidade, cansada da disciplina rigorosa imposta por eles, levantaram-se contra eles e os expulsaram. Calvino se retirou para Estrasburgo, onde passou alguns dos momentos mais felizes de sua vida, apenas retornando alguns anos mais tarde, quando foi convocado por um conselho inquieto com as condições caóticas da cidade. Farel continuou com seu trabalho, especialmente em Neuchâtel, uma cidade onde desordem e confusão também reinavam.

Farel e Calvino fizeram uma parceria a partir do momento que começaram seus labores em Genebra. De fato, durante a estadia de Calvino em Estrasburgo, Farel foi quem persuadiu Calvino a se casar. Em uma carta a Farel, enviada no dia dezanove de maio de 1539, Calvino escreveu:

*"Não sou um desses amantes insanos que, uma vez afetados com a bela figura de uma mulher, também abraçam seus defeitos. A única beleza que me seduz é, se ela for casta, prestativa, não exigente, econômica, paciente e cuidadosa para com a minha saúde. Portanto, se você encontrar estas características, comprometa-se imediatamente, a fim de que outra pessoa não tome a sua frente. Mas se você encontrar o contrário, deixemos passar."*

Embora Farel não retornou a Genebra quando Calvino foi chamado de volta, os dois permaneceram amigos e a correspondência entre eles continuou. Calvino passou o resto de seus dias em Genebra; Farel continuou seus com seus labores evangelísticos.

Quando Calvino estava perto da morte, Farel - apesar de estar com quase setenta e cinco anos - viajou para ver seu velho amigo e co-reformador pela última vez. Ciente de idade de Farel e das dificuldades da viagem, Calvino implorou para que Farel não fosse. Mas Farel não poderia manter-se longe. Parte da carta de Calvino diz:

*"Adeus, meu melhor e mais verdadeiro irmão! E já que é vontade de Deus que você permaneça atrás de mim no mundo, viva consciente da nossa amizade, como algo que foi útil para a Igreja de Deus, de maneira que o fruto disso nos aguarda no céu. Eu suplico, não se fadigue por minha conta. É com dificuldade que consigo respirar, todo momento penso que será o último. É suficiente que eu viva e morra para Cristo, o qual é a recompensa de seus seguidores, tanto na vida quanto na morte. Novamente, adeus aos irmãos."*

Dez dias depois da morte de Calvino, Farel escreveu para um amigo:

*"Oh, por que não fui eu levado em lugar, enquanto ele poderia ter sido poupado por muitos anos de saúde para o serviço da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo! Graças sejam a Ele que me deu a imensa graça para conhecer este homem e para segurá-lo em Genebra contra a sua vontade, onde trabalhou e realizou mais do que se pode dizer. Em nome de Deus, então eu o pressionei e pressionei novamente para tomar sobre si mesmo um fardo que lhe pareceu mais difícil do que a morte, de tal modo que às vezes me pedia pelo amor de Deus para ter piedade dele e para lhe permitir servir a Deus de uma maneira mais adequada à sua natureza. Mas quando ele reconheceu a vontade de Deus, ele sacrificou sua própria vontade e realizou mais do que se esperava dele e superou não só os outros, mas a si mesmo. Ó, que trajetória gloriosa ele alegremente concluiu!"*

Farel se casou sim, mas com a idade de sessenta e nove anos, para o desgosto de Calvino. Mas Calvino realmente teve a graça de escrever aos pregadores da cidade em que Farel estava trabalhando para "*suportar com paciência a tolice do solteirão*".

Ainda viajando e pregando pouco antes de sua morte, ele voltou a Neuchâtel para morrer. Ali, desgastado por seus muitos labores, cansado dos sofrimentos que vieram

com o vitupério de Cristo<sup>42</sup>, ele morreu tranquilamente enquanto dormia, no dia treze de setembro de 1565.

Bravio e ardente como era, ele serviu num lugar importante na obra de Deus ao trazer reforma à igreja. Embora seus métodos poderiam certamente ser analisados e criticados, ninguém nunca questionou a sua integridade, coragem e fidelidade ao seu Deus. Seu trabalho era o do lavrador que foi chamado para cortar as árvores, limpar o matagal e fazer o trabalho duro da lavoura, outros viriam, mais gentis do que ele e semeariam a semente.

Nem Calvino nem Farel poderiam fazer o que tinha de ser feito para que reforma acontecesse; Deus usou ambos - primeiro Farel para destruir, depois Calvino para construir. Do mesmo modo, assim é sempre na igreja de Cristo: cada membro tem o seu lugar e vocação e todos juntos são chamados para trabalhar na causa de Cristo.

Especialmente na sua amizade com Calvino, um aspecto relevante e profundamente espiritual de seu caráter veio à tona. Com uma humildade sincera, ele estava contente de ficar na sombra de Calvino, para ficar em segundo plano quando a ocasião exigia e para diminuir a fim de que Calvino pudesse crescer. Esta foi a sua qualidade mais agradável e esta é uma virtude registrada nos livros do céu.

---

<sup>42</sup> Cf. Hebreus 11:26.



## **Martin Bucer - O Ecumênico da Reforma**

### **Introdução**

Uma das queixas que Roma apresentou contra os reformadores foi a séria acusação de que a Reforma rasgou a estrutura da igreja e destruiu a unidade do corpo de Cristo. Logo depois do começo da Reforma, ela se dividiu em vários ramos, sobretudo nos grupos luteranos, calvinistas e anabatistas. Embora houvesse boas razões para tal e embora Deus em Sua sabedoria inescrutável tivesse Seu próprio propósito com isso, este continuou sendo um problema sério com o qual os reformadores tinham de lidar.

Ao passo que todos buscavam fervorosamente a unidade das igrejas da Reforma, ninguém procurou mais esse objetivo com tanto vigor e esforço quanto Martin Bucer, o reformador de Estrasburgo, na Alemanha. Todo o seu ministério pode ser caracterizado pela busca da unidade. No seu zelo por trazer unidade para a igreja de Cristo, entretanto, ele frequentemente procurou concessões inaceitáveis que tornaram a verdadeira unidade impossível. Ele não só desejava juntar luteranos e calvinistas, mas ele não descansou em seus esforços mesmo quando quis unir o protestantismo e o catolicismo romano. Em seu zelo ardente por unidade, ele esqueceu que unidade é essencialmente a unidade da verdade, assim como é em Cristo e revelado no Santo Evangelho.

Apesar disto, Bucer foi um reformador de considerável importância, cujo trabalho teve seu valor singular para a Igreja de Cristo.

### **Início da Vida de Bucer e Conversão**

Martin Bucer nasceu em 1491, em Selestat, no sul da Alemanha, não muito longe de Estrasburgo, onde havia de passar vinte e cinco anos de ministério pastoral. Ele era, portanto, oito anos mais novo que Lutero e dezoito anos mais velho que Calvino. Embora seu pai fosse um pobre sapateiro, Bucer recebeu uma boa educação na sua juventude, e, com quinze anos, entrou no monastério dominicano. Ele fez isso não tanto

porque era enamorado pela vida monástica, mas sim porque desejava uma educação completa, pela qual a Ordem Dominicana era famosa. Para os demais estudos ele foi enviado para Heidelberg, onde o evento, talvez o mais importante da sua vida, aconteceu. Martinho Lutero havia vindo para Heidelberg pouco tempo depois do começo da Reforma, para discutir assuntos teológicos com os membros da Ordem Agostiniana à qual um dia ele pertenceu. Bucer ouviu Lutero falar e foi convencido por completo da verdade das doutrinas de reforma de Lutero. Em particular, durante o jantar, ele discutiu essas questões com Lutero e tornou-se plenamente comprometido com a Reforma.

Quando Lutero foi convocado a comparecer perante a Dieta de Worms para ser julgado pelo imperador Carlos V, ele sabia no momento de sua partida que talvez não voltasse vivo daquela cidade. Muitos tentaram convencê-lo a não ir, pois as memórias do martírio de John Hus no Concílio de Constança ainda estavam nas mentes dos companheiros de Lutero. Entre os que tentaram dissuadir Lutero estava Martin Bucer, que o avisou dos perigos terríveis que o esperavam. Mas quando Lutero insistiu em ir, mesmo *"se todas as telhas das casas em Worms fossem demônios"*, Bucer o acompanhou e ouviu o inspirador apelo de Lutero às Escrituras: *"Aqui permaneço. Não posso fazer outra coisa. Deus me ajude! Amém."*

### **O Pastoreio de Bucer em Estrasburgo**

Em 1522, com trinta e um anos, Bucer começou o seu trabalho em diligência. Ele trabalhou na cidade de Wissembourg e tentou fazer dela uma cidade protestante. Apesar dos esforços de Bucer por reforma, os católicos romanos tiveram êxito em manter a cidade fiel à Roma e Bucer foi forçado a fugir para salvar sua vida. Ele foi para a cidade vizinha de Estrasburgo, onde seus pais moravam.

Enquanto esteve em Wissembourg, Bucer se casou com Elizabeth Silbereisen, também conhecida como Elizabeth Palast. Ela era uma ex-freira e juntos tiveram treze filhos. Bucer foi um dos primeiros reformadores a se casar e foi seu casamento que induziu Erasmo a comentar que a Reforma não era tanto uma tragédia, mas sim uma comédia, porque sempre terminava em um casamento.

A atarefada casa de Bucer era uma casa piedosa, um exemplo para todos do que significa um lar da aliança, embora o caráter espiritual da casa se dava, em grande medida, devido à Elizabeth, porque Martin viajava extensivamente pela causa da Reforma.

Elizabeth morreu antes de Martin, que se casou novamente, desta vez com uma mulher

com o nome de Wilibrandis Rosenblatt. Ela tinha sido casada anteriormente com nada menos do que três outros reformadores: Ludwig Cellarius, Oecolampadius e Wolfgang Capito. Mais tarde ela iria com Bucer para a Inglaterra e viveria mais do que ele. Uma mulher casada com quatro desses grandes homens deve ter sido excepcionalmente cativante.

Estrasburgo foi abençoada com grandes pregadores. Embora o próprio Bucer trabalhou lá por vinte e cinco anos, Zell, Capito, Hédio, Johann Sturm e até Calvino, durante os anos de seu exílio de Genebra, foram pregadores na mesma cidade. Poucas vezes uma cidade foi abençoada com tal galeria de ministros talentosos e capazes.

Em Estrasburgo, Bucer se entregou à obra do ministério. Ele pregou fielmente, trabalhou exaustivamente na obra pastoral, estabeleceu escolas cristãs e um seminário, abrigou refugiados da perseguição, escreveu extensivamente - incluindo correspondência com todos os reformadores da Europa -, viajou por toda a Alemanha e Suíça e participou de conferências.

Quando Calvino, depois de sua breve estadia em Estrasburgo, fora chamado de volta para Genebra, Bucer, embora aborrecido por ver Calvino ir embora, escreveu uma carta para o síndico e o conselho de Genebra, na qual disse: *"Agora ele vai, finalmente, Calvino, aquele eleito e incomparável instrumento de Deus, a quem nenhum outro em nossa época deve ser comparado, se é que há a possibilidade de colocar alguém ao lado dele."* Esta carta é uma boa ilustração dos relacionamentos que existiam entre os reformadores. Eles nunca **hesitaram** em reconhecer as boas dádivas que Deus tinha dado a outros, em elogiar seus companheiros pelo trabalho e incentivar um ao outro em sua vocação. Quisera Deus que isso fosse verdade também nos dias difíceis em que hoje a Igreja é chamada a viver.

Em 1549, o *Íterim da Dieta de Augsburg*<sup>43</sup> foi imposto à Alemanha, e aos protestantes *"quase nenhum direito foi dado, somente que o cálice da Ceia do Senhor poderia ser dado aos leigos e os ministros eram autorizados a se casar"*. A vitória aparente da igreja papista ameaçava Estrasburgo. Recusando-se a aceitar o *Íterim*, Bucer foi forçado a fugir de sua amada cidade e congregação.

Embora Bucer houvesse recebido de Calvino um convite para ir a Genebra, decidiu aceitar o convite de Thomas Cranmer ao invés disso e ir para a Inglaterra. Na Inglaterra, seus enormes dons foram reconhecidos. Ele foi nomeado professor régio de teologia em Cambridge, conheceu pessoalmente o rei Eduardo VI, recebeu um doutorado honorário de Cambridge e teve um impacto duradouro sobre a Reforma

---

<sup>43</sup> Acordo doutrinário temporário entre o catolicismo e o protestantismo na Alemanha.

Inglesa.

Martin Bucer morreu na Inglaterra no primeiro dia de março de 1551, nem mesmo chegou aos seus setenta anos. Seu corpo foi acompanhado por três mil pessoas no caminho para a sepultura e foi enterrado com honras. Mas Roma não iria deixá-lo descansar em paz. Quando a rainha Maria Tudor, mais conhecida como Maria Sanguinária, subiu ao trono, ela não somente queimou Ridley, Latimer e Cranmer na estaca, mas ela não descansou até que o corpo de Bucer tivesse sido exumado, amarrado com correntes a um poste e queimado. Deus em graça para com a Inglaterra fez o reinado de Maria breve. Quando Isabel subiu ao trono, ela pegou o que restava das cinzas de Bucer e deu-lhe um enterro decente.

### O Trabalho de Bucer

Bucer batalhou longa e duramente pela causa da Reforma. Quando aquele miserável humanista, Erasmo, apareceu com sua defesa do livre-arbítrio, Bucer rompeu com ele, apesar de Erasmo ter sido um amigo próximo. Bucer pediu que Lutero respondesse aquele "*panfleto pernicioso*" de um "*infeliz escravo da fama, que prefere continuar com o cuspe da sua própria opinião do que com a Escritura*". Quando os anabatistas se difundiram em Estrasburgo, Bucer condenou-os como adversários do puro Evangelho. Enquanto Calvino trabalhou em Estrasburgo como um colega de Bucer, Bucer teve uma influência considerável sobre Calvino e no desenvolvimento de seus pontos de vista.

Bucer escreveu extensivamente. Suas obras somam cerca de cento e cinquenta volumes. Como é o caso de muitos teólogos, ele era extremamente prolixo. Lutero o chamava de *papagaio*; Carlos V disse que era um *tagarela*, e Calvino, mais caridoso, disse: "*Bucer é muito prolixo para ser lido rapidamente por aqueles que têm outros assuntos a tratar [...]. Ele não sabe como parar de escrever*". Sua escrita era tão ilegível que o bispo inglês, Edmund Grindal, disse que era necessário um mágico para decifrá-la.

Em todo o seu esforço pela causa da Reforma, Bucer foi movido por um zelo muito grande pela união, não somente entre os vários ramos do protestantismo, mas também entre o protestantismo e Roma, se possível. Ele trabalhou muito e arduamente para atingir estes fins. Embora este trabalho seja, de fato, louvável, seu desejo por união o fez optar por concessões inaceitáveis em relação à verdade.

Embora Bucer participara de muitas conferências em sua busca pela unidade eclesiástica, duas ilustrações serão suficientes para demonstrar sua tendência a

concessões.

Bucer foi o principal autor da *Confissão Tetrapolitana*, um documento elaborado para alcançar a unidade na questão iminente sobre a presença de Cristo nos elementos da Ceia do Senhor. Sem explicitar os conteúdos desta confissão - vale a pena ler -, podemos notar que Bucer fez grandes concessões à verdade das Escrituras na esperança de que, especialmente o luteranismo e calvinismo fossem trazidos juntos sobre esta questão singular que os dividia.

Esta disposição de entrar em acordo sobre a doutrina da presença de Cristo nos sacramentos tornou-se especialmente evidente no Colóquio de Marburgo. Esta foi uma conferência convocada por Filipe de Hesse para discutir a união entre os luteranos e os reformados. Estiveram presentes os principais teólogos da Alemanha e da Suíça, incluindo Bucer, porém Calvino não estava presente.

Como vimos anteriormente, Bucer era um fervoroso adepto de Lutero. No entanto, em sua vida, ele foi gradualmente cedendo para o lado calvinista, provavelmente sob a influência de Calvino, enquanto os dois estavam em Estrasburgo. Foi por esta razão que, quando Lutero e Bucer se conheceram em Marburgo, Lutero disse a Bucer, embora com um sorriso no rosto: "*Você não passa de um tratante*".

A conferência foi aberta com uma bela oração de Zwinglio:

*"Enche-nos, ó Senhor e Pai de todos nós, suplicamos a Ti, com Teu Espírito gentil, e dissipe em ambos os lados todas as nuvens de incompreensão e cólera. Traga um fim às contendidas de fúria cega. Levanta-te, ó Cristo, Tu, Sol da justiça e brilhe sobre nós. Ai de nós! Enquanto contendemos, nós tão frequentemente esquecemos de lutar em busca de santidade, a qual Tu requeres de todos nós. Proteje-nos contra o abuso de nossos poderes e permite-nos empregá-los com toda seriedade para a promoção da santidade."*

Logo tornou-se evidente na conferência que os reformadores poderiam chegar a um acordo sobre todos os assuntos da fé, com exceção da doutrina da Ceia do Senhor. Embora os suíços houvessem pedido a Lutero por compreensão e compaixão, Lutero permaneceu inflexível e um acordo nunca foi alcançado.

Aqui também, Bucer estava disposto a fazer uma concessão pelo bem da unidade. Nós podemos ser gratos que seus pedidos por concessões não foram ouvidos e que a posição reformada foi mantida dentro das igrejas calvinistas.

Unidade da igreja é uma coisa eminentemente desejável. Fazer concessões pelo bem

da unidade não conduz à unidade, mas a futuros problemas. Bucer fez importantes contribuições à Reforma, mas o seu zelo pela unidade continua a ser um alerta permanente contra concessões em relação à verdade do Evangelho com o propósito de se alcançar mera unidade exterior.

## **Pietro Martire Vermigli - O Reformador Italiano**

### **Introdução**

Alguns dos homens que Deus usou para trazer reforma à igreja no séc. XVI são amplamente conhecidos e até mesmo nossos filhos são familiarizados com eles e com o trabalho que fizeram. Outros reformadores não são tão bem conhecidos. Eles ficam, como ficaram no passado, às sombras de Lutero, Calvino, Knox e Zwinglio. Se alguém conhece todos eles, estes parecem figuras vagas nos cantos escuros do palco da história da igreja, quando o grande ato da Reforma acontecia. Por causa disso, poderíamos concluir que eles têm pouca ou nenhuma importância para um entendimento da Reforma. Tal conclusão seria um erro triste.

É o meu propósito neste capítulo fazer com que um dentre estes reformadores saia das sombras para pôr-se de pé por poucos momentos diante do holofote, para que possamos ver a ele e a obra que fez em nome da causa de Deus nestes tempos inesquecíveis. Seu nome é Pietro Martire Vermigli.

### **O Início da Vida de Vermigli**

O pano de fundo da vida de Vermigli tem dois aspectos muito estranhos relacionados ao seu contexto, ambos dos quais apontam para os inescrutáveis caminhos de Deus. Eles têm a ver com o fato de que, embora a Reforma tinha se expandido por quase toda a Europa, dos Balcãs ao Atlântico, dois países ficaram praticamente intocados: Itália e Espanha. Ambos os países tiveram um papel nos primeiros anos da vida de Vermigli.

O primeiro foi o nascimento de Vermigli, na Itália. Este país, obviamente, era onde Roma se encontrava, o trono do papado. Entretanto, não seria correto dizer que a Itália era o país mais católico romano da Europa. A Reforma não teve quase nenhum efeito na Itália, porque este país era quase totalmente mundano. Este era o país da Renascença, em seu pior grau possível. Ele era completamente apóstata. Ele era

corrupto e depravado. Não dava importância nem a Deus nem ao homem, nem à igreja, nem ao estado. Esta era a Jerusalém se tornando em Sodoma. Italiano de nascença, Vermigli desta maneira se tornou um "*tição tirado do fogo*."

Isto não deve ser interpretado como se Pietro Martire fosse a única pessoa salva dentre os apóstatas da Itália. Outros homens e mulheres, embora poucos, foram salvos, alguns através da influência de Vermigli. Notáveis entre estes foram Jerome Zanchius, o autor de um livro ainda popular intitulado "*Predestinação*", e Ochino, um influente reformador que mais tarde foi acusado de ideias arianas. Pietro Martire também se casou com uma mulher temente a Deus da Itália.

Vermigli nasceu na cidade de Florença, no dia oito de setembro de 1499. Ele nasceu em uma família que fazia parte da realeza da cidade, moderadamente ricos, tendo a possibilidade de aproveitar os prazeres da maior e mais influente cidade de toda a Itália. O nome de família era Vermigli, mas recebeu o nome "*Martire*" - *mártir*, em italiano - por causa de um mártir chamado Pedro, cujo santuário ficava perto do lar desta família. Nesta família muitas crianças nasceram, mas todas morreram na infância, exceto uma irmã. Esta foi provavelmente a razão por que o pai de Vermigli deserdou-o quando este entrou em um monastério. É compreensível o desejo de seu pai de que alguém desse continuidade o nome da família, algo impossível para um monge.

Pietro era um estudante dotado e um homem dedicado. Seu progresso em sua educação e na hierarquia da vida monástica da Itália foi rápido e inevitável. Ele iniciou sua carreira monástica na idade de dezesseis como um cônego regrante<sup>44</sup> da Ordem Agostiniana, a ordem monástica mais estrita da Itália e gastou os primeiros anos de sua vida monástica em um convento em Fiesole, próximo de Florença. Em 1519, Vermigli se transferiu para a Universidade de Pádua. Logo foi ordenado pregador e provou ser eficiente e poderoso. Ele se tornou o prior de Spoleto e mais tarde o diretor do colégio de *San Pietro ad Aram* em Nápoles.

## A Conversão de Vermigli

Não é possível de se apontar o momento exato em que Deus operou Sua grande obra de graça do coração de Vermigli. Ele próprio não falou sobre isso em nenhum dos seus escritos - e seus escritos eram muitos. Nós sabemos de certas influências que Vermigli recebeu e que sem dúvida Deus usou para moldá-lo como um servo de Cristo.

---

<sup>44</sup> Clérigos que viviam em comunidade, faziam voto de pobreza e seguiam a regra de Agostinho.



Eu falei acima sobre dois eventos estranhos na vida de Vermigli. O segundo evento incomum foi a influência de um espanhol, cujo nome era Juan de Valdéz. Se a Reforma teve pouquíssimo impacto na Itália por causa de seu mundanismo terrível, a Espanha não foi impactada pela Reforma por causa de sua total lealdade à Roma e ao papado. Da Espanha veio a terrível Inquisição, que foi responsável por milhares e milhares de mortes do amado povo de Deus. A Espanha era um país da Europa que tinha este como seu lema não oficial: "*Minha igreja, certa ou errada.*" Os adeptos mais leais do papa eram os espanhóis. Da Espanha Deus trouxe um homem, Juan de Valdéz, que não era um protestante de verdade, mas que quase acreditava na verdade da justificação pela fé, que era serenamente místico em sua vida e que ensinava e pregava o sentido literal da Escritura. Todos estes três traços parecem ter se juntado na influência que exerceram sobre Vermigli.

O último destes traços - tão óbvio a nós - foi de forma especial um grande avanço para Vermigli, pois este o levou a um estudo mais cuidadoso da Escritura, a uma forma de pregação e ensino que era expositiva, e por fim o fez causar problemas às autoridades da Igreja Católica Romana, quando sua obediência à Escritura o levou a recusar certas doutrinas defendidas pela igreja. Ele estava ensinando sobre 1 Coríntios 3 versos 12 ao 15 e negou que esta passagem ensinava a doutrina do purgatório, a posição defendida pela igreja papista.

Uma leitura profunda dos escritos de Lutero, Zwinglio e Martin Bucer convenceu-o das verdades da Reforma. Assim que Vermigli começou a propagar publicamente suas ideias, sua vida ficou em perigo. Apesar de que toda heresia debaixo do céu era excessiva na Itália, o papado não toleraria qualquer ensinamento da Reforma.

### **A Obra Reformadora de Vermigli**

Embora Vermigli tenha fugido para a Itália para procurar refúgio na Suíça e Alemanha, ele não o fez de uma forma covarde. Em 1542, ele encontrou abrigo em Estrasburgo, cidade onde Calvino passou vários anos felizes durante seu exílio. Por causa de seu vasto conhecimento, Vermigli logo foi indicado para ser professor de teologia em Estrasburgo e tornou-se o colega ministerial de Martin Bucer, o reformador principal da cidade. Em 1546, ele se casou com uma freira convertida, Catherine Wampmartin. Estes anos foram felizes e produtivos e deram a Vermigli a oportunidade de desenvolver-se no pensamento reformado.

Em 1547, ele recebeu o convite de Cranmer e aceitou ir a Inglaterra e trabalhar lá. Henrique VII tinha morrido e seu filho Eduardo VI estava no trono, embora fosse

apenas um menino. Eduardo era favorável a reforma e Vermigli encontrou um lar agradável como professor de divindade na Universidade de Oxford. Ali também pôde aproveitar a comunhão de outros reformadores ingleses.

Até mesmo na Inglaterra, entretanto, a oposição católica romana permanecia. Richard Smith, um adepto feroz do papado, não teve relutância alguma em incitar arruaceiros contra Vermigli, que interrompeiam sua sala de aula na universidade e lá criavam confusão. Smith desafiou Vermigli a um debate público, mas fugiu em pânico para a Escócia antes que o debate pudesse acontecer. Eduardo morreu uns poucos anos depois e Maria, a Sanguinária, a filha de Henrique VIII e uma católica romana ardente, subiu ao trono. Sob o seu reinado o protestantismo foi perturbado, reformadores foram queimados na estaca e muitos foram forçados a fugir para o continente. Dentre os que fugiram, estava o próprio Vermigli, fugindo com a ajuda de um piedoso capitão que secretamente o trouxe pelo Estreito de Dover e o desembarcou na Antuérpia.

Um incidente interessante ocorreu na Inglaterra. A mulher de Vermigli, sua esposa por oito anos, morreu sem deixar-lhe filho algum. Ela era um mulher virtuosa, séria e piedosa, que gastava o seu tempo importando-se com as necessidades dos pobres. Embora ela tenha sido enterrada na Inglaterra, quando o catolicismo romano mais uma vez acendeu na Inglaterra, o cardeal Pole ordenou que seu corpo fosse desenterrado e jogado em um fosso de adubo para apodrecer. Este foi um ato de desrespeito cruel, indicando o ódio irracional de Roma em relação à qualquer coisa que tivesse ligação com a Reforma. Ela era tida, contudo, com tamanha alta estima, que quando Maria morreu e a rainha Isabel subiu ao trono, o que restava de seu corpo foi desenterrado do fosso de adubo para receber um enterro honroso em uma catedral.

Depois de escapar da Inglaterra, Vermigli reassumiu seu cargo como professor em Estrasburgo, mas logo - em 1556 - mudou-se para Zurique, na Suíça, para ocupar a cadeira de teologia na universidade daquela cidade. O chamado que tinha vindo do senado em Zurique era urgente e persistente e ele não podia recusá-lo.

Em Zurique, Vermigli se casou de novo. Sua segunda esposa era uma italiana, chamada Catherine Merenda. Com ela ele teve três filhos, dois morreram ainda novos e sua esposa estava grávida de seu terceiro filho quando o próprio Vermigli morreu.

Um evento de destaque neste período foi a presença de Vermigli no Colóquio de Poissy na França. O Colóquio foi convocado por causa da grande briga que estava acontecendo entre católicos e protestantes na França, na esperança que os dois lados pudessem alcançar algum tipo de acordo. Vermigli foi convidado para participar por líderes de destaque na França: Margarida, a rainha da França; o rei de Navarra; o príncipe de Condé; e outros líderes protestantes franceses. O fato de que ele foi o único teólogo fora da França a ser convidado - com a exceção Teodoro Beza, o

sucessor de Calvino em Genebra - é um sinal do respeito com que Vermigli era tido em toda a Europa.

O Colóquio não concluiu coisa alguma. Depois de muitos dias de debate infrutífero, os prelados católicos romanos arruinaram a conferência pela sua arrogância, intransigência e determinação de livrar a França dos *hereges* protestantes. Mas Vermigli mostrou todos aqueles dons espirituais que o fizeram respeitado e amado por toda a Europa: sua enorme instrução, sabedoria, moderação e seu espírito pacífico.

### **A Morte de Vermigli**

Pietro Martire Vermigli morreu em Zurique, no dia doze de novembro de 1562, na idade de sessenta e três anos, já consumido e esgotado pelas preocupações e esforços de uma vida ativa e cheia de acontecimentos. Ele foi descrito por seus contemporâneos como:

*"[...] um homem de um corpo hábil, saudável, robusto e vigoroso, de uma aparência que expressava uma profunda seriedade e disposição mental. Seu aprendizado era incomum; assim também era sua habilidade em debates, o que o fez tão amado pelos protestantes e tão odiado pelos papistas. Ele era muito sincero e infatigável em promover uma reforma na igreja, porém seu zelo nunca excedeu seu discernimento. Ele sempre foi moderado e prudente em seu comportamento exterior, jamais deixou-se levar pelo entusiasmo sem moderação ou permitiu que expressões desacomodadas escapassem dele, nem mesmo na hostilidade de um debate."*

Ambos, amigo ou inimigo, reconheciam que Vermigli era um dos escritores mais eruditos das igrejas reformadas.

Sua maior contribuição foi o seu desenvolvimento na doutrina da Ceia do Senhor. O fato de que os reformadores suíços puderam ser tão completamente bíblicos nesta doutrina é uma fonte de admiração inesgotável para mim. Era de se esperar que eles reagissem contra os horrores da transubstanciação de Roma - junto com a consubstanciação de Lutero - e adotassem algum tipo de ponto de vista *zingliano*, que reduziria o sacramento a um mero culto memorial. Eles não fizeram isto. Boa parte do mérito por isso é da obra de Vermigli. Alguns até mesmo são da opinião que João Calvino estava, pelo menos em parte, em dívida com Vermigli pelas suas ideias a respeito da Santa Ceia. Quer isto seja verdade ou não, o próprio Calvino expressou

completa satisfação com a obra de Vermigli nesta importante área do pensamento reformado. Permanece o fato que a pura doutrina da Santa Ceia, como ensinada pelos reformadores, apenas pode ser explicada em termos da obra do Espírito Santo de Cristo, quem guia a igreja a toda verdade. Vermigli foi um destes abençoados pelo Espírito.

É, em parte, herança de Vermigli o que temos nestas palavras inspiradoras da nossa Confissão Belga - Artigo XXXV:

*"Contudo, não nos enganamos, afirmando que aquilo que comemos e bebemos é verdadeiramente o corpo natural e verdadeiramente o sangue de Cristo. Todavia, não é pela boca que tomamos parte nos mesmos, mas em espírito, pela fé."*

## Heinrich Bullinger - O Teólogo do Pacto

### Introdução

A verdade do pacto de Deus é uma parte da preciosa herança das igrejas reformadas. Nós nem sempre estamos cientes do fato de que esta verdade remonta ao tempo da Reforma. Antes da Reforma esta verdade era desconhecida, ela tem suas raízes e origem na Reforma Suíça, particularmente no trabalho de Zwinglio e Bullinger. Tendo já falado da contribuição de Zwinglio à teologia do pacto, agora nós voltamos para Bullinger.

### Início da Sua Vida

Heinrich Bullinger nasceu no dia dezoito de julho de 1504, o mais novo de cinco filhos de um pároco em Bremgarten, na Suíça, perto de Zurique. O pai de Bullinger, apesar de ser um padre, era casado - aparentemente por causa da frouxa aplicação dos votos de celibato na Suíça. Embora não seja muito conhecido sobre os pais de Bullinger, seu pai, quando idoso, passou a acreditar e confessar as doutrinas da Reforma, provavelmente sob a influência do seu talentoso filho.

Bullinger começou sua educação formal na escola dos *Irmãos da Vida Comum* em Cleves. Seu pai não lhe deu dinheiro, acreditando que a pobreza era necessária para que seu filho desenvolvesse bons hábitos na vida. Bullinger, como Hus e Lutero, foi obrigado a cantar para ganhar dinheiro para sustentar-se.

Durante seus estudos Bullinger pretendia entrar para o monastério cartusiano, mas foi convencido por seu irmão a não ir. Em vez disso, em 1519, ele foi para Colônia, na Alemanha, onde obteve o Bacharelado em Artes em 1520. Em Colônia, Bullinger estudou os teólogos escolásticos da Idade Média, mas logo tornou-se tão revoltado com eles que se voltou para os pais da igreja, especialmente Crisóstomo e Agostinho. O único ponto que o impressionou nos escritos destes pais da igreja foi o uso abundante da Escritura. Estimulado pela aparente determinação deles para

fundamentar toda a sua doutrina na Palavra de Deus, Bullinger se voltou para o estudo das Escrituras. Foi esse estudo da Escritura que permitiu que Bullinger lesse os escritos de Martinho Lutero com prazer, visto que estavam sendo espalhados em toda a Alemanha. Durante estes anos de estudos na Alemanha, os ventos da Reforma de Lutero estavam soprando através da vida de Bullinger também.

Depois de ganhar seu título de Mestre, em 1522, Bullinger retornou para sua amada Suíça. Embora já influenciado pelo pensamento da Reforma, ele aceitou um convite de Wolfgang Rüpli, o prior de um monastério em Cappel, para ensinar na escola do monastério. Ele ensinou os monges usando o Novo Testamento e o *Loci Communes* Philipp Melancton, o qual foi a primeira teologia sistemática da Reforma. Enviado para Zurique, onde Zwinglio pregava, Bullinger passou cinco meses ouvindo Zwinglio, aperfeiçoando seu grego e começando seus estudos em hebraico. Foi aqui que ele se tornou mais familiarizado com os distintivos da Reforma. O resultado foi que, quando voltou para a escola do monastério em Cappel, ele convenceu o sacerdote e todos os monges a aceitarem os ensinamentos da Reforma.

Em 1529, Bullinger foi chamado para ser ministro na igreja de Bremgarten, onde sucedeu seu pai como pastor. Ali ele pregou até a batalha de Cappel, quando Zwinglio foi morto e a Reforma Suíça experimentou uma paralisação temporária. Nestes anos de Bremgarten, ele desenvolveu suas habilidades como pregador e pastor e serviu a congregação satisfatoriamente. Mas, quando Zwinglio foi morto em 1531, Bullinger foi forçado a deixar sua congregação e parar de pregar. Porém sua ausência do púlpito foi breve, pois logo foi chamado para ser o sucessor de Zwinglio na importante congregação de Zurique. Ele ficou lá até o fim de sua vida, envolvido no ministério da Palavra. Ali, nos primeiros anos de seu ministério, ele pregava seis ou sete vezes por semana e mais tarde apenas na sexta-feira e no dia do Senhor.

## Seu Trabalho

A morte de Zwinglio parecia ser um golpe mortal para a Reforma Suíça, mas Deus providenciou para as igrejas dali um homem que poderia manter uma mão firme no leme.

Bullinger foi um pastor devoto, nem somente um pregador poderoso, mas também um pastor fiel que visitava suas ovelhas de dia e de noite, abria sua casa para todos que precisavam de ajuda, expunha a si mesmo a perigos quando visitava aqueles que foram atingidos pela praga que por diversas vezes castigou Zurique e trazia conforto e força aos que estavam morrendo.

Apesar vivesse com um salário escasso, sua bondade era conhecida em todo o país. Ele distribuía dinheiro, comida e roupas livremente. Ele recusava todos os presentes e doava tudo que excedia seu salário para hospitais e instituições de misericórdia. Ele quase sempre tinha em sua casa estranhos e exilados a quem fornecia abrigo e alimento. Ele garantiu abrigo para a viúva de Zwinglio, levou-a sob o seu teto e assumiu a responsabilidade pela educação dos dois filhos de Zwinglio. Seu amor e bondade cristã lhe trouxeram o respeito e a devoção de toda a sua congregação.

Bullinger se comprometeu profundamente à educação cristã. Ele atuou como superintendente das escolas em Zurique e foi fundamental em equipar o seminário com teólogos capazes. Ele participou ativamente na regulação das escolas de acordo com a Palavra de Deus.

Bullinger era um homem devotado à família. Em 1529, ele se casou com Ann Adlischweiler, uma ex-freira de Zurique e com ela teve vários filhos. Seus biógrafos contam que sua casa era um lugar feliz, apesar de quase sempre estranhos estarem hospedados com eles. Ele brincava com os seus filhos e netos e estava profundamente consciente de seu chamado dentro do pacto de ensinar-lhes os caminhos do Senhor. Quando seus pais já não podiam cuidar de si mesmos, Bullinger e sua esposa cuidaram deles em sua própria casa.

## **Bullinger, O Teólogo**

Após a morte de Zwinglio, Bullinger se tornou o teólogo das igrejas suíças, além da igreja de Genebra, onde Calvino trabalhou.

A Reforma Suíça, fora de Genebra, produziu duas notáveis e belas confissões: a Primeira e a Segunda Confissão Helvética. A Primeira Confissão Helvética foi trabalho de Bullinger, juntamente com vários outros teólogos: Megander, Grynaeus, Myconius e Leo Judd. A Segunda Confissão Helvética foi uma obra pessoal de Bullinger, escrita como uma confissão de fé pessoal. Ela foi adotada pelas igrejas suíças em 1566. Em muitos aspectos é uma bela confissão e vale a pena o tempo que se leva para lê-la e estudá-la.

Quando a controvérsia ergueu-se na Suíça sobre a doutrina da Ceia do Senhor, Bullinger não só defendeu a visão reformada contra o luteranismo, mas também trabalhou com João Calvino para trazer uniformidade entre os suíços. O resultado de seu esforço cooperativo foi o *Consensus Tigurinus*<sup>45</sup>, um documento importante da

---

<sup>45</sup> Conhecido também como *O Acordo de Zurique*, de 1549.

## Reforma sobre a doutrina da Ceia do Senhor.

A influência de Bullinger se estendeu por toda a Europa, mesmo que ele nunca tenha viajado para fora da Suíça. Quando os exilados da Inglaterra procuraram refúgio em Zurique, durante o reinado da Maria Sanguinária, Bullinger os levou para sua casa e ensinou-lhes cuidadosamente as verdades da Escritura. Através de correspondências surpreendentes, Bullinger exerceu influência sobre os teólogos de toda parte. Ele se correspondia com teólogos suíços, alemães e ingleses, ele escreveu a reis, príncipes e rainhas. Quando morreu, os ingleses lamentaram sua morte como uma calamidade e repetidamente expressavam sua grande dívida para com este pregador de Zurique.

Em uma controvérsia, no entanto, ele mostrou uma fraqueza. Quando Calvino em Genebra estava lutando com as heresias de Bolsec, o consistório de Genebra procurou o conselho dos outros teólogos suíços. Embora, em geral, estes teólogos concordavam com Calvino em sua doutrina da predestinação - Bolsec negava a predestinação soberana -, eles alertaram Genebra para proceder com cuidado e questionaram as fortes declarações de Calvino sobre a predestinação de Deus quanto ao pecado, a soberania e reprovação incondicional. Bullinger estava entre eles. Quando Calvino elaborou seu *Consensus Genevensis*<sup>46</sup>, Bullinger se recusou a assiná-lo. Este documento é extremamente importante. Foi traduzido para o inglês sob o título *A Treatise on the Eternal Predestination of God*, na obra *Calvin's Calvinism*.

De grande valor para nós é a controvérsia que Bullinger desenvolveu em seus debates com os anabatistas. Contra eles, ele escreveu nada menos que seis livros. Em sua defesa da posição bíblica sobre a doutrina do batismo infantil, Bullinger desenvolveu suas ideias da aliança da graça de Deus. É nesses escritos de Bullinger, juntamente com os de Zwinglio, que temos o primeiro desenvolvimento desta doutrina que significa muito para a causa da verdade. Todos os posteriores teólogos do pacto, em círculos reformados e presbiterianos, têm uma grande dívida para com Heinrich Bullinger.

## A morte de Bullinger

Os últimos dias de Bullinger foram preenchidos com o sofrimento. A grande carga de trabalho debilitou sua saúde. Em 1562, ele escreveu a um amigo: "*Eu quase afundo sob o peso dos afazeres e do cuidado e me sinto tão cansado que gostaria de pedir ao Senhor para dar-me descanso, se não fosse contra a Sua vontade.*" Em 1564 e 1565 ele quase morreu por causa da praga, a qual lhe tomou sua mulher, três filhas e

---

<sup>46</sup> Tradução: *Consenso de Genebra*.



um cunhado. Em todos os seus sofrimentos ele suportou seus encargos com muita paciência e submissão à vontade de Deus. Embora muitas vezes solitário e deprimido, ele continuou seu trabalho até que a morte o alcançou.

Bullinger morreu no dia dezessete de setembro em 1575, depois de sofrer intensamente de cálculo, uma doença que era provavelmente o que hoje chamaríamos de pedras nos rins ou bexiga, para a qual, no século XVI, não havia cura. Sua filha mais nova, Dortha, cuidou dele em seus últimos anos. Quando estava à beira da morte, ele reuniu os pastores de Zurique ao seu redor e os exortou à pureza de vida, a unidade entre os irmãos e a fidelidade na doutrina. Ele os advertiu contra a tentação, lhes assegurou seu amor, agradeceu por sua bondade para com ele e encerrou com uma oração de ação de graças. Depois de apertar a mão de todos eles, com lágrimas, ele se despediu deles - como Paulo fez com os anciãos de Éfeso. Ele morreu recitando Salmos 51, 16 e 42, o Credo Apostólico e a Oração do Senhor. Seu genro pregou o sermão fúnebre.

Bullinger foi o homem escolhido por Deus para manter a Reforma Suíça após a morte de Zwinglio. Ele foi equipado por Deus com dons espirituais extraordinários para esta tarefa. Ele era um homem de paciência, fé firme, coragem, moderação e paciência, que "*provou que a Reforma foi uma obra de Deus*" quando, pelo seu trabalho, a Reforma Suíça sobreviveu a morte de Zwinglio na batalha de Cappel.

Para com ele, nós que amamos a verdade da aliança de Deus, temos uma grande dívida diante Deus.

## Theodoro de Beza - O Sucessor de Calvino

### Introdução

Poucos reformadores foram tão difamados como Theodoro de Beza, o sucessor de Calvino em Genebra. As calúnias contra ele surgiram enquanto ainda estava vivo, vindas de seus adversários católicos romanos, os quais evidentemente temiam o poder de sua caneta. Mas, embora sejam de um tipo diferente, estas calúnias têm sido encontradas nos escritos dos "*calvinistas*" dos tempos modernos que acusam Beza de corromper a pura doutrina de Calvino e de torcer os seus ensinamentos de uma forma que Calvino teria repudiado. Particularmente, Beza é acusado de alterar de forma significativa os ensinamentos de Calvino sobre a predestinação e a expiação de Cristo. Embora possamos descartar com desprezo as acusações romanistas que foram feitas contra ele em sua vida, as acusações de que Beza alterou as doutrinas de Calvino sobre predestinação e expiação são mais graves. Afirmam, por exemplo, que o puro calvinismo se perdeu desde a época de Calvino, porque os pais da Reforma na Alemanha, na Holanda e Estados Unidos têm seguido Beza no ensino de uma visão da predestinação e da expiação que Calvino nunca ensinou. Diz-se que Gomarus, o Sínodo de Dort, os teólogos de Westminster, Perkins e Owen na Inglaterra, Turretin, Abraham Kuyper e Herman Hoeksema têm seguido Beza e não Calvino. É tempo, esses críticos opinam, das igrejas calvinistas de hoje retornarem ao calvinismo puro e repudiarem o que Beza corrompeu dos ensinamentos de Calvino.

### Início da Vida de Beza

Quem é este Beza que é tão largamente criticado?

Theodoro de Beza nasceu em Vézeley, na região da Borgonha, na França, no dia vinte e quatro de junho de 1519. Ele era filho de Pierre de Besze e Burderot Marie, ambos da baixa nobreza. Sua mãe, uma mulher inteligente e caridosa, gerou sete filhos, dos quais Theodoro foi o último. Ela morreu quando Beza tinha apenas três anos de idade.

Beza nunca conheceu a casa de sua família. Ainda muito jovem, seu tio Nicholas, um membro do Parlamento em Paris, o qual estava impressionado com a inteligência de Theodoro, levou-o para sua própria casa em Paris, para supervisionar a sua educação. É possível que o pai de Theodoro tenha consentido com isto, em partes, por causa da morte de sua amada esposa.

O protestantismo havia entrado na França com os primeiros escritos de Lutero, que estavam sendo amplamente divulgados e lidos. Já em 1520 muitos protestantes podiam ser encontrados nessa região, apesar de estarem isolados uns dos outros e desorganizados. A sina de Calvino e de Beza havia de ser essa: prover uma liderança na França e um refúgio em Genebra aos refugiados que fugiram das ferozes perseguições aos protestantes naquela nação católica romana.

A educação formal de Beza começou em 1528, quando, com quase nove anos, foi enviado para Orléans para estudar com Melchior Wolmar. Wolmar será lembrado na história como um homem de convicções protestantes que teve o privilégio de ensinar tanto Beza quanto Calvino. Na verdade, é bem possível que os dois já se conhecessem, porque eles eram estudantes de Wolmar na mesma época. Wolmar trouxe Beza para sua própria família e Beza ficou com Wolmar por sete anos.

Embora Wolmar fizesse todos os esforços para converter Beza ao protestantismo, o jovem rapaz resistiu tenazmente e recusou-se a abandonar o catolicismo romano de sua família. Como o próprio Beza escreveu mais tarde, não foi muito mais tarde que Deus fez as sementes do ensino de Wolmar crescerem e amadurecerem em sua vida. No entanto, o afeto entre Wolmar e Beza nunca diminuiu e Beza o seguiu quando este foi a Bourges.

Em 1534, Wolmar fugiu para a sua Alemanha natal durante um incidente em relação a alguns cartazes. Alguns protestantes haviam distribuído cartazes em Paris que condenavam a missa e isso trouxe sobre eles as terríveis perseguições que fariam parte da vida dos fiéis na França.

Seguindo os desejos de seu pai, Beza - assim como Calvino - se voltou para o estudo de direito em Orléans. Seu coração não estava nisso, todavia, ele preferia muito mais o estudo da literatura grega e romana, especialmente os antigos poetas latinos. Ele era um homem das letras acima de tudo e se deleitava com os escritos desses pagãos romanos.

Embora ele tenha montado um escritório de advocacia com seu tio em Paris depois de completar seus estudos, Beza passava mais tempo lendo literatura e escrevendo poesia latina do que no exercício da advocacia. Ele ainda teve muitos de seus poemas publicados em um livro intitulado *Juvenalia*, que tiveram uma enorme

repercussão no mundo literário em Paris. Seu domínio de latim e seu estilo elegante em latim foram tão impressionantes que todos os seus contemporâneos concordaram que seus escritos latinos eram estilisticamente mais bonitos do que os seus escritos posteriores, em seu francês nativo. Os poemas, no entanto, eram indecentes e seriam uma fonte de muitos arrependimentos mais tarde em sua vida.

Beza pôde desfrutar de uma vida de relativo lazer porque dois benefícios foram providenciados a ele, os quais lhe proviam uma renda estável de 700 *Coroas de Ouro*<sup>47</sup> por ano. Essa renda tão considerável lhe permitiu viver luxuosamente nos mais altos círculos da sociedade parisiense onde ele comia e bebia com as pessoas famosas do ramo literário de sua época. Embora Beza, refletindo sobre este período de sua vida, admitisse com tristeza muitas imprudências e pecados que cometera, ele afirmou que nunca havia caído na imoralidade ou nos pecados mais graves que eram praticados tão abertamente nos altos círculos da sociedade.

Em 1544, Beza estava secretamente noivo de Claudine Denosse, uma menina da classe mais baixa. Ele insistiu em manter o compromisso em segredo, porque fazer seu relacionamento público não só seria um embaraço para seus amigos literários, mas também roubaria-lhe a renda de seus benefícios. Ainda que seus princípios morais o deixaram desconfortável, mesmo assim ele prometeu a sua noiva que em um momento adequado casaria-se com ela publicamente.

## **Conversão e os Primeiros Trabalhos de Beza**

Deus preparou Beza durante esses anos para um grande trabalho em Seu Reino. Tal como Calvino, que foi educado como um estudioso humanista, Beza também, embora não soubesse disso, estava sendo moldado e formado por seu Deus para obras cruciais na Reforma fazendo com que ele bebesse profundamente no poço do pensamento humanista.

Como Zwinglio, Beza foi trazido à conversão através de uma grave doença durante a qual teve bastante tempo para refletir sobre os caminhos inescrutáveis da providência e lembrar da fiel instrução de seu velho tutor, Melchior Wolmar. Humilhado e castigado, ele se recuperou de sua doença como um protestante sólido, que agora entregara sua vida à propagação do Evangelho.

Por que a perseguição na França continuava, ele tomou sua noiva e fugiu para estar com Calvino em Genebra. Ali ele foi afetuosamente bem recebido pelo seu velho

---

<sup>47</sup> 700 *Gold Crowns* - Aproximadamente cento e cinquenta mil dólares.

companheiro de estudo e ali cumpriu sua promessa a Claudine, casando-se com ela publicamente na igreja de Genebra.

Por meio da influência de Peter Viret, Beza foi nomeado professor de grego na Universidade de Lausanne. Calvino já havia mostrado sua alta estima por Beza quando escreveu a Farel num período em que Beza estava doente com a peste:

*"Eu não seria um homem se eu não retribuísse o amor dele [Beza] que me ama mais do que um irmão e me respeita como um pai: mas eu estou mais preocupado com a perda que a igreja sofreria se no meio de sua carreira ele fosse removido de repente pela morte, pois vi nele um homem de espírito agradável, nobre, de comportamento puro e sinceramente inclinado a tudo o que é reto. Eu espero, porém, que ele seja trazido de volta a nós em resposta às nossas orações."*

## O Trabalho de Beza em Genebra e na França

Genebra precisava de Beza, então em 1549 ele foi chamado para se tornar professor de teologia na academia que Calvino havia fundado. Lausanne estava relutante ao vê-lo partir, mas Beza sentiu a urgência de trabalhar com seu amado amigo Calvino. Beza serviu como professor na academia de 1550 até 1599, e como reitor de 1559 até 1563, quando Calvino recusou a posição. Ele foi pastor da igreja de Genebra de 1559 a 1605, retirando-se apenas quando sua idade avançada o forçou a fazê-lo. De 1564 a 1580 Beza serviu como moderador do concílio de pastores após a morte de Calvino.

A academia em Genebra se tornou uma das mais importantes escolas em toda a Europa calvinista. Estudantes de todas as partes da Europa vieram para estudar ali e da academia foram adiante para espalhar as verdades do calvinismo em toda a parte do continente. Entre os que estudaram lá estava John Knox, o qual retornou para sua terra nativa, a Escócia, para lutar pela reforma naquela terra; e Jacob Armínio, que, apesar de ter estudado com Beza, nunca absorveu os seus ensinamentos e retornou à Holanda para espalhar suas próprias doutrinas venenosas.

Beza será amado especialmente por aqueles cujos ancestrais foram os huguenotes - assim eram chamados os calvinistas na França. É impossível relatar aqui quantas viagens ele fez para França, quantos anos ele passou entre os huguenotes e quais serviços ele prestou a eles. Quando não recebia calorosamente os refugiados huguenotes em Genebra, ele colocava em risco a sua vida pregando a eles, marchando com seus exércitos, escrevendo em seu lugar e defesa e assistindo os seus sínodos. Ele presidiu o último sínodo francês reformado em La Rochelle, antes do

horrível massacre dos protestantes pela mão dos católicos romanos, na véspera do dia de São Bartolomeu, o que fez outros sínodos impossíveis. Enquanto engajados em um culto pacífico em um celeiro em Vassy, esses pobres protestantes foram atacados pelo Duque de Guise, o qual massacrrou centenas deles.

O maior serviço de Beza para com os protestantes franceses foi sua participação no Colóquio de Poissy, no dia trinta e um de julho de 1561. Este colóquio foi convocado em um esforço de trazer a paz entre protestantes e católicos romanos. Onze pastores reformados da França estavam participando desta conferência além de delegados da Suíça, bispos católicos romanos da França, o rei da França - embora ele fosse uma criança -, e a rainha-mãe, Catarina de Médici. Era uma assembleia notável. As discussões, no entanto, não deram em nada. Enquanto Beza estava falando em defesa da causa protestante, ele foi rudemente interrompido pelos bispos de Roma que estavam determinados a não permitir que os protestantes propagassem suas opiniões. Depois dos esforços infrutíferos para continuar a discussão, a assembleia foi suspensa. No entanto o resultado foi que o rei e a rainha-mãe foram expostos ao ensino protestante, Catarina de Médici ficou impressionada com a clareza e ousadia da apresentação de Beza e foi dado ao protestantismo algum reconhecimento e certa medida de liberdade. Isso, no entanto, durou apenas por um curto tempo. O cardeal Lorena, o principal adversário do protestantismo, disse sobre Beza: *"Eu poderia muito bem ter desejado que esse homem fosse mudo ou que fôssemos surdos"*.

Em um confronto com o cruel e sanguinário Duque de Guise, Beza fez sua declaração memorável:

*"Senhor, é natural, de fato, à igreja de Deus, em nome da qual me dirijo a vós, sofrer golpes, não usá-los como ataque. Mas ao mesmo tempo deixe ser meu o prazer de lembrar-vos que a Igreja é uma bigorna que tem desgastado muitos martelos."*

## Os Últimos Dias de Beza

Os últimos dias de Beza foram gastos dando continuidade às doutrinas de Calvino, ensinando com tranquilidade, participando de algumas reuniões, escrevendo e mantendo correspondência com reformadores e santos em toda a Europa. Sua esposa, Claudine, morreu em 1588, e Beza se casou novamente: uma refugiada de Gênova, Geneviève del Piano. Quando Calvino morreu em 1564, Beza pregou o sermão no funeral e logo depois escreveu uma biografia de seu mentor e querido amigo.

Cansado de seus muitos trabalhos em prol da causa de Cristo, ele morreu pacificamente em um domingo, dias vinte e três de outubro de 1605, com a idade de oitenta e seis anos. A seu pedido, escrito em seu testamento, ele foi enterrado em um cemitério comum, onde Calvino foi enterrado e próximo ao túmulo de sua esposa. Ele combateu o bom combate e manteve a fé e então recebeu a recompensa da coroa da vida.

## Pensamentos Finais

Apesar de não ser o pensador original que Calvino era, Beza era, no entanto, um homem de grande saber, intelecto vasto e profunda devoção. Suas obras escritas são incrivelmente grandes. Ele escreveu dramas, sátiras, tratados polêmicos, gramática grega e francesa, biografias, tratados políticos e obras teológicas. Ele editou um texto anotado do Novo Testamento grego, o qual ele deixou para a Universidade de Cambridge na Inglaterra, texto o qual recebeu seu nome: *Codex Bezae*. Ele editou a publicação de cartas de Calvino e escreveu uma defesa sobre a morte de Serveto, o herege que negava a Trindade e foi queimado na fogueira em Genebra por ordem do conselho. Ele defendeu a política presbiteriana da Igreja, contra o sistema hierárquico da igreja da Inglaterra. Ele refutou a doutrina luterana da Ceia do Senhor, defendeu a predestinação contra o herege Castellio e defendeu a doutrina da Trindade contra o herege italiano Occhino. Sua caneta era afiada e muitas vezes preenchida com tinta de sátira; seus inimigos o temiam.

Ele participou de incontáveis reuniões, muitas das quais eram reuniões com os protestantes alemães, franceses e suíços, com o intuito de construir uma ponte sobre o abismo entre luteranos e calvinistas, na esperança que os protestantes alemães oferecessem algum auxílio para ajudar os sitiados huguenotes franceses.

Os inimigos de Beza, mostrando seu medo para com ele, fizeram de tudo para desacreditá-lo. Ele foi acusado de imoralidade e das mais graves falhas morais. Repetidamente os rumores de seu retorno para o seio de Roma foram espalhados. Na verdade, esforços específicos foram feitos para convencê-lo a voltar à Igreja Romana. Em uma ocasião, quando Beza era um homem idoso, em 1597, um certo François veio a Genebra para fazer isto. François tinha apenas trinta anos, jovem, zeloso, hábil debatedor e vencedor de inúmeros duelos com adversários. Mas toda a sua habilidade não conseguiu mover Beza do lugar. Quando a argumentação falhou, ele tentou o suborno e ofereceu para Beza, em nome do papa, uma pensão anual de 4 mil *Coroas de Ouro*<sup>48</sup> e uma soma equivalente a duas vezes mais o valor de seus bens

---

<sup>48</sup> 4.000 *Gold Crowns* - Aproximadamente oitocentos e setenta mil dólares.

personais. Beza não poderia tolerar isto. Educadamente mas enfaticamente Beza lhe disse: "*Vá, senhor; eu sou velho e surdo demais para poder ouvir tais palavras!*"

Beza deixou claro algumas das principais doutrinas do calvinismo, as quais eram parcialmente subentendidas nos escritos de Calvino: as verdades da expiação particular de Cristo, a imputação federal da culpa de Adão e o supralapsarianismo. É por isso que ele é acusado de alterar a teologia de Calvino.

Que Beza alterou significativamente os ensinamentos de Calvino é um absurdo. Os dois trabalharam juntos em paz e harmonia durante muitos anos em Genebra e na academia. Beza lia o que Calvino escrevia e Calvino lia o que Beza escrevia. Quem pode conhecer as muitas discussões que tiveram entre eles sobre todos os assuntos da verdade? Nem uma palavra pode ser encontrada em todos os registros que Calvino não concordava com Beza em qualquer ponto.

No entanto a calúnia continua. Alguns até chamam Beza de pai do hiper-calvinismo. Se Beza era um hiper-calvinista, Calvino também o era. É uma calúnia que é facilmente refutada. A graça particular, incondicional e soberana, que Beza tão ardentemente ensinou, é a verdade da Escritura.



## **A História dos Dois Fredericos - O Sábio e o Piedoso**

### **Introdução**

Não se pode estudar a história da Reforma do século XVI sem ficar impressionado com a onisciente e graciosa providência de Deus sobre as questões dos homens e das nações que fizeram a Reforma possível. A história está repleta de tais exemplos, os quais só os cegos são incapazes de ver e a Reforma oferece alguns destes casos surpreendentes. Um exemplo é o de Deus usando magistrados terrenos para proteger e promover a causa da Reforma. Embora muitos governantes poderosos da Europa estivessem profundamente envolvidos na história da Reforma, duas figuras proeminentes ilustram como Deus usa homens para cumprir o Seu propósito. Estes dois homens tinham o nome de Frederico.

Eles tinham muito em comum. A ambos foi dado o mesmo nome; ambos nasceram devotos ao catolicismo romano; ambos tinham o título de Frederico III; ambos governaram uma parte da Alemanha; ambos estavam profundamente envolvidos com a Reforma Luterana; ambos ousaram se opor ao poder de Roma e mantiveram-se firmes contra as ameaças e promessas papais; ambos receberam da história nomes que refletem a alta estima com a qual foram tidos: o primeiro foi chamado de Frederico o sábio, e o segundo, Frederico o piedoso; e ambos foram usados por Deus em favor da Reforma de modo que, humanamente falando, sem eles a Reforma nunca teria avançado.

No entanto aqui acabam as similaridades. Um nunca deixou a Igreja Católica Romana; o outro se tornou um ardente calvinista. Um permaneceu solteiro toda sua vida; o outro se casou duas vezes e gerou onze filhos. Um era bastante velho quando a Reforma começou; o outro estava envolvido nas terríveis lutas na Alemanha que vieram após a Reforma. Um era eleitor da província mais pobre da Alemanha; o outro eleitor da mais rica. Porém, os papéis que eles desempenharam na Reforma foram igualmente decisivos.

### **Frederico, o Sábio**

## O Início de Sua Vida

No tempo da Reforma, a Alemanha não tinha um forte governo central. Ela era dividida em sete províncias e sobre cada uma delas governava um eleitor. Quando a necessidade surgia, estes eleitores se reuniam em uma assembleia legislativa para escolher um imperador que governaria em nome dos eleitores sobre toda a Alemanha. A interferência papal era comum.

Frederico, o sábio, nasceu no ano de 1463, vinte anos antes de Lutero. Ele nasceu em uma família real, porque seu pai era o eleitor da Saxônia antes dele e ele herdou a honra eleitoral após a morte de seu pai.

Frederico foi um modelo de governador, cujas características marcantes eram a piedade - no sentido católico romano - e um profundo amor à justiça. Seguindo sua piedade, ele fez uma peregrinação à Terra Santa em 1493, e lá adquiriu muitas relíquias pelas quais pagou do seu próprio bolso. Com cuidado e afeto, ele as transferiu para Wittenberg, onde foram colocadas na capela do castelo - a mesma capela na qual mais tarde Lutero pregou suas noventa e cinco teses.

Um antigo catálogo deste período lista as relíquias - cinco mil e cinco ao total. Elas foram consideradas tão impressionantes que o papa concedeu a Frederico o direito de dar indulgências a quem as visitasse. Cada visita encurtaria a estada do visitante no purgatório por cem anos. As indulgências não seriam rapidamente esgotadas, pois o mérito total das indulgências, ordenado pelo papa, era nada menos do que um milhão, novecentos e dois mil, duzentos e dois dias.

A cidade de Wittenberg não era um lugar onde se apreciaria viver. Era uma pequena aldeia com cerca de três mil habitantes, às margens do rio Elba e localizada em um improdutivo solo arenoso. Seus edifícios eram feitos de madeira bruta e cobertos de lama. Seus habitantes eram pobres, rudes, iletrados e vulgares.

No entanto, foi nesta aldeia que Frederico decidiu construir uma universidade, em parte, provavelmente por ali haver um castelo do eleitor, mas em parte também porque as finanças do eleitor eram limitadas, e ele poderia fazer uso dos monges do convento agostiniano local para ensinar, com pouca ou nenhuma despesa com os salários. Embora num primeiro momento apenas cerca de quatrocentos e quinze estudantes participaram desta universidade, durante os dias de Lutero, ela se tornou tão popular que milhares de estudantes foram matriculados e Melanchthon disse que ouvira nada

menos do que trinta e três línguas sendo faladas pelos alunos no campus. Mas esses dias de glória ainda estavam por vir.

Foi provavelmente por sugestão de Johann von Staupitz, capelão de Frederico e vigário da Ordem Agostiniana, a qual Lutero também pertencia, que Frederico convidou Lutero para tornar-se professor lá. Mal sabia ele quais seriam as consequências desta nomeação. O próprio Lutero esperava pouco daquela cidade. Ele disse que ela estava no limite extremo da civilização e estava há poucos passos do barbarismo. Repetidas vezes ele quis deixá-la. Melancthon, que veio da parte fértil do Palatinado, muitas vezes queixou-se de que não poderia obter nada apropriado para comer em toda a aldeia.

### **Frederico e a Reforma**

O amor de Frederico por sua universidade, ligado ao fato de que a presença de Lutero como professor dava à universidade o prestígio que Frederico lhe desejava, levou-o a se tornar o protetor da Reforma.

Nós acreditamos na verdade da eleição e reprovação. Nós também acreditamos que o eterno propósito de Deus na reprovação deve servir à eleição. Certamente isto implica que as regras terrenas dos reis e magistrados servem ao propósito da salvação da igreja. Nós não somos os juízes da vida de Frederico. Somente Deus sabe se Frederico foi um dos Seus. Mas uma coisa podemos dizer: a proteção do estado quanto a Lutero e à Reforma fez a Reforma possível.

Enquanto isso, Frederico permaneceu leal aos seus santos e relíquias. Na verdade, por volta de 1520, três anos após a Reforma ter começado, o número de relíquias de Frederico tinha aumentado para dezenove mil e treze.

A confiança de Frederico em Lutero foi confirmada depois da disputa de Heidelberg. Menos de um ano após a Reforma começar, Lutero foi para Heidelberg para defender suas teses entre os de sua própria Ordem Agostiniana. Seus inimigos se recusaram a discutir a questão das indulgências. Eles insistiam simplesmente que, pelo fato do papa ter aprovado as indulgências e porque o papa era a autoridade suprema na cristandade, Lutero não tinha escolha exceto submeter-se aos decretos papais. Um homem, chamado Wolfgang, que estava presente na disputa de Heidelberg, escreveu para Frederico: "*Lutero demonstrou sua habilidade na disputa com tamanha grandeza que isto contribuir grandemente para a reputação da Universidade de Wittenberg*".

Pouco depois das teses de Lutero terem-se espalhado por toda Europa, quando o papa começou a tomar conhecimento daquilo que ele primeiramente achava ser nada mais do que uma briga entre monges, Frederico foi ordenado a enviar Lutero para Roma, para que o "*filho do diabo*" se retratasse. Frederico recusou esta ordem do papa, pelo fato de Lutero não ter recebido justo até então e também não receberia em Roma. Em vez disso Lutero foi para Augsburgo para defender suas teses. Foi somente depois de um salvo-conduto ter sido prometido a Lutero que Frederico lhe permitiu ir.

A confiança de Frederico em Lutero foi fortalecida quando ele perguntou a Erasmo o que ele deveria fazer a respeito de Lutero. Erasmo respondeu que o único crime de Lutero tinha sido tocar na tríplice coroa do papa e no orgulho dos monges.

Em 1520, após a morte de Maximiliano, imperador do Sacro Império Romano, o papa ofereceu a coroa do Sacro Império Romano a Frederico. Frederico teve a humildade e bom senso para recusar, um ato que Wylie, um notável historiador da igreja, descreveu como "*timidez indesculpável*". Carlos V da Espanha, um implacável inimigo da Reforma, se tornou imperador em seu lugar.

Frederico nunca defendeu abertamente a teologia de Lutero, sempre alegando que como um leigo não sabia nada sobre estas questões. Embora tenha sido tão cordial com Lutero pessoalmente, ele se recusou a se manifestar publicamente em defesa da Reforma. Ele sempre insistia que Lutero tinha que lutar por suas próprias convicções e que ele continuaria a proteger Lutero até que fosse dado a Lutero um julgamento honesto, baseado nos princípios da justiça.

Frederico ainda permaneceu o protetor de Lutero. Ele convidou o teólogo Melanchthon à Wittenberg, quando Melanchthon aderiu à Reforma. Ele nunca impediu Lutero de pregar suas convicções na igreja do castelo. Ele continuou a incentivar Lutero em seus vastos empreendimentos editoriais, quando as verdades do Evangelho estavam se espalhado amplamente através das páginas impressas. Quando Lutero e seus colegas queimaram a bula papal de excomunhão nas ruas de Wittenberg, em junho de 1520, Frederico não interferiu. Quando Lutero foi convocado à Dieta de Worms, onde fez sua heroica resistência baseada na Escritura - "*Aqui permaneço. Não posso fazer outra coisa. Deus me ajude! Amém.*" - Frederico estava lá. Na verdade, foi Frederico quem insistiu que fosse dado a Lutero um salvo-conduto do imperador. Frederico viu tudo o que aconteceu e nem uma vez criticou Lutero pelo que ele estava fazendo.

Mas sua maior contribuição para a Reforma foi seu "*sequestro*" de Lutero, após a dieta. Ele ordenou que Lutero fosse raptado para o seu castelo em Wartburg, nas profundezas da floresta da Turíngia. Lá, por quase um ano, ele protegeu Lutero de todos os seus inimigos que procuravam por ele. Foi na paz e tranquilidade do castelo que Lutero escreveu algumas de suas importantes obras e fez a primeira tradução do

Novo Testamento para o alemão.

Embora Lutero, por fim, tivesse deixado o castelo sem a permissão de Frederico por causa das revoltas em Wittenberg, trazidas pelos profetas anabatistas, Frederico não interferiu naquilo que Lutero considerava ser sua vocação solene diante de Deus. Vale a pena citar a explicação de Lutero, sobre o seu retorno, ao eleitor:

*"Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, e meu mais humilde serviço.*

*Mais ilustre e nobre Eleitor, mais gracioso Senhor! Eu recebi a carta de advertência de vossa Graça Eleitoral na noite de sexta-feira, antes da minha partida. Que vossa Graça Eleitoral é movida pela melhor intenção, não precisa da minha garantia. Eu também quero dizer favoravelmente, mas isso é sem valor [...], se eu não estivesse certo de que temos o puro Evangelho do nosso lado, eu me desesperaria [...]. Vossa Graça sabe, se não, faça-lhe saber, que eu tenho o Evangelho, não o dos homens, mas o do céu, por nosso Senhor Jesus Cristo [...]. Eu escrevo isto para informar-lhe que estou indo para Wittenberg sob uma proteção muito maior que a do Eleitor, e não tenho intenção de pedir o apoio de sua Graça. Não, eu acredito que eu posso oferecer à Vossa Alteza proteção melhor do que Vossa Alteza pode me oferecer. Se eu pensasse que tinha de confiar no eleitor, eu não deveria ir de maneira nenhuma. A espada é impotente aqui. Apenas Deus deve agir sem a interferência do homem. Aquele que tem mais fé será o mais poderoso protetor. Como eu sinto que a fé de vossa Graça ainda é fraca, eu não posso de forma alguma reconhecer em ti o homem que deve proteger-me e salvar-me. Sua Graça Eleitoral me pergunta, o que você fará nestas circunstâncias? Eu respondo, com toda a submissão, não faço nada, mas confio somente em Deus [...]. Se Vossa Graça tivesse fé, contemplaria a glória de Deus, mas como ainda não acredita, ainda não a viu.*

*Amemos e glorifiquemos a Deus para sempre. Amém"*

Quando os camponeses se revoltaram contra os eleitores da Alemanha após sofrerem injustiças intoleráveis, Frederico foi o único eleitor que exortou seus colegas a mostrarem misericórdia quando entre cem a cento e cinquenta mil camponeses tinham sido dizimados.

Quando em 1525, Frederico estava em seu leito de morte, ele chamou Lutero imediatamente para vir ao seu lado, mas Lutero estava tão distante que no momento que ele chegou, o eleitor tinha morrido. Antes de morrer, ele partilhou da Ceia do

Senhor com ambos elementos - um ato que alguns historiadores da igreja afirmam ser a evidência de ele ter abraçado o protestantismo no momento da morte.

Se nós vermos Frederico no céu eu não sei. Eu espero que sim. Mas que Deus usou-o de maneiras misteriosas para o bem da Reforma é uma verdade que nós não podemos negar.

## Frederico, o Piedoso

### O início de sua vida

O segundo Frederico sobre quem nós falaremos, nasceu em 1515, no Castelo Simmern, pois seu pai era o Conde João II, eleitor do Palatinado. Sua mãe, Beatriz, era uma mulher muito bonita, piedosa e com uma conduta justa, uma mãe devota e alguém que com generosidade doava aos pobres. Frederico era o mais velho de onze filhos, dois quais dois se tornaram padres e cinco se tornaram freiras.

Uma intrigante história destes primeiros anos nos faz pensar se os pensamentos dele não eram, já nessa ocasião, voltados para a Reforma. Enquanto ainda estava na corte de Carlos, ele teve uma reunião privada com John à Lasco, o renomado reformador polonês, cujo trabalho significou muito para os protestantes na Holanda que estavam experimentando grande sofrimento. O que surgiu deste encontro, só Deus, que os uniu, sabe.

Os anos de Frederico na corte foram preenchidos com desapontamentos. Por dois anos ele cortejou Elenora, a irmã de Carlos V, mas a perdeu para o velho rei de Portugal. Em desespero, ele voltou a Heidelberg, no Palatinado. Quando o velho rei morreu, ele mais uma vez pressionou Eleonora com seu pedido, mas ele a perdeu uma segunda vez para Francisco I, da França. Ele tentou convencer Maria, outra irmã de Carlos V a casar-se com ele, mas também falhou nesta tentativa. Em 1537, ele se casou com outra Maria, de sangue real e luterana.

Apesar de seu próprio sangue real, os anos de Frederico foram gastos no combate à pobreza. Ele morava com sua esposa em um velho castelo de Berkenfeld, onde tiveram onze filhos, dos quais apenas sete atingiram a maturidade. Ele próprio, uma vez, se queixou: "*Eu sou como uma ajudante de cozinha cheia de fuligem, sentada atrás do fogão, a respeito de quem ninguém perguntou, por ela ser tão pobre e suja.*"

## Seu compromisso com o Luteranismo

Um pouco do contexto nos é necessário para que possamos compreender o papel importante que Frederico desempenhou na Reforma em Heidelberg.

A própria Alemanha foi dilacerada pela guerra, a qual antes de acabar deixou grande parte da Alemanha em ruínas. Os príncipes protestantes luteranos tinham formado uma coligação para defender-se contra as tentativas da igreja católica de destruí-los pela espada. A guerra periodicamente explodia entre protestantes e católicos romanos.

O calvinismo, nascido na Suíça, tinha feito incursões na Alemanha, especialmente nas regiões que faziam fronteira com os cantões suíços. Não é um exagero dizer que muitos luteranos odiavam os calvinistas tanto quanto ou até mais do que os católicos romanos e eles lutaram duramente para preservar a Alemanha luterana. Os eleitores da Alemanha estavam sob constante pressão para juntarem-se a um lado ou a outro - ou, possivelmente, às forças católicas romanas.

Após a morte de Lutero, o próprio luteranismo se dividiu. Luteranos radicais excederam o luteranismo de Lutero, enquanto alguns luteranos, incluindo Melanchthon, moveram-se em direção à visão calvinista da Ceia do Senhor.

Em meio a toda esta confusão e sofrimento, Heidelberg se manteve solidamente católica romana, sob o seu eleitor. No entanto, as pessoas estavam muito à frente de seu governante e queriam que a Reforma fosse introduzida em sua cidade. Ao passo que o eleitor hesitou, o próprio povo, em uma poderosa explosão de entusiasmo, provocou o início da Reforma. Em um domingo, dia vinte de dezembro de 1545, os cidadãos estavam reunidos para a adoração de Deus na Igreja do Espírito Santo. Enquanto o padre estava fazendo os preparativos para a celebração da missa, um membro da congregação começou a cantar o hino da Reforma, "*Es ist das Heil Uns Kommen Her*" - "*A salvação chegou até nós*". A primeira estrofe diz:

*"A salvação chegou até nós,  
Pela livre graça e pelo favor de Deus;  
Boas obras não podem impedir nossa condenação,  
Salvação e socorro jamais virão por elas.  
A fé olha para Jesus Cristo somente,  
Que por todo o mundo fez expiação;  
Ele é o nosso único Redentor."*

De repente, toda a congregação se juntou cantando o hino e a Reforma começou.

Enquanto isso, sob a influência de sua esposa luterana, Frederico se tornou totalmente comprometido com a fé luterana. Um incidente na vida de Frederico em Berkenfeld mostrou sua firmeza e coragem. Depois de sucessos católicos romanos no campo de batalha, Frederico foi convidado a assinar o interino Regensburg, que tinha como objetivo a repressão completa da Reforma. Ele se recusou a fazer isto e escreveu ao imperador:

*"Em vez de fazer isso, eu, com a ajuda de Deus, sofrerei qualquer coisa, e se eu não estiver seguro neste país por causa da minha fé, que eu possa ser capaz de viver em algum outro lugar com Deus".*

Em 1556, após sua nomeação como governador do Palatinado, Frederico fez todos os esforços para que Reforma começasse em sua província. Ele mudou seu castelo para Amsberg e conduziu reformas, nomeando ministros protestantes, erradicando práticas papistas tais como missas, as indulgências, a adoração de imagens, e inibindo pecados tais como a imoralidade, a embriaguez, a ignorância e a superstição.

Frederico e Maria sofreram grandes tragédias durante esse período. Todas as divisões do protestantismo estavam presentes em suas famílias: alguns eram luteranos fervorosos, alguns malancthonianos, alguns zwinglianos e alguns calvinistas. Um dos seus filhos morreu afogado e outro morreu em uma batalha defendendo os protestantes da Holanda. Dois dos seus filhos voltaram-se contra ele enquanto ele estava afastando-se do luteranismo em direção ao calvinismo.

### **Sua Conversão ao Calvinismo**

Em 1559, cerca de quatro anos antes da morte de Calvino, Frederico tornou-se o eleitor do Palatinado inteiro. A partir daquele momento ele não teve mais paz.

Quatro fatores individuais tiveram um papel em trazer Frederico a uma posição calvinista - apesar da oposição de sua esposa luterana. Os homens que eram calvinistas foram nomeados para cargos na igreja e do estado. Reformas constantes eliminaram gradualmente as práticas papistas bem como as luteranas e ocasionaram uma reforma no sistema de governo e na adoração da igreja. Um grande número de refugiados da França, da Inglaterra e da Holanda entraram no Palatinado e em Heidelberg - todos eles calvinistas, e todos eles foram ajudados pela generosidade de Frederico.



O fator mais importante que trouxe Frederico ao calvinismo foi a explosão de uma controvérsia em Heidelberg, chamada a controvérsia de Hesshus-Klebitz, quanto a presença do corpo e do sangue na Ceia do Senhor. Hesshus era um luterano arrogante e franco; Klebitz era um calvinista. Frederico dedicou dias e noites em um estudo sobre a questão, examinando as Escrituras para chegar a suas próprias conclusões. Sua esposa e alguns de seus filhos colocaram pressão sobre ele para que se tornasse luterano. Muitos professores talentosos na universidade colaram pressão sobre ele para que se tornasse calvinista. Quando ele finalmente formou sua opinião, ele estava convencido de que a posição calvinista estava de acordo com a Palavra de Deus. Imediatamente ele se dedicou em defesa disso. Podemos acrescentar, como um parêntesis, que Maria, antes de morrer, também abraçou o calvinismo.

Foi esta amarga controvérsia, a qual quase devastou Heidelberg, que foi a ocasião imediata para Frederico ordenar a escrita de um novo catecismo. Na introdução dele, a qual o próprio Frederico elaborou, nos informamos de que as suas razões para isto, era ter um documento que servisse à saúde espiritual da sua região, ajudar alcançar unidade doutrinária entre as pessoas, servir como guia para pregação e instruir a juventude.

Apesar de eles terem sido auxiliados por outros em seus trabalhos, Caspar Olevianus, a quem Frederico havia resgatado de uma prisão em Trier e Ursinus Zacarias assumiram a principal responsabilidade em compô-lo.

Das canetas destes dois talentosos homens emergiu a gloriosa confissão de fé que significou tanto para a igreja de Cristo ao longo dos anos.

Sua beleza e valor se encontram especialmente no fato de que seu tema principal é o "*consolo*". Não se pode, penso eu, apreciar este tema, ao menos que se esteja consciente da sua tremenda significância no tempo em que foi escrito. O catolicismo romano, com a sua doutrina da salvação pelas obras meritórias, é uma doutrina sem conforto - assim como é todo pelagianismo e arminianismo que baseiam a salvação em obras humanas. Em sua própria vida, Lutero experimentou tal coisa inteiramente, até que ele veio para a verdade da justificação pela fé. A Igreja Católica Romana escreveu, por assim dizer, acima das portas de suas igrejas e catedrais: "*Abandonem toda a consolação, ó vós que entrais aqui*".

Quando as gloriosas verdades da Reforma começaram a ser pregadas, os reformadores, em uníssono, gritaram para todo o mundo: "*Vimos para vocês com um Evangelho que conforta! Esse conforto está na plenitude e na gratuidade da graça de Deus em Jesus Cristo nosso Senhor e na justificação pela fé sem as obras!*"

Não é de se admirar que o Evangelho tenha se espalhado como fogo por toda a Europa, pois somente isso poderia trazer paz para as almas atribuladas do povo de Deus.

O Catecismo de Heidelberg escolheu esse tema.

*"Qual é o seu único conforto na vida e na morte? Que eu de corpo e alma, tanto na vida quanto na morte, não pertenço a mim mesmo, mas pertenço ao meu fiel Salvador Jesus Cristo que com Seu precioso sangue pagou todos os meus pecados, e me livrou de todo o poder do diabo, e assim preserva-me, a fim de que, sem a vontade de meu Pai celestial, nenhum fio de cabelo pode cair da minha cabeça, sim, a fim de que todas as coisas devam ser subservientes a minha salvação e portanto, pelo seu Espírito Santo, ele também me assegura da vida eterna e me faz sinceramente disposto e preparado, de agora em diante, a viver com Ele."*

49

Frederico III, conhecido como o piedoso, entrou para a história como o pai do Catecismo de Heidelberg. Isso por si só é suficiente para assegurar-lhe um lugar querido na memória do povo de Deus.

## **A Dieta de Augsburg**

A primeira publicação do Catecismo de Heidelberg, em 1563, ainda não tinha sido o auge da vida espiritual de Frederico. Apesar de ele ter ordenado que o catecismo fosse escrito, não foi o próprio Frederico que o compôs. Provavelmente o mais nítido toque de seu dedo sobre o catecismo é a pergunta e resposta de número oitenta, lidando com a massa papista, que Frederico ordenou inserir na edição original. O ponto alto do comprometimento do próprio Frederico para com a Reforma veio na Dieta de Augsburg, em 1566. Nos voltamos agora para a história deste agitado evento.

Algumas breves declarações sobre o contexto nos ajudarão a ter uma compreensão melhor desta importante reunião.

Os ataques feitos contra o Catecismo de Heidelberg foram muitos e ferozes. Eles vieram de quase todos os lugares. Os católicos romanos o odiavam pela afiada

---

<sup>49</sup> Esta é a primeira pergunta e resposta do catecismo. Disponível em [Heidelberg-Catechism.com/Pt/](http://Heidelberg-Catechism.com/Pt/).

condenação de seus muitos pecados. Os luteranos não ficaram menos ofendidos, tanto porque ele constituía uma ameaça à sua dominação na Alemanha, quanto por causa das críticas feitas contra a posição deles sobre o sacramento da Ceia do Senhor, que não eram menos afiadas do que as feitas contra Roma. Mas é evidente que quanto mais popular ele se tornava e quanto mais amplamente ele era saudado por sua beleza tranquila e seu consolo profundo, mais cruéis se tornaram os ataques.

Maximiliano II era o imperador da Alemanha. Ele era profundamente devotado à causa do catolicismo romano, mas foi impedido de exterminar o luteranismo ou o calvinismo por eventos que continuaram a se aglomerar em sua vida e distrair sua atenção. Particularmente, os turcos estavam batendo na porta ao leste da Europa e estavam ameaçando invadir o continente e engolir a Europa em uma onda de islamismo. Por esse motivo, ele estava disposto a tolerar as disposições da *Paz de Augsburg* - em 1555 - na qual, luteranos e católicos romanos haviam chegado a um tênuo acordo de que cada governante decidiria a religião de sua província. A dificuldade era que a *Paz de Augsburg* não trouxe nenhum benefício ao calvinismo; ela foi um acordo entre luteranos e católicos romanos. E Frederico III era agora um calvinista.

Maximiliano convocou uma dieta para decidir a respeito de vários problemas enfrentados na Alemanha, incluindo o problema da ameaça turca. Na agenda constava também um item ameaçador para Frederico: "*Como verificar as seitas destrutivas e corruptas*". Em virtude do seu amparo ao Catecismo de Heidelberg, Frederico foi especificamente acusado de violar a Paz de Augsburg.

Considerado um herege pelos católicos romanos e luteranos, Frederico estava em perigo de perder tudo na dieta, incluindo a sua vida. Por causa do perigo, seus amigos mais próximos insistiram que não fosse, mas, assim como Lutero perante a Dieta de Worms, também Frederico estava convencido de que um testemunho fiel da verdade exigia a sua presença. Ele respondeu a um amigo:

*"Eu encontro consolo na esperança de que o onipotente poder de meu querido e fiel Pai celestial me usará como um instrumento para a confissão de Seu nome nesses dias no Sacro Império Germânico, não somente por palavra saída da boca, mas também por ato [...]. Eu sei [...] que o mesmo Deus que manteve [o duque João Frederico] no verdadeiro conhecimento do santo Evangelho, ainda está vivo e é bem capaz de preservar a mim, um homem pobre, simples; e pelo poder do Espírito Santo, Ele certamente fará; mesmo que para isto sangue tenha que ser derramado. E isto deve agradar meu Deus e Pai no céu, e assim me honrar, eu nunca serei capaz de lhe agradecer suficientemente por isto, no tempo ou na eternidade."*

Sua própria família se despediu dele com lágrimas, certos de que nunca mais o veriam na terra.

Na dieta, quase todos estavam contra ele, incluindo o imperador. Quando o assunto de "*seitas destrutivas e corruptas*" surgiu, Frederico foi convocado diante do imperador que o deu estas opções para que escolhesse: ou retirar a sua posição ou sofrer exoneração. Luteranos e católicos romanos, de modo idêntico, impacientemente moviam a cabeça em acordo. Apenas um pequeno grupo desorganizado de calvinistas se perguntaram o que aconteceria e, ainda em dúvida, desejaram que Frederico se rendesse.

Não podemos citar aqui o discurso Frederico fez em sua própria defesa, embora ele tenha chegado até nós, preservado através dos tempos. Apenas algumas citações dispersas de um discurso que não pode ter durado mais do que cinco minutos serão suficientes.

*"[...] Faço um compromisso comigo mesmo [...] a fim de que sua Majestade Imperial [...] graciosamente ouça e pese a defesa que irei fazer, a qual, se necessário fosse, eu estaria pronto a fazer, sem medo, no centro do mercado desta cidade. No momento, visto que assuntos de natureza religiosa estão envolvidos, eu confesso livremente que nas coisas que dizem respeito à consciência, reconheço como Mestre somente Ele, que é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis. Pois a questão aqui não é em relação à carne e sangue, mas isto pertence à alma e a salvação desta, para a qual estou em débito apenas para com meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, e a qual, como Seu presente, preservarei sagradamente. Portanto, eu não posso conceder a vossa Majestade Imperial o direito de estar no lugar do meu Deus e Salvador [...]."*

*"Que o meu catecismo, palavra por palavra, é extraído, não de fontes humanas, mas a partir de fontes divinas, as referências que estão na margem mostrarão. Também por esta razão certos teólogos têm se fatigado, atacando-o em vão, uma vez que tem sido mostrado a eles por meio da Escritura aberta, como são insustentáveis suas oposições. O que eu tenho declarado publicamente em outros lugares, declararei a Vossa Majestade, em uma assembleia cheia de príncipes, por assim dizer: que se qualquer um, de qualquer idade, posição, ou classe que seja, mesmo o mais humilde, puder me ensinar algo melhor da Sagrada Escritura, eu o agradecerei do fundo do meu coração e serei prontamente obediente à verdade divina [...]. Se for do agrado de Sua Majestade Imperial empreender esta tarefa, eu a consideraria como o maior favor [...]. Com*

*esta minha explicação, espero que sua Majestade Imperial esteja satisfeita [...]. Caso, contrário às minhas expectativas, minha defesa [...] for considerada sem valor, eu me confortarei nisto: que o meu Senhor e Salvador Jesus Cristo prometeu a mim, e a todos os que n'Ele acreditam, que tudo aquilo que perdemos na terra por causa do Seu nome, receberemos cem vezes mais na vida por vir."*

Esta foi uma defesa corajosa. Tudo estava em jogo, mesmo o futuro do calvinismo na Alemanha. Augusto, eleitor da Saxônia, o único entre os príncipes a apoiar Frederico, bateu levemente em seu ombro, aos olhos de toda a assembleia e disse: "*Fritz, você é mais piedoso do que todos nós*".

Embora as mentes de poucos tivessem sido mudadas, se alguma o fora, a piedade de Frederico era tão óbvia que ninguém se atreveu a apresentar a acusação levantada contra ele. Ele foi autorizado a deixar a dieta em paz e a continuar seu trabalho.

A vitória em Augsburg foi significativa, pois salvou o calvinismo na Alemanha das mãos dos luteranos e da dominação católica romana.

## **Seus Últimos Anos**

De fato, Frederico nunca experimentou paz alguma, mesmo dentro de seu amado Palatinado. Embora a controvérsia sobre a questão da presença de Cristo no sacramento da Ceia do Senhor tivesse sido resolvida pela adoção do Catecismo de Heidelberg, outras controvérsias assolaram a província. Uma das mais graves, foi uma controvérsia sobre disciplina, particularmente, sobre quem exerceria a disciplina no Palatinado: a Igreja ou o Estado. Calvino tinha resolvido o problema em Genebra depois de uma longa luta com as autoridades daquela cidade; mas o luteranismo, com o incentivo de Lutero, sempre tendeu em direção a dar a disciplina eclesiástica para o magistrado civil. A luta entre o calvinismo e o luteranismo no Palatinado provocou essa controvérsia sobre disciplina. Infelizmente, Frederico, sendo ele mesmo um governador civil, favoreceu a posição de que o estado exercia um poder fundamental na igreja, bem como o poder da espada no estado.

Logo após o triunfo de Augsburg, Maria, por trinta anos a dedicada esposa de Frederico, morreu. Após dois anos de luto profundo, Frederico se casou com Amélia, uma condessa viúva de Neuenahr da Holanda. Ela era ligada a vários huguenotes franceses e como resultado deste casamento, a atenção de Frederico foi cada vez mais atraída para a triste situação dos huguenotes perseguidos na França.

Nestes anos, Frederico começou a enviar seus exércitos para ajudar os protestantes franceses e holandeses. Os protestantes franceses estavam sendo massacrados pelo rei católico romano, que estava sob o estímulo de seus conselheiros católicos romanos; e os protestantes holandeses estavam sendo abatidos pela cruel e impiedosa Margarida de Parma e pelo Duque de Alba. Incapaz de suportar o sofrimento dos seus santos companheiros e por compaixão pelo sofrimento da sua esposa, ele ordenou que suas tropas fossem a França e a Holanda. Ursinus se opôs a esta decisão e insistiu com Frederico a respeito da verdade bíblica, de que a causa de Cristo no mundo não foi avançada pela espada e que *"aqueles que lutam com a espada perecerão pela espada"*.

Os dias de Frederico estavam rapidamente chegando ao fim. Sua piedade em sua morte foi tão grande quanto em sua vida.

Apenas alguns dias antes de morrer, ele disse a seu capelão:

*"Eu vivi o suficiente, tanto para você quanto para a igreja. Agora serei chamado para uma vida melhor. Eu fiz para a igreja o melhor que eu pude, mas não realizei uma grande obra. Deus que pode fazer todas as coisas e que cuida de Seus servos antes do meu dia ainda vive e reina no céu. Ele não vai te deixar órfão, nem deixará sem fruto as orações e lágrimas que enviei a Ele de joelhos neste quarto, pelos meus sucessores e pela igreja"*.

Um pouco mais tarde, ele estava falando com Olevianus:

*"O Senhor pode me chamar quando que lhe agradar. Eu tenho a consciência limpa em Cristo Jesus meu Senhor, a quem eu servi com todo o meu coração, e eu vivi para ver que em minhas igrejas e escolas as pessoas são direcionadas para longe dos homens e para perto d'Ele somente."*

Pouco antes de Frederico morrer, ele sussurrou para aqueles perto dele: *"Eu tenho sido mantido aqui pelas orações de cristãos piedosos por tempo suficiente. É tempo de minha vida terrena encerrar-se e de ir para o meu Salvador no descanso celestial."*

Depois de pedir que o Salmo 31 e João 17 fossem lidos para ele e depois de ouvi-los lerem, ele orou em voz audível a todos uma oração muito breve, e silenciosamente partiu desta vida para estar com Cristo na glória. Isso foi em outubro de 1576.

Calvino tanto estimou Frederico que dedicou seu comentário em Jeremias para ele.

No parágrafo final da dedicação Calvino diz:

*"Embora eu nada possa acrescentar ao caráter de Vossa Alteza, seja pelo meu elogio ou pela dedicação deste trabalho, porém eu não poderia me conter de fazer o que penso ser meu dever. Adeus, príncipe mais ilustre. Que Deus o enriqueça mais e mais com Seus dons espirituais, mantenha-o por muito tempo em segurança e torne digna sua estação, próspera para você e para os seus - Genebra, dia vinte e três de julho de 1563."*

Ninguém que ama e valoriza o Catecismo de Heidelberg deve esquecer de exalar uma prece silenciosa de agradecimento a Deus pelo dom de Frederico<sup>50</sup>, a quem Deus usou para nos dar esse credo abençoado. E ninguém pode ler sobre sua coragem diante de reis e governantes sem resolver em seu próprio coração, pela graça de Deus, defender a verdade e justiça com a mesma dependência em Cristo, em quem nós temos a vitória através da fé.

---

<sup>50</sup> A Universidade de Heidelberg ganhou reputação internacional pela erudição, piedade e forte compromisso doutrinário. Ela tinha um corpo docente internacional e cerca de metade do corpo estudantil era composto por estrangeiros. De lá saíram que homens para pregar e ensinar as grandes verdades da fé reformada em toda Europa.

## **Zacarias Ursinus e Caspar Olevianus - Os Autores do Catecismo de Heidelberg**

### **Introdução**

Sem dúvida, o Catecismo de Heidelberg é uma das mais, se não a mais, amada confissão de todos os tempos. Aqueles que estimam a herança da verdade e se voltam às confissões da igreja para compreendê-las, irão regozijar-se na confissão de Heidelberg como um precioso presente de Deus através do Espírito da verdade que Cristo prometeu à igreja. Não apenas aqueles que pertencem a igrejas que têm o catecismo como sua base teológica, mas o povo de Deus de qualquer tradição e de todos os contextos eclesiais amam e estimam este glorioso credo.

Sua atratividade repousa sobre duas características. A primeira é seu estilo pessoal e caloroso. Ele fala à experiência do filho de Deus. Ele lhe explica o que a verdade significa para ele pessoalmente, em sua própria vida e chamado no mundo. A segunda é o seu tema central sobre o conforto. O aspecto pessoal e experimental do catecismo considera a verdade em toda a nossa vida como sendo uma verdade que traz conforto. Ele ecoa as palavras de Deus em Isaías capítulo 40 verso 1: "*Consolem, consolem o meu povo, diz o Deus de vocês*".

No capítulo anterior, nós descrevemos o papel que Frederico, o piedoso, teve na composição do Catecismo de Heidelberg. Neste capítulo, deixaremos os próprios autores saírem do passado obscuro e tomarem seus lugares, momentaneamente, no palco da história, para contar-nos sobre o que Deus fez neles.

### **Zacarias Ursinus**

#### **O Início da vida de Ursinus**



Zacarias Ursinus nasceu no dia dezoito de julho de 1534, na cidade de Breslávia, na Silésia, uma província da Áustria. Ele nasceu em uma família com o nome de Baer, ou Urso. Aqueles que conheciam o Urso Maior como Ursa Major também irão reconhecer que Ursinus é a palavra latina para urso.

Os pais de Ursinus eram pobres, pois o salário de um tutor era escasso e seu pai era um tutor. Porém, ele teve duas vantagens por ter sido criado no lar de um tutor. A primeira era que ele foi cercado, desde sua infância, com conhecimento, e a segunda era que ele teve a oportunidade de conhecer muitos ricos e famosos no decorrer de seus primeiros anos.

Ursinus estudou na Breslávia até seus quinze anos, quando foi para Wittenberg. Quatro anos após o corpo de Lutero ter sido sepultado na catedral de Wittenberg e enquanto Philipp Melanchthon, colega e amigo íntimo de Lutero, ainda ensinava, Ursinus veio a esta famosa e ilustre escola. Pelo fato de seus pais não poderem dar-lhe suporte, suas despesas foram custeadas pelo senado da Breslávia com a expectativa de que ele retornaria a sua cidade natal para ensinar depois que tivesse concluído seus estudos.

Embora ele fosse um estudante muito talentoso e dotado, Ursinus era tímido e reservado, tendendo de certa forma a ser melancólico e nem um pouco inclinado a participar da confusão intelectual da vida estudantil na universidade. E também não buscava avidamente a companhia daqueles que estudavam com ele, os quais, frequentemente com festas excessivas, comemoravam a liberdade de uma vida acadêmica. Ele preferia compor versos em Grego e Latim na solidão de seus estudos.

Ele provavelmente teria passado pelos corredores da universidade sendo pouco notado, se não fosse pelo fato de Melanchthon ter observado suas habilidades, trazido Ursinus para sua própria casa e tornado-se um amigo e companheiro, bem como um professor ao tímido estudante. Esta era uma estranha porém valiosa amizade, um dotado teólogo de cinquenta e três anos com um pobre estudante de dezesseis.

A Reforma Luterana tinha chegado à Breslávia antes do nascimento de Ursinus e havia influenciado seus pais. Wittenberg era o centro dos estudos luteranos. Não é de se admirar que Ursinus se tornou um ardente luterano. No entanto, Melanchthon já estava reconsiderando sobre o ponto de vista de Lutero a respeito da Ceia do Senhor e estava mais inclinado a concordar com os teólogos suíços quanto a presença de Cristo no pão e no vinho. Ursinus foi influenciado por Melanchthon e desenvolveu sua própria opinião, a qual era mais parecida com a de seu mentor.

Ursinus passou sete anos com Melanchthon e até mesmo o acompanhou a Worms e Heidelberg em 1557. Heidelberg era a cidade na qual Ursinus desenvolveria a sua

obra mais importante. Ele a viu pela primeira vez no outono dourado de outubro. Perto da vertente coberta com árvores, ficava o castelo imponente no qual o eleitor vivia. A cidade se localizava no estreito vale do rio Neckar, o qual fluía pela a Floresta Negra em direção ao rio Reno, apenas a poucos quilômetros de distância. A Igreja do Espírito Santo dominava a cidade com suas altas torres sobre os telhados das casas. Quase aos pés das torres estava a mais famosa e antiga universidade da Alemanha, a Universidade de Heidelberg. Ela tinha sido católica romana; mas agora era protestante. Se ela seria luterana ou reformada ainda seria decidido. Este era o lar de Melanchthon, a terra pela qual ele ansiava. Mas Melanchthon não voltou para Heidelberg para ficar; o trabalho de sua vida era sobre o solo arenoso e empoeirado de Wittenberg.

Após viajarem juntos para Heidelberg, Ursinus e Melanchthon mudaram de rumo, Ursinus viajou por um ano ao redor da Europa visitando os centros protestantes de ensino na Alemanha, França e Suíça. Ele pôde ler as palestras sobre Hebreus de Jean Mercier em Paris, sentar aos pés de Bullinger em Zurique e falar com Calvino em Genebra. Na verdade, Calvino lhe presenteou com o conjunto completo de suas obras, assinado por seu ilustre autor.

Por uns poucos anos, Ursinus cumpriu suas obrigações para com a Breslávia ensinando ali, mas os luteranos suspeitaram que ele fosse mais reformado do que luterano em seu ponto de vista sobre a Ceia do Senhor. Eles estavam certos; mas esta foi uma campanha de intimidação contra ele, que no final eclodiu em um debate público, o qual persuadiu Ursinus a renunciar sua posição e deixar a cidade. Ele nunca apreciou controvérsias e a amargura do ódio na Breslávia era maior do que podia suportar.

Da Breslávia, Ursinus foi para Zurique. Por um breve período ele encontrou paz e tranquilidade. Ali tornou-se um amigo íntimo de Pietro Martire Vermigli, o reformador da Itália, que fez uma extraordinária contribuição para a doutrina reformada da Ceia do Senhor. Ursinus encontrou companheirismo e comunhão com homens com quem ele estava completamente de acordo. Mas, a decisão de Ursinus de ir para Zurique foi uma escolha difícil. Ele falou ao seu tio:

*"Não é indispostamente que deixo eu minha terra natal, uma vez que ela não permite a confissão da verdade da qual não posso de boa consciência abrir mão. Se meu professor, Melanchthon, estivesse vivo, eu não iria a nenhum outro lugar a não ser a ele. Mas como ele está morto, vou para Zurique onde existem homens piedosos, excelentes e eruditos. Quanto ao restante, Deus cuidará."*

Frederico, o piedoso, queria um professor reformado em Heidelberg e chamou Pietro

Martire. Martire recusou a proposta por causa de sua idade avançada, mas indicou Ursinus. Quando Ursinus recebeu a proposta de Frederico, ele estava muito relutante em ir. Ele como qualquer outro, sabia sobre as tensões e controvérsias que estavam despedaçando a cidade. A um amigo ele escreveu: *"Oh, que eu pudesse permanecer escondido em um canto. Eu daria qualquer coisa para me abrigar em alguma vila tranquila"*.

Contudo, Deus tem seus meios de chamar alguém para um trabalho, alguém que está resistindo. Assim foi com Moisés. Assim foi com Calvino quando, sob as ameaças do impetuoso Farel, foi persuadido a ficar em Genebra. Assim Deus chamou Ursinus, tímido e reservado, para a turbulenta confusão doutrinária e eclesiástica de Heidelberg.

## Os Anos em Heidelberg

Eram tempos difíceis em Heidelberg. Embora através do sábio e devoto governo de Frederico, o piedoso, o catolicismo romano tivesse sido praticamente erradicado da cidade, o luteranismo e a fé reformada estavam competindo pelo domínio. As diferenças estavam, quase que exclusivamente, sobre a doutrina da Ceia do Senhor, no entanto os violentos luteranos radicais estavam fazendo tudo o que podiam para livrarem-se de todos que discordassem da posição deles.

Ursinus foi nomeado diretor do *Collegium Sapientiae*, a Universidade da Sabedoria, como era chamada. Entretanto, não foi muito tempo depois que ele foi designado a ocupar a cadeira de Dogmática, uma posição a qual todo tipo de tarefas e obrigações imagináveis eram impostas, visto que Frederico e outros buscavam fazer uso de suas grandes habilidades e de sua compreensão clara da verdade.

Ursinus não estava brincando quando colocou na porta de seu escritório na universidade um letreiro que estava escrito em latim com uma pitada de humor, que traduzido diz: *"Amigos que entram aqui: sejam breves, ou saiam; ou ajudem-me em meu trabalho."*

No entanto, o trabalho pelo qual Ursinus é reconhecido, é pela autoria do Catecismo de Heidelberg. Com Caspar, ele foi encarregado de elaborar uma confissão que poderia ser utilizada na instrução do povo do Palatinado e poderia servir como uma base para a unidade.

Ursinus já havia escrito um pequeno catecismo em latim, que também havia partido da ideia de consolo. Tinha sido sugerido a Ursinus o tema deste catecismo, e muito de seu

primeiro trabalho foi assimilado ao Catecismo de Heidelberg. É difícil para nós entendermos que Ursinus tinha apenas vinte e oito anos de idade nesta época, porém ele tinha estado imerso na teologia reformada desde a infância e era um homem de talentos brilhantes com os quais Deus o tinha dotado. O trabalho iniciou em 1562 e tomou quase um ano. Esta era uma maravilhosa época para confissões: os Trinta e Nove Artigos tinham sido adotados pela Igreja da Inglaterra; Bullinger tinha escrito sua bela Segunda Confissão Helvética; e os perseguidores espanhóis dos Países Baixos estavam caçando o autor da Confissão Belga, Guido de Brès.

Frederico fez com que o trabalho avançasse o mais rápido possível. Quando o catecismo estava quase pronto no início de 1563, ele convocou uma grande comitiva de ministros e professores de todo o Palatinado para reunirem-se em uma solene assembleia para discutir e, se possível, aprovar o trabalho. Depois dos cultos solenes e uma longa discussão, o grupo reunido estava tão comovido com a genialidade do trabalho, que unanimemente aconselharam Frederico a adotar o catecismo sem alterações. E assim foi feito.

Na segunda edição, Frederico mandou incluir a pergunta e resposta número oitenta, ainda que sem a linguagem afiada com relação à missa; mas quando os ataques dos católicos romanos aumentaram em aspereza e intensidade, Frederico fez outra alteração nesta mesma pergunta e resposta a qual incluiu as palavras que cada vez mais aborreciam as almas dos católicos romanos, palavras que taxavam a missa como sendo "*uma idolatria maldita*". Frederico também ordenou que o catecismo fosse dividido em cinquenta duas seções, ou Dias do Senhor, a fim de que pudesse ser pregado do começo ao fim em um ano.

O catecismo rapidamente passou por muitas edições e logo foi traduzido em diversas línguas, incluindo o holandês, onde o catecismo se tornou uma preciosa confissão das Igrejas Reformadas Holandesas.

## **Os Anos de Ursinus Depois de Heidelberg**

O resto dos anos de Ursinus em Heidelberg foram bem agitados e relativamente infelizes. Além de seus deveres na universidade continuarem, agora ele também pregava o Catecismo de Heidelberg todos os dias do Senhor. Além disso, ele se tornou o defensor principal do catecismo contra os muitos ataques perversos que os católicos romanos e também luteranos faziam contra o mesmo. Eles cansaram tanto aquele que amava a paz, o exauriram tanto fisicamente e prejudicaram tanto a sua saúde, que em 1566, ele parou de escrever e dois anos mais tarde renunciou sua cadeira de dogmática. A cadeira foi para o estimado reformador italiano, Hieronymous

Zanchius, cujo trabalho sobre *Predestinação* é ainda amplamente lido.

Os debates em Heidelberg continuaram, agora a respeito do governo da igreja. A disciplina do impenitente está com o estado ou com a igreja? A controvérsia foi incisiva e feroz. O principal defensor do presbiterianismo foi um inglês chamado George Withers. Bullinger e Beza foram chamados para dar conselhos. Por fim, irritado pelo silêncio de Ursinus, Frederico lhe ordenou que expressasse sua opinião. Ele fez isso em uma assembleia pública de maneira tão sincera e amável, que sua opinião prevaleceu e presbitérios foram estabelecidos com a disciplina seguramente nas mãos da igreja.

Por todos estes anos Ursinus permaneceu solteiro e viveu com estudantes nos dormitórios da universidade. Mas em 1572, com a idade de trinta e oito anos, ele começou a considerar a possibilidade de casamento. Ele havia reparado uma mulher serena e simpática, apenas a um quarteirão de distância da universidade e um dia, ele tomou coragem, deu uma pausa em seus estudos para pedir sua mão em casamento. Ela aceitou e eles se casaram - talvez em um dos mais curtos namoros já registrados. Eles viveram juntos nove anos e tiveram um filho.

No entanto, as coisas estavam prestes a mudar em Heidelberg. Frederico morreu, desgastado pelos cuidados do seu reino. O Eleitor Luís - Ludwig - veio ao eleitorado. Luís era um luterano ardente e estava determinado a forçar o luteranismo no Palatinado. Dentro de um ano, ele conseguiu fazer isso e o corpo docente reformado da universidade, incluindo Ursinus, foi demitido. Mais de seiscentos professores e pregadores deixaram o Palatinado durante esta época infeliz.

Embora Ursinus tenha sido convidado a ensinar em Lausanne, na Suíça, ele preferiu ir a Neustadt, onde estabeleceu uma escola em um convento com a ajuda de seu bom amigo Casimiro, filho de Frederico, o Piedoso. A escola obteve um excelente corpo docente e logo atraiu muitos estudantes de toda a Europa

Ursinus ensinou apenas por um breve período na escola. Ele recebeu um convite de uma Convenção reformada que se reuniu em Frankfurt, em 1577, para elaborar uma confissão que poderia servir como base para a unidade de todas as igrejas reformadas da Europa, mas ele recusou por causa de problemas de saúde.

A grande obra destes anos foi a escrita de seu famoso comentário do Catecismo de Heidelberg, um volume que todos os que amam este credo deveriam adquirir. O volume foi elaborado a partir de suas palestras sobre o catecismo em Neustadt, palestras que ele havia editado e preparado para a publicação, embora este último trabalho ele nunca tenha terminado. O livro foi publicado em 1584 após a sua morte.

A saúde de Ursinus continuou a piorar e seus ensinamentos se tornaram cada vez mais esporádicos. Por fim, no dia seis de março de 1583, com a idade de quarenta e nove anos, ele morreu em Neustadt, deixando sua esposa viúva e seu filho sem pai.

## Síntese

Ursinus não era um pregador muito bom, seus dons estavam na sala de aula, onde suas palestras eram eruditas, incisivas, instrutivas e dadas de uma maneira muito interessante. Ele sempre foi um homem cauteloso, tanto que quando as perguntas eram feitas a ele em sala de aula, ele quase sempre adiava as respostas para o dia seguinte, para que pudesse ter tempo de formular uma resposta meticulosa. Sua força estava em sua mente perspicaz e seu profundo compromisso com a verdade. A verdade para ele não era uma questão intelectual, no entanto; ela era o seu "*conforto*", de tal modo que por si só podia sustentá-lo ao longo dos cansativos anos de trabalho em Heidelberg.

Deus colocou este introvertido homem no turbilhão de Heidelberg. Deus sabe o que fazer com os Seus servos escolhidos, mesmo quando seus caminhos parecem completamente errôneos para eles e para outros. Nós somos os beneficiados, pois foi nos dado o respeitado tesouro do Catecismo de Heidelberg.

## Caspar Olevianus

### Introdução

Deus usou mais de um homem para escrever o Catecismo de Heidelberg. Frederico III, o eleitor do Palatinado, ordenou que ele fosse escrito e apoiou o projeto, até mesmo oferecendo sugestões de vez em quando. Zacarias Ursinus era o teólogo do catecismo. Mas Caspar Olevianus deixou sua própria marca inextinguível sobre ele também.

A história não nos deixou registros de qual parte precisamente cada um dos dois autores do catecismo executou na sua elaboração e as especulações de historiadores sobre o assunto têm-se revelado infrutíferas. Mas isso realmente parece ser uma manifestação da grande sabedoria de Deus quando, na elaboração deste maravilhoso credo, Deus usou tanto Ursinus, o teólogo, quanto Olevianus, o pregador. O catecismo

não é apenas uma inigualável síntese da fé cristã com o toque de um teólogo, mas é também uma confissão eminentemente adequada para ser pregada: tem o toque de um homem que era um talentoso e eloquente pregador e pastor.

## Início de Sua Vida e Formação

Caspar Olevianus nasceu no dia dez de agosto de 1536, dois anos após o nascimento de seu colega Ursinus. Ele nasceu em uma das cidades mais famosas do transalpino da Europa, na cidade de Trier, ou, como às vezes era chamada, Treves. A cidade foi construída às margens do rio Mosela, na fronteira da Alemanha com Luxemburgo. Ela se vangloriava pelo fato de que sua história remontava aos dias antes do nascimento de Cristo, e afirmava ser uma das mais antigas, se não a mais antiga cidade ao norte dos Alpes. O imperador César Augusto fundou a cidade em 15 a.C e havia feito dela uma importante cidade de uma imensidão de bárbaros.

A cidade era distinta por ter sido, por um breve período, o lar do grande pai da igreja Atanásio, quando, por causa de sua firme defesa da verdade da divindade de Cristo, foi banido de sua igreja em Alexandria, no Egito. Isso aconteceu na primeira metade do século IV.

O destaque de Trier, na Idade Média era devido, em grande parte, ao fato de que a catedral da cidade afirmava ter em sua posse a túnica sem costura de Cristo<sup>51</sup>, a qual os soldados lançaram sorte na cruz. Além disso, a abadia da cidade afirmava ser o local do sepultamento do apóstolo Mateus, o único apóstolo que, segundo a tradição, foi enterrado ao norte dos Alpes.

Olevianus era filho de Gerhard von der Olewig e Sinzig Anna. O nome "*Olewig*", que significa "*azeitona*", na verdade refere-se a uma parte da cidade, talvez até uma pequena aldeia anexa à cidade, conhecida por esse nome. "*Olevianus*" é a forma latina do nome.

O pai de Caspar era um comerciante, relativamente rico e um proeminente cidadão deste lugar histórico. Ele era um padeiro, presidente da associação dos padeiros, membro da assembleia municipal e tesoureiro da cidade. Ele seguiu a tradição da família quanto ao serviço à cidade, pois o avô de Caspar foi o presidente da associação de açougueiros e também um membro do conselho. Estas posições na cidade eram importantes, pois Trier, por causa de seu ilustre passado, era uma

---

<sup>51</sup> *Nota do Autor:* Esta túnica ainda é colocada em exposição pública a cada vinte e cinco anos, e centenas de milhares de pessoas lotam a cidade para vê-la.

cidade "*livre*" na Alemanha.

A mãe de Caspar era uma mulher piedosa e temente a Deus, que exerceu uma grande influência em sua família e filho. É impressionante, se posso fazer um parêntesis aqui com uma observação, que muitos daqueles homens que ocuparam lugares de grande destaque na causa de Deus e da Sua Igreja, tiveram mães muito piedosas e tementes a Deus. Este é um fato histórico que deve trazer descanso a todas as mães no pacto: elas nunca sabem que efeito a sua piedade e humilde serviço à Deus terá sobre os seus filhos e de que maneira Deus usará a piedade delas em Sua causa.

Trier era uma cidade católica romana. Ela permaneceu assim mesmo que a Reforma Luterana tivesse se espalhado por boa parte da Alemanha. Ela permaneceu imune aos ensinamentos luteranos. Portanto, Caspar foi criado em um lar católico romano e nos primeiros quatorze anos de sua vida ele foi ensinado em uma escola católica romana de Trier.

Para compensar esta influência católica romana houve um episódio que causou uma profunda impressão em Caspar durante estes anos, um episódio do qual ele mesmo falou mais tarde. Enquanto Caspar esteve na escola, um padre idoso porém gentil e virtuoso plantou uma semente em seu coração que acabou por dar frutos. Não foi nada mais do que uma observação que o idoso padre lhe fez nos corredores da escola. Reconhecendo as habilidades do garoto, o padre colocou o braço sobre o ombro de Caspar e disse-lhe: "*Nunca se esqueça de que a salvação e conforto são encontrados apenas na perfeita obra de Cristo*". Repetidamente, através desses tenebrosos e sombrios séculos, quando o catolicismo romano dominava sobre as mentes e consciências dos homens, encontramos estes indivíduos isolados que, apesar da negação romana do perfeito sacrifício de Cristo pelo pecado, defendiam a verdade de que nossa plena salvação está somente em Cristo. Deve ter sido esses solitários homens dispersos que permitiram com que a igreja de Cristo se mantivesse viva durante esses tempos difíceis.

Em 1550, com a idade de quatorze anos, Caspar concluiu seus estudos em Trier. Seu avô interveio e ofereceu-se para custear a educação de Caspar na França, dando-lhe a oportunidade de estudar direito. Isso era um pouco estranho, pois Trier tinha sua própria universidade; porém torna-se mais compreensível quando lembramos que Trier era solidamente católica romana e suas escolas estavam progressivamente perdendo alunos, enquanto as universidades de outras partes da Europa estavam se tornando muito populares devido à abertura para os ensinamentos renascentistas e reformados.

Foi na França que a vida de Caspar tomou um rumo extraordinário.



## Sua Conversão e o Início de Seu Trabalho

Os anos que Olevianus passou na França foram proveitosos, mesmo que seja apenas pelo fato de que eles o levaram à sua conversão à fé reformada.

Caspar frequentou as universidades de Paris, Orléans e Bourges, as mesmas universidades nas quais Calvino recebeu a sua formação. Embora tenha estudado Direito, ele foi influenciado pelos principais pensadores nas universidades, os quais eram mais ou menos comprometidos com o luteranismo; porém mais importante do que isso, ele foi influenciado pelo ensino huguenote. Os huguenotes eram calvinistas franceses que haviam sido libertos do catolicismo romano, mas que foram forçados a se encontrarem secretamente, pois estavam sendo severamente perseguidos pelo rei e pela igreja. A sombra da estaca, o laço do carrasco, e o brandir da espada constantemente vinham sobre eles e suas famílias. Caspar não somente entrou em contato com eles, mas tornou-se convencido de sua posição e até mesmo participou de suas reuniões secretas.

Houve uma experiência, em especial, que mudou sua vida. Enquanto ele caminhava com um amigo, um príncipe da Alemanha, ao longo do rio que corria por Bourges, Caspar e este amigo foram convidados a cruzarem o rio em um barco no qual estavam os outros estudantes. Caspar recusou porque os alunos no barco estavam bêbados, mas seu amigo aceitou a oferta. No meio do caminho os estudantes começaram a balançar o barco e este virou. Caspar mergulhou na água para salvar seu amigo, mas não foi capaz de fazê-lo por causa da correnteza. Ele mesmo estava em perigo de afogamento. Nesse ponto crucial, Caspar prometeu que, se Deus poupasse sua vida, ele pregaria o Evangelho em Trier. O criado de seu amigo, confundindo Caspar com seu mestre, puxou Caspar da água, enquanto seu amigo se afogava. Embora Caspar tenha continuado seus estudos em direito, aquela promessa, feita nas águas frias do rio Auron, não foi esquecida.

Após concluir seus estudos na França, Olevianus voltou a Trier, não ainda para pregar - ele era inexperiente para isso -, mas para exercer a advocacia. No entanto, sua promessa oprimia grandemente sua alma e ele não encontrou nenhuma satisfação nos pormenores jurídicos da prática de advocacia do século XVI. Em desgosto e inquietação, Caspar viajou a Genebra com o propósito claro de falar com Calvino.

Os dois anos que ele passou na Suíça foram realmente importantes. Ele não apenas encontrou-se e conversou com Calvino, mas teve a oportunidade de passar muitas horas com Theodoro de Beza, Henry Bullinger, Pietro Martire, William Farel e Peter

Viret, todas as resplandecentes estrelas do céu da Reforma. Os anos não foram gastos, no entanto, em conversas fiadas; ele estudou em Genebra com Calvino, aprendeu hebraico, dominou a teologia, foi instruído na arte da pregação e preparou-se para o ministério.

Deve ter sido uma excelente instrução a que ele recebeu sobre pregação, pois, juntamente com o desenvolvimento dos seus dons naturais, esta instrução fez de Olevianus um dos pregadores mais ilustres e eloquentes daquele tempo - e aquele tempo foi abençoado com muitos pregadores talentosos!

O ano de 1559 foi muito importante na história da Reforma. Durante este ano os protestantes franceses realizaram o seu primeiro sínodo em Paris, John Knox retornou à Escócia para estabelecer a igreja presbiteriana, William, o Taciturno, fez o seu voto de expulsar "Os Vermes Espanhóis" da Holanda, o Eleitor Frederico III, o Piedoso, iniciou seu reinado em Heidelberg e Calvino inaugurou sua Academia em Genebra e publicou a última edição de suas *Institutas*.

Em junho deste importante ano, a pedido de Farel - aquele fervoroso reformador que tinha sido fundamental para manter Calvino em Genebra - Olevianus voltou a Trier.

### **Seu Trabalho em Trier**

Trier ainda era uma cidade católica romana e a presença de Olevianus como um ministro da verdade da Reforma de Calvino não teria sido muito bem aceita lá. No entanto havia dois homens influentes, Otto Seele e Pedro Sierk, que eram conhecidos em Genebra por terem algumas tendências calvinistas. Calvino escreveu à eles para tentar incentivá-los a labutar por reforma, e especialmente para trazer Caspar Olevianus para Trier a fim de ajudá-los.

Parece que Caspar foi para Trier sem revelar qual era sua posição com relação aos assuntos da Reforma. Pela natureza daquela época, ele deve ter escondido seus verdadeiros propósitos. Por causa da reputação de seus pais e avós, ele não teve dificuldade em obter um emprego para ensinar filosofia na escola de Trier, que era solidamente católica romana. Ele escolheu ensinar a dialética de Melanchthon. O ensino era em latim, e a dialética era um pouco tediosa para qualquer um exceto para os alunos mais fervorosos; logo Olevianus poderia ser pouco influente. Em certo sentido, ele estava fingindo ser alguém que não era, ansioso para manter uma promessa que ele havia feito a muito tempo, mas escondido em uma aula de filosofia em uma escola em declínio.

Pelo fato de que poucas pessoas em Trier compreendiam Latim - mesmo a maioria dos estudantes não eram muito proficientes na língua - Olevianus dificilmente poderia ser um professor, de forma eficaz, das verdades que aprendeu a amar.

Em seu desconforto concernente a sua promessa de que ele iria pregar e determinado a alcançar os leigos, ele decidiu realizar uma palestra pública em alemão, a língua do povo. A palestra foi anunciada. Uma grande multidão se reuniu. O sucesso da palestra foi o início de uma série de palestras na língua alemã, palestras as quais se tornaram exposições de um catecismo reformado.

Pelo fato das pessoas ardentemente receberem o que ele tinha a dizer e as multidões continuarem a crescer, Olevianus pediu permissão do município para pregar ao povo, a qual com relutância foi concedida. Ele escolheu para este sermão o tema da justificação pela fé, o qual ele habilmente anunciou em uma sala lotada, e que tornou-se uma oportunidade para atacar várias práticas romanistas. Enfim ele estava começando a cumprir a promessa que havia feito a Deus no rio de Bourges.

Embora o secretário municipal tenha apoiado esta proclamação pública do Evangelho, Olevianus foi levado perante o conselho da cidade, o qual não estava muito receptivo à ideia. De forma um tanto relutante, mas provavelmente porque o conselho municipal não entendia muito bem o que estava em jogo, os homens do conselho votaram para permitir que ele pregasse.

A multidão cresceu rapidamente e logo uma congregação protestante e calvinista foi organizada. Mas o arcebispo John, um clérigo da igreja de Roma, bem como eleitor daquela região, ouviu relatos sobre o que estava acontecendo. Ele sabia o que isso significava e logo, marchando com um número de soldados para os portões da cidade, exigiu que tal "*absurdo*" parasse. Quando a cidade se recusou a abrir os portões para ele, ele levantou um quartel-general perto da cidade e começou a perturbar os cidadãos, tirando o seu status de cidade livre, queimando suas colheitas, apreendendo e atacando cidadãos enquanto eles viajavam para outras cidades, ameaçando a cidade com muitas ameaças terríveis, cortando o fornecimento de água, impedindo que o abastecimento de alimentos entrasse na cidade e convocando mais soldados para fazerem uma marcha definitiva na cidade.

Finalmente, John atacou a cidade, jogou Olevianus na prisão, baniu todos que mantinham práticas protestantes e restaurou o catolicismo romano. Foi um triunfo absoluto de Roma. John, para acrescentar ultraje à injúria, instituiu um dia anual da "*Procissão Oleviana*" para celebrar o banimento deste homem de Deus. Isto aconteceu cerca de duzentos e cinquenta anos antes de que algum outro culto, além do romanista, fosse realizado novamente naquele lugar.

Olevianus foi mantido na prisão por dez semanas e finalmente foi solto por causa da insistência do Eleitor Frederico, o piedoso, que pagou uma fiança altíssima pela sua libertação. Olevianus nunca mais voltou à cidade de seu nascimento.

Ele tinha pensado em pregar o Evangelho - e também tinha prometido fazer isto - em Trier; ele manteve sua promessa, ainda que apenas por um curto período de tempo; Deus o queria em outro lugar. O ano era 1560; Olevianus tinha apenas vinte e quatro anos.

## Seu Trabalho em Heidelberg

Embora Olevianus tivesse muitas ofertas para trabalhar em outros lugares, ele escolheu ir para Heidelberg, a convite de Frederico. Em Heidelberg ele se tornou o líder e o diretor do colégio. Lá, ele completou seus estudos de doutorado em teologia e foi nomeado para a cadeira de dogmática. Para o uso em suas palestras, ele fez uma síntese das *Institutas* de Calvino, o qual foi o principal livro-texto em classe.

No entanto, as habilidades de Olevianus não eram primariamente os dons de um professor, ele era acima de tudo um pregador. E então, quando Zacarias Ursinus veio para a universidade, Olevianus saiu da cadeira de dogmática para dar lugar a Ursinus; e Olevianus se tornou o pastor principal da Igreja de São Pedro e, mais tarde, da Igreja do Espírito Santo em Heidelberg. Ali, no púlpito, expondo a Palavra de Deus, ele se sentia em casa. Ali Deus usou seus dons para o benefício da igreja.

E foi assim que, tanto um professor, talentoso em teologia e um pregador, eloquente e fiel no púlpito, foram, sob a providência de Deus, escolhidos para escrever o Catecismo de Heidelberg. Ursinus tinha vinte e oito anos de idade; Olevianus tinha vinte e seis. É difícil acreditar que eles eram tão jovens. O catecismo dá evidências de uma autoria por homens espiritualmente e teologicamente maduros. E assim eles eram. Maturidade antes dos trinta - esta foi a medida das habilidades que eles receberam de Deus.

O catecismo é um livro do professor e um livro do pregador. É um tratado organizado sistematicamente que abrange a totalidade da fé cristã; no entanto não é uma doutrina de uma sala de aula ou um auditório de palestras, é a doutrina do púlpito e da fé do povo de Deus. A teologia sistemática do credo reflete os dons de Ursinus, mas a apaixonada abordagem pastoral da aplicação do conforto quanto a doutrina é o delicado toque do pregador.

De maneira alguma o catecismo foi tudo o que Olevianus fez em Heidelberg. Suas

responsabilidades congregacionais eram suficientes para mantê-lo ocupado, mas ele também se envolveu profundamente com a continuação da reforma no Palatinado. Ele foi fundamental para levar centenas de professores reformados ao Palatinado para ensinar nas escolas e pregadores para pregar nos púlpitos. Ele foi profundamente envolvido na defesa da fé reformada contra os ataques luteranos e católicos romanos. Ele foi especialmente fundamental para solidificar um genuíno governo bíblico da igreja no Palatinado, embora não, sem uma batalha feroz contra aqueles que queriam que o estado governasse a igreja.

## Seus Últimos Anos

Mesmo coisas tão boas como o trabalho de Olevianus em Heidelberg tinham de chegar ao fim.

Há tantas coisas no propósito eterno de Deus que parecem totalmente erradas para nós. Bem naquele momento, quando tantas batalhas pareciam ter sido vencidas e quando Heidelberg estava se tornando um centro de estudos reformados, Deus parou tudo.

A mesma crueldade que Ursinus sofreu veio sobre Olevianus. Luís subiu ao trono. Os púlpitos e escolas foram os primeiros objetos do ataque de Luís. Olevianus foi demitido de seu cargo e colocado sob prisão domiciliar. Naquele tempo esta detenção surgiu apenas para banir do Palatinado qualquer um que proferisse uma palavra reformada. Mais de seiscentos pastores e professores, incluindo Olevianus, fugiram e a Reforma de Calvino teve uma pausa súbita.

Olevianus esteve, por um curto período de tempo, em um castelo de um amigo no centro da Alemanha, para ser o tutor de seu filho e para ajudar na obra reformatória que estava sendo feita naquela região. Após sua expulsão de Heidelberg, ele foi para Herborn, outra cidade da Alemanha, como o pregador principal da igreja e como promotor da Reforma. O resultado foi que, embora o luteranismo fosse a fé dominante na Alemanha, havia diversos lugares onde o calvinismo estava florescendo e uma igreja reformada se desenvolvia com força.

No mesmo ano em que Olevianus foi para Herborn, ele deu início a um seminário, mais propriamente uma academia, pois também eram ensinados temas necessários para estudos pré-teológicos. Olevianus mais uma vez ocupou a cadeira de dogmática. Sob seus labores e sua liderança, o seminário expandiu e cresceu com uma velocidade incrível. Um ano depois de ter sido iniciado, o famoso Piscator veio à escola juntamente com mais doze professores de destaque no movimento da

Reforma. E o corpo discente estava cheio de calvinistas europeus.

Mas nós estamos chegando ao fim da história.

Apesar de ter apenas cinquenta e um anos, Olevianus estava desgastado com a labuta e fadiga pela causa do Evangelho. Quando ele estava quase morrendo, ele confessou: *"Eu só aprendi a conhecer nesta doença o que é pecado e quão grande é a majestade de Deus."* Ele contou um sonho que tivera:

*"Ontem eu estava cheio por mais de uma hora com alegria indizível. Parecia-me que eu estava andando em um campo resplandecente de luz, e enquanto estava passeando, um orvalho celeste caiu sobre mim, não em gotas, mas em córregos. Tanto o meu corpo quanto a minha alma estavam cheios de grande júbilo."*

Ouvindo esta confissão Piscator, disse:

- *"Então, o bom Pastor o levou a Seus pastos verdejantes"*.

- *"Sim, ele me levou para a fonte da água viva."* - Olevianus respondeu.

Olevianus rogou que o Salmo 42 e Isaías 53 fossem lidos para ele. Ele pediu que as pessoas a seu lado cantassem um hino da Reforma e juntou-se a eles em uma voz fraca. Ele morreu pouco depois de dizer aos que o rodeavam: *"Eu não adiarei mais a minha jornada ao Senhor, eu desejo partir e estar com Cristo"*. Ele disse adeus à sua esposa, sua idosa mãe, seus filhos e seus amigos, aproveitando a ocasião para abençoar a cada um deles. E assim vivendo e morrendo naquele *"único conforto na vida e na morte"*, ele foi estar com o Senhor.

A força de Olevianus estava em sua pregação. No entanto, mais um feito, e este no campo da teologia, deve ser mencionado. Ele escreveu um livro, sem dúvida, o melhor de todos os seus escritos, intitulado *The Covenant of Grace*<sup>52</sup>. O que é tão admirável sobre este livro é que, apesar de muitas vezes Olevianus ter falado da aliança como um pacto ou um acordo - uma ideia em harmonia com sua época - ele também, extraordinariamente, falou sobre a aliança como um laço de amizade e companheirismo, uma ideia que não seria totalmente desenvolvida em toda a sua beleza até a teologia de Herman Hoeksema no século XX. Essa é a grandeza deste célebre homem de Deus, através de quem Deus nos deu o Catecismo de Heidelberg. Não é de se admirar que neste mesmo catecismo apareceria uma profunda verdade da aliança - pergunta e resposta número setenta e quatro:

---

<sup>52</sup> Tradução: *O Pacto da Graça*.

*"As crianças também deveriam ser batizadas? Sim, pois uma vez que elas, assim como os adultos, estão incluídas na aliança e na Igreja de Deus; e uma vez que a redenção do pecado pelo sangue de Cristo, e do Espírito Santo, o autor da fé, é prometida a elas nada menos do que aos adultos, elas devem, portanto, através do batismo, como um sinal da aliança, também serem admitidas na igreja cristã [...]."*

## **Guido de Brès - O Autor da Confissão Belga**

### **Introdução**

Parte do poder e valor duradouro das nossas confissões de fé se dá pelo fato de que elas surgiram da vida da igreja. Elas não foram desenvolvidas por homens sentados em torres de marfim, contemplando a verdade da Escritura distantes do campo de batalha da fé. Eles viviam a vida de batalhas da igreja.

O Catecismo de Heidelberg foi escrito entre as lutas, de um lado o calvinismo e do outro o luteranismo e romanismo, assim essas batalhas eram amargamente travadas no palatinado de Frederico. Os cânones de Dort surgiram da violenta batalha com o arminianismo, que trouxe quase todas as igrejas na Holanda na primeira parte do século XVII. A confissão de fé - algumas vezes chamada de confissão Belga ou confissão Holandesa - foi escrita durante, e reflete, a amarga perseguição dos santos nos Países Baixos nos primeiros anos da Reforma.

É a vida cristã em meio a perseguição que dá para a confissão de fé seu poder comovente. As afirmações da confissão - "*Todos nós acreditamos [...]*", "*nós confessamos [...]*", "*nós cremos e professamos [...]*" - tomam novo significado quando nós entendemos que elas são brados que surgem das forcas, das fogueiras, das celas escuras das prisões e das câmaras de tortura.

Seu autor, Guido de Brès, morreu enforcado por sua fé. Voltamos agora nossa atenção para sua história.

### **Início da Sua vida e Conversão**

Guido de Brès nasceu na cidade de Mons em 1522, o quarto filho de uma família de pintores de vidro. Em Mons a arte de pintar vidros tinha sido altamente desenvolvida e esta cidade, merecidamente, tinha uma reputação internacional pela habilidade dos seus artistas. O próprio Guido foi treinado para esse trabalho.



A família de Guido mantinha as tradições das associações de artistas de Mons. Porém seus filhos ficaram divididos quanto as doutrinas da Reforma. John, o mais velho ao passo que permaneceu católico romano por toda sua vida, ajudou os protestantes nos tempos de perseguição. Christophe era um vendedor de artigos de vidro mas também gastou toda a sua vida distribuindo Bíblias e literatura protestante, frequentemente correndo perigo de vida. Jerome tornou-se um tingidor de tecido e permaneceu com a igreja papista. Marlette, a única menina, se casou com um protestante em Valenciennes e com seu marido se envolveu profundamente em questões protestantes.

A cidade de Mons era na fronteira com a França e aquela parte dos Países Baixos onde hoje é a Bélgica. Ali o luteranismo havia chegado primeiro e tinha sido avidamente estudado pelos cidadãos, mas os huguenotes da França chegaram logo após com as mais puras doutrinas de João Calvino.

Guido, já na sua adolescência, ouviu essas verdades da Reforma e ele não poderia deixar de escutar as histórias daqueles, que até então, estavam sendo mortos pela causa do Evangelho. Ele tinha apenas quatorze anos quando as notícias sobre o cruel martírio de William Tyndale chegaram até seus ouvidos. Pode ter sido a disposição de Tyndale de morrer pela causa da tradução da Bíblia para a linguagem do povo que levou Guido a estudar a Escritura. Porém foi através desse estudo que Deus o levou a verdadeira fé em Jesus Cristo.

Guido decidiu, talvez por causa da perseguição nos Países Baixos, ir a Londres e juntar-se a igreja refugiada no leste de Londres, um abrigo para os refugiados de vários países diferentes da Europa que tinham sido forçados a fugir por causa da perseguição. Naquela parte de Londres poderia também ser encontrada a congregação de Walloon, composta de cidadãos dos Países Baixos que falavam francês, a quem Guido se juntou. Os refugiados estavam em paz na Inglaterra por causa do governo favorável do jovem Eduardo VI, que favorecia o protestantismo. Ali Guido estudou para o ministério e escutou a poderosa pregação dos grandes reformadores John à Lasco e Martin Bucer.

### **Seu Trabalho nos Países Baixos**

Todavia, a paixão de Guido era por sua terra nativa e em 1552, com trinta anos, ele retornou como um evangelista e pregador itinerante. Daquele momento em diante, sua vida estava em quase que constante perigo.

Seu primeiro campo de trabalho foi a cidade de Lille, na qual uma grande e secreta comunidade protestante tinha sido estabelecida sobre o nome "A Igreja da Rosa". De Lille ele foi para Ghent, onde ele publicou um tratado intitulado *Le Baton de la Foi* - O Suporte da Fé - uma vívida defesa da fé reformada.

Guido desfrutou de um belo intervalo neste tempo. Viajando para Frankfurt, na Alemanha, ele conheceu Calvino e foi persuadido a ir para Genebra. Nestes três anos que passou em Genebra, Guido aprendeu mais propriamente sobre a fé reformada, dominou grego e hebraico sob a tutela de Beza e Calvino e equipou-se mais completamente para o ministério do Evangelho. Durante este período ele também se casou com Catherine Ramon e com ela teve quatro ou cinco filhos.

Enquanto Guido estava em Genebra, Carlos V se aposentou - cansado e atormentado ele foi para um monastério na Espanha. Seu cruel filho, Filipe II, veio ao trono. Filipe estava determinado a acabar com toda "heresia", especialmente nos Países Baixos. Embora até este período a perseguição tinha sido esporádica e relativamente leve, ela se tornou agora mais severa e implacável.

Depois de retornar para os Países Baixos, Brès foi forçado a viajar disfarçado e sob o pseudônimo de Jerome. Embora as cidades ao sul da Bélgica e ao norte da França - Lille, Antwerp e Mons - eram a área na qual ele trabalhava, seu quartel-general era em Doornik, onde ele ministrou para a congregação que tinha escolhido "a Igreja da Vitória" como seu nome. Ali dois ministros tinham sido queimados na estaca pela sua fé; ali a congregação conhecia Brès apenas como "Jerome"; ali as reuniões da congregação eram sempre feitas em secreto e a noite, com pequenos grupos com não mais de doze pessoas por vez. Apesar dos problemas que a congregação enfrentava, Brès organizou a igreja com presbíteros e diáconos e administrava fielmente os sacramentos.

Porém isso não permaneceu assim, pois um grupo mais radical de crentes, sob a liderança de Robert du Four, pensava que era covardia e infidelidade a Cristo manter a sua fé em segredo. O grupo, com várias centenas de corajosos, fizeram uma marcha pública através da cidade, cantando salmos e provocando abertamente as autoridades. Na noite seguinte - dia trinta de setembro de 1561 - quinhentos protestantes se juntaram com o mesmo propósito. O resultado foi que os investigadores católicos romanos foram enviados com ordens para suprimir o protestantismo na cidade. Embora Guido conseguiu esconder-se até dezembro e fugir em segurança, todas as informações da congregação secreta foram descobertas, a identidade de Guido foi descoberta e os membros da igreja foram forçados a fugir ou serem mortos. O quarto de Guido foi saqueado e os seus papéis - incluindo cartas de Calvino - foram queimados, Guido foi enforcado simbolicamente.

Guido concentrou seu trabalho ao norte da França por vários anos após o acontecido, talvez alguns dos anos mais silenciosos de sua carreira ministerial. Embora em outros lugares da França a perseguição se levantou contra os huguenotes, na região em que Guido estava a igreja teve paz. Ele trabalhou em Amiens, Montdidier, Dieppe e Sedan, edificando as congregações e pregando o Evangelho fielmente.

Guido ainda não podia abster-se de fazer viagens periódicas em seu próprio país - tão perigoso quanto a "cova dos leões". Ele viajou três vezes para sua antiga congregação em Doornik, uma vez para Bruxelas para uma reunião com Guilherme de Orange, sobre a questão da união entre os calvinistas e os luteranos, e uma vez para um sínodo secreto das igrejas reformadas que aconteceu em Antwerp - a palavra secreta para entrar era "vinha" - onde a confissão de Brès foi adotada como a confissão oficial das igrejas reformadas.

Em 1563, Brès foi para Valenciennes para tornar-se um pregador naquela igreja, uma congregação que se chamava Igreja da Águia. Embora a fé protestante crescesse tão rapidamente que as autoridades do catolicismo romano não ousavam interferir na religião do povo de Deus, certo grupo de radicais mais uma vez se precipitou e criou problema. Agitando grandes multidões, eles foram por todas as catedrais, quebrando e queimando, destruindo qualquer coisa que lembrasse o papismo. Filipe II, enfurecido com isso, enviou tropas para cercar a cidade, a qual se rendeu no domingo de ramos de 1567. Embora Brès tenha escapado com quatro companheiros, logo foi capturado e preso.

### Seu Martírio e Importância

Brès passou a primeira parte de seu cativeiro numa prisão em Doornik, onde pôde receber visitantes. Muitos destes, porém, eram inimigos que vinham para escarnecê-lo. Assim como foi com o apóstolo Paulo (v. *Fp 1:2-14*), o aprisionamento de Guido se tornou uma ocasião para que ele desse testemunho da verdade. Quando a princesa, juntamente com muitas damas da corte, veio para debochar dele, e a princesa disse horrorizada pelas pesadas correntes de Guido: "*Meu Deus, Sr. Brès, eu não consigo imaginar como você consegue comer, beber ou dormir desta maneira. Eu acho que iria morrer de medo, se eu estivesse no seu lugar*". Guido respondeu: "*Minha senhora, a boa causa pela qual sofro e a boa consciência que Deus tem me dado fazem meu pão mais macio e meu sono mais profundo do que o daqueles que me perseguem*". Então, ainda respondendo à princesa, ele acrescentou: "*É a culpa que faz as correntes pesadas. Inocência faz minhas correntes leves. Eu me glorio nelas como um sinal de honra*".

Pouco depois, Guido foi transferido para Valenciennes e jogado num escuro, frio e úmido calabouço infestado de ratos, conhecido como *Buraco Negro*. Apesar do frio, da fome e do horror deste *buraco*, ele escreveu um tratado sobre a Ceia do Senhor e também cartas para seus amigos, sua idosa mãe e para sua esposa. A carta a seguir, enviada à sua esposa, é um testemunho especial e comovente da sua fé.

*"Minha querida e mui amada esposa em nosso Senhor Jesus,*

*Sua tristeza e angústia são o motivo pelo qual escrevo esta carta. Da maneira mais sincera eu oro para que não estejas tristes além dos limites [...], quando nos casamos nós sabíamos que não teríamos muitos anos lado a lado, e o Senhor graciosamente nos deu sete anos juntos. Se fosse da vontade do Senhor que ficássemos juntos por mais tempo, facilmente Ele teria feito isto. Porém, tal coisa não era da Sua vontade. Deixe que seja feita Sua boa vontade [...] Além disso, considere que eu não caí nas mãos de meus inimigos por acaso, mas sim, pela providência divina [...]. Todas essas considerações têm feito meu coração calmo e pacífico, e eu oro por você, minha querida e fiel companheira, para que se regozije comigo, e agradeça ao bondoso Deus pelo que tem feito, pois Ele não faz nada além daquilo que é bom e justo [...]. Eu oro para que o Senhor te console, para que entregues a ti mesma e tuas questões a Ele, Ele é o esposo da viúva e o pai dos órfãos e Ele nunca irá deixá-la ou esquecê-la [...].*

*Adeus, Catherine, minha mui amada esposa, eu oro para que meu Deus a conforte e faça resignada à Sua santa vontade.*

*Seu fiel marido, Guido de Brès."*

Guido foi enforcado publicamente no dia trinta e um de maio de 1567, com a idade de quarenta e sete anos. Ele foi empurrado da plataforma enquanto confortava a multidão que havia se reunido, exortando-os a serem fiéis a Escritura. Seu corpo foi deixado pendurado pelo resto do dia e enterrado em um túmulo raso, onde cães e animais selvagens cavaram e o consumiram.

Guido de Brès foi o principal autor da confissão de fé. Adrien de Saravia - professor de teologia em Leiden - H. Modetus - capelão de Guilherme de Orange - e G. Wingen foram seus assistentes. A confissão foi escrita com a vã esperança de que iria persuadir o cruel Filipe II a entender que as visões dos calvinistas eram verdadeiramente bíblicas e que parasse a perseguição contra eles. O catolicismo romano puniu os calvinistas junto com os radicais e extremistas anabatistas, que rejeitavam a autoridade dos magistrados, mas a confissão pôs a fé reformada contra

os anabatistas.

A confissão foi jogada por cima do muro de Doornik e por fim chegou ao rei, mas isto apenas serviu para despertar em Filipe uma fúria ainda maior contra os santos de Deus.

Em uma carta que foi adicionada à confissão, Guido e seus coautores protestaram por estarem sendo chamados de rebeldes. Solenemente eles declararam que embora eles fossem mais de 100 mil e tivessem sido cruelmente oprimidos por *"excomunhões, aprisionamentos, exílios, extorsões, torturas e outras incontáveis opressões as quais sofreram"*, eles obedeceram os seus governantes em tudo o que era lícito, e que *"tendo o temor de Deus diante de seus olhos, e estando aterrorizados pela ameaça que Cristo havia declarado no Evangelho - que Ele os negaria diante de Deus Pai, caso eles O negassem diante dos homens - eles portanto ofereceram suas costas aos açoites, suas línguas às facas, suas bocas à mordida e todo seu corpo ao fogo"*.

Deste sangue derramado, Deus fez surgir a confissão de fé que tem recebido um lugar especial no coração dos crentes reformados. É como se, sabendo que a confissão foi escrita com sangue, os santos recebem isso como uma sagrada, preciosa e vibrante confiança e também como a fé de seus pais.

Nossos pais não apenas sabiam no que acreditavam como também eram fiéis a isso, até a morte. Nós temos recebido, pelo Espírito da verdade, o fruto glorioso que Deus produziu através deles. Isto é confiado ao nosso cuidado a fim de que sejamos fiéis a isso e ensinemos aos nossos filhos.

Nós devemos orar sinceramente para que nós conheçamos a fé assim como eles conheciam e que nós sejamos fiéis a ela assim como eles foram, pois a perseguição em breve será nossa porção.

## **Peter Datheen - O Pai da Liturgia Reformada**

### **Introdução**

Dei a este capítulo o título: "*Peter Datheen - O Pai de Liturgia Reformada*". Isso não significa que Peter Datheen fez apenas contribuições para a Reforma Holandesa na área litúrgica; ele foi um personagem de destaque na obra de Deus nos Países Baixos; alguns chegam a dizer que ele foi o mais influente de todos, do ponto de vista eclesiástico. Um dos primeiros pregadores da fé reformada. Ele foi ousado e corajoso diante da perseguição. Ele fugiu da perseguição mais vezes do que se poderia de contar. E acima de tudo, ele colocou um selo permanente sobre a liturgia das igrejas reformadas, um selo que permanece até hoje. Por isso, esse é o título.

Ser um fugitivo e exilado era tão natural na sua vida que um biógrafo, B. J. W. DeGraaff, deu o título de seu livro sobre Datheen de "*Als Een Hert Gejaeght*" - "*Caçado como um Cervo*" -, com uma óbvia alusão ao Salmo 42. A grafia antiga da última palavra do título em holandês é devido ao fato de que o título é obtido da metrificação holandesa do Salmo 42, como feita por Datheen.

O trabalho de Datheen foi realizado dentro do contexto dos primeiros anos da Reforma Holandesa e é impossível entender o seu trabalho sem compreender o sofrimento daqueles santos. Portanto, devemos primeiramente descrever esse início da Reforma.

## **A Reforma Holandesa**

### **O Trabalho da Reforma**

A área que é hoje o país da Holanda, era parte de uma grande área conhecida no tempo da Reforma como "*Os Países Baixos*". Os Países Baixos abrangiam aproximadamente o que agora é a Holanda, Bélgica, Luxemburgo e uma parte do

norte da França. Esta era, tecnicamente, uma parte do Sacro Império Romano, sobre o qual Carlos V governava; reino o qual era formado pela Espanha, Alemanha, Itália e os Países Baixos. Este Carlos V era o mesmo Carlos perante quem Lutero fez sua comovente defesa em Worms.

Os habitantes dos Países Baixos eram muito mais independentes do que aqueles que estavam em outras partes do domínio de Carlos. Eles haviam sido, desde o tempo em que o povo ainda era bárbaro, pessoas amantes da liberdade, que lutavam ardentemente por seus direitos pessoais e estavam prontos a fazer imensos sacrifícios para protegerem-se de intervenções externas. Os Países Baixos eram compostos por dezessete províncias, cada uma, governada por um príncipe, mas o todo constituía uma federação parcialmente livre. Eles eram também extremamente prósperos e colocavam muito dinheiro nos cofres de Carlos. A indústria, o comércio, a importação, o transporte e a agricultura, todas as áreas prosperavam. As mercadorias da Europa, indo ao mar e aos portos estrangeiro, passavam pelos Países Baixos. Navios diariamente ancoravam nos portos e descarregavam os seus tesouros de países distantes. Todos esses eram fatos que Carlos tinha em mente quando permitiu moderadamente que os habitantes dos Países Baixos tivessem certa quantidade de autonomia.

Muitas influências "*protestantes*" estavam presentes nos Países Baixos muito antes da Reforma propriamente dita iniciar. Fugitivos waldenses encontraram ali um lar; os lollardos - seguidores de John Wycliffe, na Inglaterra - vinham através do canal de tempos em tempos para escapar da perseguição em sua terra natal; alguns dos melhores místicos, como os *Irmãos da Vida Comum*, se estabeleceram na foz do rio Reno, que deságua no Mar do Norte, perto da província da Zelândia. A Vulgata latina tinha sido traduzida para a língua vernácula, de modo que muitas pessoas possuíam uma Bíblia em sua própria língua.

As primeiras influências da Reforma foram luteranas. Os ensinamentos luteranos haviam sido difundidos amplamente e os escritos luteranos tinham sido distribuídos abertamente e vendidos nos mercados das cidades. Alguns dos governantes das províncias adotaram os ensinamentos luteranos e instigaram seu povo a tornarem-se luteranos. Em 1522, cinco anos após a Reforma ter iniciado, a Bíblia de Lutero foi impressa e sua tradução holandesa foi preparada.

Algumas influências menos favoráveis também estavam presentes. O *zwinglianismo* se encontrava especialmente na Frísia Oriental, e os anabatistas, perseguidos em todo o resto da Europa, estabeleceram-se nos Países Baixos e encontraram ali refúgio e proteção. Muitos deles eram anabatistas dos mais radicais, os quais se rebelaram contra a autoridade constituída, em uma tentativa de criar seu próprio reino, e causaram uma tristeza sem fim ao verdadeiro protestantismo, pois os católicos

romanos se deleitavam em colocar os anabatistas e os demais reformadores todos no mesmo grupo.

## **A Propagação do Calvinismo**

O calvinismo, na realidade, chegou um pouco tarde nos Países Baixos. Foi por volta de 1535 que o calvinismo apareceu pela primeira vez nas províncias de língua francesa da Valônia e gradualmente se espalhou para o norte. A sua propagação foi auxiliada por anabatistas convertidos que haviam sido instruídos em Estrasburgo por Martin Bucer, Capito e Calvino. Não demorou muito para que o calvinismo colocasse de lado todas as outras influências. O anabatismo, luteranismo e muito do misticismo cedeu diante da rápida propagação do que viria a tornar-se nestes Países Baixos a fé reformada.

Deus usou diversos meios para promover a fé reformada. Em 1561, Guido de Brès publicou seu magnífico credo, a Confissão de Fé, nos Países Baixos; uma confissão que foi prontamente adotada pelas igrejas. Em 1563, o Catecismo de Heidelberg foi escrito e poucos anos depois de sua publicação, este foi traduzido para o holandês. A convenção de Wezel iniciou uma obra que mais tarde se tornaria a ordem da igreja. O primeiro Sínodo Reformado da Holanda se reuniu em Emden, no ano de 1571, e o segundo sínodo em Dordrecht, em 1578.

## **A Perseguição nos Países Baixos**

A fé reformada não foi estabelecida sem sofrimento. A perseguição nos Países Baixos foi uma das piores que a igreja já vivenciou. Embora seja impossível determinar com precisão quantos do povo de Deus foram mortos, as estimativas mais conservadoras calculam uma média de cem mil, enquanto outros afirmam que mais de duzentos mil foram mortos. Entre 1523 e 1573, um período de apenas cinquenta anos, mais protestantes foram mortos do que em todos os anos em que o Império Romano estava engajado na perseguição. Desde as primeiras perseguições de Nero, em meados do primeiro século do reinado de Constantino, o Grande, até a perseguição cessar no ano 312 - um período de mais de duzentos e cinquenta anos - menos do povo de Deus sofreu o martírio nas mãos do poder do mundo pagão, do que nos Países Baixos, quando o povo de Deus foi massacrado pela Igreja Católica Romana. Roma nunca expressou uma palavra se quer de arrependimento! Nossos pais selaram a sua fé com suas vidas e nos deram uma herança da verdade escrita com sangue. Quanto mais não devemos nós termos isto como precioso!



Embora Carlos V tenha emitido uma ordem em 1521, que todas as heresias deveriam ser extintas dos Países Baixos, a perseguição não começou até 1523, quando dois monges agostinianos foram queimados na fogueira, em Bruxelas, por causa de tendências luteranas. Enquanto o fogo estava queimando, os dois recitaram juntos o Credo Apostólico e cantaram o "*Te Deum Laudamus*" - Nós Te louvamos, ó Deus. O sofrimento deles comoveu Lutero a escrever um hino, uma estrofe deste diz:

*"Quietas suas cinzas não repousarão:  
Mas espalhadas por todas as partes,  
Nos rios, masmorras, ferrolhos e túmulos,  
Provocam a vergonha e o medo dos seus inimigos.  
Aqueles que enquanto vivos, os erros dos tiranos  
Poderiam ao silêncio subjugar,  
Seu sangue há de, quando mortos,  
Deixá-los cantar as canções,  
Que em todas as línguas e idiomas  
Ressoam por todo o mundo."*

No entanto, a perseguição continuou esporádica, e assim Carlos, expressando um profundo pesar de não ter queimado Lutero em Worms, ordenou que a tenebrosa inquisição fosse usada como um instrumento de perseguição nos Países Baixos. Essa terrível inquisição, que fazendo uso dos meios mais abomináveis, pisoteava todos os princípios de justiça, utilizou das mais intensas torturas e sem dar satisfações a ninguém, tornou-se o instrumento para a supressão da heresia. No período em que Carlos estava vivo, quase cinquenta mil foram mortos.

Mas o pior ainda estava por vir.

Carlos, cansado de governar, afligido por gota, e possivelmente com a consciência pesada, retirou-se para um monastério, e o Estado passou a seu filho, o cruel Filipe II. Sob Margarida de Parma, irmã de Filipe II, que foi nomeada governante dos Países Baixos, Filipe tentou impiedosamente exterminar todas as heresias daquela parte de seu domínio, ordenando que nenhum livro de autores protestantes fosse impresso, vendido ou lido; que nenhuma imagem das Igrejas Católicas Romanas fosse destruída; que nenhuma reunião de protestantes fosse mantida; que a leitura da Escritura não ocorresse em nenhum lugar e que nenhuma discussão de pontos controversos da doutrina fosse autorizada. Os infratores que se retratassem e confessassem sua desobediência a Roma, deveriam ser mortos do mesmo jeito: os homens deveriam ser decapitados e as mulheres enterradas vivas. Se os protestantes se recusassem a retratar-se, eles deveriam ser queimados vivos. Todas as suas propriedades deveriam ser confiscadas e grandes recompensas dos rendimentos das propriedades deveriam

ser dadas aos informantes.

Este era tempo de terrível crueldade e sofrimento. Pelo fato de muitos imponentes e corajosos protestantes declamarem admiráveis confissões às multidões reunidas enquanto o fogo os consumia, a inquisição ordenou que suas línguas fossem parafusadas com parafusos de metal aos ossos do maxilar e o todo cauterizado com ferro quente para que o inchaço os impossibilitasse de falar. A perseguição se tornou quase insuportável: cidades foram esvaziadas, as fábricas se tornaram inoperantes, praças ficaram sem compradores ou vendedores e as casas estavam sombrias - quase toda a vida parou.

As histórias da coragem e perseverança do povo de Deus sob a tortura da apóstata Roma trazem lágrimas aos olhos. Pode-se ler sobre eles no trabalho extremamente valioso de Wylie<sup>53</sup>, "*The History of Protestantism*" - A História do Protestantismo.

Sob estas condições, os príncipes dos Países Baixos e os burgueses de diversas cidades uniram-se em um compromisso de opor-se e resistir a toda tirania. Este ficou conhecido como *O Compromisso de 1566*. Este era o início da resistência nacional e política contra o domínio espanhol.

### **Sobreviventes da Igreja Reformada**

É difícil imaginar a vida durante esses terríveis tempos de perseguição, mas o fato é que, como tem sido verdade ao longo dos séculos, Deus usou a perseguição para avançar sua causa. "*O sangue dos mártires*", disse Tertuliano, mais de um milênio antes, "*é a semente da igreja*".

A fé reformada se espalhou por todos os Países Baixos de uma maneira tão poderosa que as pessoas estavam à beira de uma rebelião escancarada. A situação era tão grave, que até mesmo Filipe II teve que tomar conhecimento. A perseguição foi então um tanto refreada.

Um dos fatores da resoluta fidelidade do povo era a crescente prática da pregação no campo. "*Pregadores do campo*", com seus púlpitos amarrados às costas, peregrinavam no país e pregavam para as pessoas em todos os lugares possíveis - em edifícios vazios, campos abertos, praças e entre as florestas. Na maioria das vezes os cultos eram mantidos em segredo, com guardas localizados em pontos cruciais para dar um sinal caso as tropas espanholas fossem avistadas. Às vezes, as

---

<sup>53</sup> James Aitken Wylie foi um historiador da religião e um ministro presbiteriano escocês.

reuniões eram descobertas e cruelmente interrompidas. De vez em quando elas eram mantidas em paz. Uma descrição de uma destas reuniões irá ajudar-nos a apreciá-las.

*"Cidadãos e forasteiros agora esparramavam-se em uma imensa corrente, e pegavam a estrada para Overeen - o lugar onde os cultos estavam sendo realizados. Por último, chegou Peter Gabriel o ministro. Duas estacas foram colocadas verticalmente no chão, e uma haste foi colocada de lado, sobre a qual o ministro poderia colocar a sua Bíblia, e descansar os braços durante o discurso. Em torno deste rude púlpito estavam reunidos primeiro as mulheres, depois os homens, juntamente com aqueles que tinham escudos, formando um círculo externo de defesa, o qual no entanto era raramente necessário, pois não havia nenhuma força na Holanda que se atreveria a atacar esta multidão. O culto foi iniciado com o canto de um salmo. Primeiro se ouvia o tom evidente e suave das mulheres no centro; em seguida os homens acompanhavam com suas vozes mais profundas; por último os que faziam a defesa no círculo externo juntavam-se a sinfonia e davam plenitude e força à música. Quando o salmo foi encerrado, orações foram oferecidas, e os emocionantes sons que no momento anterior haviam enchido a abóbada sobre eles, foram então trocadas por um silêncio ainda mais emocionante. O ministro, abrindo a Bíblia, em seguida, leu como seu texto os versos 8, 9 e 10 do capítulo 2 da epístola aos Efésios: 'Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie. Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos.' Aqui em alguns versos, disse o ministro, está a essência de toda a Bíblia - o 'âmago' de toda a verdadeira teologia: - 'o dom de Deus', a salvação; a sua fonte, 'a graça de Deus'; a maneira em que ela é recebida, 'por meio da fé'; e os frutos estabelecidos que se seguem, 'as boas obras'".*

*"Era um dia quente em pleno verão; o público era de não menos de cinco mil pessoas, o pregador era fraco e enfermo, mas seu espírito era forte, e o poder radiante de suas palavras mantinham sua audiência cativada. O sermão, que iniciou logo após o meio-dia, terminou após as quatro horas. Então, novamente veio a oração. O pregador rogou 'por homens de todas as posições sociais, especialmente pelo governo, de tal maneira, que dificilmente encontravam-se olhos secos'. O culto foi encerrado como foi iniciado, com o trovão harmônico de cinco mil vozes em louvor."*

A momentânea pausa da perseguição não durou muito tempo. A falsa promessa de Filipe seduziu o povo, pois, enquanto prometia aos delegados dos Países Baixos um

fim à perseguição, ele secretamente conspirava o aumento da intensidade; e os tumultos iconoclastas trouxeram a perseguição com uma força renovada. Estes aconteceram na maior parte dos Países Baixos visto que os reformados, instigados pela perseguição, deram vazão a sua frustração contra todo indício de catolicismo romano que eles poderiam encontrar: igrejas, vitrais, imagens, altares e decorações. Quebrando, demolindo e destruindo, eles deixaram o interior de muitas igrejas em ruínas.

Filipe teve sua desculpa. O cruel Duque de Alva foi nomeado para executar a vingança de Filipe. Alva pediu por tropas. O papa enviou dez mil tropas da Itália, com as instruções de destruírem Genebra a caminho, por ser um "*ninho de demônios e apóstatas*". Alva não obedeceu, mas marchou rapidamente em direção aos Países Baixos e começou a executar o comando de Filipe de erradicar o protestantismo do país.

Os carrascos estiveram ocupados do amanhecer ao anoitecer. Dentro de três meses, mil e oitocentos homens foram enforcados. Isso são seiscentos homens por mês, vinte por dia. Eles eram massacrados por todos os motivos possíveis, um por dizer: "*É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!*". No dia dezesseis de fevereiro de 1568, foi emitido um decreto que declarava todos os habitantes, com apenas algumas exceções listadas, condenados à morte como hereges. Logo, os julgamentos já não eram mais necessários. As execuções na fogueira, os enforcamentos e torturas continuaram inabaláveis - até que o próprio Alva, saturado de sangue e frustrado por todos os seus esforços em acabar com a heresia, se arrastou de volta à Espanha, como um homem derrotado.

## **Finalmente, Liberdade**

Aos poucos, a oposição se tornou mais organizada. Esta oposição iniciou de fato com os "*mendigos do mar*", um insolente grupo de capitães do mar com as suas tripulações e barcos, que usaram seus conhecimentos marítimos e sua coragem imprudente para invadir os navios espanhóis e perseguir as forças terrestres espanholas. Todo estudante reformado que tem amor por sua herança deveria ler as façanhas desses homens.

Briel começou a participar ativamente dos "*mendigos do mar*" e foi com a ajuda deles que o terrível cerco de Leiden foi levantado.

Os habitantes dessa cidade murada, cercada pelas tropas espanholas, estavam em total desespero. A comida havia acabado, milhares já haviam morrido de inanição,

quase ninguém restava que ainda tivesse força o suficiente para resistir algum ataque concentrado aos muros. Mas o povo estava determinado a resistir até que todo homem, mulher e criança dentro da cidade estivessem mortos.

Os "*mendigós do mar*" foram os homens que quebraram os diques e oraram por uma mudança no clima. Deus enviou ferozes e furiosas tempestades do noroeste e do sudoeste que moveram as águas do mar sobre o solo até que os navios foram capazes de navegar até os muros de Leiden. As forças espanholas foram derrotadas e colocadas em debandada, os portões de Leiden foram abertos e a cidade foi resgatada. Por sua coragem e firmeza, a cidade foi mais tarde recompensada com uma universidade, cujo ensino ganhou reconhecimento internacional e tornou-se um baluarte da fé reformada.

A revolta armada contra a Espanha passou então a acontecer também sob a liderança de Guilherme I de Orange, o Taciturno. A liberdade religiosa e política estavam inseparavelmente ligadas, de tal maneira que, esforçar-se para adquirir a liberdade religiosa era empenhar-se em lutar pela liberdade política. Este era o início da Guerra dos Oitenta Anos entre a Espanha e a Holanda. A guerra era, incontestavelmente, uma tentativa de promover a causa da verdade com a espada, algo proibido pela Escritura. Isso resultou na liberdade dos Países Baixos, mas também o estabelecimento de uma Igreja estatal - algo que provou ser o calcanhar de Aquiles da Igreja nos anos vindouros. Por mais que pareça errado para nós o uso da espada, devemos ter pelo menos compaixão para entender que nossos santos companheiros foram enfurecidos com o fato de suas famílias serem torturadas e queimadas, suas casas confiscadas, os irmãos assassinados, seus amigos, tanto homens quanto mulheres, submetidos as mais cruéis torturas concebíveis pelas astutas e sádicas mentes dos homens - homens da Igreja!

A liberdade veio gradualmente. Não foram muitas grandes batalhas travadas e as que aconteceram geralmente terminaram com a derrota dos protestantes. Nem muito tempo foi gasto em efetivas estratégias e tentativas militares de derrotar as forças da oposição. O problema principal era que Guilherme não era capaz de manter um exército unido com força o suficiente para ter qualquer esperança de derrotar as forças espanholas.

Embora a Guerra dos Oitenta Anos não tenha terminado oficialmente até a *Paz de Vestfália*, em 1648, uma combinação de forças pouco a pouco trouxe paz. A Espanha gradualmente perdeu o ânimo quando todos os seus esforços para destruir a fé reformada mostraram-se inúteis. Esta perda de ânimo foi acelerada pelo enfraquecimento gradual da Espanha como uma potência militar na Europa. Sua marinha foi gradualmente destruída pela potência da Holanda e Grã-Bretanha. Sua poderosa frota foi destruída por violentas tempestades ao largo das costas da

Grã-Bretanha, Escócia e Irlanda. E seus exércitos já não eram mais temidos em toda a Europa.

Além destes fatores, havia também o crescente movimento de tolerância na Europa. Guerras religiosas tinham destruído a Alemanha, bem como os Países Baixos e os homens começaram a ver que se eles não aprendessem a tolerar os pontos de vista contrários, eles seguiriam um caminho que somente poderia levá-los ao suicídio continental.

Por fim, os Países Baixos resolveram os problemas por um tipo de divisão. Aos poucos, os católicos romanos foram para o Sul, onde a Espanha era mais forte, e os protestantes foram para o norte, onde a fé reformada era mais forte. Dois países surgiram: a Bélgica, que até hoje permanece fortemente católica romana, e a Holanda, o berço da fé reformada.

A fé reformada mal havia se estabelecido em paz na Holanda, e o país estava mais uma vez em perigo de ser despedaçado por causa da controvérsia arminiana.

Essa história será retomada em outros capítulos.

Foi no tumulto da luta das igrejas reformadas na Holanda que Peter Datheen entrou em cena.

## **Peter Datheen**

### **Introdução**

É um passatempo popular nos dias de hoje tentar encontrar as raízes de alguém. Ninguém pode negar que isto é realmente interessante - aprender sobre os ancestrais de alguém, suas lutas e tristezas, suas vidas e vocações. É um passatempo ainda mais proveitoso para o povo de Deus, que reconhece a verdade de que Deus salva a Sua igreja na linhagem de gerações, para traçar suas raízes espirituais. Saber as raízes de uma família pode ser, às vezes, constrangedor, pois muitas vezes são inesperadamente encontrados esqueletos no armário. Conhecer as raízes espirituais de alguém é de grande proveito, pois essas raízes são as histórias de santos e mártires que já aderiram ao grupo de homens justos que foram aperfeiçoados.

As igrejas reformadas da Holanda nasceram de uma violenta perseguição. Desta

terrível perseguição surgiu um credo maravilhoso - nossa Confissão Belga -, um forte governo bíblico de igreja, que tem servido as igrejas reformadas muito bem por mais de quatrocentos anos e uma bela liturgia, a qual em sua maior parte ainda está em uso hoje. Grande parte da nossa liturgia nasceu da perseguição; é muito bom que quando a usarmos nós apreciemos esse fato. Peter Datheen desempenhou um papel em nossa herança confessional, uma parte significativa na nossa herança do governo da igreja e ele foi nada menos que o pai de nossa herança litúrgica. Ele foi o maior reformador da Holanda.

## **Início de Sua Vida**

O início da vida de Peter Datheen está tão escondido na obscuridade que a data de seu nascimento é desconhecida e nada se sabe sobre seus pais. Ele nasceu entre 1531 e 1532, na cidade de Cassel, em Flandres, agora uma parte da Bélgica. De alguma forma, alguém se esqueceu de incluir nos registros da igreja tanto a data do seu nascimento como a data do seu batismo. Os registros daquela época ainda existem, mas o nome de Datheen não é encontrado neles.

Ainda novo, por alguma razão desconhecida, ele foi colocado em um monastério carmelita em Ypres. Isto, apesar de ser uma aparente tragédia, fazia parte de um plano extraordinário de Deus para preparar Datheen para seu trabalho.

Três coisas aconteceram neste frio monastério.

Os Carmelitas eram uma ordem monástica que era especializada no tratamento dos doentes e curativos. Talvez o conhecimento mais avançado de enfermidades e medicamentos poderia ser encontrado entre estes monges. Datheen recebeu uma educação em medicina e curativos, algo que iria auxiliá-lo favoravelmente em um futuro distante.

A perseguição estava em um período violento na Holanda e três monges convertidos foram queimados perto do monastério onde Datheen vivia. A história do martírio deles e sua heroica confissão lhe comoveu profundamente. Ele se perguntou como a sua igreja poderia ser o agente de uma perseguição tão terrível e dúvidas sobre sua igreja encheram sua alma.

Dentro de seu próprio monastério muitos demonstravam simpatia aos ensinamentos da Reforma e Datheen aprendeu muito da doutrina reformada com aqueles que partilhavam com ele a vida monástica.

Mas o monastério em Ypres não era o único ninho de heresias, segundo os perseguidores romanos; muitos destes monastérios escondiam aqueles que esta vam convencidos da verdade bíblica do luteranismo e calvinismo. À medida que os rumores aumentaram, uma busca sistemática de tais monastérios foi realizada, os monastérios que abrigavam heresias foram destruídos um por um e os seus moradores jogados na fogueira.

Quando Datheen tinha cerca de dezoito ou dezenove anos de idade, ele fugiu; este era o início de uma longa vida de fuga por causa da fé. Ele foi para Londres, onde muitos refugiados dos Países Baixos tinham ido, para escapar do fogo e da espada da igreja papista.

Em Londres, uma igreja já havia sido estabelecida por comerciantes dos Países Baixos que estavam ali para fins comerciais. Muitos se juntaram a esta igreja, entre os quais estava um reformador polonês, John à Lasco, o qual deixaria uma nítida marca na Reforma Holandesa. Ele se tornou superintendente da igreja.

Peter Datheen conseguiu um emprego como tipógrafo em Londres e passou a frequentar a igreja dos refugiados. Eduardo VI, filho único de Henrique VIII, estava no trono, um convicto - embora jovem - protestante, que fez tudo o que podia para promover a Reforma na Inglaterra. A igreja dos refugiados floresceu e cresceu a medida que o número de exilados aumentava. Em uma época a igreja teve em torno de quatro mil membros, pessoas de língua francesa em um grupo e os refugiados de língua holandesa em outro.

Esta era uma igreja sem credo ou liturgia e alguns dos primeiros trabalhos no desenvolvimento de uma liturgia reformada foram feitos em Londres por à Lasco e Utenhove. Minuciosamente, as Escrituras foram traduzidas para a língua nativa dos refugiados, e uma versão dos salmos em rima foi preparada. O governo exigia uma liturgia específica e John à Lasco preparou uma juntamente com uma ordem de culto. O começo de uma ordem da igreja também foi preparado por Martinus Micronius, autor da obra *Christian Ordinances*<sup>54</sup>.

A congregação logo reconheceu que Datheen era um homem com um talento incomum, de profunda convicção e com dons para o ministério. Os líderes da igreja convenceram Datheen a deixar o emprego como tipógrafo e empregar-se em tempo integral aos estudos para o ministério do Evangelho. Assim ele o fez e nestes poucos anos de paz e quietude, Datheen foi preparado para o trabalho de sua vida.

Durante este tempo, ele também se casou com uma ex-freira chamada Benedicta,

---

<sup>54</sup> Tradução: *Ordenanças Cristãs*.



com quem teve uma filha, Christiana.

A paz e a tranquilidade da vida em Londres logo se foram. Eduardo morreu após reinar apenas por alguns anos e a cruel filha de Henrique, que uera totalmente católica romana, subiu ao trono. Ela ficou conhecida na história como Maria Sanguinária, pois através de suas mãos a perseguição contra os protestantes na Inglaterra emergiu.

A igreja de Londres se espalhou e muitos refugiados foram então forçados a fugir da Inglaterra. Mas o trabalho de governo e liturgia da igreja foi junto com os refugiados sendo transferido para Frankfurt, na Alemanha.

É difícil para nós, que não conhecemos tal perseguição, estimar o sofrimento destes santos. Literalmente perseguidos de um país para outro, eles foram caçados como cães selvagens. Forçados a fugirem de um lugar para outro com mulheres e filhos, deixando para trás tudo o que possuíam, eles eram verdadeiramente peregrinos e estrangeiros na terra. Era a falsa igreja que caçava suas vidas! E assim será, mais uma vez, quando o mesmo for verdade para nós.

### **Seu Ministério na Alemanha**

Muitos refugiados vindos da Inglaterra, da França e dos Países Baixos estabeleceram-se então em várias províncias protestantes da Alemanha com a esperança de encontrarem ali algum alívio do sofrimento. Frankfurt, na Alemanha, era tal lugar. Esta tinha sido uma cidade fortemente luterana, mas os refugiados calvinistas haviam a transformado em reformada. John à Lasco tinha chego em Frankfurt antes de Datheen e havia começado a organizar uma igreja reformada na cidade. Sob a liderança de à Lasco, a congregação chamou Datheen para ser o pastor. Em setembro de 1555, quando Datheen tinha vinte e três ou vinte e quatro anos, ele e sua esposa se estabeleceram no ministério em Frankfurt. Ele recebeu a posse do cargo do reformador Micronius e se tornou o pastor desta congregação flamenga<sup>55</sup>.

Ali a sua primeira e única filha, Christiana, nasceu.

Mas esse período também não durou muito.

Os luteranos na cidade alarmaram-se com a crescente influência do pensamento reformado. O radical e impetuoso Joachim Westphal, com quem Calvino teve uma implacável controvérsia sobre a doutrina da Ceia do Senhor, incitou o clero luterano e

---

<sup>55</sup> Dialeto falado no sudoeste da Holanda, noroeste da Bélgica e algumas partes do norte da França.

pessoas contra a congregação reformada. No dia vinte e três de abril de 1561, os magistrados da cidade proibiram a congregação de refugiados de cultuarem de acordo com suas convicções. Frederico III, o Piedoso, fez um apelo especial aos magistrados por tolerância, mas nenhuma tolerância foi concedida. A congregação seria obrigada a cessar suas atividades caso eles recusassem a tornar-se luteranos. A congregação se recusou e novamente eles foram forçados a fugir.

Muitos voltaram para a Inglaterra, onde agora Isabel reinava e sob cujo governo a paz veio aos refugiados. Outros voltaram para a Holanda e pereceram nas chamas da Inquisição. E alguns foram para Frankenthal, no Palatinado, onde Frederico III governava. Datheen viajou com este último grupo.

### **Anos no Palatinado**

Deus deu a Datheen maravilhosos anos em Frankenthal, anos os quais Datheen não desperdiçou. Esses foram os seus anos mais produtivos, tratando-se do seu trabalho na área da liturgia. O que nós devemos a Datheen hoje é o que ele realizou sob a benigna mão do pai do Catecismo de Heidelberg, Frederico III.

Logo após sua chegada no Palatinado, por causa de sua reputação, ele foi convocado à corte do príncipe, onde serviu como pastor da corte. Durante este tempo, foram-lhe confiadas várias responsabilidades diplomáticas e missões. Mas ele também continuou a atender às necessidades dos exilados. Com quatro outros pastores, Datheen se envolveu em um debate com cinco ministros luteranos sob a supervisão do eleitor.

Estes foram anos bem agitados, no entanto, anos felizes. Datheen tinha um grande zelo pela causa da igreja, ele trabalhou arduamente para a organização da igreja e gastou-se pela causa do Evangelho.

Acima de tudo, Datheen fez um trabalho maravilhoso para desenvolver uma liturgia distintamente reformada para as igrejas dos Países Baixos. Ciente de que a perseguição era ainda tão severa, que uma vida normal para a igreja era impossível, ele cria que Deus traria dias melhores. Sua fé foi expressada na sua introdução da ordem de igreja que ele escreveu: "*Às Igrejas da Holanda, se estas chegarem, pela graça de Deus, a um exercício público e livre de sua religião*".

Seu coração realmente estava nos Países Baixos e com os seus santos irmãos sofredores.

## Trabalho em Liturgia

A liturgia utilizada na denominação da qual sou membro<sup>56</sup>, e até alguns anos atrás utilizada em muitas igrejas reformadas, é antiga. Ela remete à Reforma Holandesa.

Em muitas igrejas reformadas esta antiga liturgia foi abandonada. Em seu lugar, veio uma onda de inovações que reestruturaram a liturgia de tal maneira que já não é mais reconhecível como reformada. Esta é uma grande perda para a igreja. Com o objetivo de fazer a liturgia mais atrativa e voltada para o homem moderno do século XX, a alma da liturgia foi eliminada e o que ficou são práticas fúteis e sem sentido - e em alguns casos, completamente ímpias.

Tudo isso não quer dizer que nunca devemos mudar nada, que a tradição é sagrada e que o que já foi feito é perfeito para todos os tempos. Não, uma igreja reformada é de fato uma igreja se reformando.

Mas antes de uma igreja reformada fazer mudanças, ela deve estar muito certa de que as mudanças são melhorias, ou seja, que estas mudanças trazem a adoração a uma conformidade mais estreita com a Palavra de Deus e que a igreja não está apenas mudando por mudar.

A liturgia entregue a nós pelo período da Reforma é difícil de ser melhorada. Antes de começarmos a mexer com isso, devemos passar um pouco de tempo refletindo sobre o fato de que nossa liturgia nasceu do fogo da perseguição; que ela foi formada na própria trama da Reforma Holandesa; que por causa dela nossos antepassados sangraram e morreram; que ela tem resistido a análise de mais de quatro séculos; e que é no mínimo duvidoso que uma era espiritualmente insossa e uma igreja doutrinariamente analfabeta sejam capazes de melhorá-la.

De qualquer maneira, temos uma dívida de gratidão para com Peter Datheen, o grande reformador da Holanda, por esta parte da nossa herança.

Deve se compreender que nenhuma das obras de Datheen foi completamente original. Já em Londres, Utenhove e à Lasco tinham feito uma obra significativa na liturgia para a congregação de refugiados. Essa obra, Datheen levava consigo onde quer que fosse. Também deve ser lembrado que o Palatinado, onde Datheen fez o seu trabalho, estava fortemente sob a influência da Reforma de Calvino, e que Calvino e seus companheiros reformadores também tinham feito um trabalho significativo e

---

<sup>56</sup> O autor é membro da *Protestant Reformed Churches*.

importante na liturgia e governo da Igreja. De tudo isso, bem como outros trabalhos, Datheen era o herdeiro, no entanto, a sua marca na nossa liturgia a caracteriza de muitas maneiras.

Outra contribuição que Datheen fez foi preparar uma tradução em holandês do Catecismo de Heidelberg, uma confissão que tinha sido concluída no Palatinado em 1563. Desde o início Datheen pretendia que este catecismo fosse utilizado como uma confissão para as igrejas dos Países Baixos. E de fato, foi rapidamente adotada. Assim, Datheen foi responsável por incorporar este belo credo em nossa herança de credos.

A influência de Datheen também foi reconhecida na área do governo da igreja. Ele utilizou o trabalho de Micronius, em Londres, modificando o mesmo em alguns aspectos para se encaixar na situação da Holanda. Datheen esteve presente em muitos dos primeiros sínodos holandeses que iniciaram o trabalho de preparar uma ordem da igreja, a qual foi colocada em sua forma atual, pelo Sínodo de Dordrecht, em 1618 e 1619. Datheen presidiu a Convenção de Wezel em 1568, esteve presente também como delegado da cidade de Gante e presidindo o Sínodo de Dort em 1578, o qual fez um grande trabalho no desenvolvimento da presente Ordem da Igreja.

Mas isso não é tudo. As igrejas reformadas têm as duas das mais belas formas litúrgicas existentes na sua "*Forma para a Administração do Santo Batismo*", e em sua "*Forma para a Administração da Ceia do Senhor*". Especialmente a primeira, é uma jóia da coroa entre todas as formas litúrgicas de qualquer tradição. Sua beleza está nos seus puros ensinamentos sobre a aliança da graça de Deus. Na sua precisão, na harmonia contínua de sua linguagem, na beleza sublime de sua prosa, na declaração concisa de sua doutrina, ela é insuperável. Ambas são formas que em grande parte foram escritas por Datheen. O modelo que usamos na Ceia do Senhor é muito semelhante ao modelo elaborado por Datheen. Embora o Sínodo de Dort tenha adicionado uma seção para o batismo de adultos e tenha feito algumas pequenas alterações nele, assim como fez em todos os outros, o modelo que utilizamos no batismo veio também de suas mãos. Não pode-se impedir que as memórias voltem aos horrores da perseguição de nossos pais, de onde esta liturgia nasceu, sempre que essas formas são lidas.

No louvor, é um pouco diferente. Nossa herança, em sua maior parte, não começou em Datheen. Não porque Datheen não tenha trabalhado nesta área também. Ele fez um excelente trabalho. Seus dons eram muitos e formidáveis. Embora tenha usado músicas do saltério de Genebra de Louis Bourgeois e apesar de ter se baseado no livro de Salmos das versões francesas de Beza e Marot, ainda assim, ele preparou um saltério para as igrejas holandesas que tornou-se tão popular que foi utilizado pelas igrejas até 1773, quando mudanças relativamente pequenas foram feitas no mesmo.

Esse livro ainda está em uso em algumas igrejas holandesas hoje em dia. Eu mesmo lembro-me bem da igreja durante os cultos holandeses cercada com essas palavras tão queridas pelos pais e avós holandeses: "*Geloofd Zij God met diepst ontzag [...]*" (cf. *Sl 42:1*), ou "*'t Heigend hert, der jaagt ontkomen [...]*" (cf. *Sl 68:19*)<sup>57</sup>. Algumas dessas músicas se encontram no final do saltério utilizado por minha denominação, no entanto esta parte da herança da igreja também deveria ser incluída na liturgia a medida do possível.

Por fim, mas igualmente importante, a maior parte da ordem de culto utilizada atualmente, embora modelada de acordo com a liturgia de Calvino, foi dada por Datheen. Este é o porquê temos quase a mesma ordem de culto que é usada nas igrejas holandesas que não caíram nas garras da inovação litúrgica.

Às vezes, pergunta-se o que teria sido da igreja sem Datheen. Deus o usou de uma maneira maravilhosa para dar aquilo que se tornou tão precioso para nós.

### Últimos Anos de Datheen

De certa forma, o tempo de Datheen em Frankenthal, por mais breve que tenha sido, foi o clímax de seu trabalho. Embora ele tenha feito um trabalho importante nos anos seguintes, grande tristeza e tragédia afetaram sua vida. Não é fácil de escrever sobre estes anos.

Em 1566, Datheen voltou para a Holanda. Os governantes dos Países Baixos conversaram longamente sobre uma espécie de acordo envolvendo a promessa de alívio da perseguição e Datheen não poderia ser impedido de retornar à sua amada pátria.

Datheen se tornou um pregador de campo. Carregando seu púlpito em suas costas, pregando onde quer que fosse possível, ele ministrava a uma multidão de pessoas por onde passava. Às vezes, as multidões que se reuniam para ouvi-lo eram em torno de 15.000 pessoas, pois a "*Palavra de Deus era muito rara naqueles dias*" - *1Sm 3:1*<sup>58</sup> - e as pessoas tinham grande sede pelo Evangelho.

A falta de um treinamento extensivo fez com que Datheen fosse um tanto bruto em sua pregação, mas a sua intensidade e eloquência cativante revelaram seu profundo amor pela fé reformada. E foi este amor pela fé reformada que igualmente o colocou em

---

<sup>57</sup> Citações do Saltério Holandês.

<sup>58</sup> Bíblia Sagrada, Versão Revisada Imprensa Bíblica de Almeida.

apuros.

Datheen odiava acordos. Ele odiava acordos com Roma e com a Espanha. Ele desconfiava dos acordos dos príncipes e acreditava firmemente que as concessões que foram feitas à Espanha, com o tempo, destruiriam a fé reformada.

Por isso ele pregou com veemência e eloquência contra tais acordos e ganhou a inimizade de Guilherme de Orange, o líder na luta contra a Espanha. Guilherme de Orange, na verdade, estava convencido de que Datheen era, em grande medida, responsável pelos motins iconoclastas dos Países Baixos, quando as multidões frenéticas, intoleravelmente oprimidas por Roma, expressaram sua fúria contra as igrejas papistas. Quebrando, destruindo e queimando onde quer que fossem, eles tentaram purificar os Países Baixos de uma vez por todas de tudo que era papista. Mas sua fúria somente trouxe contra eles os príncipes que queriam suprimir os tumultos, dando assim à Roma a desculpa que precisava para renovar a perseguição.

Se Datheen foi responsável pelos motins, é difícil de julgar. Certamente a sua recusa de acordar de maneira alguma com Roma era contrária à política dos príncipes daquela época. Suas ardentes pregações moveram o povo profundamente. Mas ele mesmo sempre declarou-se inocente das acusações de que ele tinha instigado a multidão.

A desavença entre ele e Guilherme permaneceu até o fim de sua vida.

Mais uma vez Datheen foi forçado a fugir para o Palatinado. Ele se tornou ministro de uma congregação composta por holandeses, franceses e os exilados da Valônia; e mais tarde, pregador da corte, devido a John Casimir.

O resto da história será rapidamente contado.

Em 1578, Datheen serviu como ministro da congregação na cidade de Gante, na sua querida pátria e foi delegado no Sínodo de Dort. Durante aquele mesmo ano, ele viajou por toda a Holanda e pregou em diversos lugares, enquanto a escassez de pastores era grande. Porém ali ele também foi preso por oito meses e por fim exilado.

Voltando a Frankenthal, Datheen retomou seu ministério lá, mas quase morreu por causa da peste. Ele foi substituído em seu púlpito, pois já não era mais capaz de realizar o trabalho.

Datheen foi afligido pelo tratamento que recebeu pelas mãos de Guilherme de Orange e sua exoneração em Frankenthal. Ele se tornou um peregrino e para sustentar a si mesmo e a sua esposa, dedicou-se ao trabalho de médico-cirurgião, colocando em

prática as habilidades que tinha aprendido no monastério, quando ainda jovem. Ele percorreu Husum, Slade, Danzig e Elbing, na Alemanha, onde seu sofrimento o levou a juntar-se, por um curto período de tempo, a uma herética seita revolucionária. Os rumores deste tolo ato chegaram a Holanda e ele foi excluído das igrejas holandesas.

No entanto, para a boa reputação dessas igrejas, elas enviaram uma delegação a Datheen. A estes irmãos que tinham vindo para expressar o amor das igrejas e sua preocupação por sua alma, Datheen confessou o seu pecado de aderir a uma seita herética - da qual ele tinha se apartado antes da delegação chegar - e ele foi reconciliado e restaurado à comunhão da igreja. Contudo, por causa das guerras na Alemanha e em sua própria pátria, e por causa de suas grandes debilidades por sua idade avançada e uma vida de fuga da perseguição, ele não poderia voltar para a igreja e para a terra que ele tanto amava. Ele morreu em exílio, no dia dezessete de março de 1588, longe de casa, dos amigos, da igreja e de sua pátria.

Mas é melhor sofrer a morte na comunhão da igreja do que perder aquela comunhão que é tão importante para nos manter fiéis ao nosso Deus.

Datheen morreu em paz. Embora ele jamais tivesse imaginado o que o seu trabalho significaria para a igreja, Deus sempre soube e nós somos abençoados por Deus através deste servo que tanto sofreu.

## Guilherme, o Taciturno - O Pai da Holanda

### Introdução

Guilherme de Orange, também conhecido como Guilherme, o Taciturno, é para os cidadãos da Holanda, o que George Washington é para os americanos. Se há alguém que pode afirmar ser o pai daquele país, este é Guilherme. E, contudo, ele é mais do que pai; ele também é o protetor, abaixo de Deus, do calvinismo dos habitantes dos Países Baixos. Ele ocupa um lugar crucial na história holandesa e ele é honrado no hino nacional holandês: "*Wilhelmus van Nassau; ben ik van Deutschen bloed [...]*" - literalmente, "*Guilherme de Nassau; Sou de sangue alemão*".

O fato de Guilherme ter sido tanto o pai de seu país, quanto protetor do calvinismo, foi devido a estreita relação entre a igreja e estado naqueles tempos. Mas sua história nos chama a atenção, porque Deus o usou para ser o protetor do calvinismo. O calvinismo de Dort, dos grandes teólogos na teologia reformada holandesa, do *Afscheiding*<sup>59</sup>, de uma igreja calvinista forte na Holanda e das igrejas reformadas na América, é fruto da obra corajosa de Guilherme, o Taciturno.

### Início da Vida e Juventude

Guilherme nasceu na última metade de abril, em 1533, na Alemanha - daí vem a citação do hino nacional. Sua família era da nobreza - da Casa de Nassau - e vivia em Dillenburg, em Nassau. Guilherme era um dentre doze filhos, e a família foi criada e educada nos princípios da Reforma Luterana. Desde cedo, Guilherme foi preparado para tomar posse da propriedade da família de Orange, no sul da França. Por conseguinte, mais tarde seu título oficial foi Guilherme I de Orange, da Casa de Nassau.

---

<sup>59</sup> "*Afscheiding*" - literalmente, 'separação' ou 'secessão' - se refere a Secessão de 1834 na Holanda, quando grande parte da Igreja Reformada Holandesa assinou o *Ato de Secessão e Retorno*, declarando que a igreja estatal não mais deveria ser considerada uma igreja verdadeira. Declararam também que se separariam desta igreja e retornariam apenas quando esta se submetesse aos moldes bíblicos.



Carlos V, nativo da Espanha, tinha sido eleito logo depois da Reforma na Alemanha para ser o imperador do Sacro Império Romano, um império que incluía a Espanha, Alemanha, partes da Itália e os Países Baixos<sup>60</sup>. Os Países Baixos, embora pertencendo ao império anos antes, sempre tiveram uma grande quantidade de autonomia, e tinham se tornado - através dos trabalhadores e prósperos cidadãos dos Países Baixos - sem comparações, a parte mais próspera sob o domínio do imperador. Os habitantes dos Países Baixos amavam sua independência e seriam leais ao rei e imperador, desde que ele não interferisse indevidamente em seus negócios. Cada província tinha seu próprio "*stadholder*"<sup>61</sup> - o magistrado principal que tinha governo efetivo.

A família de Guilherme, por fazer parte da nobreza, tinha contato com o imperador e Carlos V ficou interessado no futuro de Guilherme. Carlos o levou à corte para que ele aprendesse os caminhos da política imperial.

Foi durante este período na corte de Carlos que Guilherme aprendeu a arte de governar, mas o preço que teve de ser pago foi o treinamento e comprometimento ao catolicismo romano e a perda de sua herança reformada, pois Carlos era um inimigo amargo da Reforma e estava determinado a impedir o avanço do luteranismo em seu reino.

O rei começou a apegar-se a Guilherme e este tornou-se mais íntimo de Carlos. Guilherme era o único presente com o rei quando Carlos se encontrava com embaixadores estrangeiros em questões oficiais importantes. Ele se tornou um confidente do rei nas questões mais secretas do império. Ele poderia até mesmo dar conselhos ao rei, o que este considerava muito útil. Ninguém era mais influente. Mesmo que haja certa controvérsia sobre esta questão, a maioria dos historiadores afirmam que Guilherme recebeu o nome "*o Taciturno*"<sup>62</sup> por causa de sua completa discrição em questões do reino.

Deus prepara Seus servos de tal forma que eles mesmos não estão conscientes de sua própria preparação. A instrução de Guilherme na corte incluía um estudo das línguas que o fizeram fluente em flamengo, alemão, espanhol, francês e latim. As possessões de sua família em Orange deram-no entrada em círculos políticos da França. As suas designações e atribuições como um servo de Carlos o colocaram em contato e deram conhecimento sobre os habitantes dos Países Baixos. Todas estas coisas haveriam de ser usadas na importante obra que mais tarde Guilherme faria.

---

<sup>60</sup> Os Países Baixos correspondiam aos atuais países da Holanda, Bélgica e Luxemburgo.

<sup>61</sup> Em termos históricos o "*stadholder*" era o magistrado chefe e o representante soberano de uma determinada província, antes e depois da formação da nação holandesa.

<sup>62</sup> *Guilherme, o Taciturno* - ou *o Silencioso* - é a transliteração de "*William the Silent*".

## Sua Conversão ao Protestantismo

Guilherme estava a caminho de sua fama, fortuna, honra - e uma vida na igreja papista - quando de repente Deus interveio de uma maneira singular.

Carlos V, cansado dos cuidados do império e das batalhas com os problemas que abatiam a Europa quando todo o continente estava em um tumulto por causa da Reforma, decidiu renunciar o seu cargo e gastar o resto de sua vida vestindo um cilício em um monastério obscuro na Espanha. Anunciando sua renúncia enquanto recostava-se nos braços de Guilherme, Carlos deu a Espanha e aos Países Baixos ao seu filho, o frio Filipe, que tinha um ódio implacável pela Reforma.

Dali em diante Guilherme ocupou uma posição muito diferente na corte. Ele continuou a ser usado em várias tarefas diplomáticas, embora Filipe não tivesse confiança nele por causa de sua estreita relação com Carlos V.

Foi durante este tempo que a empatia de Guilherme começou a transformar-se em uma preocupação e interesse pelos calvinistas perseguidos e massacrados nos Países Baixos.

Não é completamente claro quais eventos Deus usou para causar esta mudança, pois frequentemente Deus opera de formas misteriosas, e talvez o próprio Guilherme não tinha completa certeza do que estava acontecendo com ele, ou de como descrever as mudanças que estavam acontecendo em sua alma. Mas muitas coisas são claras. Guilherme havia sido criado no luteranismo e nunca esquece-se do que se aprende enquanto ainda se é jovem. Isto pode ser abandonado, como muitos o fazem, mas não pode ser esquecido. Algumas vezes Deus é misericordioso e usará aquilo que foi ensinado desde cedo para o bem, mesmo depois de um terrível período de apostasia.

Guilherme experimentou do catolicismo romano em suas formas mais cruéis sob Filipe. Filipe estava determinado a erradicar o calvinismo dos Países Baixos, e usou a Inquisição Espanhola da forma mais cruel para alcançar este objetivo. Guilherme, geralmente nos Países Baixos, viu o sangue e ouviu os gritos de milhares que morreram pela sua fé bem de perto. Isto produziu nele uma impressão inextinguível.

Guilherme odiava tirania de qualquer tipo, onde quer que fosse. Ele odiava a tirania dos espanhóis. Seu coração se voltou àqueles que sofriam sob os golpes constantes de Filipe.

Um evento levou toda a questão a um ponto crítico. Uma missão diplomática levou

Guilherme à França, enquanto Henrique II, um dedicado católico romano, governava. Na França, Guilherme chegou ao conhecimento do plano secreto que Henrique e Filipe tinham tramado para destruir o protestantismo. Henrique pensou que Guilherme ocupava na corte de Filipe, a mesma posição confidencial que ele tinha ocupado na corte de Carlos; e assim, na floresta durante uma caçada, num momento quando ninguém estava por perto, Henrique contou a Guilherme sobre o plano de destruir "*aqueles vermes malditos, os protestantes*", mesmo que isso fosse requerer traição.

Desolado por tal ultraje, Guilherme conseguiu manter um comportamento que não revelou seus verdadeiros sentimentos. Mas assim que pôde, informou os líderes protestantes em Bruxelas sobre o plano imundo. Não demorou para que Filipe percebesse que o segredo havia vazado, mas ele não desconfiou de Guilherme.

### **O Protetor dos Calvinistas**

A obra de Guilherme nos Países Baixos aumentou em importância. Ele serviu como um representante de Filipe; ele era um membro do concílio do estado que havia de assistir o regente espanhol no poder em nome de Filipe. A regente era Margarida de Parma I, que tinha alguma simpatia pelos protestantes. Ela foi substituída pelo Duque de Alva, um dos homens mais cruéis da história. O regente foi responsável por executar os planos de Filipe para destruir o calvinismo.

Guilherme também era o "*stadholder*" das províncias da Holanda, Zelândia, e Utrecht. Nesta posição ele fez o que pôde para ajudar os protestantes, aliviar os horrores da perseguição e restaurar o poder político dos "*stadholders*" das províncias nos Países Baixos.

Todos os esforços de Guilherme não tiveram êxito e Filipe multiplicou suas crueldades e continuou sua conduta desleal. No final disto tudo, Guilherme não podia mais aguentar; cada vez mais ele se considerava responsável pelo que estava acontecendo. Por um breve período de tempo retirou-se para seu lar em Nassau em 1568, onde avaliou sua vida, examinou sua lealdade, levou este dilema diante do Senhor, e decidiu lançar o seu destino, para melhor ou para pior, quanto ao povo perseguido dos Países Baixos.

Toda a história da longa e difícil luta de Guilherme pela liberdade nos Países Baixos é complicada demais para se contar aqui. É uma história de vitórias e derrotas, de coragem e sacrifício, de sofrimento e tristeza, de ganhos e perdas, porém, finalmente é uma história de uma vitória que veio mais por meio de situações que eram *becos sem saída*, do que por sucesso no campo de batalha.

Por três vezes diferentes, Guilherme montou um exército na Alemanha ou França ou nos Países Baixos. Todas as vezes seus esforços falharam, algumas vezes por causa de mudanças nos rumos políticos, algumas vezes porque os seus exércitos não eram suficientemente equipados para lutar com os habilidosos e bem equipados espanhóis, algumas vezes por causa da falta de recursos financeiros e alguma vezes porque o horror da perseguição sobrecarregava o povo.

Mas muitos eventos ajudaram, gradualmente, a mudar a maré. A marinha holandesa, tendo como tripulação homens chamados de "*os mendigos do mar*", teve êxito em atacar as embarcações espanholas de surpresa, capturar botes espanhóis armados e perturbar as tropas espanholas com ataques relâmpagos em terra firme. Conhecidos pelas suas habilidades marítimas, sua coragem inigualável, seu conhecimento dos canais, diques, baías, pântanos e lodaçais dos Países Baixos, eles impediram que os espanhóis tomassem conta do país e foram a principal razão pela qual muitas cidades nos Países Baixos se declararam independentes do governo espanhol.

O cerco de Leiden é um exemplo notável da coragem e habilidade com que os habitantes dos Países Baixos lutaram. Rodeados pelas forças espanholas que estavam incapacitadas de infiltrarem-se nos muros grossos da cidade, os habitantes estavam quase morrendo de fome em sua resignação. Vendo suas famílias e filhos morrerem de fome, muitos falavam sobre rendição, até que o presidente avivou suas almas débeis com as seguintes palavras: "*Aqui esta a minha espada; mergulhai-a, se quiserdes, em meu coração, e dividam a minha carne entre vós para apaziguar a vossa fome; mas não esperem entrega alguma enquanto eu estiver vivo*".

"*Os mendigos do mar*" haviam violado os diques para que navegassem para o resgate de Leiden, mas ventos contrários impediram as águas de avançar sob a terra firme o suficiente para que os botes navegassem sobre a terra. Mas no dia três de outubro de 1574, Deus mudou a direção dos ventos de forma que as águas da maré invadiram a terra, carregando com elas os botes e trazendo provisão para as tropas sitiadas. Os espanhóis foram derrotados, o cerco suspenso e a cidade poupada.

Para o encorajamento dos cidadãos, Guilherme propôs o estabelecimento de uma universidade dentro da cidade, e a Universidade de Leiden se tornou uma das grandes escolas no decorrer da história holandesa.

Embora os habitantes dos Países Baixos nunca puderam abater os espanhóis no campo de batalha, os espanhóis nunca chegaram perto de subjugar a nação e de superar os holandeses. A vantagem dos holandeses era que eles tinham total supremacia no mar, aliado ao fato que possuíam cidades importantes as quais os espanhóis não puderam retomar.

Em 1576, sob a liderança de Guilherme, sete províncias holandesas - Holanda, Zelândia, Utrecht, Frísia, Groninga, Overissel e Guéldria - assinaram a união de Utrecht, pela qual estas províncias se tornaram uma república. Guilherme se tornou o rei e o país *Netherlands* foi formado. Frequentemente, faz-se referência a este país com o nome de sua maior e mais populosa província "*Holanda*". Os espanhóis não foram derrotados, mas foram gradualmente expulsos do norte e empurrados para o sul, de tal forma que duas nações emergiram: a Bélgica, primariamente católica romana nestes dias, e a Holanda, um país forte e independente que era calvinista do começo ao fim. Embora a luta propriamente dita havia acabado, a guerra não terminou oficialmente até a "*Paz da Vestfália*"<sup>63</sup> ser assinada, em 1648, o que trouxe um fim a todas as guerras religiosas na Europa.

Guilherme foi um tipo de enigma no meio disto tudo. Ele sofreu grandemente, pois perdera todas as suas possessões com o interesse de ajudar o povo perseguido de Deus. Seus motivos para vir em resgate deles nunca foram completamente claros. Sem dúvida ele odiava tirania de qualquer tipo, onde quer que fosse. Ele odiava os espanhóis por causa de sua perseguição para com os habitantes dos Países Baixos e a presença de tropas espanholas em solo holandês, mas ele buscou a formação de bispados católicos romanos em uma terra em que o povo tinha escolhido a Reforma. Ele lamentou por causa da perseguição daqueles cujo único crime era a determinação a adorar a Deus como acreditavam ser correto, mas também estava disposto a conceder aos católicos romanos o direito de adorar de acordo com a liturgia romana.

Ele era um homem de convicções religiosas profundas, embora pouco se importasse com as formas da religião. Ele foi um homem de fé, resoluções e de persistência inflexível nos seus propósitos. Mas seus motivos eram tanto políticos quanto religiosos.

Ele teve de ser movido por amor pelo seu Deus e pela fé de Calvino ou nunca teria sacrificado tudo que possuía por uma causa que parecia, constantemente, sem esperança. De seus esforços incansáveis foi gerada não apenas a terra da teologia reformada holandesa, mas também um baluarte do calvinismo que havia de influenciar centenas e milhares naquela terra e no exterior.

Guilherme era, acima de tudo - antes que os tempos estivessem prontos para isto - um homem que desejava a liberdade religiosa mais do que qualquer outra coisa. Quando ele marchou com o seu exército em direção a Holanda, ele emitiu uma proclamação que dizia em parte: "*meu uso de exércitos se dá por causa da segurança dos direitos e privilégios do país e da liberdade de consciência*".

---

<sup>63</sup> Uma série de tratados de paz que foram assinados dando fim as guerras denominadas *religiosas*. Entre eles estão os tratados de *Münster* e *Osnabrück* e também o tratado Hispano-Holandês.

Nas instruções dadas a seu representante, Guilherme requereu que:

*"Primeiramente, libertar as cidades daquela província da escravidão espanhola, e restituí-los sua antiga liberdade, direitos e privilégios, e cuide que a Palavra de Deus seja pregada e difundida naquele lugar, mas ainda, de forma alguma, por meio de sofrimento, a fim de que aqueles da igreja papista não sejam, de maneira alguma, prejudicados, ou que qualquer impedimento seja posto a eles no exercício de sua religião."*

Quando a União de Utrecht foi formada, Guilherme insistiu absolutamente que a liberdade religiosa fosse praticada no país.

## Sua Morte

Filipe odiava Guilherme e ofereceu a entrada para a classe dos nobres e mais 25 mil Coroas<sup>64</sup> a qualquer um que o matasse. Muitos tentaram, seduzidos por tais promessas, e um foi bem-sucedido. Um miserável maltrapilho, chamado de Balthazar Gerard, que conseguiu uma audiência com Guilherme com o pretexto de ter negócios importantes a tratar. Enlouquecido pela ganância, Gerard atirou à queima-roupa em Guilherme, em Delft, no dia dez de julho de 1586. Guilherme morreu pouco depois disso com a oração: *"Meu Deus, tem piedade da minha alma e deste pobre povo"*.

Deus libertou seu povo na Holanda da opressão das mãos da igreja papista, assim como Ele sempre liberta Seu povo de seus opressores. Mais importante, Deus fez da Holanda o berço da fé reformada. Isso não permaneceu assim, mas o foi por um período que durou o suficiente para fazer da Holanda o meio pelo qual a fé reformada fosse levada para muitos lugares ao redor do mundo. Desta fé somos herdeiros.

---

<sup>64</sup> 25.000 Crowns - Aproximadamente um milhão e quatrocentos mil dólares.



# Reforma na Grã-Bretanha | 1525 - 1600



1475

Hugh Latimer c. ★ 1485 † 1555

Thomas Cranmer ★ 1489 † 1556  
William Tyndale c. ★ 1490 † 1536

1500

Reinado de  
**Henrique VIII** • 1509-1547

John Knox ★ 1505 † 1570

**William Tyndale** traduz o  
Novo Testamento • 1525

1525

Reinado de  
**Maria da Escócia** • 1542-1567

**Andrew Melville** c. ★ 1545 † 1622

Reinado de **Eduardo VI** • 1547-1553

1550

Reinado de **Maria I,**  
a Sanguinária • 1553-1558

Reinado de **Elizabeth I** • 1558-1603

**1ª Ass. Geral da Escócia** • 1560  
**Confissão Escocesa** • 1560

1560

**Ato de Uniformidade** • 1571

1575

Reinado de **Tiago VI** • 1578-1603

1600



## William Tyndale - O Pai da Bíblia em Inglês

### Introdução

Todos nós temos muitas Bíblias em nossas casas: nossas próprias Bíblias e as Bíblias de nossos filhos, bem como Bíblias utilizadas nos devocionais familiares. Em inglês, a maioria das pessoas têm a versão *King James* da Bíblia, às vezes chamada de Versão Autorizada, elaborada sob o amparo de *James I*<sup>65</sup>, em 1611. É um fato triste que nossas Bíblias encontram-se frequentemente abandonadas, obviamente, como algo periférico na nossa vida. No entanto, por trás disso está uma história de grande heroísmo, uma fé sublime em Deus e gotas de sangue de mártir. Tal história é a de William Tyndale, o pai da Bíblia em inglês.

### Início da Vida de Tyndale

William Tyndale nasceu no início da década de 1490<sup>66</sup>, na fronteira com o País de Gales, na casa de um próspero fazendeiro. Ele foi para a Magdalen Hall, em Oxford, onde recebeu seu mestrado em 1515, e foi ordenado para o clero católico romano. No mesmo ano ele se transferiu para a Universidade de Cambridge, provavelmente porque ele tinha ouvido dizer que o Novo Testamento grego de Erasmo estava disponível lá, e ele estava interessado em ler a Escritura na sua língua original.

É preciso entender a situação da Inglaterra nesse tempo. Henrique VIII, marido de muitas esposas, estava no trono. Católico romano dedicado, mas inimigo feroz do governo papal na Inglaterra, Henrique perseguiu protestantes de um lado, mas separou a igreja da Inglaterra do controle papal de outro. A própria igreja estava repleta de maldade, iniquidades em níveis altíssimos e fornicação de todo tipo. Um dos cronistas da época caracterizou os sacerdotes como saindo dos prostíbulos e indo direto para o altar para celebrar a missa; murmurando suas liturgias em um latim que eles mesmos

---

<sup>65</sup> Não utilizamos aqui a tradução do nome do rei inglês - Jaime I - a fim de facilitar a assimilação da sua pessoa à versão da Bíblia - *King James*.

<sup>66</sup> A data específica do nascimento de Tyndale é desconhecida.



eram incapazes de compreender; supersticiosamente adorando relíquias como um vestido da virgem Maria, um pedaço da sarça-ardente de Moisés, a palha da manjedoura de Belém e um esqueleto completo de um dos bebês assassinados por Herodes, o Grande; e tornando-se bêbados e glutões cujas vidas perversas eram mantidas pelo sangue, suor e lágrimas do trabalho do povo simples.

Enquanto isso, as universidades estavam agitadas com o novo ensinamento da Renascença, as descobertas de Colombo e Cabot, e os ensinamentos de Lutero, o reformador da Alemanha.

Foi em Cambridge que Tyndale foi convertido do romanismo para o luteranismo. E nestes antigos salões, Tyndale teve o primeiro contato com as Escrituras em seu original grego, e não no latim mofado da Vulgata.

### **A Preparação para Seu Trabalho**

Foi em 1521, que Tyndale se juntou a família de Sir John Walsh em Little Sudbury Manor, a poucos quilômetros ao norte de Bath. Aqui ele atuou como capelão, tutor e secretário, e pregou ocasionalmente em Bristol, onde ele expôs as doutrinas luteranas da justificação pela fé e o dom gratuito do perdão dos pecados através do arrependimento. Ele também era um convidado frequente à mesa de Sir John Walsh, onde os notáveis clérigos vindo de toda a Inglaterra muitas vezes se reuniram. Seus sofismas e hipocrisias eram expostos pelos apelos ousados de Tyndale aos ensinamentos bíblicos de tal forma que, juntamente com seus sermões, as opiniões de Tyndale despertaram o ódio e a fúria dos frades, priores e prelados.

Foi em uma dessas refeições que Tyndale falou a um clérigo visitante as palavras pelas quais ele permanece amado por todas as gerações daqueles que zelam pela Escritura: "*Se Deus poupar minha vida, dentro de pouco tempo, farei com que um menino que lava a terra saiba mais da Escritura do que tu*". Estas palavras foram um eco do famoso desejo de Erasmo, que no prefácio de seu Novo Testamento grego escreveu: "*Quisera Deus que o lavrador cantasse um texto da Escritura em seu arado e que o tecelão a cantarolasse ao som da sua lançadeira*".

Advertido por seus superiores a desistir de seus ensinamentos, e determinado a começar a grande obra de tornar a Bíblia acessível ao povo do seu amado país, Tyndale partiu para Londres para garantir a permissão das autoridades da igreja para traduzir a Escritura. Esta permissão, ele buscou conseguir com Cuthbert Tunstall, um bispo de Londres, um homem erudito e amigo próximo de Erasmo. Mas Tunstall, leal a Roma e com medo do novo luteranismo, recusou a permissão para Tyndale e

tornou-se, nos últimos anos, um dos adversários mais ferozes de Tyndale.

Durante a sua estadia em Londres, Tyndale viveu com o Lorde Monmouth, cuja casa Deus graciosamente e providencialmente trouxe o reformador. O Lorde Monmouth era um luterano influente, mas o mais importante, um amigo dos comerciantes que operavam as docas em Londres através das quais espalhavam um fluxo constante da literatura luterana. Tyndale estava convencido de que seus esforços para traduzir a Escritura nunca seriam bem-sucedidos na Inglaterra. "*Não havia sequer um quarto no palácio de meu Lorde em Londres para traduzir o Novo Testamento*", Tyndale escreveu, "*mas que também não havia lugar para fazê-lo em toda a Inglaterra*". Os comerciantes de Londres concordaram em apoiar o empreendimento e Tyndale deixou o país para ir a Alemanha e nunca mais voltar. O ano era 1524. Tyndale realizou seu trabalho escondido no exterior, e os comerciantes contrabandearam as traduções para dentro do país em fardos de pano.

## O Trabalho de Tradução

Será bom pausar por um momento e considerar o que Tyndale estava fazendo. A igreja romana na Inglaterra havia proibido a Bíblia de ser traduzida para a língua popular. A igreja estava inflexível sobre isso e fez tudo em seu poder para aplicar essa proibição. Não há dúvida sobre isso que a razão era simplesmente que a Bíblia na mão do povo simples revelaria como a igreja romana tinha se tornado totalmente corrupta. A igreja não queria que as pessoas soubessem disso. Um clérigo com quem Tyndale falou sobre traduzir as Escrituras enfureceu-se: "*É melhor ficar sem as leis de Deus do que sem o papa*"<sup>67</sup>.

Tyndale viu a absoluta necessidade de reforma na Inglaterra. Viu também que nenhuma reforma poderia acontecer sem a Bíblia como o padrão da verdade e da vida. Sem dúvida, persuadido pela doutrina de Lutero sobre o sacerdócio de todos os crentes, ele entendeu que a Bíblia tinha de estar nas mãos de cada crente em uma linguagem que eles entendessem.

Tudo isso é óbvio. O que é tão incrível é que as convicções de Tyndale eram tão fortes que ele decidiu dedicar a sua vida para realizar esse objetivo. E ele decidiu dedicar a sua vida a esse objetivo, apesar do fato de que isso significaria a pobreza, exílio, sofrimento, e finalmente, a morte de um mártir. Embora ficasse claro para Tyndale desde o início que ele acabaria sendo morto pelo que se determinara a fazer, ele seguiu em frente com o trabalho de qualquer maneira.

---

<sup>67</sup> Cf. *The Lives of the British Reformers - A Vida dos Reformadores Britânicos* - da Presbyterian Board of Publications. O livro é uma coleção de folhetos compilados pela London Tract Society.

Os dias de Tyndale na Europa não eram agradáveis. Ele provavelmente visitou rapidamente Wittenberg, onde ele quase que certamente conheceu Lutero. Mas o trabalho principal de publicação foi feito em Colônia. O Novo Testamento estava pronto para impressão em 1525 - apenas um ano depois que Tyndale havia fugido da Inglaterra. Enquanto a impressão estava em andamento, um assistente falou demais sobre o trabalho enquanto estava embriagado, e a notícia chegou a Johannes Dobneck, por pseudônimo Cochlaeus, um inimigo feroz da Reforma. Uma emboscada foi arranjada, mas Tyndale foi avisado e conseguiu fugir com as páginas impressas e manuscritos.

Tyndale se estabeleceu em Worms e, em 1526, publicou a primeira edição completa do Novo Testamento em inglês. Ela foi contrabandeada para a Inglaterra através dos comerciantes de Londres, em fardos de pano, caixas de alimentos e outros bens de comércio. Muitas das cópias foram confiscadas e queimadas pelas autoridades romanas e muitas foram compradas pela igreja e queimadas em St. Paul's por Cuthbert Tunstall. Na ironia de Deus, o dinheiro ganho com a venda desses volumes foi enviado para Tyndale, para ser utilizado em uma edição revisada e melhorada.

Tunstall odiava a Bíblia e quase esgotou-se para a denegrir:

*"Intercalada com certas medidas de depravação herética e opiniões errôneas e perniciosas, pestilentas, escandalosas e sedutoras das mentes simples [...] que muitos livros traduzidos, contendo o veneno pestilento e pernicioso na língua vulgar, foram dispersos em grande número por toda a nossa diocese, o que na verdade, a menos que seja rapidamente prevista, irá sem dúvida infectar e contaminar o rebanho dado a nós, com o veneno pestilento e a doença mortal da depravação herética."*<sup>68</sup>

Essa era a opinião que a igreja tinha da Palavra de Deus!

Edições novas e melhoradas do Novo Testamento foram constantemente sendo preparadas por Tyndale, muitas contendo notas nas margens, algumas das quais foram dirigidas contra o papado. Tyndale também começou a trabalhar no Antigo Testamento. Para isso, ele teve que aprender hebraico, o que ele fez no meio de suas viagens pela Europa. Em 1530, o Pentateuco foi concluído e impresso na Antuérpia e na Bélgica, embora Tyndale teve que fazer o trabalho duas vezes, porque, em uma viagem de barco, ele sofreu um naufrágio, e os primeiros manuscritos foram perdidos. Como os volumes continuaram a ser contrabandeados para a Inglaterra e porque as

---

<sup>68</sup> Brian H. Edwards, *God's Outlaw*. p. 92.

autoridades na Inglaterra não conseguiam parar o fluxo constante e a ampla distribuição, a fúria deles aumentou e sua determinação em matar Tyndale tornou-se uma obsessão. Foi decidido enviar homens para a Europa para pegar Tyndale e prendê-lo. Estes esforços foram, na sua maior parte, sem êxito. É difícil saber o porquê. Os espiões eram muitos e inteligentes, e Tyndale não fez grandes esforços para manter seu paradeiro em segredo. É verdade que Tyndale tinha muitos amigos, também na Antuérpia, mas parece que devemos definitivamente chegar à conclusão de que Deus cuidou de Seu servo de modo especial porque Deus estava trazendo a Reforma através da Sua Santa Palavra para a Inglaterra.

### **O Martírio de Tyndale**

Quando o trabalho de Deus para Tyndale estava concluído, Deus tomou Tyndale desta vida; dando a Seu servo fiel o privilégio de deixar esta vida através da morte de um mártir. Um sujeito imprestável, chamado Henry Philips, pensou em conseguir o favor das autoridades da Igreja e talvez ganhar fama e fortuna, aprisionando Tyndale. Ele foi bem-sucedido. Ele se fingiu de amigo, estabeleceu uma relação estreita de confiança com Tyndale, entrando aos poucos na casa de Poyntz - com quem Tyndale estava hospedado na Antuérpia -, e quando Poyntz - que nunca confiou realmente em Philips - estava fora da cidade, Philips convenceu Tyndale a ir com ele para um passeio. Conduzindo Tyndale por um beco escuro, ele empurrou o reformador no alcance de alguns canalhas não melhores do que ele, os quais capturaram-no e entregaram-no às autoridades.

Tyndale foi preso no castelo de Vilvorde perto de Bruxelas. Ali ele viveu por um ano e 135 dias sem calor ou à luz de velas ou lâmpadas, sem roupas suficientes para mantê-lo quente ou alimento para sustentar seu corpo fraco, sem amigos e livros. Seus únicos visitantes eram torturadores que incessantemente o bombardeavam, exigindo que ele se retratasse. Enquanto Poyntz e outros amigos na Inglaterra fizeram tudo em seu poder para garantir a sua libertação, as autoridades romanistas, sedentas por seu sangue, não estavam dispostas a deixar que sua presa fosse, agora que o tinham em suas mãos.

Tyndale foi julgado, deposto e condenado à morte. No início da madrugada, ele foi amarrado a uma estaca, uma corrente de ferro presa ao redor de seu pescoço, uma corda de linho foi colocado em sua garganta e palha foi colocada sobre ele. O carrasco, com toda sua força, pressionou a corda e em segundos Tyndale foi estrangulado. Seu corpo débil foi então queimado conforme a pilha estava acesa. Suas últimas palavras foram: "*Senhor, abre os olhos do rei da Inglaterra.*" Com isso, ele adormeceu.

## Nossa Herança

O monumento permanente do martírio de Tyndale é a versão *King James* da Bíblia em inglês.

Dois séculos antes, John Wycliffe havia traduzido a Bíblia para o inglês, mas a tradução de Wycliffe foi feita a partir da Vulgata em Latim, e nunca foi impressa. A tradução de Tyndale foi a partir do hebraico e grego. Uma cópia inacabada da edição de Colônia de Tyndale permanece e das 6000 que foram impressas em Worms duas cópias ainda são existentes. A edição de 1934, impressa na Antuérpia, é a última e a melhor. Ela formou a base para a famosa Bíblia *Coverdale*<sup>69</sup>. Apesar de Thomas More, um católico e humanista inglês, chamar a Bíblia de Tyndale de, "*O Testamento do Anticristo*", ela sobreviveu primeiramente na Bíblia *Coverdale*. Em 1537 - um ano após a morte de Tyndale -, o rei da Inglaterra ordenou que a Bíblia de Tyndale fosse colocada em cada paróquia do reino e que fosse disponibilizada para cada homem, mulher e criança dentro do reino.

Noventa por cento da Versão Autorizada - *King James* - vem da Bíblia de Tyndale, e da versão *Revised Standart*, setenta e cinco por cento. É basicamente a Bíblia de Tyndale que é usada hoje em inglês. Uma breve citação de sua Bíblia vai mostrar a semelhança, embora a citação está na linguagem dos dias de Tyndale. A passagem está em Romanos 12 versos 1 e 2:

*"Rogo vos pois, irmãos, pelas compaixões de Deus, que apresenteis vossos corpos em sacrificio vivo, sancto [e] agradavel a Deus, [que he] vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas reformae-vos pela renovação de vosso animo, peraque experimenteis qual seja a boa, e agradavel, e perfeita vontade de Deus."*<sup>70</sup>

A história de Tyndale não deve nos dar somente uma nova estima por nossas Bíblias, mas também devemos encher nossos corações de gratidão a Deus por Ele ter dado à igreja tais homens de coragem e convicção, de modo que podemos ter a Palavra de Deus hoje para ler, estudar, desfrutar e acreditar. Quando lemos as amadas palavras na versão *King James*, nunca devemos esquecer que estas palavras foram escritas com o sangue de um mártir.

---

<sup>69</sup> *Myles Coverdale* foi clérigo e erudito inglês que compilou e publicou a primeira tradução completa da Bíblia em inglês moderno, no ano de 1535, na Antuérpia.

<sup>70</sup> Bíblia Sagrada, Versão de Almeida de 1681.

## **John Knox - O Reformador da Escócia**

### **Introdução**

Deus não apenas chama homens para tarefas particulares no seu reino; Ele também capacita os homens que Ele chamou com a personalidade, dons e forças para fazer o trabalho.

Assim foi com John Knox, o reformador da Escócia.

Nascido e criado em uma terra difícil, ele emergiu de seus anos de preparação como um severo e inflexível defensor da fé. Profundamente enraizado no solo de sua terra natal, ele foi alimentado com o vigor das matas sombrias da Escócia. Herdeiro do individualismo severo e inflexível que caracterizava a população da Escócia, ele foi preparado para se levantar sozinho contra rainhas e príncipes, inabalável diante de suas ameaças ou lágrimas. Ele era, no conselho de Deus, o único que poderia trazer a Reforma para a Escócia.

### **Sua Juventude e Educação**

É realmente extraordinário e um testemunho perpétuo do poder da graça, que a Reforma chegou de alguma forma a Escócia. A Escócia era conhecida em toda a Europa como o mais atrasado, mais supersticioso, mais católico romano de todos os países. A igreja que dominou ali por séculos, sem contradição e sem ataques, foi uma igreja onde a corrupção atingiu profundidades encontradas em poucos outros lugares. Qualquer um pensaria que a reforma seria impossível ali.

John Knox nasceu em algum dia durante o ano de 1505, próximo a Haddington em East Lothian. Seus pais eram suficientemente ricos, aparentemente, para fornecer-lhe uma boa educação. Ele recebeu seu primeiro treinamento em Haddington e foi então enviado para a Universidade de Glasgow. Na universidade ele obteve o seu Mestrado em Artes, e foi suficientemente hábil em seus estudos para obter a vaga de professor

assistente.

Em algum ponto próximo do ano de 1530, Knox foi a Saint Andrews, na costa leste pelo mar, apenas um pouco ao norte do estuário do rio Forth. Pode ter sido ali que foram incluídos em seus estudos alguns dos pais da igreja antiga, particularmente Jerônimo e Agostinho, e que as primeiras dúvidas referentes ao catolicismo romano surgiram em sua alma. De qualquer maneira, neste tempo ele permaneceu um católico romano resoluto e foi ordenado em ordens clericais.

## O Início da Reforma e Seu Exílio

Isto não aconteceu até o ano de 1542, quando então Knox se tornou um protestante, não sabemos sob quais influências ou por quais meios. Ele começou a proclamar as ideias protestantes tão claramente, que foi destituído das ordens como um herege e foi obrigado a ir para a parte sul da Escócia para se esconder daqueles que o odiavam.

Enquanto ele estava na parte sul de seu país, Knox era tutor dos filhos de dois nobres, e ocasionalmente pregava. Foi durante este período que ele conheceu e tornou-se amigo íntimo de George Wishart, um ministro corajoso e professor da doutrina da Reforma. Sem demora Wishart foi apreendido pelas autoridades romanas e foi levado para ser julgado e condenado à fogueira. Aqui começou o compromisso de Knox com a Reforma. Agarrando-se a Wishart no momento em que ele foi levado, e esperando morrer com ele, Knox foi advertido por seu amigo: "*Não, retorne para suas crianças e que Deus abençoe você; apenas um é suficiente para um sacrifício*".

Wishart foi queimado até a morte pelo cardeal Beaton de Saint Andrews, em março de 1546. Nobres favoráveis ao protestantismo invadiram o castelo do cardeal, mataram Beaton e convidaram outros protestantes, incluindo Knox para fixar residência no castelo.

Knox viveu no castelo por algum tempo, e comprometeu-se em pregar e ensinar, mas em julho de 1547, o castelo foi capturado por uma parte da marinha francesa, Knox e outros foram feitos prisioneiros dos franceses, e depois de ser condenado na França, Knox foi sentenciado às galés como escravo acorrentado a um remo.

Quem sabe que agonia que ele sofreu durante os dezenove meses de sua escravidão? Quem sabe quantas vezes ele questionou os caminhos de Deus quando por exemplo, ele podia vislumbrar os pináculos da catedral Saint Andrews através da pequena abertura do remo no casco do navio enquanto cruzavam as ondas na costa

da Escócia? Ele emergiu deste calvário com enfermidades que permaneceriam com ele pelo resto da sua vida - seu próprio "*espinho na carne*" -, mas com uma fé temperada no fogo do sofrimento e mais forte do que nunca na determinação em comprometer-se com o trabalho do Senhor.

Knox foi libertado apenas porque Eduardo VI, rei protestante da Inglaterra, interferiu diretamente em seu favor com o rei da França. Era fevereiro de 1549, e Knox tinha quarenta e quatro anos de idade. Foi provavelmente por esta razão que Knox não retornou para a Escócia, mas foi morar na Inglaterra. Aqui ele gastou cerca de cinco anos, se casou com Marjory Bowes, muitas vezes pregava todos os dias da semana, trabalhava com os reformadores na Inglaterra, e lhe ofereceram um bispado. Ele recusou esta oferta, em parte ao que parece, porque ele já tinha algumas dúvidas sobre a hierarquia de governo da igreja praticada na igreja da Inglaterra, mas também em parte porque ele previa "*que dias maus viriam*".

Esses dias vieram muito rapidamente com a morte prematura de Eduardo e a acessão de Maria Tudor, a Sanguinária, como ela era chamada, uma filha leal de Roma e alguém determinada a restaurar o catolicismo romano na Inglaterra - mesmo a preço de sangue de protestantes.

Knox fugiu para a Europa. O ano era 1554. Ele queria ficar na Inglaterra porque, como ele disse, com algum eufemismo: "*Eu nunca poderia morrer em uma disputa mais honesta*". Seu amigo convenceu-o a fugir, no entanto, ele começou um novo trabalho no continente, em Frankfurt-on-the-Main, em uma igreja de exilados ingleses.

As coisas não funcionaram bem lá, pois surgiu uma disputa sobre liturgia, particularmente sobre as leituras responsivas, e Knox com algum desgosto, renunciou a seu trabalho e passou a residir em Genebra.

Calvino estava no auge de seu poder e influência, e os dois passaram muito tempo juntos discutindo teologia e mais particularmente, política da igreja. Knox pastoreou uma congregação inglesa, às margens do Lago Léman e passou ali, o tempo mais feliz desta vida, sob a sombra dos Alpes, e, usando as próprias palavras de Knox: "*Na mais perfeita escola de Cristo que já existiu desde os tempos dos apóstolos.*"

A estadia de Knox em Genebra foi interrompida por uma viagem, bastante apressada, de volta para a Escócia. Não é completamente claro o porquê Knox foi, nem é claro o porquê ele voltou para Genebra. No entanto, durante sua estadia, ele pregou, ensinou e visitou de dia e de noite. Sua influência foi notável, especialmente sobre alguns nobres. O resultado foi que alguns eventos começaram a favorecer a Reforma, e a primeira "*Liga e Pacto Solenes*" foi juramentada em 1556.



Alguns acusaram Knox de covardia por não ficar em sua terra natal, mas a verdade mais provável é que se ele tivesse ficado, teria sido morto. Imediatamente após sua fuga, ele foi condenado por não comparecimento ao juri e foi queimado simbolicamente. Eventos futuros provaram que Knox não era um covarde.

Duas coisas resultaram da estadia de Knox em Genebra: ele tornou-se totalmente equipado para estabelecer uma reforma completa na Escócia, não somente na doutrina, mas também na política e na liturgia da igreja. Ele também escreveu um panfleto intitulado, na linguagem característica dele: "*O Primeiro toque da trombeta contra o monstruoso regime das mulheres*". O panfleto foi escrito principalmente contra Maria Sanguinária, embora nenhum nome tenha sido mencionado, mas isto o colocou em problemas intermináveis com Isabel, a rainha da Inglaterra, e com Maria, a rainha da Escócia.

Em 1559 Knox voltou à Escócia permanentemente, e com o seu regresso a obra da Reforma avançou rapidamente. Era evidente que as pessoas simples tinham fome da pregação pura do Evangelho, uma fome criada por uma poderosa obra do Espírito de Cristo. O romanismo foi abandonado, a superstição foi condenada, as cadeias de Roma foram quebradas e a nação se moveu firmemente em direção a se tornar um país protestante. A pregação de Knox conduziu o caminho.

Alguns dos eventos marcantes e as características do progresso da Reforma são os seguintes:

Os protestantes começaram a ser chamados de "*congregação*" e os líderes, "*os senhores da congregação*". Um sistema presbiteriano de governo de igreja foi instituído, um que Knox aprendeu em Genebra, e que era significativamente diferente do da Inglaterra.

Como o protestantismo avançou, especialmente em algumas áreas ao sul e ao leste da Escócia, particularmente em Perth, ocorreram tumultos, durante o qual imagens, adornos litúrgicos papistas, mosteiros e altares foram destruídos e queimados por multidões que fugiam daqueles que tinham vindo ver a idolatria de Roma.

Quando houve ameaça de guerra por meio de uma possível invasão da França e por causa da decisão da Inglaterra de enviar tropas para a Escócia, foi firmado um compromisso o qual evitou a guerra e exigiu a reunião de um parlamento livre para resolver as questões religiosas. Este Parlamento, que se reuniu em agosto de 1560, estabeleceu a religião reformada adotando uma confissão - A Confissão de Fé Escocesa, que serviu como a confissão da igreja, até que foi substituída pela Confissão de Westminster -, um livro de disciplina - A ordem da igreja -, e um livro de ordem comum - um guia para os ministros em seu trabalho e vocação.

No mesmo ano, em dezembro, a primeira Assembleia Geral da Igreja da Escócia, em Edimburgo se reuniu na capela de Saint Magdalene.

Em todas estas atividades, Knox assumiu um papel de liderança.

Talvez não exista nenhuma parte mais interessante em toda a sua obra reformatória do que suas entrevistas com a rainha Maria. Mais do que qualquer outra coisa, Maria queria que a Escócia retornasse ao aprisco papal. Knox se colocou em seu caminho. Em pelo menos duas entrevistas com ele, ela tentou por todos os meios dissuadi-lo da sua direção. Ela argumentou, implorou, bajulou, ameaçou, tentou movê-lo com seus truques femininos - os quais ela tinha muitos -, e até chorou, num esforço de mover o coração de John à piedade. Através de tudo isso, Knox permaneceu firme e inabalável, a ponto de alguns de seus contemporâneos e historiadores posteriores o criticarem por não mostrar o devido respeito à sua rainha e por uma dureza de coração que beirava a crueldade.

Mas este era Knox, um homem com uma vontade de ferro e com um propósito implacável, um homem que não sabia que a palavra "*tato*" existia no idioma Inglês, ou, se ele soubesse, não sabia o que significava. Ele falava sem rodeios e claramente, e não tinha o mínimo de preocupação a quem ele ofenderia se fosse por causa da verdade de Deus.

Knox triunfou sobre condições inacreditáveis. Ele foi baleado, emboscado e insultado verbalmente além do que muitos outros tiveram que suportar. Sobre um ganancioso arcebispo, ele ironicamente disse: "*Tanto quanto ele procurou o mundo, o mundo não fugiu dele*". Seu propósito, o qual ele próprio definiu: "*Para mim, é o suficiente dizer que preto não é branco, e a tirania e loucura do homem não é o perfeito decreto de Deus*".

Assim como aconteceu com os reformadores em toda a Europa, Knox foi antes de tudo um pregador. Todo dia do Senhor pregava duas vezes e durante a semana três vezes na Catedral de Saint Giles, em Edimburgo. Ele teve uma distinção que poucos ou nenhum tiveram. Ele foi um sacerdote da igreja de Roma, um clérigo na igreja anglicana, e um ministro do Evangelho na primeira igreja presbiteriana da Escócia.

Em 1563, ele se aposentou em relativa privacidade porque a sua contundência e atitude inflexível ofendia muitos. Mas a sua influência continuou a ser sentida. Quando Maria foi forçada a abdicar do trono em 1567, as reformas continuaram. Decidiu-se, por exemplo, que o soberano da Escócia deveria ser, obrigatoriamente, protestante, e muitos arranjos foram feitos para o apoio do clero. Sob a influência de Knox, escolas foram estabelecidas. Ele queria escolas em cada paróquia, um colégio em cada

cidade importante, e três universidades para servirem a nação.

Em 1570, Knox foi derrubado por um golpe, do qual ele se recuperou parcialmente. Ele se retirou para Saint Andrews, onde seu trabalho reformatório tinha começado, e ali pregou, embora ele tivesse que ser carregado para o púlpito. Ele mesmo falou do fato de que ele estava "*cansado do mundo*" e "*sedento para partir*". No dia vinte e quatro de novembro de 1570, com a idade de sessenta e cinco anos, ele foi levado para casa pelo Senhor.

Embora Knox fosse pequeno e fraco, acometido com muitas enfermidades desde seus dias nas galés, ele era de uma mente vigorosa e vontade implacável. Sua piedade e zelo não conheciam limites. Ele foi fundamental no estabelecimento da igreja, na qual ele estampou seu caráter. Em Genebra, na Suíça, há um monumento da Reforma no qual aparecem as figuras dos grandes reformadores. Na figura de Knox estão escritas as palavras apropriadas: "*Un homme avec Dieu est toujours dans la majorité*" - literalmente, "*Um homem com Deus é sempre maioria*". A igreja precisa de homens como estes hoje.

## **Hugh Latimer - O Reformador Inglês e Mártir**

### **A Reforma na Inglaterra**

Deus opera de forma misteriosa, e as maravilhas de Sua providência, às vezes, nos fazem suspirar de admiração. A Reforma na Inglaterra é uma ilustração desta verdade. Na Alemanha e em Genebra, Deus trouxe a Reforma através do trabalho de poderosos homens de Deus, tais como Lutero e Calvino. Na Inglaterra a Reforma iniciou com a lascívia e fornicção de um rei, Henrique VIII, conhecido na história como o homem de muitas mulheres, algumas das quais ele assassinou.

Sobre a lascívia de Henrique nós temos de dizer algumas palavras, pois o trabalho do nobre Hugh Latimer não pode ser entendido fora do contexto de um rei fornicador.

Henrique, um rei da família Tudor, era casado com Catarina de Aragão. Henrique queria libertar-se desse casamento, em parte porque Catarina não tinha conseguido dar-lhe um herdeiro do sexo masculino para sentar-se no trono, e em parte porque Henrique estava com seus olhos lascivos sobre Ana Bolena, uma dama do palácio que não se deitaria com Henrique, a não ser que ele se casasse com ela.

O papa não liberaria Henrique de seu casamento com Catarina, e Henrique, em fúria contra o Papa, cortou todos os laços entre a Inglaterra e Roma; rejeitando a autoridade eclesiástica e civil do papa na Inglaterra, ele fez de si mesmo o cabeça da Igreja da Inglaterra, e recusou-se a permitir que qualquer riqueza deixasse o litoral da Inglaterra e fosse encaminhada aos cofres papais.

Sob estas circunstâncias, a Reforma surgiu na Inglaterra. Não significava que o próprio Henrique estivesse interessado em reformar a doutrina; ele a odiava, pois permaneceu toda a sua vida devoto a heresias e superstições romanistas, perseguindo e matando aqueles que promoviam as verdades da Reforma, e estando determinado a manter sua igreja na Inglaterra fiel à doutrina da igreja romana. Mas a sua determinação em se livrar do domínio papal, a fim de casar-se com Ana Bolena, abriu a porta para o trabalho da Reforma.

Na Alemanha, em Genebra e outras partes da Europa, a Reforma aconteceu através da separação entre a igreja e Roma. Isso nunca aconteceria na Inglaterra. Neste país, a Reforma seria uma tentativa esforçada de transformar a própria igreja de Roma em uma igreja protestante. A Inglaterra ainda sofre os efeitos disto hoje em dia.

### **Início da Vida de Latimer e Sua Conversão**

A data do nascimento de Hugh Latimer é desconhecida, mas ocorreu em algum instante entre o ano de 1475 e 1490. Ele era filho de um próspero fazendeiro de Thurscaston, em Leicestershire. Reconhecendo suas notáveis habilidades, o pai de Hugh lhe deu todas as oportunidades educacionais possíveis, e quando Hugh tinha quatorze anos, foi enviado à Cambridge. Lá, ele estudou, tornou-se um membro do Clare Hall, formou-se, entrou em um estudo de teologia a fim de dedicar a sua vida ao serviço da igreja, e estabeleceu com Cambridge, laços que durariam por grande parte de sua vida.

Cambridge estava fermentando por pelo menos três razões: os ensinamentos de John Wycliffe nunca tinham desaparecido da Inglaterra; os escritos de Lutero haviam entrado no país e estavam sendo avidamente lidos, estudados e discutidos nas salas de Cambridge, e Erasmo tinha se certificado de que sua edição do Novo Testamento em grego estava sendo difundida em círculos intelectuais da Inglaterra.

Embora Latimer tenha mostrado notáveis habilidades intelectuais, profundas compreensões da teologia e poderosos dons de oratória, ele dedicava seu tempo e habilidades fazendo todo o possível para combater qualquer assunto que vagamente se assemelhasse a Reforma. Ele era um ardente opositor da Escritura e ridicularizou um colega que expôs a Escritura em sua sala de aula. Latimer até mesmo aproveitou a oportunidade de sua dissertação para o diploma em divindade, para atacar os ensinamentos e pontos de vista de Philipp Melanchthon.

Deus persuadiu Hugh Latimer ao serviço da Reforma, ainda que de uma maneira um tanto extraordinária e até mesmo engraçada. Um grupo de homens, um dos quais era Thomas Bilney, estava acostumado a reunir-se para discutir formas de promover a Reforma com a qual eles estavam profundamente comprometidos. Bilney havia notado o grande potencial de Latimer e há muito tempo ponderava formas de persuadir Latimer a se juntar ao movimento pela Reforma. Finalmente, ele descobriu uma maneira inteligente, embora sob a bênção de Deus, que foi igualmente bem-sucedida. Fingindo ter o desejo de se confessar e ser absolvido de seu pecado por Latimer, ele usou a ingenuidade e orgulho de Latimer - que pensava que Bilney estava prestes a confessar-se por sua devoção à Reforma e pedir perdão - para descrever a Latimer

sua própria conversão da doutrina sem conforto de obras de justiça, a qual Roma ensinava, para a bendita paz da fé no perfeito sacrifício do Cordeiro imaculado de Deus. Latimer ficou comovido como nunca antes. Humilhado perante Deus, ele se juntou ao movimento da Reforma.

## Latimer, O Reformador

Os notáveis dons de Latimer agora estavam dedicados à causa da Reforma, e ele se tornou um ardente e eloquente pregador da Reforma. Sua vida foi, a partir daquele momento, uma vida em uma montanha russa eclesiástica - às vezes cheia de êxito, às vezes carregada com desgosto, aparente derrota e sofrimento.

Como a pregação de Latimer atraiu muitas pessoas, o bispo de Ely, o Dr. West, começou a tomar conhecimento. Embora primeiramente ele tenha sido bem tolerante com Hugh e inclinado a ser compreensivo; ele foi excitado a ira quando ouviu Hugh pregar contra os numerosos pecados dos bispos - um sermão que Latimer pregou no calor do momento, quando, prestes a pregar em outra passagem da Escritura, viu o bispo de Ely com sua comitiva entrar no edifício. O Bispo de Ely não gostou nem um pouco de tal crítica aberta e proibiu Latimer de pregar em sua diocese.

Um simpático prior de um mosteiro local da Ordem Agostiniana, cujo mosteiro era livre da supervisão do bispo, abriu seu púlpito para Latimer, e as multidões que vinham para ouvi-lo se tornaram maiores do que nunca.

Maiores triunfos aguardavam Latimer, mas também maiores problemas. Quando o cardeal Wolsey - o homem mais poderoso da Inglaterra depois do rei - olhou favoravelmente para Latimer, todos os púlpitos na Inglaterra se abriram para ele. Quando o Cardeal Wolsey foi desfavorecido, os inimigos de Latimer prepararam-se para atacar. Quando o rei Henrique tornou-se favoravelmente inclinado a Latimer e tomou-lhe sob sua proteção - em parte porque Latimer, tola mente aprovou o divórcio do rei da Catarina de Aragão - Latimer sentiu certa liberdade com o rei para suplicar por algum abrandamento na perseguição aos protestantes, e recebeu do rei o *beneficio eclesiástico*<sup>71</sup> de West Kingston, onde pregou a doutrina reformada. Assim que o rei se distraiu, ocupado com outros assuntos, Latimer foi convocado perante o bispo de Londres, questionado de forma áspera e incessante por muitos dias, e por fim excomungado e condenado. Ele somente recuperou a proteção depois de apelar ao rei e concordar com quatorze pontos das práticas e adoração papistas, o que incluía a aprovação da quaresma e da legalidade de crucifixos e imagens nas igrejas.

---

<sup>71</sup> Cargo eclesiástico da Igreja Católica Romana e Anglicana que provê bens de capital fixo.

Este momento de fraqueza foi, segundo sua própria confissão, o pior momento da vida de Hugh, certamente um dia negro, um pecado que ele confessou diante do seu Deus, mas um ponto crucial em sua vida: ele resolveu que, acontecesse o que fosse, ele nunca faria tal loucura novamente. Esta foi uma resolução que seria intensamente provada.

Sua vida de altos e baixos continuou. Por meio do auxílio de Ana Bolena e Thomas Cranmer, Latimer recebeu o bispado de Worcester, onde passou vários anos felizes e frutíferos pregando a Reforma, mas suficientemente longe dos olhos do público a fim de que atraísse pouca atenção desfavorável. O Senhor não estava disposto a deixar Hugh na obscuridade e, como sua fama espalhou-se, ele foi convocado a pregar na inauguração do Parlamento, em 1536. No mesmo ano em que uma convocação foi feita para confirmar Henrique VIII como cabeça da Igreja da Inglaterra, na qual Latimer foi convidado a pregar. Nos dois sermões, Latimer pregou intensamente a favor da Reforma e pleiteou com os dignitários reunidos para consolidar a Reforma o mais rápido possível.

Embora parecesse que seus pedidos foram bem recebidos, um evento de outro gênero estragou tudo. Teólogos luteranos vieram da Alemanha para discutir a união entre os dois países e a cooperação na Reforma. Quando os teólogos luteranos estavam compreensivelmente relutantes em aceitar a doutrina papista da transubstanciação, Henrique tornou-se cada vez mais inflexível e não só insistiu na doutrina, mas ameaçou qualquer um que negasse-a com as mais terríveis punições.

Latimer, plenamente consciente de que nunca poderia ensinar a doutrina da transubstanciação, renunciou a seu bispado. Ele provavelmente teria escapado da punição, se não fosse pelo fato de que uma árvore caiu nele provocando ferimentos que o levaram a Londres para atendimento médico. Ele foi imediatamente preso, jogado na torre de Londres, e lá permaneceu por seis anos, até Henrique, tendo esgotado a si mesmo com todas as suas mulheres, morrer.

Eduardo VI, filho de Joana Seymour, e o único herdeiro do sexo masculino, assumiu o trono. Eduardo era extremamente a favor da Reforma e ofereceu a Latimer seu bispado de volta, oferta a qual Latimer recusou por causa da sua idade avançada. Mas ele não parou de pregar, pois ele sempre foi e continuou ser acima de tudo, um pregador do Evangelho.

## **O Martírio de Latimer**

Mas Eduardo logo morreu e Maria subiu ao trono. Esta é a Maria, que justamente recebeu o nome pelo qual ela é conhecida desde a sua morte: "*Maria Sanguinária*". Ela odiava todos os protestantes, por isso prendeu Latimer, jogando-o novamente na torre de Londres, onde ele foi privado de todo tipo de confortos materiais. Ele foi torturado e questionado, ameaçado e escarnecido, enquanto todo esforço era feito para levá-lo a retratar-se. Embora já tivesse mais de oitenta anos de idade, ele se lembrava da vergonha e balbúrdia de sua fraqueza anterior e manteve-se firme em sua confissão de fé no seu salvador Jesus Cristo. Sua resposta às provocações e zombaria de seus carrascos foi:

*"Eu agradeço a Deus de todo o coração por Ele ter prolongado a minha vida para este fim, que eu possa, nesta ocasião, glorificar a Deus com esse tipo de morte."*

Hugh Latimer juntamente com seus colegas reformadores, Ridley e Cranmer, foi transferido para Oxford para julgamento e condenação. Todos foram considerados culpados por heresia e condenados a serem queimados na fogueira. No dia dezesseis de outubro de 1555, Ridley e Latimer foram levados da torre do lado de fora do muro norte da cidade, a poucos passos de Baliol College, com Latimer ficando um pouco para trás por causa de sua fraqueza. Ajoelhados juntos diante da pilha de lenha, ambos oraram e, levantando-se, submeteram-se à vontade de Deus e seus captores. Eles foram amarrados à mesma estaca, com uma corrente em volta de suas cinturas, deixando suas mãos e braços livres. Os feixes foram empilhados ao seu redor, mas, antes de serem acesos, um assistente bondoso amarrou sacos de pólvora sobre seus pescoços para acelerar a morte. Os feixes de lenha foram acesos e a dor começou. Foi então que Latimer proferiu aquelas palavras imortais que têm ressoado ao longo dos séculos:

*"Tende bom ânimo, mestre Ridley, e esforcemo-nos: vamos neste dia brilhar como uma chama, pela graça de Deus, na Inglaterra, que conforme creio, jamais se apagará."*

As chamas rapidamente alcançaram a pólvora amarrada ao pescoço de Latimer e ele morreu com pouco sofrimento. Mas o caso não foi o mesmo com Ridley. A lenha estava molhada e queimou somente em torno de suas pernas. Sua agonia foi grande e quase insuportável. Suas pernas foram completamente queimadas antes de um assistente remover algumas das mais altas lenhas para permitir que as chamas subissem e explodissem a pólvora, acabando com sua vida.

O triunfo foi a vitória da fé, a vergonha e opróbrio eternos permanecem com Roma.



## O Lugar de Latimer na História da Igreja

Todos os contemporâneos de Latimer falaram muito bem dele. Ele era eloquente em seu discurso e possivelmente o pregador mais poderoso da Inglaterra. Ele era um homem de conduta moral impecável. Era gentil, honesto, entusiasmado com o trabalho, dado a muitas obras de misericórdia e inteiramente devoto à causa da propagação do Evangelho.

Um escritor faz a seguinte declaração sobre seus sermões:

*"Os sermões de Hugh Latimer [...] embora em estilo essencialmente medieval, pertencem em solicitude e desígnio aos dias da Reforma. Agradáveis, cheios de graça, reminiscência e humor, ricos em palavras com inglês simples como 'nojeira', 'tanso' e 'pinguço', esses sermões são uma indicação do vigor, coragem e sinceridade que pertenciam ao novo século. Latimer tem palavras duras a dizer sobre o papa - 'aquele bispo lá da Itália, o capelão do diabo' - sobre a falsidade das imagens e relíquias, da doutrina romana da missa e sobre os contemporâneos, especialmente os bispos e outros que negligenciam o ministério da Palavra e tornam-se 'prelados sem pregação'. Os bispos, diz ele, 'estão tão obcecados em analisar as suas rendas, dançando em seus domínios [...] ruminando em suas manjedouras e trabalhando em suas divertidas casas senhoriais e palacetes', que não têm tempo para a pregação, enquanto o diabo 'o mais diligente prelado e pregador de toda a Inglaterra' está ocupado envenenando o coração dos homens."*

Hugh Latimer era:

*"Um dos mais ilustres prelados da igreja da Inglaterra, sem dúvidas, um dos mais talentosos, se não o eclesiástico mais talentoso entre os reformadores ingleses do século XVI [...], o John Knox da Inglaterra, o portador de um nome que agora brilha sobre dois hemisférios, e resplandecerá mais e mais até o último dia."*

Latimer, enquanto estava morrendo, falou de uma luz na Inglaterra que nunca se extinguiria. Se hoje, ela de fato não se extinguiu, tristeza enche as almas daqueles que são obrigados a admitir, que agora ela é pouco mais do que uma pequena chama oscilante.

## **Thomas Cranmer - O Reformador Pecador**

### **Introdução**

Deus usa muitos tipos diferentes de homens na obra da igreja. As diferenças não são apenas em relação ao contexto cultural, habilidades e dons, personalidade e caráter; elas também são diferenças em força e fraqueza espiritual. Alguns servos de Deus são de um caráter moral tão nobre que podemos observar, maravilhados, o poder da graça na vida deles. Alguns são tão fracos ao ponto de parecerem completamente inadequados para a obra da igreja. Alguns são Samuéis e Gideões; outros são Sansões e Jonas. Alguns são Calvinos e Luteros; outros são Melanchthons e Bucers. Thomas Cranmer deve ser colocado neste último. Há tantas máculas na sua vida que, por pouco, pode-se hesitar a incluí-lo entre os heróis da fé. Mas o papel que ele teve na Reforma foi importante e sua morte de mártir é um tributo a uma fé humilde que inspira muitos de nós que são tão fracos quanto ele.

### **O Início da Vida de Cranmer**

Desde o início de sua vida, Cranmer deu evidência de seu talento genial. Nascido no dia dois de julho de 1489, ele logo ingressou no Jesus College em Crambridge, e se sobressaiu em seus estudos. Ele tinha completo domínio de grego, hebraico, latim, francês, alemão e italiano, e prometia para a área da teologia. Ele era familiarizado com os antigos pais da igreja e com a teologia escolástica da era medieval. Quando tinha vinte e um anos ele se tornou um membro de Cambridge, mas perdeu sua membresia por conta de um casamento precoce. Sua esposa, no entanto, morreu em um ano e sua membresia foi restaurada. Nada se sabe sobre sua esposa.

Duas coisas aconteceram no decorrer de seus estudos e ensino em Cambridge: através do seu estudo de teologia e sua familiaridade com os escritos de Martinho Lutero, ele foi persuadido pela verdade da justificação pela fé somente. E através de sua obra no campo da história da igreja, ele foi convencido que o papa não era o cabeça da igreja. Nestes dois pilares havia de repousar muito de sua obra

reformatória.

## **As Fraquezas de Cranmer**

Talvez as fraquezas de Cranmer podem ser melhor descritas como uma certa falta de firmeza e uma indisposição em permanecer no mesmo princípio quando o preço a ser pago era alto. Esta fraqueza havia de importuná-lo até o fim de sua vida.

Isto se manifestou primeiramente em sua participação e aprovação dos adultérios de Henrique VIII.

No último capítulo, lemos sobre o desejo de Henrique VIII em tornar-se livre do seu casamento com Catarina de Aragão, pois ela não lhe deu um herdeiro homem para o trono, e por que sua lascívia por Ana Bolena, uma dama do palácio, ardia fervorosamente. Henrique teria facilmente se divorciado de Catarina e se livrado rapidamente dela, se não fosse pelo fato do papa ter, não apenas desaprovado Henrique, mas tê-lo ameaçado com toda a sorte de coisas terríveis, caso ele se casasse novamente.

Foi por esta questão sórdida que Cranmer foi atraído. No decorrer de uma conversa muito casual, Cranmer expressou a sua opinião a dois dos conselheiros do rei, que poderia provar-se facilmente que o casamento de Henrique com Catarina era ilegal. A razão de Cranmer era que Catarina tinha sido a esposa do irmão de Henrique VIII, e que Levítico no capítulo vinte e verso vinte e um, proibia o casamento no qual Henrique se encontrava.

Rapidamente as ideias de Cranmer foram levadas a Henrique. Em seu deleite, Henrique nomeou Cranmer para a posição de capelão do rei e enviou-o com uma delegação para Itália para tentar persuadir o papa Clemente de sua ideia. Clemente não foi persuadido e terminantemente recusou aprovar o divórcio. Henrique não estava mais à frente dos seus planos.

É um parêntesis interessante nesta parte da vida de Cranmer que, no caminho de volta da Itália para a Inglaterra, ele parou na Alemanha para reunir-se com teólogos luteranos. Esses dois encontros tiveram dois resultados. Cranmer foi instruído nas doutrinas de Lutero de forma mais cuidadosa e minuciosa e casou-se com a sobrinha de Osiander, o pastor luterano de Nuremberg - mesmo que o casamento de clérigos fosse proibido pela Igreja da Inglaterra.

Depois do seu retorno, Cranmer foi nomeado arcebispo da Cantuária, a posição mais

alta na igreja da Inglaterra. Deste posto de poder, Cranmer engenhou o divórcio e o recasamento de Henrique. No dia vinte e três de maio de 1533, Cranmer declarou o casamento de Henrique com Catarina nulo; e cinco dias depois, Cranmer casou Henrique e Ana Bolena em uma cerimônia pública. Digo '*pública*' pois Henrique não pôde esperar para satisfazer sua lascívia e tinha se casado secretamente com Ana mais ou menos cinco meses antes.

A participação de Cranmer nestes eventos sórdidos não cessaram. Cranmer declarou o casamento de Henrique com Ana nulo quando, após apenas três curtos anos, Henrique se enfadou dela. E, se apenas pelo seu silêncio, Cranmer também aprovou que Henrique mandasse cruelmente decapitar Ana. No decorrer dos pecados conjugais de Henrique, Cranmer também teve envolvimento no divórcio de Henrique com Ana de Cleves e na execução de ainda outra esposa, Catarina Howard.

É impossível justificar todos estes atos de Cranmer e não há necessidade de se fazer isto. A mesma fraqueza de caráter manifestou-se de outras formas.

Pelo fato das ameaças do papa ressoarem por toda a Europa, ameaçando Henrique com excomunhão e o posto mais baixo no inferno; Henrique tentou sua defesa declarando que o papa não era o cabeça da igreja, mas o rei da Inglaterra - ou seja, ele mesmo - era o cabeça da igreja. Cranmer havia chego a esta conclusão de forma independente e assistiu Henrique aprovando as leis necessárias e tomando as decisões para tornar isso efetivo. Por um ponto de vista prático, isto significava que dinheiro, dali em diante, não haveria de sair da Inglaterra para Roma sem a aprovação real. Toda a igreja estava agora sob o governo de Henrique, para fazer na igreja aquilo que lhe agradava. E uma das coisas que lhe agradou foi invadir e fechar todos os monastérios, para que pudesse fazer de si mesmo o herdeiro da enorme riqueza encontrada neles.

Devemos manter em mente, entretanto, que a obra reformatória na Inglaterra foi ambígua e complicada. Henrique queria uma igreja livre do controle papal, mas não queria uma igreja protestante; ele era completamente cometido com o catolicismo romano. Mas muitos, Cranmer inclusive, estavam insistindo na Reforma. Quando os dois foram reunidos, gradualmente a igreja progrediu na Reforma, apesar do rei, mas isto foi completamente diferente da Reforma no continente. Nas reformas na Alemanha e Suíça, a igreja foi estabelecida através de uma separação da Igreja Católica Romana. A Reforma da Grã-Bretanha aconteceu por meio da transformação da Igreja Católica Romana em uma denominação protestante. Esta não era uma tarefa de fácil, e nem sempre os esforços foram completamente eficazes. Especialmente em relação à liturgia e governo eclesiástico, a igreja da Inglaterra permaneceu basicamente católica romana - como ainda hoje é a Igreja Anglicana.

Embora fortemente a favor da Reforma, Cranmer era hesitante e devagar em insistir em mudanças necessárias. Quando era necessário agir, ele recuou. Quando Henrique insistia na missa e na transubstanciação, outros reformadores na Inglaterra renunciaram seus postos em protesto, mas Cranmer não. Até mesmo Calvino, em um par de cartas<sup>72</sup> a Cranmer, queixou-se da indolência de Cranmer em reformar o que era necessário. Sem dúvida, Cranmer tinha o interesse de fazer a igreja papista uma igreja protestante, mas o objetivo era mais difícil do que ele tinha pensado previamente. Parte de seu problema era seu respeito pela tradição: ele estava disposto a aceitar uma Igreja Católica Romana reformada pois sua opinião era que a igreja tinha desviado-se por volta do século XII, quando, na verdade, os males da igreja romana começaram muito antes.

Mas a maior fonte de nossa aflição é a fraqueza que Cranmer demonstrou quando foi preso durante o reinado da Maria Sanguinária. Sob pressão incansável, assinou documentos nos quais ele retratou sua opinião e pediu perdão para a igreja papista e ao papa. Falaremos mais sobre isto depois.

## A Força de Cranmer

Narramos apenas um lado da vida e caráter de Cranmer.

Embora os esforços de Cranmer em direção a Reforma nunca tivessem ido longe o suficiente e nunca tivessem sido impulsionados com zelo suficiente - especialmente quando o andamento se tornava difícil -, o que ele fez na obra da Reforma não foi coisa pequena. Ele ajudou o rei Henrique a dificultar as relações entre a Inglaterra e Roma, tornando a Reforma possível. Quando Tyndale morreu por traduzir a Bíblia e fazê-la acessível na Inglaterra, apenas poucos anos depois Cranmer a distribuiu por todo o país e a fez disponível em todas as igrejas locais.

Embora Cranmer se manteve contente com uma forma de governo eclesiástico episcopal e erastiana<sup>73</sup>, na qual o rei era o cabeça, ele pelo menos livrou a igreja dos piores abusos de Roma. Ele fez planos para o treinamento de um ministério efetivo e educado, para tomar o lugar dos estúpidos e supersticiosos prelados romanos, e teve sucesso em colocar alguns de seus planos em ação. Ele tentou comprometer-se em questões sobre liturgia mas teve um papel fundamental na produção do *Livro de Oração Comum da Inglaterra*. Embora este seja escrito para a adoração carregada e altamente litúrgica da Igreja Anglicana, e seja, portanto, inaceitável para aqueles que mantêm os princípios reformados de adoração, qualquer um que queira aprender a

---

<sup>72</sup> Veja as cartas de Calvino à Cranmer em abril de 1552 e no dia dez de agosto de 1552.

<sup>73</sup> Seguidor de Thomas Erastus, que sustentava que o estado deve exercer poder sobre a igreja.

arte da oração pode aprender muito da leitura destas orações bíblicas cheias de doutrina sã e beleza litúrgica. Algumas são estranhas o bastante e citamos algumas das mais curiosas para dar aos nosso leitores uma ideia de como elas são.

#### *Por Chuva*

*"Ó Deus, pai celeste, que por Teu filho Jesus Cristo prometeste a todos os que buscam Teu Reino, e a Sua justiça, todas as coisas necessárias para o sustento do corpo: envia-nos - suplicamos-te - nesta nossa necessidade, chuva moderada que rege, para que recebamos os frutos da terra, para nosso conforto e Tua honra: em Jesus Cristo nosso Senhor."*

#### *Por Clima Bom*

*"Ó Senhor Deus que por uma vez por causa do pecado do homem inundaste todo o mundo, exceto as oito pessoas, e depois prometeste por Tua grande misericórdia nunca mais da mesma forma destruí-lo: humildemente suplicamos-te que, embora tenhamos por nossas iniquidades merecido dignamente esta praga de chuva e águas, ainda, com base nosso verdadeiro arrependimento, Tu nos envie riqueza tal por meio da qual possamos receber os frutos da terra no tempo devido e aprendamos, tanto pela Tua punição a corrigir nossas vidas quanto pela concessão de nossa petição, a dar-Te louvor e glória: em Jesus Cristo nosso Senhor."<sup>74</sup>*

Na área doutrinária Cranmer concordava com os reformadores continentais, particularmente com Calvino. Nas suas cartas à Cranmer, Calvino não repreendeu a Cranmer por sustentar doutrinas errôneas; sua desavença com Cranmer era a lentidão com que Cranmer insistia por uma reforma na igreja. Cranmer sustentava a visão reformada sobre a Ceia do Senhor, ordenava que tanto o pão e vinho fossem distribuídos - algo proibido por Roma - e foi fundamental para a formulação dos Quarenta e Dois Artigos - os que mais tarde tornaram-se os Trinta e Nove Artigos, a confissão oficial da Igreja Anglicana. Esta realmente era uma confissão reformada no quesito doutrinário.

Cranmer recebeu Martin Bucer, Pietro Martire e outros reformadores do continente em sua casa em segredo, e ajudou alguns deles a manter posições de ensino na igreja. Ele trocou inúmeras correspondências com Calvino, Melanchthon e também outros reformadores continentais que, sem exceção, demonstravam respeito para com ele.

---

<sup>74</sup> Extraído do "Second Prayer Book of King Edward VI".

## A Morte de Cranmer

A morte de Cranmer mostrou o verdadeiro caráter de sua fé.

Enquanto Cranmer labutou pela Reforma com certa hesitação durante o reinado de Henrique VIII, ele trabalhou com grande ousadia durante o período em que Eduardo VI reinou. Sua obra chegou a um fim durante o reinado da Maria Sanguinária.

Em 1553, junto a Latimer e Ridley, Cranmer foi mandado para a torre de Londres por suas ideias. Grande pressão foi posta sobre ele para que se retratasse. Por um longo tempo ele se manteve firme. Durante um debate sobre a Ceia do Senhor, escreveu: *"conforme seu julgamento e sentença, eu apelo ao justo julgamento do Todo-Poderoso, confiando que estou com Ele no céu, por cuja presença no altar sou deste modo condenado"*. Mas, como já dissemos, no fim ele, sob pressão, desistiu e se retratou, no ano de 1553. Por causa de sua alta posição, ele foi sentenciado a morte embora tivesse se retratado.

A morte veio em 1556. As autoridades esperavam que ele lesse um anúncio público de sua retratação. Imagine então a surpresa de seus assassinos quando ao invés de publicamente retratar-se ele fez uma confissão pública de seu pecado de retratar-se:

*"Agora chego àquele importante assunto que atribula minha consciência mais do que qualquer outro escrito contrário a verdade que eu cogitei em meu coração, e escrita pelo medo da morte, e para salvar a minha vida, se assim pode ser; e que todas estas notas que tenho escrito ou assinado com minha própria mão desde minha degradação, nas quais escrevi muitas coisas não verdadeiras. E visto que minha mão foi motivo de escândalo ao escrever o que era contrário ao meu coração, portanto minha mão há de ser punida primeiro, pois, se eu for ao fogo, ela há de ser queimada primeiro. E quanto ao papa, eu o rejeito como o inimigo de Cristo e anticristo, com toda a sua doutrina falsa."*

Fiel a sua palavra, quando foi levado a estaca, ele pôs sua mão direita primeiro no fogo. Quando estava sendo queimado, ele levantou sua mão direita e disse: *"Esta mão indigna! Senhor Jesus receba o meu espírito!"*

Esta foi sua hora mais excelente.

Poderoso no reino e na igreja, tendo o ofício eclesiástico mais alto do mundo, debaixo do papa; fraco e vacilante quando deveria ter sido forte, demasiadamente inclinado a

buscar o favor da coroa ao invés do favor de Cristo; não obstante ele deixou um legado que tem sido recebido na igreja por séculos. Embora mais tarde os puritanos se separariam da Igreja Anglicana em relação ao governo eclesiástico e liturgia, eles também reconheceram com gratidão o que Cranmer tinha feito pela igreja na Inglaterra - mesmo que estivessem certos que ele não tinha ido longe o suficiente. Sua nobre morte selou seu testemunho da verdade na medida com que este testemunho fora fiel.



## **Andrew Melville - O Pai do Presbiterianismo**

### **Contexto**

Como vimos no último capítulo, a Reforma nas Ilhas Britânicas difere daquela no continente. Enquanto no continente as igrejas da Reforma deixaram a Igreja Católica para formar novas denominações, nas Ilhas Britânicas a Reforma tentou reformar a própria Igreja Católica Romana de modo a criar uma igreja protestante a partir da antiga instituição. Isto sempre fez com que a Reforma plena se tornasse muito difícil; na verdade, na Inglaterra, a Igreja Anglicana surgiu como a Igreja Protestante, mas manteve uma grande parte da liturgia e do governo da igreja papista.

Na Escócia este mesmo método foi utilizado; e o resultado foi uma contenda gigantesca que durou mais de um século. A contenda foi principalmente entre um governo de igreja basicamente católico romano e um genuíno governo de igreja presbiteriano. Foi nesta contenda que Andrew Melville desempenhou um importante papel.

### **A Juventude e Educação de Melville**

Andrew Melville nasceu em 1545, ele era o mais jovem dos nove filhos de Richard Melville. Richard Melville vivia em uma pequena propriedade às margens do rio Esk do sul, perto de Montrose, cidade na costa leste da Escócia a meio caminho entre Edimburgo e Aberdeen.

Tragédias entraram na vida de Andrew cedo. Quando ele tinha dois anos, ele perdeu seus pais. Seu pai foi morto na batalha de Pinkie e sua mãe morreu mais tarde no mesmo ano. Pelo fato de Andrew ser então um órfão, seu irmão mais velho, um ministro em Maryton, assumiu a responsabilidade por sua educação.

Apesar de Andrew possuir um temperamento um tanto sensível, ele provou ser um aluno excepcionalmente bom. Ele recebeu educação até seus quatorze anos na

escola de gramática em sua cidade natal; depois de completar as suas atividades lá, ele foi para o Saint Mary College em Saint Andrews para mais quatro anos de estudo.

Andrew provou ser um estudante tão excelente que logo ganhou a reputação de ser o melhor filósofo, poeta e erudito de grego entre todos os estudantes universitários da Escócia. O reitor da escola teve um interesse especial por ele, e disse para seguir seus estudos em outro lugar quando deixasse a faculdade: "*Meu pobre menino, órfão de pai e mãe, é difícil de compreender o que Deus ainda pode fazer de ti*".

Quando Andrew tinha dezenove anos, ele foi estudar no exterior, primeiro em Paris por dois anos e depois em Poitiers, cidades da França. Ele decidiu estudar direito, não porque tivesse alguma intenção de entrar na advocacia, mas por causa da disciplina mental que o estudo de direito requeria. Sua reputação precedeu-lhe em Poitiers, e assim que ele chegou foi convidado a assumir um cargo de professor. Depois de três anos, os problemas entre os protestantes e os católicos romanos fizeram com que fosse aconselhável a ele ir para outro lugar. Ele escolheu Genebra, e em 1567, começou a sua estadia de sete anos, a qual possivelmente foi o tempo mais feliz e despreocupado de sua vida. Beza, o sucessor de Calvino e reitor da academia, ofereceu-lhe a cadeira de Ciências Humanas, e em Genebra ele aproveitou seu trabalho, seu ambiente, seus alunos e seus contatos com os grandes homens da Reforma de Calvino. Ali, ele teria apreciado ficar, mas uma chamada urgente de seus amigos da Escócia convenceu-lhe de que Deus havia lhe designado um cargo e trabalho em sua pátria, a qual ele não poderia desprezar.

## O Início da Contenda

A primeira assembleia geral das igrejas escocesas se reuniu em 1560, sob a liderança de John Knox. Esta assembleia geral adotou uma confissão e preparou um livro sobre a ordem da igreja. Knox passou todos os últimos anos de sua vida lutando para estabelecer uma igreja na Escócia, a qual seria calvinista em doutrina, liturgia e governo da igreja. Mas as forças que se opunham a ele, especialmente nas áreas da liturgia e do governo de igreja, eram fortes. A monarca, Maria Stuart, rainha da Escócia, foi um perpétuo obstáculo.

No momento em que Melville retornou à Escócia, Knox tinha morrido há dois anos, James VI estava sentado no trono - mais tarde se tornou James I da Inglaterra, nome o qual posteriormente foi dado a versão autorizada da Bíblia em inglês - e a igreja estava sendo governada por uma espécie de regime da elite, composto por elementos do presbiterianismo e episcopado, este último em uma forma de governo de igreja bem parecido com o de Roma, embora sem o papa.

Os notáveis talentos de Melville foram logo reconhecidos, juntamente com sua devoção ao presbiterianismo e sua ameaça ao episcopado. Morton, regente do rei, entendeu - possivelmente melhor do que ninguém - que tipo de ameaça Melville poderia ser. Após a chegada de Melville, Morton ofereceu-lhe uma posição de tutor privado na corte do regente, com promessas de um bom salário e promoção. Se Melville tivesse aceitado, provavelmente ele teria se tornado um inimigo da igreja de Cristo em sua terra. Mas ele viu o perigo e ao invés disso, aceitou a posição de diretor da Universidade de Glasgow, oferecida a ele pela assembleia geral da igreja. Isto iniciou seu trabalho ativo em sua terra natal.

Logo ele estava profundamente envolvido nos assuntos da igreja. Ele reorganizou o colégio no qual era diretor, como professor de teologia presenciou as assembleias eclesiásticas, envolveu-se nas reuniões dentro da igreja e reuniões entre a igreja e o Parlamento, ou a igreja e o rei.

A estadia de Melville em Genebra, onde os princípios bíblicos do governo da igreja haviam sido desenvolvidos e praticados por Calvino e pela comitiva de pastores, convenceu-lhe de que o presbiterianismo era o único sistema de governo de igreja bíblicamente autorizado, e ele começou então a esforçar-se ao máximo para estabelecer tal sistema bíblico na Escócia. Isso o colocou em conflito direto com o rei e sua corte. Morton, o qual inicialmente tinha oferecido a Melville uma posição lucrativa na corte, agora havia se tornado o inimigo mais implacável de Melville.

A coragem de Melville era bem conhecida no país. Em uma ocasião, quando Morton ameaçou Melville de maneira extraordinariamente feroz - as ameaças de Morton já tinham feito homens corajosos intimidarem-se - Melville respondeu:

*"Ora homem! Profira ameaças à seus cortesãos. Para mim dá no mesmo se eu apodrecer no ar ou no chão; eu tenho vivido fora de seu país, bem como nele. Que Deus seja louvado; você não pode nem suspender nem exilar Sua verdade!"*

Nos levaria para longe do nosso objetivo se fôssemos descrever em detalhes a longa contenda entre o rei e a igreja, posteriormente com Melville a liderando. A questão não era apenas se o episcopado ou o presbiterianismo deveria ser o governo da Igreja, a questão também era se James Stuart, rei da Escócia e da Inglaterra, deveria governar a igreja de Cristo. Assim como na Inglaterra, o rei - ou rainha - era o cabeça da igreja, assim também James estava insistindo que o rei da Escócia fosse supremo em todos os assuntos de governo da Igreja. Essa suposição não poderia ser tolerada pelos homens preocupados com que Cristo reinasse na Igreja como único Cabeça da Igreja.

Em sua firme insistência de que não era o rei James, mas sim Cristo o Cabeça da Igreja, eles se posicionaram a favor de uma grande verdade. Melville foi escolhido como líder de uma delegação para trazer ao rei o protesto do Sínodo de Fife contra as usurpações reais da autonomia da igreja. James não estava impressionado. Após o rei ter expressado seu descontentamento, o próprio Melville estabeleceu o princípio em palavras que se tornaram famosas:

*"Tratante, tu és o servo tolo de Deus; há dois reis e dois reinos na Escócia: há o rei James, o líder da comunidade, e há Jesus Cristo, o Rei da Igreja, de cujo súdito James VI é, e de cujo Reino ele não é nem rei, nem senhor, nem cabeça, mas um membro."*

Em 1584, assuntos chegaram ao limite onde algo deveria ser feito. Melville foi convocado perante o conselho privado por pregar um sermão na assembleia geral da igreja, no qual ele condenou as medidas tiranas da corte. Ele foi acusado de alta traição e ameaçado de ser preso. Embora Melville tenha aparecido como indicado, ele negou ao conselho privado o direito de julgá-lo até que ele tivesse sido julgado por um tribunal eclesiástico. Isso enfureceu tanto o líder do conselho privado que ele perdeu completamente a paciência. Melville, de forma tranquila, pegou sua Bíblia do cinto e colocou-a sobre a mesa, dizendo aos seus acusadores: *"Estas são as minhas instruções: vejam se algum de vocês pode julgar a partir delas, ou mostrar-me que violei meus deveres"*.

Embora em 1578, o segundo livro de disciplina, o qual autorizou que um presbiterianismo puro fosse adotado pela assembleia geral, e embora este tenha se tornado o padrão das igrejas presbiterianas e tenha sido juramentado na Liga e Pacto Solenes de 1581, James VI venceu a batalha contra Melville. O sucesso do presbiterianismo teria que esperar por um dia melhor.

Quando James estava em Londres, ele convocou Melville a Londres com segundas intenções, e na primeira oportunidade mandou prendê-lo. Melville foi mantido na torre de Londres por quatro anos, torre famosa pelo aprisionamento e tortura dos reformadores, os quais sofreram pela causa do Evangelho. O primeiro ano foi o pior, pois ele foi privado de todo tipo de oportunidade para se comunicar com outros. Em seguida, os rigores de seu confinamento diminuíram um pouco e ele foi autorizado a receber visitantes e corresponder-se da prisão com seus colegas de ministério. Homens de destaque aconselharam-se com ele, e ele fez uso de seu aprisionamento, assim como Paulo, para a propagação do Evangelho - v. Fl 1:13, 14.

Com a idade de sessenta e seis anos, Melville foi solto. Embora seu coração clamasse pela Escócia, e embora ele desejasse que seus ossos fossem enterrados em sua terra natal, o rei terminantemente recusou, e Melville foi forçado a ir à França

para passar seus últimos anos em exílio. Neste ponto a história o perdeu e embora ele tenha morrido por volta de 1622, com cerca de setenta e sete anos, nada se sabe sobre seus últimos dias ou a data de sua morte. Ele morreu sozinho, um exilado pela causa do Evangelho, sem família ou amigos para lamentarem sua morte.

Um de seus biógrafos resumiu a vida de Andrew Melville. Embora reconhecendo que Melville era de baixa estatura e fisicamente um pouco frágil, ele disse:

*"Como pregador da Palavra de Deus, ele era talentoso em um grau muito elevado - zeloso, incansável, preparado a tempo e fora de tempo, e eminentemente bem-sucedido - e como um santo de Deus, ele era uma carta viva do poder da religião no coração. Sadio na fé, puro em moral, ele falava favoravelmente do Evangelho através de sua vida e conversa - ele lutou o bom combate, e assim como um feixe recolhido em seu devido tempo, assim ele deu adeus a esta vida mortal, pronto para a glória eterna. Se John Knox libertou a Escócia dos erros e superstições do papado, Andrew Melville contribuiu de forma relevante, por meio de sua coragem, exemplo e conselho, para resistir, até a morte, a propagação de uma forma de adoração incompatível com a personalidade escocesa."*

Alguns nobres homens de Deus morreram desconhecidos e não foram reconhecidos enquanto ainda vivos, especialmente quando homens maus subiram ao poder, mas o legado de suas obras tem sobrevivido aos séculos e chegou até nós como um encargo sagrado.



# Pós-Reforma na Grã-Bretanha | 1600 - 1700



Reinado de **Tiago VI** • 1578-1603  
Fim do Reinado de **Elizabeth I** • 1603  
Reinado de **James I** • 1603-1625

Bíblia **King James** • 1611

**Liga e Pacto Solenes** • 1638

1ª Ig. Presbiteriana na Irlanda • 1642

**Ass. de Westminster** • 1643-1652

Obra **Lex Rex** de Rutherford • 1644

**Paz de Vestfália** • 1648

O rei **Carlos I** é decapitado • 1649

**Oliver Cromwell** é o  
Lorde Protetor • 1653-1658

Reinado de **Carlos II** • 1660-1685

A **Lei dos Conventículos** é aprovada  
contra os não-conformistas • 1664

**James II** é deposto • 1688  
**Batalha do Boyne** • 1690

1575

**Alexander Henderson** ★ 1583 † 1646

1600

**Samuel Rutherford** c. ★ 1600 c. † 1660

1610

1625

**Margarete MacLauchlan** c. ★ 1625 † 1685

**John Bunyan** ★ 1628 † 1688

1640

1650

1660

**Margarete Wilson** c. ★ 1667 † 1685

1670

1700



## Alexander Henderson - O Pactuário

### Introdução

O presbiterianismo foi estabelecido na Escócia somente após amargas batalhas. Se Andrew Melville, cuja vida discutimos no último capítulo, foi o pai do presbiterianismo, Alexander Henderson, mais do que qualquer outro, foi o responsável por estabelecê-lo firmemente na igreja da Escócia, apesar do fato que mesmo após sua vida a batalha persistiu por alguns anos.

Os reis da família Stuart estavam no trono escocês, e todos eles eram fortes defensores do direito divino dos reis, e queriam ser os monarcas absolutos que seus antecessores tinham sido. Especialmente James VI, que depois da morte de Melville, reivindicou fortemente um monarca absoluto, e sua política foi seguida por Carlos I.

Os Stuarts estavam, corretamente, convencidos que o presbiterianismo era uma ameaça a sua reivindicação de um governo absoluto. Os Stuarts favoreciam o que era conhecido como prelado, a forma de governo eclesiástico praticado na igreja anglicana da Inglaterra, um sistema de governo eclesiástico praticamente igual ao governo de Roma, com arcebispos, bispos e baixo clero. Os presbiterianos escoceses estavam convencidos, da mesma forma, que tais formas hierárquicas de governo eclesiástico eram contrárias a toda Escritura e eles estavam determinados a resistir quaisquer esforços dos Stuarts para impor o prelado em sua terra e igreja, se necessário até a morte.

Com Melville fora do caminho, a família Stuart, embora ainda enfrentando a oposição de alguns, quase conseguiu silenciar os ministros presbiterianos. Eles fizeram uso de ameaças e punições de aprisionamento e banimento, subornaram ministros indecisos prometendo-lhes bispados; e enviaram homens recalcitrantes para partes remotas da Escócia onde sua influência era nula.

O problema era que junto ao prelado vieram outros males: o direito dos reis de dominar os assuntos eclesiásticos, práticas litúrgicas episcopais nos cultos de adoração e frequentemente a pavorosa heresia do arminianismo. Todas estas coisas

amargavam a alma dos presbiterianos, cujo único desejo era adorar a Deus de acordo com o mandamento das Escrituras.

## O Início da Vida de Henderson e Seu Chamado

Foi nesta situação que Alexander Henderson nasceu, em Fifeshire, por volta do ano de 1583. Nada se sabe do início de sua vida. Ele viveu em anonimato até que começou seus estudos em Saint Andrews. Ele recebeu seu Mestrado em Artes em 1603, e por ter adquirido rapidamente a reputação de uma mente brilhante, ele recebeu a cadeira de professor de filosofia em Saint Andrews.

Ali, ele poderia muito bem ter vivido uma vida tranquila e confortável, aproveitando a honra e a renda de uma posição de prestígio e não dando muito importância a luta de vida ou morte que estava acontecendo na igreja. Ele era um homem que, sem muita reflexão, apoiava o prelado e nunca realmente considerou que alguém poderia ser tão preocupado sobre problemas mínimos a ponto de fazer um rebuliço sobre a questão.

Porém, Deus tinha outros desígnios para ele. Estes planos começaram a tornar-se mais claros quando em 1615, Henderson foi feito um ministro do Evangelho na região de Leuchars. Se não fosse pelo fato de que as pessoas daquela região eram sólidos presbiterianos, que não tinham a intenção de permitir um prelado episcopal no seu púlpito, isto não significaria muita coisa. No dia da ordenação de Henderson, eles trancaram as portas e forçaram Henderson e sua comissão a entrar na igreja por uma janela.

Havia pura ironia divina nos acontecimentos que se seguiram. Robert Bruce, um presbiteriano convicto, atraía ao seu ministério multidões tão grandes que Henderson tinha a intenção de secretamente ir ouvi-lo para aprender, se possível, o segredo da popularidade de Bruce. Após Bruce ter subido ao púlpito, ele leu o seu texto em um momento apropriado, que dizia: *"Eu lhes asseguro que aquele que não entra no aprisco das ovelhas pela porta, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante"* - Jo 10:1. Alexander Henderson não podia deixar de lembrar como ele próprio havia entrado na igreja onde era pastor quando foi pela primeira vez a Leuchars. Ele estava tão ferido em sua consciência que ele se retratou daquele culto envergonhado, foi para o seu escritório para ponderar o que Bruce tinha falado e se tornou convencido diante de Deus que o presbiterianismo era a única forma de governo eclesiástico e adoração sancionados pela Sagrada Escritura.

Com essa conversão notável, a Escócia ganhou um de seus mais ardentes e impetuosos defensores da causa de Deus.



## A Luta de Henderson pelo Presbiterianismo

Daquele momento em diante a vida de Henderson foi devota à causa do presbiterianismo escocês, façamos menção de alguns eventos marcantes em uma vida de serviço dedicado.

Na Assembleia Geral de 1618, as forças do prelado na Escócia tiveram uma vitória medíocre quando a assembleia decidiu, sob a pressão do rei e de seus ministros, impor sobre as igrejas várias práticas episcopais, que incluíam o ajoelhar-se para receber o sacramento da Ceia do Senhor, batismo particular nas casas ou na igreja fora de cultos de adoração, administração privada da Ceia do Senhor, confirmação episcopal de clérigos e a celebração de vários feriados cristãos.

Quando o pastor de Leuchars opôs-se a estas inovações episcopais, ele foi sumariamente convocado a defender-se diante da imponente Corte da Alta Comissão do rei, em Saint Andrews. A defesa de sua posição foi tão eficiente que a Alta Comissão recusou fazer qualquer coisa a mais em relação à ele apesar da sua oposição aos decretos da assembleia.

Algo da mesma natureza aconteceu quase vinte anos depois quando tentaram forçar Henderson, em particular, a fazer uso da liturgia episcopal ao invés da liturgia simples usada pelos presbiterianos por todo o país, que conseguiram resistir com sucesso aos melhores esforços do rei.

No primeiro dia de março de 1638, algo de extrema importância aconteceu. Foi a assinatura da Liga e Pacto Solenes, no cemitério da igreja de Greyfriars em Edimburgo. Este foi na verdade o segundo Pacto Nacional, as vezes chamado de "*A Renovação do Pacto*". Nele estava incluído o "*Primeiro Pacto Nacional*" ou o "*Pacto do Rei*". Este era um documento bem pequeno que foi assinado e jurado por grandes multidões de pessoas de todas as partes da Escócia e de todas as posições e classes sociais do povo escocês. Era um momento solene na história da Escócia, pois este documento comprometia os que o tinham assinado, sob juramento, a serem fiéis a fé reformada, a serem leais ao rei e as liberdades e leis do reino e a resistir ao papismo e a todo esforço a impor o prelado sobre eles.

Foi esta Liga e Pacto Solenes que deu àqueles que a assinavam e aos subsequentes presbiterianos o nome de "*pactuários*". Alexander Henderson era um dos principais responsável pelo documento, um dos signatários.

Através dos esforços de presbiterianos convictos, os fiéis conseguiram maioria na Assembleia Geral de 1638, na qual Henderson foi escolhido como moderador. Embora a assembleia tivesse enfrentado o protesto, resistência e oposição de bispos e embora ela tivesse sido oficialmente dissolvida pelo rei, ela continuou a reunir-se até que tivesse excomungado com sucesso bispos da oposição e adotado decisões favoráveis ao presbiterianismo estrito.

Foi nesta reunião que Henderson, em um discurso eloquente, definiu o que no julgamento dos presbiterianos era a responsabilidade do rei em relação à igreja. Citamos alguns pedaços deste discurso que dão alguma indicação da posição que estes homens tomaram nesta complicada questão da relação entre a igreja e o estado.

*"[...] Ao rei cristão pertence: (1) A inspeção sobre as questões da igreja [...]. (2) A vindicação da religião [...] sendo ele o protetor da primeira tábua da lei. (3) [...] Confirmar [...] as constituições da igreja [...] e dar à estas a força da lei. (4) Ele tanto pode quanto deve compelir os homens da igreja no cumprimento dos deveres que Deus deles requer. (5) O poder coercivo também pertence ao príncipe [...]. (6) O magistrado crítico tem o poder de convocar assembleias [...] e nestas [...] seu poder é distinto [...]."*

Mas a igreja também acreditava firmemente que tinha determinados direitos e responsabilidades em relação ao rei que foram colocados em prática por Henderson e pelos presbiterianos.

Quando Carlos I recusou terminantemente dar aos presbiterianos qualquer liberdade em suas práticas, a guerra contra o rei surgiu na Inglaterra. As forças opostas ao rei foram dirigidas pelo parlamento, no qual o partido anti-prelado, ou puritano, tinha ganhado poder. Os homens da Escócia estavam preparados a juntarem-se aos seus irmãos na Inglaterra na guerra civil que certamente viria. Henderson se tornou de fato um capelão nestas forças que ganharam muitas vitórias sobre as tropas da realeza.

Não é o nosso objetivo revisar todos os acontecimentos daquela guerra. Qualquer menino de escola - na América ou Reino Unido - sabe como Oliver Cromwell e seus *cabeças-redondas*<sup>75</sup> eventualmente derrotaram o rei, que fugiu para Escócia para sua própria segurança. Todos sabem como ele foi entregue aos ingleses que o decapitaram prontamente e estabeleceram o estado livre com Cromwell como líder.

## Os Últimos Anos de Henderson

---

<sup>75</sup> Do inglês *Roundhead*. Assim eram conhecidos os membros da oposição ao governo de Carlos I.

Mais dois eventos podem ser mencionados brevemente. A medida que o parlamento em Londres guiava a guerra contra Carlos, o parlamento assumiu também o dever de restaurar o presbiterianismo na Inglaterra e Escócia. O método usado foi convocar uma assembleia de teólogos para fazer isto acontecer. A assembleia de teólogos que veio à Londres por convocação do parlamento, tornou-se conhecida como a Assembleia de Westminster, aquele ilustre e famoso grupo de teólogos presbiterianos. Henderson foi enviado para esta assembleia como um delegado da Escócia, e nela labutou diligentemente pelos objetivos do parlamento. Trataremos mais sobre esta assembleia no próximo capítulo.

Em 1645, antes da derrota final de Carlos, Henderson passou um tempo, a pedido pessoal do rei, nas negociações com o rei, na intenção de parar a guerra civil e trazer paz ao estado. Os esforços foram infrutíferos, porém isto só ficou claro mais tarde, pois durante as negociações o rei não abriu mão do episcopado, então Henderson pediu licença para retornar a seu lar, em Edimburgo. Sua condição física foi danificada por causa do trabalho excessivo e ele estava fraco demais para continuar nestas batalhas árduas com o rei da Inglaterra.

Henderson retornou para casa, mas morreu oito dias depois de seu retorno, no dia dezanove de agosto de 1646, em Edimburgo. Ele foi enterrado no cemitério de Greyfriars, onde até hoje encontra-se um monumento em homenagem aos seus trabalhos fiéis.

Henderson estava entre aqueles que foram testados até o limite na fidelidade de seu chamado a obedecer a Deus ao invés de homens. A resposta que deram os põe na lista dos heróis da fé celebrada pela Escritura.

## **Samuel Rutherford - O Teólogo de Westminster**

### **Introdução**

Todos os estudantes da história da igreja estão de acordo que, desde o tempo dos apóstolos até hoje, a história da igreja de Cristo nunca viu duas tão grandes reuniões como o Sínodo de Dort e a Assembleia de Westminster. É uma coisa surpreendente que ambas tenham sido realizadas na primeira metade do século 17 - de fato houve um espaço de tempo de vinte e cinco anos entre as duas. Os tempos devem ter sido particularmente importantes ou perigosos para a igreja de Cristo para que Deus desse ao seu povo duas assembleias como o mundo nunca havia conhecido. Foi uma época excepcional.

No último capítulo, falamos de Alexandre Henderson, um representante escocês na assembleia. Enquanto Deus abençoou a Assembleia de Westminster com muitos grandes homens, outro ministro escocês desempenhou um papel proeminente. Nós escolhemos contar um pouco da Assembleia de Westminster através de um esboço da vida deste admirável homem de Deus, Samuel Rutherford.

### **Início de Sua Vida e Trabalho**

É estranho que se sabe mais sobre o início da vida de alguns santos na Idade Média do que sobre o início da vida desses homens de Deus que foram fundamentais na obra da Reforma na igreja. Da mesma forma é com Samuel Rutherford. Sua infância está perdida na névoa dos séculos esquecidos.

Rutherford nasceu por volta de 1600, em uma pequena comunidade rural perto de Nesbit, na parte sul das Terras Baixas da Escócia, no presbitério de Judburgh. Seus pais eram agricultores e ele era um de três filhos. A medida da mentalidade espiritual e do temor a Deus da família permanece um mistério. Há razões para acreditar que Samuel não recebeu muita instrução espiritual e que sua conversão ocorreu em uma data posterior. Uma velha história, no entanto, menciona o fato de que ainda criança,

ele foi, por pouco, salvo de afogar-se em um poço, e em gratidão a Deus, seu pai dedicou Samuel ao serviço de Cristo.

Mesmo os detalhes da educação infantil de Rutherford estão perdidos no passado. Ele provavelmente recebeu seu treinamento inicial em uma antiga abadia de Jedburgh, e passou, com a idade de dezessete anos, para a Universidade de Edimburgo. Três anos mais tarde ele se formou com grau de Mestre em Artes, e foi contratado pela universidade em 1623, como regente de Ciências Humanas. Este cargo era a menor função que alguém poderia ter na faculdade. O professor era responsável por ensinar latim para os alunos que entravam na faculdade, porque toda a instrução era dada em latim e o aluno, obviamente, tinha que dominar o latim para obter educação.

Havia quatro cadeiras superiores de filosofia, e os professores em posições mais baixas poderiam candidatar-se para qualquer uma dessas quatro cadeiras quando uma vaga aparecia. E, na primeira vaga, quatro professores se aplicaram, inclusive Rutherford.

É uma medida da ênfase colocada na educação clássica na época da Reforma, que os quatro foram obrigados a falar por quase uma hora em um dado trecho de *Odes de Horácio*<sup>76</sup>, um poeta latino do século I, e o mais capaz de fazer isso foi escolhido. Rutherford ganhou sem dificuldade. Ele estava a caminho de se tornar um classicista sem religião genuína, mas ele tinha, sem saber, trabalho a fazer no Reino de Deus.

O mandato de Rutherford não durou muito tempo na Universidade de Edimburgo, pois em 1625, ele foi convidado a demitir-se por algo que era, aparentemente, um delito moral. Isso de forma bastante eficaz pôs fim a todos os seus anseios e esperanças de uma carreira nas universidades da Escócia. É evidente que ele carregava o fardo desse lapso com ele, pelo que mais tarde escreveu a um jovem:

*"As cinzas antigas dos pecados da minha mocidade são fogo recente de tristeza para mim [...]. O diabo [...] deve ser muito temido [...], pois na juventude ele acha galhos secos, e brasas secas, e uma lareira de pedra quente, e tão cedo quanto pode, ele atea fogo com seu isqueiro, e com o seu fole ele explode, e atea fogo na casa!"*

Este lapso e demissão devem ter feito uma profunda impressão sobre Rutherford, e parece que o Senhor usou essa loucura para trazê-lo ao verdadeiro arrependimento e conversão. Ele resolveu entrar no ministério pastoral, e começou a estudar para o ministério na Universidade de Edimburgo.

---

<sup>76</sup> *Odes*, ou, *Carminas de Horácio*, são livros de poemas líricos de Quinto Horácio Flaco.

## Ministério em Anwoth

Em 1627, Rutherford assumiu o pastorado de uma pequena região rural na bonita área de Anwoth, na parte sudoeste da Escócia, onde ministrou a poucas famílias de agricultores e poucos da nobreza espalhados por toda a área. John Welsh, um genro de John Knox, tinha trabalhado muito nesta paróquia até o ano de 1600.

A história de John Welsh é em si mesma uma história de luta constante entre os fiéis da Escócia e os reis da família Stuart. Um incidente, uma espécie de parênteses em nossa história, vai ilustrar toda a questão. Depois de Welsh ter sido preso e mais tarde exilado na França, ele foi autorizado a voltar para a Inglaterra. Em 1621, sua esposa foi admitida à presença de James I. Um cronista da época descreve a entrevista.

O rei a perguntou a ela quem era seu pai, e ela respondeu: "*John Knox*".

- "*Knox e Welsh*", ele exclamou, "*o diabo nunca fez tal par como esse!*"

- "*Parece que nunca mesmo, senhor*", disse ela, "*pois nós nunca pedimos a opinião dele.*"

Ele então perguntou quantos dos filhos de John Knox ainda estavam vivos, e se eram rapazes ou moças. Ela disse a ele que havia três, e que todas eram moças.

- "*Deus seja louvado*", exclamou o rei, levantando as duas mãos, "*porque, se tivessem sido três rapazes, eu nunca teria aproveitado meus três reinos em paz.*"

Ela pediu ao rei para deixar seu marido voltar para a Escócia e para deixá-lo respirar o ar da sua terra.

- "*Dar-lhe seu ar nativo!*", disse James; "*Dê a ele o demônio!*"

Mas a perspicácia dela brilhou com indignação quando replicou: "*Dê isso a seus bajuladores famintos*".

Finalmente, o rei disse que ele poderia voltar se ele se apresentasse primeiro aos bispos. Ela levantou o avental, o estendeu, e replicou no mesmo espírito de seu pai: "*Por favor, Vossa Majestade, eu prefiro manter*

*sua cabeça lá".*

O ministério de Rutherford em Anwoth durou nove anos e foi muito abençoado. Sua fama como um fiel pregador do Evangelho espalhou-se, e as pessoas vinham de grandes distâncias para ouvi-lo pregar. Mas seu ministério também foi cheio de grandes tristezas. Sua esposa morreu depois de uma longa e dolorosa doença. Sua mãe que tinha vindo para ficar com ele, também morreu em Anwoth. Seus dois filhos foram enterrados nas encostas de Anwoth, e ele ficou muito doente durante três meses, de tal modo que ele teve dificuldade para pregar ainda que fosse apenas uma vez no dia do Senhor.

Muitos visitantes da terra passavam por Stranraer, especialmente os viajantes entre a Escócia e a Irlanda, que não era muito distante de Anwoth, ali ficava o porto de viagem mais próximo da Escócia para a Irlanda. O famoso Bispo Ussher, bispo de Dublin, na Irlanda, estava presente em um culto de adoração, tendo ouvido a fama de Rutherford, foi sem ser reconhecido.

### **Exílio em Aberdeen**

Mas Rutherford teve dores ainda maiores para enfrentar. Ele era um adversário feroz do episcopado e do arminianismo que quase sempre acompanhava isto. Ele foi convocado para ser julgado pelo Tribunal da Alta Comissão em 1636, por causa de um livro que ele escreveu contra o arminianismo. Considerado culpado, ele foi proibido de pregar ou ensinar e foi banido para Aberdeen nas Terras Altas da Escócia, uma cidade que era uma fortaleza do episcopado.

Neste exílio em Aberdeen ele foi evitado pelos bons cidadãos da cidade que temiam a ira do rei e seus servos. Mas ele voluntariamente suportou esse opróbrio de Cristo, e escreveu a um amigo:

*"Essa honra pela qual eu tenho orado por estes dezesseis anos, em submissão à vontade do meu Senhor, meu gentil Senhor tem agora concedido a mim, de até mesmo sofrer por meu real e esplêndido Rei Jesus."*

Os dois anos gastos ali não foram anos ociosos, contudo, durante aquele tempo ele escreveu centenas de cartas que foram enviadas a todas as partes das ilhas britânicas, agora estas estão reunidas em um único volume, e contém algumas de suas melhores obras.

## Professor em Saint Andrews

Depois de dois anos, com o ressurgimento do presbiterianismo em conexão com a assinatura da Liga e Pacto Solenes, Rutherford se sentiu livre para deixar Aberdeen e voltar para a sua amada congregação em Anwoth. Depois de estar lá por pouco tempo, foi-lhe oferecida a cadeira de Divindade em Saint Mary's College em Saint Andrews. Ele resistiu tenazmente, pois seu coração não estava no ensino, mas sim no ministério pastoral. Mas ele não tinha escolha na questão, ele consentiu em ir somente se ele tivesse autorização para pregar em Saint Andrews, além de suas responsabilidades de ensino. Ele disse aos membros da Comissão: "*Existe um 'ai de mim se eu não pregar o Evangelho', e eu não conheço ninguém que possa estar entre mim e esse 'ai'.*" Esta permissão foi concedida, e ele se mudou para Saint Andrews, uma influente paróquia no centro da vida da igreja na Escócia.

Ali ele se casou novamente, com Jean McMath, mas este casamento também foi preenchido com muita tristeza. Apesar de sua esposa ter vivido mais do que ele, ele perdeu seus filhos através de mortes precoces. Os dois primeiros morreram enquanto ele estava fora, em Londres participando da Assembleia de Westminster, apenas uma das mais de cinco crianças dadas a ele, viveu. Deus, no entanto, usa também o sofrimento de um homem para o conforto dos outros. Para quem perdeu um filho, ele escreveu: "*Seu Senhor pode reunir as Suas rosas e agitar Suas maçãs na época do ano que lhe agrada*". E a outro, ele escreveu: "*Eu sei que há uma verdadeira tristeza que é sem lágrimas, e eu sei que há uma tristeza real que é além das lágrimas*".

Rutherford começou seu novo trabalho em Saint Andrews com vigor e favor. Ele permaneceria nesta posição pelo resto de sua vida, embora ele haveria de ser útil em toda a Escócia.

## O Trabalho em Westminster

Quando os puritanos da Inglaterra conseguiram o poder no parlamento na Inglaterra, eles decidiram trazer o verdadeiro presbiterianismo a todo o reino. A fim de alcançar este nobre objetivo, eles convocaram uma assembleia de teólogos de todas as partes da Grã-Bretanha para este trabalho. Esta assembleia se tornou conhecida em toda a história como a Assembleia de Westminster.

Não é nosso propósito dar uma história detalhada desta assembleia. Estamos particularmente interessados com o papel desempenhado por Samuel Rutherford, e



mesmo este, apenas resumidamente. Que seja dito claramente, porém, que, com a possível exceção do Sínodo de Dort, uma assembleia de teólogos ortodoxos maior do que esta jamais foi convocada; de fato, a assembleia definiu a confissão, liturgia e governo para todo presbiterianismo genuíno em todo o mundo em toda as gerações seguintes. Sua sombra tem sido longa e universal. Os presbiterianos escoceses foram convidados a enviar representantes para esta assembleia. Samuel Rutherford foi escolhido, uma indicação da grande estima que todas as igrejas escocesas tinham por ele.

Durante quatro anos a assembleia reuniu-se na sala Jerusalém da Abadia de Westminster, em Londres. Ali em Londres, Rutherford permaneceu durante todo o tempo, separado de sua família. Esta é uma medida da devoção à causa de Cristo que este homem possuía, que durante os quatro anos de separação de sua família, ele não retornou para casa quando os dois filhos que teve com sua segunda esposa morreram, ele voltou para uma casa sem crianças e com uma mulher que tinha lamentado sozinha.

Sentado ao lado de seu amigo e companheiro escocês, George Gillespie, Rutherford prestou um serviço inestimável à assembleia. Esta teve que determinar o tipo de governo de igreja que iria prevalecer na Inglaterra. Não eram apenas os presbiterianos que estavam sendo representados na assembleia, mas os congregacionalistas independentes e os erastianos também. Os congregacionalistas propuseram uma forma de governo da igreja em que nenhuma federação de igrejas teria qualquer autoridade absoluta, mas cada congregação teria alguma forma de lei em si mesma. Os erastianos, por outro lado, preferiram uma igreja controlada pelo estado, em que assuntos eclesiásticos seriam regulados pelo rei. Rutherford lutou longa e duramente pela forma presbiteriana de governo da igreja, a qual finalmente prevaleceu.

A Confissão de Westminster foi o resultado doutrinário desta assembleia. Seu som e ortodoxia vigorosa, no entanto, não aconteceram facilmente. Sem dúvida, a maior ameaça para uma posição profundamente ortodoxa foi representada pelo "*amiraldismo*"<sup>77</sup> que ensinava um universalismo hipotético na obra da salvação e da obra expiatória de Cristo, e insistia em um amor universal de Deus e um desejo de Deus em salvar todos os que ouvem o Evangelho. Mais uma vez, Rutherford foi terminantemente contra a tal perversão do Evangelho e lutou na linha de frente pelas declarações claras e bíblicamente sãs da confissão, como a temos hoje.

Apenas após 1646, foi que Rutherford foi capaz de sair de Londres. A Câmara dos Lordes estava tão impressionada com o seu trabalho que enviou uma carta para as igrejas escocesas em sua partida que dizia em parte:

---

<sup>77</sup> Sistema soteriológico que leva o nome do teólogo francês, Moïse Amyraut, ligado a Escola de Saumur. Afirma o "*universalismo hipotético*" em oposição à expiação particular.

*"Nós não podemos deixar de restaurá-lo com um amplo testemunho de sua erudição, piedade, fidelidade e diligência, e nós humildemente oramos ao Pai dos espíritos para aumentar o número de luzes ardentes e brilhantes como esta entre vós."*

## **Anos de Declínio**

Após seu regresso à Escócia em 1648, Rutherford se tornou diretor do Saint Mary's College, em Saint Andrews, e em 1651, tornou-se reitor da universidade. Nesse tempo sua fama espalhou-se amplamente no exterior, e em 1648, Rutherford recusou uma nomeação para a presidência da cadeira em Divindade em Hardewyck na Holanda. Os holandeses teriam gostado muito de tê-lo, e em 1651, ele recebeu duas vezes a nomeação para a presidência da cadeira em Divindade em Utrecht. Mas seu coração estava ligado a sua pátria e ambas as nomeações foram recusadas.

Nos anos seguintes, a vida de Rutherford foi mais uma vez preenchida de tristeza. Carlos I foi derrotado pelos exércitos de Cromwell em solo inglês e Carlos tinha fugido para a Escócia. Posteriormente, ele foi entregue aos ingleses, que o decapitaram. Mas os êxitos de Cromwell não resolveram os problemas da Escócia, e os presbiterianos na Escócia estavam amargamente divididos sobre a questão da atitude que as igrejas escocesas pensavam que eles deveriam tomar em relação às tropas de Cromwell. Os presbiterianos foram divididos, muitas amizades foram quebradas, e severidade amarga e combate seguido, no qual Rutherford se viu em posição minoritária. Não era de se admirar que os cidadãos escoceses foram os primeiros a receberem Carlos II de volta ao trono, mesmo que ele fosse outro Stuart.

Carlos II subiu ao trono com sérias promessas de guardar a Liga e Pacto Solenes, mas como era verdade sobre os da família Stuart em geral, mentir era fácil para ele. Assim que estava numa posição segura, ele se voltou em fúria contra os presbiterianos e fez tudo em seu poder para forçar o episcopalismo na Escócia mais uma vez.

Durante os dias em que Rutherford estava na Assembleia de Westminster, ele tinha escrito um livro intitulado "*Lex Rex*" - A Lei e o rei - que havia esboçado com cuidado a posição dos presbiterianos escoceses com respeito a reis tirânicos e tinha estabelecido qual era a posição presbiteriana sobre a relação entre o povo da Escócia, a Igreja da Escócia, e o rei da Escócia.

Muito naturalmente, Carlos II odiou este livro, porque o mesmo argumentava fortemente

contra tudo pelo qual os reis se posicionavam. Em setembro de 1660, o livro foi analisado pelos comissários do rei. Ele foi condenado e a nação foi ordenada a entregar todas as cópias até o dia dezesseis de outubro. Aqueles que se recusaram a fazer isso foram declarados inimigos do rei. No dia dezesseis de outubro, as cópias recolhidas foram queimadas, com insinuações nefastas, pelo carrasco em Edimburgo, alguns dias mais tarde no portão do próprio colégio de Rutherford, em Saint Andrews.

Rutherford foi intimado a comparecer pessoalmente diante dos comissários do rei. Isso, no entanto, ele não foi capaz de fazer por causa de suas muitas enfermidades e fraquezas. Assim, ele foi julgado, condenado, deposto do ministério, e demitido como professor em ausência. Ele foi condenado a permanecer sob guarda em sua própria casa até que uma outra sentença pudesse ser executada.

Esse foi de fato o *Tempo da Matança*<sup>78</sup>. Dois colegas de Rutherford foram mortos: Argyle foi decapitado num andaime e Guthrie foi enforcado. Rutherford era o próximo da fila, mas quando estava chegando a sua vez, ele estava morrendo naturalmente.

Na verdade, de acordo com sua própria confissão, ele preferia a morte de um mártir:

*"Eu penso que essa seria essa uma forma mais gloriosa de ir para meu lar, dando a minha vida pela causa, [...] mas eu me submeto à vontade de meu mestre."*

E quando ele foi intimado a comparecer no tribunal para ter a condenação de morte transmitida a ele, respondeu aos mensageiros:

*"Diga-lhes que convinha a mim mesmo responder às minhas primeiras convocações, e antes do seu dia chegar, eu vou estar no lugar onde poucos reis e muitas pessoas vão."*

Era um tempo em que os santos de Deus foram chamados a "*não amar a suas vidas mesmo diante da morte*". Livre e alegremente eles escolheram o caminho da obediência, mesmo que isso os tenha conduzido pelo patíbulo sombrio, pois para eles isso era apenas o caminho para o lar.

## O Caráter de Rutherford

---

<sup>78</sup> Original: *The Killing Times*. Na história escocesa, refere-se ao período de 1680 a 1688, quando o conflito entre presbiterianos pactuários e as tropas de Carlos II e Tiago VII resultou na morte de mais de 18 mil pactuários.

Em muitos aspectos, Rutherford era um homem de estranhos paradoxos, paradoxos de caráter refletidos em seus escritos. Ele era um homem que se irava facilmente e de temperamento impetuoso, diante de quem homens ousados e furiosos fraquejaram. Mas ele também era de infinita paciência e bondade para com o sofrimento do seu rebanho, e eles o amavam por isso. Quando Rutherford foi exilado para Aberdeen, para fora da sua humilde igreja em Anwoth, muitos do seu povo foram toda a distância com ele, andando mais de trezentos e setenta quilômetros a pé, mesmo tendo que voltar esta mesma distância espantosa. E quando eles o deixaram às portas de Aberdeen, eles choraram como se seus corações tivessem sido quebrados.

Seus escritos podem ser, e muitas vezes eram, longos, tediosos, monotonamente argumentados, e cheios de metáforas extensas e difíceis que quase esmagavam seus pensamentos além da compreensão. Ele pôde, no entanto, escrever belas poesias, que subiam como águias. Em nossa biblioteca temos um pequeno livro de suas poesias que mexem com a alma.

Da mesma forma, seus escritos poderiam ser, e muitas vezes eram, amargos, furiosos, intolerantes, cheio de aparente rancor - especialmente quando os inimigos do Evangelho eram os objetos de sua fúria. Mas suas cartas, escritas em Aberdeen, nos dias de seu exílio, eram calorosas, reconfortantes para os tristes, incentivadoras aos desanimados, cheias do transbordar do coração de um pastor.

Embora muitas vezes os seus escritos afundaram sob o peso dos seus duros argumentos e eloquente retórica enfática, algumas vezes suas declarações poderiam chegar como uma espada. Para um aspirante a professor na universidade, ele disse: "*Se você quer ser um profundo teólogo, eu recomendo a você a santificação*". Com estas palavras nos lábios, das quais muitos pregadores poderiam lucrar poderosamente, ele morreu em seu leito de morte: "*Entrego-me a Cristo para a santificação, assim como o fiz para a justificação*".

Rutherford continuou sua pregação. É dito dele que multidões eram atraídas para a sua pregação, não tanto pela capacidade de persuasão de sua argumentação, não por causa do poder de sua oratória, não por causa da admiração pelas suas habilidades exegéticas, mas porque ele pregava a Cristo - e o fazia com paixão.

Ele viveu como um fiel servo de Cristo e morreu escapando do martírio por um fio de cabelo. Seu legado vive naquele imponente monumento da ortodoxia, a Confissão de Westminster.

## **A História de Duas Margaretes - As Mártires de Wigtown**

### **Introdução**

Em capítulos anteriores, percebemos como uma amarga batalha continuou na Escócia depois da Reforma, a fim de preservar a verdade da Escritura e a forma bíblica de adorar a Deus. Os Stuarts estavam determinados a impor o prelado sobre o seu domínio; os presbiterianos estavam determinados a resistir a isso. Com apenas um intervalo durante os dias de Oliver Cromwell, a batalha continuou a partir do reinado de James I até James II ser deposto, em 1688.

Enquanto temos discutido as histórias de líderes e teólogos que com bravura opuseram-se ao prelado, mas morreram mortes "*normais*", as páginas da história da Escócia estão cobertas com o sangue de muitos mártires que sofreram os mais cruéis tormentos e finalmente eram mortos por causa de sua fé. Eles se uniram a uma companhia de santos ilustres que, por todas as eras, "*não tiveram suas vidas como preciosas mesmo diante da morte*".

Como exemplo de fé destes muitos mártires cujos nomes estão gravados no céu, nós voltamos nossa atenção para a vida e a morte de duas mulheres que servirão como ilustrações daqueles cujas histórias não podemos contar aqui. Embora ambas tivessem o nome Margarete, uma delas era uma santa idosa que tinha setenta anos de idade e a outra uma jovem que tinha dezoito anos, quando ambas foram cruelmente condenadas à morte por sua fé.

### **O Início de Suas Vidas**

A mulher mais velha, *Margarete MacLachlan*, era a viúva de John Mulligen, que havia sido um fazendeiro que morava aproximadamente uma milha ao oeste da pequena vila de Wigtown. Wigtown se encontrava ao fim do estuário de Solway, na jurisdição de Galloway. Ao sul, estavam os lagos altos e as montanhas acidentadas que davam beleza e afastamento à região. Margarete foi deixada lá para cuidar do campo e

manter sua vida simples de acordo o que produzia.

Margarete era uma mulher muito simples, sem instrução na maioria das coisas, envelhecida pelas dificuldades da vida no campo. Mas, em sua vila, ela era vista como uma mulher de inteligência e piedade incomum. Ela foi convencida do caráter bíblico do presbiterianismo e da perversidade do prelado. A fim de viver de maneira coerente com aquilo que acreditava, ela se recusava a ir à sua igreja para adorar quando um pároco dirigia os cultos e a adoração de acordo com os ritos anglicanos, ao invés disso, no dia do Senhor, ela preferia adorar em sua casa, com pessoas que tinham o mesmo entendimento. Ela estaria presente apenas quando ministros não conformistas conduziam os cultos. Não era apenas uma questão de teimosia, mas uma profunda convicção de que Deus estava satisfeito apenas com adoração feita de acordo com as Suas prescrições.

Margarete não estava sozinha nesta posição; muitas pessoas ao redor da Escócia tomaram a mesma posição inabalável; muitos também eram forçados a fugir de seus lares e paróquias para escaparem de prisões e punições civis. Estes, que buscavam refúgio e alimento em todos os cantos, tornaram-se peregrinos em seu próprio país. Quando paravam na casa de Margarete, suas portas sempre estavam abertas e refúgio poderia ser encontrado ali.

Essa hospitalidade era um crime aos olhos da lei, e mesmo que ela nunca tivesse sido pega no ato, os soldados, que eram conscientes de sua ausência na igreja e da oposição ao prelado, aproveitavam todas as oportunidades para saquear seu campo e roubá-la o pouco que tinha.

Antes de prosseguirmos com a história dela, temos de contar sobre uma outra Margarete: *Margarete Wilson*. A sua história é, de fato, uma história curiosa.

Esta última Margarete era a filha mais velha de Gilbert Wilson, um fazendeiro de Glenvernock, na região de Penningham, Wigtownshire. Ela tinha um irmão, Thomas, que tinha mais ou menos dezesseis anos, e uma irmã, Agnes, uma menina que tinha cerca de treze anos quando Margarete foi martirizada. Eles moravam perto de Margarete MacLachlan e a conheciam muito bem.

Os pais destes jovens viviam em uma fazenda próspera com solo fértil, abundantes colheitas e com muitas ovelhas e gado. A família era caracterizada por divisão religiosa, e por mais estranho que pareça, esta era uma divisão entre pais e filhos. Não há como explicar isto. Muito provavelmente, toda a família era inclinada à causa presbiteriana; mas os pais, por um motivo ou outro, não estavam preparados para manter seus princípios, e assim adoravam na igreja local sobre a autoridade do pároco e na forma do prelado.

Mas os filhos dos Wilson eram diferentes e aparentemente tinham convicções mais fortes do que seus pais. Eles se recusavam a ir a igreja quando o pároco dirigia e consideravam tal adoração antibíblica, uma negação de Cristo, seu Rei.

Embora fossem crianças, sua ausência na igreja não passou despercebida. Eles foram denunciados às autoridades, e quando o governo ameaçou puní-los, eles foram forçados a fugir de seu lar para buscar refúgio com outros peregrinos nas cavernas das acidentadas montanhas de Galloway.

Seu pais não foram poupados do sofrimento e foram perseguidos por causa de seus filhos. Eles foram proibidos de dar comida e abrigo aos seus filhos e eram perturbados para que revelassem onde seus filhos estavam escondendo-se. Soldados - algumas vezes cem deles - se instalavam em sua casa e terra, e a família tinha o dever de dar suporte a eles. Eles eram repetidamente convocados ao tribunal para dar contas de si. Seus bens eram saqueados. Rapidamente, eles foram reduzidos à miséria.

Tais eram as circunstâncias às vésperas da tragédia.

### **Seu Martírio**

O cruel e desumano Carlos II morreu. Os santos, peregrinos e desabrigados, pensaram que agora os perigos que enfrentavam cessariam. As duas meninas Wilson saíram de seu esconderijo para buscar conforto e encorajamento de Margarete MacLachlan. Seu irmão, Thomas, ficou nas montanhas e, para a história, perdeu-se.

Às meninas da família Wilson foi concedido gastar apenas alguns poucos dias com Margarete antes que um amigo em quem confiavam as traísse, e os soldados foram apressadamente enviados para prendê-las. Ambas as meninas, junto com a sua anfitriã, foram apreendidas e imediatamente as duas meninas foram lançadas no "*covil de ladrões*", enquanto Margarete MacLachlan foi posta na prisão de Wigtown. Um tempo depois, as duas meninas também foram colocadas na mesma prisão, onde elas tiveram pelo menos a companhia uma da outra.

Durante o seu tempo na prisão, elas foram tratadas brutalmente. Privadas de fogo para se aquecerem e camas para dormir, recebendo comida insuficiente mesmo para afastar o tormento da fome, elas foram ridicularizadas e atormentadas. Uma arma, em especial, foi usada contra elas. Antes de sua morte, Carlos II tinha dado a seus vários comissionados o poder para requerer de qualquer um o que era chamado de voto de

abjuração. Este era um tipo de ferramenta cruel, que tinha certa legitimidade em si. Os Cameronianos<sup>79</sup>, um clã escocês das Terras Altas, havia anteriormente composto um manifesto, prometendo resistir ao rei se ele continuasse sua perseguição e sua afronta contra Deus. O voto de abjuração era aleatoriamente exigido do povo para que fizessem um juramento renunciando o manifesto dos Cerimonianos. Rejeitá-lo era considerado um ato de traição sujeito à pena de morte. Os comissionados não apenas aleatoriamente exigiam o juramento de qualquer um que aparecesse no seu caminho, mas os soldados, vagueando pelo interior, davam a si mesmos a autoridade para exigir o juramento a qualquer um que lhes parecesse agradável. Muito frequentemente, se alguém rejeitasse a fazer o juramento, este era sumariamente morto em campo aberto ou em seu próprio lar.

Foi exigido, das três mulheres - duas, apenas garotas - que fizessem o juramento. Elas recusaram a fazer, pois isto havia se tornado o xibolete<sup>80</sup> da ortodoxia.

No dia treze de abril de 1685, as três foram convocadas diante da comissão. Muitas acusações formais foram trazidas contra elas: elas tinham estado - assim foi acusado - no campo de batalha de *Bothwell Bridge*<sup>81</sup>, uma acusação evidentemente falsa; elas também foram acusadas de ter frequentado pregações ao ar livre e reuniões clandestinas, o que certamente era verdade.

Entretanto, como nenhuma destas acusações podiam ser provadas, mais uma vez foi exigido que as três fizessem o voto de abjuração. Novamente elas se recusaram, e um júri as julgou culpadas de traição. A sentença foi pronunciada e todas as três foram condenadas ao afogamento no estuário de Solway. A data da execução foi estabelecida: dia onze de maio.

O desvairado pai de Agnes e Margarete apressadamente foi para Edimburgo para ver se poderia incitar nas autoridades algum senso de misericórdia e clemência que salvaria suas filhas. Tudo que pôde fazer foi comprar a liberdade de sua filha mais nova, Agnes, por cem libras; ele não pôde salvar Margarete.

Quando o terrível dia chegou, as duas Margaretes foram guiadas acorrentadas pelos soldados às margens do estuário. Era maré baixa, deliberadamente escolhida como o momento para a execução. Embora o povo da vila implorou às Margaretes que fizessem o juramento para salvarem suas vidas, elas firmemente recusaram-se.

Margarete MacLachlan foi amarrada primeiro à estaca socada no solo arenoso, bem

---

<sup>79</sup> Seguidores do reverendo Richard Cameron, um pactuário escocês.

<sup>80</sup> Do hebraico: *shibboleth*. Palavra que diferenciava o povo de Galaad do de Efrém, que a pronunciava "sibboleth". O termo se tornou sinônimo de qualquer característica distintiva entre pessoas ou objetos.

<sup>81</sup> *Bothwell Bridge* foi um batalha travada entre as tropas do governo de Carlos II e os pactuários.



adentro no estuário onde as águas da maré iriam cobri-la. Margarete Wilson foi amarrada a uma estaca similar mais perto da costa para que pudesse testemunhar a morte de sua amiga idosa e santa companheira antes que as águas a cobrissem.

Parece que a idosa Margarete, já exaurida com os sofrimentos de muitos anos, não disse uma palavra. Um de seus carrascos gritou: *"É desnecessário falar com esta condenada, cadela velha; deixe-a ir para o inferno"*.

Enquanto as águas geladas do oceano gradualmente subiam mais alto e submergiam a santa idosa, Margarete Wilson era forçada a assistir sua companheira afogando-se, um dos soldados, zombando, disse: *"O que você pensa dela agora?"* Margarete respondeu:

*"Olhe! Eu vejo Cristo lá lutando. Pensais vós que somos sofredoras? Não; é Cristo em nós, pois Ele não envia ninguém à batalha às suas próprias custas [na qual devem lutar sozinhos]"*.

Enquanto a atual forma flácida da primeira Margarete era agitada na maré em redemoinho, as águas começaram a submergir Margarete Wilson. Seus lábios não estavam em silêncio. Primeiro ela cantou as avivadas palavras do Salmo 25:

*"Não lembres dos meus pecados  
Quando jovem cometi.  
Conforme Tua bondade  
Senhor, vem lembrar de mim.  
Bom e justo é o Senhor;  
Seu caminho há de ensinar  
Aos que pecadores são.  
Guia os mansos na justiça."<sup>82</sup>*

Após acabar o salmo, ela citou as palavras de Romanos 8: *"Quem nos separará do amor de Deus [...]?"*

Quando as águas finalmente haviam-na sufocado, embora ainda não estivesse morta, os soldados a soltaram de sua estaca, arrastaram-na até a costa, reviveram-na, e mais uma vez confrontaram-na, exigindo que orasse pelo rei. Todos os moradores da vila, avidamente desejando vê-la poupada, clamaram: *"Ore pelo rei!"* A sua resposta foi que ela desejava a salvação de todos os homens e que ninguém fosse condenado, e que, se Deus quisesse, que Ele salvasse o rei: *"Senhor, dê a ele arrependimento, perdão e salvação, se esta for a Tua santa vontade"*.

---

<sup>82</sup> Saltério Genebrino, verso sete à nove. Tradução da Comissão Brasileira de Salmodia.

Os soldados não estavam contentes com aquilo: "*Cadela detestável, não queremos tais orações*" - eles disseram. Então, uma vez mais, forçaram-na a fazer o voto de abjuração. Sua resposta foi: "*Não! Não! Nenhum não farei nenhum juramento pecaminoso. Eu sou uma das crianças de Cristo. Deixem-me ir*".

Mas não era para ser assim. Eles a arremessaram de novo nas águas do estuário e lá ela se afogou, para pelo martírio ser trazida a companhia de homens justos feitos perfeitos.

Os soldados se retiraram, parabenizando a si mesmos pelo trabalho bem feito; o povo da vila retornou a seus lares para tentar retomar o andamento de suas vidas; porém mais duas santas tinham selado sua confissão com seu sangue.

## John Bunyan - O Autor de O peregrino

### Introdução

Deus tem levantado homens na história da igreja, que apesar de não serem ortodoxos em todos os seus pontos de vista, mesmo assim tem moldado o pensamento das gerações seguintes. Tal homem foi John Bunyan, professor das doutrinas da graça, mas um batista em sua teologia do pacto. Sua influência deve-se ao livro pelo qual ele é conhecido por milhões: *O Peregrino*<sup>83</sup>. Crianças e adultos que em gerações seguintes leram esta alegoria fascinante da vida cristã, passaram a apreciá-la e estimá-la; o povo de Deus que não o leu ainda, faria bem em fazê-lo.

É essencial uma breve descrição dos tempos em que John Bunyan viveu para compreender a sua vida.

Depois da Reforma na Inglaterra, surgiu uma luta entre aqueles que estavam satisfeitos com o episcopado do anglicanismo em um lado, e de outro, aqueles que desejavam uma reforma mais profunda do que os anglicanos queriam. Afinal de contas o anglicanismo preservou muitos elementos católicos, especialmente na liturgia e no governo da Igreja.

Aqueles que desejavam uma reforma mais completa, conforme a ordem da Reforma de Calvino em Genebra, lutaram longa e implacavelmente por seus pontos de vista. Eles se tornaram conhecidos como puritanos e finalmente ganharam poder civil na Inglaterra depois que as forças monarquistas de Carlos I foram derrotadas pelas forças parlamentares sob o comando de Oliver Cromwell. Porém, o poder deles manteve-se, apenas tanto tempo quanto Cromwell durou, e logo após a morte de Cromwell a monarquia foi restaurada na pessoa de Carlos II. Carlos, um amigo dos católicos romanos, fez tudo em seu poder para restaurar o que foi perdido sob o comando de Cromwell. Os puritanos foram derrotados em seus esforços.

A dificuldade era que os puritanos estavam divididos entre eles mesmos. Alguns

---

<sup>83</sup> Publicado no Brasil pela Editora Fiel.

puritanos, enquanto lutavam por seus pontos de vista, estavam satisfeitos em permanecer na Igreja Anglicana e buscavam a renovação da igreja como um todo. Eles nunca tiveram êxito, mas continuam nessa igreja até hoje. Outros estavam convencidos de que a única maneira de remover o anglicanismo era através da instituição de suas reformas em suas próprias paróquias. Por isto eles pagaram o preço de expulsão da Igreja Anglicana, e muitos sofreram grandemente.

Muitos deste último grupo não foram favoráveis ao sistema de governo da igreja reformada, assim como a Igreja Anglicana era, em vez disso eles optaram por uma forma congregacional e independente do governo da igreja, o qual fez cada congregação se auto governar, sem qualquer unidade federativa. Estes são os primórdios do congregacionalismo. Muitos tornaram-se batistas. A influência deles ainda é sentida hoje nas Ilhas Britânicas, que é cheia de tais congregações batistas independentes.

Nesta situação política e eclesiástica, John Bunyan nasceu, cresceu e fez o seu trabalho.

## **O Início da Vida de Bunyan**

John Bunyan nasceu em 1628, na aldeia de Elston perto da cidade de Bedford. Seu pai era um funileiro, um reparador de chaleiras e panelas. Embora a classe à qual ele pertencia não fosse a mais humilde na Inglaterra, ainda estava distante da nobreza.

Os funileiros na Inglaterra geralmente eram ciganos boêmios que eram considerados remanescentes do antigo Israel ou do Egito antigo. Ciente disso, Bunyan tentou embora sem sucesso, definir se estes ciganos boêmios eram seus antepassados.

Disponibilizar a educação em âmbito nacional era uma das características da Inglaterra, por isso o pai de Bunyan o matriculou na escola primária de Bedford. Mas a escola era tão má moralmente, que seu pai temendo pelo filho, tirou-o da escola. Esse foi o fim de sua educação e tudo o que ele aprendeu a partir desse ponto foi através de seus próprios esforços.

John Bunyan trabalhou duro depois de deixar a escola, mas ele também teve entretenimento desmedido. Ele se tornou conhecido por sua vida dissoluta e libertina. Especialmente seu modo feroz e blasfemo de falar, que fez dele um motivo de riso entre o povo local.

Cansado da disciplina de casa, ele fugiu e entrou para o exército parlamentar. Ele não

viu nenhuma ação, não distinguiu-se de forma alguma e logo voltou para casa tão selvagem e imoral como sempre.

Depois de retomar seu antigo trabalho e até mesmo passar um tempo no toque dos sinos na igreja paroquial local, ele se casou com uma jovem humilde e pobre, porém excepcionalmente piedosa. Ela conseguiu conter sua natureza selvagem e convencê-lo a se envolver na leitura para progredir em sua escassa educação.

Enquanto as influências religiosas de sua esposa podem ser somente suposição, o ministro local, o senhor Gifford, foi fundamental na conversão de Bunyan. O ano era 1653.

O senhor Gifford veio para o ministério de uma maneira muito estranha. Ele foi um oficial monarquista, um prisioneiro fugitivo e um médico talentoso em Bedford, um homem libertino, mas finalmente um convertido homem de Deus, que se tornou pastor da congregação em Bedford. Esta congregação foi parte da igreja do estado de Cromwelliano durante os dias da República de Cromwell.

Bunyan foi influenciado pelo senhor Gifford e foi instruído por ele na fé. Embora Bunyan não tenha recebido educação formal para o ministério, ele assumiu esta posição depois que o senhor Gifford morreu. Era uma congregação batista.

Bunyan possuía uma mente tenaz, feroz, impaciente e ativa. Enquanto Bunyan estava vivendo em seus pecados, essa mente o fez líder dos jovens ímpios da região. Sob o poder da graça divina, ela se tornou útil em um longo e nobre serviço no Evangelho.

## **O Ministério de Bunyan**

Através de muito trabalho e estudo paciente, Bunyan se tornou um poderoso e amado pregador cuja congregação cresceu rapidamente.

Nesta altura, a tragédia entrou em sua vida. Sua esposa morreu, deixando-o com quatro filhos, um dos quais era uma filha cega. Esta pequena filha, delicada, amorosa, atenciosa e gentil, tornou-se a especial alegria de seu pai.

Bunyan logo casou-se novamente, e sua segunda esposa era uma esposa fiel, uma ajuda para ele em seu ministério, e uma mãe para seus filhos. No entanto, parece que ele nunca teve nenhum filho com ela.

Quando Carlos II subiu ao trono, ele empregou todos os esforços para silenciar os

dissidentes e conformar toda a Inglaterra ao Livro de Oração Comum. Os dissidentes foram proibidos de pregar, e John Bunyan, sem demora, foi jogado na prisão de Bedford por desobedecer o comando do rei.

Ele passou longos doze anos e meio na prisão, apesar dos muitos esforços para garantir a sua libertação e apesar das várias tentativas por parte de sua esposa em convencer os tribunais a mostrar misericórdia. Embora sua prisão e separação de sua família terem sido terríveis, o sofrimento de Bunyan nunca foi tão ruim quanto foi o sofrimento dos outros em prisões muito mais horríveis. Sua esposa foi cuidada, embora precariamente, por sua congregação; o carcereiro era um homem amável que não descarregava sua brutalidade em seus prisioneiros, como faziam alguns; e nos últimos anos Bunyan até foi autorizado a deixar a prisão para ver sua esposa e filhos, pregar em sua congregação, visitar seus paroquianos, e até mesmo viajar a Londres - apesar do carcereiro ter sido severamente censurado pela última extravagância. Ele não foi privado de seus livros, papel e caneta e foi durante estes anos de prisão que Bunyan escreveu uma série de livros, incluindo o clássico, *O Peregrino*, publicado em 1678. Sua filha cega visitou-o quase todos os dias.

Finalmente depois de doze anos e meio, quando Carlos II cedeu um pouco, Bunyan foi libertado. Ele colocou seus assuntos em ordem e retomou seu trabalho na congregação. Foi sob a sua liderança que sua congregação organizou-se e se tornou a primeira congregação de dissidentes oficializada na Inglaterra.

Sua fama como pregador cresceu e a pequena capela teve que ser ampliada repetidas vezes. Reuniões de filiais foram realizadas nas aldeias vizinhas e os primeiros circuitos de pregação foram estabelecidos. Bunyan se tornou uma espécie de "*bispo*" das igrejas e foi mesmo algumas vezes, carinhosamente chamado de "*bispo Bunyan*".

Sua influência espalhou-se, e mesmo quando pregou em Londres, ele atraiu uma multidão de pessoas. É contada a história que o Dr. John Owen era um dos seus frequentes ouvintes em Londres. Quando esse teólogo erudito e altamente instruído foi sarcasticamente questionado por Carlos II, sobre como ele poderia ir ouvir um funileiro pregar, Owen respondeu: "*Eu daria todo o meu conhecimento para poder pregar tão bem como o funileiro*".

O ministério de Bunyan não foi longo. Durante um tempo, quando estava muito doente, ele se retirou para uma longa viagem em trabalho pastoral através do tempo chuvoso e úmido. Depois disto, nunca recuperou-se, e morreu na casa de um amigo. Era o ano de 1688. Ele tinha sessenta anos. Sua esposa viveu ainda por quatro anos.

## O Peregrino

A visão de Bunyan refletia com precisão a teologia dos puritanos nestes dias. Ele era forte na doutrina e até satirizou a igreja anglicana na figura do "*senhor Sábio-Segundo-o-Mundo*", que queria reduzir o cristianismo a simples ética. Ele sustentou firmemente as doutrinas da graça, mas pregou essas doutrinas do ponto de vista luterano da justificação pela fé e não do ponto de vista calvinista, da graça soberana.

Especialmente em seu entendimento da conversão, Bunyan refletia as visões puritanas, e sem uma doutrina sólida do pacto, ele não atentou para a salvação das crianças eleitas na linhagem do pacto; ele também, de alguma forma, minimizou a conversão diária para a qual um filho de Deus é chamado. Em sua biografia espiritual, "*Graça Abundante ao Principal dos Pecadores*"<sup>84</sup> - de 1666 -, ele falou da conversão como algo envolvendo a convicção do pecado, tentativas de satisfazer a Deus com a justiça legal, desespero seguido de um período longo e difícil de tentação e luta, e finalmente, a paz no caminho da fé em Cristo. Tal conversão, ainda que de fato Deus use esses meios para trazer alguns para a salvação, tornou-se a norma para conversão genuína, mesmo em muitos círculos reformados, mas apenas nos círculos onde não há doutrina bíblica do pacto.

Bunyan escreveu mais de cinquenta livros, dos quais os mais conhecidos são: "*A Guerra Santa*"<sup>85</sup> e "*Graça Abundante ao Principal dos Pecadores*". No entanto, é "*O Peregrino*" que é o mais associado à John Bunyan nas mentes de muitos santos. Ele passou por incontáveis cinquenta edições em inglês, e cada natal parece trazer uma nova publicação. Ele foi traduzido para muitas línguas estrangeiras, incluindo todas as línguas e dialetos da Europa continental. Nos últimos anos foi quase sempre encontrado na prateleira de lares cristãos, mesmo quando o único outro livro era a Bíblia.

Mesmo Huckleberry Finn<sup>86</sup>, de Mark Twain, dá uma descrição concisa do livro: "*Interessante, mas difícil*". Quem entre nós que leu "*O Peregrino*", pode esquecer o "*senhor Valente-pela-Verdade*" e o "*senhor Sábio-Segundo-o-Mundo*"? E quem, tendo viajado com "*O Peregrino*", pode apagar de sua mente o "*Pântano do Desânimo*" e o "*Palácio Belo*"? Este livro vai viver ainda muitas gerações, se o Senhor tardar, como guia do peregrino em seu caminho para a "*Cidade Celestial*".

---

<sup>84</sup> Publicado no Brasil pela Editora Fiel.

<sup>85</sup> Publicado no Brasil pela Sociedade Cristã Evangélica de Publicações.

<sup>86</sup> Personagem do livro: "*As aventuras de Huckleberry Finn*".



# Pós-Reforma na Holanda | 1600 - 1920



**Confissão Belga** • 1562  
**Catecismo de Heidelberg** • 1563

**1º Sínodo Reformado**  
na Holanda • 1571

**Sínodo de Dordrecht** • 1618-1619  
**Guerra dos Trinta Anos** • 1618-1648

**Paz de Vestfália** • 1648

***De Afscheiding*** -  
***A Secessão*** • 1834

***De Doleantie*** -  
***Os Ofendidos*** • 1886

1560

**Francisco Gomarus** ★ 1563 † 1641

1575

**William Ames** ★ 1576 † 1633

**Johannes Maccovius** ★ 1588 † 1644  
**Gijsbertus Voetius c.** ★ 1588 † 1676

1600

**Johannes Cocceius** ★ 1603 † 1669

1650

**Guilherme II de Orange** ★ 1650 † 1720

1700

**Hendrik De Cock** ★ 1801 † 1842

**Abraham Kuyper** ★ 1837 † 1920

1900





## **William Ames - O Puritano Holandês**

### **Introdução**

Quase que desde o início da história da Reforma Holandesa, uma descendência puritana podia ser encontrada nas igrejas reformadas holandesas. Esta influência puritana continuou por muitos anos e deixou uma indestrutível marca no pensamento holandês.

A razão pela qual a influência puritana poderia ser encontrada entre os holandeses era a relação estreita, ao longo dos séculos, entre os holandeses e ingleses.

Os ingleses vieram em socorro dos holandeses na guerra da independência holandesa, sob o comando de Guilherme, o Taciturno. Os ingleses enviaram representantes para o Sínodo de Dort - embora seja uma questão de debate se eles realmente auxiliaram na luta contra o arminianismo. Durante o período da perseguição espanhola na Holanda, muitos holandeses fugiram para a Inglaterra e encontraram refúgio ali; e durante os esforços dos reis da família Stuart da Inglaterra, em impor o episcopado em todas as igrejas, muitos refugiados ingleses encontraram abrigo na Holanda. Basta apenas lembrar dos peregrinos que, depois de fugirem da Inglaterra, viveram por um tempo aos arredores de Leiden antes de embarcarem para a América. Estudiosos ingleses eram reconhecidos por sua erudição e eram convidados para ensinar nas universidades holandesas, e eruditos holandeses ocupavam cargos nas universidades inglesas. Ministros holandeses pregavam nas igrejas inglesas e pregadores ingleses gastavam muitos anos de trabalho gratificante nas igrejas holandesas. As relações eram, de diferentes maneiras, bem estreitas e frequentes.

Tudo isso trouxe à Holanda um "*puritanismo holandês*", que permanece nas igrejas holandesas até hoje.

William Ames era um destes puritanos holandeses.

### **Sua Vida na Inglaterra**

Quase nada se sabe sobre o início da vida de William Ames; nenhum pormenor de sua infância chegou até nós. Ele nasceu em 1576, em Ipswich, Suffolk, uma cidade perto do mar, a cerca de cento e dez quilômetros a nordeste de Londres. Ele nasceu quando a rainha Elizabeth se sentou no trono da Inglaterra - a última da família Tudor. Ela já tinha providenciado que o Parlamento aprovasse o Ato de Uniformidade, o qual exigia que todas as igrejas seguissem o padrão da Igreja da Inglaterra, tanto na adoração quanto no governo de igreja, uma política que dificultou a vida dos puritanos.

As circunstâncias nas quais se deu o nascimento de Ames são tão importantes que toda a sua vida foi regulamentada por elas. E assim teremos de dizer algumas coisas também sobre a luta que ocorreu na Inglaterra como resultado desta norma de Elizabeth.

A Igreja da Inglaterra era, pelo menos oficialmente, muito calvinista, como expressado nos trinta e nove artigos da Igreja da Inglaterra - o credo oficial da Igreja. No governo, a igreja era estritamente hierárquica e tinha a mesma estrutura de arcebispos, bispos e sacerdotes - juntamente com uma multidão de outros cargos - que Roma tinha, com exceção de cardeais e um papa. Na adoração a maioria dos ornamentos, cerimônias, vestes, liturgias e símbolos que faziam parte da adoração romana, embora tenham sido abolidas na primeira onda da Reforma, gradualmente voltaram para dentro da igreja.

Dentro da Igreja Anglicana havia um grande grupo de clérigos e pessoas que ansiavam por uma reforma mais completa, não apenas na doutrina, mas também no governo eclesiástico e na adoração. Eles fizeram todo o possível para mudar a Igreja Anglicana, mas foram impedidos por Elizabeth, que insistia na uniformidade de todo o seu reino. A maioria do clero, quando pressionados a assinar a Ato de Uniformidade de 1571, o fizeram. Outros não. Estes ficaram conhecidos como puritanos, pois queriam purificar a igreja além do que já se tinha feito. Mais tarde, por volta de 1619, eles foram chamados de não-conformistas, um nome que permaneceu por muitos anos.

A maioria dos não-conformistas, apesar de continuarem a promover a sua não-conformidade e se recusarem a assinar quaisquer Atos de Uniformidade, permaneceram na igreja. Onde mais eles poderiam ir? Eles permaneceram até "A Grande Ejeção", na qual os não-conformistas foram expulsos das Igrejas Anglicanas; foi então que as igrejas não-conformistas brotaram em toda a Inglaterra.

William Ames era um puritano dentro da Igreja Anglicana, sincero e falante, e um dos que se recusou a se curvar diante dos preceitos de Elizabeth. Nem a oposição mais

extenuante de arcebispo Bancroft contra a não-conformidade pode movê-lo. Suponho que, se Ames tivesse se contentado em moderar seus protestos e manter suas objeções para si mesmo, ele teria subsistido dentro da Igreja Anglicana e teria sido capaz de manter seu cargo em Cambridge. Mas isso não era de sua natureza. Ele acreditava profundamente que o episcopado, a hierarquia e todos os remanescentes de Roma que permaneceram na Igreja Anglicana, desonravam a Deus e faziam da igreja uma instituição ímpia. Seu profundo compromisso com seus princípios foi revelado em sua forte oposição às práticas da igreja oficial e fez dele um ardente defensor das metas puritanas.

Ames recebeu a maior parte de sua educação no Christ's College, em Cambridge, onde estudou sob a tutela do famoso puritano supralapsariano William Perkins. Sendo um puritano fervoroso ele não conseguia esperar nenhum progresso nos círculos anglicanos. Por isso, quando surgiu uma oportunidade de se tornar o capelão da Universidade de Cambridge, ele aproveitou.

Sua estada em Cambridge não durou muito tempo. A própria índole de uma Igreja oficial do estado na Inglaterra era propício para uma vida negligente e profana. Os estudantes de Cambridge não eram exceções. Quando Ames pregou um sermão contra várias práticas profanas entre os alunos, tais como jogo de cartas e apostas, seus inimigos aproveitaram a oportunidade para tramarem sua censura. Odiando-o por sua não-conformidade, eles usaram o sermão de Ames como uma desculpa para se livrarem dele.

Ames claramente viu que ele seria expulso da universidade se ele lutasse sua causa, e então ele deixou a universidade e partiu para a Holanda. Após uma breve estada em Leiden, ele foi para Haia.

Uma anedota interessante que descreve um evento que aconteceu antes da saída de Ames da universidade, mostra claramente que, na verdade, o problema era sua não-conformidade. Enquanto a tempestade sobre o seu sermão ainda estava rugindo, Ames foi chamado perante o Dr. Carey, o superior da faculdade, para ser informado que ele deveria usar uma sobrepeliz - uma veste usada por clérigos para aumentar a dignidade do seu cargo. Os puritanos haviam rejeitado o uso de tais vestes "*papais*", mas os anglicanos eram naquele tempo, e ainda são, favoráveis a tal vestimenta. Dr. Carey insistiu que a Escritura requeria que ele a usasse, e quando Ames, um tanto espantado solicitou o texto onde tal comando era encontrado, Carey citou a passagem: "*Revistamo-nos da armadura da luz*", a qual Carey insistiu que se referia a uma sobrepeliz branca. A recusa de Ames a ser seduzido por tal exegese enfureceu o superior.

## Os Labores de Ames na Holanda

Em Haia, Ames encontrou emprego como capelão para o senhor Horace Vere, o comandante das tropas inglesas na Holanda; e ao mesmo tempo serviu como pastor da igreja Inglesa em Haia.

Mas o longo braço dos inimigos de Ames da Inglaterra estenderam-se sob o canal. O arcebispo de Canterbury escreveu uma carta ao senhor Ralph Winwood, o embaixador inglês na Holanda, para fazer com que Ames fosse removido de sua posição. Sua carta terminava com estas palavras:

*"Eu gostaria que a remoção dele fosse conduzida da maneira mais privado e limpa quanto o assunto permitisse. Estamos também inteirados que pregadores ingleses estão hospedados na Zelândia, para o qual no momento oportuno esperamos dar uma compensação."*

Os perseguidores de Ames não poderiam, afinal, impedi-lo de encontrar um emprego na terra onde tinha escolhido para ser seu lar - embora tenham tentado desesperadamente. Por causa de seu vasto conhecimento e grande talento, Ames foi chamado para ser professor de Divindade em Franeker, na Frísia, em 1622. Ele atuou nesta prestigiosa escola por doze anos, e sua fama se espalhou por toda a Europa. Estudantes vinham de partes remotas do continente para serem seus alunos, e a própria escola, em reconhecimento por suas contribuições para com a universidade, nomeou-lhe reitor em 1626. Durante esse tempo, ele teve o privilégio e a alegria de servir com Maccovius, de quem falaremos em um capítulo posterior.

Mas infelizmente, os talentos de Ames não foram reconhecidos por seus compatriotas, e o ditado mencionado até mesmo na Bíblia - de que não há profeta sem honra, a não ser na sua terra - foi uma verdade sobre ele.

Durante os anos de sua estadia em Franeker, Ames serviu as igrejas reformadas holandesas muito bem. Ele lutou contra os altos prelados da igreja na Inglaterra e continuou a escrever contra suas cerimônias supersticiosas e práticas papistas, enquanto defendia vigorosamente o princípio regulador do culto. Richard Baxter, famoso por seu conhecido livro, *O Pastor Aprovado*<sup>87</sup>, deixou o anglicanismo para se juntar ao movimento não-conformista por causa dos escritos de William Ames.

Ames também escreveu extensivamente contra os erros católicos romanos e se opôs ao grande Bellarmine<sup>88</sup>, talvez o maior de todos os teólogos católicos romanos desde

---

<sup>87</sup> Disponível em português pela Publicações Evangélicas Seleccionadas.

<sup>88</sup> Roberto Francesco Romolo Bellarmino, um jesuíta italiano e cardeal da Igreja de Roma.

o tempo da Reforma.

Mas os principais inimigos de Ames sempre foram os arminianos, cuja teologia ele detestava por ser racionalista e humanista - o que ela realmente é. Não eram somente os arminianos os alvos de seus fulminantes ataques impressos, mas Ames foi escolhido para comparecer ao Sínodo de Dort, onde ele participou do julgamento e condenação deles. Ele recebeu, na verdade, quatro florins por dia para comparecer no sínodo, e ele serviu com distinção como secretário-adjunto e privado do presidente, o ardente Johannes Bogerman. O trabalho de Ames foi principalmente nos bastidores.

Mas William Ames sempre amou, acima de tudo, o ministério pastoral e ansiava retornar a este ofício. Além disso, havia um caso grave de asma, o que dificultava sua respiração nos meses de inverno. Na verdade, ele ficava tão doente que ele temia que cada inverno que passava nas frias e úmidas províncias do norte seria seu último.

Pensando que a parte sul da Holanda seria melhor para sua saúde, Ames aceitou um convite da igreja em Roterdã, onde serviu ao Senhor por um breve período de tempo. Mas o clima ali não fez muita diferença em sua asma, e Ames fez planos de se mudar para a América, para se estabelecer entre as igrejas holandesas em Nova York ou Nova Jersey. Ele morreu antes que pudesse se mudar, e finalizou seu trabalho na terra no dia quatorze de novembro de 1633, com a idade de cinquenta e sete anos.

A esposa e a família de Ames se mudaram para a América após sua morte, e levaram a sua biblioteca valiosíssima com eles. Esta biblioteca foi um legado extraordinariamente valioso no novo mundo, pois ele tinha uma das melhores bibliotecas do país, e a América, naquele tempo, estava praticamente sem livros.

O filho de Ames, William, retornou da América para a Inglaterra e foi uma voz do movimento não-conformista na Inglaterra; até que ele, juntamente com muitos outros, foi expulso da Igreja Anglicana e sofreu a terrível perseguição, a qual era o destino dos ministros expulsos.

Apesar de Ames não ter sido, sob hipótese alguma, bem conhecido, as Igrejas reformadas holandesas devem muito a ele por seu inabalável e inflexível posicionamento contra o arminianismo. O puritanismo pelo qual ele lutou na Inglaterra seria o seu legado na Holanda, visto que este perdurou em muitos ramos das igrejas reformadas.

## Francisco Gomarus - O Obstinado Defensor da Glória de Deus

### Introdução

É um fato surpreendente da história que muitas vezes em controvérsia doutrinária, o herege é um homem bom, enquanto o defensor da fé é, a partir muitos pontos de vista, um personagem miserável. Ário *versus* Atanásio: Ário o suave, diplomático, simpático negador da divindade de Cristo; Atanásio o defensor obstinado e implacável do Credo de Nicéia. Nestório *versus* Cirilo: Nestório, o herege popular e talentoso que insistia que Cristo era duas pessoas; Cirilo, o defensor altivo e cruel da unidade das naturezas de Cristo em uma pessoa divina; Pelágio *versus* Agostinho: Pelágio, o defensor urbano e espirituoso da liberdade da vontade; Agostinho, o intratável defensor da graça soberana; Hincmar *versus* Gottschalk: Hincmar, o erudito e poderoso arcebispo de Reims; Gottschalk, o austero e hostil seguidor de Agostinho, que apodreceu na prisão por sua obstinação. E assim a lista poderia continuar: o humanista Erasmo *versus* Lutero; a rainha Maria da Escócia *versus* Knox; Bolsec o herege *versus* Calvino. Aqueles que conhecem a história deles podem encontrar outros, talvez dentro de sua própria e particular história denominacional.

Assim também foi com Gomarus. As vezes, até mesmo seus amigos o achavam desagradável e quase insuportável. Seu adversário, Jacó Armínio, popular entre os estudantes e ministros, agradável, gentil, tolerante, cheio de preocupação pelos amigos e inimigos da mesma maneira, apresenta um grande contraste. Mas Armínio era o herege e Gomarus se levantou pela verdade.

Por que Deus trabalha dessa maneira na história da igreja? Por que tão frequentemente o indivíduo agradável é o inimigo da fé, enquanto o antiquado grosseiro é o defensor da verdade de Deus? Eu acho que não podemos encontrar uma resposta completa para esta pergunta. Mas parte disto é que a verdade não é popular e os defensores da verdade às vezes podem tornarem-se mau-humorados por causa dos ataques ferozes e implacáveis dos oponentes. Às vezes a linguagem enganosa e mentirosa dos hereges, os quais escondem sua heresia em palavras revestidas com mel, somente pode ser exposta pela linguagem afiada e descortês. Às vezes a defesa da fé exige um homem inflexível que não vai ceder, não importa quais

sejam as consequências, ainda que ele seja apresentado por seus inimigos como sendo irracional e cruelmente obstinado, para que a verdade pela qual ele luta possa ser difamada junto com ele. Constantemente Deus usa os meios mais fracos para cumprir a Sua vontade.

Há uma verdade importante aqui, uma verdade que poucos prestam atenção. Assim, muitos são convencidos de sua posição pelo caráter dos homens envolvidos: o bom homem deve ser o certo, o sujeito desagradável possivelmente não esteja correto. No entanto, a verdade deve ser decidida em outra área que não a de personalidades, ela deve ser decidida exclusivamente pela Escritura, independente de quaisquer gostos e desgostos pessoais. Sem desculpar o que às vezes é má conduta por parte dos homens ortodoxos, é importante que a igreja se lembre que a verdade é determinada apenas pela Palavra de Deus. Gomarus, apesar de todas as suas deficiências, era um defensor da fé reformada. E, por amor à verdade, deve-se olhar acima das falhas pessoais.

## **O Início de sua Vida e sua Educação**

A família na qual Gomarus nasceu, vivia em Bruges, uma cidade na província de Flandres, que era então uma parte dos Países Baixos, mas agora é uma parte da Bélgica. Gomarus era o filho mais velho da família, nasceu no dia trinta de janeiro de 1563. Ele tinha dois irmãos mais novos e possivelmente uma irmã mais nova. Algum tempo antes de 1570, embora provavelmente após o nascimento de Gomarus, sua família abraçou a fé reformada.

Gomarus começou seus estudos em Bruges e em uma idade precoce aprendeu latim e grego. Em 1577, por causa da gravidade da perseguição da Espanha nos Países Baixos, a família procurou refúgio na Alemanha, no Palatinado. Por sua família estar próxima a cidade de Estrasburgo, Gomarus pode estudar lá sob a tutela de Johann Sturm, um reformador da segunda geração, na cidade onde Calvino tinha vivido nos anos de seu exílio de Genebra.

Quando Frederico, o Piedoso, o eleitor calvinista do Palatinado morreu, seu irmão Louis - Ludwig - veio para o eleitorado. Ele era um luterano e odiava o calvinismo ardentemente. Ele expulsou todos os professores calvinistas da Universidade de Heidelberg, incluindo Ursinus e Olevianus, os autores do Catecismo de Heidelberg. Alguns desses professores se estabeleceram em Neustadt, e Gomarus passou a estudar em Neustadt sob Ursinus e Zanchius. Seus estudos incluíam hebraico, grego, latim e filosofia.

De 1582 até 1584, Gomarus ampliou sua educação através de uma viagem para a Inglaterra, onde estudou, primeiro em Oxford e depois em Cambridge. Em 1585, Louis morreu, e seu irmão, o príncipe Casimiro, tornou-se eleitor. Ele restabeleceu a universidade para os professores de Heidelberg que ainda estavam vivos. Gomarus, buscando instrução reformada, gastou dois anos lá.

## **Seu Ministério e Professorado**

Gomarus recebeu uma ampla e excelente educação e se tornou um especialista em línguas, incluindo hebraico. Mas sua educação foi, em primeiro lugar, para ser colocada em uso no ministério pastoral, o qual ele também aspirava. Ele se tornou pastor de uma congregação holandesa em Frankfurt, na Alemanha. A igreja tinha sido estabelecida em 1555, por Marten Micronius e John à Lasco, dois da segunda geração de reformadores. John à Lasco tinha desempenhado um papel significativo na formação da liturgia das igrejas reformadas holandesas.

O trabalho em Frankfurt não durou muito tempo. A igreja foi dissolvida por causa da perseguição luterana. Os luteranos estavam constantemente furiosos porque o calvinismo tinha se apoderado da Alemanha, a qual eles consideravam a sua reserva particular.

Enquanto estava em Frankfurt, Gomarus se casou com Emerentia, uma filha de Gilles e irmã de Abraham Muysenhol. Eles não tiveram muito tempo juntos: ela morreu no parto de seu primeiro filho em 1591, pouco depois que eles se casaram. Dois anos mais tarde, Gomarus se casou novamente, com uma mulher chamada Maria, uma filha da nobreza local. Ele viveu com ela por muitos anos.

Embora a congregação em Frankfurt tenha sido dissolvida e Gomarus tenha sido deixado sem um pastorado, dentro de poucos meses ele foi convidado a se tornar professor de Teologia na Universidade de Leiden. Sua reputação por vasto conhecimento e sua devoção à ortodoxia já era bem conhecida.

Embora não se saiba exatamente qual era o salário de Gomarus enquanto em Leiden, os registros da cidade indicam que provavelmente era muito bom. Ele era dono de uma casa ao lado da universidade. Os impostos da cidade eram cobrados com base no número de chaminés na casa, e Gomarus era cobrado por onze chaminés.

Os primeiros anos na universidade foram provavelmente alguns dos mais felizes na vida de Gomarus. Ele apreciava seu trabalho, teve a oportunidade de desenvolver seus estudos e encontrou uma casa agradável, onde todos seus colegas partilhavam



da mesma fé. Seus alunos também o respeitavam por sua grande erudição e seu trabalho foi benéfico para as igrejas.

Tudo isso mudou em 1603. Neste ano, sob os intensos protestos de Gomarus, Jacobus Harmsen, conhecido como Jacó Armínio, foi nomeado professor de Teologia na universidade, para trabalhar com Gomarus no corpo docente. Isto provou ser o começo do problema que finalmente resultou em uma divisão nas igrejas holandesas por todo o país, e só foi resolvida pelo grande Sínodo de Dort.

### **A Controvérsia com Armínio**

Pode nos surpreender um pouco que Gomarus tenha lutado duramente contra a nomeação de Armínio como professor de Teologia. Mas essa surpresa se evapora quando percebemos que Armínio estava sob intensa suspeita por seus pontos de vista antes de ele ter sido considerado para um cargo de professor. Depois de completar seus estudos, Armínio se tornou ministro na igreja de Amsterdã, onde logo após o início do seu ministério começou uma série de sermões sobre o livro de Romanos. Em relação a maneira com a qual ele lidou com Romanos capítulo 7, versos 14 a 25, Armínio tomou a posição de que Paulo estava descrevendo nesta passagem seu estado espiritual antes de sua conversão. Pode-se facilmente reconhecer que isso implica que Paulo antes de ser convertido, foi capaz de desejar o bem: "*O bem que desejo [...]*". Tal visão era uma negação da depravação total do homem e pavimentou o caminho para a doutrina da liberdade da vontade humana na obra da salvação.

Estas opiniões foram desafiadas por Plancius, um dos ministros em Amsterdã, colega de Armínio. A polêmica surgiu na igreja, a qual se intensificou quando Armínio começou a pregar no capítulo 9 de Romanos. Foi no meio dessa situação que a nomeação foi feita, e que Gomarus, ciente da controvérsia, se opôs. Mas Armínio tinha amigos poderosos nos mais altos escalões do governo e sua nomeação foi aprovada.

No final, Gomarus concordou com a nomeação. Antes da aprovação final de Armínio, uma reunião foi realizada entre ele e Armínio, patrocinada pelos estados gerais do governo holandês. A interpretação do capítulo 7 de Romanos foi discutida, mas Armínio conseguiu esconder suas verdadeiras crenças de tal forma que Gomarus ficou satisfeito e aprovou a nomeação. Mais tarde, Gomarus falou que lamentava esta aprovação.

A controvérsia surgiu novamente no dia sete de fevereiro de 1604, quando Armínio propôs várias teses sobre a doutrina da predestinação. A totalidade destas teses pode ser encontrada na seguinte citação:

*"A predestinação divina é o decreto de Deus, em Cristo, pelo qual Ele decretou por meio de Si mesmo, desde a eternidade, justificar, adotar e presentear com a vida eterna, para o louvor da Sua gloriosa graça, os crentes a quem ele decretou que seriam presenteados com a fé. Por outro lado, a reprovação é o decreto da ira ou vontade severa de Deus, pela qual Ele determinou, desde a eternidade, com a finalidade de mostrar a Sua ira e poder, condenar à morte eterna, como colocados fora da união com Cristo, os incrédulos que, por sua própria culpa e o justo juízo de Deus, não crerão."*

Minha suposição é que a maioria dos leitores pode encontrar muita dificuldade para encontrar algum erro nesta afirmação de Armínio. A dificuldade em encontrar o seu erro é provavelmente, em parte, devido ao fato de que Armínio era capaz de camuflar seu erro de forma enganadora para o fazer parecer reformado, mas a dificuldade em detectar o que está errado, infelizmente pode também ser explicada pela falta de sensibilidade teológica na igreja de hoje.

De qualquer forma, o problema com a declaração de Armínio, há pouco citada, encontra-se no fato de que, o que Armínio ensina neste parágrafo é uma predestinação condicional: "[Deus] *decretou* [...] *justificar* [...] *o crente* [...]" Isto é, Deus decretou justificar aqueles que têm fé - o que faz da fé uma condição à eleição. E: "*A reprovação é o decreto de Deus* [...] *para condenar os incrédulos* [...]". Isto é, reprovação também é um decreto condicional, e a condição desta é a incredulidade.

Gomarus atacou estas declarações, e o resultado foi uma controvérsia amarga e prolongada. Armínio continuou a se apresentar como um fiel defensor da fé reformada, enquanto tentava projetar uma imagem desfavorável de Gomarus como um inimigo do verdadeiro calvinismo. Não é difícil perceber que Gomarus recebeu uma má reputação por sua oposição a Armínio. Afinal de contas, o ponto parecia insignificante, conforme até mesmo os líderes do governo mais tarde diriam. Por que brigar por isso? E Armínio era um homem tão bom! Ele protestou sua inocência repetidamente e assegurou a todos que era um reformado sadio e profundamente comprometido com as confissões reformadas. Como podia Gomarus, aquele homem que nunca sorria, ser um homem tão inflexível?

A controvérsia durou quatro anos e finalmente, envolveu as igrejas. Em 1608, Gomarus e Armínio organizaram um debate público diante do Supremo Tribunal de Haia, em um esforço por parte do governo em resolver os problemas. Na conclusão do debate, Barneveldt, um amigo de Armínio e chefe do governo, em um breve discurso para os dois combatentes declarou que ele agradecia a Deus porque as afirmações deles não afetaram os artigos fundamentais da religião cristã. Para este, Gomarus respondeu de

forma característica: "*Eu não apareceria diante do trono de Deus com os erros de Armínio*". O Tribunal julgou os fatos em debate serem assuntos de pouca importância.

Em novos esforços para resolver as divergências, foi organizada uma reunião, na qual Gomarus e Armínio apresentariam seus artigos descrevendo suas respectivas posições sobre a doutrina da predestinação. Cada um recebeu 250 *florins*<sup>89</sup> para cobrir as despesas da preparação dos artigos. A reunião nunca foi realizada porque Armínio morreu em 1609, provavelmente, de tuberculose.

Não é nosso propósito neste capítulo registrar a história da controvérsia mais além do que o envolvimento de Gomarus nela. Conforme qualquer um sabe, mesmo que com um passageiro conhecimento da controvérsia, o ponto questionável eram as importantes questões da salvação pela graça soberana *versus* a salvação com base nas obras do homem. Dez anos após a morte de Armínio a controvérsia foi resolvida no Sínodo de Dort, onde a posição de Gomarus foi vindicada.

Em 1611, Gomarus se demitiu do cargo na Universidade de Leiden. O motivo de sua demissão não é conhecido, mas pode ser que a controvérsia e o apoio do governo à Armínio desgastaram além da resistência, as forças do velho guerreiro. De qualquer forma, após a sua demissão, ele se tornou pastor de uma congregação reformada em Middleburg onde também lecionou em Teologia e Hebraico na universidade local.

Em 1614, Gomarus foi para Saumur, na França, onde se tornou professor de Teologia. É um pouco desconcertante saber que a escola de Saumur, não muito tempo depois de Dort, tornou-se o berço do amiraldismo, uma heresia não muito diferente do arminianismo.

Nos anos de 1618 e 1619, Gomarus foi ao Sínodo de Dort, juntamente com outros professores assessores. Ele teve um papel efetivo nos trabalhos do sínodo e foi fundamental na vitória da verdade da Escritura, que a salvação é pela graça soberana e não por escolha do livre arbítrio dos homens.

Um aspecto interessante no papel de Gomarus no Sínodo de Dort, foi seu trabalho em uma comissão para investigar os ensinamentos de Maccovius. Maccovius também sustentava fortemente a doutrina da predestinação soberana, mas foi acusado de levar a doutrina a tal extremo de modo que ele fazia de Deus o autor do pecado. O sínodo entregou o caso aos representantes do governo que não foram capazes de resolver o conflito. Uma comissão foi nomeada para tratar do assunto, em tal comitê, Gomarus serviu. Mais tarde nos trabalhos do sínodo, o comitê informou que o assunto tinha sido resolvido amigavelmente e Maccovius foi advertido a não fazer declarações

---

<sup>89</sup> Valor estimado em 36 mil dólares.

radicais e biblicamente injustificáveis.

Depois do sínodo, Gomarus foi para a Universidade de Groningen, onde tornou-se professor de Teologia e Hebraico. Em 1633, Gomarus participou da revisão da tradução da Bíblia, esse trabalho foi feito em Leiden. Durante estas reuniões ele argumentou veementemente contra a inclusão dos livros apócrifos na Bíblia, mas foi derrotado. Esta tradução, autorizada pelo Sínodo de Dort, foi durante muitos anos para os holandeses, o que a versão autorizada era, e é para o Inglês. Gomarus ficou em Leiden até sua morte, no dia onze de janeiro de 1641.

## Conclusão

Não pode haver dúvida a respeito de que Gomarus era um homem inflexível, difícil de se conviver, propenso a declarações extremas e as vezes violento em sua oposição à Armínio e ao arminianismo. Ele nunca *"fazia rodeios"*. Ele nunca deixou qualquer dúvida na mente de ninguém, sobre aquilo que acreditava. Ele nunca se preocupou em *"pisar no calo das pessoas"* ou ofendê-las, se elas não estivessem com coração e a mente comprometidos com a verdade.

Às vezes as descrições sobre ele são tendenciosas, e a amargura contra a sua firme defesa da fé, despeja-se em violentas críticas contra sua personalidade. Deste modo, um autor foi capaz de escrever: *"[Ele] revelou o espírito mais violento, virulento e intolerante, e esforçou-se, por meio de várias publicações, em incitar a indignação dos estados da Holanda contra o seu rival"*.

Um pouco disso era verdade. Até mesmo Junius, que se tornou parente de Gomarus por causa do casamento, disse:

*"Esse homem agrada a si mesmo, da maneira mais espantosa, por suas próprias observações. Ele obtém todo o seu estoque de conhecimento com os outros; e ele não alega nada de si mesmo: ou, se em algum momento ele varia desta prática habitual, é extremamente infeliz nessas mudanças ocasionais."*

Há uma história em algum lugar, que é difícil de se dizer se é verdadeira ou falsa, que no Sínodo de Dort, um ancião foi nomeado para se sentar ao lado de Gomarus a fim de puxá-lo de volta para sua cadeira quando ele desse um salto e forçasse os demais para fazer uma colocação.

No entanto, Gomarus era um convicto defensor da fé. Talvez fosse necessário um

homem como ele para ficar contra a maré crescente do arminianismo. A providência de Deus prepara os homens que são "*inflexíveis*" sobre as coisas corretas. E se isso parece ser uma desculpa para seus pecados, a verdade é que apesar de isso não acontecer, Deus pode, como diz o provérbio, desenhar uma linha reta com uma vara torta. Às vezes, só uma linguagem muito forte colocará em fuga os astutos esquemas dos hereges.

No Sínodo de Dort, Gomarus defendeu não somente a ortodoxia mas a ortodoxia supralapsariana. E apesar de seus pontos de vista a esse respeito não prevalecerem no sínodo, pois os cânones são infralapsarianos, seu supralapsarianismo não foi condenado pelo sínodo e sua defesa da fé foi um serviço inestimável enquanto o sínodo lutava contra os erros do arminianismo.

Gomarus só se preocupou com uma coisa: a glória de Deus. Ele permitia que apenas um livro determinasse sua teologia: a Sagrada Escritura. Em um álbum no qual ele manteve várias cartas, fichas de amizade, e algo como um diário, Gomarus escreveu em hebraico: "*Tua Palavra [de Deus] é Luz*".

Gomarus era da categoria de Calvino, Gottschalk, Agostinho e Atanásio. Ele foi o precursor de outros a seguir, entre os quais um deve ser Herman Hoeksema, cuja vida é resumida no capítulo cinquenta e um deste livro. Nós não precisamos aprovar sempre a maneira como eles fizeram coisas - embora possamos ter um olhar constante e firme para nós mesmos a esse respeito -, mas devemos agradecer a Deus por eles, pois eram homens de coragem e convicção, que lutaram pela verdade e justiça contra todas as probabilidades. Concentrar-se em suas fraquezas e em suas falhas de maneira a condenar a suas defesas da fé é ser infiel à verdade. Olhar além das personalidades e ponderar tudo a luz da Escritura, é ser fiel. Combater é a coragem da fé. Que Deus conceda homens como estes para a igreja de hoje - mesmo que por vezes tenham personalidades difíceis. A igreja precisa mais do que homens agradáveis.

## Johannes Maccovius - O Supralapsariano

### Introdução

As páginas da história da igreja de Cristo estão repletas com grandes personagens que influenciaram sua época e que foram uma grande influência na história posterior. Porém, Deus não usa apenas homens imponentes que são mais talentosos do que nós e que têm um trabalho que é lembrado ao longo dos tempos, dado por Deus. Deus usa outros homens, personagens menores, cujos nomes podem aparecer em uma nota de rodapé ou em dois de alguns versados volumes raramente lidos, mas que não são esquecidos no céu, pois seus nomes aparecem no Livro da Vida. Não estou falando aqui daquele nobre e sublime grupo de santos cujos nomes ninguém conhece a não ser Deus, cujos atos foram em sua maior parte desconhecidos no tempo em que viveram, e cujos túmulos são esquecidos. Eles são os "*últimos*" que a Escritura nos assegura que serão os "*primeiros*" no Reino dos Céus. Eu estou falando de outros, os quais em seu tempo foram reconhecidos como líderes, com habilidades excepcionais, a quem Deus usou em alguns momentos de maneiras bem curiosas, mas que são, na maior parte, desconhecidos hoje. Vale a pena em nosso tempo lembrar do esquecimento de alguns desses homens.

Johannes Maccovius foi tal homem. Talvez a sua importância reside principalmente em um "*caso*" contra ele, que foi tratado no grande Sínodo de Dort e que teve ramificações que tocam em questões teológicas de nossos dias.

### Sua Vida

Johannes Maccovius nasceu em Lobzenica, na Polônia, no ano de 1588. Isso significa que, se queremos colocá-lo no contexto de alguns eventos célebres da Reforma, ele nasceu cerca de vinte e cinco anos após a composição da Confissão Belga e do Catecismo de Heidelberg, e que no seu nascimento, o erro do arminianismo já estava tomando conta do solo holandês.

O nome Johannes Maccovius é o seu nome em latim, que ele adquiriu, como era o

costume naqueles dias, quando ele se tornou professor em uma universidade. O nome dado a ele por seus pais era Jan Makowsky, nome que indicava claramente a sua ascendência polonesa.

A Reforma de Calvino tinha, em certo âmbito, influenciado a Polônia, e Maccovius não era, de maneira alguma, o único dos primeiros reformadores influentes a surgirem daquela terra. Depois de sua educação primária, Maccovius foi enviado à Alemanha, onde estudou nas principais universidades. Após completar seus estudos, ele voltou para a Polônia, onde visitou diversas universidades em sua pátria, como tutor de nobres jovens poloneses. Em algum lugar ele se familiarizou com o sistema de doutrina conhecido como calvinismo, e ele o abraçou avidamente e permaneceu fiel a ele por toda sua vida.

As atividades de Maccovius não se limitavam apenas à tutoria de filhos mimados de nobres afeminados. Ele começou a se envolver em disputas contra diversos hereges. A heresia sociniana que negava a verdade da trindade, e as heresias jesuítas que procuravam reintroduzir os ensinamentos católicos romanos, eram os alvos de seu ódio. Poderosos e influentes socinianos e jesuítas disputavam suas habilidades de debate com este defensor da ortodoxia calvinista.

Foi especialmente através de tais disputas que sua fama se espalhou em outros lugares, e Maccovius logo recebeu um convite da Universidade de Franeker, na Holanda, para ensinar Teologia em uma prestigiosa universidade. Em 1614, ele se tornou Doutor em Teologia, e em 1615, foi nomeado professor de Teologia. Ali, ele permaneceu pelo resto de sua vida, morrendo em Franeker no dia vinte e quatro de junho de 1644.

Sybrandus Lubbertus era seu colega e o principal promotor da universidade, porém tornou-se um inimigo e acusador no "*Caso Maccovius*".

É dito que, embora Maccovius fosse um homem extraordinariamente modesto, ele era um professor talentoso e bem quisto por seus alunos. Na verdade, ele era tão popular que sua fama se espalhou por toda a Europa e sua reputação atraiu para Franeker estudantes de todas as partes do continente. O aspecto marcante de sua vida foi sua controvérsia com Lubbertus, e há nesta controvérsia eventos significativos que são importantes para nós hoje.

### **Sua Controvérsia com Lubbertus**

Embora não seja fácil de resolver precisamente as questões da controvérsia, é

evidente que Maccovius colocou em prática o que se tornou conhecido como o método escolástico de ensino da teologia. Resumidamente, o método escolástico de ensino era um método de aplicar os princípios da lógica na teologia e ensinar a teologia como um sistema lógico da verdade. De fato, foi a clareza lógica do ensino de Maccovius que o fez tão popular entre seus alunos.

O obstáculo parece ser, no entanto, que ele algumas vezes levou o sistema de análise lógica e seu desenvolvimento longe demais. Ele foi acusado, por exemplo, de dar às deduções lógicas das verdades bíblicas a mesma autoridade que ele dava a própria Escritura. Mas aqui, novamente, é difícil dizer se ele realmente fez isso, e, se ao fazer isso ele se afastou da ortodoxia.

De qualquer forma, Maccovius era um inimigo ferrenho e implacável do arminianismo, e lutou contra ele vigorosamente. A guerra que ele travou contra o arminianismo fez dele um inimigo menosprezado pelos remonstrantes, pois com ele não se encontrava em nenhum tipo de acordo. Inimigos da verdade frequentemente estão dispostos a demonstrarem certa amizade aos defensores da fé, até onde haja alguma esperança de acordo. Talvez não tenha existido nenhum outro teólogo, a não ser Gomarus, que tenha sido tão profundamente ofendido por esses hereges quanto Maccovius.

No andamento de suas lutas contra o arminianismo, Maccovius foi particularmente obrigado a defender as verdades da dupla predestinação soberana. Ele fez sua defesa contra os esforços arminianos em ensinar que Cristo desejava a salvação de todos os homens, mas a respeito da defesa da posição ortodoxa calvinista, ele foi, na opinião do seu colega Lubbertus, longe demais - longe demais no ensinamento de que Deus decretou o réprobo para o pecado e longe demais no ensino de que o réprobo peca por necessidade.

As opiniões de Maccovius chamaram a atenção de Lubbertus e outros, no exame de um aluno que, em 1616, estava defendendo diversas teses envolvidas com a posição supralapsariana. Os inspetores ligaram os pontos de vista deste aluno, cujo nome foi enterrado no esquecimento, ao seu professor Maccovius. Assim, aquilo pelo que Maccovius foi acusado veio, na verdade, de um de seus alunos.

Não se pode negar que Maccovius, brilhante erudito que era, levou por meio de seu método escolástico as doutrinas da dupla predestinação soberana longe demais, e que ele não ensinou devidamente a relação entre a reprovção e o pecado. No entanto é verdade também que Lubbertus, quer tenha reagido indevidamente ao ensino de Maccovius ou não tenha sempre esclarecido as coisas, fez declarações que pareciam apoiar o desejo da parte de Deus de salvar todos os homens - o âmago do erro da *oferta bem-intencionada* do Evangelho.



Qualquer que seja a exata verdade do assunto, o caso foi levado aos deputados do estado da Frísia, que decidiram contra Maccovius. Convencido de que não tinha dito nada de errado, Maccovius apelou ao Sínodo de Dort. E assim, enquanto o sínodo lutava contra a heresia arminiana, também tinha sobre a mesa o caso de Maccovius.

Nos estágios iniciais do caso, o assunto foi dado a um comitê político que tentou resolver a questão, tentando chegar a um acordo entre Maccovius e seu colega Lubbertus. Estes esforços foram totalmente fracassados.

Após o sínodo ter sido informado da falta de êxito, o sínodo nomeou outro comitê para estudar o assunto, na tentativa de resolvê-lo, e vir se necessário, com recomendações ao sínodo. O comitê era constituído por delegados holandeses e estrangeiros: Scultetus de Heidelberg, na Alemanha; Stein de Kassel; Breytinger de Zurique, na Suíça; e Gomarus, Thysius, e à Meyen da Holanda.

Foi surpreendente que Gomarus, um fervoroso supralapsariano, também fazia parte do comitê. O comitê se reuniu com Maccovius, bem como com Lubbertus. O que aconteceu nas reuniões nunca foi revelado, mas o comitê conseguiu reconciliar esses dois colegas incompatíveis. O comitê relatou ao sínodo que a questão foi resolvida amigavelmente por uma decisão em que o próprio Maccovius participou; que o comitê exonerou Maccovius de todos os erros de qualquer gênero, mas que Maccovius foi repreendido por sua maneira de ensinar, por algumas declarações precipitadas que ele tinha feito, e por seu supralapsarianismo parcial.

E assim foi colocado um ponto final no assunto.

## Conclusão

Esta ação tomada pelo Sínodo de Dort no caso de Maccovius tem significado hoje.

Todos que sabem alguma coisa sobre os Cânones de Dort, também sabem que estes cânones são infralapsarianos. Aqueles que apoiam o infralapsarianismo têm dito que o supralapsarianismo é anti-confessional. Isso significa que os atuais membros da *Protestant Reformed Churches - Igrejas Protestantes Reformadas* -, os quais são predominantemente supralapsarianos, são de fato anti-confessionais.

Mas o caso Maccovius prova que isto não é verdade.

Embora os cânones sejam, sem sombra de dúvida, infralapsarianos, os autores dos cânones, de forma intencional e consciente, recusaram-se a condenar o

supralapsarianismo. As questões de "*supra*" versus "*infra*" foram vigorosamente debatidas por toda a assembleia do sínodo, e cada posição teve seus leais defensores. O sínodo teve a oportunidade perfeita no caso Maccovius, e poderia muito bem ter usado as declarações precipitadas de Maccovius como uma causa, de condenar o supralapsarianismo na igreja holandesa, se realmente desejasse fazê-lo. Ao se recusarem a fazê-lo e exonerarem Maccovius, o sínodo insistiu que havia espaço nas igrejas reformadas para o ponto de vista supralapsariano. E isto permanece até hoje<sup>90</sup>.

Nos primeiros anos da *Protestant Reformed Churches* na América, os pais e avós poderiam argumentar longa e furiosamente sobre os relativos méritos dos dois pontos de vista debatidos em Dort, embora hoje em dia quase ninguém se importe mais com tais questões. No entanto, dentro da *Protestant Reformed Churches* sempre houve espaço para os dois pontos de vista, e os defensores de um ponto jamais buscavam penalidades eclesiásticas contra os outros.

Gomarus, um forte supralapsariano, se juntou ao comitê em alertar Maccovius contra o uso de métodos não-bíblicos e as declarações precipitadas. Estas mesmas declarações precipitadas são condenadas nos próprios cânones, que nos dizem em termos inequívocos, que não podemos fazer de Deus o autor do pecado.

Ao mesmo tempo, Gomarus, juntamente com o restante do comitê, trouxe a reconciliação entre Maccovius e Lubbertus. Isso foi possível somente ao mostrar para Lubbertus que Maccovius, em sua oposição ao amor universal de Deus, era reformado.

---

<sup>90</sup> A questão do supralapsarianismo vs. infralapsarianismo, tem a ver com a ordem dos decretos de Deus em Seu conselho. As duas posições concordam que o único propósito do conselho de Deus é a glória de Seu nome. Os "*infra*" acreditam que Deus determinou glorificar Seu nome pela seguinte ordem de decretos: a criação do homem, a queda do homem, a predestinação e a salvação em Cristo. Os "*supra*" acreditam que Deus determinou glorificar Seu nome por meio de Jesus Cristo e n'Ele a salvação de uma igreja eleita. Para este fim, Deus determinou a criação e a queda do homem, juntamente com o decreto da reprovação. Que os cânones foram escritos do ponto de vista infralapsariano fica claro em declarações como: "*Eleição é o imutável propósito de Deus, pelo qual [...] Ele tem [...] escolhido de toda a raça humana, que caiu por sua própria culpa [...] um certo número de pessoas [...]*" (Cap. I, Art. 7); "[Deus] deixa os não eleitos em seu merecido julgamento por sua própria maldade e obstinação" (Cap. I, Art. 6). Os "*infra*" sempre temeram os ensinamentos dos "*supra*", pois isso poderia fazer de Deus o autor do pecado. Os "*supra*" sempre temeram os ensinamentos dos "*infra*", pois parece fazer da queda um erro sobre o qual Deus não tinha controle, de modo que a salvação em Cristo é o *plano B*, uma vez que o *plano A* falhou. As igrejas reformadas têm sempre insistido que ambos os pontos de vista são aceitáveis, se não levados aos extremos.

## **Gijsbert Voetius - O Defensor da Ortodoxia**

### **Introdução**

O Senhor prometeu à sua igreja, comprada com Seu próprio sangue, que os portões do inferno jamais prevalecerão contra ela. Para isto, Cristo levanta homens na igreja que são defensores da fé, cheios de força e paixão. Estes homens, qualificados por Cristo, postos na igreja em momentos cruciais e espiritualmente equipados para a tarefa, batalharam contra as heresias que ameaçam o bem-estar da igreja. Afinal, um dos principais meios usados por Satanás para destruir a igreja é a introdução de heresias no ministério e ensino da igreja.

Nem sempre estes homens são os mais amados; certamente, eles têm que sofrer com frequência a certos abusos nas mãos daqueles que são membros junto a eles na igreja. Eles não estão livres do pecado; Deus tem prazer em usar até mesmo as fraquezas de santos pecadores para cumprir Sua vontade. Mas eles são homens de coragem e fidelidade e através deles Cristo preserva a causa de Sua igreja no mundo.

É impressionante que praticamente assim que os delegados do grande Sínodo de Dordrecht disseram adeus aos outros delegados e retornaram a seus lares e igrejas, sérias heresias que ameaçavam a ortodoxia surgiram nas igrejas da Holanda. Em Dordrecht, o eco dos sinos que indicavam o fim do sínodo ainda não tinha se dissipado e erros de quase todo tipo concebível entraram nas universidades e pastorados. Foi apenas através de batalhas corajosas de fiéis homens de Deus que estes erros foram rejeitados, e apenas por um tempo.

Um dos defensores mais veementes da fé era um homem chamado Gijsbertus Voetius; ou, se abandonarmos a versão latina de seu nome, Gijsbert Voet - sendo o sobrenome a palavra holandesa para "pé", seu nome seria *Gijs Pé*. Ele foi um homem que se sobressaiu entre seus contemporâneos.

### **O Início de sua Vida**

Gijsbert Voetius era filho de um ministro reformado holandês, na cidade de Heusden, na Holanda. Ele nasceu no dia três de março de 1588 ou 1589 - os biógrafos não têm certeza. Pelo que parece certos reveses obscureceram os registros da cidade. A data de seu nascimento nos diz que ele viveu em um dos períodos mais problemáticos, embora prósperos, da Holanda. A Holanda tinha se tornado uma potência naval e sua marinha velejava pelos sete mares. Colônias foram estabelecidas por esta marinha nas Índias Ocidentais, nas Índias Orientais, América e África do Sul. Sedas, madeiras e temperos exóticos fluíam em uma corrente sem fim para dentro do país. O comércio crescente da Europa passava pelos seus portos. Homens de negócio e artesãos enchiam as cidades. A marinha da nação podia apresentar-se diante das poderosas potências marítimas da Inglaterra e França sem titubear. Isto era suficiente para fazer qualquer holandês orgulhoso.

A política entretanto era problemática. A Guerra dos Oitenta Anos com a Espanha ainda estava rugindo e as fronteiras do sul eram lugares perigosos para se viver. A nação estava dividida entre orangeístas - que queriam a Casa de Orange do trono da Holanda - e os republicanos - que não queriam nada parecido com uma monarquia. As divisões eram profundas e dolorosas.

A fé reformada tinha se enraizado na nação, e tinha, em poucas décadas, se tornado a religião dominante dos Países Baixos. Aquela fé reformada, nascida e nutrida em Genebra, tinha encontrado um solo particularmente rico entre os holandeses ardentemente independentes, mas estava sendo ameaçada por uma ligação crescente de muitos ministros e líderes à má heresia do arminianismo. O arminianismo tinha sido gerado no fértil, embora raso, cérebro de Armínio, um ministro em Amsterdã e mais tarde professor de Teologia na Universidade de Leiden.

O pai de Voetius era um defensor vigoroso da fé reformada e seu filho bebeu desta doutrina desde jovem.

Gijsbert era um menino brilhante que se destacou mais que os outros que estudavam com ele ainda cedo. Leiden era sua escola de origem, e lá ele estudou tendo Gomarus e Armínio como professores, contudo Gomarus tenha feito mais do que ninguém para dar forma à mente de Voetius. Ele era diligente no seu trabalho e tinha o que hoje chamamos de memória fotográfica. Ele avançou tão rapidamente em seus estudos que, enquanto ainda estudava na universidade, foi indicado como professor de Lógica. Em suas classes, defendia o calvinismo mais estrito e já naqueles anos mostrou seu desdém a qualquer ponto de vista que desafiasse os ensinamentos do reformador de Genebra.

Por causa de seus muitos dons, logo após sua graduação, ele foi chamado ao ministério da Palavra de Deus em Vlijmen. Isto aconteceu no ano de 1611, sete anos

antes do grande Sínodo de Dort. Depois de servir muitos anos no pastorado, ele se tornou professor na Universidade de Utrecht, onde passou o resto de sua vida, um professor por não menos que quarenta e dois anos.

### **O Seu Eficiente Ministério Pastoral**

Antes que Voetius se tornasse um professor, ele serviu duas congregações. Ele passou cerca de seis anos em Vlijmen, onde ele foi pela primeira vez chamado, e cerca de dezessete anos em Heusden, cidade onde nasceu.

Durante os anos em que foi um ministro, Voetius pregava oito vezes por semana - e nós pensamos que estamos ocupados quando pregamos duas vezes por semana. Embora naquela época fosse comum que as Escrituras fossem lidas por um presbítero e os cânticos dirigidos pelo condutor do coro, Voetius frequentemente fazia ambos em sua congregação.

Ele foi fiel em seu trabalho pastoral, e a congregação que serviu veio a amá-lo profundamente.

O ministério de Voetius não era limitado a obra da congregação; ele tinha grande interesse em evangelismo e missões. Enquanto esteve em Vlijmen, uma vila onde ainda encontravam-se muitos católicos romanos, ele foi muito importante na transição de um grande número de católicos romanos para a fé reformada. E enquanto esteve em Heusden ele teve grande influência em persuadir as grandes companhias de negócios a enviar missionários com os navios holandeses para partes distantes do mundo, para que a obra missionária pudesse ser feita nestas terras e ilhas remotas.

Como se tudo isto não fosse o suficiente, Voetius se dedicou ao estudo do Árabe, para melhor compreender as línguas semíticas, uma das quais era o hebraico do Antigo Testamento.

### **Um Professor Influyente**

Em 1634, Voetius aceitou o convite para tornar-se professor na nova Academia de Utrecht. Quando a academia se tornou uma universidade, em 1636, Voetius pregou o sermão inaugural em Lucas capítulo 2 versículo 46: "*Depois de três dias o encontraram no templo, sentado entre os mestres, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas*".

Enquanto ensinou em Utrecht, Voetius ensinou Teologia, Lógica, Física, Metafísica e Línguas Semíticas: Hebraico, Árabe e Siríaco - um fardo certamente pesado. Mas além desta grande quantidade de matérias que ensinava, ele também se tornou o pastor da igreja de Utrecht e a rua onde morava tem o seu nome até hoje.

Ele foi um autor prolífico em muitos campos diferentes, embora aqueles que leram seus escritos reclamam que estes são quase insuportavelmente chatos e difíceis de ler.

Para realizar todo este trabalho, Voetius se levantava às quatro horas da manhã para começar os seus estudos para o dia e preparar-se para suas muitas aulas.

Voetius é frequentemente acusado de ser "*escolástico*" em sua teologia; na verdade, um autor o chama de "*o maior dos escolásticos*". Com certeza, isto foi era para ser uma crítica. Hoje muitos reclamam que os teólogos da tradição reformada holandesa, começando com Theodoro Beza indo até Herman Hoeksema, têm alterado fundamentalmente a teologia de Calvino com o seu "*escolasticismo*". Contudo, antes de nos tornarmos críticos sobre estes teólogos supostamente "*escolásticos*", é preciso ouvir uma opinião mais equilibrada, que indica que não era a teologia em si dos primeiros teólogos holandeses que era escolástica; mas, ao invés disso, que o método no qual desenvolveram sua teologia era o método usado pelos teólogos medievais escolásticos. Isto é, estes teólogos holandeses estavam determinados a desenvolver o pensamento reformado através de análise cuidadosa, definição detalhada, por meio do desenvolvimento de cada conceito teológico, rejeição cuidadosa de toda heresia e organização lógica usada com o intuito de mostrar o relacionamento entre todas as verdades da Escritura. Isto não era, de nenhuma forma, de todo ruim. Mas isto é outra história.

## **A Batalha de Voetius Contra o Arminianismo**

Voetius odiava o arminianismo. Ele o via como este era: um ataque indiscriminado ao próprio coração da fé reformada e, fundamentalmente, um retorno ao catolicismo romano e sua doutrina de salvação por obras.

Ele tinha começado sua luta contra o arminianismo já antes de Dort à medida que os arminianos começavam a influenciar cada vez mais a teologia das igrejas holandesas. Na verdade, muito provavelmente, Voetius aceitou o convite para tornar-se pastor em Heusden porque esta cidade tinha se tornado o berço do pensamento arminiano.

À medida que o arminianismo ganhava espaço antes de Dort, Voetius viajava para

outras cidades - como Gouda e Bois-le-Duc na fronteira belga - para lutar com os inimigos da fé reformada.

Ele era considerado tão digno de confiança que foi eleito para ir como delegado ao Sínodo de Dort, entre 1618 e 1619. No sínodo ele fez grandes contribuições para a derrota dos arminianos e para a composição dos preciosos cânones. Quando Bogerman, o presidente do sínodo, colericamente repudiou os arminianos da assembleia e os proibiu de retornar, Voetius apoiou suas ações.

Embora Dort foi uma grande vitória da fé reformada, o veneno arminiano continuou a afetar as igrejas e Voetius passou toda a sua vida fazendo o que podia para extinguir este mal pernicioso.

O interesse de Voetius na fé reformada não era apenas em sua coerência intelectual e harmonia interna. Ele era um homem piedoso e temente a Deus. O título de um dos seus primeiros livros era *Proof of the Power of Godliness*<sup>91</sup>. A tese de seu livro era que, enquanto o arminianismo destrói a moralidade cristã, a fé ortodoxa atesta a si através de uma vida piedosa e reta. O livro não era o escrito de um homem que não vivia o que cria. Ele estava firmemente convicto, e mostrou isto em sua vida, que a fé reformada, quando abraçada de todo o coração, levava à piedade cristã.

## Outras Batalhas

Voetius não lutou apenas contra o arminianismo. Outras heresias apareceram logo após Dort e Voetius tomou as armas de sua guerra espiritual contra elas.

Aqui, mencionamos três.

Por mais estranho que pareça, logo após o Sínodo de Dort, o pensamento do filósofo francês, René Descartes, estava começando a ter impacto na Holanda, até mesmo na Universidade de Utrecht. Descartes acreditava profundamente que a fé cristã podia ser sustentada pela razão apenas e que ela não precisava da fé para sustentar seus próprios princípios. Isto era racionalismo, puro e simples. Contra isto Voetius guerreou ferozmente. Na verdade ele assegurou a demissão de Regius, seu colega na Universidade de Utrecht, um defensor do cartesianismo. O seu ataque foi tão penetrante que o próprio Descartes, em solitário isolamento na França, adorado por toda Europa, considerou necessário responder a Voetius. Infelizmente, enquanto Voetius venceu a batalha durante sua vida, ele a perdeu a longo prazo na teologia

---

<sup>91</sup> Tradução: *A Prova do Poder da Piedade*.

holandesa.

Quando os calvinistas franceses estavam sendo perseguidos na França, muitos deles fugiram para os Países Baixos onde puderam encontrar refúgio político. Entre eles estavam os místicos que encontraram simpatizantes em algumas partes da Holanda. O seu representante, na época de Voetius, era Jean de Labadie, que não era apenas impregnado com misticismo, mas também pregava e praticava a separação da igreja instituída - como os místicos geralmente fazem. Foram os esforços valentes de Voetius que mantiveram estes místicos miseráveis na retaguarda.

A maior luta de Voetius foi, contudo, com Cocceius, um colega no ministério. De certa forma, esta controvérsia foi triste pois o próprio Cocceius foi um personagem importante no desenvolvimento do pensamento reformado. Cocceius ficou incomodado com o "escolasticismo" de seus colegas e desenvolveu o que depois ficou conhecido como teologia bíblica. No decorrer de sua obra, Cocceius fez uma distinção tão forte entre o Velho e o Novo Testamento, que negou a validade do dia do Senhor do Novo Testamento. Embora Voetius o atacou por isso, a controvérsia também envolveu outros pontos, que incluíam várias questões políticas. Voetius fomentava fortemente a necessidade que a Holanda tinha de ser governada pela casa real de Orange, enquanto Cocceius queria uma forma de governo mais republicana.

A controvérsia se tornou muito amarga e a igreja foi dividida entre um grupo que defendia a Voetius e outro a Cocceius. Na verdade, a controvérsia nunca foi resolvida e continuou após a morte dos dois oponentes, e apenas extinguiu-se gradualmente.

Depois de ter três filhos, dos quais um se tornou um ministro e os outros dois professores, e depois de ver um neto se tornar um professor, Voetius morreu no dia primeiro de novembro de 1676.

Voetius tem sido frequentemente acusado de "*usar os fins para justificar os meios*". Ele "*era veemente e sem cuidado no que diz respeito a escolha de suas armas*." Ele foi até mesmo acusado de desonestidade por certos biógrafos, uma referência ao seu debate com Descartes, quando Voetius negou a autoria de um livro que fora publicado sob o nome de outro homem. Que Voetius foi um defensor veemente da ortodoxia não pode ser negado; e um autor, não um amigo, oferece este tributo a Voetius:

*"Com todos os defeitos de seu caráter, Voetius foi um cristão sério e sincero, e um dos servos mais devotos da igreja. Poucos homens em qualquer era exerceram maior influência sobre a igreja de seu tempo e país."*

Aquele que pessoalmente ama a igreja e a causa da verdade de Deus é o mesmo que



pode ver além do caráter de um homem e posicionar-se com ele na defesa da fé.

## Johannes Cocceius - O Teólogo Bíblico

### Introdução

No último capítulo nós falamos sobre um dos grandes teólogos da Holanda durante, e logo após, o Sínodo de Dort, realizado entre 1618 e 1619. Seu nome era Gijsbert Voetius.

Nós mencionamos o fato de que Voetius esteve envolvido em uma implacável controvérsia com Johannes Cocceius, uma controvérsia que perdurou além de suas vidas e quase despedaçou as igrejas reformadas holandesas.

Agora, desejamos falar um pouco sobre esta controvérsia.

### Início da Sua Vida e Educação

Johannes Cocceius não nasceu na Holanda, mas na Alemanha. Provavelmente foi por este motivo que ele nunca se sentiu muito à vontade entre os holandeses, mesmo tendo gasto grande parte de sua vida adulta entre eles. Ele nasceu ou no dia nove de agosto de 1603, ou trinta de julho do mesmo ano - os registros contêm ambas datas.

Johannes era o filho do secretário municipal de Bremen, Timann Coch. Quando Johannes finalmente latinizou seu nome, como muitos faziam naquela época, ele não mudou muito. Ele tinha um irmão, e desde sua juventude os dois eram conhecidos como "*Cocceii*" ou como nós diríamos "*os Cochs*". Logo, tudo o que Johannes fez foi mudar esta palavra latina do plural para o singular, e então surgiu Cocceius<sup>92</sup>.

Bremen - na época, uma parte da Alemanha -, estava solidamente no campo reformado. De fato, ela enviou delegados ao Sínodo de Dort, apesar dos delegados de Bremen serem conhecidos por todos do sínodo como sendo os mais fracos em suas convicções e os mais amigáveis aos arminianos.

---

<sup>92</sup> Pronuncia-se "*coc-cei-us*".

A família Coch era uma família antiga e ilustre que tinha uma tradição de prestação de serviço tanto à igreja como ao estado, muitos dos ancestrais dos Cochs se mantiveram em altos cargos políticos e eclesiásticos.

A educação de Johannes foi muito rigorosa quanto aos assuntos morais e religiosos. Aparentemente as lições que ele aprendeu, surtiram grande efeito sobre ele. Mais tarde, ele iniciou uma autobiografia, a qual nunca terminou, mas nela ele nos conta dois incidentes de sua infância que ilustram esta educação.

Em uma ocasião, Johannes foi punido na escola por algumas mentiras de menino; ele conta que após este incidente, ele passou a menosprezar a mentira de tal forma e obteve uma reputação de veracidade tamanha, que nunca era requerido dele juramento. Em outra ocasião, ele usou o nome de Deus irreverentemente na hora da refeição. Seu pai bateu-lhe na boca com a colher e ele nunca mais tomou o nome de Deus em vão.

Desde os primeiros dias de sua educação, ele mostrou uma habilidade notável para a aprendizagem, e em especial uma aptidão para línguas. Embora tenha estudado teologia, ele também dominou o grego de maneira tal que poderia ler amplamente a literatura grega por puro prazer, embora ainda fosse um garoto. Fascinado por línguas antigas, ele aprendeu hebraico, caldeu e árabe, a maioria por conta própria. Enquanto ainda era um estudante, ele escreveu um discurso em grego sobre a religião dos turcos, e leu o Alcorão para se preparar para o mesmo.

Em 1625, aos vinte e dois anos de idade, Cocceius foi para Hamburgo na Alemanha, para estudos gregos e rabínicos sob os judeus eruditos. Mas ele ficou muitíssimo infeliz com a vida universitária na Alemanha, principalmente, como ele conta, por causa da vida devassa dos estudantes.

Em 1629, ele deixou a Alemanha e foi para a Universidade de Franeker na Holanda. Ali ele estudou sob Maccovius e William Ames, dois homens citados em capítulos anteriores. Ele também estudou sob um homem chamado Sixtinus Amana, um orientalista<sup>93</sup> mundialmente reconhecido. Sob Amana, ele concentrou seus estudos no Talmud judeu.

A erudição de muitos destes teólogos holandeses é realmente surpreendente. Eles dedicavam suas vidas por completo aos estudos e a disciplina do saber. Eles eram altamente eruditos e mestres em seus campos, superiores a maioria dos teólogos de nossos dias.

---

<sup>93</sup> Erudito conhecedor da religião, cultura, línguas e povos do Oriente.

## Sua Vida Acadêmica

Desde os vinte e sete anos, a vida de Cocceius foi completamente devota ao ensino. Sua primeira função de ensino foi em sua cidade natal, Bremen, onde foi professor de Filosofia e Teologia Bíblica por cerca de seis anos. Mas a Holanda logo acenou para ele, e ele voltou para Franeker, onde ensinou Hebraico e Teologia. Ele permaneceu em Franeker por quatorze anos, depois se mudou para Leiden. Em Leiden, após servir as igrejas como professor na universidade, ele morreu com a idade de sessenta e seis anos, no dia quatro de novembro de 1669 - no auge de seu vigor. Ele foi subitamente golpeado por uma febre, e após apenas dezenove dias de enfermidade, ele partiu desta vida para estar com Deus.

Cocceius gastou toda a sua vida na academia e nunca conheceu o tumulto de uma vida de pastoreio com suas incessantes exigências, agendas lotadas e as cruéis lutas nas trincheiras da guerra espiritual da igreja. No entanto, na vida protegida da academia, ele trabalhou incansavelmente e produziu uma grande diversidade de obras que beneficiaram a igreja nos anos seguintes.

Cocceius era da antiga tradição alemã pietista, e refletiu esta tradição em sua vida. Ele não era apenas um homem piedoso e devoto, reconhecido por todos como tal, mas também deu a todos os seus escritos uma inclinação prática e experimental. Sua piedade manifestava-se também em sua insistência que o intérprete da Escritura tem que ser um homem que jamais estabelece suas próprias ideias da Palavra de Deus, mas está disposto, em um espírito de mansidão e humildade, a submeter-se a Escritura.

Cocceius fez um extenso trabalho no campo da interpretação bíblica e desenvolveu princípios importantíssimos como: a unidade orgânica da Sagrada Escritura; a interpretação da Escritura de acordo com a analogia da fé; a importância da interpretação das passagens da Escritura à luz de seu contexto e a relação entre o Velho e o Novo Testamento expressada na rima: "*O Novo está escondido no Velho, o Velho está revelado no Novo*".

Os estudos da Escritura de Cocceius percorriam toda a Bíblia, e ele escreveu comentários sobre quase todos os livros. Um biógrafo fala de suas habilidades exegéticas, em uma frase inesquecível, como sendo de "*discernimento perspicaz e julgamento sólido*".

A maior contribuição de Cocceius se encontra na sua obra sobre o pacto de Deus.

Embora muita coisa tenha sido escrita sobre a teologia do pacto antes dele, suas contribuições são tão respeitadas, que ele é algumas vezes chamado o pai da teologia do pacto.

Em 1995, tive a oportunidade de ouvir um professor da Holanda, um especialista na teologia de Cocceius, falar sobre este aspecto da obra de Cocceius. Aparentemente, sem se dar conta da posição da *Protestant Reformed Churches* - da qual sou membro - sobre o pacto, o professor deixou claro que Cocceius jamais fugiu por completo da ideia do pacto como sendo um pacto ou acordo, no entanto, ele falou disto como sendo primariamente um vínculo de comunhão. Por este motivo, nós temos uma dívida de gratidão para com Cocceius.

### Sua Controvérsia

Mas apesar de todas as suas realizações, Cocceius é sobretudo lembrado por sua implacável controvérsia com Voetius, e agora nós voltaremos para aquela controvérsia.

Estranhamente, a controvérsia centralizou-se no assunto da observação do dia do Senhor. Cocceius foi acusado de ser fraco sobre a questão do dia do Senhor. É surpreendente se considerarmos que Cocceius era um homem devoto e piedoso, e que provavelmente observava o dia do Senhor cuidadosamente. A dificuldade, no entanto, foi em sua teologia, não em sua prática. Cocceius ensinava que o dia do Senhor era judeu, uma parte da lei judaica, abolida com a vinda de Cristo, e sem nenhum vigor na Nova Dispensação. Ele não era contra a observação do dia do Senhor e a adoração à Deus no dia do Senhor, mas ele alegou ser uma questão de conveniência e não de princípio. Por este motivo ele foi acusado de antinomianismo, ou seja, a negação que a lei de Deus fosse válida para os santos na Nova Dispensação da mesma maneira que na Velha.

Há uma história por trás desta posição a qual Cocceius tomou. Até o tempo de Cocceius, os teólogos na Europa e na Holanda eram teólogos sistemáticos. Isto é, eles trabalhavam arduamente para organizar todas as doutrinas da Escritura em uma doutrina sistemática, na qual todas as conexões entre as diversas doutrinas foram estabelecidas claramente. Eles fizeram um trabalho muito parecido com a obra *Reformed Dogmatics*<sup>94</sup>, de Herman Hoeksema.

Porém, na sistematização de doutrina, certos teólogos foram culpados por alguns

---

<sup>94</sup> Tradução: *Dogmática Reformada*. Alguns trechos desta obra estão disponíveis em português no portal Monergismo.com .

exageros deste método. Ao invés de buscar a Escritura e trabalhar por meio de uma meticolosa exegese a fim de que as doutrinas da fé reformada fossem desenvolvidas e enriquecidas, eles se contentavam em sistematizá-la, para analisar o que já era conhecido, para pegar um texto isolado e dissecá-lo por meios de distinções sem fim e para levantar as objeções contra as doutrinas, com o único propósito de mostrar o erro das objeções.

Embora provavelmente esta descrição seja um exagero, o perigo era que as doutrinas se tornaram frias e estéreis, sem o calor e a paixão da confissão e da vida. Geralmente, quando os textos eram mencionados, eles eram um mero meio de "*provar o texto*" ou usar textos para "*provar*" os pontos, sem nenhuma exegese sólida.

Cocceius desaprovava este tipo de trabalho na teologia e desejava algo mais caloroso, experimental, pessoal e prático. Ele queria alcançar isto através da exegese. Sua preocupação era que a forma frequentemente utilizada para provar os textos, não fazia jus ao desenvolvimento da revelação de Deus nos quatro milênios do Velho Testamento em sombras, cujo desenvolvimento culminou em Cristo. Por exemplo, teólogos mencionariam um texto da época de Abrãao sem levar em consideração que a revelação de Deus neste tempo não era tão ampla como nos tempos posteriores do Velho Testamento e da Nova Dispensação. Cocceius desejava que a exegese fosse leal ao texto, no sentido de que esta fosse explicada da mesma maneira como o texto era entendido na época em que a revelação foi dada ao povo de Deus.

Para alcançar este objetivo, Cocceius não escreveu uma "*Teologia Sistemática*" mas uma "*Teologia Bíblica*". Ou seja, ele iniciou no primeiro capítulo e versículo de Gênesis e trabalhou seu método através da Bíblia do começo ao fim, de tal maneira que sua teologia seguiu a ordem dos livros bíblicos.

Algumas de suas objeções as teologias que foram escritas na época, certamente são válidas. Mas Cocceius não resolveu de fato nenhum problema. Tal método de trabalho utilizado por Cocceius na teologia, embora ainda seja praticado hoje em dia por alguns e embora seja utilizado em alguns seminários, possui seríssimos pontos fracos. Não temos como nos aprofundar em todos eles aqui, mas, uma das razões é que tal método de fazer as coisas perde a unidade da verdade. A teologia sistemática mostra como toda a verdade é uma, pois Deus é um, e a verdade é de Deus. A teologia bíblica não faz isso.

Mais seriamente, tal maneira de fazer as coisas realmente divide o Antigo Testamento do Novo e faz uma separação entre os dois. Isso é o que Cocceius fez. Especialmente quando ele estava ocupado desenvolvendo a doutrina do pacto. A maneira com que ele a desenvolveu, ele criou tamanha separação entre as duas dispensações que ele se tornou quase que um dispensacionalista. Como dispensacionalista, ele negou a

validade do dia do Senhor para o período do Novo Testamento.

A controvérsia entre Cocceius e Voetius foi longa e severa, e ela não acabou com suas mortes. Na verdade, ela apenas aumentou em intensidade e tornou-se, por fim, tão feroz que quase despedaçou a igreja. Às vezes, se os cocceianos fossem a maioria na universidade, todos os voetianos eram expulsos. Se os voetianos tomassem o controle, os cocceianos eram expulsos. A situação piorou até que governo forçou as universidades a determinarem um número igual dos partidos voetianos e cocceianos como professores nas escolas.

Talvez o mais grave de todos, e o real ponto fraco na teologia cocceniana embora seja algo que fluiu diretamente de sua posição, foi o ensino cocceniano de que a justificação dos santos do Velho Testamento era imperfeita, pois era por meio da promessa, aplicada através de sacrifícios, e não era a perfeita justificação dos santos da Nova Dispensação.

A controvérsia na realidade extinguiu-se após muitos anos. Ela se extinguiu pois a igreja e os combatentes cansados da batalha tornaram-se tão liberais, que já não se importavam mais com tais problemas.

A questão levantada por Cocceius e Voetius está nas agendas das igrejas atuais, muito embora a maioria seja travada nos seminários. Podemos ser gratos que nossas igrejas, sob a liderança de nossos pais espirituais, tem uma teologia sistemática dada a nós como herança, a qual faz jus a exegese nos dois Testamentos, e que é calorosa e vibrante. O calor e a vibração de nossa teologia são certamente devidos ao lugar em que a doutrina do pacto mantém entre nós, uma doutrina que foi desenvolvida plenamente por Herman Hoeksema, mas que veio, em parte, de Johannes Cocceius.

## **Guilherme III de Orange - O Guerreiro da Fé**

### **Introdução**

Houve um tempo na história da igreja do nosso Senhor Jesus Cristo, quando o destino da igreja da Holanda estava irremediavelmente ligado ao destino da igreja na Grã-Bretanha. Este foi o tempo de Guilherme III, da Casa de Orange.

Os tempos eram extremamente perigosos para os países que se tornavam calvinistas. Através dos esforços da contra reforma da Igreja Católica Romana, a Reforma Protestante não só foi parada em seu avanço, mas, os católicos romanos mais uma vez tomaram a ofensiva na Europa. A Espanha sempre estava firmemente ao lado da igreja de Roma. A França, massacrando os huguenotes e forçando os fiéis a escaparem da tortura e da morte buscando refúgio em outros países, tornou-se uma aliada do papado na luta contra o protestantismo. O partido da igreja católica romana ainda era forte nas Ilhas Britânicas, onde o povo de Deus estava bem familiarizado com o sofrimento e a morte por amor a Cristo. Os servos de Roma estavam prontos para fazer uso de poderosos exércitos para subjugar e forçar os reinos protestantes da Europa a se curvarem mais uma vez diante do trono papal. Até mesmo na Holanda, aquele baluarte da fé reformada, houve aqueles que cansados da guerra, fizeram acordos com o inimigo.

O único homem a quem Deus usou para frustrar esses propósitos papais foi Guilherme III, da Casa de Orange, o magistrado chefe da Holanda. Sua história é intrigante, mas não menos intrigante do que o próprio homem. Sua impenetrável reserva fez dele um mistério até mesmo para seus companheiros mais próximos.

### **Seu Nascimento e Juventude**

Guilherme era o terceiro com esse nome na notável linha de monarcas holandeses que começou com Guilherme, o Taciturno. Ele nasceu em Haia, na Holanda, no dia quatorze de novembro de 1650, filho de Guilherme II, príncipe de Orange e de Maria, filha de Carlos I da Inglaterra. Assim, ele era diretamente da linhagem real holandesa e



tinha laços estreitos com a aristocracia dos Stuarts da Inglaterra. Carlos I foi o rei da Inglaterra que foi decapitado pelo parlamento com a aprovação de Oliver Cromwell, durante a guerra civil inglesa. Carlos II, outro Stuart, foi proclamado rei em Edimburgo, na Escócia em 1649, e em Londres, em 1660. Ele era tio de Guilherme.

Guilherme nasceu oito dias após a morte de seu pai, e ficou órfão em sua juventude. Embora ele tenha sido impedido de assumir o governo das Províncias Unidas da Holanda por uma lei recentemente aprovada, sua formação universitária foi direcionada a familiarizá-lo com as responsabilidades do trono. Aos dezesseis anos de idade ele foi tutelado pelo Estado-Geral, o órgão de decisão da Holanda. Protegido por Johan de Witt, grande estadista da Holanda, ele recebeu um entendimento dos complexos assuntos do governo e as sutilezas da diplomacia e da monarquia.

## As Primeiras Guerras de Guilherme

Em 1671, o hipócrita Carlos II da Inglaterra e o igualmente não confiável, Luís XIV da França, juntaram-se em um plano para invadir a Holanda. O propósito deles era destruir o refúgio mais forte do calvinismo em toda a Europa. Isso foi particularmente traiçoeiro da parte de Carlos por que ele professava repetidamente ser um amigo dos holandeses. Não era de se estranhar que Luís XIV fizesse parte da trama, pois o rei da França estava constantemente procurando em todos os cantos da Europa por lugares nos quais se intrometer e por países para trazê-los sob o seu governo. Mais importante ainda, tanto Carlos II quanto Luís XIV odiavam ardentemente a profundidade e a lealdade do calvinismo, que era a religião dos Países Baixos.

Quando o plano para invadir a Holanda foi descoberto, o alarme se espalhou pelo país, e Guilherme foi nomeado capitão-general das forças da nação. No entanto, a nomeação não incluía a regência, apesar de seu pai e avô terem assumido as duas posições. Os holandeses sempre com medo de dar muito poder aos seus governantes e sendo amantes fiéis da liberdade, tinham aprovado uma lei que impedia que o mesmo homem ocupasse os dois cargos.

Os franceses imediatamente invadiram as províncias do sul e capturaram três delas em três semanas. Em defesa de seu país, a Holanda abriu os diques e inundou os polders<sup>95</sup> para impedir um maior avanço francês. Guilherme recebeu ordens para conter a "*linha de água*".

---

<sup>95</sup> Porção de terreno baixa e plana, pantanosa ou conquistada ao mar e protegida por diques, comum nos Países Baixos.

Embora a marinha holandesa fosse capaz de segurar a Inglaterra na baía e evitar uma invasão imediata de todo o canal, Guilherme fez tudo o que pôde para evitar o avanço francês.

Alarmados com a ameaça de serem invadidos por forças estrangeiras, o povo clamou para que o Estado-Geral fizesse de Guilherme o regente, apesar da lei recentemente aprovada. O Estado-Geral relutantemente assim procedeu. Portanto, Guilherme ocupou os mesmos postos que seu pai e avô tinham ocupado e agora era responsável pela defesa e administração do país.

Carlos e Luís, pensando que tinham a Holanda à sua mercê, fizeram propostas de paz, as quais muitos na Holanda, cansados da guerra queriam aceitar. Pela razão da paz oferecida incluir condições prejudiciais aos Países Baixos, Guilherme recusou-a, apesar de, por absoluta força de vontade, ter imposto sua determinação sobre o povo. A Holanda se levantou sozinha contra duas das maiores potências da Europa. Guilherme conseguiu resistir à custa de grande coragem. Tal coragem nasceu de uma firme convicção de que a Holanda tinha que permanecer calvinista e não deveria voltar para o cativeiro do romanismo.

Em 1673, com a ajuda do imperador Leopoldo I, Guilherme foi capaz de reconstruir seu exército e derrotar o exército francês em batalhas importantes que restituíram a ele algumas cidades estratégicas. Mas a guerra continuou esporadicamente e Guilherme não foi de modo algum bem-sucedido em todas as batalhas travadas.

Em 1677, através de uma estranha reviravolta da história e através de complexas manobras diplomáticas, Guilherme se casou com Maria, filha de Jaime, duque de York - mais tarde Jaimes II, rei da Inglaterra -, e sobrinha de Carlos I. Por Maria estar na linha de sucessão, este casamento não só estabeleceu um pacto entre a Holanda e a Inglaterra, mas também fez de Guilherme um herdeiro em potencial ao trono da Inglaterra.

Muito tem sido escrito sobre a relação entre Guilherme e Maria, e o que foi escrito não é de forma alguma cortês. Nem sempre é fácil separar a realidade da ficção e determinar corretamente a natureza do relacionamento deles. Mas o que segue parece ser verdadeiro.

Guilherme determinou fazer de Maria sua esposa por ele pensar que isto resultaria em uma aliança entre a Holanda e a Inglaterra, o que tornaria o destino de seu povo mais fácil em suas guerras contra a França. Quando ele se casou com Maria, ele a tirou de uma frívola, luxuosa e estonteante corte e da única vida que ela conhecia e gostava. A ideia de deixar o palácio em Londres e viver na escura e úmida Holanda e a vida relativamente asceta da corte de Guilherme, a encheu de tristeza. Ela não queria nem

Guilherme, nem a vida na Holanda, nem mesmo a corte de seu marido. Seus primeiros anos foram de extrema infelicidade.

Igualmente, Guilherme odiava a vida em Londres. Ele não se encaixava bem na corte inglesa, pois sua simplicidade chocava-se com a pompa do palácio, sua franqueza era considerada vulgar se comparada à lisonja suave e os agrados hipócritas da sociedade de Londres; seu calvinismo era uma abominação para aqueles que embora membros da igreja anglicana, não possuíam nenhuma religião, e sua sinceridade óbvia não podia ser tolerada em meio a futilidade da vida no palácio do rei.

Por esses e outros motivos o casamento foi em seus primeiros anos um casamento de conveniência no qual os dois raramente se viam. Mas gradualmente Maria passou a admirar a determinação de aço de seu marido e até mesmo veio a adotar a sua fé, a qual era a força motriz de tudo o que ele fazia. Sua lealdade a ele era indubitável, e quando Guilherme passou a ver e apreciar isso, ela se tornou o objeto de sua admiração e atenção. Depois de um começo difícil, tornaram-se um casal devoto.

## O Governo de Guilherme na Inglaterra

Pouco depois do casamento de Guilherme, seu sogro subiu ao trono da Inglaterra, mas ele era um fiel católico romano e estava determinado a restaurar o catolicismo romano nas Ilhas Britânicas. Isso significava que o seu próprio genro e filha teriam de ser tirados do caminho e a convicção calvinista dos Países Baixos feita ineficaz.

O governo de James nas Ilhas Britânicas foi tão cruel, tão severo e um esforço tão óbvio para restaurar o papado na Inglaterra, na Escócia, no País de Gales e na Irlanda, que o seu próprio povo se levantou contra ele. Por intermédio de delegações da nobreza Guilherme foi convidado a se tornar o rei.

A única maneira pela qual Guilherme poderia se tornar rei da Inglaterra era através da invasão. Isto também foi realizado. Vamos permitir que outro nos conte a história:

*"No décimo nono dia de outubro, Guilherme partiu a bordo da frota holandesa, composta de cinquenta e dois homens de guerra, vinte e cinco fragatas, assim como muitos navios de fogo, com quatrocentos navios de reabastecimento e outras embarcações para o transporte de três mil, seiscentos e sessenta cavalos e dez mil, seiscentos e noventa e dois soldados de infantaria, lançada ao mar a partir da planície próxima à Brielle, com um vento de sudoeste para o sul. O almirante Herbert liderou a frente de batalha, e o vice-almirante Evertzen conduziu a retaguarda. O*

*príncipe se colocou no centro, carregando uma bandeira inglesa, enaltecida com seus braços e circundada com a legenda: 'Pela religião protestante e pelos direitos da Inglaterra'. Embaixo foi o lema da Casa de Nassau: 'Je Maintiendrai' - 'Eu permanecerei'."*

Desde os dias em que uma tempestade destruiu a armada espanhola, os ingleses sempre sustentaram que Deus lutou pela Grã-Bretanha e pela causa protestante naquela terra. Mais uma vez o vento ajudou Guilherme. Embora primeiramente o vento tenha virado para o norte e levado a frota holandesa de volta aos seus portos, mais uma vez tornou-se "*um vento protestante*". Ele não só trouxe os navios de Guilherme para a costa sul da Inglaterra, mas segurou a marinha britânica na baía ao norte e permitiu que os holandeses desembarcassem as suas tropas, sem serem incomodados, em Torbay, próximo a Devon.

Após o desembarque bem-sucedido e sem oposição, na verdade depois de ser recebido com júbilo pelos britânicos, Guilherme marchou em Londres e forçou James a fugir para a França. O trono foi declarado vago por abdicação e Guilherme foi declarado rei de toda a Grã-Bretanha. Era fevereiro do ano de 1689. Em abril, o trono da Escócia foi oferecido a ele e a oposição a Guilherme foi reprimida.

Determinado a manter os Stuarts no trono, James resistiu, desembarcou na Irlanda, com a promessa de ajuda francesa. Sem demora ele lançou ataques contra as cidades chave de Ulster<sup>96</sup>, com o objetivo de transformar a Irlanda em um trampolim para recuperar a Inglaterra e a Escócia.

Após Londonderry e Enniskillen serem defendidas com êxito por James, Guilherme levou suas tropas através do mar da Irlanda e desembarcou em Carrickfergus, onde até hoje está uma pedra marcando o local onde ele pisou pela primeira vez em solo irlandês. James foi completamente derrotado na grande batalha de Boyne, no primeiro dia de julho de 1690, e a Irlanda foi tomada. Este dia ainda é comemorado pelos protestantes de Ulster com desfiles e discursos recordando que Deus libertou a Irlanda do catolicismo romano.

Guilherme era agora rei de toda a Grã-Bretanha e Maria, sua esposa, regressou à sua terra natal.

No entanto, Guilherme não podia ficar muito tempo na Grã-Bretanha, pois Luís XIV ainda estava interferindo nos assuntos europeus e estava determinado a restaurar o governo papal na Europa. Mostrando sua habilidade diplomática, Guilherme forjou uma aliança com Brandenburg, Hanover, Saxônia, Baviera, e Savoy - todas as

---

<sup>96</sup> Nome dado à uma das quatro províncias históricas localizadas ao norte da Irlanda.

províncias protestantes -, tendo a Inglaterra como o eixo central da federação, para derrotar os propósitos abomináveis de Luís. Uma vez que a Espanha era completamente católica romana e odiava a França intensamente, Guilherme às vezes podia solicitar a ajuda da Espanha, mas essa ajuda era de valor duvidoso.

Através de muitos esforços para alcançar a paz e de muitos tratados quebrados, Guilherme, por pura determinação de sua própria vontade, foi capaz de proteger os países protestantes dos esquemas do papado.

Ele morreu exausto e debilitado no dia dezanove de março de 1720.

## **O Lugar de Guilherme na História**

Às vezes Deus usa maneiras estranhas e pecaminosas para cumprir o Seu propósito. Não se pode negar que grande parte dos esforços de Guilherme foi baseado no princípio de que a causa de Deus é avançada pela espada. Mesmo tendo em conta o fato de que nos dias de Guilherme a relação entre a Igreja e o Estado era tão próxima que dificilmente se poderia evitar recorrer à espada em defesa da fé, permanece o fato de que a causa do Evangelho não é avançada pela força e poder humano.

Muitas foram as realizações de Guilherme, apesar da multidão de seus críticos.

Uma crítica contundente registrada contra Guilherme é contra seu caráter. Ele é descrito por biógrafos como inflexível, arredo, severo, silencioso e reservado ao ponto da frieza. Há alguma verdade nessa acusação. Em toda a sua vida, Guilherme foi um estranho entre a classe dominante da Inglaterra, que o desprezava e o ridicularizava pelas costas. Mas muitas vezes é esquecido que Guilherme não tinha paciência com a intriga, desonestidade, hipocrisia e traição que tanto caracterizavam a diplomacia naqueles dias. Ele era honesto, sincero e objetivo em seus propósitos; ele dizia o que estava em sua mente, independente das consequências.

Além disso, Guilherme era um homem com vontade de ferro e de forte opinião, que se levantaria por seus princípios embora todos fossem contra ele. Ele lutou contra os poderes do papado, quando seu próprio povo o aconselhava a um desonroso acordo de paz e quando sua causa parecia à beira da derrota. Ele acreditava apaixonadamente que era um instrumento de Deus para proteger o calvinismo dos ataques de Roma, e ele se levantou sem hesitação por aquilo que tinha certeza de que era a causa de Deus. Desprezado pela nobreza, ele era amado pelas pessoas comuns, tanto na Holanda quanto nas Ilhas Britânicas.

Sua coragem deu seus frutos. Até mesmo aqueles que odeiam o calvinismo falam com louvor de suas grandes conquistas. A liberdade, união e a prosperidade da Holanda foram devidas a ele. Ele preservou a coroa da Inglaterra através de um governo sensato e deu à Inglaterra a estabilidade e a continuidade que dispõe no presente. Ele foi um patrono das artes, gentil com os inquilinos em suas propriedades reais, um bravo general que comandou com a intensa lealdade de suas tropas, e um amigo e auxiliador de milhares de refugiados que escapavam da perseguição romana. Ele gastou-se em assuntos do estado e arruinou sua saúde em defesa da causa da fé reformada. Por vezes sua irritabilidade e conduta desagradável eram devido aos problemas de saúde e excesso de trabalho. Ele também podia ser gentil, cortês e tolerante.

Seu mais profundo objetivo foi criar a tolerância religiosa na Europa. Com isso, ele imaginou uma cessação das guerras religiosas, uma contenção do poder papal e uma cidadania europeia que poderia viver em tranquilidade e paz.

Ele realizou estes objetivos. A causa do calvinismo, embora novamente deficiente, foi defendida com sucesso pela coragem de Guilherme III de Orange.

## Hendrick De Cock - O Reformador Reformado

### Introdução

Não é com muita frequência que verdadeiras reformas vêm a igreja de Jesus Cristo. Mas quando, de acordo com o relógio de Deus, elas vêm, estas reformas acontecem de formas inesperadas. Já no Antigo Testamento Deus havia lembrado Seu povo disto. Ele havia gravado na mente do mal-humorado e deprimido Elias que Ele não faz a sua obra através de acontecimentos espetaculares como os do monte Carmelo - Deus não estava no terremoto, nem no fogo, nem no vento -; ao invés disso Deus agiu pelo Seu Espírito nos corações de sete mil que não tinham dobrado os seus joelhos à Baal, e Deus o fez silenciosamente, sem ser percebido. E para Zacarias, o profeta que estava preocupado com a reconstrução do templo depois que os cativos retornassem, Deus estabeleceu um princípio fundamental: "*Não por força nem por violência, mas sim pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos*".

A grande Reforma do século XVI, embora tenha balançado as bases da Europa, começou com um monge anônimo das florestas da Alemanha saxã pregando silenciosamente as noventa e cinco teses na porta de uma capela. A Reforma de 1834, nas Igrejas Reformadas da Holanda, começou em um obscuro consistório privado de uma igreja de interior sem importância, onde cinco homens se juntaram para assinar uma folha de papel para protestar o que tinha acontecido com o seu ministro. É nesta reforma de 1834, que muitas igrejas reformadas por todo mundo encontram suas raízes.

O homem que é chamado o pai da Secessão de 1834, é Hendrik de Cock, o pastor de uma pequena igreja em Ulrum, cujos presbíteros e diáconos protestaram o que as igrejas tinham feito. Ali Deus começou a Sua obra.

Desta forma será sempre evidente, como sempre deve ser, que o cuidado pela igreja é obra de Deus, e d'Ele somente, para que Ele receba toda a glória.

Em perfeita harmonia com esta verdade, há um fato interessante: reformadores são pessoas estranhas. À primeira vista, eles não parecem ser as pessoas certas para essa função. Na verdade, se suas habilidades fossem analisadas por padrões

humanos, eles seriam, muitas vezes, as últimas pessoas do mundo que provavelmente fariam o trabalho para o qual eles são impulsionados.

Quando observamos este fato pelo ponto de vista daqueles que lutam por uma reforma, descobrimos que esta grande verdade toma forma em uma inconsciência ingênua da parte dos reformadores com relação ao ofício que ocupam. Eles nunca pensaram em ser reformadores; eles não tinham nenhuma intenção de tornarem-se reformadores; na verdade, se esta ideia tivesse sido sugerida a eles, eles a considerariam ridícula. Lutero disse que foi carregado por uma onda de eventos sobre os quais ele não tinha controle. E a última coisa que De Cock estava planejando para si era tornar-se um reformador da igreja. Se Lutero, Calvino, De Cock ou qualquer outro, tivesse cogitado ser um reformador, imediatamente eles teriam se desqualificado para a obra. Tal é a ironia dos caminhos de Deus.

Portanto, estes homens não iniciaram a obra da reforma. Eles foram conquistados em seus corações pelo Espírito Santo, que de forma indelével, selou a verdade sobre suas consciências e os deu a determinação - muitas vezes corajosa - para silenciosamente tomarem o seu lugar e fazer o que deveria ser feito - que em sua maior parte consiste no simples ato de pregar bons sermões centrados na Bíblia.

Aqueles selecionados por Deus para reformar a igreja às vezes ficaram boquiabertos e bem assustados ao verem as forças que tinham sido desencadeadas na igreja através de seu trabalho. Eles não contabilizaram os números para ver quantos se juntariam a eles, ou adiaram avançar na obra até que tivessem certeza de que teriam seguidores. Eles apenas fizeram o que tinha de ser feito, com humilde confiança na graça divina. Deus fez o resto.

## **A Necessidade de Reforma**

Difícilmente pode ser negado que a igreja daqueles dias precisava de uma reforma. Embora a igreja da qual estamos falando seja a igreja da Reforma e de Dordrecht, esta tinha se tornado apenas um estereótipo do que fora anteriormente. Até mesmo as grandes verdades da Escritura estavam sendo negadas por muitas universidades, seminários e púlpitos. Refiro-me às verdades do nascimento virginal de Cristo, o sacrifício expiatório de nosso Senhor na cruz, e Sua ressurreição corpórea dos mortos. No lugar da religião da salvação pela graça somente através de Jesus Cristo, havia vindo uma religião que se interessava em pouco mais do que viver uma vida boa, andar moralmente e contribuir para o bem da sociedade por meio de uma conduta ética correta. As confissões tinham sido ignoradas ou negadas; os hinos tinham sido introduzidos na igreja no lugar dos salmos; a forma de governo



eclesiástico de acordo com os princípios da Ordem Eclesiástica de Dort tinha há muito tempo sido esquecida e a igreja era governada por comitês que tinham total poder decisivo.

Toda esta apostasia não significava que não se poderia encontrar o povo de Deus em nenhum lugar. Eles estavam lá, dispersos, espiritualmente famintos, gemendo sob a tirania de pregadores apóstatas, em desespero, tentando encontrar um lugar para alimentar suas almas. Muitos deles reuniam-se em pequenos reuniões informais, que não passavam de grupos de crentes que se encontravam na casa de alguém para ler os antigos escritores reformados, estudar as Escrituras, discutir sobre o triste estado da igreja e sobre o que poderia ser feito em relação à isto, e ouvir um "admoestador" - se tivessem um - explicar a partir da Escritura as antigas verdades da fé.

Hendrik De Cock era um exemplo perfeito da triste situação nas igrejas reformadas. Nascido em Veendam, no dia doze de abril do ano de 1801, ele foi criado em um lar onde a única religião que era ensinada era a semi religião mundana de se viver uma vida decente. As igrejas ou escolas que ele frequentou não foram as melhores. Seu ministro em Wildervank, a cidade para onde sua família tinha se mudado logo após seu nascimento, e seus professores na escola, não tinham nenhuma ideia do que a fé reformada significava; e se havia alguma coisa que sabiam sobre ela, não conseguiam ensiná-la.

A mesma situação era encontrada na Universidade de Groningen, onde Hendrik foi para se preparar para o ministério do Evangelho. Ele se graduou e iniciou o ministério como um ministro completamente moderno e equipado para apenas pregar um Evangelho de Jesus: o bom exemplo - cuja vida poderia servir como um modelo para nós. Sobre pecado, salvação e graça, De Cock nada sabia.

Isto não quer dizer que durante estes anos Deus não estava trabalhando através de Seus próprios caminhos misteriosos a fim de preparar De Cock para coisas maiores. Ainda menino, ele recebeu certa instrução catequética de um de seus professores o qual insistia que o homem é salvo apenas pela graça soberana de Deus. Enquanto tais ensinamentos não produziam nenhum efeito moral aparente em Hendrik, Deus os usou para colocar diferentes idéias na alma de De Cock, mesmo que estas apenas fossem frutificar mais tarde.

Assim, em sua ordenação, ele não passava de um ministro modernista medíocre destinado a servir em uma série de congregações modernistas. Embora a sua denominação ainda carregasse o orgulhoso nome de "*reformada*", tanto a igreja quanto De Cock precisavam de uma reforma.

## Sua Iniciação no Pensamento Reformado

Pouco mudou nas duas primeiras incumbências dadas à De Cock. Os três anos em Eppenuizen e dois anos em Noordlaren pouco serviram para mudar as suas opiniões. Na verdade, ele era tão influenciado pelos modernistas de sua igreja, que não usava a *Statenvertaling*, a tradução da Bíblia autorizada pelo Sínodo de Dort, que era cheia de notas marginais importantes que o teriam ajudado a entender a fé reformada. Ele nunca tinha lido os credos. Não se importava com os velhos autores reformados. E nem sabia que livros como *As Institutas* de Calvino existiam.

Talvez naquele tempo a única influência na sua vida que teve algum valor foi a influência de uma esposa piedosa e temente a Deus, com quem ele se casou logo após sua ordenação ao ministério. O nome dela era Frouwe Venema, e mesmo que não saibamos o quanto ela sabia sobre a fé reformada, ela foi uma coluna forte para Hendrik durante toda a sua vida quando os problemas quase o esmagaram.

Contudo, foi na pequena igreja de interior, em Ulrum, que Deus transformou De Cock no homem que seria usado para trazer a reforma a uma igreja apóstata.

De Cock tinha ido a Ulrum por causa da influência de um velho amigo da universidade, um modernista como ele, seu antecessor em Ulrum, um homem de influência chamado Hofstede De Groot.

Em Ulrum havia pessoas famintas pela pregação bíblica e centrada em Deus e que não seriam dissuadidas com sermões moralistas sobre fazer o bem. Eles não tinham ficado satisfeitos com De Groot; eles não estavam satisfeitos com De Cock. Na verdade, De Groot achava que estas pessoas eram estranhas e que precisavam de um cuidado pastoral especial. Ele tinha insistido para que De Cock desse uma atenção especial a eles.

Embora De Cock tenha feito isso, e tenha tentado mostrar ao seu rebanho que a chave para viver uma vida boa encontrava-se na educação, eles não foram convencidos. Um trabalhador comum, um homem que visitava fielmente a casa de seu pastor para ser catequizado, não tinha ousado fazer sua confissão de fé com De Groot por causa de seu desconforto com o ensinamento que De Groot dava. Ele continuou contando à De Cock que a instrução que De Groot havia dado não foi de muito uso, pois, ele disse: "*Se um simples gesto fosse necessário para alcançar a minha própria salvação, eu estaria perdido para sempre*". O nome deste homem era Klaas Pieters Kuipenga, um santo simples e sem instrução, cuja alma estava sedenta por salvação em Cristo, mas que não tinha ninguém para dar-lhe de beber. O triste disto tudo era que assim como este homem, outros milhares poderiam ser encontrados por

toda Holanda.

De Cock era um pastor sério e desejava ajudar estas ovelhas atribuladas. O como fazer isto se tornou a questão.

Na procura por uma resposta, De Cock passou a estudar com um companheiro de ministério em uma vila vizinha, quando o ministro recorreu às *Institutas* de Calvino para provar uma questão que fora levantada na conversa. De Cock ficou tão impressionado com os comentários de Calvino que pediu o livro emprestado, e tendo feito isto, procedeu na leitura, muitas vezes em admiração e espanto crescente.

Durante este tempo bebendo direto da grande obra de Calvino, De Cock também se tornou familiarizado com os Cânones de Dort, escritos de teólogos reformados holandeses do passado e escritos mais devocionais de um escritor mais recente, Cornelis Baron van Zuylen van Nijveldt. Este havia escrito "*De Eenige Redding*" - *A Única Salvação* -, um panfleto que abriu os olhos de De Cock para a verdade que toda a vida piedosa tem sua raiz na doutrina.

Não é surpreendente que a pregação De Cock começou a mudar radicalmente. E quanto mais ele entendia as grandes doutrinas históricas da graça particular e soberana de Deus, mais claros os seus sermões se tornavam, pois demonstravam a salvação pela graça através da fé em Cristo e seu sacrifício expiatório. E não é de se estranhar que as palavras desse tipo de pregação se espalharam como fogo pelos arredores daquela região onde um povo faminto pelo Pão da Vida dirigia-se para Ulrum a fim de ouvir De Cock pregar.

Isso tudo não quer dizer que De Cock agora se tornou um herói conquistador. Ele se deparou com oposição, às vezes vigorosa, daqueles que partilhavam a pregação liberal e modernista tão predominante na igreja estatal. Os seus colegas da região fizeram todos os esforços para dissuadi-lo do caminho que tinha escolhido, e ridicularizavam o povo que abraçava a pregação de De Cock como sendo mais ignorante do que o gado no curral.

Um amigo chegado de De Cock, que foi o seu antecessor em Ulrum, veio especialmente para visitá-lo a fim de tentar mudar a sua mente. Mas De Cock tinha encontrado paz para sua própria alma e não estava disposto a distanciar-se daquilo que era o coração da verdade da Reforma e da fé dos pais. Hofstede De Groot escreveu a De Cock com pesar:

*"De Cock! De Cock! Quanta escrita mordaz e não cristã contém sua confissão de fé [A referência é a outro folheto de C. Baron van Zuylen van Nijveldt, sob o título de 'De Hervormde Leer' - A Doutrina Reformada].*

*Quão fundo; fundo caíste, e quão lamentável é para mim o conselho de Deus que tal doutrina esteja agora sendo ensinada na congregação que uma vez fora minha. Por tantas vezes tenho orado a Deus que Ele me dê o espírito de moderação para que eu possa exercitar a verdade e o amor e evitar o tom abusivo de Van Zuylen."*

Mas De Cock não se moveu. Cantamos em nossa versificação do Salmo 8 esta linha: "Os mais fracos meios cumprem a Tua vontade", e foi desta forma que - segundo os padrões humanos - o medíocre ministro obscuro de uma pequena igreja do interior se tornou um defensor obstinado das verdades da graça soberana e um poderoso reformador na Igreja de Cristo.

E então, Hendrik De Cock passou a pregar para multidões cada vez maiores em uma pequena igreja em Ulrum.

## **A Obra da Reforma**

Um número de eventos, cada um de certa forma pequeno em si mesmo, trouxe a obra de De Cock ao seu auge.

Quanto mais enfático De Cock se tornava em sua pregação, maiores se tornavam as multidões. Quanto maiores se tornavam as multidões, mais forte a oposição ficava. As multidões crescentes forçaram o consistório a propor um aumento no auditório. Mesmo que os próprios membros tenham levantado o dinheiro, os administradores responsáveis por todos os projetos de construções recusaram a permissão e proibiram os desejos da congregação. Este foi o primeiro sinal de perseguição.

Espantado pela descoberta que os cânones eram um credo das igrejas na qual ele foi ministro, De Cock publicou em 1833, um panfleto que incluía os Cânones de Dordt. Na introdução ao panfleto, De Cock escreveu assim:

*"[...] um retorno [...] ao verdadeiro culto de Deus [...] que fora esquecido pela maioria da população enquanto ela se voltou aos ídolos da corrupta e obscurecida razão humana."*

Isso não foi muito gentil para com aqueles que desejavam ardentemente que os cânones fossem esquecidos nas igrejas.

A medida que as multidões cresciam, muitas pessoas de outras congregações queriam que De Cock batizasse os seus bebês. Eles não poderiam, de boa

consciência, aceitar que seus filhos fossem batizados em suas congregações, em parte por que a antiga forma de batismo tinha sido substituída por outras liturgias e práticas heréticas, e em parte porque se a antiga forma ainda estivesse sendo utilizada, eles não poderiam dizer "sim" sobre a questão se acreditavam que a doutrina ensinada na igreja era a verdade da Palavra de Deus. Após uma profunda consideração, consulta a outros e ao seu consistório, e em meio a ansiosa oração, De Cock batizou estas crianças. Isso enfureceu as autoridades. Na verdade, foi esta questão que foi trazida ao presbitério pelos colegas de De Cock em protesto a ele.

Um comitê do presbitério foi nomeado para fazer uma investigação - durante a qual De Cock lançou um panfleto que tinha um imponente título que não havia sido planejado para apaziguar os inimigos da verdade: *"Uma Defesa da Verdadeira Doutrina Reformada e dos Verdadeiros Crentes Reformados, Atacados e Expostos por Mestres Supostamente Reformados"* ou *"O Rebanho de Cristo Atacado por Dois Lobos e Defendido por De Cock, Mestre Reformado em Ulrum"*. Ambos homens a quem De Cock se referia eram companheiros que haviam escrito pessoalmente contra De Cock e aquilo que ele defendia.

Neste meio tempo, o presbitério se reuniu. De Cock implorou ao presbitério que o permitisse defender suas opiniões com base na Escritura. Mas isto lhe foi negado e em uma reunião ilegal ele foi suspenso do seu ofício.

*"[...] a fim de manter a lei e a ordem na igreja reformada, a fim de proteger o nome e a honra dos ministros do Evangelho, e para prevenir mais desordens, divisões e revoluções em várias congregações em nossa Pátria; [...] caso pregadores como De Cock não sejam reprimidos em sua iniciativa imprudente, este conselho teme o pior."*

Enquanto o mecanismo eclesiástico estava trabalhando arduamente, De Cock se submeteu a sua suspensão e ficou fora do seu púlpito. Mas enquanto o caso abria o seu caminho pelas assembleias, outra questão foi adicionada: a questão da adoração com hinos. De Cock tinha escrito o prefácio para o panfleto no qual o autor, um leigo, tinha atacado o uso hinos na adoração da igreja. O título do panfleto é intrigante: *"Os Hinos Evangélicos Pesados, Testados e Achados em Falta"*. De Cock estava corretamente convicto de que a heresia tinha vindo cantando para dentro da igreja através dos hinos que tinham substituído os salmos nos cultos de adoração.

A tensão continuou a aumentar. Chegou ao seu auge quando o reverendo Heinrich Scholte - que depois estabeleceu uma colônia na cidade de Pella, em Iowa -, cuja aprovação à obra de De Cock já era conhecida, foi proibido de pregar no lugar de Hendrik, a fim de que um modernista pudesse ocupar o púlpito. A congregação não reagiu a isso com gentileza e a polícia foi chamada para prevenir o que estava perto

de ser um protesto.

## A Secessão

Embora De Cock, por quase um ano, tivesse se submetido com paciência e humildade à suspensão ilegal do presbitério, ele continuou sendo objeto de ódio. Seus colegas faziam tudo o que podiam para fazer a vida de De Cock miserável. Difamações sobre ele e sua esposa estavam sendo publicadas por todo lugar. As assembleias eclesiais o forçaram a pagar as despesas do caso contra ele. Nunca lhe foi concedida a oportunidade de ser ouvido e lhe foi ordenado que se submetesse incondicionalmente às assembleias ou jamais pregaria novamente. Quando ele pediu uma transcrição da decisão, com desprezo mandaram-no copiá-la sozinho, e o presidente abertamente zombou dele enquanto ele a copiava.

Mas o fiel povo de Deus no país estava chocado que um honesto pastor piedoso fosse tratado daquela maneira por não fazer nada mais do que instar fidelidade à histórica fé reformada. E Deus no céu operou Sua obra soberana para fazer o que tinha de ser feito para preservar e defender Sua Igreja.

Após retornar da assembleia para sua casa, De Cock encontrou sua filha de dois anos muito doente. Ela morreu seis dias depois, e o fardo da grande tristeza pela perda de um filho do pacto foi adicionada à tristeza pela apostasia da sua igreja.

Schulte veio para confortar a família em luto. O consistório pediu que ele pregasse naquela noite de sexta-feira, no dia dez de outubro de 1834. O conselho provincial recusou dar-lhe permissão para pregar no dia do Senhor; então ele pregou em um campo aberto de cima de uma carroça. Por fim De Cock viu que a única esperança para suas ovelhas estava em uma separação.

E então foi isto que aconteceu. Foi numa segunda-feira de manhã, no dia treze de outubro, que o consistório se reuniu. O "*Ato de Secessão*" foi elaborado após certa discussão, assinado por dois anciãos e três diáconos, e apresentado à congregação onde foi assinado por sessenta e sete membros e sessenta e três chefes de família que não tinham feito profissão de fé - um total de duzentas e quarenta e sete almas.

O documento é tão importante que partes dele devem ser citadas. Usando o Artigo XXIX da Confissão de Fé Belga como seu guia, o "*Ato de Secessão*" declarou que a igreja à qual a congregação tinha sido parte, perdera as marcas da verdadeira igreja e que, portanto:

*"[...] agora tornou-se mais do que claro, que a Igreja Reformada da Holanda não é a verdadeira, mas a falsa igreja, de acordo com a Palavra de Deus e o Artigo XXIX de nossas confissões."*

O documento compromete aqueles que o assinam a obedecerem o Artigo XXVIII da mesma confissão e a:

*"[...] separarem-se daqueles que não são a igreja, e portanto não terem mais comunhão com a Igreja Reformada da Holanda, até que esta retorne ao verdadeiro culto do Senhor."*

O documento expressa a "disposição" daqueles que o assinaram em:

*"[...] exercitar comunhão com todos os verdadeiros membros reformados, e de unirem-se com todo grupo fundamentado na infalível Palavra de Deus, em qualquer lugar que Deus tenha unido o mesmo".*

O documento conclui:

*"Por fim, nós, por meio deste, declaramos que continuamos a reconhecer nosso pastor injustamente suspenso."*

*"Ulrum, treze de outubro de 1834. [Assinado:] J. J. Beukema, presbítero; K. J. Barkema, presbítero; K. A. van der Laan, diácono; D. P. Ritsema, diácono; Geert K. Bos, diácono."*

## **A Perseguição**

Nem De Cock, nem sua congregação escaparam da mão pesada da perseguição. Eles pensaram que estariam livres para seguir seu próprio rumo e adorar em paz, pois o governo tinha uma política oficial de tolerância religiosa e toda heresia sob a face dos céus era ensinada na Holanda e na Igreja Reformada Estatal. Mas esta não é a forma que as coisas funcionam na causa de Cristo. Toda heresia é na verdade tolerada - mas a verdade não o é. Não há lugar para a verdade de Deus neste mundo e nem na igreja apóstata.

De Cock não ficou sozinho por muito tempo. A ele o reverendo Scholte já havia se juntado, e outros quatro ministros haviam de juntar-se a ele, um dos quais era Albertus Van Raalte, que trouxe alguns dos dissidentes para a cidade de Holland, em Michigan. O número de pessoas que seguiam os líderes cresceu rapidamente de tal forma que

Igrejas da Secessão foram estabelecidas em todo o país.

Mas a luta foi difícil e implacável. O próprio De Cock foi proibido de pregar em sua congregação, foi expulso da sua própria casa pastoral e foi, por fim, forçado a estabelecer-se em outro lugar com amigos. Soldados foram enviados para Ulrum e para outros lugares onde os dissidentes tinham estabelecido congregações separadas e foram alojados nos lares dos dissidentes. Estas pessoas, geralmente pobres, foram forçadas a alimentar e dar abrigo aos soldados e a responsabilizarem-se por suas necessidades, viver as suas vidas com os soldados sempre por perto, e a suportar a crueldade, impiedade e a depravação destes homens. Os dissidentes também foram proibidos de fazer qualquer reunião com mais de poucas pessoas presentes, sendo assim difícil - se não impossível - reunir-se em adoração no dia do Senhor. Se qualquer regulamento imposto sobre eles fosse quebrado, eles teriam que pagar grandes somas de dinheiro. Se eles não pudessem pagar as multas - a realidade da maioria deles -, suas posses seriam vendidas em leilões para que as multas pudessem ser pagas ao governo. Se nem isso fosse suficiente, eles eram presos. O próprio De Cock passou três meses na prisão separado de sua esposa e família.

Estes santos pagaram o preço da fidelidade.

Foi apenas após duas ou três décadas, e muitas concessões ao governo que a perseguição amenizou. Mas muitos vieram para América, onde puderam viver em paz e desfrutar da liberdade para adorar a Deus de acordo com as Escrituras. Neles se encontram as raízes das *Protestant Reformed Churches* na América.

De Cock morreu com quarenta e um anos, no dia quatorze de novembro do ano de 1842, na província de Groningen. Ele não viveu muito, nem viu seus seguidores encontrarem descanso do sofrimento. Mas ele serviu em seu propósito de acordo com a vontade de Deus e o tempo chegou em que outros continuariam o seu trabalho.

De Cock era um homem de vida humilde, e do nosso ponto de vista sem aptidão para a grandeza da obra. Seus seguidores eram, na maior parte, os pobres, os sem instrução, os rejeitados, os desprezados do país. Mas, por causa de tudo isto, eles eram os piedosos, tementes a Deus, os retos que estavam genuinamente sedentos por aquele que é o verdadeiro Pão que desceu do céu, Cristo Jesus, nosso Senhor.

Juntos, Deus os usou para trazer reforma genuína para Sua igreja.



## **Abraham Kuyper - O Calvinista Holandês**

### **Introdução**

Há tempos em que Deus se agrada em levantar na Sua Igreja, homens com tamanha habilidade e convicção, cujas obras deixam uma marca permanente na história. É como se através deles Deus alterasse significativamente o curso dos acontecimentos. Agostinho era um homem assim, Martinho Lutero e João Calvino também. Evitamos, de alguma forma, colocar Abraham Kuyper em companhia tão sublime, e existem razões pelas quais ele não se ajusta completamente. Ainda assim, Abraham Kuyper chegou perto de ser um deles.

Comumente, tais homens que Deus se agrada em usar, não são apenas homens de extraordinária habilidade, mas também homens de personalidade forte. Eles são homens para com quem é impossível ficar neutro. Todos os que o conhecem, ou o amam profundamente, ou os odeiam apaixonadamente. Agostinho era um desses homens. Calvino e Lutero também eram odiados por muitos e amados por muitos. Kuyper, talvez mais do que qualquer outro em sua geração, era devotamente amado e profundamente odiado.

Sua influência sobre a igreja é grande. Ela alcança os dias de hoje.

### **Infância e Juventude**

Abraham Kuyper nasceu em uma casa pastoral no dia vinte e nove de outubro de 1837, filho do reverendo e da senhora J. F. Kuyper, em uma pequena vila de pescadores de Maassluis, na Holanda. As igrejas reformadas na Holanda haviam passado por maus momentos. Ao longo do tempo eles tinham se tornado apóstatas. Modernistas estavam em muitos dos púlpitos e ocupavam todos os postos significantes nas universidades e seminários. Enquanto um povo reformado poderia ser encontrado, e ministros reformados continuavam pregando aqui e ali, a igreja propriamente dita era dirigida, e, estava nas mãos daqueles que haviam se tornado inimigos da fé.

O próprio pai de Abraham, um pastor da sua denominação, estava em algum ponto entre um liberal modernista e um ortodoxo reformado.

Dois movimentos reformatórios significantes haviam varrido a Holanda. O primeiro, chamado *De Reveil - O Renovo* -, um movimento que foi encontrado em todos os países da Europa e no qual o protestantismo tinha se enraizado. Porém, ele trazia algumas marcas do humanismo na Holanda, e recusava se comprometer com uma verdadeira reforma na igreja, crendo que a igreja estatal poderia ser reformada por dentro. O segundo foi o chamado *De Afscheiding - A Secessão* ou *A Separação* -, do qual Hendrik De Cock foi o líder. O movimento havia demonstrado poderosamente que o povo comum estava sedento por um retorno à Escritura e às confissões, à uma pregação sadia e bíblica e, um caminhar santo. Isso se espalhou rapidamente por toda a Holanda, mas logo se tornou o alvo de perseguição e opressão do governo. Esse foi um movimento que atraiu milhares, principalmente do povo comum, os simples e o povo não estudado, aqueles que estavam nos degraus mais baixos da sociedade, aqueles a quem o próprio Kuyper posteriormente chamou *De Kleine Luyden - O Povo Insignificante*. Kuyper nasceu quando *A Secessão* já estava no seu terceiro ano. O fato de que dificilmente uma menção a isso é encontrada nos escritos de Kuyper durante seus vinte e cinco anos de vida é, talvez, um indicador de que isso era desprezado pelos educados e ignorado pela maioria da igreja estatal; afinal, os sofisticados líderes da igreja não poderiam levar a sério um movimento que atraía um bando de gente humilde e desprezada! As influências do *Renovo* e da *Secessão* parecem não ter tocado Kuyper.

*Bram* - como ele era chamado - não foi à escola primária, mas era instruído por seus pais em casa. Particularmente sua mãe era sua instrutora, de quem ele aprendeu o francês. Seu pai, fluente em alemão, ensinou à ele o idioma. Desde cedo Kuyper demonstrou grande aptidão para línguas e habilidade para dominar qualquer assunto.

Em 1841, a família se mudou para Middelburg, a capital da província de Zeeland. Essa cidade histórica fica no mar, e enquanto crescia lá, Kuyper desenvolveu um grande amor pelo mar e um forte desejo de gastar sua vida a bordo de um navio.

Em 1849, a família se mudou para Leiden, onde o reverendo Kuyper assumiu novos deveres ministeriais. Abraham tinha acesso a excelentes escolas. Por seis anos ele estudou no "*ginásio*", uma escola que foi estabelecida para preparar estudantes para os estudos universitários. Ele se graduou em 1855, e deu seu discurso de formatura, mas fez isto em alemão, falando sobre o tema: *Ulfilas, o bispo de Visigoths, e sua tradução gótica da Bíblia*.

Após a conclusão dos seus estudos no ginásio, Kuyper entrou para a Universidade de

Leiden, uma universidade com duzentos e oitenta anos de tradição, com cerca de quinhentos a seiscentos alunos matriculados. Ele ganhou dinheiro suficiente para se sustentar durante estes três anos de estudos universitários fazendo tutoramento particular.

Parece que a esta altura todas as influências sobre Kuyper eram más, algo não tão estranho quando considera-se o triste estado da ortodoxia nas universidades nacionais. Seu professor mais influente foi o Dr. Matthias DeVries, professor de estudos literários, com quem Kuyper aprendeu a beleza e o poder de uma boa escrita e sob a tutoria de quem ele desenvolveu um estilo de escrita forte e único que o manteve em uma boa posição durante toda a sua vida.

Kuyper se graduou *summa cum laude* - com as mais elevadas honras - em 1858, mas como um modernista de uma escola modernista. A pouca ortodoxia que seu pai haviam comunicado a ele foi perdida no turbilhão do pensamento liberal.

Em 1858, Kuyper entrou para a *Leiden Divinity School*<sup>97</sup> para estudar para o ministério. Novamente as influências eram uniformemente más. O Dr. L. W. Rauwenhoff, comprometido com uma visão evolucionista da história, ensinava história da igreja. O Dr. Abraham Keunen, proponente da alta crítica, dava aula de estudos bíblicos. O Dr. Joannes Henricus Scholten, o herege-mor que negava a ressurreição corporal de Cristo, ensinava dogmática.

Em adição a essas influências, duas escolas de pensamento contemporâneas na Holanda também moveram Kuyper em direção ao modernismo. Uma delas era a escola de pensamento de Groningen, que não era nada além de uma promotora do "*humanismo cristão*" segundo a ordem de Erasmo, o humanista dos tempos da Reforma. A outra escola era chamada de escola ética, que promovia um ecumenismo religioso de ampla tolerância sob a base de uma ênfase no interior, na vida ética do homem.

Não é de se admirar que quando Kuyper se graduou, no dia seis de dezembro de 1861, ele saiu da escola finalmente um modernista. Contudo, mesmo durante esses anos, Deus governou os acontecimentos de tal forma que a entrega de Kuyper ao modernismo não foi completa.

Dos seus estudos em divindade, Kuyper foi adiante para obter seu doutorado, o que ele alcançou em 1863.

---

<sup>97</sup> Tradução: *Escola Teológica de Leiden*.

## Conversão e Começo do Seu Ministério

Deus fez de Kuyper um poderoso pregador reformado e um defensor incrivelmente eficaz da fé reformada. Como isso veio a acontecer?

Três acontecimentos foram elementares na sua conversão.

O primeiro aconteceu durante seus dias na universidade. A Universidade de Groningen estava oferecendo uma premiação ao melhor ensaio apresentado sobre uma comparação entre Calvino e À Lasco quanto a visão da igreja. Com característica profundidade e zelo, Kuyper devotou todo o seu tempo e energia à pesquisa desse assunto e ao desenvolvimento do pensamento. Não contente com fontes secundárias, ele vasculhou as bibliotecas da Europa a procura dos escritos de À Lasco, mas sem êxito. Finalmente, em desespero, ele foi à casa de seu antigo professor, Dr. DeVries, que enviou Kuyper ao pai de DeVries, agora um velho homem, mas com uma boa biblioteca. O velho ministro estava muito velho para lembrar o que ele tinha ou não tinha em sua biblioteca, mas pediu para que Kuyper voltasse em uma semana. Sem esperar nenhuma ajuda dessa fonte, Kuyper ficou surpreso ao encontrar sobre a mesa uma grande pilha das obras de À Lasco. Kuyper achou isso tão maravilhoso, especialmente à luz do fato de que essa era aparentemente a única coleção na Europa, que ele entendeu isso como um milagre especial, um milagre que o forçou a considerar a realidade da direção providencial de Deus para a sua vida e para a vida dos homens.

O segundo acontecimento era diretamente ligado ao primeiro.

Kuyper mergulhou nos seus estudos de À Lasco com tanto vigor que ele dificilmente tinha algum tempo de sono. O resultado foi que embora ele completou seu ensaio - escrito em latim - e ganhou o cobiçado prêmio, ele sofreu um colapso nervoso total devido a excesso de trabalho. Ele não podia ler ou escrever, mas tinha que se contentar em tentar construir um modelo de navio enquanto estava de férias na Alemanha em uma tentativa de recuperar suas forças.

Foi próximo do fim do seu oitavo mês de recuperação que Kuyper leu o livro de Charlotte M. Yonge, *The Heir of Redcliffe*<sup>98</sup>. A história de um homem orgulhoso e de sucesso que foi humilhado, e um pobre e humilde homem que foi exaltado teve um profundo impacto sobre ele. Ele mesmo disse:

*"O que eu vivi em minha alma naquele momento, compreendi*

---

<sup>98</sup> Tradução: *O Herdeiro de Redcliffe*.

*completamente apenas depois, ainda a partir daquela hora, depois daquele momento, eu desprezei aquilo que eu antes estimava; Eu procurava por aquilo que eu uma vez ousei desprezar."*

O terceiro acontecimento ocorreu durante o ministério de Kuyper.

Depois de completar o seu doutorado - sua tese foi uma modificação do seu ensaio premiado sobre À Lasco e Calvino -, ele aceitou o convite de uma congregação em Beesd e casou-se com Johanna Hendrika Schaay, uma moça de Rotterdam.

A congregação, uma pequena igreja de um vilarejo, era composta de simples moradores da região, alguns deles mesmos eram modernistas e mundanos, outros eram ortodoxos e sinceros. No esforço de conhecer os membros da sua congregação, Kuyper visitou um de cada vez. Ele ficou surpreso e desapontado quando uma camponesa de trinta anos, Pietronella Baltus, recusou a cumprimentá-lo com um aperto de mãos. Finalmente Kuyper conseguiu que ela o fizesse, mas ela deixou claro que ela faria isto apenas porque ele era um ser humano, e não por ser um irmão em Cristo.

É incrível que Kuyper tinha a graça e a humildade não apenas para questionar o porquê de Pietronella ter dito aquilo, mas também para retornar várias vezes à sua casa depois de ela haver dito a ele que ele estava pregando falsa doutrina e que sua alma estava em perigo do inferno eterno. Foi através dessas humildes ovelhas que Kuyper foi levado de volta à Calvino e os pais da Reforma, e deles à Escritura: a grande e única fonte da fé reformada.

## **O Pregador**

Kuyper era um pregador poderoso e eficaz. Enquanto ele se movia constantemente em direção a fé reformada, sua pregação refletia seu compromisso com a verdade da Escritura e com a herança dos pais da Reforma. Seus sermões atraíam outros: alguns porque poderiam se deleitar em suas habilidades de oratória e seu excelente domínio da língua holandesa; outros porque Kuyper pregava um Evangelho pelo qual suas almas ansiavam. Era difícil encontrar tal pregação em algum outro lugar na Holanda.

Que a influência de Kuyper sobre o seu tempo e sobre a história subsequente era tão grande é, sem dúvidas, devido ao fato de que ele era antes de tudo um pregador. Deus usa pregadores: *Agostinhos, Calvinos, Luteros e Knoxes*. O poder da Reforma na igreja é o poder da pregação, acima de tudo.

Logo Kuyper se mudou - em 1867 - da cidade de Beesd para Utrecht, para uma igreja de trinta e cinco mil membros e onze ministros. Era o ano de 1867. Esse era um ministério de cerca de três anos, ocupado com muitos acontecimentos. Ali Kuyper conheceu Groen Van Prinsterer e lançou sua sorte com o partido antirrevolucionário. Ali ele se tornou um editor do *De Heraut*<sup>99</sup>, função que ocupou pelo resto da sua vida. E ali sua obra de reforma na igreja realmente começou, embora naquele momento havia pouca evidência disto.

A obra de reforma na igreja começou quando o consistório de Kuyper se recusou a responder um questionário enviado por um comitê do presbitério que substituiu o questionário no lugar da visitação da igreja. O consistório se recusou a responder: primeiramente, pelo fato de que o trabalho não seria propriamente feito por um questionário, e em segundo lugar, porque o trabalho era hipócrita, pois um grupo apóstata estava avaliando a saúde espiritual da congregação. Essa recusa poderia ter sido interpretada como um ato de rebelião, punível pelo presbitério, mas as assembleias eclesásticas maiores preferiram não forçar a questão e recuaram sem exigir submissão.

Em 1870, Kuyper foi para Amsterdã, para uma igreja com cento e quarenta mil membros, cento e trinta e seis oficiais, vinte e oito ministros, dez santuários e quatro capelas. Essa era a igreja mais prestigiosa do país, a mais influente e a mais venerável. Esse era um lugar estratégico para Kuyper continuar seu trabalho.

Sem dúvidas, Kuyper era o ministro mais popular dos seus dias, e ele atraía multidões de pessoas onde quer e quando quer que fosse pregar. Seus sermões não eram apenas defesas poderosas da fé reformada, mas eles eram também obras-primas de estilo literário e oratória. Suas pregações sempre eram direcionadas ao povo comum. Kuyper tinha a habilidade de dirigir sua pregação e ensinar qualquer um - uma característica de grandes pregadores. Ele podia ensinar as crianças no catecismo de tal forma que prenderia completamente a atenção delas, e ele tomou tempo e fez esforços para visitar regularmente os orfanatos onde ele também poderia ensinar a Palavra de Deus aos órfãos.

Não eram apenas os sermões de Kuyper que eram poderosos e magistrais, seu trabalho litúrgico no púlpito era feito meticulosamente e cuidadosamente colocado em prática. Suas orações eram eloquentes e levavam as almas dos humildes santos à Deus. Sua leitura da Escritura era uma experiência por si só. Um colega, o professor Dr. Rutgers, disse uma vez que ouvir Kuyper ler, apenas ler o Salmo 148, era uma exposição mais clara do salmo do que muitos sermões pregados nele, e que aquilo trazia lágrimas aos seus olhos.

---

<sup>99</sup> Tradução: *O Arauto*.

Foi durante o trabalho de Kuyper como ministro em Amsterdã que ele se esforçou grandemente pelo renovo e reforma daquela igreja. Esse foi um tempo de contenda e amarga luta, mas o resultado foi que a igreja em Amsterdã se tornou uma forte igreja reformada com a maioria dos seus presbíteros dando suporte para Kuyper. Isso não significa que os modernistas e os liberais foram expulsos da igreja: isso era impossível em uma igreja estatal. Porém, isso queria dizer que os ortodoxos eram a maioria e poderiam controlar os afazeres da igreja, assim, a pregação reformada e a instrução se tornou a regra ao invés da exceção.

Porém, a concentração de grupos divergentes foi o resultado. Quando Kuyper pregava um sermão sobre "*a segurança da eleição*", um ministro modernista seguiria imediatamente com um sermão como "*deixe qualquer um que venha com outro Evangelho, que não o que Cristo morreu por todos os homens, ser amaldiçoado*". Todavia, pela primeira vez em muitos anos, a fé reformada e a verdade das confissões estavam sendo proclamadas e defendidas nos púlpitos de Amsterdã.

Por conta da grande habilidade de Kuyper como pregador, é mais do que triste que ele tenha entregue seu ofício tão cedo para se dedicar à política.

Pessoalmente, jamais fui capaz de entender essa atitude de Kuyper. Quem é chamado para o ministério é chamado para toda vida, e esse mais excelente dos chamados tem tamanho apego a alma do fiel embaixador de Cristo que o abandonar é impossível. O próprio Paulo atingiu a única observação possível: "*Ai de mim se não pregar o Evangelho*". Kuyper declinou em 1874. Ele tinha sido eleito ao Parlamento e ele não poderia tomar seu assento naquele corpo sem deixar o ministério.

Pode ser levantada a hipótese de que a saída de Kuyper do ministério foi, sob alguns aspectos, o começo da sua perda de poder. Isso pode chocar alguns que leram sua biografia como algo estranho e sem cabimento; porém, isto é discutível, e nós devemos analisar alguns aspectos dessa questão.

## **O Jornalista e Escritor**

Foi principalmente através dos escritos de Kuyper que sua influência continuou por muitos anos. Artigo após artigo, e livro após livro, vieram de sua caneta. É quase impossível imaginar que Kuyper, tão ocupado quanto era, pôde escrever tanto quanto fez.

A única razão de ele ter continuado a escrever tanto era sua vida altamente estruturada

e disciplinada. Não apenas aqueles que o amavam, mas também seus inimigos se perguntavam se Kuyper dormia. Ele escreveu extensivamente sobre tudo o que publicou, pregou e falou. Suas manhãs eram reservadas para seus escritos. Ele se recusava a ser interrompido durante essas horas e dava instruções estritas à sua esposa e servos que apenas uma grave emergência poderia interferir em seus trabalhos da manhã. À tarde ele dava palestras. Das cinco e meia as seis e meia era a hora do jantar e de gastar tempo com a sua família. Ao entardecer ele corrigia as provas para a impressão. E o seu trabalho comumente continuava noite à fora. Kuyper se desgastou pela causa da Igreja e do Reino de Cristo.

A carreira literária de Kuyper realmente começou em 1866, com a publicação das obras de *À Lasco* que ele tinha usado no preparo do seu ensaio premiado durante seus dias na universidade. Ele preparou uma longa introdução para o conjunto de obras e fez um inestimável serviço à Igreja ao deixar disponíveis esses valiosos tesouros do passado. Sua vida poderia ter sido gasta proveitosamente como um historiador; mais tarde, ele editou e publicou escritos selecionados de Junius e Voetius.

Kuyper havia se tornado um editor associado do semanal *O Arauto* em 1869; em 1871, ele assumiu a editoração completa desse jornal. O caráter deste poderia ser facilmente determinado pelo seu lema, que ficava no cabeçalho da primeira página: "*Por uma igreja livre, uma educação livre e um país livre*". Em 1872, ele se tornou também o editor do *De Standaard*<sup>100</sup>, um jornal cristão diário. Ele continuou sua função como editor de ambos jornais até os seus oitenta e dois anos, um tempo de quase cinquenta anos. Ambos jornais tomavam um tempo considerável, não apenas para as responsabilidades editoriais, mas também para encher as páginas com seus próprios textos. Muitas das séries de artigos que ele escreveu neles foram posteriormente publicados em forma de livro. Os jornais eram amplamente lidos por amigos e inimigos, e eles exerceram uma considerável influência sobre a nação, especialmente na área política.

Tem sido dito que Kuyper poderia ter sido um especialista em qualquer coisa que ele colocasse as mãos. Há verdade nisso. Seus escritos não são apenas vastos, mas são sobre muitos assuntos diferentes. Ele escreveu amplamente no campo da teologia; suas palestras sobre dogmática eram publicadas sob o título de *Dictaten Dogmatick*<sup>101</sup>. Ele escreveu centenas de meditações, sendo essas talvez os seus escritos mais agradáveis. Ele preparou muitos artigos sobre cristianismo prático, material que permanece valoroso no presente. Ele era um estudante de história e filosofia, de política e ética, e seus escritos abraçam todos esses assuntos. Ele preparou exposições das confissões, sendo a mais famosa, a sua exposição do *Catecismo de*

---

<sup>100</sup> Tradução: *O Padrão*.

<sup>101</sup> Tradução: *Dogmática Ditada*.



*Heidelberg*, chamado *E Voto Dordraceno - De Acordo com a Vontade de Dordt*. Depois de viajar ao redor das terras do Mar Mediterrâneo, ele escreveu dois volumes extensivos sobre geografia, história e a vida cultural dos vários povos que vivam nessas terras. Alguns dos seus escritos indicam que ele não era um frio intelectual como acusam alguns; surgindo da sua dócil caneta estão muitos escritos que podem ser classificados apenas como "*misticismo reformado*". *Nabij God to Zijn - Intimidade com Deus* - é provavelmente seu livro mais conhecido nessa área.

Seus escritos - assim como suas muitas palestras e sermões - abundavam em ilustrações e figuras de linguagem. Algumas de suas ilustrações são memoráveis, embora existam momentos em que alguém se pergunta se as ilustrações pretendiam provar um ponto ao invés de ilustrá-lo.

Kuyper era um homem de muitos dons incomuns. Seu aprendizado foi grande; seu conhecimento da história, filosofia, ciências naturais e política era erudito e profundo. Ele era capaz de falar fluentemente muitas das línguas faladas na Europa. Ele era completamente versado em grego e hebraico. Ele palestrou e escreveu em latim.

Não pode haver nenhuma dúvida sobre o fato que os muitos escritos de Kuyper continuam a influenciar o pensamento de inúmeras pessoas.

## **Reformador da Igreja**

Depois da sua conversão, Kuyper se tornou um inimigo implacável do modernismo que tinha capturado as universidades e escolas teológicas na Holanda, e que tinha minado a igreja da sua vida espiritual.

A separação que ocorreu em 1834, com De Cock e outros, foi uma verdadeira Reforma na Holanda. Mas pela virtude do seu próprio caráter, atraiu apenas as classes mais baixas do povo; ela nunca teve nenhuma liderança teologicamente forte; muitos dos seus membros haviam migrado para a América debaixo de pesados fardos de pobreza e perseguição, e foi por si mesmo dilacerada por conflitos, divisões internas e separações eclesiásticas. Cristãos em outras classes da sociedade que eram fiéis a Escritura e aos credos reformados haviam permanecido na igreja estatal.

A batalha de Kuyper contra a má doutrina e vida na igreja o trouxe para um conflito com os teólogos, professores e líderes. Eles o odiavam e lutaram amargamente contra ele. Mas a oposição jamais dissuadiu Kuyper de fazer aquilo que ele acreditava ser certo. Ele lutou contra o liberalismo e modernismo através de sua pregação e escrita, e como sua influência cresceu, seu trabalho levou a um aumento no contraste entre os

ortodoxos e os liberais.

O primeiro conflito aberto foi sobre o já citado questionário enviado para o consistório de Utrecht, enquanto Kuyper era ministro lá. Embora o conselho do presbitério não censurou Kuyper e seu consistório, Kuyper foi percebido como alguém que não estava disposto a concordar com o estado em que as coisas se encontravam.

Foi apenas depois de que Kuyper havia deixado o ministério e havia tornado-se, em 1882, um presbítero no consistório da igreja de Amsterdã que outros assuntos foram adicionados, até que os problemas finalmente vieram à tona.

Os assuntos eram os seguintes.

A fórmula de subscrição, que anteriormente exigia fidelidade de todos os ministros, presbíteros, diáconos e professores aos credos, foi mudada para requerer daqueles que a assinavam apenas uma promessa de "*promover os interesses do Reino de Deus em geral especialmente aqueles da Igreja Estatal*". Presumidamente, "*os interesses da Igreja Estatal*" seriam decididos por aqueles que ocupavam posições de poder. O consistório de Amsterdã, sob a liderança de Kuyper, insistiu na integridade confessional dos seus ministros e oficiais.

Além disso, dentro do consistório foi levantada a questão se jovens descrentes deveriam ser admitidos com membresia plena na igreja e deveriam ser recebidos na Ceia do Senhor. O consistório se recusou em permitir tal profanação da mesa do Senhor mesmo que a prática era comum na Igreja Estatal.

O resultado foi inevitável. As assembleias agiram contra eles. Cinco ministros, quarenta e dois presbíteros e trinta e três diáconos foram suspensos pelo conselho do presbitério. O conselho também mudou as fechaduras da sala do consistório na catedral e colocou painéis de metal no interior, tomando posse de toda a propriedade e dos arquivos. Essas ações eram mantidas pelo sínodo, que depôs todos os oficiais. Duzentas congregações saíram com cerca de cem mil pessoas. Esse movimento foi chamado "*De Doleantie*" - "*Os Enlutados*" ou "*Os Ofendidos*". Kuyper e seus seguidores escolheram esse nome por duas razões: primeiro, isso expressava o seu lamento quanto a apostasia na sua denominação; segundo, isso os identificava ainda como uma parte da denominação, embora sem concordar com ela.

Embora isso também tenha sido uma genuína Reforma na Igreja de Cristo, Kuyper veio a reconhecer que o fato de que A Secessão de 1834, foi também uma verdadeira reforma. Embora ele não tenha se ocupado em buscar contato com o povo da Secessão imediatamente, ele se tornou, eventualmente, um apoiador dela.

Os esforços para conseguir a união foram bem-sucedidos, e em 1892, as duas denominações se fundiram. Quatrocentas congregações da Secessão de 1834, e trezentas congregações das igrejas de Kuyper se juntaram para formar a *De Gereformeerde Kerk - A Igreja Reformada*.

Em alguns aspectos, o casamento foi forçado. As diferenças doutrinárias eram muitas e eram significantes, embora a diferença básica tinha a ver com o pacto de Deus.

A co-existência dessas duas denominações em uma estrutura eclesiástica resultou em uma grande quantidade de tensão. O povo distinguia entre as duas por falar das igrejas da Secessão como a "igreja A", e a igreja do grupo de Kuyper como a "igreja B". Isso aconteceu freqüentemente em várias cidades e vilarejos nos quais nem o povo nem os ministros de um dos grupos desejava aparecer na companhia ou no templo do outro grupo.

Embora imigrantes das igrejas da Secessão tinham começado a viajar para a América do Norte durante a década de 1840, igrejas do grupo de Kuyper logo seguiram. No seu país adotado, eles se juntaram a mesma igreja e formaram a *Christian Reformed Church*<sup>102</sup>.

## O Político

Talvez, o papel de Kuyper nos assuntos políticos da Holanda, mais do que qualquer outra coisa, tem tido seus efeitos sobre as gerações que vieram a seguir. Seu objetivo era restaurar a Holanda àquilo que tinha sido uma vez nos anos dourados da sua história quando a igreja reformada era verdadeiramente reformada e o governo era um forte apoiador da ortodoxia. Como um subproduto do seu objetivo, Kuyper viu que o proveito seria o alívio de uma parte de dificuldade do povo comum.

Nós percebemos anteriormente que Kuyper era um homem do povo comum, que falava com eles de forma que podiam entender. Ele os amou com um amor profundo. Por toda a sua vida ele lutou a guerra espiritual, material e política do povo comum.

Em 1869, Kuyper entrou para o partido antirrevolucionário, o partido de Groen Van Prinsterer. De acordo com seu caráter, Kuyper entrou para o trabalho do partido com vigor e entusiasmo, e finalmente concorreu às eleições na segunda câmara do parlamento. Depois de ser derrotado duas vezes nas votações, ele foi eleito a partir de Gouda em 1874. Foi a esta altura que ele deixou sua posição como ministro da igreja

---

<sup>102</sup> Tradução: *Igreja Cristã Reformada*.

de Amsterdã e assumiu o cargo de ministro emérito para poder se dedicar completamente ao serviço do parlamento. A lei proibia qualquer um de ser um membro do parlamento e um ministro ativo ao mesmo tempo.

Em 1875, ele foi reeleito, mas esse mandato foi interrompido por sua segunda maior crise nervosa por excesso de trabalho. Por quinze meses ele ficou incapacitado, meses que ele gastou principalmente na Itália e na Suíça.

Após o seu retorno e através dos seus esforços, o partido antirrevolucionário estava completamente organizado, com uma Constituição, uma "*Declaração de Princípios*", organização nacional e local e uma plataforma bem formulada. Tais organizações pagavam dividendos e o partido continuava a aumentar sua membresia no parlamento.

Porém, enquanto Kuyper e seus políticos eram mais e mais odiados pela oposição, os dois principais partidos no parlamento uniram-se contra ele, e isso logo ficou claro que a única forma para que o partido antirrevolucionário rompesse o domínio dos liberais no país era fazer uma aliança com os católicos romanos. Essa aliança foi feita e foi vitoriosa na eleição de 1888; mas sua vitória foi temporária, e eles perderam a eleição de 1891. Foi apenas em 1901 que a aliança subiu ao poder novamente. Desta vez, Kuyper foi convidado a liderar o novo governo como primeiro-ministro. Depois da dissolução do governo e a derrota da aliança na eleição de 1905, o breve mandato de Kuyper como primeiro-ministro chegou ao fim. Ele serviu brevemente por mais duas vezes, uma na segunda câmara e outra vez na primeira câmara do parlamento. Mas a sua idade e enfermidades trouxeram consequências e a sua condição era ineficaz.

Embora os objetivos do partido antirrevolucionário nunca foram completamente alcançados, algumas realizações notáveis resultaram dos anos nos quais o partido de Kuyper foi uma força que a oposição teve de considerar. Talvez, a mais importante, um projeto de lei escolar foi aprovado, que deu às escolas cristãs igualdade legal com as escolas do governo. Antes dos esforços de Kuyper em favor da educação cristã, a situação na Holanda era muito parecida com a situação dos Estados Unidos hoje: as escolas do governo eram suportadas por todos os pagadores de impostos; escolas cristãs tinham que obter suporte do povo que não queria seus filhos sendo ensinados nas escolas do governo; assim, um fardo dobrado de impostos e despesas caía sobre eles. Kuyper teve êxito em conseguir aprovar a lei que deu subsídio do governo para escolas cristãs também.

Kuyper fez grande pressão por muito tempo pela cristianização das colônias sob domínio da Holanda, e ele procurou por leis que aliviariam o difícil fardo dos trabalhadores e a abolição do trabalho infantil. Kuyper ficou surpreso ao saber que crianças pequenas eram obrigadas a trabalhar de setenta a oitenta horas por semana,

e tinham de ser acordadas pela manhã sendo encharcadas com água fria.

Para que Kuyper chegasse a qualquer forma de poder seria necessário o comprometimento da sua própria posição. Cedo em seu trabalho com o partido antirrevolucionário, Kuyper se recusou a cooperar com o partido conservador - esse nome é enganoso; embora chamado de "*conservador*", ele era um forte aliado do partido liberal e era cruelmente contrário a qualquer coisa que a ortodoxia defendesse - porque eles "*submeteram até mesmo a honra ao santo Deus a cálculos de interesse político*". Contudo Kuyper pôde fazer uma aliança com os católicos romanos a fim de obter vantagem política.

Enquanto ele envelhecia, Kuyper não apenas não participava ativamente nos assuntos do partido como uma vez ele havia feito, mas ele se tornou mais e mais crítico quanto ao seu partido, os criticismos, ele expressou publicamente no *De Heraut* e no *De Standaard*. Ele algumas vezes deixou a impressão, certa ou errada, que ele estava tornando-se um idoso amargurado que não podia tolerar a liderança de outrém, especialmente quando discordavam dele. Muitos reclamavam da sua liderança autocrática.

## O Educador

Kuyper era profundamente interessado e preocupado com a educação cristã. Sua preocupação não era apenas que filhos de cristãos recebessem instrução de acordo com o pacto de Deus, mas ele labutou longa e arduamente para fazer a educação cristã disponível para o povo comum, cujos fardos econômicos frequentemente era muito grandes.

O interesse de Kuyper na educação foi além da instrução oferecida no que nós chamamos de ensino fundamental e ensino médio. Insatisfeito com a apostasia nas universidades - escolas sobre o controle do governo -, Kuyper voltou suas atenções para o estabelecimento de uma universidade cristã livre do controle do governo. Depois de muito trabalho da sua parte, a *Free University*<sup>103</sup> foi estabelecida, no dia vinte de outubro de 1880. Era uma escola para os ortodoxos, livre do controle governamental ou eclesiástico, operada como uma instituição familiar e sustentada pelos dons e orações do povo de Deus.

A universidade foi organizada com cinco disciplinas: teologia, medicina, jurisprudência, ciências naturais e filosofia. Seus primeiros professores foram o Dr.

---

<sup>103</sup> Tradução: *Universidade Livre*.

Kuyper, o Dr. F. L. Rutgers e o Dr. Hoedemaker - todos os três em teologia -; o senhor D. P. D. Fabius - em jurisprudência -; e o Dr. F. W. J. Dilloo - em letras. Cinco estudantes estavam matriculados no começo, mas ela continuou crescendo e serviu para suprir ministros reformados para a nova denominação que Kuyper tinha sido fundamental na formação.

Nessa universidade Kuyper palestrava em dogmática até que ele foi forçado a se retirar por motivos de saúde.

Seus interesses na educação universitária levaram-no a América. Ele foi convidado para as *Stone Lectures*<sup>104</sup> na Universidade de Princeton em 1898, e para receber um grau honorário. Essas palestras, sob nenhuma hipótese a melhor obra de Kuyper, foram mais tarde publicadas sob o título *Calvinismo*.

## O Teólogo

Não é necessário dizer que Kuyper era um teólogo notável. Seus muitos anos ensinando teologia reformada na *Free University*, a publicação da sua *Dictaten Dogmatick*, e seus muitos escritos teológicos dão abundante testemunho da sua perspicácia teológica.

Ele era um teólogo reformado, impiedoso em seus ataques aos liberais, cujo ódio e fúria ele ficou sujeito, e ele era incansável na sua defesa da fé reformada.

Tanto na teologia quanto na pregação, Kuyper era um teólogo do povo. Ele ensinou e escreveu de uma forma que poderia ser entendida pela pessoa menos educada da igreja, e ele poderia fazer as verdades mais profundas inequivocamente claras; ele reagrupou as ovelhas desgarradas da Igreja de Cristo ao redor da bandeira da fé reformada.

Ainda assim o trabalho de Kuyper como teólogo foi de alguma forma limitado. Essas limitações eram, em grande medida, devido aos seus amplos interesses, sua esmagadora carga de trabalho e seu envolvimento com os assuntos da Holanda - políticos, eclesiásticos e sociais. Embora Kuyper era um articulado e poderoso defensor da fé reformada, ele fez poucas contribuições significantes para o corpo orgânico da fé como tinha sido entregue à igreja do seu tempo pelos pais do passado.

Eu suponho que essa afirmação será rispidamente desafiada, pois existem muitos

---

<sup>104</sup> Série anual de palestras no *Princeton Theological Seminary* com distintos convidados eruditos.

que veem Kuyper como um dos grandes de todos os primeiros teólogos. Todavia, onde Kuyper realmente introduziu novas ideias, elas estavam frequentemente fora da corrente principal da fé reformada do passado e inovadoras no sentido que elas poderiam ser desafiadas como não bíblicas, não confessionais, e, portanto, errôneas. Essa é a verdade sobre a sua visão sobre a regeneração presumível - a ideia que alguém deve presumir a regeneração de todos os filhos nascidos de pais cristãos. Essa doutrina se tornou o maior ponto de discórdia em anos posteriores, e isso foi rejeitado pela igreja depois dele. Isso era também verdadeiro sobre a sua visão da graça comum, embora ali sua influência era muito ampla, e suas ideias da graça comum são ainda mantidas tanto na Holanda como nos Estados Unidos.

Embora tentativas têm sido feitas para provar que Kuyper, também na doutrina da graça comum, manteve a linha de pensamento reformado começando com Calvino, deve-se admitir que Kuyper introduziu ao pensamento reformado uma novidade que dificilmente pode suportar ao teste da Escritura e das confissões reformadas. A cosmovisão de Kuyper era intimamente ligada à sua visão da graça comum.

Kuyper era um homem da antítese. Ele acreditava fortemente que a antítese requer absoluta separação entre a igreja e o mundo em todas as áreas de esforço, ao ponto em que ele mesmo trabalhou fortemente por um sindicato de trabalhadores cristãos, um partido político cristão e um sistema de educação cristão livre de qualquer controle governamental. Ainda assim ele formou uma aliança política com os católicos romanos e ensinou uma doutrina da graça comum que preparou o caminho para a cooperação entre cristãos e não cristãos em muitas áreas da vida.

Mas tudo isso não é para minimizar seus vigorosos esforços, abençoados por Deus, de trazer de volta as igrejas de seu país à fé de seus pais.

## **O Homem Cristão**

Kuyper era um homem entre homens e um homem cristão entre homens cristãos.

Ele era um homem de família que deleitava-se na vida da sua própria família do pacto. Ele e sua esposa tiveram cinco filhos e duas filhas. Devocionais em família eram importantes para Kuyper. Durante o lanche da tarde, Kuyper juntaria também os seus servos ao círculo familiar, lia a Escritura com eles, explicava a Escritura para eles e liderava a família em orações a Deus. A hora da refeição era o tempo para conversas, companhia, riso e diversão.

O ano velho passava e um novo ano começava com Kuyper e sua família lendo a

Escritura e orando juntos. Esse era o costume da família, preservado até quase o final da vida de Kuyper.

A quantidade de trabalho que Kuyper desempenhou foi incrível, mas ele era, afinal, humano. O pesado fardo do trabalho por duas vezes levaram-no a um completo esgotamento nervoso. Quando ele finalmente conheceu suas próprias limitações, ele tomou três repousos durante o ano, comumente, gastos na Europa e freqüentemente envolvendo alpinismo. Ele tinha aprendido a amar o alpinismo quando ele estava na Suíça depois do seu segundo colapso.

A tristeza também tocou a sua vida quando em 1892, seu filho de nove anos de idade morreu, e em 1899, quando sua amada esposa morreu com a idade de cinquenta e oito anos. Kuyper nunca casou-se novamente e levou a tristeza dessas perdas para o túmulo.

Embora de pequena estatura, Kuyper tinha uma presença dominante, e seus olhos eram penetrantes. Ele pregou e discursou literalmente centenas e centenas de vezes. Mas ele podia manter sua audiência fascinada com sua maravilhosa voz e poderoso estilo de oratória. Ele era inflexível em suas convicções e transmitia o que ele acreditava com paixão e sinceridade. Ele tinha a habilidade de mover as pessoas profundamente.

A própria vida espiritual de Kuyper era de devoção e reflexão sobre a Palavra de Deus. Apesar de não ser místico no sentido errado da palavra, Kuyper falou frequente e eloquentemente da união da alma com Cristo. Isso era a alegria da sua vida e a esperança que o sustentava quando ele olhava para além de sua vida para a glória.

Entretanto, Kuyper não era um homem sem defeitos. Isso é, provavelmente, característico de uma personalidade forte, como era a de Kuyper, que ele não apenas mantinha fortemente suas convicções, mas era intolerante com qualquer um que discordasse dele. Ele tendia a ser autoritário em questões políticas e eclesiásticas, e não poderia facilmente tolerar contradição daqueles que estavam com ele na mesma causa. Conforme envelhecia, essas fraquezas tornaram-se mais fortes, e os últimos anos de sua vida não foram os mais felizes. Parece que, para quem labutou longa e duramente na causa de Cristo, as tentações da velhice são especialmente para sucumbir ao amargor. Kuyper nem sempre resistiu com sucesso a estas tentações.

Ele morreu no dia oito de novembro do ano de 1920. O funeral foi assistido por milhares, ainda assim os cultos foram simples. Nenhuma flor ou ramo sequer adornou seu caixão. O clímax foi a multidão cantando o salmo favorito de Kuyper, o Salmo 89, versos 7 e 8 do saltério holandês. Na sua lápide estão gravadas as palavras que traduzidas são: "*Dr. A. Kuyper, nascido dia vinte e nove de outubro de 1837;*



*adormeceu no seu salvador dia oito de novembro de 1920".*



# Reformadores do Séc. XX | 1920 - 1965



**Imigração da Holanda para a América**  
por liberdade religiosa • 1840-1900

**1840**

***Christian Reformed Church***  
na América • 1857

**1880**

***De Doleantie -***  
***Os Ofendidos*** • 1886

**J. Gresham Machen** ★ 1881 † 1937

**Herman Hoeksema** ★ 1886 † 1965

**George M. Ophoff** ★ 1891 † 1962

**1900**

**1ª Guerra Mundial** • 1914-1918

**Liga das Nações** • 1919

**Afirmção de Auburn** • 1924

***Protestant Reformed Church***  
na América • 1925

**1925**

**O Julgamento de Scopes** • 1925

***Westminster Theological***  
***Seminary*** • 1929

***Orthodox Presbyterian***  
***Church*** • 1936

**2ª Guerra Mundial** • 1939-1945

**1940**

**Carta das Nações Unidas** • 1945

**Conselho Mundial de**  
**Igrejas** • 1948

**1965**



## **John Gresham Machen - O Reformador Presbiteriano**

### **Introdução**

A Reforma do século XVI, sob a liderança de João Calvino, foi separada, na providência de Deus, em duas ramificações: o ramo presbiteriano, predominante nas Ilhas Britânicas; e o outro ramo do pensamento reformado, que era encontrado principalmente no continente europeu e que tinha o seu centro na Holanda.

Os dois não eram fundamentalmente diferentes. Ambos eram fortemente calvinistas na doutrina, liturgia e governo da igreja. As diferenças eram devidas a diferentes circunstâncias sob as quais a Reforma aconteceu e as diferentes culturas nas quais Deus havia plantado essas testemunhas da Sua verdade. Elas não estavam em desacordo; elas complementavam uma a outra.

O presbiterianismo alcançou seu ápice nas Ilhas Britânicas com a grande Assembleia de Westminster - entre 1643 e 1652 - e a formulação dos padrões de Westminster; o outro ramo da Reforma, da Reforma de Calvino, alcançou seu auge no Sínodo de Dordt - entre 1618 e 1619.

Ambos vieram cedo para a América do Norte, antes mesmo da Revolução Americana de 1776, e ambos floresceram no novo solo. O presbiterianismo, em especial, cresceu tanto ao sul quanto ao norte e tornou-se a poderosa Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

A Guerra Civil dividiu o presbiterianismo em uma igreja sulista, a igreja de Thornwell e Dabney; e uma igreja nortista, a igreja de Princeton, onde Samuel Miller, Benjamin B. Warfield e os Hodges ensinavam e davam centenas de sólidos pregadores calvinistas à Igreja.

Assim como nas Igrejas Reformadas da América havia declínio doutrinário e apostasia, nas Igrejas Presbiterianas também era verdade que a apostasia penetrou e finalmente assumiu o controle das igrejas. Em ambas, Deus levantou homens para trazer reforma para a Igreja. No ramo norte da Igreja Presbiteriana, essa apostasia quase destruiu o presbiterianismo. Mas Deus deu à Igreja um defensor da Ortodoxia

Calvinista, John Gresham Machen, um homem corajoso na defesa da verdade, perseguido, muitas vezes sem misericórdia, por sua posição inflexível, mas fiel até o fim. Através das suas lutas e provações, a ortodoxia triunfou na formação do que hoje é conhecida como a Igreja Presbiteriana Ortodoxa.

É a história de Machen que precisa ser contada nesse capítulo.

### **Começo da Sua Vida e Educação**

O nascimento e o começo da vida de John Gresham Machen parecem improváveis para tê-lo preparado, de acordo com os nossos padrões, para o importante chamado para o qual Deus tinha reservado para ele. Filho de Arthur Machen e Mary Gresham, ele nasceu no dia vinte e oito de julho de 1881; o segundo de três filhos. Seu pai era um advogado de sucesso na cidade de Baltimore, no estado de Maryland, e sua mãe era uma dama aristocrata da refinada cidade sulista de Macon, no estado da Georgia. Ambos, pai e mãe, eram da alta sociedade e envolvidos nos círculos intelectuais e políticos, e entre seus amigos estavam incluídos muitos homens famosos da política americana.

Todavia, o lar de Machen era um lar piedoso: seus pais eram da '*velha escola*' presbiteriana, profundamente comprometidos com os padrões de Westminster, envolvidos nas questões da igreja, e preocupados com a educação religiosa de seus filhos. Da sua mãe, Machen aprendeu a Escritura e o Catecismo Menor de Westminster.

Por ser necessário falar algo mais sobre a '*velha escola*' do presbiterianismo, é bom que o termo seja explicado um pouco antes de procedermos.

Uma divisão havia acontecido dentro da Igreja Presbiteriana em 1837, entre o que ficou conhecido como '*presbiterianos da velha escola*' e '*presbiterianos da nova escola*'. O primeiro grupo estava determinado a manter os distintivos presbiterianos como definidos na Confissão de Fé de Westminster, enquanto que o último era mais amplamente evangélico, mais interessado na união da Igreja - frequentemente às custas de integridade doutrinária - e não nitidamente calvinista na sua teologia, como ficou evidente a partir do suporte destes ao revivalismo assim como pregado por um inimigo do calvinismo tal como Charles Finney. As diferenças eram tão profundas que uma divisão foi a única cura.

Porém, em 1869, depois de anos de negociações, as igrejas da '*nova escola*' retornaram a denominação da '*velha escola*' sem substancialmente mudar a posição

que havia resultado na divisão pouco mais de trinta anos atrás. A união aconteceu apesar do fato que muitos das igrejas da '*nova escola*' eram doutrinariamente doentes.

Machen cresceu no presbiterianismo da '*velha escola*'.

Embora seu pai tinha cinquenta e cinco anos de idade quando John nasceu, ele continuou a exercer considerável influência sobre o seu filho, pois ele viveu o suficiente para ser um homem idoso. Mas a maior influência era da sua mãe, que o ensinou em sua juventude, viveu até cinco anos antes de John morrer, e era sua correspondente e confidente até sua morte. Suas correspondências eram longas e contínuas, e a nenhuma outra pessoa Machen revelou seus pensamentos de forma mais plena que a sua mãe. O fato que Machen nunca casou-se fez da influência da sua mãe muito mais profunda.

Machen foi para uma escola privada pelos seis primeiros anos de sua educação, e recebeu uma educação clássica em Latim, Grego, Matemática e Ciências Naturais na universidade.

Em 1869, Gresham professou sua fé, tornando-se um membro integral da Igreja Presbiteriana, e começou a se perguntar se ele era chamado para o ministério do Evangelho. Por alguma razão, essa era uma questão perplexa para Machen, e ele não chegou a uma decisão sobre isso por muitos anos.

Em 1902, depois de uma viagem a Europa, Machen se matriculou no *Princeton Theological Seminary*<sup>105</sup>. Esses eram os dias de glória de Princeton, quando Dick Wilson, Geerhardus Vos, Caspar Wistar Hodge, entre outros, estavam ensinando lá. Porém, Machen achou os estudos em Princeton insuportavelmente enfadonhos. Ele frequentemente faltava as aulas, gastava as tardes em diversão, desfrutando os prazeres turbulentos de estudantes universitários amantes da diversão, viajando para a cidade de New York e outros lugares, e encontrando prazer especial nos jogos de futebol americano da universidade, agora já tão populares na costa leste.

Algumas palavras sobre Princeton podem ser colocadas aqui. A escola era um sólido seminário presbiteriano da '*velha escola*', afiliado com a Universidade de Princeton, possivelmente o seminário mais conservador de todas as igrejas do norte. Ele era tipicamente presbiteriano, porém, nele era enfatizado a natureza racional do cristianismo e era influenciado pela filosofia do realismo do senso comum escocês, que sustentava a confiabilidade básica da percepção humana ordinária. Esta filosofia estava interessada em fornecer várias provas racionais do cristianismo por meio do

---

<sup>105</sup> Tradução: *Seminário Teológico de Princeton*.

método indutivo. Entretanto, o seminário permaneceu solidamente calvinista no seu compromisso com a verdade, e os seus professores insistiam na subscrição estrita a Confissão de Fé de Westminster. Enquanto uma abordagem racional das doutrinas da Escritura era característica do presbiterianismo, seu resultado foi criar em Machen um compromisso vitalício para com os aspectos intelectuais do cristianismo e à necessidade de um treinamento intelectual completo para o ministério na Igreja Presbiteriana.

Depois de um verão estudando grego na Universidade de Chicago, Machen foi para a Alemanha a fim de melhorar seu alemão. Ele se concentrou nos estudos do Novo Testamento em Marburg e Göttingen. Machen foi profundamente influenciado por Wilhelm Hermann, um liberal proponente da alta crítica que mesmo assim demonstrou um profundo caráter religioso. Machen ficou perturbado por um aparente conflito em Hermann entre uma teologia liberal e uma profunda piedade cristã. Como alguém poderia negar os fundamentos da Escritura e permanecer genuinamente piedoso? A habilidade de Hermann em manter esses dois pontos em tensão continuaram um enigma para Machen por toda sua vida.

Em 1906, Machen aceitou uma posição no seminário de Princeton, ensinando Novo Testamento.

### **Seus Primeiros Anos em Princeton**

Antes de Machen concordar em dar aulas no departamento do Novo Testamento em Princeton, ele teve de estar seguro que seria permitido fazê-lo sem comprometer a si mesmo a ordenação. Ele ainda não havia decidido se ele se tornaria ou não um ministro ordenado do Evangelho. A solução para esses problemas viriam mais tarde.

Princeton estava, naqueles dias, sob alguma pressão para alterar seu currículo. Muitos estudantes não estavam satisfeitos com a forte ênfase intelectual do seminário e queriam estudos mais práticos, que exigissem menos do seu tempo e energias, e mais adequado às suas próprias visões dos aspectos práticos do ministério. Alguns estudantes, por exemplo, não queriam mais ser forçados na disciplina de dominar as línguas originais da Escritura, o hebraico e o grego. Já naqueles dias os estudantes frequentemente não apreciavam o rigor das disciplinas intelectuais e procuravam a caminho mais fácil ao ministério. Os tempos não mudam consideravelmente.

Mas Machen achava o ensino um trabalho que exigia muito esforço, não apenas por causa das demandas do ensino, mas também por causa do profundo desinteresse da parte de alguns estudantes. Talvez essa era parcialmente a razão por que Machen

desenvolveu um temperamento peculiar lecionando na sua sala de aula. Algumas vezes enquanto ele lecionava ele batia sua cabeça contra a parede. Outras vezes ele lecionava equilibrando um livro em sua cabeça. Frequentemente, ele abria sua correspondência da manhã enquanto corrigia os erros de grego nas recitações dos estudantes. E ele parecia gostar de escrever conjugações em grego atrás do quadro negro.

Todavia, ele era um erudito importante que se devotava ao seu trabalho. E os frutos do seu trabalho logo apareceram em um trabalho acadêmico intitulado *The Origin of Paul's Religion*<sup>106</sup>. Talvez o valor deste trabalho pode ser melhor sumarizado pela opinião de H. L. Mencken sobre Machen. Mencken era um agnóstico, odiador do cristianismo, e amargamente satírico em seus escritos. Mas por alguma razão ele ficou impressionado com o trabalho de Machen e permaneceu como admirador de Machen por toda a sua vida. Depois de ler o livro de Machen, Mecken comparou Machen e William Jennings Bryan, colega de Machen - um presbítero influente na igreja, advogado de acusação no famoso julgamento de Scopes, e duas vezes candidato democrata para a presidência dos Estados Unidos - como análogo a uma comparação entre o monte Cervino e uma verruga.

Os anos de Machen em Princeton foram alguns dos seus mais produtivos. Além do livro mencionado acima, Machen também escreveu dois outros livros que foram amplamente aclamados. *The Virgin Birth*<sup>107</sup> e *What is Faith*<sup>108</sup>, embora ambos surgiram um pouco mais tarde em sua carreira.

Além de seus escritos, Machen também ensinava em tempo integral, concentrando no grego, exegese e no estudo de vários livros do Novo Testamento. Muitos artigos da sua caneta foram publicados no prestigioso *Princeton Theological Review*, e ele escreveu extensivamente para o programa da escola dominical da sua igreja. Seu domínio do Novo Testamento era completo, e ele corôu seus estudos nesse campo com a preparação de uma gramática grega do Novo Testamento, *Greek Grammar of the New Testament*, que ainda é amplamente usado hoje em dia.

Assim como sua popularidade aumentava, seus convites para palestrar e pregar - ele "*pregava*" como um "*pregador leigo*" antes da sua ordenação - também aumentaram, e convites para ensinar em várias escolas bíblicas, faculdades e seminários chegavam com regularidade na sua caixa de correio. Um dos convites mais difíceis de se rejeitar foi o convite para Columbia, um seminário presbiteriano do sul, no estado de South Carolina.

---

<sup>106</sup> Tradução: *A Origem da Religião de Paulo*.

<sup>107</sup> Tradução: *O Nascimento Virginal*.

<sup>108</sup> Tradução: *O Que é Fé*.

Esse deve ser o momento apropriado para mencionar outros dois eventos na vida de Machen. O primeiro foi a solução do seu problema em tornar-se um ministro ordenado. Quaisquer que sejam os motivos para sua relutância em escolher esse caminho, finalmente, em 1914, ele solicitou a ordenação. Isso foi garantido a ele, assim como a posição de professor titular em Princeton. Esse foi o fim de uma grande luta e trouxe grande paz para a sua alma.

A segunda foi a sua decisão de servir ao seu país durante os anos da Primeira Guerra Mundial. Ele desejava servir em alguma forma de função religiosa, mas finalmente pôde encontrar um lugar apenas na Associação Cristã de Moços - YMCA. Embora ele esteve perto das linhas de frente de batalha e algumas vezes sob fogo cruzado, isso era uma medida da sua humildade como um servo de Cristo, de modo que ele serviu sem reclamar em cantinas misturando e servindo chocolate, proporcionando o melhor que podia para os pequenos confortos que os soldados poderiam encontrar perto da frente de batalha e ministrando as suas necessidades espirituais quando isso era possível. Essa era, nos caminhos insondáveis de Deus, uma estranha preparação para o grande trabalho que ele tinha à frente.

### **Suas Primeiras Dificuldades**

Porém, sérias dificuldades estavam aparecendo no horizonte, dificuldades que em breve engoliriam a igreja e afetariam Machen pessoalmente.

Apareceu na igreja um partido latitudinário que era a favor de tolerar desvios da verdade, era inclusivo na sua atitude em relação à outras denominações, e queria uma subscrição bastante frouxa aos credos, a fim de abrir caminho para sua simpatia por outros pontos de vista religiosos. Mas Machen liderou um partido na igreja - que incluía a maior parte do corpo docente do seminário de Princeton - que se opunha a todas essas coisas. Machen falou como representante da integridade doutrinária e fez uma defesa franca das grandes verdades da Reforma de Calvino. Ele argumentou em favor da subscrição estrita, isto é, da persistência na adesão dos padrões de Westminster em todas as questões da fé.

Essa posição fez de Machen um homem notório. Por ele ser franco em suas convicções e não ter medo de expressar sua preocupação para com a Igreja, ele logo tornou-se o objeto do que apenas pode ser chamada de uma campanha de propaganda para descreditá-lo.

Vale o nosso tempo esboçar a história daquelas dificuldades que levaram Machen a separar-se da igreja, pois há um padrão aqui frequentemente seguido em contendas



na Igreja, um padrão do qual nós podemos aprender.

O primeiro passo no processo pelo qual liberais comumente ganham o controle da Igreja é reduzindo diferenças a assuntos emocionais. Isso aconteceu na igreja de Machen. Os liberais acusaram Machen de questionar a sinceridade e o comprometimento deles para com a Igreja, mas durante todo o tempo, eles não fizeram esforço algum para responder aos seus argumentos. Eles insistiam que eles estavam apenas suplicando por um pouco de tolerância para com a posição deles, embora esta súplica não impediu que eles fossem incapazes de serem tolerantes uma vez que eles chegaram a maioria. Walter Lippmann, o famoso columnista do jornal, estava certo quando ele apontou que ser amigável e tolerante com os liberais era a mesma coisa que "*cometer suicídio sorrindo*". Neste meio tempo, ninguém que criticou os liberais foi acusado por eles de fanatismo, intolerância e uma atitude de ódio em relação aos irmãos.

Mas outros eventos apressaram o processo de decadência. Foi ameaçador para a igreja quando, em 1903, houve uma revisão dos padrões de Westminster que modificou as doutrinas do calvinismo para incluir um amor de Deus por todos os homens, uma expiação de Cristo por todos e um desejo da parte de Deus de salvar a todos. Tamanha alteração dos credos abria o caminho para o retorno do presbitério de Cumberland, que havia deixado a Igreja Presbiteriana do Estados Unidos em 1810, por causa do robusto calvinismo desta última denominação.

Em 1914, Ross Stevenson foi eleito à presidência do seminário de Princeton. Ele foi um dos primeiros ecumênicos e mais tarde participou das reuniões iniciais da formação do *Conselho Mundial de Igrejas*, em 1948. O Dr. Stevenson apoiava uma ênfase mais prática no currículo. Surpreendentemente, Machen concordou, mas Warfield ficou amargamente hostil à mudança. Warfield nunca mais participou de outra reunião do corpo docente por causa da sua aversão a esse rumo dos acontecimentos.

Em 1920, Machen participou da sua primeira reunião da assembleia geral, mas ficou estupefado ao descobrir que a igreja já estava pronta para adotar um Plano de União com vinte outras denominações. O plano comprometia seriamente a verdade pela qual a igreja de Machen se posicionava. Mais desconcertante era o fato de que dois professores de Princeton favoreceram o plano: o Dr. Stevenson e o Dr. Charles Erdman. O plano finalmente fracassou a nível de presbitério, e esse fracasso pode ser atribuído ao fato de que Machen lutou contra ele ferozmente em palestras e artigos.

No entanto, a maré da liberalização da teologia continuou avançando.

## **A Contínua Apostasia na Igreja**

Possivelmente o catalisador que trouxe as questões à tona tenha sido a pregação de Harry Emerson Fosdick na Primeira Igreja Presbiteriana da Cidade de New York. De qualquer forma, era estranho e desconcertante que Fosdick estivesse pregando ali. Ele não era um presbiteriano, mas um batista; além do mais ele foi estabelecido como substituto na primeira igreja de New York.

O sermão de Fosdick, que estourou como uma bomba sobre a igreja, tinha por título: "*Os Fundamentalistas Devem Vencer?*". Este foi um ataque aberto contra os conservadores na igreja, uma declaração ousada de crença modernista, e uma trombeta convocando os liberais para fazer guerra aos conservadores. A trombeta soou rotulando os conservadores como homens intolerantes, e clamava por tolerância na igreja em assuntos como o nascimento virginal de Cristo e a segunda vinda de Cristo.

Indivíduos, especialmente no presbitério de Philadelphia, e finalmente o próprio presbitério, protestaram contra o sermão e pediram por disciplina. A assembleia geral concordou com esse protesto. A posição e o sermão de Fosdick foram condenados, e foi recomendado ao presbitério no qual a primeira igreja residia para que se assegurassem que a pregação se conformasse aos padrões de Westminster.

Mas o presbitério não apenas se recusou a seguir as instruções da assembleia geral; eles a desafiaram abertamente. As forças liberais estavam tornando-se cada vez mais audíveis e melhor organizadas.

No começo de janeiro de 1924, um documento foi publicado pelos liberais, que ficou conhecido como *A Afirmação de Auburn*, um documento notório e vergonhoso na história do presbiterianismo. Seu motivo primário era a condenação de Fosdick pela assembleia geral; seu significado se encontra no fato de que este documento desposava abertamente uma posição completamente contrária a tudo que o presbiterianismo sustentava. O documento declarava que as cinco doutrinas cardinais da fé cristã - a inspiração da Escritura, o nascimento virginal, a expiação substitutiva do nosso senhor Jesus Cristo, a ressurreição corporal de Cristo dentre os mortos e os milagres registrados na Escritura - não eram essenciais para o sistema de doutrina encontrado na Escritura, mas eram meras teorias. Este documento foi finalmente assinado por 1274 ministros, cerca de treze por cento do número total.

Apesar dos muitos protestos que foram feitos contra *A Afirmação de Auburn*, e mesmo que as exclamações eram sonoras e furiosas, a Assembleia Geral de 1924, tomou algumas decisões menores em favor dos conservadores, porém recusou-se a condenar Fosdick. Uma espécie de nota de rodapé ao assunto é o papel que John

Foster Dulles desempenhou no assunto. Muitos se lembrarão dele como um dos mais poderosos secretários de estado que os Estados Unidos já viram, que serviu sob o presidente Eisenhower durante os piores anos da Guerra Fria. Dulles foi, mas do que qualquer outro, responsável por conduzir os protestos para várias comissões permanentes onde eles poderiam morrer sem serem considerados.

Porém, os protestos continuaram e Machen tomou a frente da batalha. Nessa posição crucial, ele, e aqueles que se posicionaram com ele, foram alvos de ataques ferozes. Era quase como se os liberais estivessem determinados a dar um fim no próprio Machen a qualquer custo. Eles fizeram o uso da política, deturpações e ataques pessoais, enquanto apresentavam a si mesmos como os mártires que apenas queriam paz e sossego na igreja. Os conservadores eram considerados fanáticos e inimigos do bem da denominação. Os liberais clamavam por tolerância até que eles chegaram a posição de poder; então, como liberais sempre fazem, eles forçam seus ideais goela abaixo dos membros da igreja de forma impiedosa e intolerante.

A Assembleia Geral de 1925, tomou o caminho mais fácil para sair das dificuldades, mas um caminho favorecido pelos liberais por toda a história. Isso dá tempo para a posição se consolidar. A assembleia nomeou um comitê para estudar o estado da igreja para se informar, se possível, sobre as causas da divisão. Na mente de qualquer pessoa imparcial, o motivo da agitação era tão claro quanto o sol de um dia sem nuvens: o modernismo de uma grande porcentagem dos ministros. Mas o comitê relatou de volta que os conservadores eram os culpados pela instabilidade, pois - o comitê piedosamente concluiu - a Igreja Presbiteriana sempre foi pluralista, nenhum liberalismo poderia ser encontrado na igreja e as acusações dos conservadores beiravam a calúnia e difamação.

Na reunião da Assembleia Geral de 1926, outra questão veio à tona que foi um mau presságio para Machen. Ele havia sido indicado para a cadeira de apologética e ética em Princeton, e sua nomeação tinha de ser aprovada pela assembleia. A assembleia adiou uma decisão sobre o assunto pelo fato das qualificações de Machen estarem sob suspeita, não intelectualmente, mas por causa da personalidade e aspereza de Machen. Isso foi ameaçador ao extremo. A assembleia tinha, muito obviamente, concordado em ser levada pelos liberais e modernistas e concentrar seu ataque no mais sincero defensor da fé na igreja.

Ao invés de aprovar a nomeação de Machen, a assembleia nomeou outro comitê, dessa para investigar questões em Princeton e para verificar as razões e a cura para os problemas em Princeton. Os problemas, obviamente, eram, como todos sabiam, devidos a presença de simpatizantes modernistas no corpo docente. Mas o comitê não viu isso dessa forma, e ao invés disso, recomendou uma completa reorganização do seminário, que daria o controle do seminário efetivamente na mão dos

modernistas. Machen foi apontado como a figura principal no distúrbio da paz do seminário. O relato foi aprovado, e o seminário foi reorganizado entre 1927 e 1929.

Assim foi feito. Machen havia sido efetivamente feito um exilado em sua própria igreja e seminário, e as forças cruéis da oposição à sua forte posição haviam ganho o dia.

## O Seminário de Westminster

Machen renunciou a sua posição quando essa reorganização estava completa. Ele poderia fazer pouco mais que isso. Sua disposição em sacrificar sua prestigiosa posição em Princeton por causa da verdade deve ter dado aos modernistas razões para regozijar, mas esse foi um ato de fidelidade ao Deus Todo-poderoso e à causa da Igreja de Deus, a qual ele serviu com distinção.

Esse corajoso ato de Machen foi ainda mais admirável por causa dos seus amigos, companheiros conservadores e defensores ardentes em Princeton, que escolheram permanecer na escola. Essa foi a verdade sobre o seu amigo pessoal de muitos anos, o Dr. Armstrong, assim como sobre o Dr. Caspar Wistar Hodge e Geerhardus Vos. Machen se posicionou praticamente sozinho.

Porém, havia aqueles na igreja que o apoiavam, e um grupo feito essencialmente de homens leigos se reuniu a fim de dar início a um seminário alternativo. O dinheiro foi reunido e o *Westminster Theological Seminary*<sup>109</sup> começou a preparar para suas aulas no outono de 1929. Os homens que aceitaram trabalhar e ensinar no seminário eram um grupo notável: Paul Wooley como secretário e escrivão, assim como professor de História da Igreja; Dick Wilson, O. T. Allis, e Alan MacRae em Estudos no Antigo Testamento; Machen e Ned Stonehouse em Estudos no Novo Testamento. Pouco tempo depois, Cornelius Van Til foi acrescentado a equipe em Apologética, e B. R. Kuiper chegou para ensinar Dogmática e Teologia Prática. Os dois últimos eram da *Christian Reformed Church*.

Era uma coisa muito ruim que o seminário tenha se tornado uma instituição independente, pois a preparação dos homens para o ministério do Evangelho é o trabalho da própria igreja e deve estar sob a direção e a supervisão da igreja de Cristo. Westminster permanece um seminário independente até o presente.

Ainda durante a vida de Machen o seminário esteve ocupado com dificuldades. Para entender essas dificuldades é bom voltarmos um pouco e ter um outro olhar quanto a

---

<sup>109</sup> Tradução: *Seminário Teológico de Westminster*.

posição de Machen em outra área.

Machen havia sido frequentemente rotulado de fundamentalista, quando de fato ele realmente não era nada assim. Ele rejeitou o fundamentalismo por várias razões. Embora ele certamente aprovou a firme posição do fundamentalismo nas questões cruciais do nascimento virginal, inspiração da Escritura, a ressurreição corporal etc., ele discordou em algumas áreas importantes. Em primeiro lugar, Machen era profundamente compromissado com os padrões de Westminster e queria uma igreja fortemente confessional, algo que o fundamentalismo tendia a dar pouco mais do que um apoio insincero. Em segundo lugar, Machen não concordava com a escatologia fundamentalista, que estava inclinada a ser dispensacional e pré-milenista. E finalmente, Machen se opunha a posição rigorosa dos fundamentalistas que fumar e beber bebidas alcoólicas era errado de toda e qualquer forma. Ele tinha tomado sua própria posição quanto a este último assunto publicamente e de forma clara quando ele se opôs à proibição.

Por esta última posição bíblica, Machen havia sofrido um grande quantidade de criticismo, e ele continuava a sofrer. Depois de fundar Westminster, por exemplo, notícias circulavam de que os estudantes do seminário fumavam e bebiam, como se o seminário tivesse se tornado um antro de iniquidade.

A posição fundamentalista foi crucial para alguns que seguiram Machen. Em 1935, o Dr. O. T. Allis saiu com treze membros do conselho, e em 1937, Oliver J. Buswell Jr., Carl McIntyre e Alan McRae deixaram Westminster para formar a *Bible Presbyterian Church*.

## **A Deposição de Machen**

Por todo este tempo, Machen permaneceu um membro em boa posição na Igreja Presbiteriana do Estados Unidos. Mas a sua insatisfação com a igreja continuava. Essa insatisfação concentrava-se especialmente nos trabalhos da missão da igreja, pois muitos missionários tinha sido impregnados com as mesmas heresias modernistas dos ministros do Estados Unidos. Isso era especialmente verdade na China, onde Pearl Buck, um missionário influente, estava ensinando que todas as religiões tinham bons elementos em si, incluindo as religiões pagãs, e que Cristo não era nada mais do que um grande mestre e líder.

Machen apresentou um protesto contra esses ensinamentos para o presbitério de New Brunswick, e finalmente isso chegou a assembleia geral. O protesto de Machen falhou em ambas as cortes. Em resposta a essa falha em suas objeções, Machen,

juntamente com outros, organizaram um novo conselho de missões, *The Independent Board of Presbyterian Foreign Missions*<sup>110</sup>. Esse foi um passo fatal.

O apoio para o conselho cresceu rapidamente e sua influência nas igrejas constituíam uma ameaça real ao poder do conselho regular; os líderes da denominação de Machen foram forçados a fazer algo a respeito. Machen foi acusado de agir inconstitucionalmente pela sua participação nas atividades deste conselho; e esta se tornou a acusação padrão feita contra todos os outros a quem a igreja queria disciplinar.

Não é tão fácil avaliar tudo isto. Parece que a acusação feita contra Machen, justamente se tratando de um governo de igreja presbiteriano, era correta. É difícil imaginar como um grupo de indivíduos pode formar seu próprio conselho de missões dentro de uma denominação, e continuar fazendo o mesmo trabalho como o conselho oficial. De qualquer forma, é claro o suficiente que o trabalho de missões, por ser a pregação oficial do Evangelho, é o trabalho da igreja e não pode ser feito por um conselho independente fora do controle da igreja. A aversão de Machen à corrupção do conselho atual não poderia prevalecer sobre o sério erro que ele fez ao formar um conselho independente.

Entretanto, resta aqui uma ironia. Os mesmos homens que estavam tão preocupados em condenar Machen na carta da Constituição, passaram por cima de cada princípio de justiça e retidão quando eles usaram a participação de Machen no trabalho deste conselho como ocasião para discipliná-lo. Quão frequentemente acontece na igreja, que homens justos são condenados enquanto homens perversos são aprovados. O caso de Machen não foi diferente de inúmeros outros.

A Assembleia Geral de 1934 condenou a participação de Machen no conselho, e o presbitério de New Brunswick realizou o julgamento de Machen em fevereiro e março de 1935. Vale a pena citar parte da defesa de Machen:

*"Tendo sido ordenado pela Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos a cortar minha relação com o Conselho Presbiteriano Independente de Missões Estrangeiras, eu desejo dizer, muito respeitosamente:*

*I. Eu não posso obedecer a ordem.*

*a. Obediência a esta ordem, conforme exigido pela assembleia geral, envolveria apoio a uma propaganda que é contrária ao Evangelho de*

---

<sup>110</sup> Tradução: *Conselho Presbiteriano Independente de Missões Estrangeiras.*

*Cristo.*

*b. Obediência a esta ordem, conforme exigido pela assembleia geral, envolveria a substituição da autoridade da Palavra de Deus por uma autoridade humana.*

*c. Obediência a esta ordem, conforme exigido pela assembleia geral, significaria consentimento no princípio que apoiar as benevolências da Igreja não é uma questão de livre vontade, mas o pagamento de uma contribuição imposta por penalidades.*

*d. Todos os três procedimentos de conduta acima mencionados são proibidos pela Bíblia, e portanto eu não posso comprometer-me com nenhum deles. Eu não posso, não importa o que qualquer autoridade humana mande fazer, apoiar uma propaganda que é contrária ao Evangelho de Cristo; eu não posso substituir a autoridade da Palavra de Deus por uma autoridade humana, eu não posso considerar o apoio das benevolências da Igreja como uma contribuição imposta por penalidades, mas devo continuar a considerá-las uma questão de livre vontade e algo em relação ao que o homem é responsável diante de Deus apenas.*

*II. Embora desobedecendo um ordem da assembleia geral, eu tento o pleno direito de permanecer na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, pois eu estou de acordo com a Constituição desta Igreja e posso apelar da assembleia geral para a Constituição."*

Oitenta páginas se seguiram, nas quais Machen defendeu sua posição com cuidadoso detalhe. A assembleia havia tomado sua decisão, e rápida e eficientemente o caso de Machen foi julgado; ele foi determinado culpado de todas as acusações, e foi sumariamente destituído de suas funções eclesiais. Aqueles que ousaram ficar do seu lado foram prontamente punidos pelos seus respectivos presbitérios.

## **Uma Nova Denominação**

Com essa atitude, a assembleia abriu caminho para o estabelecimento de uma nova denominação, primariamente chamada *Presbyterian Church in America*<sup>111</sup>, mas depois, chamada de *Orthodox Presbyterian Church*<sup>112</sup>.

---

<sup>111</sup> Tradução: *Igreja Presbiteriana na América*.

<sup>112</sup> Tradução: *Igreja Presbiteriana Ortodoxa*.

No dia onze de junho de 1936, quando a nova denominação foi formada, ela contava com cerca de cinco mil pessoas que saíram com Machen; isso de uma denominação, que numerava aproximadamente dois milhões de pessoas. E com ele saíram também trinta e quatro ministros e dezessete presbíteros.

Nos anos anteriores a essa atitude, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos havia chego a má condição em que se encontrava porque homens bons mantiveram silêncio. Durante o auge do conflito, esses mesmos homens bons não tiveram a coragem de vir a público abertamente em apoio àqueles que estavam liderando a luta. Quando a situação ficou mais intensa e chegou a hora de levantar-se e ser contado, foram os bons homens que, enquanto encorajavam Machen em particular a permanecer firme nas suas convicções, recusaram-se a proceder. Um mero punhado estava disposto a agir de acordo com seus princípios. E isso, também, é o jeito que as coisas acontecem em tempos de crise na Igreja de Cristo.

Embora a nova denominação cresceu rapidamente para cerca de setenta e cinco ministros a *Orthodox Presbyterian Church* teve os seus problemas no começo de sua história que eram paralelos àqueles no Seminário de Westminster. Mas a denominação continua até os dias de hoje.

A história de John Gresham Machen está quase no fim. Ele não viveu muito após a formação da nova denominação. Demandas gigantescas estavam sobre ele no seminário e por conta das igrejas recém estabelecidas. E, determinado a fazer tudo o que podia pela causa da Igreja, Machen se esgotou no trabalho.

Em uma viagem para pregar em *North Dakota*, que ele fez apesar do frio severo, ele adoeceu com pleurisia e morreu de pneumonia em um hospital em Bismarck.

À um amigo que estava ao seu lado na cama ele falou de uma visão do céu que havia sido concedida a ele e clamou: "*Sam, foi glorioso, foi glorioso*". Pouco depois, ele falou: "*Sam, a fé reformada não é magnífica?*". No próximo dia, praticamente inconsciente, ele ainda assim estava bem o suficiente para ditar um telegrama para outro colega no seminário, John Murray. Estava escrito simplesmente: "*Eu sou tão grato pela obediência ativa de Cristo. Não há esperança sem isto*". Essas foram suas últimas palavras. Ele morreu no primeiro dia de janeiro de 1937.

## Conclusão

John Gresham Machen permaneceu solteiro por toda a sua vida e desfrutou apenas de



uma estreita ligação com uma pessoa do sexo oposto. Ela era da Nova Inglaterra, e eles se tornaram muito próximos. Casamento, porém, estava fora de questão, porque ela era unitariana e não poderia abraçar a fé que Machen prezava. Ainda assim, eles permaneceram amigos por toda a vida.

Não há dúvidas de que o fato de ser solteiro foi o que manteve sua ligação com sua mãe tão próxima. Quando ele não podia confiar em mais ninguém, ele confiava nela, e a morte dela, cinco anos antes da sua, foi um golpe severo.

A história do envolvimento de Machen nas lutas com o modernismo na Igreja Presbiteriana levantam uma questão interessante: por que a batalha foi com o modernismo? Como pode ser que uma igreja chegue ao ponto onde doutrinas como a divindade de Cristo e a sua ressurreição corporal dentre os mortos são negadas antes de alguém desafiar sua presença e ensino? Uma igreja não se torna modernista do dia para a noite. Apostasia é algo gradual. O modernismo não é o começo do declínio, é o fim.

E aqui está a parte triste da luta. Embora Machen e aqueles com ele, na sua fidelidade aos padrões de Westminster, haviam permanecido firmes por um calvinismo sólido, seus antepassados espirituais não tinham estado dispostos a lutar quando o arminianismo fez suas invasões na igreja muitos anos antes. Aquele arminianismo tinha, de fato, sido a sanção oficial em alguma dimensão quando os presbiterianos da "velha escola" haviam recebido em sua comunhão as igrejas da "nova escola", que eram doutrinariamente inclusivas na sua visão do evangelismo e nas misturas com o arminianismo.

Esta grave fraqueza na igreja havia se tornado manifesta ao desposar abertamente movimentos relativistas, que eram ecumênicos em todos os maus sentidos da palavra, e na dificuldade que a igreja enfrentou ao lidar com homens como Charles Finney, que repudiou abertamente o calvinismo de sua igreja e pregou uma forma grosseira de arminianismo do pior tipo.

Arminianismo é modernismo nascente. Essa é a lição de toda a história. A falha da igreja em lidar com o arminianismo leva inevitavelmente a um modernismo extravagante, que não pode mais ser desenraizado quando alguns começam a ver que uma batalha tem de ser lutada. Nessa hora é realmente tarde demais.

A falha da igreja presbiteriana em lidar com o arminianismo em 1800, abriu as portas para o atual arminianismo que até hoje é tolerado nas igrejas presbiterianas como uma outra forma aceitável do Evangelho, mesmo que ele possa ser inferior.

Isso quer dizer que se a igreja esperar até que o arminianismo se torne modernismo

para enfrentar o inimigo, é tarde demais? Isso quer dizer que a falha em enfrentar o inimigo no começo significa que a batalha está perdida antes de começar?

Constantemente, esse é o caso. Todavia, na Holanda nos dias de Hendrick De Cock, a Igreja Estatal, na qual De Cock era um ministro, havia se tornado completamente modernista. As mesmas verdades que depois foram negadas na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos estavam sendo negadas em Hervormde Kerk. Mas havia uma diferença significativa entre a reforma da igreja de De Cock e a reforma feita sob Machen: De Cock levou a si mesmo e as igrejas de volta para Dordt e aos Cânones de Dordt. Ou seja, De Cock viu claramente que a batalha contra o modernismo poderia ser lutada com sucesso apenas se a igreja voltasse, antes do modernismo, para lutar com o arminianismo e reafirmar, sobre as bases dos credos da igreja, a verdade da absoluta soberania de Deus na salvação. Machen escreveu a obra *The Virgin Birth*. De Cock disse: "*Precisamos dos Cânones*". Essa é uma grande diferença.

Também deve ser lamentado o fato de que Machen se recusou a comprometer-se na questão do evolucionismo. Seu colega de Princeton, Charles Hodge, havia considerado perfeitamente possível que o evolucionismo foi a forma pela qual os mundos vieram a existir, conquanto que se coloque esses processos evolutivos sob o controle providencial de Deus e conquanto que se esteja disposto a aceitar a criação da alma no homem como um intervenção miraculosa e divina no processo evolutivo. Machen recusou se envolver nessas discussões, afirmando que estavam fora do seu campo de erudição. Mas essas questões não estão fora do campo de interesse de um teólogo, pois eles envolvem as doutrinas básicas da inspiração e confiabilidade da Sagrada Escritura. Esses compromissos que foram feitos no final dos anos 1800 abriram caminho para formas mais grosseiras de evolucionismo que tem atormentado a igreja desde então.

Porém, qualquer um que lê a história da igreja pode apenas ser agradecido pela coragem de um homem que estava disposto a sacrificar tudo pela causa da verdade e que foi fundamental na preservação da verdade como incorporada na Confissão de Fé de Westminster.

## Herman Hoeksema - Teólogo e Reformador

### Introdução

Terei de escrever este sumário sobre alguém que eu conheci. Eu não o conheço e nem poderia conhecê-lo como sua família o conhecia. Eu não o conheço e não poderia conhecê-lo como seus colegas o conheciam. Porém ele foi meu pastor por quase vinte anos e foi meu professor no *Protestant Reformed Seminary* por pelo menos seis anos. Seus alunos o conheceram na sala de aula, na sala de café durante os intervalos, durante as informalidades do clube dos estudantes, e nas calorosas conversas e trocas de ideias na vida no seminário.

Sim, foram seis anos, e não os normais três anos de um curso completo de seminário. Enquanto eu ainda estava na faculdade, porém fazendo planos para ir para o seminário, Herman Hoeksema sofreu um derrame. O Senhor lhe deu uma notável, embora não completa, recuperação. Estávamos preocupados que no momento em que estávamos prontos para entrar no seminário, Hoeksema não seria mais capaz de ensinar, e nós desejávamos estudar Dogmática com ele. Eu e muitos outros pedimos a permissão do comitê da faculdade teológica para que tivéssemos Dogmática com ele, mesmo que isso significasse apenas a auditoria dos cursos. Esta permissão foi concedida, e nós estudamos Dogmática com ele durante três anos de nossos estudos universitários. O Senhor poupou sua vida por mais alguns anos, e nos foi dado o privilégio de estudar Dogmática - assim como outros assuntos - com ele por mais três anos. Então nós passamos os seis *Loci* da Dogmática com ele duas vezes. Nenhum dia destes estudos foram desperdiçados.

Estou certo de que não é possível equilibrar louvor e culpa e ser justo e correto em ambos. Deus usa pecadores para realizar a Sua vontade. Nós mantemos o nosso tesouro, Paulo diz aos coríntios, em vasos de barro. Mas essas coisas não são minha preocupação principal. O que é do meu interesse e deveria ser do interesse de todos nós é o fato de que Deus usou Hoeksema de forma singular na igreja. Que Deus usa pecadores é fato. Que Deus usou Herman Hoeksema é um motivo de gratidão por parte de todos aqueles que amam a fé reformada.

Gertrude Hoeksema, nora de Herman Hoeksema, escreveu uma biografia dele, e os

leitores deste resumo estão convidados a ler este livro. O seu título é *Therefore Have I Spoken*<sup>113</sup>. Eu irei me amparar nesta obra para diversas informações que não estão disponíveis em outras fontes.

## Início da Vida de Hoeksema

Filho de Tiele Hoeksema e Johanna Bakema, Herman Hoeksema nasceu no dia doze de março de 1886, em Hoogezand, na província de Groningen, na Holanda. O ano de seu nascimento - 1886 - irá atrair a atenção de qualquer um que conheça e aprecie a história da igreja na Holanda. Este foi o ano em que o Dr. Abraham Kuyper liderou a saída dos fiéis da apóstata Igreja Estatal a fim de formar uma nova denominação, e assim reformar a igreja no país.

No entanto o trabalho do Dr. Kuyper não foi a primeira reforma que surgiu na Igreja do Estado; Henrik De Cock, como vimos noutro capítulo, também liderou um povo fiel a Deus para fora da Igreja Estatal, porém cinquenta anos mais cedo, em 1834. Hoeksema nasceu de pais que pertenciam as igrejas que De Cock havia formado, conhecidas como *De Afscheiding*, ou, *A Secessão*.

As pessoas dessas igrejas eram o povo simples, pobres trabalhadores, pessoas sem influência. Mas eles possuíam algo mais importante: uma piedade e devoção que têm raízes profundas na Escritura e uma vida cheia de oração.

Hoeksema tinha uma mãe muito piedosa. Sua piedade e espiritualidade eram ainda mais fortes por causa do seu marido. Ele era um bêbado que abandonou a família para se alistar a um serviço no exterior, e que gastava o pouco que ganhava no pecado. Ele voltava para casa apenas ocasionalmente e quando Herman tinha nove anos de idade, ele o tirou à força de sua casa. A Sra. Hoeksema teve de obter uma ordem judicial para evitar que isso se repetisse.

Sua mãe foi obrigada a começar a trabalhar como costureira, e trabalhava longas horas para sustentar sua família. Mesmo trabalhando arduamente, o dinheiro era sempre escasso. Não era fácil alimentar três meninos em crescimento e uma garota e ainda proporcionar uma educação cristã para eles. O resultado foi que a família muitas vezes passava fome e Herman começou a andar com os bandidos da cidade que, por vezes, envolviam-se em roubo de comida para aliviar as dores da fome.

Somente foi possível para Herman continuar seus estudos porque ele recebeu suporte

---

<sup>113</sup> Tradução: *Por Isso Falei*.

da cidade. Esta educação recebida em uma escola profissionalizante o qualificou para servir como aprendiz de ferreiro. Ele conseguiu um emprego longe de casa, onde, aos quinze anos de idade, ele trabalhava das quatro da manhã às dez da noite por trinta dólares por ano, mais casa e comida. O trabalho era árduo e a comida que ele recebia era escassa e insuficiente para sustentar seu corpo em crescimento. Ele trabalhou ali por um ano e no final do ano, ele encontrou um emprego melhor em sua cidade natal, fazendo cercas de ferro forjado.

A pobreza e o árduo trabalho de sua juventude deram a Herman uma simpatia para com os pobres e um desgosto pelos chefes interesseiros que se recusavam a pagar a seus ajudantes um salário mínimo, mas exigiam longas horas de trabalho duro. Suas pregações durante seus anos de ministério muitas vezes refletiam essas experiências de infância.

Embora ele tenha recebido sua formação religiosa em uma igreja da *Secessão*, Hoeksema tinha um amigo que pertencia às igrejas do movimento de Kuyper. Através deste amigo, ele veio a ouvir o Dr. Kuyper pregar e falar, e foi influenciado pela forte e intransigente ênfase de Kuyper sobre a salvação pela graça soberana e particular. Esta foi uma influência que seria o padrão de sua vida.

Aos dezoito anos de idade, Hoeksema deixou a Holanda e a pobreza que ele conhecia para encontrar abrigo nos Estados Unidos. Ele permaneceu em Chicago com sua irmã que havia ido antes dele. Após trabalhar em diversos empregos e guardar o que podia, ele foi capaz de trazer sua mãe e seus irmãos para os Estados Unidos, enquanto ele partiu para Grand Rapids para estudar para o ministério da Palavra no *Calvin College*.

## **Início do Seu Ministério**

Hoeksema havia recebido dons de Deus que o equiparam para mais do que trabalhar apenas com as mãos. Ele era um homem de intelecto muito elevado, aguçado discernimento e originalidade de pensamento. Ele se deu muito bem nos estudos e foi capaz de assimilar uma enorme quantidade de assuntos. Ele tinha grande interesse na teologia reformada holandesa, e, porque dominava a língua holandesa, foi capaz de ler com facilidade aquela imensidão dos pensamentos reformados holandeses, os quais são tão ricos e produtivos, porém tão inacessíveis para a maioria dos crentes de hoje.

Além dos dons intelectuais, ele era um artista com certo talento. Mais tarde, quando ele passou a pintar para relaxar, ele se tornou hábil em pintura a óleo. Suas habilidades artísticas estenderam-se também para realizações literárias. Quando

ainda estava na escola ele escreveu uma produção dramática em poesia; em seu vigésimo quinto aniversário ele compôs um soneto; e todos os seus escritos - e haviam muitos - eram caracterizados por uma clareza e graça literária que poucos possuem. A clareza da sua escrita - como também sua pregação e conversação - era de tal maneira que, apesar de haver muitos que não concordavam com sua teologia, ninguém jamais reclamava que não conseguia entender o que ele queria dizer. Ele conseguia expressar profundas ideias em uma linguagem simples.

Hoeksema era um homem com uma força de vontade de ferro e uma determinação de aço. Esta era uma característica de sua própria vida, a qual era muito disciplinada; no entanto esta característica era especialmente evidente em seu compromisso com a verdade. Tendo uma vez se colocado no rumo para servir a igreja de Cristo e a verdade de Deus, ele não podia desviar-se disto. Ninguém, amigo ou inimigo, contestaria o fato de que ele se posicionava firmemente pelo que acreditava. Isso era tão verdade que a palavra que frequentemente saía da boca da maioria de seus caluniadores era "*obstinado*".

As evidências de seu compromisso com a igreja apareceram durante seus dias como seminarista. Quando ele foi escalado como estudante para levar uma palavra de edificação para a congregação de *Maple Avenue Christian Reformed Church*, na cidade de Holland, em Michigan, ele sabia que a congregação se opunha em grande medida a educação cristã. Ciente das implicações do que ele estava fazendo, ele orou em suas orações congregacionais para que o povo do pacto de Deus não deixasse seus filhos às portas do inferno - sua caracterização contundente do sistema de ensino público - quanto a educação. A congregação ficou tão furiosa que os seus anfitriões não reapareceram na sua própria casa enquanto ele não se retirou, e o consistório fez um esforço para mantê-lo afastado do púlpito - um esforço que falhou apenas porque o corpo de estudantes do *Calvin Seminary* decidiu que nenhum estudante iria para a congregação de *Maple Avenue* se Hoeksema não pudesse ir.

Essa foi, no entanto, o início de uma longa vida de controvérsias.

### **A Controvérsia em Sua Primeira Acusação**

Desde o dia em que Hoeksema entrou para o ministério na *Fourteenth Street Christian Reformed Church*, na cidade de Holland, em Michigan, até o dia da sua morte, sua vida foi uma vida de controvérsia.

Tem sido alegado que sua vida cheia de controvérsias era devido ao seu próprio esforço constante para "*arranjar briga*". Ele era, assim tem sido dito, a fim de "*ir para*

o *ringue*" por qualquer coisa. Essa é uma grave calúnia e algo que não irá resistir ao escrutínio de homens imparciais.

Precisamos entender um pouco da realidade da igreja da qual Hoeksema fazia parte na América.

Quase todos os membros da *Christian Reformed Church* na primeira metade do século de sua existência eram provenientes da *Secessão*. Enquanto na Holanda esse movimento era uma verdadeira reforma da igreja e muitos dos seus líderes eram fortemente reformados, a fraqueza na doutrina também era encontrada dentro do movimento, e nem todos os líderes eram igualmente reformados. Esses pontos fracos e fortes estavam presentes também na *Christian Reformed Church*: esta não foi tão reformada quanto deveria ter sido. Sobretudo, raízes arminianas estavam presentes em algumas partes dela. Doutrinas como a "*oferta bem-intencionada do Evangelho*", um amor universal de Deus e a salvação dependente do livre arbítrio do homem eram abertamente ensinadas. Em alguns lugares havia forte oposição à educação cristã e em outros lugares, uma insistência para se "*americanizar*" a igreja, levando a igreja a fazer uniões ímpias com organizações não reformadas.

Por volta da virada do século, imigrantes do movimento *Doleantie*, do Dr. Abraham Kuyper na Holanda, também juntaram-se a *Christian Reformed Church*. Eles eram um tipo diferente de pessoas. Muitos deles sustentavam a rejeição de Kuyper da "*oferta bem-intencionada do Evangelho*", mas outros tinham sido enganados pelo ensino da graça comum de Kuyper, uma graça comum que era bastante diferente em ênfase daquela dos seus primeiros imigrantes. Ambos os grupos estavam presentes na igreja e a luta pelo controle da igreja era longo e algumas vezes cruel.

Hoeksema, um herdeiro da piedade do povo da *Secessão* e das doutrinas da soberania e da graça particular como os seguidores de Kuyper, tinha rapidamente chegado à conclusão que a batalha pelo futuro da igreja tinha de ser lutada - como assim tem sido através dos séculos - em defesa da graça soberana e particular contra o arminianismo e o pelagianismo. Mas ele viu, já no começo do seu ministério, as verdades da graça soberana aplicadas não apenas à soberania de Deus na obra da salvação, mas aplicada com a mesma força ao andar antitético do povo do pacto de Deus no mundo. A graça comum da "*oferta bem-intencionada do Evangelho*" era uma ameaça à soberania na salvação; a graça comum de Kuyper era uma ameaça à antítese.

No ministério nesta denominação Hoeksema entrou, e através de uma confusão de ideias conflitantes ele encontrou seu caminho, o qual ele determinou que seria o caminho da fé reformada histórica. Isso o levou à controvérsia.

O conflito começou cedo. Na sua primeira acusação ele enfrentou oposição quanto a dois assuntos: seu forte suporte a escolas cristãs e a ênfase na sua pregação sobre a graça soberana enraizada na dupla predestinação. Porém, sua mão firme no cuidado da congregação dirigiu o povo de Deus através de muitos vales perigosos. Aqueles que não foram persuadidos deixaram por outro lugar, enquanto muitos aprenderam a ser agradecidos por um homem que os direcionaria em um caminho consistentemente reformado.

Esses eram os anos da Primeira Guerra Mundial. O patriotismo se tornou quase um ídolo e o patriotismo cego era a moda da época. Nas explosões do fervor patriótico, as igrejas colocaram a bandeira dos Estados Unidos nos púlpitos. Hoeksema recusou fazer isto, não porque ele não estava ciente do seu chamado em ser submisso aos magistrados, mas porque o ofício da igreja era conduzido no santuário da igreja e essa igreja é universal, sem limites de nações. Ameaçado por fanáticos na comunidade, ele foi forçado a carregar uma pistola para auto defesa por certo tempo.

Uma grande controvérsia doutrinária na *Christian Reformed Church* em geral envolvia Hoeksema durante esse período. Era um debate sobre o dispensacionalismo pré-milenista. Hoeksema tomou um papel de liderança em demonstrar à igreja que esta posição era contrária as confissões reformadas porque ela nega que Cristo é o Rei da Igreja. Seus esforços foram fundamentais em proteger a igreja de uma perigosa heresia.

## **A Continuação da Controvérsia**

A segunda acusação de Hoeksema foi na *Eastern Avenue Christian Reformed Church*, na cidade de Grand Rapids, em Michigan. Essa era a igreja onde meu pai e avós paternos eram membros.

Dois conflitos rapidamente surgiram ali.

A primeira controvérsia não tinha nada a ver com Hoeksema. Ela envolvia os ensinamentos do Dr. Ralph Janssen no *Calvin Seminary*. Esse professor de Antigo Testamento negou a inspiração infalível da Escritura e trouxe métodos de alta crítica para seu ensino. Seus quatro colegas no seminário contestaram seus ensinamentos, mas não podiam assegurar que as igrejas condenariam suas visões nas suas assembleias mais amplas. Hoeksema foi finalmente trazido à batalha, mesmo que o Dr. Janssen era um dos membros da sua congregação. O trabalho cuidadoso e meticuloso de Hoeksema como parte de um comitê de estudantes, apresentado ao Sínodo de 1922, foi a base sobre a qual o ensino de Janssen foi condenado.



A ironia disso é que o Dr. Janssen usou a graça comum de Kuyper para justificar seus métodos de alta crítica, sabendo muito bem que Hoeksema, já então, repudiava a doutrina. Embora a questão da graça comum não tenha sido abordada pelo Sínodo de 1922, mais tarde ela se tornou a ocasião para a expulsão de Hoeksema da *Christian Reformed Church*.

Esta breve biografia não é o lugar ideal para discutirmos esses assuntos ou mesmo para delinear os detalhes da história. Nós podemos apenas ter uma breve descrição do que aconteceu.

Enfrentando muitas queixas contra a negação da graça comum de Hoeksema e inúmeras propostas pedindo por um posicionamento sobre a graça comum, o Sínodo da *Christian Reformed Church* se encontrou na cidade de Kalamazoo, em Michigan, adotando uma posição doutrinária que combinava a "*oferta bem-intencionada do Evangelho*" e a graça comum de Kuyper em uma decisão. Apesar de estarem informados por Hoeksema de que ele jamais subscreveria a tal posição antibíblica e anticonfessional, o sínodo se recusou a discipliná-lo e, de fato, declararam que ele era fundamentalmente reformado - embora tivesse uma tendência a unilateralidade.

Os críticos de Hoeksema não ficaram satisfeitos, e eles finalmente prevaleceram sobre o presbitério do qual Hoeksema fazia parte para requerer ou a absoluta subscrição à doutrina da graça comum ou a enfrentar suspensão do ofício do ministério.

Em consequência da recusa de Hoeksema, o presbitério o suspendeu e colocou seu consistório e congregação para fora da denominação.

Dois outros ministros, de diferentes presbitérios, o reverendo H. Danhof e G. M Ophoff foram depostos logo após, pelas mesmas razões, e suas congregações foram expulsas junto à eles.

Essas congregações, e outros membros da *Christian Reformed Church* que partilhavam as mesmas posições formaram uma nova denominação: a *Protestant Reformed Churches*, em 1925, na América.

Esses foram anos muito movimentados. Herman Hoeksema era o pastor de uma congregação de mais de quinhentas famílias; ele ensinava Dogmática e todas as matérias do Novo Testamento no seminário que foi formado imediatamente após 1925, a fim de treinar os ministros próprios para a denominação; ele escreveu extensivamente para o *Standard Bearer*, um periódico reformado bimensal e também servia como seu editor; ele viajou ao redor do país pregando em muitos lugares para

onde tinha sido convidado; ele era pregador na rádio em tempo integral de 1940 a 1963; e ele escreveu vários de livros, a maior parte deles ainda são publicados hoje.

A enorme quantidade de trabalho que Hoeksema desempenhou causou-lhe dano, e em junho de 1947, ele sofreu um violento derrame, na cidade de *Sioux Falls*, em *South Dakota*, enquanto estava à caminho de *Manhattan*, em *Montana*, onde meu pai era pastor e eu vivia com minha família.

O Senhor deu à Hoeksema a recuperação do derrame, não completamente, mas o suficiente para que ele pudesse retomar mais uma vez seu trabalho na sua igreja e pela denominação.

### **Sua Última Batalha**

Era evidente que o Senhor havia dado recuperação à Hoeksema porque mais uma batalha em defesa da graça soberana havia de ser travada. Isso aconteceu no começo dos anos 50. A batalha era sobre se a salvação é condicional - um claro e violento ataque à doutrina da graça soberana.

O Dr. Klaas Schilder, na Holanda, havia sofrido nas mãos das igrejas reformadas em seu próprio país. Ele havia sido injustamente deposto do seu ofício em 1944, da mesma forma que Hoeksema. Por duas vezes, em 1939 e em 1947, Schilder havia visitado os Estados Unidos. Hoeksema havia começado uma amizade com ele e havia sido influente em observar que os púlpitos da nossas igrejas estavam abertas a ele. Mas, embora Schilder e Hoeksema tinham muito em comum, eles discordavam radicalmente quanto a doutrina do pacto. Hoeksema insistia que um pacto unilateral e incondicional era ensinado na Escritura e nas confissões; Schilder ensinava um pacto bilateral e condicional. Hoeksema insistia que apenas os filhos eleitos de cristãos estavam incluídos no pacto. Schilder insistia que todos os filhos dos crentes tinham o seu lugar no pacto.

Muitos ministros na *Protestant Reformed Churches* começaram a ensinar e pregar as visões de Schilder, até que a igreja ficou balançada com controvérsia. Em 1953, o debate foi resolvido apenas através de uma difícil divisão, que tomou quase dois terços dos ministros e membros para fora da *Protestant Reformed Churches*. Outra denominação foi formada por aqueles que saíram, os quais eventualmente retornaram à *Christian Reformed Church*.

Nesta controvérsia Hoeksema desempenhou o papel principal - em sua pregação, seus escritos, em sua defesa da fé diante de todas as assembleias. Ele entendeu que

a teologia condicional de Schilder e seus seguidores constituía uma séria ameaça às doutrinas da graça soberana. Ele também sabia que o próprio motivo da existência da *Protestant Reformed Churches* exigia que eles abraçassem sem qualquer desvio a verdade da salvação incondicional. Era por isso que Hoeksema havia lutado na sua batalha contra a graça comum; isso era o que tinha de continuar a ser defendido se as igrejas da qual ele era parte fossem permanecer fiéis à sua herança.

Deus deu a *Protestant Reformed Churches* a vitória. É verdade que o número de membros da denominação havia diminuído drasticamente. É também verdade que a controvérsia foi amarga e difícil. Mas Deus preservou a causa da *Protestant Reformed Churches*, a fim de que houvesse uma denominação que intransigentemente continuasse a ensinar as mesmas verdades que toda a Igreja de Cristo através dos séculos tem amado.

Essa foi, de fato, a última batalha para este guerreiro velho e cansado.

Embora Hoeksema viveu por mais doze anos e teve parte na reconstrução de uma denominação arruinada, Deus finalizou o trabalho de Hoeksema antes de dar fim a sua vida. Ele morreu em setembro de 1965, e foi para seu lugar de descanso eterno.

## Conclusão

É difícil imaginar a quantidade de trabalho que Herman Hoeksema produziu. Mas essa é a realidade de muitos a quem Deus usou na Sua Igreja. Ele se gastou na causa do Evangelho e em fazer o trabalho que, de fato, obtém o seu poder dos céus.

Acima de tudo, Hoeksema era um pregador. É difícil para nós entendermos como qualquer um que ouviu sua pregação poderia deixar sua congregação. Ele era claro, conciso, bíblico e confessional. Uma criança pequena poderia entendê-lo; um adulto versado em teologia poderia ser estimulado pelo seu pensamento. Ele era eloquente, tocante, enérgico e persuasivo. O verdadeiro poder da sua pregação era uma exegese cuidadosa, que revelava as riquezas da Escritura e que as trazia para casa com inúmeras formas práticas.

Quem o ouviu pregando jamais duvidaria que a pregação era o seu grande amor. Eu me lembro bem perto do fim da sua vida, ele começava de uma forma dolorosamente devagar que era de se questionar se ele seria apto para pregar o sermão, mas conforme ele avançava, seus olhos começavam a brilhar, seu rosto se iluminava e ele começava a pregar como alguém que recebeu nova vida.

Foi também especialmente no final da sua vida que Hoeksema começou a pregar mais e mais sobre o céu. Quando ele falava do céu ele se referia a ele como "*aquela abençoada esperança*". Isso era significativo porque, assim como ele estava pronto para explicar, por "*esperança*" ele não queria dizer um mero "dar de ombros", como ele costumava dizer; esperança era a certeza absoluta que descansa na fidelidade da promessa de Deus. Essa "*abençoada esperança*" era certa e verdadeira.

A exegese das passagens bíblicas de Hoeksema era sempre seu ponto forte. Esse é o ponto forte da sua "*Reformed Dogmatics*"; e de muitos de seus livros; e esse era o ponto forte do seu ensino no seminário. Ele argumentaria conosco com grande paciência e longanimidade, e suportaria nossa imaturidade com graça e gentileza; mas ele insistia que nós fundamentássemos cada argumento com a Escritura. Se nós não quiséssemos gastar tempo ou fazer esse esforço nesse sentido, ele não nos permitiria gastar seu tempo.

Hoeksema era um homem de grande força física que se desgastava em seu trabalho. Ele era um homem de grande força mental também. Ele nunca parou de nos surpreender no seminário com sua habilidade de revelar a falsidade de um argumento teológico com alguns comentários certos e penetrantes que expunham o caráter medíocre de muitos pensamentos teológicos.

Ele era também um homem de grande força espiritual. Alguns chamam isso de "*obstinação*"; a Bíblia chama isso de "*firmeza*". Ele amava a Escritura, era comprometido com a defesa da fé reformada, e não voltaria atrás independente do preço que custasse. E, de fato, ele pagou um alto preço.

Hoeksema era um homem pecador - como todos nós somos. Ele sabia quão grande é o milagre da graça de Deus em usar pecadores na Sua Igreja. Ele tinha suas fraquezas. Ele não estava à salvo de fazer graça às custas de pensadores medíocres que queriam se passar por profundos teólogos e fazer afirmações audazes porém falaciosas. Ele algumas vezes fez o seu próprio caminho sem dar a devida consideração àqueles que eram um com ele e que estavam determinados a dar suporte à causa pela qual ele lutava.

Mas ele estava absolutamente convencido de que a verdade que ele pregava era a verdade da Escritura e da fé reformada. Ele me disse muitas vezes que ele permaneceria firme por aquela verdade mesmo que todos os outros dessem as costas à ela. Sua convicção era inabalável e seu comprometimento à fidelidade era total.

No entanto, quando ele estava em um círculo de amigos e companheiros na fé, ele era alegre, com uma risada vigorosa, um humor perspicaz, e um caloroso espírito de

camaradagem. Alguns nunca vieram a conhecer esse lado do seu caráter, mas mesmo dentro da congregação ele mostrava esse lado em momentos de tranquilidade.

Duas ilustrações do caráter do Hoeksema permanecem claros em minha memória. O primeiro, ligado ao meu treinamento no seminário.

Hoeksema estava contente por toda a sua vida em dar aulas em uma única sala no porão da primeira *Protestant Reformed Church*, uma sala que era escura, suja, fria, úmida e nenhum pouco atraente, quando com algum compromisso ele poderia ter sido um proeminente teólogo no mundo eclesiástico e uma estrela brilhante no firmamento eclesiástico. Ele jamais reclamou de estar desperdiçando seu talento naquilo que era pouco mais do que um buraco cercado no chão. A única explicação para isso pode ser um total comprometimento à verdade da Escritura e da fé reformada.

A segunda ilustração é de um tipo diferente. Aconteceu quando em 1953, nós tivemos de procurar por outras instalações para o seminário e nós estávamos usando o espaço da *Adams' Street Protestant Reformed Christian School*. Era o septuagésimo aniversário de Hoeksema. Era a hora do café. Nós estávamos na sala dos professores. Ele estava monologando. Seus comentários foram algo assim:

*"Agora que eu tenho setenta anos de idade, eu, algumas vezes, desejaria poder viver por outros setenta anos. Se o Senhor me desse outros setenta anos, eu acho que eu finalmente poderia começar a entender um pouco da verdade. Agora eu não sei quase nada."*

Eu não sei se ele viu os nossos queixos caírem de espanto. Eu duvido que sim. Mas ele acrescentou a si mesmo:

*"Não, eu estou feliz que eu não vou mais viver por tanto tempo porque eu em breve devo ir para o céu. Então eu entenderei a verdade completamente."*

Foi uma evidência importante do fato que Hoeksema compreendia bem que, por a verdade da Escritura ser a verdade do próprio Deus, ela é insondável, e nós, meros homens, podemos saber apenas um pouco dela. Hoeksema frequentemente terminava seus sermões comentando o fato que ele havia apenas conseguido arranhar a superfície de um texto; e ele dizia frequentemente na sua oração ao final do sermão que tudo o que ele havia feito era ter murmurado e gaguejado um pouco sobre a verdade. Tudo isso estava enraizado naquela grande princípio diretor da sua vida, que Deus é Deus, grande, glorioso e digno de ser louvado.

Ele não era um homem que se gloriava em uma vida eclesiástica isolada. Isso foi forçado para cima dele por causa de sua defesa da fé, mas esse não era o seu desejo.

Ele teria gostado de ver o relacionamento com igrejas irmãs estabelecido entre a *Protestant Reformed Churches* e as igrejas formadas sob a liderança do Dr. Schilder, se uma base comum pudesse ter sido encontrada na verdade. Essa satisfação estava enraizada, em partes, em uma afeição pessoal pelo próprio Dr. Schilder. Hoeksema ficou entristecido pelo cisma entre ele e Schilder e entre as igrejas que eles representavam. Ele ficou genuinamente pesaroso quando Schilder morreu.

Hoeksema pregou em outras igrejas quando oportunidades eram dadas a ele. A capela *Dr. Henry Atherton's Grove*, em Londres é um exemplo. A Igreja Presbiteriana Ortodoxa de *Portland*, em *Maine*, perto do lugar onde Hoeksema passava suas férias, é outro exemplo. Ele procurou avidamente participar de uma conferência com ministros das igrejas reformadas da Alemanha, do presbitério de *Eureka*. Ele participou de bom grado de uma conferência com ministros da *Christian Reformed Church* para tentar resolver o cisma. Ele pediu ao sínodo em uma altura para que enviasse observadores ao *Reformed Ecumenical Council*. Mas ele não permitiria um compromisso sequer quando se tratava de questões envolvendo a verdade.

Hoeksema odiava qualquer tipo de política na igreja. Sua firme crença de que Cristo preserva Sua Igreja guardou-o do mal de jogar jogos políticos na igreja, solicitando apoio por outros meios que não era o debate, tentando influenciar decisões fazendo manobra e certificando-se de que haveria apoio o suficiente antes de fazer algum movimento. Todas as coisas que são tão importantes para a igreja de hoje eram repugnantes para ele.

Acima de tudo, Hoeksema foi usado por Deus para trazer reforma para a igreja. Com a adoção da doutrina da graça comum a *Christian Reformed Church* escolheu o caminho da apostasia, o qual levou - e leva - a denominação a desviar. É compreensível que a questão da graça comum receberia uma grande parte da atenção durante os primeiros anos da *Protestant Reformed Churches*. Diversos homens que lideram seitas que nunca superam o criticismo da heresia, estão sempre e somente contra as coisas, e tem a obsessão de escrever criticamente sobre outros sem produzir nada de positivo. Hoeksema queria mais do que qualquer coisa, ver a *Christian Reformed Church* rejeitar a falsa doutrina que ela tinha adotado. Quando isso não aconteceu, e quando Hoeksema foi despejado do seu próprio escritório, e quando ele persistiu em seguir o seu próprio caminho, Hoeksema se voltou ao trabalho positivo da reforma da igreja. Essa reforma se deu na área do governo da igreja e na liturgia. A *Christian Reformed Church* tinha abandonado a linha reformada e introduzidos hinos na adoração, e o governo da igreja tinha se corrompido quando

as assembleias maiores se comprometeram na disciplina de Hoeksema. Os esforços de Hoeksema pela reforma eram especialmente na doutrina.

Eu não posso esmiuçar isso aqui. Mas enquanto Hoeksema se posicionou pelas verdades da graça soberana e particular, ele desenvolveu essas verdades em algumas áreas importantes. Sem dúvidas, por causa da sua experiência com o caso do Dr. Janssen, que negou os milagres da Escritura e o fez com base na graça comum, Hoeksema desenvolveu aquelas verdades da graça soberana e particular na área dos milagres. Na sua obra *Reformed Dogmatics*<sup>114</sup> se encontrará um dos melhores, mais bíblicos e mais belos desenvolvimentos dos milagres que podem ser encontrados.

Hoeksema aplicou a verdade da graça particular ao conceito da revelação e sujeitou a doutrina da "*revelação geral*" - especialmente porque muitos queriam relaciona-la à graça comum - a rigoroso escrutínio à luz da Escritura.

Mais importante que isso, Hoeksema viu as implicações da doutrina da graça soberana e particular, enraizada na eleição eterna, pela doutrina do pacto. E aqui está sua maior obra. Ele deu à Igreja uma herança da verdade que é poderosa, pulsando com a vida, cheia de implicações práticas para um caminhar antitético do povo do pacto de Deus, e que dá toda a glória a Deus. Essa é a doutrina bíblica do pacto que começa com Deus e termina com Deus e tem como seu tema: glória a Deus. Se Hoeksema não tivesse feito nada além disso, isso teria sido o bastante.

Herman Hoeksema ainda não foi reconhecido pela igreja mundial, pois para ele, ter a aprovação de Deus era a coisa mais importante. O que ele mais conheceu foi oposição, ódio, calúnia ou o ignorar frio e desdenhoso para com ele e sua teologia. Registros são mantidos no céu e eles são os únicos que contam. Os pecados estão lá também, obviamente. Eles estão cobertos pelo sangue de Cristo. Mas o sofrimento e perseguição estão anotados também. Deus, que tinha seu próprio lugar na igreja militante para Herman Hoeksema, tem o seu próprio lugar na igreja triunfante para um homem que lutou o bom combate, acabou a carreira e guardou a fé. Ele recebeu a coroa da justiça que Deus o deu e dará a todo aquele que ama a Sua vinda.

---

<sup>114</sup> Alguns trechos desta obra estão disponíveis no portal *Monergismo.com*.

## George Martin Ophoff - O Humilde Servo da Verdade

### Introdução

Além de meus pais, os dois homens que tiveram a maior influência em minha vida foram meus dois professores no *Protestant Reformed Seminary*. Um deles foi o reverendo Herman Hoeksema e o outro foi o professor George Martin Ophoff. Do reverendo Hoeksema, aprendi Dogmática Reformada e como fazer exegese no Novo Testamento; do professor Ophoff eu aprendi a história da Igreja de Cristo e como fazer exegese no Antigo Testamento. Eles determinaram a natureza do meu ministério na Igreja de Cristo.

A maior parte do tempo em que eu estava estudando para o ministério, o seminário se reunia no porão da *First Protestant Reformed Church* da cidade de Grand Rapids, no estado de Michigan. A sala reservada para o seminário não tinha nada que a recomendasse como uma sala de aula favorável para estudos. O corpo de estudantes era pequeno. A biblioteca era quase inexistente. O seminário não tinha pessoal de apoio: sem secretaria, sem administrador, sem registro, sem chefes de departamento, sem protocolos e fichários. Apenas dois professores e um punhado de alunos.

Eu não temo dizer que nós recebemos um dos melhores ensinamentos teológicos disponíveis neste país, se não no exterior. No entanto, esta declaração aparentemente ousada só será verdade se pesarmos o valor da educação teológica com base no fato de que a educação teológica se trata de aprender a pregar o Evangelho de Jesus Cristo, segundo as Escrituras e as Confissões Reformadas. Eu nunca quis estudar em outro lugar e, de fato, eu nem sequer pensei nisso. Eu nunca tive um momento de lamento pelo lugar onde eu estudei ter sido o sombrio "*quarto do seminário*" no porão da Igreja.

A única explicação possível de tudo isso é o fato de que os dois professores que nos ensinaram tudo o que nós sabíamos sobre teologia e pregação eram dois pregadores talentosos que estavam totalmente comprometidos com a fé reformada e a causa do nosso Senhor Jesus Cristo.

Por todo o mundo, não poderia haver dois homens que poderiam ser encontrados



trabalhando juntos e que fossem tão diferentes um do outro. Isto foi em si mesmo um milagre da graça divina, de que os dois não apenas trabalharam juntos desde o início da história das *Protestant Reformed Churches* em 1924, até final da década de 1950 - um período de mais de trinta e cinco anos - mas eles o fizeram em unidade, harmonia, singeleza de propósito e igual devoção à causa de Cristo.

Eu já escrevi sobre o reverendo Herman Hoeksema. Agora a agradável tarefa de escrever sobre o reverendo George Ophoff espera por mim. É a história de um homem que eu respeitei muito e que aprendi a amar profundamente. Que o seu nome não seja esquecido por aqueles que amam a fé reformada. Eu escrevo estas linhas com gratidão a Deus pelo professor Ophoff.

### **Início de Sua Vida e Treinamento**

George Martin Ophoff nasceu na cidade de Grand Rapids, no estado de Michigan, no dia vinte e cinco de janeiro de 1891. Ele era o mais velho dos oito filhos de Frederick H. Ophoff e Yeta Hemkes Ophoff. Frederick Ophoff trabalhava em uma fábrica de móveis no centro de Grand Rapids e de lá ele caminhava para economizar os cinco centavos da tarifa do bonde. O horário de trabalho era longo: das seis da manhã às cinco da tarde, seis dias por semana. O magro salário mal conseguia sustentar a família e proporcionar instrução na escola cristã para as crianças.

A família vivia uma vida normal para uma família da segunda geração de imigrantes. As comunidades holandesas em Grand Rapids eram muito unidas e tinham a vida centrada na igreja. As igrejas eram compostas de imigrantes da Holanda, seus filhos e netos; e eles estavam espalhados por toda a cidade. Quase todos tinham raízes na *Secessão*, o movimento de Reforma na Holanda, que tinha sido iniciado por Hendrick De Cock. A primeira geração de imigrantes veio para Michigan, sob a liderança de Albertus C. Van Raalte.

De acordo com as tradições daqueles que pertenciam a este grupo específico de imigrantes holandeses, a família era devota e piedosa, disposta a se sacrificar pela causa do ensino cristão. Ophoff recebeu sua instrução na sua cidade, na *Oakdale Christian School*, e na *Franklin Street* e *Oakdale Park Christian Reformed Churches*. Esta foi verdadeiramente uma instrução de acordo com o pacto, a qual o próprio Ophoff, por toda a sua vida, considerou uma grande bênção. Em seus últimos anos no Seminário, Ophoff costumava falar do que ele chamava "*Gereformeerde Gevoelhoren*", isto é, "*o Sensor Reformado*". Por esta expressão ele se referia a alguém que tinha um senso profundo do que estava incluído na fé reformada e uma habilidade para detectar infalivelmente aquilo que se opunha a ela. Ophoff acreditava

firmemente que tal sentimento pelo que é verdadeiramente reformado só poderia ser adquirido através na instrução pactual dada aos filhos do pacto de Deus, na igreja, em casa e na escola.

Embora Ophoff não fosse um brigão, mas de um tipo mais solitário, ele ainda assim não fugia de uma boa briga, e ele era rápido para sair em defesa de alguém que estivesse sendo injusta ou cruelmente insultado no recreio, até mesmo se isto envolvesse uma batalha com seus amigos. Sua mãe se desesperava por causa das várias roupas destruídas com as quais ele chegava em casa - nos dias em que um par de calças e uma camisa eram usados durante toda a semana e eram lavados no sábado e vestidos novamente na segunda-feira. Ophoff tinha em sua mão direita um dedo indicador torto com o qual ele frequentemente gesticulava no púlpito e na sala de aula, o legado de uma briga na qual seu dedo foi quebrado.

Na época em que Ophoff se formou no ensino fundamental, ainda não existia ensino médio cristão. O *Calvin College*, organizado exclusivamente para a formação de professores e ministros, incorporou várias matérias do ensino médio em seu currículo. Ophoff foi para esta escola com sua mentalidade firmada em ser um ministro do Evangelho. Ele se formou no ensino médio em 1909, com dezoito anos.

### **Preparação Para o Ministério**

A partir desse ponto a educação de Ophoff foi repetidamente interrompida. Aparentemente, em parte, a razão foi por uma falta de recursos financeiros na família de Ophoff que o obrigou a abandonar a escola e procurar emprego em uma empresa de gelo local.

Outro evento alterou a sua vida de forma significativa. Entre os seus estudos universitários e trabalho do seminário, enquanto trabalhava na empresa de gelo, seu avô materno caiu e quebrou o quadril.

O avô de Ophoff, Gerrit Hemkes, nasceu e cresceu na Holanda, entrou no ministério das igrejas da *Secessão* liderada por De Cock e veio para os Estados Unidos. A princípio ele recebeu uma chamada estendida a ele pela *Christian Reformed Congregation* da cidade de Vriesland, em Michigan. Por causa de suas muitas habilidades, ele foi chamado para ser professor assistente no seminário em Grand Rapids, onde ele serviu com distinção.

Visto que ele era um homem relativamente velho quando quebrou seu quadril, George foi enviado por seus pais para a casa de seu avô, para viver com ele e cuidar dele.

Ophoff nunca mais voltou para sua própria casa.

Deus tem Seu propósito em todos os nossos sofrimentos, tristezas e decepções. Assim foi neste caso. Por causa dos cuidados do seu neto, o professor Hemkes pode permanecer em sua casa até sua morte. Mas George também beneficiou-se. Foi Hemkes quem o incentivou a retornar à escola, quem o ajudou com seus estudos e ofereceu um lugar tranquilo para George prosseguir os seus estudos. Além disso, Hemkes, um homem muito talentoso, foi capaz de dar a George muita instrução e um amor profundo e duradouro pela fé reformada.

Em 1918, aos vinte e sete anos de idade, George entrou para o *Calvin Seminary*. Dois acontecimentos destes anos devem ser registrados.

O primeiro foi uma tragédia na família de Ophoff. O pai de George foi fatalmente ferido em um incêndio que começou em seu local de trabalho. Embora ele tenha escapado do edifício quando este começou a queimar, ele voltou correndo para dentro do prédio para resgatar um relógio muito precioso que ele havia deixado na prateleira em seu departamento. Uma explosão tornou em pedaços aquela parte do edifício e Frederick Ophoff ficou gravemente queimado. Ele morreu no mesmo dia, com cinquenta e dois anos, deixando uma viúva e oito filhos.

O segundo incidente também foi algo revelador em relação ao entendimento de Ophoff sobre teologia. Como um dos requisitos do curso, foi prescrito para ele um trabalho a respeito da "*graça comum*", uma questão em debate nas igrejas. Ele teve muita dificuldade em lidar com o trabalho, principalmente devido ao fato de que ele não podia adaptar-se aos ensinamentos atuais sobre a graça comum no corpo orgânico do pensamento reformado. Isto parecia conflitar com toda a verdade que ele conhecia da herança reformada.

Finalmente, em completo desespero, ele decidiu abordar o assunto tratando do mesmo como uma doutrina contrária à Escritura. Sem saber das questões acerca do caráter bíblico desta doutrina que já haviam aparecido em alguns lugares na igreja, e usando a negação da graça comum apenas como uma "*tese de trabalho*", ele descobriu que a sua abordagem resolvia todos os seus problemas. Usando suas próprias palavras, "*De repente, a luz se acendeu*", e todas as peças começaram a se encaixar. O trabalho se tornou fácil de escrever.

Qualquer que tenha sido a reação de seu professor a este trabalho, Ophoff se tornou particularmente convencido de que a graça comum era contrária à Escritura e às Confissões Reformadas, muito antes da controvérsia se tornar pública nas igrejas. Essa convicção permaneceu inalterável durante toda a sua vida.

Durante seus anos de seminário, George conheceu e casou-se com Jane Boom, com quem teve quatro filhos. Deus lhe deu uma esposa que realmente foi uma auxiliadora *adequada* para ele. Ela era uma bela mulher e de um caráter incrível. Nascida em um lar reformado e criada na fé reformada, ela se dedicou totalmente ao seu marido. Ela veio a ser seu apoio e incentivo em anos extremamente difíceis que estavam por vir. Devido ao avô de Ophoff, professor Hemkes, ainda estar vivo, o casal recém-casado foi morar com ele. George e Jane se casaram em agosto de 1920, e em dezembro de 1920, o professor Hemkes morreu.

Em maio de 1921, George se formou no seminário, e em janeiro de 1922, ele assumiu as responsabilidades de seu primeiro pastorado em uma igreja cristã reformada na cidade de Riverbend, em Michigan. A congregação é atualmente a *Hope Protestant Reformed Church* na cidade de Walker, e tem o seu santuário dentro de um longo bloco onde ficava a antiga igreja.

### **O Trabalho Pastoral de Ophoff**

George Ophoff foi ordenado para o ministério da Palavra e sacramentos no dia vinte e seis de janeiro de 1922, na *Hope Christian Reformed Church* durante o culto da noite. A congregação já existia desde 1916, embora nunca tivesse tido um pastor. Ela pertencia ao presbitério de Grand Rapids West, e estavam recebendo a pregação do presbitério e dos professores e alunos do seminário. Esta era uma congregação rural, contando entre trinta e trinta e cinco famílias, das quais a maioria trabalhava na fazenda.

De muitas formas e de muitos pontos de vista, os pontos fortes de Ophoff não eram bem utilizados nos aspectos pastorais do ministério. É sempre uma maravilha que Deus dê soberanamente a cada homem seus dons e habilidades, que o lugar específico de cada homem dentro da igreja seja determinado por Deus, e que os dois combinem tão perfeitamente. Rapidamente ficou evidente que os dons e as habilidades de Ophoff estavam no ensino.

Ele era um professor vigoroso nas aulas no catecismo, embora geralmente não conseguisse lembrar todos os nomes de seus alunos e eles podiam facilmente "*enganá-lo*", lendo as respostas para as perguntas que eles deveriam supostamente memorizar, sem que eles se desse conta disso.

No entanto, Ophoff era extremamente interessado no bem-estar espiritual das crianças, um bem-estar que se enraizava - cria ele - em um completo entendimento da fé reformada. Após Ophoff ter sido deposto do ministério na *Christian Reformed*

*Church* - embora ele continuasse a ser ministro na *Hope Protestant Reformed Church* -, ele chegou ao conhecimento de que um pregador local, ministro da *Christian Reformed Church* estava tentando convencer alguns dos aprendizes de Ophoff a assistirem o catecismo da sua igreja. A solução de Ophoff para este problema foi levar a sua classe de catecismo inteira para a casa do ministro "proselitista" e continuou, diante da sua classe, a instruir o ministro local sobre o erro da graça comum e na necessidade das crianças aprenderem a fé reformada contra este erro pernicioso.

O mesmo vigor de Ophoff era notório em suas pregações. Sua pregação, especialmente no Velho Testamento, era poderosa, reformada, única e emocionante. Ele podia trazer toda a congregação, incluindo as crianças, para a vida e história dos santos descritos na Escritura. Ele podia desdobrar de uma maneira inesquecível, as riquezas do Cristo crucificado como a salvação do povo de Deus em todas as eras.

Mas Ophoff raramente foi pontual para qualquer coisa - uma fraqueza que o atormentou toda a sua vida. Preocupados com a congregação os presbíteros muitas vezes iniciavam o culto e o ministro apareceria em algum momento durante os atos preliminares da adoração.

Principalmente depois de 1924, a vida de Ophoff ficou incrivelmente difícil, no momento em que ele tentou combinar em tempo integral, os cuidados de uma congregação com as pesadas responsabilidades de ensino no seminário - quando o currículo completo estava sobre apenas dois homens. A consequência foi que seus sermões não foram sempre tão cuidadosamente preparados como eles seriam se ele tivesse tempo suficiente para gastar com eles, muitas vezes ele não conseguia terminar um sermão no tempo previsto e não era incomum que ele concluísse um sermão que ele havia começado no culto da manhã, no culto da tarde.

Às vezes Ophoff podia repreender membros que haviam pecado individualmente do púlpito da congregação, e embora sua condenação do pecado fosse severa e inflexível, nem sempre tinham o toque do amor de um pastor pelas ovelhas. Devido aos boletins serem desconhecidos e o ministro ser requerido para ler os anúncios, muitas vezes Ophoff se envolvia na árdua tarefa de encontrar o pedaço de papel correto, contendo os anúncios, entre um amontoado de pedaços de papel encontrado em todos os bolsos do seu casaco.

Jacó era seu personagem favorito da Bíblia - aquilo que Ophoff chamaria de "*sua personalidade favorita*". Ele admitia que isso era verdade porque ele se via em Jacó, o que ilustrava de forma tão vívida e de tal maneira a eleição e graça soberana que origina um santo a partir de uma pessoa extremamente miserável. Devido aos seus sermões serem preenchidos com ilustrações, simplicidade, praticidade e expressões tiradas da vida cotidiana, até mesmo hoje, aqueles que o ouviram pregar lembram-se

de muitos de seus sermões e os pontos que ele estava fazendo neles.

Após a controvérsia sobre a graça comum, que foi a ocasião para o início da *Protestant Reformed Church*, o reverendo Ophoff foi pastor por dezesseis anos em Byron Center, Michigan. Em parte por causa da polêmica na congregação, a igreja foi dissolvida e Ophoff pôde dedicar todo o seu tempo em seu trabalho no seminário. Seu trabalho na congregação depois disso foi limitado a um serviço fiel e dedicado no cargo de presbítero na *First Protestant Reformed Church*.

## A Deposição de Ophoff

Desde o início, George Ophoff esteve envolvido em eventos que levaram à formação da *Protestant Reformed Church*. Apesar desta igreja não ter sido formalmente estabelecida até janeiro de 1925, o reverendo Ophoff se juntou à equipe da *Standard Bearer* em outubro de 1924, e escreveu o seu primeiro artigo na edição de novembro. Que foi intitulado "A Declaration" - "Uma Declaração" -, e destinava-se a explicar sua atitude:

*"E assim segue que, eu, abaixo assinado, sou do grupo de edição deste periódico. O fato de eu concordar em servir na equipe editorial do Standard Bearer equivale a um reconhecimento de minha parte de que eu também rejeito os pontos de vista e concepção das coisas que o conceito da graça comum defende. Para mim é absolutamente impossível aderir aos princípios embutidos no conceito da graça comum e manter relações amigáveis com a Escritura."*

Escrever para o *Standard Bearer* e escrever nesta linguagem foi um ato de coragem gerado pela fé. Os tempos eram conturbados e perigosos. Poucos meses antes, em junho, o Sínodo da *Christian Reformed Church* tinha adotado uma declaração quanto a graça comum que fez da doutrina um dogma oficial na igreja. Enquanto o sínodo não exigia a disciplina daqueles que discordavam da sua decisão, muitos começaram a tomar atitudes para livrar a igreja de todos aqueles que ousavam expressar divergências a respeito do que o sínodo disse. Ophoff devia saber que tal escrito acabaria causando problemas para ele.

E assim foi. O reverendo Herman Hoeksema foi disciplinado em dezembro de 1924, pelo presbitério de Grand Rapids East. O presbitério de Grand Rapids West fez o mesmo em janeiro. Uma leitura da ata de ambos os presbitérios mostrará que os mesmos homens que buscaram o afastamento de Hoeksema não descansaram até que Ophoff também fosse colocado para fora da igreja. O material apresentado pelo

presbitério de West foi quase o mesmo que apareceu no de East. Desde o primeiro dia da reunião ficou óbvio que os presbitérios não tinham se reunido como um órgão deliberativo para discutir as questões, elas tinham um propósito em mente, ou seja, livrar a igreja de uma vez por todas de qualquer um que discordasse dos pronunciamentos do sínodo. Elas tinham uma questão para perguntar a Ophoff: você subscreverá os três pontos da graça comum, ou não?

A exigência chegou para Ophoff pela insistência do presbitério a fim de que o consistório de Ophoff confrontasse seu pastor com essas exigências. A mensagem dizia:

*"Caros Irmãos,*

*O presbitério de Grand Rapids West, por meio deste, exige que vocês requeiram do seu ministro:*

*1. Que ele se declare de forma inequívoca se ele concorda plenamente, sim ou não, com os três pontos [da graça comum] do Sínodo de Kalamazoo.*

*2. Uma promessa incondicional de que quanto aos três pontos, ele se submeterá - com o direito de apelar - aos padrões confessionais da igreja conforme interpretado pelo Sínodo de 1924, em outras palavras, nem publicamente, nem em particular recomendará, ensinará ou defenderá, seja por pregação ou por escrita, qualquer sentimento contrário aos padrões confessionais da igreja conforme interpretado pelo Sínodo de 1924, e no caso de um apelo, que nesse meio tempo, ele concordará com o julgamento que já foi aprovado pelo Sínodo de 1924.*

*Além disso, o presbitério requer que vocês forneçam ao presbitério às dez horas da manhã de quarta-feira do dia vinte e um de janeiro de 1925, uma resposta definitiva do seu pastor por escrito pelo duplo requerimento do consistório."*

O presbitério removeu a resposta detalhada do consistório de Hope e passou a destituir o reverendo Ophoff e os seus presbíteros das suas funções. Um diácono também foi destituído enquanto outro concordou com a graça comum.

Do ponto de vista terreno os resultados foram desastrosos. Ophoff foi destituído de seu cargo, assim como os seus presbíteros, a congregação foi reduzida a um pequeno grupo de aproximadamente sete ou oito famílias; o movimento inteiro contava apenas com três ministros e três congregações; todos os parentes de Ophoff

permaneceram na *Christian Reformed Church*, e o que tinha sido uma família muito unida, foi dilacerada pela divisão.

Mesmo assim, Deus usou esta situação aparentemente sem esperança para trazer a reforma para sua igreja. A graça comum é um desvio incoerente da Escritura e das confissões reformadas e a introdução de heresia mortal dentro da igreja. A deposição de ministros fiéis era um pecado terrível. Ophoff estava determinado a permanecer fiel à Escritura e ao seu Deus. Nada mais importava. Na época da sua deposição, a *Grand Rapids Press* publicou uma edição com a manchete: "*Ophoff Prefere a Morte*". A referência era a uma afirmação que Ophoff tinha feito na sala de reunião do presbitério no decorrer do processo. Ele tinha informado ao presbitério que ele preferia ser morto do que a assinar os três pontos. O parágrafo da *Grand Rapids Press* relatou as palavras de Ophoff:

*"Sr. Presidente, se você me colocasse diante de uma arma para ser fuzilado ou colocasse diante de mim os três pontos para aderir, eu escolheria o primeiro. Eu não posso assinar os três pontos. Se eu o fizesse, estaria rasgando a Bíblia em pedaços. Eu estaria pisoteando a Palavra. Eu estaria batendo na face de Deus."*

Não foi uma ostentação vã e vazia. A verdade era mais importante para ele do que a sua própria vida. A coragem de suportar sozinho, como muitas vezes fizeram os santos antes dele, era uma coragem gerada por uma fé inabalável de que a causa de Cristo sempre tem a vitória.

## **Ophoff como Professor**

Desde o início da *Protestant Reformed Church*, um seminário foi estabelecido e operado com a firme convicção de que a sobrevivência da nascente denominação dependia da formação dos seus próprios ministros. E assim, além de seu trabalho pastoral, Ophoff começou a dar aulas de História da Igreja e Antigo Testamento no seminário. Embora o seminário não pôde começar a se comparar com outros seminários em questões como instalações, organização, tamanho do corpo de estudantes e prestígio, o simples fato é que o seminário revelou ministros que eram muito superiores aos de outros seminários do país quanto a capacidade de pregar e pastorear a Igreja de Cristo. Embora o aspecto acadêmico do treinamento fosse bom, o sucesso do seminário foi sem dúvida devido à profunda espiritualidade dos seus professores.

Eu considero uma dádiva de Deus, um grande privilégio na vida que o Senhor me deu,



que eu pudesse estudar sob a orientação do professor Ophoff e de Hoeksema. Esta foi a parte da educação do seminário que foi melhor do que qualquer coisa obtida em outro lugar. Eu olho para trás, para aqueles anos com gratidão.

Sou compelido a olhar para este aspecto do trabalho de Ophoff da minha própria perspectiva, porque foi no seminário que eu o conheci melhor.

No primeiro ano que eu frequentei o Seminário, a escola era bastante grande, com alunos da *Protestant Reformed Church*, jovens interessados e estudantes universitários que frequentavam diversos cursos como ouvintes, estudantes da Holanda, e do presbitério de Eureka das igrejas reformadas alemãs. Após a polêmica de 1953, o número de alunos foi reduzido significativamente.

Minha primeira impressão, formada já naqueles anos, e que continua até o presente, é a enorme dedicação de Ophoff pela causa, uma dedicação que ficou evidente especialmente em sua boa vontade em sacrificar quase todos os bens terrenos e a sua posição pela causa da verdade. Essa imensa dedicação deixou uma marca permanente.

Minha segunda impressão foi que a nossa educação era a do mais alto calibre possível. Isto era verdade até mesmo sob o ponto de vista acadêmico. Ophoff, por exemplo, nos ensinou a gramática e leitura hebraica. Ele ensinou isto profunda e exaustivamente. Nós não poderíamos ter aprendido isto melhor em qualquer outro lugar. Nós tivemos que estudar, e tivemos que estudar arduamente. Foram muitas as noites sem dormir e o trabalho foi rigoroso. Nós tivemos bons cursos.

A educação foi especialmente boa porque era completamente a partir da perspectiva da Escritura e das confissões. Ophoff tinha compreensões que eram únicas e poderosas. Nos estudos do Velho Testamento ele revelava para nós a história de Israel de uma maneira que não poderia ser aprendida em qualquer livro. Ele não dependia do que os outros diziam, ele não usava as mesmas anotações antigas repetidamente, ano após ano. Ele era estimulante, vigoroso, original, perspicaz e interessante. Em História da Igreja, ele nos mostrou algo que eu nunca havia aprendido em todos os meus tempos de colégio: a diferença espiritual fundamental entre a Reforma e o Renascimento, o que criou uma antítese nítida entre eles. E este é apenas um exemplo.

Minha terceira impressão era de que Ophoff foi desorganizado em grande parte da sua vida. Devemos lembrar que a carga de trabalho que ele carregava era enorme e as obrigações eram muitas e variadas. A absorção de Ophoff em um determinado assunto em um dado momento o envolvia de tal maneira que frequentemente ele estava alheio ao que acontecia ao redor dele. No entanto, ele não era um homem que

reivindicava organização como sua força. O seu quarto de estudo era um lugar desorganizado para qualquer um que entrasse - embora parecesse que ele sabia muito bem onde estava tudo. Suas anotações eram desorganizadas de uma maneira que ninguém mais poderia usá-las. Seu ensino era desorganizado e os alunos costumavam brincar que nós ficávamos mais no monte Sinai do que os filhos de Israel. Nós nunca cobrimos toda a matéria. O relógio, que controlava o começo e o fim dos períodos de aula, não existia para ele. Tenho certeza que teríamos tido a mesma aula a manhã inteira se nós não o lembrássemos do tempo. Mas nós recebemos dele *insights* que foram fundamentais, aprendemos perspectivas e métodos de trabalho que eram distintamente reformados; fomos submetidos a um homem, cuja concentração em um determinado assunto era total em todo momento, e muitas vezes nós não poderíamos deixar de ser movidos por uma dedicação espiritual que estava acima de tudo. Se mais tarde em nossas vidas, tivéssemos que continuar nossos estudos em assuntos que apenas começamos a ver com ele no seminário, nós descobriríamos que nos tinha sido dado o ponto adequado e que o caminho foi cuidadosamente traçado para que jamais nos perdêssemos. E que, afinal, isso é o que importa.

As mesmas características apareceram nos escritos de Ophoff. Ele escreveu esboços de estudo para uso em sala de aula e escreveu periódicos para o *Standard Bearer*. Mas o que era verdadeiro sobre seu ensino era igualmente verdadeiro sobre sua escrita. Durante meus anos de seminário, no tempo em que eu trabalhava na fábrica de impressão onde era impresso o *Standard Bearer*, o material de Ophoff estava sempre atrasado. Sua máquina de escrever sempre precisava de uma nova fita. Seu manuscrito era tão editado por lápis ou caneta que era difícil de ler. Setas direcionando de uma para todas as outras partes do manuscrito, pedaços cortados ou corte de páginas, páginas renumeradas, pedaços de papel colados em outras páginas - tudo isto fez o alinhamento dos seus artigos no linotipo um verdadeiro desafio.

Seus escritos eram repletos de *insights* surpreendentes no texto original da Sagrada Escritura e verdades magníficas desenvolvidas longamente em uma retórica movimentada. Mas a organização era uniformemente pobre e a escrita incrivelmente prolixa e detalhada.

Seus escritos permanecem uma parte preciosa de nossa herança. Mas alguém precisa selecionar seus melhores trabalhos e editá-los através de um rigoroso processo de redução. As igrejas reformadas poderiam se beneficiar grandemente de tal trabalho.

## **Ophoff, O Polemista**

O profundo compromisso com a verdade da Escritura leva à guerra, pois não são muitos os que amam a fé com fogo e paixão. Ophoff lutou pela fé reformada.

Ele já fazia isto na época em que a *Protestant Reformed Church* se originou. Frequentemente ele escrevia num estilo polêmico, pois ele via banalidade, tolice, discussão sem substância e os mais altos ataques críticos contra a Escritura vindo de muitos escritos de homens que afirmavam ser reformados,. Contra tudo isso, ele se enfureceu com veemência.

Em 1953, Ophoff liderou a luta quando a teologia condicional ameaçou invadir as igrejas. Ele foi o primeiro a detectar nas igrejas um "espírito" diferente daquilo que havia caracterizado a sua denominação no seu início. Quando o Dr. Klaas Schilder veio da Holanda para os Estados Unidos, Ophoff viu o que a maioria não viu, que a visão do pacto de Schilder estava em desacordo com a visão desenvolvida em nossas igrejas. Schilder promoveu um pacto bilateral e condicional e Ophoff viu que tais ensinamentos estavam diretamente em conflito com as verdades da graça particular e soberana.

Na verdade, quando Hoeksema insistiu para que Ophoff fosse cauteloso e retirar as acusações contra um ministro - Hubert De Wolf - da *First Protestant Reformed Church*, Ophoff persistiu em manter as acusações, e essas acusações finalmente se tornaram o motivo para a suspensão de Wolf do seu ofício. Quando defensores de dentro da *Protestant Reformed Church* escreveram abertamente com aprovação de um pacto condicional, a defesa que Ophoff fez da fé reformada foi vigorosa e inflexível.

Ao mesmo tempo, Ophoff nunca atacou ninguém pessoalmente. Ele escreveu contra falsos pontos de vista, e muitas vezes ele o fez em fúria controlada, de tal forma que seus inimigos ficavam furiosos. Mas era contra a heresia o que ele escrevia, não contra pessoas. Frequentemente ele era um profeta a quem poucos ouviriam.

Ainda assim, seu trabalho foi extraordinariamente importante, pois foi usado por Deus, não só para derrotar uma tentativa calculada para conduzir a igreja em uma direção diferente daquela que ela estava indo, mas também para desenvolver as verdades que se tornaram o coração da fé reformada como ensinado na *Protestant Reformed Church*.

## Os Últimos Dias de Ophoff

A valente defesa da fé que levou à divisão na *Protestant Reformed Church* em 1953 foi a última batalha da Ophoff. Era como se Deus tivesse preservado ele para isso e quando a gritaria e o tumulto se extinguiram e a paz retornou, o trabalho de Ophoff acabou.

Já antes da divisão em 1953, Ophoff deu entrada no hospital para uma cirurgia de estômago. Embora a cirurgia tenha sido bem-sucedida, os médicos avisaram que ele teria que aliviar sua carga de trabalho. Ele nunca o fez. Uma vida inteira de trabalho desenvolveu um hábito que não poderia ser quebrado.

No verão de 1958, enquanto o reverendo e a senhor Ophoff estavam retornando de um período de férias no Canadá, ele sofreu um derrame, na cidade de Toledo, no estado de Ohio. Ele foi levado de ambulância para Grand Rapids, mas este foi o fim de seu trabalho. Embora ele tenha se recuperado de alguns dos efeitos do derrame, ele progressivamente perdeu a visão. Embora fosse possível que ele pensasse em teologia e compreendesse a teologia que outros liam para ele, já não era mais possível ler e escrever.

Em fevereiro de 1962, o reverendo e a senhora Ophoff foram transferidos para uma casa de repouso. Uma semana antes de morrer, o reverendo Ophoff foi movido para *Pine Rest Christian Hospital*. Ele morreu no dia doze de junho de 1962, e um pouco mais de dois anos após, sua esposa o seguiu para a glória. Foi pouco mais de três anos antes de seu colega, o reverendo Hoeksema, ir para sua recompensa eterna.

## Conclusão

George Ophoff tinha cerca de um metro e setenta e cinco centímetros de altura, e era relativamente bem proporcionado. Embora ele certamente tenha ganhado peso em seus últimos anos, ele nunca foi excessivamente pesado. Ele tinha uma dignidade natural em sua atitude, na expressão de seu rosto e na sua cabeça de cabelo branco. Ele era um homem bonito, mas ele era completamente alheio a isso. Seus olhos, por detrás da armação de ferro do óculos, eram afiados e penetrantes. Sua cabeça era grande e o seu queixo lembrava o de um *bulldog*, de modo que toda a sua aparência era de tenacidade e coragem.

Por um lado, Ophoff podia ser surpreendentemente indiferente a sua aparência e muitas vezes ele veio para a escola parecendo amassado e despenteado - na maioria das vezes, porque ele tinha estado em seu gabinete a noite toda. Sua esposa teve um período difícil para mantê-lo apresentável. Porém, em certos momentos, ele podia ser espantosamente preocupado com sua roupa. Se nós comentássemos que a gravata

que ele estava usando não combinava com seu terno, ele nunca mais usaria a combinação. E sua esposa se empenhou na tentativa de manter ele limpo, camisas e ternos nitidamente passados.

Uma característica marcante da sua vida foi sua mansidão. Nós muitas vezes pensávamos em Moisés quando pensávamos em Ophoff. A Sagrada Escritura diz, que Moisés foi o homem mais manso sobre a terra. Nós pensávamos que Ophoff vinha em segundo lugar. Sua mansidão foi expressa não apenas em a sua total dedicação para a glória de Deus, mas em sua boa vontade de trabalhar a vida inteira, com seus dons notáveis, à sombra de Herman Hoeksema - e fazer isso sem uma palavra de reclamação ou um pingo de ciúme. Ophoff nunca recebeu o reconhecimento que lhe era devido, e seus grandes dons frequentemente passavam despercebidos. Mas os feitos de um homem são anotados no céu e há registros que são mantidos com precisão infalível para que Deus possa recompensar seus servos no devido tempo.

A relação entre Ophoff e Hoeksema foi única. Eles trabalharam juntos por mais de trinta e cinco anos no seminário e na obra das igrejas. Eles eram tão diferentes como é possível duas pessoas serem. No entanto, eles trabalharam em harmonia e conformidade, com uma causa e propósito em comum. Eles não tinham nada além de respeito um pelo outro. Cada um chamava o outro sempre por seu sobrenome.

Entretanto, como aconteceu com Moisés, aquela mansidão podia algumas vezes ser dissipada por uma explosão de temperamento feroz e fúria violenta, apesar de que o que mais frequentemente provocava isto, fosse um ataque contra a verdade. Mas se ele errasse com alguém, Ophoff seria o primeiro a pedir desculpas, pedir perdão, e se expressar com sincero pesar por sua má conduta.

O seu esquecimento é lendário e permanece até hoje o assunto de conversas amorosas que se voltam para o seu trabalho nas igrejas. Porém esse esquecimento era muitas vezes o fruto da total absorção naquilo que estava ocupando seus pensamentos no momento. Sua concentração era total. Pessoalmente testemunhei evidências disto, mais de uma vez. No decorrer de uma assembleia eclesiástica, uma proposta seria vigorosamente discutida, uma discussão na qual Ophoff entraria. Mas enquanto Ophoff estava refletindo sobre as consequências da proposta, ela seria aprovada e a assembleia passaria para outro assunto. De repente, ele saltaria de pé e pediria a palavra para debater a proposta recentemente aprovada. Ele nunca reparava no curso da maioria, e se a questão era importante, ele não percebia o que mais estava acontecendo no grupo enquanto se aprofundava em seus próprios pensamentos.

Ophoff tinha uma tenacidade que se mostrou de forma notável. Ele podia ser implacável na busca das consequências lógicas de uma proposição, ele conseguia permanecer no ponto como um *bulldog* quando os outros o abandonavam; ele podia

manter uma posição contra todos. Mas foi essa mesma persistência que lhe possibilitou ser o servo ajustado de Cristo que ele foi na defesa da fé. No entanto, quando ele se convenciu de que estava errado em seu pensamento, ele era rápido para admitir, pois ele era acima de tudo fiel à Palavra.

Enquanto tão frequentemente ele parecia estar completamente alheio a tudo o que se passava ao seu redor, ele tinha uma visão penetrante da natureza humana e dos acontecimentos da história. Ele me ensinou coisas sobre os poderes do pecado, sobre o caráter humano como depravado e salvo e relacionamentos na vida que eu nunca vou esquecer.

No segundo capítulo do livro de Juízes lemos que quando Josué e toda a sua geração morreram, "*levantou-se outra geração após eles, que não conhecia o Senhor, nem tampouco a obra que ele fizera a Israel*" - verso dez. Essa é a maneira da Escritura de introduzir a triste história dos juízes. A geração que conduziu a *Protestant Reformed Church* às maravilhosas verdades da Escritura que são nossa herança morreu e foi recolhida junto aos seus pais. Deverá surgir outra geração que não conhece o Senhor? Que Deus não permita isso.

## Literatura de Consulta

As obras listadas aqui não tem por objetivo ser uma bibliografia. Embora eu tenha consultado essas obras de tempos em tempos, a preparação desse livro levou-me a consultar muito mais fontes do que alguém poderia listar aqui. Muitas dessas fontes por razões óbvias são na língua holandesa as quais a maioria dos leitores não possui acesso. Os livros listados aqui são oferecidos àqueles que desejam ler mais extensivamente sobre qualquer assunto dado. Eles são destinados para o leitor em geral cujo interesse pode ter sido aguçado em vários capítulos. As poucas citações encontradas no livro também são dessas obras. Embora eu não tenha incluído sugestões de leitura adicional para todos aqueles cuja vida é descrita aqui uma obra geral sobre a história da igreja dará ao leitor biografias e obras adicionais para consultar.

### Obras em Geral

Daniel-Rops, Henri. *The Church of Apostles and Martyrs*, traduzido do francês por Audrey Butler. 2 vols. New York: Image Books, 1962.

Hoeksema, Herman. *History of Dogma*, notas não publicadas, edição de Herman Hanko. Grandville, Michigan, Theological School of the Protestant Reformed Churches, 1982.

Kurtz, Johannes. *Church History*, traduzido por John Macpherson. 3 vols. em *The Foreign Biblical Library*, editado por W. Ropertson Nicoli. New York: Funk & Wagnalls, 1888-1890.

M'Lintock, John e James Strong, ed. *Cyclopedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1968.

Presbyterian Board of Publication (PCUSA, Old School). *The lives of the British Reformers*. 12 vols. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, n.d. (Seleções de uma coleção de folhetos publicado originalmente pela London Tract Society em 12 vols. sob o título *Lives and Writings of the British Reformers*).

Schaff, Philip. *The Creeds of Christendom with a History and Critical Notes por Philip Schaff*. 3 vols. New York: Harper & Brothers, 1919 (Consultado para informações

sobre credos e citações vindas deles).

Schaff, Philip. *History of The Christian Church*. 8 vols. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950.

Schaff, Philip, ed. *A Select Library of The Nicene and Post-Nicene Fathers of The Christian Church*. 14 vols. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979-1989.

Steinmetz, David C. *Reformers in the Wings*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1981.

Woodbridge, John D., ed. *Great Leaders of the Christian Church*. Chicago: Moody Press, c. 1988.

Wylie, J. A. *The History of Protestantism*. 3 vols. London: Cassel, Peter, & Galpin, n.d.

### **Pais da Igreja - 10-50 d.C.**

Eusebios, Pamphili. *The History of the Church from Christ to Constantine*, traduzido com introdução de G.A. Williamson. Harmondsworth, England: Penguin Classics, 1965.

### **Waldenses**

Wylie, J. A. *History of the Waldensians*. Mountian View, Calif.: Pacific Press Publishing Assn., 1977.

### **Presbiterianos Escoceses**

Howie, John. *The Scots Worthies according to Howie's Second Edition, 1781...*, ed. Andrew A. Bonar. Glasgow: John M'Gready, n.d.

### **Santos Seleccionados:**

#### **Agostinho**

Augustine, *The Confessions*, traduzido por E.B. Pusey. New York: E.P. Dutton & Co., Inc., 1950.

Bonner, Edgar. *The Life and Teaching of Augustine*. Canterbury Press Norwich, 1996.

#### **Patrick**

Cahill, Thomas. *How the Irish Saved Civilization: The Untold Story of Ireland's Heroic*



*Role from the Fall of Rome to the Rise of Medieval Europe*. vol. 1 de *The Hingers of History* por Tomas Cahill. New York: Doubleday, 1995

McNiell, John T. *The Celtic Churches: A History A.D. 200 to 1200*. Chicago: University of Chicago Press, 1974.

Stokes, George T. *Ireland and the Celtic Church: A History of Ireland From St. Patrick to the English Conquest in 1172*. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1907.

### **Columba**

Cahill, Thomas. *How the Irish Saved Civilization: The Untold Story of Ireland's Heroic Role from the Fall of Rome to the Rise of Medieval Europe*. Vol. 1 de *The Hinges of History* de Thomas Cahil. New York: Doubleday, 1995.

McNeill, John T. *The Celtic Churches: A History A.D. 200 to 1200*. Chicago: University of Chicago Press, 1974.

Stokes, George T. *Ireland and the Celtic Church: A History of Ireland From St. Patrick to the English Conquest in 1172*. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1907.

### **Gotteschalk**

Gotteschalk, [Primeiro nome desconhecido]. Portions of Gotteschalk's Confessions, traduzido por Ronald Hanko, pg. 34ff em "*Gotteschalk's Doctrine of Double Predestination*", por Ronald Ranko. *Protestant Reformed Theological Journal*, Vol. 12 #1 (Novembro de 1978), pg. 31-64 (Contêm também bibliografia e sumário da vida e ensino de Gotteschalk). Nota: o último nome pode ser escrito de forma diferente de "Gottschalk".

### **Anselmo**

Anselm. *The Prayers and Meditations of St. Anselm*, traduzido do Latim por Benedicta Ward. Harmondsworth, England: Penguin Classics, 1984.

### **John Wycliffe**

Fountain, David G. *John Wycliffe: The Dawn of the Reformation*. Southampton, England: Mayflower Chirstian Book, c. 1984.

Wood, Douglas C. *The Evangelical Doctor: John Wycliffe and the Lollards*. Welwyn, England: Evangelical Press, 1984.

### **John Hus**

Budgen, Victor. *On Fire For God: The Story of John Hus*. Welwyn, England: Evangelical Press, 1983.

### **Martinho Lutero**

Bainton, Roland H. *Here I Stand: A Life of Martin Luther*. Nova York: Abingdon Press, 1950.

Brecht, Martin. *Martin Luther: His Road to Reformation*, traduzido por James Schaaf. 3 vols. Minneapolis: Fortress Press, 1985 (Vol 1), 1994 (Vol 2), e 1993 (Vol 3).

### **João Calvino**

McGrath, Alistair E. *A Life of John Calvin: A Study in the Shaping of Western Culture*. Cambridge, Mass.: Basil Blackwell, Inc., 1990.

Parker, T.H.L. *John Calvin: A Biography*. Philadelphia: Westminster Press, 1975.

Pennings, L. *Genius of Geneva: A Popular Account of the Life and Times of John Calvin*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954.

### **William Farel**

Bevan, Frances. *The Life of William Farel: A Spiritual Force in the Great Reformation Who Nobly Endured the Reproach of Christ*. London: Pickering & Inglis, n.d.

Blackburn, Wm. M. *William Farel and the Story of the Swiss Reform*. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication (PCUSA, Old School), c. 1865.

### **Pietro Martire Vermigli**

Simler, Josiah. *Peter Martyr*, ed. J. C. McLelland e G. E. Duffield. n.p.: Stron Courtenay Press, 1989.

### **Zacarias Ursinus**

Van Halsema, Thea B. *Three Men Came To Heilselberg*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1982 (Também contém material sobre Caspar Olevianus e Frederico, o Piedoso).

### **Guido de Brès**

Van Halsema, Thea B. *Glorious Heretic: The Story of Guido de Brès*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1982.

### **William Tyndale**

Demaus, Robert. *William Tindale: A Biography, Being a Contribution to the Early History of the English Bible*. London: Religious Tract Society, 1871. Nota: A ortografia mais antiga do último nome era Tindale.

Edwards, Brian H. *God's Outlaw: The Story of William Tyndale and the English Bible*. Welwyn, England: Evangelical Press, 1988.

### **John Knox**

Reid, W. Stanford. *Trumpeter of God: A Biography of John Knox*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1982.

### **Hugh Latimer**

Demaus, Robert. *Hugh Latimer: A Biography*. London: Religious Tract Society, 1869.

Wood, Douglas C. *Such A Candle: The Story of Hugh Latimer*. Welwyn, England: Evangelical Press, 1980.

### **Thomas Cranmer**

Webb, Charles. *The Life of Archbishop Cranmer*. 2 vols. London: J. G. & F. Rivington, 1833.

### **Guilherme III de Orange**

Bowen, Marjorie. Vide títulos dos 3 vols. abaixo de uma série sob título William & Mary Trilogy, Dealing with the Life of William of Orange, Afterwards William III of England. Editado de edições americanas anteriores a 1911 (Vol. 1 & 2) e sétima edição de 1922. Neerlandia, Alberta, Canadá: Inheritance Publication.

Vol. 1 – I Will Maintain, c. 1993.

Vol. 2 – Defender of the Faith, c. 1994.

Vol. 3 – For God and the King, c. 1995.

### **Abraham Kuyper**

Vanden Berg, Frank. *Abraham Kuyper: A Biography*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishings Co., 1960.

### **J. Gresham Machen**

Hart, D.G., *Defending the Faith: J. Gresham Machen and the Crisis of Conservative Protestantism in Modern America*. Grand Rapids, Mich., Baker Books, 1995.

Stone House, Ned B., J. *Gresham Machen: A Biography Memoir*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1954.

Rian, Edwin H., *The Presbyterian Conflit*. Horsham, Pa.: Committee for the Historian of the Orthodox Presbyterian Church, 1992.

**Herman Hoeksema**

Hoeksema, Gertrude. *Therefore Have I Spoken: A Biography of Herman Hoeksema*. Grand Rapids, Mich.: Reformed Free Publishing Association, c. 1969.

## Sobre o Autor

**Herman Hanko** obteve o Bacharelado em Artes pelo *Calvin College* e o Mestrado em Teologia pelo *Calvin Seminary*, em Grand Rapids, Michigan. Ele recebeu o Mestrado em Divindade pela escola teológica da *Protestant Reformed Church*, em Grand Rapids, agora situada em Grandville, Michigan. Em 1955, ele foi ordenado como ministro do evangelho pela *Protestant Reformed Church*. Ele serviu 10 anos no ministério pastoral, primeiramente na *Hope Protestant Reformed Church*, em Grand Rapids, e então na *Doon Protestant Reformed Church*, em Doon, Iowa. Enquanto estava em Doon, ele aceitou o chamado para ensinar no *Protestant Reformed Seminary*, onde por 33 anos ele foi professor de Novo Testamento e História da Igreja. Ele serviu nessa função até sua aposentadoria em 2001.

Em adição ao seu trabalho no seminário, Hanko pregou e palestrou nos Estados Unidos e no Reino Unido, como também em outros países, incluindo Singapura e Filipinas, e ele continua fazendo isso em sua aposentadoria. Ao longo dos anos ele escreveu inúmeros artigos e diversos livros.





# *Retratos de* **Santos Fiéis**

---

A Fireland é um ministério que visa glorificar a Deus e aplicar a Escritura a todas as áreas da vida. Nosso propósito é anunciar a verdade revelada do único Deus verdadeiro e soberano entre todos os povos.

*“Com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo”, disponibilizamos material teológico gratuitamente. Faremos uso destes na plantação de uma igreja na cidade de Joinville, SC, onde servimos ao Senhor.*

Nossa oração é que esta obra edifique sua vida, e incentivamos você a compartilhá-la com outros irmãos em Cristo Jesus. Considere contribuir com esta obra por meio de suas orações e ofertas.

Caso você tenha alguma dúvida ou queira partilhar sua impressão de leitura, entre em contato conosco:

[www.firelandmissions.com](http://www.firelandmissions.com)